

O BRASIL CENTRAL

Do original alemão :
“DURCH CENTRAL-BRASIL IEN”
Edição de F. A. Brockaus, Leipzig-1886

Esta tradução é propriedade literária da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL SÃO PAULO
que se reserva os direitos em língua portuguesa



DR. CLAUSS

DR. KARL V. D. STEINEN

W. V. D. STEINEN

Dr. Karl von den Steinen e seus companheiros de expedição.

Serie Extra

★ BRASILIANA ★
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Volume 3

DR. KARL VON DEN STEINEN

★

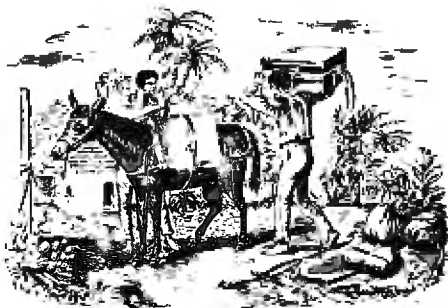
O BRASIL CENTRAL

EXPEDIÇÃO EM 1884 PARA A
EXPLORAÇÃO DO RIO XINGU'

TRADUÇÃO DE
CATARINA BARATZ CANNABRAVA

★

EDIÇÃO ILUSTRADA

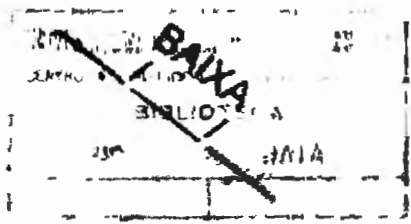


COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

1942

V. 3



À

S. M., O IMPERADOR PEDRO II,

RESPEITOSAMENTE

ÍNDICE DA MATERIA

	PÁG.
Nota da Tradutora	16
Prefácio	17
CAPÍTULO I	
Notícia Histórica sobre o rio Xingú	23
CAPÍTULO II	
Mato Grosso	36
CAPÍTULO III	
De Assunção a Corumbá	43
CAPÍTULO IV	
De Corumbá a Cuiabá	50
CAPÍTULO V	
Generalidades sobre Cuiabá.	61
CAPÍTULO VI	
Nossa estada em Cuiabá	74
CAPÍTULO VII	
Marcha de Cuiabá ao Rio Novo. — Os bacairís mansos	103
CAPÍTULO VIII	
A primeira aldeia dos índios bacairís. — A marcha para o rio Paranatinga. — A segunda aldeia dos índios bacairís	123
CAPÍTULO IX	
No planalto de Mato Grosso. — Do rio Parana- tinga ao rio Batoví	162

	PÁG.
CAPÍTULO X	
Viagem sobre o rio Batoví até o encontro com os primeiros índios	176
CAPÍTULO XI	
Os bacairís selvagens. — Os custenaús	187
CAPÍTULO XII	
Embocadura do rio Batoví. — Reunião dos tres rios na formação do Xingú, referente aos mapas	221
CAPÍTULO XIII	
Encontro com os trumáis	226
CAPÍTULO XIV	
Os suiás e os manitsauás	234
CAPÍTULO XV	
O rio entra na serra. — Extensões inhabitadas	257
CAPÍTULO XVI	
Os iurunas. — Viagem até Piranhaquára	278
CAPÍTULO XVII	
Desde Piranhaquára até desaguar no rio Amazona. Do Pará ao Rio de Janeiro.	320
CAPÍTULO XVIII	
Lendas dos bacairís	334
CAPÍTULO XIX	
Analogias de linguagem nas Américas	338
CAPÍTULO XX	
Os bacairís e a Teoria "Guck". — Tribus "Nu" e "Aruac"	341
CAPÍTULO XXI	
A pátria dos caribas	350
CAPÍTULO XXII	
O consumo da banana	361

	PÁG.
CAPÍTULO XXIII	
As tribus tapuias	365
CAPÍTULO XXIV	
Considerações Etnológicas finais.	373

A P Ê N D I C E

I Índice dos minerais colhidos durante a viagem e trazidos para casa; a classificação dos mesmos e algumas observações feitas pelo Prof. Karl von Fritsch	383
II Bibliografia para o estudo da filologia comparada.	387
III Língua bacairí (Vocabulário e elementos gramaticais e estudo comparativo com outros idiomas caríbios)	389
IV Custenaú (Vocabulário)	406
V Suiá . . („)	408
VI Manitsauá („)	414
VII Iuruna. . („)	416
VIII Esquema das populações recensadas em nossa viagem	418
IX Advertência aos viajantes	420

ÍNDICE DAS GRAVURAS

	PÁG.
Vinheta : Príncipe Adalbert von Preussen, uma nau e índios da época das descobertas, emblema das Missões	23
Vinheta : A deusa Fortuna	36
Vinheta : Palácio de Lopez em Assunção	43
Vinheta : Timoneiro	50
Inundação	58
Vinheta : Igreja Matriz de Cuiabá.	61
Uma rua de Cuiabá.	67
Vinheta : Escrevendo cartas durante uma noite chuvosa	74
O Barão de Batoví.	78
Vinheta : Relógio de sol em Rosário	103
Habitacões em Rosário	107
Panorama da região do Tombador, visto do Estivado	112
Visão de uma cabeceira do Cuiabá; Buracão	119
Vinheta : Pisador de açúcar	123
Aldeia dos bacairis	124
Capitão Reginaldo e sua esposa	125
Joaquina e João	126
Antônio e Quirino	127
André	128
Menino bacairí	130
Capitão Caetano "Mêmo"	145
Luisa Cajibí e Carlota Parecí	148
Habitacão no velho estilo	150
Mãos de bacairís	152
Pés de bacairís	153
Canoas de cortiça de árvore no Paranatinga	159
Vinheta : Boi de carga em caminho	162
Planalto	163
Rio cabeceira.	165
Planalto	170
Jatobá.	174
Vinheta : Vista pelo Batoví.	176
Cachocira	178
Paisagem do Batoví.	179
Queimada nas margens do rio	185
Vinheta : Figura gravada na casca da árvore	187
Aldeia bacairí.	191

	PÁG.
Cuias e ornatos bacairís	193
Tangas de mulheres bacairís	195
Na palhoça principal dos bacairís	202
Habitação custenau	215
Paisagem do Batoví	218
Vinheta: FINALMENTE	221
Fóz do rio Batoví no Ronuro	222
Vinheta: Na rêde	226
Vinheta: Junco da ribeira	234
Paisagem xinguense	235
Ralador de mandioca	244
Argola das orelhas dos suiás	246
Botoque dos lábios dos suiás	247
Desenhos dos suiás	253
O chefe suiá desenha a região da cabeceira do Xingú	255
Vinheta: Cadáver de veado	257
O rio Xingú penetra na serrania	265
Paisagem xinguense	267
Vinheta: Ubá e remo iuruna	278
Acampamento diante da aldeia iuruna	280
Pintura de perna do iuruna	306
Mulheres iurunas	309
Chegada a 10 de outubro	313
Vinheta: Um iuruna	320
Piranhaquara	321
Fortaleza de Saraiva	328
Porto de Moz	329
Escrita simbólica no Paranatinga	336

E S T A M P A S

Dr. Karl von den Steinen e seus companheiros de expedição	4
Procissão do domingo de páscoa	91
Jornada pelo Sertão	137
Nosso guia Antônio	147
Nossos quatro "camaradas"	155
Acampamento	167
Salto da Alegria	197
Dueto de flautas entre os bacairís	205
Encontro com os trumais	228
Índio trumai	231
Recepção entre os índios suiás	238
Índio suiá	243
Índios suiás desenhando	252
Peixes pirarara	262
Paisagem marginal	288

	PÁG.
Naufrágio	290
Na cachoeira	296
Aldeia iuruna	300
Festa do cachirí	315
Porto do Pará	332
"Germânia". Cardápio	333
Quadro etnológico I	372
Quadro etnológico II	376

T A B E L A S

Tabela comparativa dos Nu-Aruacs	341
Tabela comparativa das principais tribus tapúias	364
Tabelas antropológicas	418

CARTAS GEOGRÁFICAS

Carta que serviu de orientação	22
Visão geral das tribus mais importantes a considerar na ordenação em grupos Nu, Cariba, Tupí e Tapúia	348-349
Mapa especial do rio Xingú, de acôrdo com as observações, notas e determi- nações locais do Dr. O. Clauss	420-421

NOTA DA TRADUTORA

DEVO declarar que a tradução da primeira viagem de Karl v. d. Steinen, feita em 1884, não me foi tarefa fácil, pois a obra contém estudos polimorfos, exigindo, pelo menos, noções de matérias como meteorologia, etnologia, filologia, etc.. Tomei por base, desde o início, ser o mais fiel possível ao texto e, assim, certamente o leitor me perdoará trechos ásperos, duros mesmo, que, por vêzes, encontrará. Conforme se depreende do prefácio do autor, utilizou-se o mesmo de vários técnicos para o acabamento de suas pesquisas. As expressões técnicas alemãs requereram, portanto, as suas correspondentes em vernáculo. Para isso valí-me das informações de entendidos. Devo agradecer os retoques feitos na parte mineralógica e meteorológica, aos drs. Adolfo Ratisbona e Oscar Portocarrero, na de ortografia moderna e linguagem, aos drs. Mário Martins e Euryalo Cannabrava.

Ao dr. Luiz Camillo de Oliveira Neto, um agradecimento especial pelo interêsse que tomou em que a Comp. Editora Nacional me confiasse obra de responsabilidade como "O Brasil Central".

CATARINA BARATZ CANNABRAVA

P R E F Á C I O

EM setembro de 1883, a expedição alemã ao Polo Sul desembarcava do navio “Marie” em Montevideu, tendo chegado em boas condições da ilha de Geórgia do Sul. Enquanto os outros membros procuravam regressar à pátria, o Dr. Clauss e eu deixamo-nos ficar no La Plata, afim de, em companhia do meu primo Wilhelm von den Steinen, que ali nos devia esperar, aguardar oportunidade favorável a uma viagem ao interior da América do Sul.

Depois que o meu plano inicial de investigar o rio Pilcomaio se anulou justamente porque o sr. Thour acabara de o realizar com êxito, nossa atenção voltou-se para o Xingú, o maior rio desconhecido do continente americano e que prometia, sobretudo, interessantes elucidaciones de caráter antropológico.

O ministro alemão de Buenos Aires, sr. Barão de Holleben, apoiou-nos ativamente e da maneira mais amável possível. Por intermédio do encarregado de negócios brasileiros, sr. Cavalcanti Lacerda, o ministério imperial foi incumbido de nos assegurar uma escolta militar.

O nosso trio não estava mal composto para as finalidades que tínhamos em vista. Assim, éramos : Clauss, físico. Wilhelm, meu primo, pintor. A mim, como médico, com certa experiência adquirida numa viagem em torno do globo, caberia a parte antropológico-etnológica do programa. Meu primo trouxera os instrumentos mais necessários. Tinha-se preparado em Hamburgo,

enquanto esperava o vapor. Permanecera ali alguns meses sob a direção do sr. Conselheiro Privado Almirante Professor Dr. Neumayer. Assim elle se utilizou dos conselhos do mesmo em relação à escolha e aquisição dos instrumentos.

E, como o Presidente da Província de Mato-Grosso, sr. Barão de Batoví, também se dispôs a atender-nos de muito boa vontade, não podia falhar o nosso empreendimento. Dessa maneira embarcamos no ano de 1884, num fim de maio, de Cuiabá, alcançando em fins de outubro o Pará.

O Consul alemão nessa região do rio Amazonas, sr. Sesselberg, assim como o enviado alemão no Rio de Janeiro, sr. Le Maistre, fizeram-nos a mais gentil acolhida.

A coleção etnológica que, apesar de todas as peripécias e dificuldades de transporte, conseguimos salvar, foi entregue ao Museu Etnológico de Berlim.

O Prof. Barão Karl von Fritsch tomou a seu cargo, gentilmente, a tarefa de classificar as peças de minerais por nós colhidas no caminho, mas uma grande parte destas se perdeu.

No acabamento da parte linguística ajudou-me bastante o meu amigo dr. Georg Wenker, de Marburgo.

As ilustrações, com exceção das 10 estampas, compostas pelo sr. Johannes Gehrts, de Duesseldorf, assim como umas poucas fotografias colecionadas durante o trajeto, foram executadas de acôrdo com os numerosos esboços feitos pelo meu primo Wilhelm von den Steinen. Na execução das tabelas etnográficas teve elle ainda o auxílio de algumas fotografias, que devo agradecer ao assistente do Diretor do Museu, sr. Dr. von Luschan.

O livro contém, além de uma carta etnográfica e uma simples carta da visão geral do território que interessava, uma carta especial feita pelo Dr. Clauss e que foi posta à disposição da editora de Justus Perthes.

Nos números de maio e junho de 1886 das "Petermann'schen Mitteilungen" foram publicados detalhadamente os nossos trabalhos meteorológicos e geográficos feitos pelo Dr. Clauss. O mesmo ainda erigiu, em Cuiabá, uma estaçãozinha meteorológica, com o fim de obter uma série de observações mais longas. O sr. August Karstens, um mestre alfaiate, domiciliado naquela cidade, conquistou para si o justo mérito de ter preenchido, de acôrdo com as suas possibilidades, a falha imensa de que se ressentia a ciência meteorológica no centro da América do Sul, remetendo-nos uma série importante de observações.

Devo ainda um agradecimento especial ao nosso tradutor de "Wappaeus", o sr. Capistrano de Abreu, do Rio, que foi incansável em me arranjar resumos de velhas obras da Biblioteca Nacional.

Creio que não teria fim a enumeração dos nomes daqueles que se mostraram amigos gentís e, assim, só me resta agradecer-lhes sinceramente. Quem julga os homens sumariamente, afirmando que são maus e egoístas, que viaje para o estrangeiro e aí se convença de que será tratado melhor do que realmente merece.

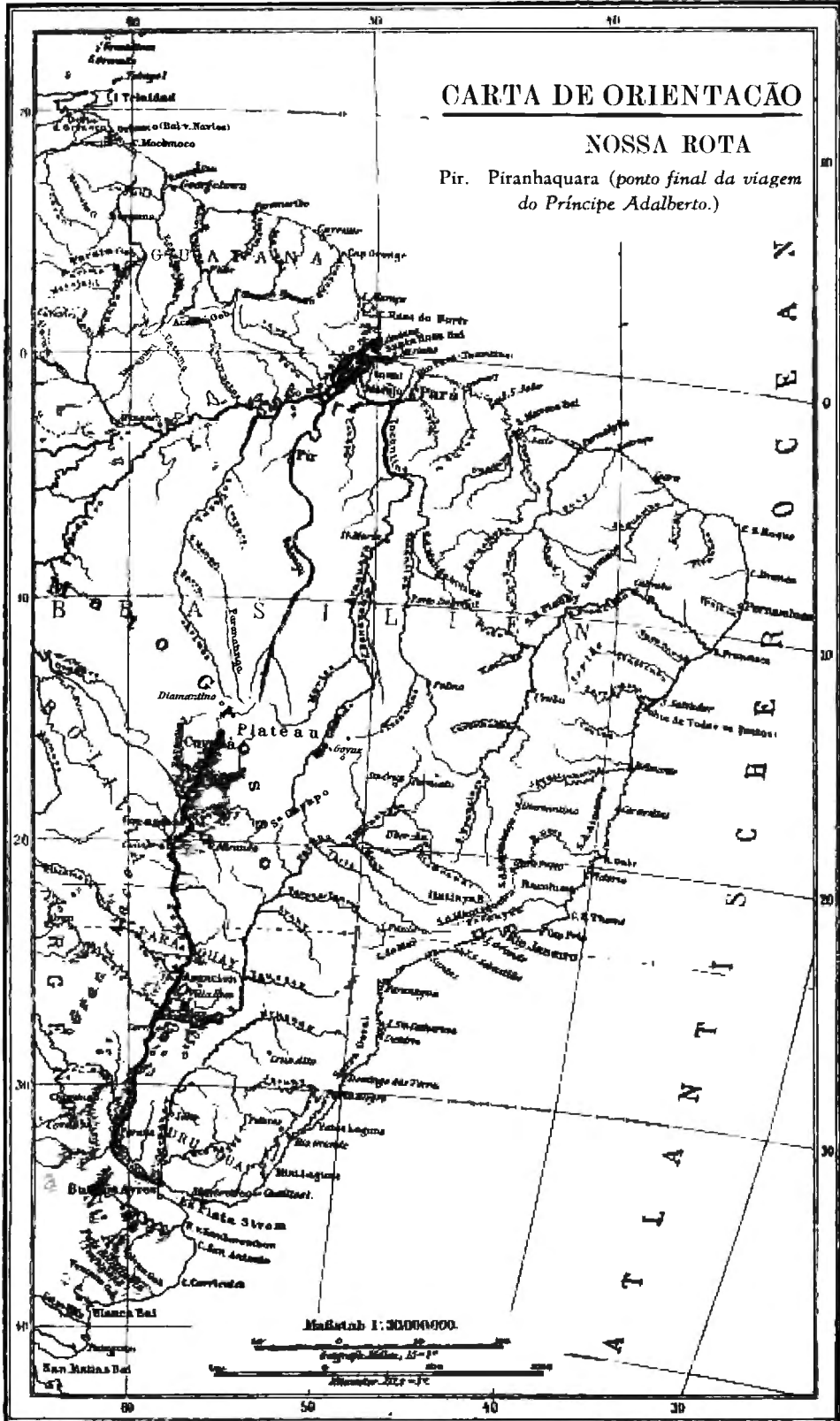
Duesseldorf, maio de 1886.

KARL VON DEN STEINEN

CARTA DE ORIENTAÇÃO

NOSSA ROTA

Pir. Piranhaquara (ponto final da viagem do Príncipe Adalberto.)



Noticia histórica sobre o rio Xingú



Quorção da América do Sul é Mato Grosso, a segunda grande Província do Brasil. Cuiabá, sua capital, está situada na poderosa ramificação superior dos rios Paraguai e La Plata. O curso desse rio, terminando em Montevidéu, equivale ao comprimento do rio Weichsel e duas vezes ao Reno.

Em direção contrária, isto é, para o Norte, o Planalto de Mato Grosso envia quatro poderosos afluentes ao majestoso Amazonas, entre os quais o Xingú.

A história dessa região distante não faz dois séculos sequer. Sabemos, através da divulgação que nos oferece um geógrafo, em 1817, quanto tempo ficou ela ignorada pela Europa. Referindo-se, então, a Mato Grosso, como a “um país completamente novo”, diz que “a sua importância provém do fato de se achar situado aí o grande espinhaço, de onde se despejam muitos rios em todas as direções”.

Nossa viagem tinha como ponto de partida a foz do La Plata, em Montevidéu e como ponto final a do Amazonas, no Pará. Remontando o Paraguai, queríamos alcançar aquele “grande espinhaço” e depois, à direita dêste, seguir para o Amazonas e, através do Amazonas, atingir o Oceano.

A tarefa prôpriamente dita era a exploração do rio Xingú.

Frequentemente se reflete : Como é possível que um rio que desemboca tão perto do Pará, numa largura de milha alemã, completamente limpa de qualquer ilha, formando uma massa de água cristalina, rica de peixes, cuja margem é, sem dúvida, das mais frutíferas do Pará — como é possível, repito, que um rio dêsse seja apenas conhecido numa pequena parte do seu curso ? Lancemos um olhar à sua história.

As origens dele são idênticas às do baixo Amazonas. Êste, já em 1541 a 42, se tornou conhecido em virtude da célebre viagem realizada pelo espanhol Francisco de Orellana, que partiu de Quito. Mas, sômente pelo fim do século XVI, foi que os portugueses se estabeleceram na costa norte do Brasil, fundando Santa Maria de Belém do Grão Pará que hoje se chama simplesmente Pará (em 1615).

Ao mesmo tempo que os descobridores do país, os holandeses se esforçavam em prolongar aquí as suas conquistas coloniais ; penetraram por toda a parte, avançando vitoriosamente e governaram durante algum tempo para o bem do estado, ainda novo, até que, em 1654, em consequência de uma revolução popular, foram expulsos. No baixo Amazonas haviam difundido as suas relações comerciais até o Tapajós, assim também o Xingú não ficou ignorado por êles, sendo que no ano de 1625, perto de sua embocadura, entre os pequenos rios Perí e Acaraí, fundaram êles uma fortificação, com o nome de Mariú-Assú, que significa “cidade grande” e que perdura na memória dos seus habitantes. Nesse mesmo ano, entretanto, o forte foi conquistado e demolido pelo capitão Pedro Teixeira.

Foi justamente êsse corajoso Teixeira que repetiu, em primeiro lugar, a viagem realizada por Orellana, mas em direção contrária, e, quasi um século depois, em 1637, fez uma visita de retribuição a Quito.

Devemos atribuir ao seu companheiro Christoval Acuña as seguintes observações sobre o Paranaíba ("rio claro"), conforme antigamente denominavam o Xingú: "... pelo lado sul apareceu um esplêndido rio que é tão abundante de águas que vem pagar tributo ao rio principal com uma foz de duas léguas de largura. Os nativos denominam-no Paranaíba. Às suas margens existem, perto da embocadura do rio, algumas colônias de índios mansos, que se acham sob o domínio dos portugueses. Também moram no interior muitas outras tribus, insufficientemente conhecidas, cujo número nos dá idéia da extensão do rio".

Em um atlas Jansson, aparecido em 1666, em Amsterdam, que teria sido cuidadosamente desenhado, a partir de 1630, acha-se um afluente da direita do rio Amazonas — o Xingú. Correspondendo exatamente à realidade, o rio está desenhado com a parte superior inteiramente livre de ilhas, enquanto daí em diante êle se apresenta coalhado de inúmeras ilhotas e acaba com "storting van't water", isto é, cachoeiras. Mesmo após dois séculos, os conhecimentos não eram mais exatos em relação ao curso do rio Xingú, mas o pouco que se sabia parece, curiosamente, ter sido sempre a única base para se descrever em geral o afluente do rio Amazonas.

A descrição que faz Maurício de Heriarte (1662/67) contém as seguintes indicações: "Doze léguas para o lado ocidental de Corupá, o rio Paranaíba é abundante e, com o clima quente, é um tanto nocivo à região. E' muito povoado pelos guaiapes, carraus, juruunás, cuanís e outras tribus. As suas margens fornecem inúmeras qualidades de madeiras: cutaras, pinimas, cedros, loureiros, piquís, piquiranas e muitas castanhas, que crescem sobre as montanhas e têm melhor sabor que as nozes e as amêndoas. O rio é verdadeiramente opulento em víveres de caça e pesca, que constituem a ocupação natural dos índios. Há enorme quantidade de grandes tartarugas. No interior vêem-se várias serras que não são muito altas. A água é bastante límpida, mas pesada, ao passo que as águas do Amazonas, apesar de conterem muita lama, são saborosas e tidas como as melhores da região por transportarem o grande produto de suas margens — a salsaparrilha.

No célebre mapa do padre Samuel Fritz, que reproduz o que se sabia do "rio Maragnon" em 1700, o rio Xingú é denominado rio Aoripana e é um pouco mais longo que o "Topayos", atingindo 8° de latitude sul. À direita, mais ou menos a 1° da parte superior da embocadura, encontra-se uma aldeia que se chama Xingú. O nome atual provém dessa colônia de índios, bem como o da povoação ainda hoje existente, situada na foz do Parú, que fica em frente à do Xingú:

Em um mapa de Guillaume de l'Isle (Amsterdam, 1731), o "Paranayba" atinge 13°, enquanto o "Tapayosos" 11°, sendo muito menos esculpulosa a sua descrição que relaciona vários pequenos afluentes esquemáticamente apresentados. Há ainda a seguinte nota: "O rio Paranayba é um dos maiores de toda América do Sul e recebe trinta afluentes importantes."

Daf em diante enpregou-se o termo Xingú que deparei a primeira vez na crônica dos jesuítas, impressa em Bettendorf (no ano 1661 até perto de 1694, na Província de Maranhão).

Escrevo a palavra foneticamente.

Um atlas americano escreve Zingu, os francezes Chingu, os ingleses Shingu, os portuguezes Xingú, os alemães dizem ultimamente Ksingú -- de modo que era recomendável, para a correta pronúncia alemã, adotar-se a maneira correta de escrever Schingú (1).

Parece-nos que já em tempos bem remotos, muito ao contrário do que se verificou em épocas posteriores, o rio Xingú assumiu muito mais importância do que o Tapajoz. Ainda em um mapa de Homann de 1796, este último rio atinge 11°, enquanto o Xingú ou "Paranatinga" vai até 18°.

Em outra parte, depois de 1800, encontro referência ao rio Fresco, um afluente da direita, que ainda hoje figura como fronteira entre Pará e Mato Grosso. Não nos foi possível, porém, durante a viagem, verificar a existência desse rio.

Todas essas hipóteses aquí descritas promanam dos Missionários jesuítas que habitavam o baixo Xingú. A crônica de Bettendorf esclarece-nos as primeiras tentativas. Também ali se louvam as águas cristalinas do rio que são muito recomendáveis aos que sofrem de cálculos, ao mesmo tempo que se celebra a beleza e a fertilidade de suas margens. A série de missionários é iniciada pelo padre Luís Figueira, conhecido pela sua gramática da língua geral; fundou ele no ano de 1637 a povoação de índios Veiros, hoje desaparecida, batizou grande número de índios e, logo depois, em 1642, foi assassinado e devorado pelos selvagens na ilha Marajó.

"No Xingú", refere a crônica, "habitam diversas tribus da língua geral, como os jurunas, nhuunas, guayapiz e alguns pacajaz, para onde o Padre Antônio Vieira enviou uma Missão, mas o diabo deixou-os paralíticos por terem expulsado os missionários (em 1661)". O padre,

1) N. da T. — Essa observação do autor só se applica ao leitor alemão. Prosseguiremos, portanto, ~~usando~~ usando o nome do referido rio com X.

que em 1655 iniciou com êxito a conversão dos yurunas, chamava-se Manoel de Souza. A crônica descreve os guerreiros yurunas, dizendo ainda : “Nesta região (em 1663) o Comandante de Gurupá, João Velho do Vale, adiantou-se com 100 mesqueteiros e 3000 índios, mas recuou, perdendo alguns homens que foram mortos, sem que pudesse infligir sérios prejuízos aos outros, porque os yurunas souberam, astuciosamente, aliar-se a outras tribus. A providência divina reservou a um missionário, ainda noviço, a tarefa de submeter os que ainda não haviam sido dominados pela força. Bastou o padre Manoel Pires. — Foram domesticadas duas grandes povoações dos yurunas, sendo uma transferida para a aldeia denominada Xingú, e a outra para o lugar situado muito abaixo, de nome Maturú (Porto de Moz), onde ainda estão hoje. Esse anjo da paz que foi o missionário teria catequizado todos êles, si o Padre Superior não o tivesse encarregado de uma nova missão no Amazonas”.

Após a primeira expulsão no ano 1661, a catequese parece ter sido renovada, mais tarde, com certo êxito, pois posteriormente os jesuítas estenderam sua influência não só acima como também abaixo da curva do rio, cheio de cataratas e na posição de 3°. Uma estrada aberta pela floresta virgem cortava essa curva bastante perigosa.

E, para nós, de especial importância o nome do padre Rechus Hundertpfund, pois consta que êle percorreu parte do curso superior do rio, provavelmente no ano 1750. Nos anos 1742/46 Hunder desenvolveu sua atividade no rio Madeira.

O último dos missionários, quando se verificou a expulsão dos jesuítas, foi o cidadão de Colônia (Alemanha) Laurentius Kaulen, estabelecido em Pombal, “que mercê de uma casa por êle mesmo construída, muito ampla e de elegante estilo arquitetônico, perpetuou-se na memória de seus habitantes”.

As poderosas correntes, assim como o medo aos índios (dos quais o padre José de Moraes relata, referindo-se à grande tribo dos yurunas : “Êles são, sem dúvida alguma, selvagens e comem carne humana”) evitaram a penetração para o Sul, de modo que os conhecimentos exatos que possuíam não ultrapassavam o 4.º gráu.

Um acaso curioso quis que todos os pioneiros do rio Xingú tivessem sido alemães. O sucessor do padre Hundertpfund, um século depois, foi nada menos que o Príncipe Adalbert von Preussen. No ano 1843, o Príncipe, que então era almirante da frota prussiana, empreendeu uma viagem, saindo do Pará e seguindo pelo Xingú acima, alcançou uma povoação índia denominada Piranhacoára (4º 5,1'). Dessa ma-

neira, êle conseguiu adiantar-se a uma distância que até alí nenhum branco havia alcançado, fornecendo assim as primeiras notícias exatas, dignas de figurarem em um mapa. Tivemos prazer imenso em verificar que os colonos do lugar ainda não haviam esquecido a viagem do Príncipe Adalbert e, como nessa viagem êle tivera por companheiro o Conde Bismarck-Bohlen, o simples fato dêsse atual chefe da armada alemã ter estado numa canoa transformou-se em pitoresca lenda. Seria injusto desiludir os brasileiros, desmentindo a versão; pelo contrário, reafirmamos as suas convicções, adiantando-lhes que, mais tarde, na Alemanha, o chanceler havia posto em ordem, para gáudio do Reich, as regiões de outros dois rios, sôbre os quais reinava uma confusão muito maior do que sôbre o Xingú.

Animado provavelmente pelos dados que o Príncipe fornecera, o presidente do Pará, em 1844, divulgava um relatório em que considerava o rio Xingú como a via de comunicação mais natural com Mato Grosso, justamente até o ponto em que os índios e as correntes não dificultavam a navegação sôbre o mesmo.

No ano de 1859, foi tentada novamente uma catequese no pequeno afluente Tucuruí, abaixo da curva já acima referida. Pelas comunicações feitas pelos próprios índios, estabeleceu-se uma lista das tribus residentes na parte superior da antiga missão jesuítica, que é a seguinte: "Jurunas, tucuna-peuas, jucipoias, urupaiás, curiaias, peopaias, tauá-tapuêrá, tapúia-creté, carajás-mirim, carajás-pocus, xipocas, araras, tapaiunas."

No ano de 1872, uma comissão, sob a direção do engenheiro Oliveira Pimentel, examinou o curso inferior do rio, limitando-se, contudo, à região de 3° 30' de latitude sul, isto é a um gráu inferior ao alcançado pelo Príncipe Adalberto.

A curva que fecha as comunicações na altura sudoeste do rio é chamada alí a "Volta", e até êsse ponto havia sido estabelecida, muito recentemente, uma linha de ramificação da navegação do Amazonas. Do lado oposto da "Volta", cujo ponto final foi assinalado pela antiga missão jesuítica, estabeleceram-se os negociantes de borracha." Percebe-se que a exploração do curso médio e superior dêsse rio fôra necessidade imprescindível.

Mas, onde nasce o Xingú? Ante essa pergunta, abandonaremos a foz e a Província de Pará e dirigir-nos-emos novamente a Mato Grosso. A maioria dos mapas geograficos fornecia dados pormenorizados sôbre as fontes do rio. E' pena que êsses mapas não concordassem entre si. Na base de vagas tradições, de cuja origem ninguém tem notícias cer-

tas, tinham cumulado aquela simples região de montes, rios e nomes, e de tal maneira que não havia quasi diferença entre essa região realmente desconhecida e a região vizinha perfeitamente palmilhada e explorada. Com effeito, como não havia margem para fantasias a respeito do trecho situado entre o Tapajoz e o Araguáí, não será impossível encontrar uma ou outra descrição geográfica tão feliz que se aproximasse muito da realidade.

A partir de 15 graus, mais ou menos, notava-se uma série de nascentes, como por exemplo : Paranaxingú, Xanaci, Macció, Trubário, Paranatinga, Rio dos Bois, Jangada, Rio dos "Baccahirys", etc.. Ao contrário disso, surgia outra concepção e era justamente a mais importante e a mais recente, reproduzida, no "Mapa do Império", localizando a região nascente do 12.º gráu para cima.

As velhas cartas geográficas tinham razão. Todavia, o êrro da cartografia moderna residia num raciocínio, que partia de um fato, durante muito tempo despercebido, mas verdadeiro, isto é, que o rio Paranatinga, limite da região conhecida, distante 40 léguas de Cuiabá, era fonte do Xingú, de modo que se assinalou a existência até mesmo de um rio Paranatinga-Xingú. Devo esclarecer mais êste ponto, visto que êle foi de especial importância para o nosso plano de viagem.

Coube a Augusto Leverger ou Barão de Melgaço, que tanto se esforçou para esclarecer a geografia de Mato Grosso, o mérito de ter arrancado do esquecimento um mapa que dava como não sendo o Paranatinga tributário do Xingú, mapa esse que jazia nas poeiras do arquivo cuiabano.

Já em 1771 a Câmara de Cuiabá se tinha manifestado, ainda que de maneira incompleta, no sentido de que o rio Paranatinga seria um afluente do Tapajoz. Entretanto, a mandado do governador Magessi, em 1819, o tenente Antônio Peixoto de Azevedo embarcou para o Paranatinga e, de fato, chegou ao rio S. Manoel, que desemboca a 7º 21', entrando no Tapajoz.

Como o Paranatinga, medido em linha reta, se estendia por 170 léguas, Melgaço deixara-se iludir, infelizmente, a ponto de superestimá-lo, pois supunha que todo aquele sistema de rios acima referido, tradicionalmente citado como fazendo parte da nascente do rio Xingú, devia ser attribuído ao Paranatinga-S. Manoel. De conformidade com êsses dados, o Xingú deveria ser encurtado para o 13º e 12º ou até mais graus ao norte.

Nenhuma outra prova poderá melhor demonstrar a absoluta confusão, que reinava a respeito da determinação das nascentes do Xingú,

do que essa errada teoria em que laborava o primeiro geógrafo dessa região.

Portanto, temos que : não havia base qualquer de caráter científico em relação à origem e curso superior do rio Xingú ; graças ao Príncipe Adalbert conhecia-se o rio até o 4.º grau ; daí em diante, para o lado sul, até o rio das Mortes, perto de 15º, era “terra incógnita”.

Foi o sr. Franc. Ant. Pimenta Bueno que, no seu trabalho “Memória sobre a exploração do Rio Xingú” (Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, T. I, 1885), levantou a questão da prioridade, isto é, si antes da nossa viagem o rio Xingú já fôra navegado desde as cabeceiras até à embocadura. Esse cientista, apregoadado como um dos melhores conhecedores da literatura geográfica de sua pátria, mediante um material valioso de cartas geográficas, livros e manuscritos ao seu dispor, chegou à conclusão de que, si o Xingú, em tempos remotos, foi percorrido em todo o seu curso, forçosamente “as notas de viagem ou rotas com os nomes de seus autores se extraviaram”. Pimenta Bueno estabelece, dessa maneira, que não há notícia de um empreendimento anterior equivalente ao nosso.

Apesar disso, êle acredita que o Xingú já deve ter sido navegado em toda a extensão, antes de nós. Êle se orienta, nessa hipótese, pela comparação que faz da nossa carta preliminar, por nós apresentada à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, com a primeira carta oficial do Mato Grosso, do ano de 1802. Dizia que o acôrdo entre as duas cartas era tão grande que só por milagre seria o resultado de puro acaso.

Com isso nos colocamos na singular posição de precisar manter sobre a nossa prioridade uma discussão com alguém, cujo nome e cujas notas são desconhecidas. Chamaremos a êsse alguém simplesmente X.

Por que não confessar o seu ponto fraco ? Confesso que, quando fiz o projeto da exploração do Xingú, não me senti de todo isento de uma orgulhosa alegria e dizia para mim : vais tentar qualquer coisa que ninguém tentou antes de ti. Mas, por que parecer pior do que realmente se é ? Assim, si alguém se tivesse aproximado de mim para me perturbar com as suas palavras : — Pensa bem, X já fez isso há mais tempo — é claro que não me deixaria suggestionar. E si considerarmos, ainda, que para tornar mais provável a suposta existência de X, se recorre, para isso, aos nossos trabalhos, então deve ser realmente bem novo o que trouxemos da nossa viagem.

Digamos que o acôrdo entre o nosso mapa e o de Mato Grosso de 1802 só pudesse ser estabelecido pela hipótese de um milagre ou pela existência de X, adiro, então, à opinião de Pimenta Bueno e admito,

com êle, a hipótese do explorador X, sendo-me indiferente a época em que porventura viveu e si conheceu a escrita ou não. Mas, examinemos, antes de tudo, êsses mapas : “Primeiro, as fontes do rio acham-se situadas quasi na mesma latitude ; segundo, o Xingú forma-se por três rios, onde um deles que fica a oeste recebe o que fica no centro, ligando-se depois ao que fica a léste, para então receber o nome de Xingú.”

Jamais cairia eu no engano de esclarecer o primeiro item pelo acaso ou por X. É muito fácil provar historicamente (Pimenta Bueno sabe-o melhor que eu) como é que se deu o deslocamento das cabeceiras do rio Xingú para 15 graus. Tanto se vê isto na carta de 1802, como nas do século passado. Gonçalves da Fonseca, em 1749, já se exprime assim : entre o Tocantins e o Tapajós nascem os rios Bacairí e das Mortes e como entre o Tocantins e o Tapajós, não houvesse rio maior que o Xingú, era provável que aqueles dois rios formassem a fonte dêste último. Existem, também, cartas geográficas do século passado que contêm um “Paranatinga Xingú”. Sabia-se que o Paranatinga nascia a 15 graus e tinham-no como rio formador das cabeceiras do Xingú, portanto êste devia começar a 15 graus. Onde é que está o milagre aí, onde está X? Poderia ser diferente a situação uma vez que se enviava o Paranatinga para o Xingú? Nessa ocasião veio o digníssimo Melgaço e desenterrou as notícias da viagem de Peixoto, realizada em 1819, onde constava que o Paranatinga era afluente do Tapajós. Na satisfação de poder restaurar os direitos do rio Paranatinga, o Barão cometeu uma injustiça para com o Xingú, injustiça correspondente a um equívoco explicável — ademais êle nada sabia de X. Outros se orientaram pela autoridade de Melgaço, inclusive Pimenta Bueno. Devo declarar com sinceridade que compreendo mais facilmente o curso do pensamento de Melgaço, o professor que se engana, do que o de Pimenta Bueno, o discípulo que sabe.

Quanto ao mais, forma-se o rio principal, pelos mapas de 1802 e 1884, do mesmo modo, isto é, por meio de três rios, “contudo”, acrescenta Pimenta Bueno, “existe uma grande divergência, relativamente ao ponto em que se unem ; os viajantes da atualidade deslocam a junção para 12 graus e a carta de 1802 para 14° 30’, porém, os antigos como os hodiernos viajantes não determinavam larguras nem extensões de rios.” O mesmo aconteceu ao Tapajós e ao Arinos, cujas antigas rotas de viagem foram melhoradas por Chandless (1862).

Seja como for, é realmente considerável um engano de 300 quilômetros, de sul para norte, no início da viagem. Nós também nos enganaríamos si não tivéssemos levado nossos instrumentos, digamos até

que nos enganaríamos em 100 kms., mas com a pequena diferença de havermos previamente admitido que o ponto de reunião dos rios, atingido, após tanto esforço e impaciência, seria de 100 kms. para o lado norte, portanto equivaleria a retroceder 400 kms. do mapa de 1802. Si este mapa indicasse ainda 11° ou até mesmo 10°, seria um engano perdoável; contudo, segundo as comunicações de X, êle assinala 14° 30'. Mas, não se admite um X que, tendo conhecido as cachoeiras do rio Xingú, estimasse a viagem de 15° até 14° 30', desde a fonte até o ponto de reunião, em menos de 300 kms. do que era na realidade. Engano tão pouco natural demonstra muito mais a insustentabilidade da hipótese de um X do que a coincidência da trifurcação do sistema de rios nascentes (aliás, esquema usado para rios e fontes desconhecidas) se apresenta a favor da mesma hipótese. Assim, podemos dizer que já não era mais X nosso antecessor e sim Y.

E' bem possível. Por que não? Ninguém mais do que eu estará penetrado de sincera admiração pelos velhos sertanejos brasileiros. Com orgulho apertaria, si ainda me pudesse ser apresentado, a mão daquele que dentre êles tenha navegado pelo Xingú a dentro e, si êsse homem me augurasse felicidades para o meu intento, creio que me sentiria bem mais satisfeito do que pela consideração que me testemunhassem muitos cientistas, para quem o mundo significa apenas o globo na sua mesa de trabalho. Nisso concordo com Pimenta Bueno que também atravessou o sertão, embora, de resto, mantenhamos opiniões divergentes, mas o que eu desejo é que êle me apresente o velho amigo X em carne e osso, com o seu verdadeiro nome e não como X ou Y.

O sr. Pimenta Bueno somente mostrou que nada sabe ao certo de tais viajantes desconhecidos, mas que estes podem ter vivido. Não demonstrou ser provável a sua existência, e muito menos que houvesse necessidade de se admitir tal coisa, em virtude de não ser possível explicar de outro modo fatos cientificamente corroborados.

Parecerá singular que os paulistas não tivessem remontado o Xingú? Não é tanto mais extraordinário que não tivessem viajado pelo Paranatinga, que conheciam, embora o considerassem formador do Xingú? A carta de 1802 dá o Paranatinga como afluente do Tapajós? Não, mas sim como do Xingú! (Aliás, X devera ter notado o êrro). Então, que mais é preciso? Aquí temos o antecessor que se procura, verdadeiro e palpável — nosso antecessor cheio de desejo de explorar o Xingú e que realizou, energicamente, a tentativa: não é outro sinão o explorador do Paranatinga — o tenente Peixoto.

O fato de ter ele aparecido inesperadamente no Tapajós só aumenta o seu valor, justamente porque foi inesperadamente. E com essa viagem êle tinha resolvido a primeira parte do problema que o Xingú oferecia.

Nesse sentido, a informação errônea de que participou também o Príncipe Adalbert, e que Severiano já tinha reconhecido, torna-se facilmente compreensível. O Príncipe assim se exprime: "Não se têm também notícias de viagem alguma feita pelo Xingú, desde a sua fonte até a sua foz, com exceção única da de um tenente da milícia, que no ano de 1819 saíu de Cuiabá, navegando pelo rio, até Porto de Moz." A teoria de que o Paranatinga é uma das cabeceiras do Xingú, a referência ao tenente e a coincidência da data do ano, permitem perfeitamente a confusão com Peixoto, pois não é conhecida outra expedição cuiabana realizada por um tenente, em 1819, no Xingú.

O não terem os paulistas conhecido ainda o Xingú explica-se, entretanto, pelo fato de que, em virtude das novas condições políticas de Mato Grosso, as suas viagens aventureiras foram interrompidas. O objetivo dos paulistas, a que pertencia o plano da exploração do rio Xingú, ter-se-ia, por força, realizado mais tarde. Poderia até realizar-se naquela época, mas não se sabe si realmente se verificou. E' nesses três itens que concordo com Pimenta Bueno.

Finalmente, devo citar ainda uma série de notícias, de origem, mais ou menos lendária, cuja exatidão até agora em vão se procurava conhecer. Por causa dessas lendas, as campinas desertas entre o Arinos e o Araguaí despertam o maior interesse aos habitantes. Trata-se do eldorado do Brasil — os Martírios.

Um dos chefes paulistas mais destemidos era Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado pelos nativos "Anhangüera" (diabo velho). O terrível feiticeiro havia intimidado os pobres indígenas, ameaçando-os; caso não lhe obedecessem, pôr-lhes-ia fogo nos rios e afim de lhes demonstrar a sua misteriosa força queimou um pouco de aguardente, clara como a água, dentro de uma casca de abóbora, o que deixou os descrentes inteiramente pasmados.

Anhangüera e seus companheiros foram os primeiros que se adiantaram, pelo fim do século XVII, até o rio Cuiabá à procura de escravos. Uma expedição memorável, que partiu dali contra os coroás (hoje erradamente chamados, em Mato Grosso, coroados), deu base para a lenda dos Martírios. Dois meninos se achavam na expedição: Antônio Pires e Bartolomeu Bueno, filho de Anhangüera.

O relato mais seguro vem de Pires que, quando adulto, visitou o pai do cronista, o padre José Manoel de Siqueira. Êste conta que os

caçadores de escravos partiram do rio Cuiabá, atravessaram os montes Jerônimos, nonie dado por êles, atingindo um rio que batisaram de Paranatinga, em virtude de suas águas muito alvas. Vadearam o rio, palmilharam o sertão, conservando, ao mesmo tempo, a rota traçada, chegando a um rio navegável, onde embarcaram, viajando alguns dias rio abaixo. O mesmo rio levou-os no seu curso a um outro maior, da largura do rio Cuiabá — era aí que se encontrava a região dos coroás. Enviaram mensageiros para espreitar os índios, mas voltaram consternados a dizer que a colônia dos coroás era tão grande quanto a cidadezinha de S. Paulo. Diante disso desistiram do plano e voltaram pelo mesmo caminho, isto é, pelo rio Cuiabá. Durante essa estada, os que ficaram para trás tiveram a sua atenção atraída para uma estranha colina, que apresentava formas admiráveis na pedra, de colunas, degraus e corôas; por isso chamaram-na de colina “dos Martírios”, pois lembrava os instrumentos de suplício de Cristo.

Entre as pedras êles acharam pedaços de ouro, redondos como fichas de jôgo, com as quais os meninos se distraíam através da jornada. Os próprios velhos também guardavam alguns desses fragmentos redondos, sem saber que era ouro, visto que ainda não havia conhecimento da existência desse metal no Brasil.

Quando os corajosos aventureiros já se achavam de volta em S. Paulo, nas Províncias litorâneas fervilhavam os rumores da descoberta de tesouros auríferos em Minas Gerais. Assim, também Bartolomeu e Pires acompanharam o movimento geral em busca do ouro e só se tornaram adultos em Minas Gerais. Ambos casaram em S. Paulo, e Pires regressou ao rio Cuiabá. Bartolomeu, porém, torturado pela lembrança da fortuna com que brincara inconscientemente, conseguiu do Governo chefiar uma expedição que pretendia encontrar de novo os Martírios. Partindo de Goiás tentou, em vão, durante três anos alcançar essa meta, mas, devido às terríveis dificuldades e aos esforços dispendidos, acabou perecendo diante de três picos que se avistavam ao longe e que lhe pareciam ser os montes Martírios.

Do mesmo modo foi infrutífera uma outra expedição que saíra de Goiás, chefiada por Amaro Leite e com 300 homens. Essa expedição acabou chegando ao rio das Mortes, em estado desolador. E, assim, ainda outras mais foram tentadas, de Goiás e de S. Paulo, sempre em pura perda. No ano de 1820 o padre Lopes, saíndo de Diamantino, procurou fazer catequese. Muito poucos dos que o acompanharam conseguiram escapar à morte pela fome e aos ataques dos índios arinos.

Finalmente, as empresas posteriores, inclusive a viagem do italiano Bossi, em 1862, tiveram um resultado mais ou menos trágico.

Por conseguinte, enquanto a descrição feita por Siqueira informa que os Martírios se acham entre o Paranatinga e o alto Xingú, outras notícias assinalam a região como situada entre o Tapajós e o Paranatinga, sendo que ainda outros a registram próxima a um afluente do Tocantins e, finalmente, próxima ao próprio Araguaí.

A questão torna-se duplamente interessante pela circunstância de que na Província do Pará também voga uma lenda a respeito da colina dos Martírios. Assim, diz Siqueira: "Havia em Pará uma tradição que contava que os jesuítas possuíam grandes minas no interior do sertão. Que significaria a precaução com que justamente êsses jesuítas mantinham às margens baixas do Tapajós um armazém, que todos os meses era provido de víveres, sem que jamais os que entravam e os que saíam se encontrassem? Deve-se admitir que os jesuítas procuravam, conseguindo o seu fim, com semelhantes cuidados, guardar o segredo das minas achadas por êles e que, sem dúvida, eram as do monte dos Martírios.

Uma observação de Luíís d'Abrieourt refere-se novamente ao Xingú: "Entre os sertanistas, conhecedores dos caminhos paraenses, voga a constante tradição de que os jesuítas extraíam do rio Xingú muito ouro."

Hoje em dia, os comerciantes de borracha no baixo Xingú suspeitam que é às margens do seu afluente Irirí que o ouro deve ser procurado. Os índios contam, com uma certeza que não admite dúvidas, que na foz dêste rio apareceram muitos homens (brancos), carregando ouro e tangendo gado. Não obstante, o Irirí e o Xingú, no lugar em que se unem, estão cercados por terreno montanhoso e nenhum dos descendentes das tribus de índios eriava gado. E' de se notar que, por outro lado, os aborígenes, habitantes do afluente da direita do Tapajós, o Juan-Xim, informam que se pode atingir, saindo das margens do seu rio, outro rio muito maior, que em seu curso superior percorre pastagens cheias de gado.

Esta é a lenda dos montes Martírios, que já torturou tantos mato-grossenses e paraenses, na mais ansiosa esperança, sem que nenhum deles conseguisse realizar o seu ideal. Pelo fato de não termos sido mais felizes, como pesarozamente antecipo, quero, voltando à realidade, acentuar a importância do rio Xingú quanto ao comércio e tráfego futuro da Província. Para isso darei a seguir uma pequena visão geral de Mato Grosso.

Mato Grosso



OM toda a certeza, o lugar mais abençoado da terra, alheio a qualquer progresso, fôrça produtiva e meio de comunicação, só poderia ser o próprio paraíso que, com a sua beleza e os seus tesouros, fica a milhares de anos para trás. Mas o homem habituou-se tanto à condenação que em parte alguma estaria tão descontente quanto no paraíso !

Não desejo, entretanto, exagerar os privilégios de Mato Grosso e dizer que é o jardim da criação. Aliás, as condições de produção, a extensão da província e o papel que a mesma representa no próprio país são muitíssimo precárias, sem mencionar as relações com o resto do mundo, que são-nulas. Rimo-nos do “yankee”, que não pode olhar um monte ou uma cidade, sem perguntar a si mesmo e aos outros, onde seria bom instalar os trilhos da estrada de ferro que alí falta, mas nós que vivemos num país bastante habitado e rico de comunicações, o solo largamente aproveitado de alto a baixo, não conseguimos contemplar, sem inquietação, as regiões distantes de outros continentes que jazem incultas. Somos obrigados a refletir como havemos de despertar, em seus habitantes, aliás muito satisfeitos na sua tranquilidade, o desejo de agir.

O homem de Mato Grosso se acha num estado intermediário pouco favorável, pois, um dos seus pés se firma no passado e o outro toca o futuro. O apito estridente da máquina da civilização fê-lo acordar do sonho passivo da sua existência. Êle sabe avaliar, entretanto, o seu seuho agradável, através dos olhos sonolentos, ainda, por entre a fumaça que se desprende da máquina moderna, por onde passam visões alucinantes de uma nova era de conforto, luxo e prazeres refinados. Suas ambições não estão em relação à sua produção. Odeia o auxílio de estranhos e ao mesmo tempo deseja-o, pois não consegue ir adiante sem êsse apóio, que, por sua vez, não vem. E' sòmente a custo de muita paciência, habilidade e fôrça de ação que se poderá dominar a difícil situação.

Que quantidade de fôrças de trabalho poderia ser empregada nesse sólo, mas também, que enormes recursos e meios de comunicação se obteriam ! Nessa área, superior à Alemanha, à França e à Itália juntas, reside uma população de pouco mais de 70.000 habitantes, que, conforme Halle, ocupa o vigésimo sexto lugar na série de cidades alemãs ! Os habitantes são, na maior parte, mestiços de brancos, índios e negros, sob as mais variadas formas, sendo que o elemento mais numeroso provém do cruzamento europeu-americano. Uma décima parte (7.000 indivíduos) é constituída de escravos. Juntem-se-lhes os índios selvagens que vivem alí e cujo número se avalia em 24.000, sendo que os índios mansos se acham subordinados à administração de 7 Diretorias.

A respeito de cidades, apenas Cuiabá e Corumbá têm alguma significação. Ambas assumiram até certa importância desde o incio da navegação a vapor sôbre o alto Paraguai. A correspondência entre Rio de Janeiro e Cuiabá leva 31 a 32 dias, o mesmo período de tempo que é preciso para se ir do Rio a Hamburgo e, ainda, de Hamburgo a Nova York. Não existem telégrafos nem estradas de ferro.

Não é para admirar que as más línguas, não se tratando dos cargos mais elevados, chamem de exílio a designação de um oficial ou funcionário para Mato Grosso. Um dos enviados para lá se refere à Província, dizendo : "É a Sibéria brasileira". No ano de 1879 a guarnição se compunha de 1.781 homens, inclusive 141 oficiais, 3 batalhões (o 8.º, 19.º e 21.º) de infantaria, 2 baterias de artilharia, 1 corpo de cavalaria ; a frota era de 10 navios de guerra (1 couraçado, 3 canhoneiras, 3 monitores e 3 pequenos vapores) com uma tripulação de 80 soldados da marinha e 27 aprendizes. A pequena fortificação de Coímbra protege o Paraguai. Na guerra sangrenta com o Paraguai, país vizinho, a parte sul da Província sofreu muito com a invasão do inimigo.

Que produz o sólo ? Em que estado se encontram a lavoura, a criação de animais, o comércio e a indústria ?

A descoberta do ouro e dos diamantes ofereceu o primeiro estímulo à imigração. Apesar disso, as minas acham-se paradas, porque o terreno facilmente conquistável está esgotado e o que se acha mais longe ou em maior profundidade só poderia ser explorado por meios vindos de fóra. Diamantino decaiu e os poucos habitantes arrastam uma vida miserável num clima impuro. Outros tesouros ainda se ocultam, em grande quantidade, nas minas de cobre e ferro. Corumbá exporta cal para o Paraguai e, em algumas cavernas, encontra-se a salsaparrilha.

Si "Mato Grosso" fosse realmente densa floresta, conforme o nome indica, seria de esperar, em primeiro lugar, que o seu sólo fornecesse as

ricas madeiras de uma vegetação luxuriosa. Apesar disso, a Província, nesse sentido, está bem mais atrasada que as outras, pois o seu larguíssimo planalto é coberto de exíguo mato silvestre e somente às margens dos rios é que se notam esplêndidas vegetações. Os descobridores generalizaram injustamente essas impressões locais. A planície ribeirinha se constitui, além disso, de campinas infinitas que, na época das chuvas, são cobertas pelas águas que extravazam dos rios.

Nas regiões da nascente do rio Guaporé e dos braços do Tapajós cresce o cacáu, a baunilha, a borracha. No alto Paraguai, principalmente próximo a Diamantino e S. Luís de Cáceres, existe a planta característica da Província, denominada "poaia" ou ipecacuanha. Essa planta é a que mais rende. A expansão dos outros produtos se restringe extraordinariamente, por causa das dificuldades e perigos de transporte através das regiões habitadas pelos índios. No sul, distrito de Miranda, existem vastas florestas de mate, que tanto mais se valorizam pelo fato dos paraguaios e dos estados platinos fazerem largo uso dele, sendo obrigados, porém, a ir buscá-lo em paragens longínquas, dado o perigo que oferece a colheita do mate em seu próprio país com o regime de rapina que aí reina.

Na Chapada, próximo a Cuiabá, floresce um bom café, que, aliás, não chega para o consumo.

O fumo ainda é importado de Goiás e do Paraguai. A cultura do mesmo é insuficiente e primitiva. A cultura da mandioca, milho, arroz, feijão satisfaz as necessidades.

O açúcar é que merece maior atenção por parte dos habitantes. O alagamento dos campos pelos rios é de tal maneira providencial que lhes proporeciona 30 a 40 anos de fertilidade. O dinheiro, porém, também aí faz falta. Há pouco tempo fundaram-se dois "engenhos", refinações com máquinas a vapor. Em geral, utilizam-se uns simples moinhos movidos pela força d'água ou de bois. O açúcar vai ao comércio em estado impuro, e sob o nome de rapadura, o que nada mais é do que a crosta dura que se deposita no fundo do vasilhame em que é fabricado. Nas refinações instaladas atualmente, obtém-se mais açúcar, mas, relativamente, muito menos cachaça.

Em toda parte se nota a falta de habitantes produtivos. Com a instalação de colônias militares, em maior escala, o Governo pensa dar mais vida, principalmente aos distritos da borracha e da herba-mate. Até agora só existem seis. Uma das maiores é a Colônia de S. Lourenço. Em 1880 havia aí uma população de 157 almas (53 soldados, 49 mulheres, entre as quais 47 paraguaias, 11 colonos e 44 crianças). Plantavam-

se mandioca, milho, arroz e feijão para consumo, inclusive cana de açúcar. O que sobrava era levado ao mercado de Corumbá. O inconveniente dessa forma de colonização está na circunstância do soldado não se interessar muito pelo trabalho, como o faria o colono civil, pois a cada momento espera ser transferido para outra região.

Em geral a criação de gado é considerada a maior capacidade produtiva de Mato Grosso, que foi introduzida aí em 1739. Os campos e as pastagens permitem esplêndido desenvolvimento aos animais, especialmente nas regiões próximas a Miranda e fonte do Jaurú, fronteira da Bolívia. A maior área ocupada aí abrange 240 léguas quadradas e conta 600.000 cabeças. Foi útil atrair os índios para o trabalho, o que se conseguiu, principalmente, com os borôros e os parecís. A criação luta, entretanto, com uma grande dificuldade, que é a falta de cavalos e burros, com o auxílio dos quais são dominados os rebanhos. Aqueles animais são geralmente importados, de modo que custam caro. Certa peste que atacou o gado, cujos sintomas parecem ser os de mielomeningite aguda da medula espinhal inferior, fez fracassar todas as tentativas de domesticar os animais na própria Província. Assim, o gado se perde nas selvas, dando origem a numerosas questiúnculas entre os vizinhos.

Diante dessas condições não se poderá formar boa opinião do comércio de Mato Grosso. Exportam-se, em pequena escala, ouro, diamantes, drogas, bois, peles, osses, chifres, contudo, em 1872, a exportação foi de 133.224 Marcas, isto é, 1/15 da importação, que foi de 2.073.586 Marcos. Não é de se supor que, dessa época para cá, a situação experimentasse modificação séria. Os negociantes mandam buscar as suas mercadorias no Rio ou Montevidéu, sendo que o comércio direto com a Europa é mínimo.

Após termos dado essa visão geral, vamos fazer uma explanação ligeira sobre as vias de transporte em projeto e as que já existem, depois do que passamos imediatamente ao nosso assunto.

A maior parte da Província de Mato Grosso é formada por extenso planalto. Sua colonização seguiu, entretanto, o curso da ramificação do Paraguai e espalhou-se pelas ubertosas terras baixas. Próximo dali, ergue-se um massiço de cantaria clássicamente escalavrado, em forma de muralha, mais ou menos íngreme, como um castelo, que é o Planalto. Embora haja que contar com as inúmeras elevações do terreno e os vales, êles não seriam, por certo, obstáculos consideráveis para a construção de boas estradas. Atualmente, porém, não há nada disso, pois o que ali é estrada, quasi não serve de passagem a veículos, constituindo caminho apenas para bois ou mulas de carga. Os caminhos por onde se

faz o comércio da baixada, são, durante o transbordamento dos rios, cobertos pelas águas dos mesmos, acabando por ficar em terrível estado pantanoso. Acresce ainda a falta de pontes. A penúria é fantástica. Si não é possível arranjar-se uma canoa ou vadear o rio, o transporte das mercadorias é feito, pelos que não sabem nadar, em cima da pelota (espécie de pele de boi, muito ressequida e levantada nas extremidades), dando a impressão de uma formiga pousada numa folha. Um ou dois nadadores ficam rebocando a pelota por meio de uma corda.

O estribilho é sempre o mesmo : Para melhoria não há dinheiro ! — Partindo de Cuiabá, estendem-se três “estradas” que merecem atenção especial. A primeira conduz a Diamantino (200 kms.) : é o caminho através de Tapajós, para o rio Amazonas. A segunda faz as comunicações comerciais, atualmente muito precárias, com Goiás, que é a capital da província vizinha do mesmo nome : essa estrada vai pela Chapada e a 600 kms. alcança um posto militar no rio Araguaí, de onde mais 323 kms. levam ao ponto terminal. Finalmente, a mais importante é a que realiza a ligação mais curta com S. Paulo e que, por isso mesmo, é objeto de um plano referente à construção de uma linha de estrada de ferro para o Rio de Janeiro. Essa estrada margeia o rio S. Lourenço e o seu afluente Piquirí (475 kms.), para se dirigir à pequena cidade de Sta. Ana do Paranaíba, que se situa a sudoeste de Cuiabá, acima da união dos rios Paranaíba e Rio Grande na formação do rio Paraná (1.151 kms.). Como o trecho Cuiabá-Piquirí oferece os inconvenientes referidos, durante a época das chuvas, teve-se o cuidado de, no projeto, traçar a linha de ferro através do Planalto ou pela serra da Chapada ou ainda pela de S. Jerônimo, coisa que está em estudos. Em 1846, o Cel. Lassance e em 1879/80, Franc. Ant. Pimenta Bueno (de cujas memórias extraí várias datas aqui indicadas) exploraram o terreno. Este último pesquisou, passando pelo rio S. Lourenço para além da colônia militar, seguindo a margem do planalto em linha reta e parando em Sta. Ana. Calcula êle a linha até o Rio em 2013 kms. (Cuiabá-Sta. Ana, 930 kms. — caminho abreviado — e Sta. Ana-Rio, 1.083 kms.), com um período de viagem de 7 dias.

A êste projeto se contrapõe outro do ano de 1876, cuja linha parte de Miranda. E', talvez, mais barato, mas incomparavelmente mais complicado ; seu itinerário é o seguinte : Da estrada de ferro do Rio até a queda dos Dourados (753 kms. — 3 dias) viagem de vapor pelo Paranapanema, Paraná, Ivinheíma e Brillante (914 kms. — 3 dias), daí para Sete Voltas, depois o trem de Miranda (270 kms. — 3 dias). Viagem a vapor pelos rios Miranda, Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá

até a cidade de Cuiabá (1.420 kms. — 8 dias), ao todo 3.357 kms. e 17 dias de viagem.

A guerra do Paraguai é que fez sentir o quanto se fazia necessária a construção de uma estrada que comunicasse Mato Grosso com o litoral. E' absurdo que o caminho que leva à capital do Império percorra três países estrangeiros.

Será que nenhum dos grandes rios que correm para o norte estaria apto a ligar a Província sertaneja ao importante escoadouro comercial?

As principais relações comerciais que se mantêm com a Província do Pará são devidas ao guaraná. O miolo dessa fruta, que dá no baixo Tapajós e no Madeira e é mais bem preparada pelos índios Maués, constitue a bebida preferida em Mato Grosso e numa parte da Bolívia, substituindo o café. E' de consistência muito dura, usando-se uma lima ou a lingueta óssea do peixe pirarucú para raspá-la. Toma-se com água e açúcar. O guaraná serve também como medicamento para dor de cabeça e diarréia. O abuso dele provoca nervosidade e insônia. O guaraná é tanto mais importante quanto representa precioso produto comercial. No lugar onde é preparado, o seu preço é de cêrca de 100 marcos por cada 15 quilos. Em Cuiabá, um pepino de mais ou menos 25 cm. de comprimento e que, partido ao meio, exala fino aroma, custa no varejo 16 marcos, o que sempre é mais barato em comparação ao preço exigido pelos nossos farmacêuticos, que vendem 10 grs. a 90 Pf. (portanto, 1 k. custa 90 marcos, enquanto o café está fóra do alcance das bolsas). De vez em quando os preços em Mato Grosso experimentam alta colossal.

Antigamente, os negociantes safam de Diamantino, viajando pelo rio Preto, entrando no Tapajós e, ao chegar no curso baixo do rio, trocavam o guaraná por diamantes, ouro, peles, ao mesmo tempo que sal, material de ferro, pólvora, centoio e outros artigos. Depois que se instalou a linha de navegação a vapor sôbre o Paraguai, o Tapajós perdeu sua importância comercial. O Tapajós é navegável até mais ou menos 300 kms. na parte superior de sua foz, ainda que nem sempre para qualquer espécie de barco. E' na parte superior de sua foz, na margem esquerda, que se situa Itaituba (4° 16' 47''), cidade principal de um dos municípios mais ricos em produtos naturais do Pará. Daf para cima os obstáculos creados pelas correntes e cataratas são grandes demais para que se espere comércio florescente por ali.

Sem dúvida alguma, seria a solução mais feliz para Mato Grosso a possibilidade de se abrir uma estrada rural entre Diamantino e Itaituba, pois a exportação de gado para o Pará, onde se obtém preço bas-

tante elevado, poderia desenvolver-se num comércio altamente produtivo. Entretanto, êsse plano acha-se ainda embrionário, por causa da falta de conhecimentos a respeito do terreno localizado rio a dentro.

O rio Madeira, por sua vez, não pode resolver o problema de Mato Grosso, para o futuro comércio entre o Amazonas e a Bolívia, pois êle percorre, através de largos desvios, a região mais árida e mais insalubre da Província. Há ainda o receio de ser o Purús um dos rios que lhe arrebatarão, primeiro, sua importância atual.

O Araguaí-Tocantins também nada tem de notável: Apesar de cercá-la, na maioria do percurso, êle não consegue suprimir o isolamento da Província de Goiás, que é, talvez, ainda mais pobre do que a de Mato Grosso.

Com isso, só nos resta tratar do rio Xingú, que é a última possibilidade que se oferece. Foi indispensável fazermos, primeiro, a descrição acima, para que o leitor formasse uma idéia exata do nosso plano na exploração do Xingú. O problema geográfico, isto é, a tarefa antropológica interessante, era tida como questão secundária, quando se começou a discutir a nossa empresa, de modo que nosso projeto tinha, de início, o seguinte título: *Estrada de Cuiabá para Pará*.

Aliás, com toda a razão. Que é que, afinal, se fazia com o Xingú, que até aí merecera tão pouca atenção e que, entretanto, de toda a região explorada antes de nossa viagem, foi o primeiro afluente do Amazonas a se conhecer? O abandono, em que se deixou o baixo rio, baseava-se, não só no medo às cataratas e aos índios, como também, quanto à região das cabeceiras, no receio à solidão do planalto e aos seus índios. Contudo, era completamente ignorado até que ponto êsses perigos prejudicavam o valor do rio e tornavam êsse valor simples ilusão. O resultado de uma expedição ao Xingú podia falhar, mas no interesse comercial e estratégico da Província, semelhante expedição tornara-se, pouco a pouco, uma necessidade imperiosa.

Creio que essa lacuna chamava a atenção dos nossos meios científicos, o que se verifica pela referência feita pelo incansável e corajoso Crevaux, que, de acôrdo com as suas últimas cartas, cogitava viajar pelo Xingú e só não realizou êsse desejo, em virtude de sua trágica morte no Pileomaio. E' a êle, penso eu, que devo a sugestão.

De Assunção a Corumbá



Meados de Fevereiro de 1884 partimos de Buenos Aires, chegando em Assunção seis dias depois.

A extravagante capital do Paraguai já mereceu frequentes descrições. Para nós ela só foi estação de passagem, pois, si ali demorássemos alteraríamos o plano já traçado. À espera de um vapor de Cuiabá, permanecemos em Assunção três semanas agradáveis e descuidadas, fazendo esforço para aprender o português e esquecer o espanhol. Através do convívio que tivemos com alguns alemães cultos, que conheciam o país, a estada se nos tornou muito mais proveitosa. Fei com um sentimento de lástima que contemplamos a discordante e tristíssima situação da colônia alemã S. Bernardino. Mesmo as pessoas que se referiam, encantadas, às reservas inesgotáveis do Paraguai, consideravam a colônia como um empreendimento fracassado. Parece que o excesso de imigrantes para ali encaminhado e que teve de mudar de profissão fez deles elemento absolutamente imprestável. Além disso, nem a situação da colônia, nem as suas disposições naturais, eram das melhores.

E' possível que, dentro de algumas dezenas de anos, o Paraguai se rehabilite dos golpes da guerra devastadora em que se envolveu. Atualmente o país não oferece mercado. O frete é tão alto que não lhe é possível concorrer com a Argentina. Por isso mesmo algumas vozes enérgicas se levantam para dizer francamente que melhor seria (apesar das dificuldades políticas) que o país fosse simplesmente anexado à Argentina, pois o Paraguai não era mais do que a sua parte noroeste. Em situação independente continuaria um corpo fraco e sem nenhuma possibilidade para se desenvolver. Assim, também, o Brasil tomaria sob sua proteção a pequena preza, caso a mesma não pudesse progredir. Dêse modo ela lhe indenizaria os prejuízos causados pela guerra.

No Paraguai as coisas passam-se justamente ao contrário do que se verifica alhures, isto é, quem traz dinheiro, fica rico. Tudo que se

planta, brota e cresce, a terra é fértil, a propriedade não se vê ameaçada por intempéries, a criação de gado é uma das fontes mais produtivas e, finalmente, os trabalhadores são esforçados e corretos, desejando, por isso, ser bem recompensados, (o que custa 5 dólares por mês), alimentam-se de mandioca e satisfazem-se em dormir em qualquer canto. Qualquer um pode arranjar a sua casa de modo confortável à européia, ter a sua biblioteca, receber os seus jornais, permitir-se predileções — enfim, viver como um proprietário na Alemanha ou na Inglaterra, embora isolado, mas com melhores probabilidades de prosperar. Si vem como colono, sem recursos, imediatamente é bem acolhido para o trabalho rude, mas si não for um indivíduo excepcional, nunca passará disso. Por conseguinte, si o leitor for tentado a emigrar para o Paraguai, reflita bem sobre as múltiplas dificuldades que se apresentam no início, e que devem ser dominadas, afim de que, no fim, consiga obter uma vida de simples lavrador com boa situação. E si chegar a emigrar para lá, não se preocupe com projetos de melhoramentos públicos, mas procure trabalhar para o consumo do país.

Deixamos Assunção a 20 de março. A distância entre esta cidade e Buenos Aires é de 2.000 kms. e entre Assunção e Cuiabá 2.100 kms., mais ou menos a meio percurso da nossa viagem a vapor. De Assunção à fronteira brasileira, na foz do rio Apa, calcula-se em 567 kms. e até Corumbá 1.190 kms. Clauss alegra-se em poder iniciar dignamente a série de nossas observações, com a localização da cidade de Assunção, mas, embora em Buenos Aires se acreditasse que os fios telegráficos já estivessem prontos, eles continuavam em Humaitá, sem ter ainda passado o rio.

Transcrevo aqui as impressões de viagem, colhidas em cartas enviadas por mim, para a pátria, das cidades de Corumbá e de Cuiabá, escritas em estilo de diário :

A bordo do “Rápido”, 22 de março.

Em ambas as margens, terra paraguaia. Na primeira noite, já bem tarde, vimos à margem direita (a respeito da qual houvera uma questão de limite entre o Paraguai e a Argentina) três luzes. Elas vinham da antiga Vila Ocidental ou atual Vila Hayes, nome dado em homenagem ao juiz que decidiu aquela questão.

O Chaco, que nada mais é do que a vasta extensão dos campos sul-americanos, paragens infinitas de intrépidos e indomáveis cavaleiros, apresenta aspecto desolador nas proximidades do rio. Podem contar-se as palmeiras carandá, semelhantes a longos cabos de vassoura, espa-

lhadas pela ondulante planície de areia, onde, mesmo ao longe, não aumentam em quantidade, até, pelo contrário, continuam raras.

Depois que atravessamos o trópico, a natureza parece confirmar a divisão geográfica. Ela mostra-se em toda sua exuberância tropical com fortes e fartas côres. Opulentas matas e densos silvados se apresentam à vista. Aquí e ali surge um pouco de campina, plantas aquáticas de largas folhas, com flores arroxeadas vicejam à margem do rio e flutuam sôbre as ondas que sobem e descem à proporção que o vapor desliza. A fauna mantém-se quiéta, de vez em quando assustamos uma garça ou um grupo de patos. Hoje de manhã apareceu o primeiro índio que, de dentes brancos arreganhados, embora com expressão amável, passou rápido na canoa. À tarde passamos pela “colônia francesa”. Vimos alí, na beira do rio, muita gente de tez escura, a maioria constituída por índios puros, as mulheres tinham a parte superior do corpo nua e o resto, até o joelho, envolvido em panos finos e esvoaçantes. Uma senhora passeava sob uma sombrinha côr de fogo. Ao anoitecer o aspecto do rio era samoânico. As encostas arredondadas cobriam-se ao longe de verde escuro, e pela frente estendia-se uma praia estreita, cheia de palmeiras.

Somos 24 passageiros de primeira classe. A comida é muito boa. O prato predileto dos brasileiros é o famoso feijão preto com carne sêca, tem ótimo sabor de comida preparada em casa. Espantámo-nos diante de alguns que não comem pão. Ajuntam a chamada farinha, indiferentemente, aos mais diversos pratos. O dispenseiro que se acha em nossa frente, Don Julio, considera a farinha muito cara e desenvolve a nova e surpreendente teoria de que o valor alimentício e o valor monetário devem ser colocados no mesmo pé. O que denominam vinho é horrível e tem que ser engulido apesar do calor, mas depois a gente se contorce como um saca-rolhas. Após as refeições jogam-se cartas e ouve-se um pouco de música. Uma senhora cantou “La Fileuse” e “La Harpe Follenne”, seguiu-se um senhor com diversas trivialidades rápidas e variadas. Clauss conquistou os corações, tocando cítara e cantando trovas, ambas essas coisas novas e desconhecidas nessas paragens. Juntamente com Wilhelm êle cantou ainda uma série de canções populares e outras de estudantes. A melhor impressão sôbre o auditório era causada pelo sentimental e o turbulento. Sua voz conquistou gerais aplausos e diziam que era “como de ferro” e “como um vapor”.

Já muito tarde da noite marginávamos a fronteira brasileira. Não foi pouca a nossa alegria ao avistarmos mais uma vez a grande Urso em todo o seu esplendor, cuja posição aquí é invertida. O Cocheiro,

que em nossa terra está por cima, aqui está por baixo. Do lado oposto ao nosso “amigo” Cocheiro, estendia-se o incomparável Orion — como era possível saber que parte do firmamento era mais digna de um prêmio de beleza, si aqui se reuniam as mais delicadas preciosidades na formação de uma única jóia? Não estavam ali o poderoso Júpiter, o avermelhado Marte e o admirável signo do Câncer? Agora mesmo ergueram-se no horizonte o Escorpião e a Antares. Cànopus está a luzir, numa esplêndida claridade. O Cruzeiro do Sul, que, durante muito tempo, emprestou seu nome ao país, sôbre o qual brilha tranquilamente, é, por aqui, o orgulho do navegador. Ao lado do Cruzeiro faíscam as grandes estrelas do Centauro — enfim não era possível maior maravilha do que essa noite tropical sôbre as águas sem luar. No curso distante do rio fortes raios de luz se refletiam nágua, dando a impressão de estacas ali fincadas. Próximo do vapor brincavam as estrelas nágua como moedas douradas, indo e voltando, espalhando-se por vêzes, como fitas cintilantes, num espetáculo fascinante para os olhos. Mas, ao criar Deus as estrelas, o diabo encarregou-se dos mosquitos. Quanto mais pontos brilhantes a providência divina semeava para a admiração dos homens, mais densa era a nuvem de pontos negros soprados pelo horrível Satanás, para tortura dos mortais. Quando o ar se acha infestado por essa “corja de carrascos”, conforme a expressão de um velho missionário, é possível a gente se manter resoluta e firme, mas não se consegue manter intacta a devoção. Nem mesmo o faquir indiano o conseguiria, pois não é em vão que êle unta o seu corpo com a lama sagrada do Ganges. Tento dormir. Talvez o consiga, apesar dos sugadores de sangue estarem ali zunindo, si me detiver no pensamento de que vivemos no melhor dos mundos possíveis.

23 de março.

Fugí da cabine para o convés, onde há um leito duro sôbre uma grade de madeira em posição horizontal, na pôpa do navio. Às 5 horas fizemos um intervalo de parada. Imediatamente houve investida do inimigo em massa e com música campestre. Don Julio, que dormia sempre em sua rede, por cima de mim, teve que fugir dali, levando a rede e isso me consolou um pouco. Pelas 8 horas aproximávamo-nos do Pão de Açúcar, bonito monte em forma de cone, muito verde, que conduz a um grupo de pequenas montanhas, mais ou menos de 12 kms. de extensão e 6 kms. de largura, denominado Fecho dos Morros. Na colina em frente, à margem esquerda, acham-se um morro isolado e uma ilha rochosa de 1,5 kms. de extensão e 400 ms. de largura, separando, tam-

bém, o rio, que ali corre apertado, em dois braços, de modo que esse nome parece calhar bem. O Pão de Açúcar mede 507 ms. de altura, sendo que a sua elevação sobre o rio é de 412 ms.

Uma meia hora antes do “Fecho” se abrir diante de nós, o aspecto da paisagem era soberbo : No primeiro plano viam-se palmeiras, mas, apesar desse detalhe tropical, parecia verdadeiro trecho do Koenigssee. As montanhas surgiam recortadas pela forte iluminação e tudo ali se transfigurava através do capitoso aroma da manhã.

Na proa do navio trabalhavam, mais ou menos, 50 soldados brasileiros, parecendo ter a consciência um pouco pesada, como também alguns oficiais que nos acompanhavam, embora tivessem iniciado a longa viagem, de coração alegre, pois o serviço em Mato Grosso não é muito penoso. Mais adiante está um pobre diabo sentado perto da máquina, com os pés acorrentados, a fisionomia melancólica — trata-se de um doente mental.

A maioria compõe-se de indivíduos pardos, outros pardos escuros e outros ainda quasi pretos. Alguns até parecem importados do Congo. Usam gorros azues, de borla vermelha e estrela doirada. Um deles, chamado Gigante, é um mouro de 11 palmos ou 2 ms. e 22 cms. (?). Também se encontra um armênio de túnica de listas roxas, cinto vermelho e fez, que quer vender rosários aos pecadores de Mato Grosso. O armênio é passageiro de terceira classe, a qual se localiza na proa do navio e constitue o lugar mais agradável para se viajar. Uma chata está colocada ao longo do vapor, trata-se de um bote raso, com guindaste para carga, que transporta as provisões de carvão. E’ por aqui que o pessoal permanece durante o dia todo em meio de muita algazarra — jogam o baralho, fazem “toilette”, comem o feijão, rebuscam, com as mãos pretas, o interior de uma lata de pão duro, lavam as panelas, preguiçam e estão sempre alegres. E’ assim que a África, América, Ásia e Europa se acham representadas a bordo.

Do outro lado do Pão de Açúcar a paisagem tornava-se melancólica. À esquerda campinas, à direita palmeiras do Chaco. O tédio se manifestava em alguns pelos bocejos, em outros a nervosidade provocava comichões. Além disso, um calor que dava sono. Um domingo vazio. Dormia-se, fumava-se, vegetando estúpidamente. A senhora de um major ficava horas e horas a escrever no seu diário em letra lapidar, tendo o cabelo solto por cima de um lenço atado atrás do pescoço. Mesmo depois do almoço não houve boa disposição. Ninguém tinha forças para abrir o piano. — Agora passa de meia-noite. Wilhelm preguiçosamente acocorado está ali a fumar o seu cigarro e não se decide a dormir. Clauss

está lá fóra meio atordoado. Escrevo em condições miseráveis, iluminando-me por meio de velas, cujas chamas esvoaçam ao vento da noite. Uma aranha muito prática apanha os mosquitos, alí no vidro. De quando em quando, as correntes do leme rangem, enviando sons musicados, que Wilhelm diz lembrarem o *la* do violão. Encerremos o relatório aquí.

24 de março.

Pela manhã cedinho, a mesma pobreza de paisagem, mas, entre 8 e 9 horas, começaram a aparecer os montes do Forte Coímbra e às 10 estávamos perto da pequena e bonita fortaleza. É bem interessante no seu feitiço conhecido de polígono amassado, os muros escarpados, a torrezinha angular, as ameias. A fortaleza é pequena, pois além das excepcionais dificuldades que o terreno alí apresenta são ainda necessárias várias voltas, durante um quarto de hora, para se chegar a ela. Mas, o que não chegamos nunca a compreender é a maneira pela qual o forte se protegeria de ataques provindos do lado do rio. A colina em que o mesmo está situado é tão íngreme e os muros tão baixos, que de bordo conseguíamos observar exatamente as pessoas de lá, que eram muitas e se mexiam nos quartos fronteiros ao pátio. O pau da bandeira, colocado no centro do muro da frente, cobria, com a sua ponta, as ameias do muro posterior, mais alto. O nosso vapor achava-se muito mais próximo da margem direita, onde o forte é acessível do que da margem esquerda. O rio Paraguai possui aquí uma largura de 600 ms.. Coímbra foi atacado por duas vèzes, mas intrèpidamente defendido. Em 1801 foi ocupado pelos espanhóis, sob a chefia do governador do Paraguai. O general inimigo escrevia nessa ocasião : “Como estou com superioridade de fôrças, sendo, portanto, certa a derrota da guarnição, imponho categoricamente a rendição dentro de uma hora.” A isso respondia o Comandante Ricardo Franco : “Tenho a honra de responder categoricamente a V. Excia. que a desigualdade de fôrças de combate sempre foi um elemento que encheu os portuguezes de coragem para não abandonar os seus postos.” Oito dias depois de infrutíferas tentativas para dominar a resistência dos que se defendiam, os espanhóis voltaram a Assunção.

Em 1864 Coímbra foi, não obstante, tomada pelos paraguaios. As exigências para se renderem não foram atendidas. Durante 48 horas, o forte resistiu aos ataques vindos do rio e do campo. Na noite seguinte — deveremos felicitar os brasileiros, apesar de sua má estrela, e rirmos dos paraguaios? — a guarnição, composta de 155 homens, embar-

cou no seu navio e foi-se para Corumbá, sem que os ocupantes, em número de 4.000 com 5 navios, 3 escunas e 2 botes rasos armados, notassem coisa alguma.

A singular localização dêsse forte talvez se explique pelo fato de que primitivamente (no fim do século passado) foi construído para servir de baluarte contra os guaicurús, pois êsses índios, em 1778, causavam males à sua maneira, isto é, faziam uma visita muito cordial e pacífica e de repente matavam 54 pessoas inofensivas, depois do que evacuavam o campo, desaparecendo instantaneamente.

Atualmente Coimbra é tida como a chave do alto Paraguai. A guarnição consta de 50 homens e há 18 prisioneiros. Mais ou menos a 2 kms. para cima encontra-se uma famosa gruta de estalactites.

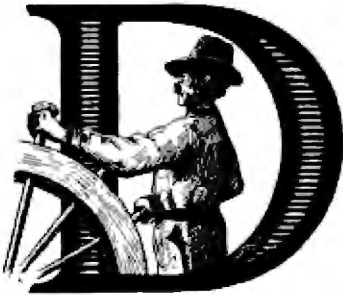
Depois que atravessamos longas extensões de terreno pouco característico, à direita sempre campina, à esquerda e pela frente séries de colinas cobertas de matas, alegramo-nos à noite, ao avistar traços maravilhosamente azues de uma montanha que, muito de longe, se levanta sobre a planície e de acôrdo com a exigência do Brasil, forma a fronteira com a Bolívia. Há um esplêndido pôr de sol de brilhantes reflexos na água, em que se misturam sombras côr de azeitona escura, vindas da margem.

As pessoas de bordo deixam as seguintes notas para a officialidade do navio: "O tratamento cavalheiresco que nos dispensou o distinto e ilustre primeiro tenente Afonso de Vasconcelos, Capitão do "Rápido", a conduta do senhor dispenseiro Don Julio Rebentosa e as atenções do simpático sr. Francisco Vierge obrigam-nos a declarar neste momento a nossa eterna gratidão e os protestos de nossa amizade".

A bordo do "Rápido", em Corumbá.

Esta noite o ar está pesado. Pareço sofrer da pele, creio que só as superfícies das mãos estão livres, doendo mais os antebraços com as picadas dos insetos. Ao tirar a roupa sinto uma comichão tão intensa que tenho vontade de esfolar a pele de cima a baixo, como a cozinheira faz ao peixe. No convés, vêem-se grupos inquietos como eu por toda parte. Outros, pensativos. A grande urna que está numa caixa de madeira e pela manhã se enche de água do rio, está completamente vazia. Amanhã cedo chegaremos a Corumbá, onde pretendo terminar estas páginas. Dêem lembranças ao maravilhoso mês de maio, daí de casa. Felicidade para todos vocês que sabem fruí-lo alegremente.

De Corumbá a Cuiabá



ESTA vez o cenário é outro. Estamos a bordo do “Coxipó”, a 26 de março.

Ontem de manhã, logo depois que o sol levantou e ao erguer do banco o meu corpo todo picado, avistei o Arsenal de Corumbá, que é constituído por vários edifícios caiados de branco. Passou-se ainda mais meia hora até alcançarmos a cidade pròpriamente, pois nesse ponto o rio apresenta a forma de uma enorme serpente. Os senhores passageiros apareceram com indumentárias novas, estando os oficiais em uniforme, na maioria tendo as mangas e os gorros ornados de muitos galões dourados. Tudo parecia estranhamente elegante (exceto nós). Na terceira classe o movimento era grande. Os soldados escovavam as fardas e desdobravam as capas. As poucas mulheres puseram vestidos de chita bem limpos e engomados que deixavam ver o côlo engastado em delicadas rendas, moldura essa que, frequentemente, é mais interessante que o resto da figura. Rimo-nos muito quando um oficial, todo de branco, apumado, a colocar o seu “kepi” de couro envernizado, de repente estremeceu até a medula, levando a mão para trás, por dentro do colarinho e com a outra sacudindo o chapéu, deixou escapar dêste uma ninhada de bichinhos da cor e do tamanho da nossa centopéia.

Entretanto, passávamos por duas celinas salientes, que como dois bastiões dominam o Paraguai. E logo, ao virar, vinha Corumbá, que se situa do outro lado de uma íngreme barranca de 30 ms. de altura. Algumas casas estão construídas no declive em forma de terraços, mas as ruas pròpriamente não se vêem ainda.

Uma meia dúzia de vaporezinhos ancoravam no porto, ponto principal do comércio entre Cuiabá, Luís de Cáceres, Coxim e Miranda. Considera-se Corumbá como a principal cidade comercial da Província, e se prediz à mesma um belo futuro. Existem também neste lugar jazidas de ferro. De-fato, a pequena cidade, depois da guerra do Paraguai, durante a qual se sobressafu muito com a rendição do Forte Cámbra,

tomou grande incremento. Os habitantes são calculados em número de 1.315 no ano de 1864, em 3.361 no ano de 1872 e em cêrca de 5.000 no ano de 1876. Atualmente se avaliam em 7.000. O aumento da população é devido, principalmente, à imigração paraguaia, verificada depois da guerra, que gerou condições incertas e precárias, sendo ainda hoje apoiada e estimulada pelo govêrno brasileiro que concede, para isso, passagem livre aos paraguaios. Dêsse modo, estabeleceu-se uma maioria de mulheres paraguaias que se encontra muito na população subalterna e entre os militares.

A pequena cidade é constituída de grupos de casas quadradas e iguais e não possui construções importantes. É' a séde do Comando da Fronteira, Frota e Artilharia das autoridades do porto. O Arsenal a que nos referimos serve aos fins da marinha.

Corumbá desperta interêsse especial pelas suas relações com a Bolívia. Ainda não se pode prever o caminho pelo qual se orientará, no futuro, a exportação dêsse país, de imensas riquezas, si para o Chile, o próprio Brasil ou La Plata, pois as suas enseadas inaproveitáveis no Oceano Pacífico se acham separadas pelo deserto de Atacama dos mercados do interior. Desde algum tempo, verifica-se um movimento importante em direção ao La Plata. O gerente de uma casa boliviana, a que fomos recomendados, disse-nos que a estrada Sta. Cruz de La Sierra-Corumbá devia ser considerada como coisa duradoura. Os índios conservam-se de tal maneira retraídos que uma pessoa pode percorrer sôzinha e sem perigo toda a extensão da estrada. Há frequentes caravanas que realizam o transporte, mas que durante as chuvas são obrigadas a evitar os caminhos. A proximidade da fronteira favorece o contrabando que, conforme se diz, é mantido em alta escala, prejudicando muito a economia do estado. A entrada de mercadorias para a Bolívia é livre de frete — por isso há quem saiba fazê-las passar de tal maneira que, em vez de serem vendidas na Bolívia, o são no Brasil.

Visitamos, também, o representante da maior casa de importação matogrossense. Esse amável cavalheiro, ex-magistrado e um dos políticos mais ativos do país, conduziu-nos pelo armazém. Infelizmente, porém, era dia feriado — comemorava-se a data da Constituição — de modo que os compartimentos abarrotados estavam sem vida. Tivemos que admirar tudo: "Ah! um grande movimento", repetia êle a cada instante, querendo dizer que se tratava de um grande negócio. E, ao mesmo tempo, mostrou-nos, com um carinho e delicadeza de mãe, os principais livros de escrituração da casa. Cada um dêstes continha dois anos de escrita e, além de operações fenomenais, as palavras eram, pode-

se dizer, desenhadas página por página, com esplêndidos traços caligráficos. “Nem uma mancha, nem uma emenda, nenhuma ininteligibilidade”, dizia êle, “a lei exige isso”. Não pude deixar de rir intimamente quando abriu uma página em que havia pequeno borrão produzido por dedo manchado, à vista do qual o velho “gentleman” se mostrou muitíssimo desapontado e sério. Perguntei-lhe como é que de magistrado se tornára negociante. Calmamente explicou que o seu caráter tinha qualquer coisa de positivo, daí não ter podido contentar-se com o ordenado que só dava para viver. E agora estava satisfeito com a mudança, pois era um homem rico, trabalhando dia e noite para manter os negócios em ordem e que eram muito desenvolvidos. Uma nota para o leitor. Saímos daí bem impressionados, perguntando-nos, admirados: Seria mesmo um brasileiro, êsse homem? Não seria antes a imagem de um grande comerciante alemão, do gênero antigo, o símbolo vivo do “deve-haver”? Entretanto, que juízo fazem dele os seus patrícios? Sem mencionar o que se dizia por aí, que insultos publicavam os jornais a respeito dêsse homem, insultos êsses que feriam, em primeiro lugar, a sua honra de negociante? Todas essas invectivas partiam do partido político oposicionista. Tenham os acusadores razão ou não, para mim não se trata de caso pessoal, mas é possível considerar normal uma situação em que um negociante próspero passa aos olhos dos seus semelhantes (sem prejuízo do seu crédito) como um trapacciro político e em que um chefe político (sem prejuízo de sua influência) passa por negociante indigno da confiança geral?!

Fizemos um passeio matinal, que nos conduziu à igreja, situada num largo, de onde se descortina bela vista sôbre o sinuoso rio Paraguai. É um edificio com telhado de tijolo. Ainda estavam em vias de colocar uma espécie de torre que não ia muito bem com o todo da igreja. Os sinos tinham sido guardados provisoriamente num barracão de madeira, de dois pavimentos, ali junto. Quando penetramos pelo portal, ainda conseguimos testemunhar a cena de um batisado, que terminou, aliás, em menos de um minuto. Um padre alto e barbado chamava a atenção pela rapidez com que fazia as coisas. Êle derramou sôbre o pequeno ser de côr preta um pires cheio de água benta. O sacristão, postado atrás dele, era um negro descalço, comprido como uma árvore, vestido de branco, tendo as calças um tanto curtas.

Os homens usavam todos cartola e vestiam de preto. Perto do altar achavam-se reunidas muitas senhoras e moças, todas em trajés modernos e bonitos. Nesse momento notamos a presença de, apenas, dois tipos de chapéus de palha, um com fitas côr de rosa e outro com

fitas azul-celestes e flores. Terão sido adquiridos na mesma casa importadora? Nós despertávamos muita atenção, os leques trabalhavam como pequenas máquinas de fábrica. Um velho militar, de roupa verde-escura e pesada espada, passou por nós, cumprimentando amavelmente, depois do que se dirigiu ao padre com quem trocou algumas palavras. Imediatamente êste safu na frente, em direção ao altar, perto do qual pendia uma cortina avermelhada, que afastou apressadamente, lançando-se sôbre uma cadeira, ao passo que o velho militar cautelosamente ajoelhava diante dele. A confissão acabou depressa também. O negro sacristão já vinha com os paramentos e a missa começou. A banda militar colocou-se num pavimento mais alto, de modo que ficava por cima de nós. Tocou-se, em primeiro lugar, "Voga, voga, barquinho, pela maré suave e ondulante", seguiu-se um "potpourri", marcha militar e algumas melodias de óperas, e, neste momento, o sacristão correu para fóra do recinto, ouviu-se um só impetuoso no grande tambor, acompanhado pelos sinos lá fóra... A estranha impressão produzida em nós por tal música numa Igreja, era, todavia, de efeito edificante sôbre a comunidade ali reunida. O belo é relativo, também o é a bondade sôbre a terra, mas que é mais relativo do que ambas estas coisas aqui reunidas na piedade cristã? Perturbava, outrossim, a nossa vista um cachorro que focinhava aqui e ali, entre as filas dos devotos, bem assim um bôde enfeitado de azul e amarelo a passear no interior da Igreja... Entre os presentes ninguém estranhava e isso impedia a nossa hilaridade. Lembro-me de um officio divino numa capelinha de uma das ilhas Tonga: um grande cão vinha entrando, mas os presentes tiveram um movimento de estranheza. O cachorro procurava o dono, que, naquele momento, estava cantando com toda a alma, aproximou-se dele, fazendo-lhe carfeias no rosto com o rabo. Imediatamente o punho forte do aborígene caíu-lhe sôbre o lombo, enquanto o canto se acentuava pela cólera, pois nem por um instante o interrompera. O animal, porém, corria para fóra aos ladridos. Naquela ocasião ri-me bastante e ainda me rio hoje quando me lembro.

Passamos a noite ainda a bordo do "Rápido", torturados como nunca pelos mosquitos. Hoje cedo passamos para um pequeno vapor de rodas, de quasi 30 ms. de comprimento, o "Coxipó" (nome do pequeno rio onde os paulistas acharam o primeiro ouro). Creio que navios de maior calado e de escalas mais longas não poderiam navegar o rio Cuiabá. São passadas mais de duas horas da nossa partida (às 7 e 30 hs.) e ainda divisamos a cidade, pois o rio é de tal maneira sinuoso que podíamos vê-la a cada instante, ora à esquerda, ora à direita, ora pela frente. Em ambas as margens o terreno é plano, pastagens da altura de um

homem guarnecem as mesmas. E' bem facil imaginar como o rio transborda nesta região. A altura da água, nesta época, é relativamente elevada, contudo notam-se em certas árvores de 1,50 ms. a 2 ms., que se acham acima do nível actual e pela mancha esbranquiçada no tronco, as marés anteriores. Achamo-nos no meio dos Lagos Xaráies, dos descobridores. Este lago, tomado como tal por engano, resulta na realidade do terreno carregado pelo transbordamento do rio, desde a foz do Jaurú ao Fecho dos Morros, cuja extensão de norte a sul é de 600 kms., adquirindo em certos pontos uma largura de 250 kms.

À noite, a paisagem tornou-se extraordinariamente bonita: Apareceram contornos de colinas diante das margens cobertas de floresta impenetrável. Passamos o "Castelo", que é uma rocha arruinada de ambas as partes pela passagem do rio, de modo que tomou assim a forma de um castelo, muito pitoresco, todo coberto de verde, e inclinado para a água.

27 de março.

A léste vê-se uma alta cadeia de montanhas, é a Serra dos Dourados. Paramos numa pequena colônia. As montanhas são escalvadas. Em cima, a rala vegetação ainda chega a dar uma côr esverdeada à pedra pardacenta e em baixo são as montanhas envolvidas por uma faixa escura de florestas. A baixada alarga-se, a miude, em imensas campinas que rápidamente desaparecem aos nossos olhos. As montanhas estendem-se na direção da foz do rio S. Lourenço; antes do almoço já entrávamos nessa foz. O rio nasce a 120 kms. ENE de Cuiabá; após ter recebido os rios Piquiri e Cuiabá, possui uma largura de 200 metros. E' através do S. Lourenço que chegaremos ao rio Cuiabá, em cujas margens está situada a cidade do mesmo nome e que é o nosso ponto de chegada.

O arvoredo desdobra-se, pouco a pouco, em toda sua opulência. Massas de folhagens sobem em trepadeiras verde-claro até às copas e dependuram-se até em baixo como vigorosas velas, formando altos e redondos caramanchões. Por toda a parte raízes enormes e lisas, de côr cinza, finas ou grossas como braços, parecem amarras de navio a que estivessem presas enxárcias vindas lá do alto, desaparecendo no matagal florido ou enroscando-se nos troncos. O que se torna de surpreendente efeito é que ali nunca se vê o rio diante de si como uma estrada comprida, pois a cada meio ou um quilômetro há sempre uma volta a dar, aparecendo então sempre uma nova paisagem maravilhosa. Os pássaros levantam-se em vôo, sendo o mais elegante a garça esbelta e

branca de neve, formando contraste com a côr da espessa mata, onde não existe uma linha reta, nem se nota, ao mesmo tempo, formações de contornos regulares. Frequentemente, o nosso conhecido “maçarico”, de côres tão brilhantes, é chamado por aqui de Martim-pescador. O biguá, nosso mergulhão, é visto, habitualmente, nos ramos das árvores com muitos companheiros, estirando, curiosamente, o comprido pescoco, ou vem à tona, após mergulhar, correndo de passinhos rentes à superfície.

A vida a bordo do “vaporzinho” é confortável. Em baixo existe um salão e um camarote para as senhoras, o local das máquinas, a cozinha, as entrecobertas (1) e uma vaca. Em cima, no sentido inverso, há um galinheiro, o leme, uma parte livre onde se fazem as refeições, o camarote do capitão, outro para 4 passageiros e atrás da privada um lavatório e um espelho. Em toda a volta, cadeiras.

O programa quotidiano é muito simples. Todos acordam ao nascer do dia. Os bancos ainda estão cobertos pelas camas colocadas em cima deles. Quem possui rede fica no centro do navio, sendo que algumas dessas chamadas redes de dormir são invulgarmente bonitas com os desenhos multicores, predominando a côr alaranjada e o escarlate vivo. Serve-se café ou chá e conhaque. Aqui e ali um nativo raspa o seu guaraná. Em baixo, no salão onde o calor das máquinas penetra, fica muito quente já pela manhã. Conseguí uma mesa de abrir e fechar, afim de poder escrever. Essa mesa costuma servir durante as refeições aos pilotos.

Às 10 horas é servido o almoço: Sopa, puchero (cozido de carne de vaca com repolho e batatas), excelente pirão (é a farinha cozida com caldo), dois pratos de carne; também se serve, em substituição ao primeiro, o apreciado bacalháu. Compota, doces e queijo de Edam. Vinho tinto à vontade (aqui era tragável) e café. Às 3 e 30 hs. uma xícara de café. Às 5 hs. temos um prato a mais do que no almoço, depois ainda um cálice de Cherry ou Porto. Os intervalos entre as refeições são preenchidos com a sêsta e o jogo de baralho. Às 7 e 30 hs., começa-se a armar as redes. O centro do navio é trancado por meio de uma das velas, afim de que a luz excessiva não perturbe a vista do piloto, de modo que se produz logo calor horrível — suor infernal e comichão da pele em consequência. Mas que importa: os mosquitos não desapareceram desde que saímos de Corumbá? A tortura daqui é proveniente, porém, de uma bonita mosca de cavalo, de cabeça verde e riscas amarelas, um

1) N. da T. — Entrecoberta é tradução de “Zwischendeck”, o mesmo que dizer 3.ª classe de vapor.

pouco maior do que a mosca comum, cuja picada provoca pequenas erupções.

Temos muita gente a bordo. Algumas senhoras, entre as quais uma preta, ex-escrava, a companheira de mesa de Wilhelm, que ao desejar qualquer coisa lhe toca, bem suavemente, nas costas. As senhoras só permanecem no convés durante as refeições. Dessa maneira reina conversação alegre e sempre à vontade. Depois do almoço de hoje houve uma reunião agitada com gritos, pulos, batidas de pé, enorme barulho em que se decidiu que aqueles que faziam essa viagem pela primeira vez deviam pagar, cada um em separado, uma garrafa de cerveja. Quando jogam as cartas, mantêm-se quietos. Como espectador, fica-se cansado de olhá-los, o que acontece quando não se conhece o jogo. Portanto, preferimos dar mais atenção à paisagem marginal que se desenrola regularmente aos nossos olhos. De repente, há um tumulto, todos se erguem das cadeiras em meio de conversas e gesticulações, todos se preparam para socorrer alguém e, logo depois, um riso geral, o redemoinho passa, as cadeiras voltam aos seus lugares e as cartas são manejadas como dantes, ninguém mais fala, pode-se até adormecer, tal é o silêncio.

Entre as redes, à noite, há um côro e sólos. A jovialidade continúa até ser sorvida a última chávena de chá, e imediatamente depois apaga-se a lanterna.

28 de março.

Durante a noite paramos por meia hora numa grande fazenda. O dono da mesma possui uma criação de perto de 150.000 cabeças. Cêrca das cinco horas penetramos no rio Cuiabá. Quasi não se compreende por que devemos ainda viajar depois de amanhã, após o almoço, para chegarmos ao nosso destino. E' que a corrente é bastante forte e as circunstâncias desfavoráveis são inúmeras. Até a capital são 470 kms.

A largura do rio comporta 4 e meio a 5 vêzes a largura do vapor (que é de quasi 6ms.), portanto, no máximo 30 ms., justamente o comprimento do vapor. Vê-se agora como êste é, relativamente, grande. Em certos cantos êle corre como um pesado ônibus na rua. A vegetação continúa sempre encantadora. Aliás, percebe-se facilmente como é estreita a faixa de vegetação que acompanha o rio. As regiões inundáveis são aquí mais frequentes e em maior extensão do que no rio São Lourenço. O capim aparece no fundo da água, quasi tudo é pântano, embora os altos colmos das árvores nos dêem a falsa aparência de bonita campina. A mata ergue-se por toda a parte diretamente da água. Os eternos as-

pectos dessa vegetação inesgotável em formas decorativas e variadas embriagam-nos simplesmente. Apenas, passam depressa demais. Tudo é verde, mas que gradações ! Desde a tenra e delicada trepadeira a brilhar sob a luz do sol, até a folhagem verde-azulada de algumas árvores, enquanto em outras aparece uma tonalidade parda ou acinzentada em inúmeras variações. De vez em quando — flores — são campânhas roxas e flores amarelas de efeito encantador, como discreto ramo primaveril aos pés de uma tapeçaria escura e luxuriante. O entusiasmo que nos desperta o quadro de Ferd. Keller “Humboldt no Orinoco” não decorre apenas do domínio que a rica imaginação do pintor exerce sobre nós, sua arte desperta mais ; ela parece ter arrancado da natureza o próprio segredo do gênio creador em toda a sua liberdade e força, fornecendo-nos harmonia e exuberância grandiosa e selvagem. Ah ! si o leitor pudesse chegar até aqui para entusiasmar-se e regalar a alma nestas paragens !

Estas notas que refletem as minhas impressões diárias são escritas antes de me deitar. Elas me transportam despercebidamente para os braços de Morfeu. Ontem à noite, por causa delas, lembrei o seguinte : Enquanto a rede balançava suavemente e nenhum mosquito perturbava a tranquilidade da noite e eu era embalado pelo melodioso murmúrio das águas, a admirável paisagem do dia que findára passou, como que transfigurada, diante de minha vista, num efeito de pintura sobre vidro, variando infinitamente e com surpreendente nitidez. E pensei : Tudo isso são os trópicos, os verdadeiros trópicos, palpáveis e reais com que nós, os filhos do norte, sonhamos. Era o puro prazer da beleza, da côr, da forma ! Nada de insetos torturantes, nada de caminhos tortuosos através de confusa vegetação. Contudo não era uma sensação de prazer definida e generalizada, conforme se experimenta no verdadeiro sonho e sim uma percepção consciente, que somente pouco a pouco enredava o espírito e o atordoava.

Deixemos as nossas divagações e sejamos mais práticos. Que abismo existe entre a poesia e a realidade — é como a diferença da satisfação experimentada pelo menino de aldeia ao encontrar oportunidade para assistir à “feéric” no teatro da Côte e o músico que, morto de fome, assiste à 150.^a representação. O que nos fascina é o que vemos, uma ou mais vêzes, como turistas, porquanto só à idéia de viver aqui já sentimos horror. Com efeito, as colônias humanas, ou melhor, inhumanas, estabelecidas por estes lugares são raras e podem-se contar a dedo (isto em todo o sentido da expressão). O esforçado músico, a que aludimos, mora num quartinho de aluguel, come as suas sanduíches sem manteiga e sen-

ta-se durante o inverno diante de um fogão frio ; ainda assim é um feliz-zardo, comparado com o miserável colono do pântano, a quem não faltam a carne e o peixe e tem n'os até em abundância, cujos filhos não precisam de roupa, êle próprio e sua mulher de muito pouca, mas a água permanece a metade do ano em seu rancho, gerando inúmera bicharia, de modo a fazer tremer de febre toda a sua família, com a mesma regularidade com que o necessitado discípulo de um dos nossos cursos bate os dentes durante todo o inverno.



Inundação

Passamos pela ilha “Bananal”, antiga plantação dos jesuítas. As bananeiras abandonadas cobrem longa extensão. Os colonos de hoje vêm de muito longe em suas cancas para colher frutas. Desde que saímos de Assunção, vimos hoje, pela primeira vez, um jacaré (1) ; durante o período sêco êles abundam na margem. Surpreendeu-nos muito uma lontra que atravessou o rio a nado. Por nossa vez, chegamos a assustar alguns veados. Um macaco pulava por entre os galhos. Foi tudo que vimos em matéria de quadrúpedes. Do reino dos alados : papagaios, galináceos (tehabás) e tucanos. Costumam contar às crianças que êsses engraçados tucanos, que parecem voar atrás dos próprios bicos, à noite se recolhem dentro dos mesmos.

1) N. da T. — O autor emprega a expressão “Alligator”.

À tarde paramos alguns minutos num rancho próximo e pulamos para terra. Assaltamos rapidamente uma goiabeira. Diante da casa achava-se estrumando um rebanho. O calor era asfixiante. Zunia um enxame de moscas. Um monstro esquelético de velho cão arregalava os olhos vermelhos para nós como a personificação de toda essa vida miserável. Mais adiante a impressão não se atenuava à vista de uma cruz erguida sôbre uma cova alí mesmo improvisada, tendo uma fita amarrada, que esvoaçava. O sólo tinha, talvez, a altura de um dedo sôbre o nível da água — sem dúvida o que ainda restava do cadáver

À noite contaram-se anedotas à Boccaccio — só para homens. Embora eu escutasse religiosamente, escapavam-me as malícias. As personagens principais das histórias eram, naturalmente, padres e casais. Mas, às 9 hs. da noite sobreveio uma tempestade que purificou os ares . . .

29 de março.

Algumas casas no caminho, “Cercado”, a maior delas, tem na sua frente 3 janelas; 1 cavalo, 1 par de bois e 3 homens. Numa espécie de cavalete estava estirada uma pele nova de jaguar. Mais adiante uma pequena plantação de cana de açúcar. Continuando, aparecia sempre a cada dois quilômetros um rancho. Num deles a água flutuava debaixo da rede de dormir. Próximo dalí via-se uma pequena casa melancolicamente mergulhada até o telhado, junto a algumas estacas do charco. Às duas horas da tarde vimos Uaucurituba, uma ilha de 16 kms. de extensão. O braço do nosso rio não tem a princípio mais do que duas vêzes a largura do vapor e em alguns pontos se estreita ainda mais. A natureza modifica-se bastante aquí. Imagine-se um grande cemitério abandonado, coberto de mata tropical, muitas covas, monumentos e capelinhas que se deixaram cobrir com uma impenetrável colcha de vegetação, de modo a só deixar adivinhar os contornos mais grosseiros. As anêmonas com a sua côr lutuosa espalham-se alí fartamente, poucas árvores altas se erguem dignamente sôbre aqueles cáos . . . Alí está o quadro mais ou menos . . .

As margens tornam-se simples, vêem-se campinas e em volta do horizonte pequenas faixas de florestas; em tudo isso passeiam galináceos de penas compridas e mergulhadores — em uma palavra, é a Holanda. São boas as terras, mas a paisagem é desinteressante. Só as nuvens são bonitas; elas formam tórres e esferas semelhantes a altos cúmulos iluminados de um branco prateado. Vêem-se aquí e alí uma canoa de pescador. Uma delas nos evita e dirige-se para a margem, o passageiro

da mesma tem entre as mãos arco e flecha. Nas proximidades está um "tchahá" num arbusto, pensávamos que o homem atiraria nele, o que não se verificou.

À noite fizemos parada numa vivenda. Dá gôsto ver a limpeza e a ordem da mesma. A casa é coberta de tijolos vermelhos, os contornos das janelas são alegremente pintados de côr.

30 de março.

Noite fresca. Quanto mais nos aproximamos do Equador, mais esfria o ar e as regiões tornam-se menos tropicais ; quanto mais subimos o rio mais êle se alarga (cêrca de 45 ms., a côr é de um amarelo sujo).

A colonização aumenta aquí, deve haver portanto mais prosperidade. Muita ramagem e poucas árvores. Notam-se barrancos de 2 a 3 ms. de altura, de uma arcia amarela e cinzenta. De vez em quando é uma simples praia amarela e lisa que aparece. Nas proximidades das casas há sempre cana de açúcar.

São 8 horas. Estamos em Santo Antônio, distante 30 kms. de Cuiabá, que possui 5.000 habitantes. A pequena cidade acha-se situada no interior do sertão. Paramos perto de uma refinação de açúcar. O Presidente da Província costuma mandar buscar a sua correspondência por um correio. Por nossa vez também recebemos um bilhete do ajudante Barbosa, pedindo ao capitão que faça o favor de "conduzir os 3 engenheiros alemães para a casa do senhor Pascoal, onde encontrariam todas as comodidades". É um bom comêço. Todos os passageiros estão muito ocupados em cobrir-se de roupas novas, pois é domingo. Cuiabá está à vista. É com certa emoção que o nosso olhar se dirige para aquele lugar, onde tanta coisa importante se deve decidir para nós. Entretanto, poucas casas se mostram no barranco. No porto há um bote, algumas canoas e um barco côr de rosa. Debaixo de uma grande árvore está reunido pequeno grupo, imóvel, como si fosse tirar fotografia. O desembarque verifica-se lentamente. Os 20 passageiros constituem verdadeira exceção. Nós três seguimos para terra num bote muito carregado de bagagens. Alí os nossos volumes são distribuídos em duas carroças, cujos cocheiros obrigam a Clauss explicar-lhes e fazer-lhes demonstrações do manejo de sua espingarda Vetterlin. Com as nossas armas nos ombros, êles partem à frente, seguindo a rua irregular dêsse porto, calçada de blocos de quartzo. Em todas as janelas há gente olhando para fóra, de caras alegres como que a rejubilar-se pelo descanso semanal. Todos nos cumprimentam, e nós respondemos muito cordialmente a êsses cumprimentos. Ah! a nossa curiosidade é bem maior que a deles!

Generalidades sobre Cuiabá



A idílica cidadezinha residencial de Cuiabá, no interior do sertão, conservou-nos como seus hóspedes quasi dois meses.

Si algumas línguas más supõem que os cidadãos cuiabancos são dotados de certa indolência e mesquinhez, cuja consequência é diminuir as vantagens que sua Província oferece na atração de estrangeiros empreendedores, acredito que êsses defeitos não emanam dos seus antepassados. Os homens que, no início do século anterior, penetraram neste confim de mundo, eram audazes aventureiros, que se entregaram ao mais cruel dos meios de vida — a caça ao homem. Mas si considerarmos a época em que viveram e a sua história, diremos, talvez admirados: Ah! si pudéssemos ter hoje aquela força indômita, aquele des-temor em desprezar a superioridade numérica do inimigo e as ameaças da fome e das doenças (o que era peor), com que se salientou a altiva geração paulista, poderíamos em troca renunciar a muita coisa da nossa brilhante civilização! Si se estuda amplamente, em livros e em mapas, as rotas que seguiram, calculando as enormes distâncias que atravessaram, sem possuir sequer a noção do destino que tomavam através de florestas virgens e de desertos, não se conseguirá evitar o sentimento de inveja. Foi a sorte que protege os ousados, como diz o otimista, ou, conforme se exprime o pessimista, a sina que arrasta o louco na vertigem alucinante de suas paixões, que atirou ouro nas mãos dêsses homens temerários, à procura de escravos! Ouro às mancheias, que só precisavam apanhar. Passeando-se pelas redondezas de Cuiabá, ainda se encontra, por toda parte, os vestígios de uma atividade febril. O sólo é tão revolvido que se pode pensar que toda superfície do areal sôbre o qual se ergue a cidade, tenha passado por uma peneira. Mais tarde as coisas se modificaram. Sem o capital europeu, os tesouros allí existentes permanecem inexplorados. Diante da grandeza antiga, é interessante ver-se ainda hoje, depois de uma forte pancada de chuva, as crianças ou negras velhas que se dirigem à praça situada diante da Igreja prin-

cipal, à procura de grãozinhos de ouro, embora o que encontram não lhes pague nem o tempo perdido nem o trabalho. Com um caçador aconteceu coisa mais romântica — os grãozinhos de ouro chegaram-lhe às mãos através do bucho das perdizes.

Lembramos o velho provérbio americano : Quem encontra uma mina de ouro é um homem pobre, mas quem encontra uma mina de chumbo é um homem rico. Apesar do ouro da terra e dos diamantes nos rios, o matogrossense é pobre, falta-lhe a necessária mão de obra, assim como a suficiente disposição para o trabalho. Pensa êle que basta possuir uma estrada de ferro para que se obtenha tudo o mais. Todavia reflita-se quantas outras regiões desse vasto império, não menos dotadas de riquezas naturais, aguardam os modernos meios de comunicação ! A oportunidade destas, porém, virá certamente em primeiro lugar, porque as dificuldades e os custos são menores e, mais tarde, quando a locomotiva ligar a região das nascentes do Paraguai com a costa, essas regiões hão de fruir a vantagem de sua privilegiada situação. As perspectivas do homem cuiabano são muito peores do que êle mesmo pensa . . . Não se habita impunemente o centro de semelhante continente.

Interessa-lhe, em primeiro lugar, oferecer condições favoráveis para atrair, em grande escala, a imigração e colonos estrangeiros, mas ficar aguardando, como faz, insatisfeito e inativo, que venha a estrada de ferro, deixar os políticos devorarem o dinheiro do estado, dirigir a sua vista para as minas em vez de tratar de criação e de lavoura, enfim procurar os caminhos mais facéis para viver, tudo isso não lhe trará o progresso. Verifica-se, entretanto, um sintoma que desperta certa confiança : O ponto de vista aquí exposto sôbre as condições da Província é partilhado e vivamente defendido por muitos dos seus habitantes, não se tratando, portanto, de opinião isolada do estrangeiro que passa pelo lugar. Ao contrário, o visitante acha a coisa muito melhor do que se prometia a si mesmo, e é surpreendido pelo aspecto convidativo da pequena residência que o aguarda. Que esperava o visitante ? Uma aldeia de índios no sertão, algumas construções públicas, algumas casas melhores, pertencentes aos dignitários e pessoas notáveis, e o resto ranchos de palha. Mas a cidade tem uma história muito longa para já não ter atingido êsse grau de relativo desenvolvimento.

Cuiabá foi fundada em 1718 por Pascoal Moreira Cabral de Leme, descendente da família de Pedro Álvares Cabral que, numa bela tarde de terça-feira de Páscoa, graças a uma corrente favorável do mar, tornou-se o descobridor do Brasil. O nome Pascoal, dado ao primeiro

monte avistado, parece que trouxe sorte, também, às gerações posteriores. Em 1726 este novo lugarejo foi oficialmente elevado a "Vila Real do Senhor Bom Jesús de Cuiabá". O brasão escolhido naquela época consta de uma série de linhas cônicas, em cujo ápice está uma árvore redonda coberta de folhagens, com flores douradas. O tributo do nobre metal foi pago duramente, pois os primeiros que aí chegaram sofreram necessidades horrosas, o que constituía consequência natural da má administração, sob as chicanas de um governo ganancioso e sob os ataques dos índios. Uma flotilha de 660 homens foi, em 1725, completamente destruída pelos paiaguás, exceto um homem que escapou à matança. A cidade principal do território das minas que, nos meados do século XVIII, foi feita capitania independente e residência do governador, era Mato Grosso no rio Guaperé, que inicialmente se chamou Vila Bela. Mato Grosso e Cuiabá foram elevadas, em 1818, à categoria de cidades. Um recenseamento de 1817 teve o resultado seguinte: Habitantes do distrito de Cuiabá — 1.109 homens livres e 982 escravos, total: 2.091 almas. Quasi ao mesmo tempo, em 1816, a cidade de Mato Grosso contava 3.347 homens livres e 2.475 escravos, total 5.822, portanto mais do dobro do que a primeira. Contudo, o clima insalubre que provocou ali muitos casos de febre palustre, obriga o governo, em 1820, a transferir a sua sede para Cuiabá. Em 1833 veio para Cuiabá o primeiro bispo, afim de ocupar a diocese criada pela bula de Leão XII. Em 1835, Cuiabá foi feita capital da Província.

A cidade nunca teve que sofrer consequências da guerra, mas, mesmo assim, em 1801, enviou numerosos reforços e auxílios para Coimbra, que se achava assediada pelos espanhóis. O ano de 1834 é que macula, tristemente, a sua crônica. Os portugueses, que eram odiados, foram expulsos em virtude de uma revolta popular e 30 deles foram vítimas do furor da plebe. Na sangrenta guerra com o Paraguai, o comércio e a prosperidade decaíram naturalmente, embora alguns, que mantinham comunicações com o Rio, através de caravanas, tivessem feito consideráveis fortunas.

Entrementes a cidade de Mato Grosso ficou arruinada; o número de seus habitantes é agora menor do que o de Cuiabá em 1817. Esta última, entretanto, apesar de ter sido vítima de uma epidemia de varíola em 1867, consequente à guerra, desenvolveu-se bastante no correr do século. A própria cidade é calculada em 13 a 14.000 habitantes. O recenseamento de 1872 registra um número mais elevado:

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Homens livres	8.000	6.528	14.528
Escravos	882	802	1.684
TOTAL	8.882	7.330	16.212

O recenseamento geral, datado de 1 de agosto de 1872, de um povo independente há 50 anos, é considerado muito falho, mas sendo o único que existe, serve de base para cálculos anteriores e posteriores.

Não deixa de ser interessante a distribuição dos habitantes, segundo a côr da pele, embora só se deva confiar nela de uma maneira geral, visto que a qualificação de “branco” não deve ser considerada como o n.º 24 da tabela Broca. Os “pardos” (isto é, os escuros) e os escuros acinzentados são o produto da mestiçagem geral e neles estão compreendidos todos os cruzamentos de qualquer grau entre brancos, pretos e amarelos. “Caboclos” são os cidadãos de origem puramente índia.

	BRANCOS	PARDOS	NEGROS	CABOCLOS	TOTAL	
H. Livres {	Homens	2.780	2.674	1.813	833	8.100
	Mulheres	2.058	2.499	1.149	822	6.528
Escravos {	Homens	—	347	535	—	882
	Mulheres	—	274	529	—	803
TOTAL	4.838	5.794	4.026	1.655	16.313	

Temos, portanto, 14.628 livres e 1.685 escravos. (As cifras não correspondem exactamente às acima referidas).

A cidade está situada a 15° 36' de latitude sul (1) e a 56° 1'46" de longitude oeste (Greenwich), sobre as faldas ondulantes, que se espalham num planalto crescente até o rio Cuiabá, numa distância média de 40 kms.. O seu comprimento é de cerca de 3 kms., numa largura que, em certos pontos, passa de 1 km. A parte denominada “Porto”, situada no rio, forma uma diocese, sob o nome de São Gonçalo de Pedro II.

1) Esta latitude foi obtida através de 9 observações: Melgaço dá o mesmo grau, Lacerda 15°35'59", Castelnau: 15°36'3". A longitude está de acôrdo com Castelnau.

Aquí se encontram o imponente arsenal de guerra, com um andar e de construção estilo portal, a detenção e o quartel do 8.º batalhão. Um barco faz a ligação com a margem direita, um único bote satisfaz as necessidades do movimento do porto. O capitão do nosso vapor não encontrou comprador para um bote, que trouxera para vender. Uma estrada larga leva ao Largo da Sé. Alí se vê a igreja principal, cuja construção começou em 1722. É um edifício simples, com fachada flanqueada por uma torre sòmente. Como sempre, a falta de dinheiro prejudica o aspecto da igreja, tendo sido o seu interior restaurado há pouco. Diante da matriz, vê-se uma cruz de madeira muito alta, ao lado algumas figueiras. No mesmo local, encontram-se o quartel do 21.º batalhão e ainda algumas lojas, assim como duas farmácias, sendo que uma delas se distingue da outra porque possui um 1.º andar, que é a séde da união "Terpsicore". Passando a Cathedral, chega-se a uma bonita praça provida de bancos, canteiros floridos e árvores novas. Aquí se tem a impressão de uma linda cidade balneária alemã, numa tarde de domingo, quando toca a banda militar: Um prédio semelhante a um estabelecimento de banhos, alegremente pintado de azul, constituído de um só pavimento e dominado por algumas palmeiras imperiais, cujas amplas frondes tomam todo um lado do jardim, abriga ao mesmo tempo a residência do Barão Diamantino, o Palácio (paço) do Presidente, o Comando das Armas e o Tesouro da Província.

Ainda existem 4 pequenas igrejas (as da Boa Morte, do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora do Bom Despacho). Elas se acham situadas tão alto que oferecem vista encantadora sôbre os contornos apagados das montanhas, ao longe, estando a cidadezinha iluminada pelo sol, mas em certas partes sombreada por um verdor perfumado e de efeito ornamental.

Cuiabá não possui nenhum edifício de valor arquitetônico. Acrescentamos ao que já citamos o paço episcopal e a "Santa Casa de Misericórdia" que é o hospital da cidade.

Uma grande aquisição dos últimos tempos é o encanamento da água, pois o modesto regato "Córrego da Praínha" não satisfazia nem de longe às necessidades. Seria obra de arte? Quem teria inspirado essa obra, quem a teria realizado? A quem deveria ser atribuída? Sabia-se, apenas, que o eminente geógrafo e várias vezes presidente, Barão de Melgaço, teve uma rua com o seu nome. Em nenhuma parte vê-se imagem de santo ou figura de pedra. No portão do cemitério há um baixo relêvo, onde se vê um bando prazenteiro de almas expostas às torturas do purgatório. Essa arte, embora nova, não perde a sua graça

heróica, pois no templo egeu os moribundos sorriem, aquí os pecadores ardem no purgatório e ainda riem. Fizeram também uma espécie de pequenina casa de estilo monumental que serve a uma fonte estagnada.

As casas são erigidas com tijolos de argila e cobertas de telhas e, apesar da sua discreção, parecem interessantes e asseadas, pois são frequentemente pintadas de novo, tendo as janelas e as portas o relevo de um contorno colorido. As paredes das habitações mais pobres consistem em simples massa argilosa que se espreme entre duas pranchas paralelas.

Como adultos e menores dormem nas redes, ganha-se muito espaço ; num instante a sala é transformada em dormitório. Ao lado dessa invenção do ameríndio que, às vêzes, é objeto de muito luxo e gôsto, também se encontram camas nas casas mais ricas, para o cidadão médio ; elas, porém, não são muito apreciadas, como a carruagem para o nosso pequeno provinciano.

Caminhando pelas ruas, quasi não se tem consciência de que se está vivendo nos trópicos. Êsse sólo de várias colinas, essa calçada perigosa, essas casas apertadas, essas confortáveis lanternas a óleo, que surgem das paredes, a liberdade patriarcal do bom gado, tudo é de tal modo cheio de indizível tranquilidade idílica, que se tem a impressão de perambular por um vilarejo da Turíngia. Nas ruas passeiam mais porcos do que cães e dêstes últimos se notam as mais variadas mestiçagens, aventureiras e misteriosas, de uma geração que se criou por si. As cabras pulam com habilidade sôbre a calçada. Toda povoação quadrúpede, que é um pequeno estado dentro do estado, conhece as entradas e as saídas. Pode-se admirá-la durante uma pancada inesperada de chuva. Imediatamente uma tropazinha entra correndo na respectiva porta da casa. À noite, o retardatário tropeça facilmente sôbre uma massa escura que lhe intercepta o caminho e que solta um grunhido de quem se vê perturbado — é uma vaca que acredita poder dormir tranquilamente, ali, no meio fio.

Uma paz campestre reinava, principalmente, na ampla rua que dava para o porto e na qual morávamos. Quem passava por essas ruas ? Mulheres com vestidos de côres berrantes, oferecendo peixes, frutas ou rapaduras, balas (bonbons) grosseiras do tamanho de um tijolo. Uma mocinha vendia cigarros pretos, embrulhados em palha de milho, uma outra oferecia bebidas refrescantes em garrafas de cerveja ou de vinho — todas tinham os braços pendentes, pois a mercadoria, ainda que fosse um limão, era carregada sôbre a cabeça. Alguns garotos chupam roletes de cana, um velho negro, surpreendido falando anima-

damente consigo mesmo, ou o bobo Totó, de cartola enterrada e fita berrante na lapela, as roupas em estado miserável, que segue acompanhado da juventude esperançosa. Aquí e ali alguns soldados. Um coletor de igreja, de cabeça descoberta, mas que se identifica pela roupa côr de cereja e mangas pretas . . . uma velha horrenda que carrega um santo, enrolado no lenço de assoar, permite que se beije o mesmo mediante o pagamento de uma moeda. De longe chega aos nossos ouvidos o canto das rodas, cada vez mais forte, de uma carrota de 6 ou 8 bois, carregada de madeiras, canto êsse muitas vêzes até melodioso, produzido pelas gigantes rodas sonoras e meio quadradas, capazes de dominar todos os acidentes do terreno. Passa por nós um cavaleiro montado,



Uma rua de Cuiabá

de calças brancas, paletó preto comprido, chapéu alto também preto, um chapéu de chuva que presta serviços com sol e chuva e cumprimenta-nos: "Como passou, Senhor Doutor?"

No largo da igreja vêem-se, à sombra das figueiras, algumas mulas ou alguns bois mansos, carregados, que pertencem a uma fazenda. O comércio nas lojas, feito sem ruído e sem pressa, é constituído de grandes depósitos de artigos importados, como conservas, artigos de ferro, de limpeza, manufatura e brinquedos e tudo que se relaciona com as necessidades domésticas. As novidades do dia são discutidas pelos

senhores na farmácia da esquina, onde se cumprimentam, páram para conversar ou passam rapidamente. Os fregueses também se sentam diante da porta.

Apenas um acontecimento perturba essa serenidade. E' que todo mês a voz do século XIX ressoa no rio Cuiabá . . . Um tiro de canhão e a corneta do quartel anunciam a presença do vapor, ancorado no porto. Todos correm para o correio e em pouco tempo os que conhecem a leitura e a escrita se acham reunidos para a chamada. Que é que se tem passado nestas últimas 4 semanas? Há guerra na Europa? Europa! Quem se importa com as "Províncias" da Europa? A indubitável ausência de interêsse por parte do cidadão europeu diante do homem cuiabano é o resultado do desinterêsse deste por aquele. Mas, que novidades há pela Côrte? (o que é o mesmo que perguntar o que se passa no Rio de Janeiro). Quem morreu? O deputado disse toda a verdade ao Govérno? Que impressão causou a nossa resposta contra o miserável N. N. que disse ser Mato Grosso uma caverna de ladrões e a quem demonstramos ser êle mesmo um refinado gatuno? O vapor permanece menos de 24 horas. . . Por isso as penas voam sôbre o papel, trabalha-se até altas horas da noite, alguns amigos são acompanhados para bordo e respira-se melhor quando a irrequieta máquina se põe de novo em movimento. Em 12 vêzes por ano, 24 horas são de atividade esforçada — graças a Deus que o resto do tempo dá para descansar.

"Inspidez" é do que se queixam habitualmente os imigrados de outras províncias, pertencentes a categoria mais elevada. O natural do lugar não se compenetra muito dessas impressões alheias e tem a sua maneira de gozar a vida. Não é possível que haja uma outra cidade no mundo onde se toque mais música, se danse mais, se jogue mais baralho do que aquí . . . E' impossível, também, que em algum lugar se alteiem mais frequentemente os estandartes da procissão e se saiba associar melhor as missas com os prazeres sociais.

A natureza do cuiabano que, com o longo retraimento, ficou adormecida e mutilada, carece de espírito empreendedor. Os habitantes fazem política e vivem das somas que o tesouro lhes fornece. Um cargo ou mesmo um cargozinho qualquer é objeto de toda ambição e toda especulação. Os partidos principais, isto é, os liberais e os conservadores defrontam-se como proprietários e não proprietários. Imagine-se o seguinte quadro, embora desagradável, mas sugestivo: Um bando de cães e gatos moram na mesma casa. Uma enorme gamela de carne lhes é servida ao meio-dia. Si os gatos conseguem apoderar-se dela, os cães

famintos ficam a ladrar, e quando são estes que a agarram, os gatos é que ficam, então, de lado, a lamber as patas.

As diferenças de princípio desses dois partidos parecem misteriosas e obscuras. As palavras liberal e conservador não são mais que palavras. A informação que se obtém refere-se, apenas, à personalidade do chefe. Si se insiste, ouvem-se esclarecimentos sôbre a origem desses partidos ou evitam mesmo as perguntas, afirmando que ainda poderia haver mais partidos. Esta última asserção parece verdadeira, pois, não sei bem, fala-se em republicanos monarquistas ou monarquistas republicanos.

Caíndo o ministério liberal, cáí o presidente, e quem está no degrau mais alto da escada, arrasta todos os outros por terra, até o último amanuense, enquanto a série impaciente dos conservadores se adianta triunfante, a gálgar ràpidamente o escalão . . .

O efeito dessas circunstâncias reinantes manifesta-se o mais agradavelmente possível na vida social. Na esperança da mudança de sorte, a gente se diverte, não tomando a sério as condições temporárias que só proporcionam facilidades aos homens de posição e de classe. A exclusividade e distância guardada pelos altos funcionários são desconhecidas aquí, embora tais distâncias, em certas condições especiais, sejam muito mais marcantes.

O presidente movimenta-se sem constrangimentos. Ele é, aliás, um pequeno rei em seu grande país e justamente isento das suas dignidades para poder perdoar as mínimas faltas de seus súbditos diversicolores. O estrangeiro sente-se alí mais como se estivesse numa república do que num império, e, ainda que alguém lhe pareça descontente, só pode louvar certo movimento que se está processando, em que êle, estrangeiro, receberá os maiores benefícios. Durante a conversação com um modesto conhecido, êste revela, por mero acaso, ocupar cargo importantíssimo, coisa que absolutamente não se lhe percebe à primeira vista. Enfim, é uma verdadeira confusão. Si hoje um negociante abre a bancarrota, amanhã poderá vir cumprimentá-lo na qualidade de inspector do tesouro do estado. Um official, que se meteu numa políticagem infeliz e foi demitido, abre no dia seguinte uma casa de bilhares, leciona piano e no meio da sociedade sente-se perfeitamente à vontade. O major N.N. esteve por duas vezes encerrado na fortaleza, por causa de desfalques consideráveis: é o que nos segreda no ouvido o nosso amável hospedeiro, a cujo convite estamos na casa de bilhares.

No trato com as pessoas faz-se invulgar esfôrço em tratá-las por seus títulos. A amabilidade que se demonstra está muito além do que a que revela a polida paciente de uma casa de saúde vienense, que se

dirige ao médico dizendo “Herr von Doktor”. O simples mortal que lá em casa se contenta com “Wohlgeboren”, tem o seu enderêço brasileiro sobrescritado com um “Ilustríssimo” ou “Excelentíssimo Senhor”; entretanto é de bom tom tratar-se uma pessoa a quem se acata muito, ainda que só receba o “Ilustríssimo Senhor”, por “Vossa Senhoria”, e onde se deveria dizer apenas “Vossa Senhoria”, gastar-se o “Vossa Excelência”. Qualquer senhora exige, durante a conversação, o tratamento de “Vossa Excelência”.

Apesar de toda a polidez e liberdade das relações sociais, aproveitam-se essas relações no interêsse do partido. Os conservadores têm as suas noites de reunião no Recreio Cuiabano, os liberais no “Terpsícore”. Algumas pessoas fazem parte, oficialmente, de ambas essas sociedades; contudo a separação é muito mais evidente em relação à política feminina. Com isso, a influência sobre as relações familiares é inevitável. Faz-se o possível para casar com mulher das mesmas convicções, sendo as excepções tão raras quanto a passagem para o outro partido por motivos comerciais.

As lutas partidárias desenvolvem-se fortemente na arena pública da imprensa. Lancemos um olhar para os jornais existentes ali no verão de 1884: “Província de Mato Grosso”, fundado em 1880, órgão do partido liberal, com subvenção do Govêrno, bem como “Situação”, 1867, órgão do partido conservador. Ambos eram os orientadores da opinião pública.

O “Organ der Sozialen Interessen” era redigido por um observador alemão, fundado em 1884, com a divisa “Ridendo castigat mores.” Como fiel esecudeiro do “Situação” vinha o “O éco de Cuiabá” (1884), tendo desaparecido, todavia, após dois anos e meio de circulação. Discretamente aparecia no fundo do cenário a “Brisa”, para defender “os interêsses gerais da Província”, que estava no seu primeiro ano de circulação. A vida do jornal imparcial “Atleta” iniciou-se, naquela época, sob muitas desculpas de que lhe falta, ao dono, a necessária capacidade de jornalista. Todos êsses jornais apareciam uma vez por semana, aos sabados. Não traziam em suas páginas mais do que política partidária, acontecimentos locais, notícias diversas, injúrias pessoais e poesia. Durante nossa permanência jamais vimos notícias que se referissem a outro continente, ou, pelo menos, relativas ao Paraguai. Mas a redação do “Província” sofreu modificações e foi, depois disso, confiada a um oficial ativo e culto em vários setores. A briga dos redatores, entre si, ocupava muito espaço. Com o clássico entono do orador de estilo elegante e retórico, o adversário audacioso era analisado, atacado e aniqui-

lado. Daí sobe um incenso tão forte de ilustração e um trabalho de pensamento tão profundamente filosófico, que o pobre do leitor é tomado de arrepios. Mas, em que consistem tais questões? São simplesmente ninharias e miuçalhas que — — (Goetz bate a janela (1)). Em toda parte notam-se os exageros bombásticos, como estes: “Todos os jornais da terra se preocuparam com o processo do General X”, é o que pensa a “Província”: Entrementes as relações mais cordiais unem a redação e os assinantes. Diz ela, por ex., que deseja aos ilustres recém-casados Joaquim Fulálio e Balbina Rosalina “futuro risonho e florido”; pelo jubileu do Agostinho “envia-lhe um apêrto de mão”; “roga aos céus pela existência por muitos anos prolongada da simpática Jacintinha, assim como uma fonte inesgotável de felicidade e ventura para ela”; comunica que Hermelinda, de doze anos de idade, que se acha num internato da Província do Rio Grande do Sul, alcançou o 2.º prêmio em seus últimos exames e cumprimenta o pai pela filha que promete. Os anúncios ocupam, relativamente, pouco espaço. Quem ainda duvida, porém, que as idéias modernas não penetraram até êste confim do mundo, deverá ler o seguinte anúncio do barbeiro Teobaldino Severino, que “oferece aos seus clientes um novo *atelier* para o exercício da profissão de barbeiro”. Declara ainda que vai cessar com todos os inconvenientes, até agora reinantes, em matéria de barbear. Assim, toda a vez que fizer uso da navalha, colocá-la-á primeiro na chama de alcool, afim de evitar o contágio dos “parasitos microscópicos do sistema bilioso” e bem assim empregará, para cada pessoa, novo sabão. Afim de darmos uma idéia das várias tendências de diferentes povos e épocas que se defrontavam nessa ocasião, citaremos ainda aquí uma ordem expedida pela poléia de Cuiabá, de então: “E’ proibido, nas ruas desta capital, o uso das seguintes armas: espingarda, carabina, pistola, revólver, espada, florete, punhal, navalha, faca de ponta, canivete grande, bengala de estóque, sovela e cacete”.

E’ altamente característica, sob todos os pontos de vista, a pequena história “da morte da figueira”: Em cálida noite de março, uma das figueiras agrestes, que existem no Largo da Igreja, foi abatida por mãos criminosas. E’ muito desagradável que êsse delito tenha sido praticado justamente em frente à guarda da poléia. O próprio chefe de poléia instaurou rigoroso inquérito a respeito. Verificou, então, que João Albino da Cruz, o guarda nessa ocasião, mais uma vez se deitara sôbre a calçada e havia adormecido. Dezesete testemunhas da vizi-

1) N. da T. — V. Goethe, “Goetz von Berlichingen”, 3.º ato.

nhança da séde occupada pela administração superior da polícia são ouvidas. Um barbeiro diz ter notado, dez minutos antes da queda da árvore, a presença do sr. Henrique e de um vulto parecido com o dr. Antônio. O chefe de polícia divulga os resultados do inquérito e explica que ambos êsses cavalheiros, pertencentes à melhor sociedade, se achavam envolvidos na suspeita do delicto. Repontam os protestos mais veementes dos acusados que vão, logo, ao jornal. Em primeiro lugar, é o advogado que, com polidez profissional, acaba com a lógica do honrado funcionário da polícia, mas o dr. Antônio é que o ataca de verdade, dizendo: "Vossa Senhoria está, sem dúvida, incapacitado para o alto cargo que occupa. Fraco de inteligência, zero em fôrça de vontade, pobre em conhecimentos, Vossa Senhoria nem percebeu o papel ridículo que o fizeram representar, isto é, de um boneco nas mãos de um artista de circo. Aí tem Vossa Senhoria o seu retrato." Lê-se ainda: "E' mais do que ridículo que a primeira autoridade da polícia da Província de Mato Grosso se preocupe com uma figueira silvestre. Si eu tivesse que dar opinião profissional concernente às faculdades mentais de V. S.^a, não trepidaria em recomendar-lhe boa acolhida no Rio de Janeiro, no esplêndido palácio da Praia da Saudade (o hospício)." Finalmente o sr. Henrique não escolhe expressões melhores e ainda acusa, entrementes, como cúmplice do chefe de polícia, um "assim chamado redator de um órgão político", afirmando que êste era simplesmente "a petrificação de um vômito". Além disso são distribuídos, na cidade, dois jornais de edição especial: Um deles, em papel encarnado, decanta em versos de glosa, estilo muito apreciado por alí, a impressão causada pela horrível desgraça da morte da figueira. A primeira estrofe diz:

Há seis dias ouve Cuiabá
 Os horríveis gritos de dor
 Da que tombou, abatida,
 A mando de Ali-Babá,
 E, desde a longínqua margem do Aricá
 Até às minas do Cabaçal
 Ecoaram os seus queixumes.
 Morreu gente em Poconé,
 Vacila a tôrre do Lava-Pé —
 Esta foi a morte da árvore.

Devia ter-se visto com que maliciosa alegria foi lida, por toda a parte, a pequenina folha vermelha.

Mas quem foi, afinal, o delinquente? E' o que ficou em segredo. O certo é que o sr. Henrique, pelo desaparecimento dessa frondosa árvore que quasi escondia a sua casa, tinha agora vista livre em direção à janela de uma jovem senhora. Também é certo que o dr. Antônio não era muito amigo do chefe de polícia. Ter-se-iam reunido o amor e a vingança numa brincadeira de mau gosto? Estaria a polícia com a razão, ela que fica com o sentido tão aguçado quando a irritam? Quem sabe? —

Nossa estada em Cuiabá



M Mato Grosso não havia organizações semelhantes a hotéis. Mas, a primeira pousada distanciava-se de Cuiabá, como o Palácio Imperial de Berlim do Cabo Norte. Um rico e avarento italiano, de nome Pascoal, que, apesar de sua demência senil, ainda entendia bem de cálculos, tomou-nos como seus pensionistas, oferecendo-nos dois amplos quartos. Um deles mal mobiliado no estilo de um café de reputação duvidosa, era o Salão — continha algumas mesinhas de mármore, cadeiras estragadas, castiçais mal prateados, e nas paredes, além de uma coleção de imagens coloridas que representavam a mitologia grega do amor, uma aquarela fabricada num só dia e que o dono da casa conservava heroicamente, porque o representava no seu próprio período de glória. Em frente à figura do dono da casa havia um espelho meio baço que, entretanto, refletia muito melhor a sua imagem do que a aquarela. O outro quarto, isto é, o dormitório, continha uma cama com mosquitoieiro, alguns ganchos para as redes de dormir, três cadeiras, uma bacia e uma garrafa com água. Desta enumeração nada ficou esquecido — era tudo que havia. A cama tinha bastante roupa, mas nunca a arrumaram enquanto ali estivemos, isto é, durante quasi dois meses. Sem contar a visita que nos faziam, ocasionalmente, um noitibó, um morego, alguns lagartos e as formigas, moravam conosco, constantemente, baratas de côr parda, notáveis pelo tamanho e quantidade, tão grandes e em tal número que nem no beliche de um navio a vela dos mares do sul eu as havia visto iguais. Os quartos tinham por teto as vigas cobertas de tijolos. Embora a casa fosse nova e de aspecto senhorial, vi-me obrigado, durante uma noite chuvosa, a fazer a minha correspondência, sob um guarda-chuva, dentro de casa, e, quando os galos já anunciavam a madrugada, ainda escrevia. Nossas roupas estragaram-se, irremediavelmente, formando o melhor substrato para culturas de bolor. Nossas malas, embora rigorosamente trancadas, eram vítimas de inúmeras baratas que nelas conseguiam penetrar apesar de tudo, multiplicando-se de maneira inconcebível,

causando-nos grande prejuízo. Pareciam preferir botar para fóra a naftalina espalhada na mala.

O lugar mais agradável e mais fresco, para nós, era a “varanda” que não consistia, apenas, numa coberta ramada, e sim em um aposento de chão de azulejo, que tomava todo o lado de trás da casa, e era claro e arejado pelas numerosas janelas. O espírito artístico de Pascoal fizera cobrir as paredes com frescos recém-pintados, contendo um mundo num espaço mínimo. Viam-se ali, por ex., os cumes de geleiras, de onde um regato, aumentando com rapidez, se lançava verticalmente para o vale de uma aldeia suíça, diminuindo, porém, de maneira brusca o seu curso ao chegar num jardim italiano da Renascença; o pequeno regato ainda encontra saída através de um portal de mármore, dirigindo-se às matas floridas, em cujo extremo há um lago azul, onde desemboca. Esse lago está recheado de vapores, de muitas e variadas bandeiras, tendo nas suas margens gente enfeitada que passeia ou pesca.

Pascoal viera a Mato Grosso, trazendo um órgão, instrumento que possuía um dispositivo especial para fazer dansar as mais engraçadas bonequinhas, enquanto Pascoal tocava e cantava ao mesmo tempo. Em Diamantino tivera sorte quando se achava em busca de ouro. Depois fóra a Cuiabá e ensinára aos cuiabanos o fabrico do pão. Apesar do uso da farinha, o seu pão foi bem recebido no lugar e, ainda que importasse toda a farinha necessária ao fabrico, a novidade rendia.

O velho ficava o dia inteirinho sentado no mesmo lugar, de onde dominava, com olhares de general, a cozinha, a varanda e uma janela da rua, fazendo reboar as suas ordens por toda a casa. Perto dele havia uma mesinha e sobre ela 20 cigarros, a sua própria renda e uma caixinha com quinquilharias. Estava sempre sem paletó, sem colete e sem meias. Dessa maneira, permanencia calma e pachorrentamente ali o tempo todo ou alimentava uma cólera surda, monologando para si mesmo, e, quando o mau humor não cedia, surrava uma negrinha que criava. À noite, si acontecia estar bem disposto, cantava em voz alta e meio sonolenta um “couplet” do seu tempo de artista. Era surdo como uma porta e possuía uma linguagem especial, mista de português e italiano, salpicada de algumas migalhas gregas. Seu cavalo de batalha era o levante em que participara, quando moço. De vez em quando, vinha êle, de chinelos, as pernas entesadas, segurando as calças com ambas as mãos a contar-nos, com exclamações de admiração, ao mesmo tempo que estalava um beijo nas pontas dos dedos, o esplendor da velha Atenas na época de Aristides e exclamava: “Oh! que belo homem!” Isso, acrescentava, quando a antiga cidade ainda contava milhões de habitantes.

Como nosso companheiro de pensão tínhamos um general brasileiro, de origem alemã, cuja aparência exterior tinha muito de D. Quixote. Possuía ar meio zangado, o que muito nos divertia. Costumava rir-se das nossas idéias sôbre o Xingú, e, de modo convincente dizia que era empresa absolutamente inútil e desde já fracassada. Havia muita coisa desconhecida alí mesmo próximo. Para que, pois, explorar o rio Xingú? “O Xingú não foge”, era o seu estribilho. Deu-nos alguns bons conselhos e, apesar dos seus motejos, mostrava-se amigo expansivo.

A respeito de boas maneiras e indumentária nem se cogitava entre nós, pois tais preocupações teriam sido ridículas à mesa de Pascoal. Assim, comíamos, vestidos à vontade. O que até hoje não esqueci foi a figura alta do general que, pela manhã, aparecia envolta num poncho, caminhando, apoiado numa espécie de bordão de montanha, pronto para o passeio que realizávamos todos, no jardim enorme e bonito, de recantos tranquilos e agradáveis. Os cuiabanos nos lembravam os Joões-Tolos, inclusive as janelas de suas casas.

Pascoal possuía um riquíssimo relógio de ouro, mas a cozinheira preta não era nada pontual. Era o general quem vinha primeiro para a varanda, desesperado, bater palmas e xingar. Depois a fome nos impelia a fazer-lhe côro; finalmente, postávamo-nos, bastante indispostos, diante do assento de Pascoal. O general gritava-lhe aos ouvidos e cada um de nós três punha um relógio diante de seus olhos. Quando fallavam todos os recursos pacíficos, atirávamos para o ar, na varanda, e o nosso mudo hospedeiro encolhia-se então a cada tiro, agarrava as calças e disparava furioso para dentro da maldita cozinha encantada.

O cardápio era uniforme, sopa, duas qualidades de carne, ou uma de peixe, feijão, arroz, salada, de vez em quando ave, bananas e queijo Edam. Não importava muito que a comida demorasse em aparecer à mesa, pois quando vinha era toda de uma vez. Si a sopa estivesse muito quente, atacava-se logo o assado. Os guardanapos eram os lados pendentes da toalha. O preparo da comida não deixava nada a desejar. Ficávamos sempre contentes ao matar, enfim, a nossa fome. O general gracejava com a mulatinha Amália, que não deixava de se mostrar faceira diante de nós. Procurávamos aprender o modo brasileiro de comer farinha pura com uma colher, e comíamos pimenta até o ponto de nos surgirem manchinhas vermelhas no rosto.

Ao largar o talher, todos pegavam um palito, que iam manejando, compenetrados, até o momento de chegar o café. Uma chichinha de esplêndido “moka”, um cigarrinho preto e mais um palito para a viagem — assim corriam os dias. Frequentemente aparecia um

velho major à procura do general. O major costumava ficar um pouco conosco a fumar cachimbo. Também êle tinha a mania cuiabense, que tanto me afligia, — sou obrigado a exprimir-me com a dureza do profissional que sou — da medicina de fancaria. Como se isso não bastasse, o meu “colega”, o major, era homeopata fanático. Explicava êle : “O que Jesus foi para a humanidade, Hahnemann também o foi, a meu ver”. A respeito de nossa viagem, meneava, duvidosamente, a cabeça. “O senhor perecerá, de qualquer maneira, no caminho”, profetizava-nos o pobre homem, “vejo-lhe isto no rosto, mais tarde também o Guilherme, só o “Otão” é que escapará”. Em todo caso, nada disso aconteceu, apenas no que diz respeito ao grau e à ordem por que adocemos, um depois do outro, êle acertou. O diabo leve a homeopatia !

Passávamos as noites em sociedade, naturalmente, quando não chovia, pois bastou-nos a primeira experiência para nos ensinar a não visitar ninguém com mau tempo em Cuiabá. E’ que certa vez havíamos prevenido da nossa visita o nosso amigo alemão, o professor de piano. Apesar da chuva, fomos praguejando pelo longo caminho cheio de poças de água, em direção à casa do sr. Carlos. Pouco depois das 8 horas, chegámos. A porta e as janelas estavam fechadas, a casinha parecia mergulhada na mais serena paz, não se via ninguém pela rua e a chuva caía a cântaros. Na porta não se via campainha, nem batente. Espantados, resolvemos bater nas janelas. Finalmente, elas se abriram e o sr. Carlos nos apareceu em roupa de dormir, que ainda mais se destacavam no fundo escuro da noite. “Mas de onde vêm os senhores? que querem aquí?” — foi essa a maneira por que nos cumprimentou. E quando lhe lembramos que o havíamos avisado da nossa visita hoje, replicou : “Pois é, com êsse tempo de chuva, todo mundo vai dormir, e não é possível fazer visitas um ao outro. Só resta, portanto, dormir, não acha?” Com isso tomamos o caminho de volta.

O que mais nos agradava eram as noites no “Paço”, isto é, na residência do Presidente.

Naquela época, a maior autoridade de Mato Grosso se representava admiravelmente no Barão de Batoví. Apesar de pertencer, naturalmente, ao partido liberal, que estava à frente, sabia conquistar, pelo seu espírito de justiça e indulgência, de tal maneira o lado conservador, que todos o apreciavam unânimemente. Era um perfeito cavalheiro, de belo porte militar no seu uniforme de general, bordado a ouro. A lembrança que temos dele é a mais grata possível. Sempre nos atendeu da maneira mais atenciosa e, justamente, pelo apóio que nos concedeu, facilitou infinitamente a nossa empresa, si não a possibilitou até.

O interior do palácio era constituído de um alto pavimento térreo, simples e convidativo. Ao longo da sala de frente, havia uma sala de entrada e uma de recepção. Nesta última viam-se dois retratos a óleo das majestades. Junto à primeira sala, achava-se o gabinete de trabalho do Barão. Contíguo a êste gabinete, um pequeno dormitório e, como de costume, na parte de trás da casa, o pátco. No salão, havia um dossel azul, um divã e nada mais.

Encontrávamos sempre o Barão a jogar o “solo”, que muito apreciava, em companhia de dois ou três senhores, no seu amplo e confortável gabinete de trabalho. Costumava oferecer-nos esplêndidos charutos paraguaios. Assistíamos ao jogo e, durante os intervalos, tínhamos a oportunidade de melhorar os nossos, ainda bem falhos, conhecimentos



O Barão de Batovi

de português. Atrás da cadeira do Presidente postava-se, habitualmente, a lindíssima “quadrona” Lúcia, que havia sido libertada da escravidão — por mim, jamais a libertaria . . . Toda vez que o seu bondoso patrão acabava de fumar, ela punha, graciosamente, um novo cigarrinho nos próprios lábios, acendia-o, puxava uma leve baforada e estendia-o imediatamente ao Barão, com a expressão mais ingênua dêste mundo. A nós só servia fósforos.

Nossa melhor professora de linguagem era a Baronesa, que costumava aparecer um pouco mais tarde. A esposa do Presidente era uma senhora muito viva e não parecia já ter um filho em vias de se formar

pela universidade. Defendia sempre a sua terra natal, isto é, o Rio Grande do Sul, e referia-se com elogios aos nossos conterrâncos, cujas colônias eram florescentes ali, para gáudio da Província. Não se cansava de nos instruir a respeito dos homens, das organizações e produções de sua terra. Estava muito habituada à sociedade para que se sentisse feliz em Mato Grosso e para que, de vez em quando, não deixasse de criticar-lhes os costumes primitivos, porém sempre ressaltava as coisas, declarando que a situação era melhor do que se devia esperar. Falava, então, encantada, da fertilidade da terra, dizendo: "Onde há outro país em que as laranjas maduras, que não são colhidas, não despencam, mas, ao contrário, reverdecem e ficam o ano todo frescas e ainda mais saborosas?" Oferecia-nos essa espécie de laranjas e ainda nos enviava frutas desconhecidas. Certa noite perguntou-nos: "Já viu o cajú?" E então obrigou-nos a provar e admirar essa fruta que, aliás, nos soube muito mais como refresco, pois ela tem um gôsto doce de terebentina. "Temos lá fóra um pé de cajú que os senhores precisam conhecer", disse levantando-se, enquanto Lúcia pegava uma vela accesa. Conduziram-nos ao jardim, a nós, discípulos ávidos de conhecer tudo. Lúcia colocou-se de tal maneira sob a árvore que os seus esplêndidos cílios escuros cintilavam suavemente à luz da vela. Exclamamos, então: "Oh! que bela árvore é o cajueiro!" A Baronesa era também homeopata e achava que a alopatia matava as criancinhas.

Às 19 horas era servido o chá, de origem paraguáia ou chinesa, acompanhado de excelentes biscoitos. Pouco a pouco, os jogadores acabavam o entretenimento, fazendo as contas dos grãos de milho, conversando ainda um pouco e retirando-se pontualmente.

Sòmente aos sábados é que a sociedade era mais numerosa. Lá fóra, nos bonitos jardins do Paço, duas bandas militares tocavam, e a metade da população passeava, para cima e para baixo, diante das janelas da casa da presidência.

Vejam os que ainda havia mais digno de nota em Cuiabá. Temos a sociedade "Amor à arte", dedicada, sòmente, aos interêsses da arte dramática, sendo, portanto, ponto neutro para ambos os partidos existentes. Assistimos a uma festa de caridade, que, aliás, era em benefício da própria sociedade. O teatro, construído por um tenente da marinha, pretendia assemelhar-se a um navio. Tratava-se de simples construção de madeira, de galerias, divididas por pilares e vigas horizontais, que constituíam os lugares a serem ocupados. Em frente à cena, ficava o camarote do Presidente. Os camarotes eram ocupados principalmente por senhoras. Ao longo das paredes acocoravam-se, por trás, os esca-

vos serviçais. O preço dos bilhetes de entrada era à vontade do espectador. Tínhamos encomendado um camarote a dois solenes senhores que nos procuraram em casa. Por sorte, lembraram-se de nos dizer que devíamos enviar cadeiras para o teatro; só assim ficamos providos dos assentos encomendados.

Representaram “Caím e Abel”, que, apesar do título, era uma peça moderna. Um dos heróis era tão bem comportado quanto o outro malvado, mas a divergência aqui não era por causa da coluna de fumo e sim por causa de uma chama, de acôrdo com o que pude entender. Como amadores, representaram muito bem. Era, certamente, o máximo possível, num lugar como Cuiabá, onde o esforço só obtém êxito de maneira relativa. O ponto, reconhecível pela sombra, de chapéu à cabeça, aproximando-se, de quando em quando, dos bastidores, era digno de nota. Mais tarde tivemos oportunidade de conhecê-lo melhor e êle explicou que, em virtude de não possuir voz, fôra aproveitado como ponto. Há muitos anos que se achava afônico, soprava admiravelmente as palavras, não conseguia nunca, porém, por maior que fosse o seu encantamento por um autor, reproduzi-las bem. Eu tinha minha atenção voltada mais para o público, que estava excepcionalmente frio e reservado diante do espetáculo. Pensei que o “navio” estrondasse de tantos aplausos. Qual o que? Parecia mais intervalo de aula em um colégio do que uma representação teatral. Uma banda militar fazia a orquestra. De repente aparece um bode a passear no centro da platéia, alguns rapazes começaram a puxá-lo, de modo que o bicho se pôs na atitude ameaçadora que lhe é peculiar. Teria a peça qualquer relação com a bíblia, devendo, no final, o bode fugir de Abel?

Tratava-se apenas do bode pertencente ao batalhão, a quem êste templo da arte abria as suas portas, do mesmo modo que a igreja de Corumbá abria as suas ao bode do batalhão da cidade. Sentí-me, entretanto, dominado pelo “clima” do velho testamento... a arca, Caím, Abel, o bode e um anjo de menina ali no camarote vizinho. Essas brasileiras já conseguem, aos doze, treze anos, ser encantadoras e cativantes em sua beleza a desabrochar. E não é só. Nessa idade já passaram do período adolescente e as mães até pensam em casá-las. Assim como, ao surgir uma ilha no Oceano Pacífico, sentimos o olor delicioso das flores, pelo qual se anseia há muito tempo e nos deixamos embalar por êle, respirando-o profundamente e aumentando, dessa forma, a saudade que nos domina, assim, caro leitor, perdoe essa minha embriaguês e si nunca a experimentou, deveria até invejar-me -- assim essa criatura inocente e delicada dos trópicos, antes que se desenvolva plenamente,

exala um aroma sutil e deleitoso de feminilidade, o que não é possível aos nossos botões de rosa europeus. A própria jovem o ignora ; é por isso que esse aroma é tão puro como aquele perfume da ilha marinha.

Finalmente, embora não deseje contribuir para a teoria psicológica de Jaeger, enquanto Caím matava Abel, fiquei adorando, silenciosamente, a tentadora criatura e não percebia mais o que se passava no paleo, a não ser o bode que os pequenos puxavam pelo rabo. Era linda, mas, como nunca mais tornei a vê-la, a sua beleza ficou perpetuada na minha lembrança. Dessa maneira o espetáculo acabou.

O clube familiar "Terpsicore" havia-nos convidado para um chá dansante.

Preparamo-nos de acôrdo com as nossas possibilidades. Diligenciávamos bastante escovar as culturas de bolor dos nossos fraques. Claus cosia botões nos coletes, com agulhas enferrujadas, que logo se partiam. Wilhelm esforçava-se em consertar a pena entortada do seu chapéu de côco. Eu saí a procurar o melhor barbeiro da cidade. Este tinha em sua mesa de trabalho 3 pentes, 2 escovas, 1 caixa de pó de arroz, 1 garrafinha de óleo para o cabelo, 1 dita de álcool, 1 cadeira, 1 espelho, tendo colado no mesmo a página que encerrava as estrofes da morte da figueira. Enquanto cortava o cabelo, o ativo fígaro não pronunciava palavra. Eu fumava, ele fumava. Quando o cigarro dele se apagava no meio do serviço, havia uma pausa muda entre nós — eu dava-lhe fogo e recomencávamos a lançar nossas baforadas e ele continuava a aparar o cabelo. Depois que acabou a tarefa estendi-lhe mil réis (2 marcos), que guardou no bolso, agradecendo-me, mas, calado, estendi novamente a mão para ele — então ele meteu de novo a mão no bolso, entregando-me no mínimo a metade como troco, debaixo de uma chuva de cumprimentos.

Às 8 horas começou a reunião, que se realizou no "sobrado", isto é, na casa de um pavimento do largo da igreja. O Barão de Batóví que era, também, o presidente do "Terpsicore", recebeu-nos amavelmente. Nós éramos os únicos de fraque, enquanto todos os homens trajavam de preto. O salão era pequeno, como um auditório, contendo uma pequena tribuna, uma mesa para a diretoria, um piano, uma galeria para senhoras, uma porta aberta que recebia a falange masculina, sala de jogos, "buffet" e, no vão da escada, uma banda militar.

A reunião noturna dividia-se em três partes : 1) Discurso e debates, ciência ; 2) canto e piano, arte ; 3) dansas.

Em primeiro lugar, um dos sócios falou em tom de pura declamação, fazendo um esboço da história dos imperadores romanos. Citou

todos os Césares e não se esqueceu de distinguí-los, um do outro, por um predicado especial, do mesmo modo não deixou de citar um nome sequer da literatura e da filosofia daquela época românica. Não houve debates. Duas damas cantaram um “duetto”, uma outra tocara com muita vivacidade uma fantasia sôbre “A última rosa”. Os dedinhos nas teclas pareciam faíscas de fogo de artifício, perturbavam a própria vista. Após cada número, até mesmo depois do final sôbre o império romano, seguia-se um barulhento toque de trombetas, executado pela banda. Há muito tempo que velhos e moços desejavam levantar-se; é que estes queriam logo dansar, enquanto aqueles tomavam o baralho. Eu não tomei parte nesses divertimentos, apenas fui beber uma cerveja “Elberfelder Alligatorbier”. Clauss dansava, Wilhelm desenhava e eu conversava, parecendo ser Clauss quem trabalhava hoje. Eram rondós e quadrilhas, sendo que esta última parece ter sido inventada para os climas quentes. Seria erro acreditar-se que se dansava aquí com mais calor e mais paixão do que em nossa terra. Ao contrário, a eterna monotonia da quadrilha e da polca raramente era interrompida por uma valsa ou uma “habanera”.

As “toilettes” não eram, talvez, “du dernier goût”, mas agradavam no seu todo e até lembravam os bailes honoríficos das cidadezinhas provincianas da Alemanha. Eu julgara que as senhoras aquí se vestissem com côres berrantes e com enfeites supérfluos, mas, ao que parece, o fato de confeccionarem elas próprias os vestidos, contribue muito para o seu bom gôsto. Muito poucas deixam de fazê-lo.

Parecia predominar a tez mais clara. Do mesmo modo que entre as nossas mulheres existe o perfeito conhecimento a respeito do penteado de uma e outra, assim as brasileiras conhecem as tonalidades de côr da pele das outras tão bem, que não necessitariam de uma escala de côres para isso.

Veio-me a curiosidade de verificar si o discurso tivera repercussão — mas fui dar em verdadeiras rochas. Para onde teria o vento levado os grãos? Alí estava, por ex., uma descendente de creoulos, de pele ardente, faces cheias e cálidas, olhos alegres, vestidinha de seda azul, uma fita amarelo vivo, como uma borboleta, no cabelo de azeviche; essa criança, contente da vida, nada mais se lembrava do verão de Diocleciano e Heliogabalo referido pelo orador. Si eu lhe tivesse contado que possuía na América do Norte um canhão de puro ouro californiano, esquecido alí por um imperador romano ao fugir dos chineses, a pequena teria acreditado piamente em tudo e corado de modo sedutor, julgando-se sinceramente ignorante . . .

Era a véspera de domingo de páscoa. Às 4 horas da madrugada ia realizar-se uma procissão, na qual tomaria parte a guarda nacional. Depois de meia noite apareceram no baile os oficiais destacados para render a guarda de honra da igreja do Rosário. O baile acabou quasi às duas horas. Corremos logo para casa, afim de mudar os trajés. Os sons do "Terpsícore" emudeceram, mas, no morro, o pequeno sino repicava.

As famílias dos conservadores tinham o seu ponto de reunião no "Recreio Cuiabano", cujo chefe era um senhor já velho, mas bem disposto e rico. Êle nos mostrou, orgulhoso, o retrato de sua falecida mulher, uma senhora linda, pintado em Lisboa. "Ela foi a primeira moça da Província", dizia êle, interessante expressão que não se permite traduzir para o alemão; moça significa mulher jovem. Num baile do Recreio realizado na residência do chefe do partido, a sociedade apresentou-se bastante misturada, predominando indivíduos pardo-escuros. Isso ainda mais chamava a atenção desde que a esposa do Presidente e ainda algumas "filhas de outras províncias" também estavam presentes. Começaram pela terceira parte do programa. Dansava-se animadamente em três grandes compartimentos. Todos os outros estavam abertos. No vestibulo ou num quarto contíguo, as crianças realizavam um baile à parte. Essa infância, que não estava em idade de frequentar a escola, conseguia dansar demoradas quadrilhas do comêço ao fim numa seriedade absoluta, ainda que no meio das dansas comessem um pedaço de bolo. Vi um rapazinho que parecia ter a respeito da dansa de roda uma concepção muito mais razoável do que os próprios adultos. Queria, de qualquer maneira, beijar a sua dama e quando esta se negava, surrava-a a valer. Que restava, pois, à pobre menina? Oferecia-lhe a outra face para ser beijada, e ambos continuavam a dansar muito bem.

Súbito acercou-se de mim um senhor idoso, que eu não conhecia, e cruzando os braços perguntou-me inquisitòriamente: "Que idade tem?" Respondi indiferentemente. "È aquele senhor?" Tanto. "È aquele outro ainda?" Tanto. "Está bem", disse êle de cenho carregado. Eu soube depois que se tratava de um "tipo". Chamam a um sujeito de "tipo" quando uma ou outra mola da cabeça não funciona bem, e quando não é possível mais consertá-la, diz-se "tipão", isto é, um grande "tipo".

Ainda que essa "species de homo sapiens" não fosse apenas originalidade de Cuiabá, diante das livres relações sociais ali existentes, encontra terreno especial. Na sociedade "Terpsícore" o meu espanto não foi menor ao aproximar-se de mim um senhor pálido, de barba preta, chapéu e guarda-chuva, dizendo: "O senhor já bebeu cerveja?" Não senhor, ainda não. "Então devo convidá-lo a tomar um copo",

disse, parecendo satisfeito. Encaminhámo-nos para o “buffet”, onde pedi uma garrafa e fez dividir a cerveja entre nós. Esvaziou o seu copo e não me honrou mais com a sua palavra. Com Clauss, o meu primo, verificou-se a mesma cena. Depois, quando eu me achava no vão da janela, gosando o ar fresco da noite, sentí alguém bater-me no ômbro: era, com efeito, o mesmo camarada de chapéu e guarda-chuva. “O senhor já tomou cerveja?” Sim senhor, já tomei. “Não deseja, então, tomar um copinho comigo?” Muiíssimo grato, senhor, mas no momento não. Houve uma pausa. Fiquei a olhar a noite e êle fitava emudecido o próprio chapéu. De repente, tornou a falar, com voz triste: “Então o senhor não quer mesmo tomar cerveja?” Fiquei firme. Lançou um olhar desanimado para o “buffet” e saiu. Para tranquilidade minha, ví-o pouco depois, aproximar-se, alegremente, da mesa de bebidas em companhia de outro. Êsse outro era um “tipão”.

A vida social é o lado agradável de Cuiabá. Uma festa resgata a outra, e em toda parte se é bem acolhido.

Ao fazer-se uma visita, pela manhã, recebe-se, como oferta, um cálice de licor, geralmente preparado em casa e muito bom, ou guaraná, de sabor inocente, ou ainda pura aguardente caseira, feita de açúcar. Convidam para almoçar. Por toda a parte o arranjo doméstico é simples. Reflita-se que longo caminho cada móvel percorre para chegar até aqui! Entretanto é raro faltar o piano. Na época havia sessenta pianos na pequena localidade, enquanto na ocasião da chegada do sr. Carlos só existiam cinco. Na rua mais esconsa, poder-se-ia ouvir, todas as noites, os “Sinos do Mosteiro” ou a “Prece de uma Virgem”. Eu desdenhava, a princípio, contemplar os retratos pelas paredes, e fiquei contente em verificar que não se incomodavam com isso. O que havia para ver era obra de fracos amadores ou, como os chamavam aqui, de “curiosos”. As pinturas eram bem curiosas, realmente. Dois fotografos não eram maus profissionais, apenas um deles devia possuir outro fundo para as suas “poses”, pois em todas as casas víamos, sentados ou de pé, pai, mãe ou filho, diante do mesmo chalé suíço, tendo atrás o pico de uma montanha coberta de neve. Tenho até comigo o retrato de um índio coroa, que esteve em Cuiabá, e que passou diante do referido chalé. Sente-se arrepios ao vê-lo, assim sozinho, vestido apenas de um cinturão de penas, postado no passeio.

Não havendo objetos caros nos salões, não havia motivos para cuidados. Que susto levamos, certo dia, quando, achando-nos na sala de visitas com a dona da casa que visitávamos, três cabras entraram impetuosamente, passaram pelo piano, para, logo após alguns pulos

laterais, desaparecerem pela porta da rua. E que vergonha experimentamos, também, ao verificarmos que a dona da casa não dera a menor importância aos animaizinhos domésticos em galope, enquanto nós perdíamos a nossa presença de espírito.

As visitas que fazíamos à noite passavam-se sempre num ambiente franco e agradável. Abundância de cerveja e muita música. Os vizinhos das casas visitadas compareciam sempre nessas ocasiões ou mandavam os respectivos filhos. O que muito nos surpreendia era a ampla liberdade concedida aos pequenos, de modo que eles se apresentavam como adultos e, por isso mesmo, desde cedo, já se comportavam bem. Nada de timidez ou acanhamento. O menino não chora quando lhe mandam dar a mão ao estranho titio, nem a menina estremece de medo ou enrubesce, quando lhe oferecem um copo de bebida. Em compensação, o titio se obriga a escutar com admiração exercícios atrapalhados, num piano velho e a sorrir, embora caceteado, diante da energia do homenzinho que à mesa grita e bate os pés, exclamando: "Não quero!" Um pai divertiu-me de maneira particular, ao explicar-nos o sistema que adotara no batismo dos filhos. (Seria por amor à ordem, ou espirituosa alegria de crear?) Os nomes dos meninos começavam todos pela letra A e eram Alberto, Artur, Alfredo, Antenor e Aquiles. Ele próprio chamava-se Augusto. Os nomes das filhas principiavam com C: Constança, Cordolina e Corina, a mãe, "infelizmente", chamava-se Maria da Glória...

A cerveja é de consumo invulgar e não é barata (2 marcos por garrafa, era toda de importação alemã, e na maior parte provinha de Elberfeld, por intermédio de casas em Montevidéu ou Rio). Eu e meu primo conseguimos recomendar-nos por já termos estado em Duesseldorf com Elberfeld, e só o amor à verdade nos obrigou a declarar que, apesar dos rótulos localizarem os cervejeiros no rio Wupper, não eram visitados por jaguares e "alligatores". As senhoras também apreciavam a "cerveja", pelo menos as mais gordas e de mais idade.

Em geral, todos, pequenos e grandes, homem e mulher tinham paixão por doces, que sabiam fazer muito bem, provavelmente porque os apreciavam tanto. Nós também nos deixamos empolgar pelos doces. Nas reuniões maiores, surgiam de vez em quando uns senhores, amigos da casa, que, procurando ser úteis — *utile cum dulci* — traziam gigantescos taboleiros cheios de gulodices, que desapareciam como por encanto. O bolo de mandioca recheado de côco, feito pela senhora do comandante do 21.º batalhão, era de um sabor tão especial, que eu seria capaz de voltar a Cuiabá só para prová-lo ainda uma vez.

Nunca nos aborrecíamos nessas reuniões. Introduziam-nos confiantemente entre as relações. Quando surgia oportunidade, falava-se também sobre o rio Xingú e, então, ouvíamos amistosas referências à nossa pátria. Aliás, no Brasil, os alemães conquistam muita simpatia, graças às suas boas qualidades como colonos. Além disso, num lugar como êsse, em que o militar representava papel tão importante, os sucessos do nosso exército faziam-se valer bastante, voltando o assunto, frequentemente, à baila. O que lhes merecia especial respeito era o nosso estado maior. Diziam que os principais defeitos das tropas brasileiras eram, apenas, dois, isto é, lutava-se com armas modernas, mas pelo sistema antigo, quer dizer, não de modo unido e sim em grupos. Depois, havia a insuficiente instrução do soldado, que conhecia muito pouco a própria arma que manejava. Estava em uso a espingarda Comblain, de engenhoso mecanismo, sendo, relativamente, a mais sólida. “Relato refero”.

Na casa de um colega esculápio, nascido em Cuiabá, passamos horas bem divertidas. A esposa, nascida no Rio, tocava muito bem piano. O filhinho do casal chamava-se Tartini. D. Eugênia estudava diariamente durante quatro horas e possuía uma habilidade espantosa. “Os senhores precisam ver isso”, dizia-nos o marido, encostando todas as cadeiras perto do instrumento. Dizia “ver” e tocava piano no ar, da maneira mais rápida possível, para nos dar uma idéia.

Certo dia encontramos num quarto da casa desse colega um enorme altar, sobre o qual se achavam um cetro e uma coroa. E’ que ele fôra eleito “imperador” para a “festa das esmolas”.

Enfrentamos a “festa das esmolas”, que constituía o “prelúdio” para pentecostes, celebrada logo depois da páscoa. Elege-se, por sorte, um senhor, que fica com a obrigação de realizar os festejos em sua própria casa. A hospitalidade é ilimitada, porém, em troca, todos têm que contribuir com “esmolas”. O senhor escolhido toma o nome de “imperador” e, acompanhado de uma grande comitiva, segue de porta em porta, para colher contribuições. Além disso são remetidas para a “casa da festa” donativos de toda espécie e que, mais tarde, aumentam ainda. Mesmo os mais pobres contribuem com alguma coisa. Antigamente, quando ainda não havia encanamentos de água na cidade, a boa gente que nada tinha a oferecer, levava, pelo menos, um cântaro d’água para as “esmolas”, água essa que iam buscar longe, no rio. No quintal do imperador pululavam os leitões, as cabras, as galinhas, inúmeros papagaios pareciam raciocinar no meio de tudo isso, alguns macacos, atados a correntes, davam pulos e, no jardim, nos mostraram um grande avestruz — tudo presentes. Na varanda amontoaram-se fartas quantidades de bolos e

flores. Três altas pirâmides de massa de macarrão erguiam-se, enfeitadas com bandeirinhas sôbre uma verdadeira mesa de natal repleta de guloseimas. Duas senhoras burguesas entravam nesse momento. Uma delas fez presente de uma fita, a outra de um par de brincos. Todos que chegavam eram servidos. Reinava extraordinária atividade.

Inteiramente comovidos fomos para casa no desejo de também fazer alguma caridade, oferecendo qualquer coisa em benefício dos pobres. Decidimos, então, que Wilhelm devia desenhar qualquer coisa. Mas, que havia de ser? Nada de temas profanos, estávamos dominados por um sentimento religioso. Assim, Wilhelm pintou um anjo, de estrela na testa, voando sôbre Cuiabá de madrugada. O anjo segurava um livro nas mãos em que se lia: "Quem dá esmolas aos pobres, empresta a Deus". A muito custo achamos êsse provérbio num livrinho de escola, pois em parte alguma encontramos uma bíblia. Informaram-nos que o bispo não a tolerava. A imagem foi conosco à festa.

Quando já estávamos à mesa, fomos obrigados a ouvir os motejos do General. E ficamos sabendo através disso que o empreendedor da festa guarda as "esmolas", ou a quantia obtida em leilão para cobrir parte das despesas, que sobem, às vêzes, a 2 e 3 contos de réis (4 a 6.000 marcos), mas nunca menos de um conto. "Quém dá esmolas ao festeiro, empresta ao diabo", rosnava o General, rindo com desprezo.

Na noite designada para isso, fomos ao "leilão". Subindo a escada, viam-se um quarto à esquerda e outro à direita e, atrás de ambos, a varanda. À direita, via-se o altar iluminado, e à esquerda eram recebidas as visitas. Na varanda, as senhoras formavam bela grinalda. Toda a casa estava repleta, uma cadeira junto da outra, de tal modo que só havia uma passagem para o quintal, lugar em que se realizava o leilão.

A função durou de 8 $\frac{1}{4}$ às 10 $\frac{3}{4}$. Durante todo êsse tempo as senhoras permaneceram imóveis. Nos nossos bazares de caridade, as senhoras têm um papel, certamente, mais agradável. Os alegres compradores faziam suas combinações no quintal. No canto estava uma mesa com cervejas, onde os homens bebiam e se animavam. O Major Eduardo e o pequeno diretor dos correios traziam os presentes doados, um por um, para serem vendidos. E' de costume que o objeto adquirido no leilão seja logo oferecido a uma das damas presentes. Murmura-se o nome da mesma ao ouvido do pregoeiro e êste entrega o presente à senhora, na varanda, depois do que é trazido outro objeto para cotação. O pagamento é feito dias depois e é cobrado a domicílio. Vendiam-se raminhos de flores, trabalhos feitos à mão, colchas, almofadas, fitas, marcadores de página de livro, bolos, pastéis, coroas de flores, etc.. Desta vez a

caixa, segundo os conhecedores, estava frouxa, pois o que se apurara em tudo não atingira senão algumas centenas de mil réis.

Parecia que cada um resolvera gastar certa quantia, tanto se lhe dava que fosse por uma colcha muito cara ou duas flores amarradas com uma fita, uma vez que devia presentear o que comprava. Dêsse modo tornou-se até hábito preferir, elegantemente, as flores que se prestam para oferecer a uma senhora, pagando-se pelas mesmas os mais elevados preços. Dois cravos obtinham 40 marcos e o ramalhete 16 a 24 marcos. Como os preços são apregoados, as senhoras, embora prestem pouca atenção, ficam inteiramente ao par da quantia que os seus admiradores sacrificam por elas. No comêço não sabíamos nada disso, de modo que Clauss, após arrematar uma gravata de senhora por 2 marcos, meteu-a muito satisfeito, no bolso, sem ter noção de que devia oferecê-la. Logo depois, porem, compreendemos que não era êsse o costume. Então, começamos uma forte corrida de apostas por objetos que famos oferecer aos filhos de Flora. O nosso desenho com o anjo obteve um preço médio. Quando descobriram que a cidade sôbre que voava o anjo era Cuiabá, todos vieram chegando, para ver si reconheciam a própria casa no desenho. Por fim, entraram em leilão alguns animais. Um macaco que trepava alegremente por entre as damas, as paredes e as cortinas, obteve a cotação de 20 marcos. Os papagaios, preços abaixo dêste. Um deles parecia ralar-se de riso ao entrar no salão. O avestruz deu 12 marcos. Os porcos não compareceram. Menciona-se também uma vigorosa cana de açúcar de 7 ms. de comprimento, amparada por duas pessoas, um verdadeiro arco de triunfo, destinada à venda.

Após o leilão, as senhoras, já fatigadas, ainda tinham que dansar. Embora dar seja mais piedoso que tomar, o número delas era superior ao dos cavalheiros. . . À meia-noite muitos já começavam a se retirar. O pequeno diretor dos correios ainda serviu bom vinho Moscatel, e êle mesmo já não se mantinha de pé. Enquanto o vinho subia e descia dentro da garrafa, fez-me um enorme discurso, que culminava com o seguinte : Assim como Colombo descobrira a América, eu descobriria o Xingú, e que a Província devia muito a êsse novo Colombo, pois, “quem dá uma estrada à Província empre . . .” (aquí refletiu um instante, a palavra emprestar parecia não exprimir bem) então, de repente : “quem dá uma estrada à Província é um empregado de Deus”. O bom diretorzinho dos correios já nos considerava funcionários do estado e ainda nos obrigou a tomar bastante Moscatel para finalizar tudo.

“Domingo de Ramos”. Pascoal disse-nos que devíamos assistir à procissão, que o “Santo” seria carregado da igreja do seminário para a capela do Rosário, acompanhado do bispo, do Presidente e dos oficiais e que um padre leria belo sermão na rua.

Às 5 horas, portanto, galgamos a colina da primeira igreja que tem uma cruz no frontispício, visível de muito longe. A lança e a lâmpada estavam hoje cobertas. Duas ordens de militares achavam-se prontas ali, 3 bandas de música, muitos oficiais e senhores de preto, escolares, em cujo gorro se lia a inscrição: Colégio da Conceição. Cuiabá aparecia lá em baixo, no vale, mergulhada na paz domingueira, e a doçura da tarde que morria parecia pousar sobre os muros brancos, os telhados de tijolo, sobre os alegres jardins e a colina forrada de verde. Sentimo-nos estranhamente penetrados pelo efeito simultâneo daquela paisagem e de toda aquela gente solenemente reunida. Finalmente apareceu a comitiva no topo da escada comprida, que, começando na rua próxima, vinha dar no Largo da Igreja. O bispo, de sorriso franco e simpático, o Barão no uniforme verde escuro de general, o chefe de polícia, os oficiais e os padres. O bando dos meninos correu para a frente do bispo, beijando-lhe o anel. Este adiantou-se acompanhado de todos, para dentro da igreja, enquanto lá fóra os archoteiros se punham em fila reta. Os archoteiros, de cabeças descobertas, separavam-se em grupos segundo a cor das compridas jaquetas vermelhas, verdes e roxas, os matizes da esplêndida Trindade dos pintores sacros. Os de vermelho eram todos negros, enquanto nos de roxo reconhecemos as fisionomias de pessoas pertencentes à melhor sociedade. Um sino dobrava incessantemente na trepadeira da modesta igrejinha.

Carregado numa eça e dobrado sob o péso da cruz apareceu a figura de Cristo, de quasi duplo tamanho natural, a roupagem purpúrea e uma corda de ouro atirada ao pescoço. Atrás de Cristo, vinha um baldaquim contendo o santíssimo, depois o bispo e os padres e os dignitários. As velas vinham, agora, na frente, e, lentamente, a procissão se movimentava colina abaixo, completada pela banda de música e uma companhia de soldados de baioneta calada. Ao pé da íngreme encosta, o séquito dirigiu-se para uma frondosa árvore, de onde tomou a rua. Precisamente neste momento é que o séquito apresentava um aspecto incomparavelmente pitoresco. O fulgor amortecido das velas dentro do crepúsculo, a imagem enorme ajoelhada, dominando pesadamente sobre as cabeças, o efeito daquelas côres maravilhosas misturadas com as roupas negras, suavizadas pela amenidade da tarde que findava, a coluna militar de baionetas reluzentes, tudo isso era de efeito impressionante. Apenas,

a banda não devia ter tocado a marcha do Boccaccio. Corremos para nos juntar à procissão. Creio que eu não sabia mais em que lugar do mundo estávamos, certamente não era a América do Sul, nem a Palestina . . . era um país em que não pisáramos ainda, uma época inteiramente diversa, que ainda não vivêramos. As ruas tornavam-se, agora, mais estreitas, o céu adquirira uma côr de chumbo e relampejava sem parar ; a massa popular aumentava, não obstante. Estaríamos no teatro ? Estaríamos representando a paixão semelhante á de Oberammergau ? Justamente num local onde se cruzavam várias ruas, deixando livre um pequeno largo, cercado de casas baixas, fizemos parada. No canto de uma delas, alguns pés abaixo do telhado, haviam disposto um púlpito. A massa de gente era densa, o brilho dos archotes refletia-se nos rostos escuros e, como si todo êsse aparato tão decorativo estivesse em função da própria natureza, a lua cheia apareceu por cima dêste recanto medieval e os relâmpagos silenciosos rebrilhavam dentro das nuvens pesadas e ameaçadoras. Súbito, o silêncio foi interrompido pelo sacerdote que subira ao púlpito e, de braços abertos, exclamára, com ênfase : “Que estupendo espetáculo !” E enquanto lia o sermão, o povo recuou, de repente, para dar passagem a outra procissão, vinda da outra rua, com as suas tochas e as suas bandeiras, em passo solene, quasi sem encontrar caminho. Desta vez era a Mãe de Jesus, de manto azul, cheio de estrelas, que dominava, ereta, a massa do povo. Colocaram-na diante do Filho. O sacerdote calara-se. Seria, por acaso, de admirar, si Maria tivesse descido súbitamente, tivesse ajoelhado e estendido os braços para o Filho, cujo rosto exprimia tanto sofrimento ? Ao contrário, o que nos admirava é que não acontecesse tal coisa.

De novo soou a voz eloquente do púlpito, para quem eu não dava mais atenção. Verificara-se o “encontro”. Dessa fórmula reunidas, ambas as procissões seguiram para a igreja do Rosário, onde a cerimônia terminou com um curto officio divino.

A “procissão do entêro do Senhor”, na Sexta-Feira da Paixão, impressionou-me muito menos. Reunímo-nos à noite na igreja do Rosário, onde a concorrência era enorme. Do lado de fóra achavam-se os archoteiros, de capas verdes, em volta da cruz, fumando como soldados velhos (não me refiro aos de Roma) até que apareceu o séquito. Três meninas mestiças, de 4 a 7 anos de idade, de perninhas tortas, estavam vestidas de anjo, o cabelo prateado e adornado de mirtos, umas asazinhas feitas de uma espécie de palha de vime. Duas bandas militares. Uma menina que representava santa Verônica achava-se



Proceissão do domingo de páscoa

de pé, sôbre um pedestal, a desdobrar o véu e elevando a voz estridente numa lamentação que repetia cada vez que paravam : aa . . . a . . . i . . . i

Negros, grandes e pequenos, cantaram, olhando para a música, uma melodia uniforme e com um instrumento especial arrancavam sons exquisitos como estalidos. O Cristo no esquife era representado por um caixão quadrado, carregado debaixo de um baldaquim, diante do qual todos ajoelhavam contritos. A imagem de Maria seguia atrás, meneando-se. Um sacerdote franzino, de nariz pontudo, de óculos e de pestanas muito arregaçadas, vinha depois, em seguida o bispo, o Presidente e outras personalidades. Afinal, os fumantes, o falsete da feia Verônica e o caixão quadrado, tudo isso me roubou toda e qualquer ilusão.

O sábado que precede à páscoa é denominado “sábado de Alelúia” e é festejado como si fosse uma páscoa preliminar, pois ao meio dia os sinos e os tiros anunciam a ressurreição de Cristo e a abolição do luto. Nesse dia, quando as lojas já abriam as suas portas, as igrejas ainda eram visitadas e à noite toda a cidade dansava.

Em muitas árvores dos pequenos largos e nas esquinas pendia um boneco de pano, do tamanho de um homem, com botas ou sem elas, representando Judas Iscariotes que se justificára a si mesmo. A gurizada entusiasmada e aos gritos arrancava-o da árvore, despedaçando-o e queimando-o.

Já me referí à festa de pentecostes, devendo acrescentar que o cais, como distrito à parte, possui, também, o seu “imperador”. Nessa ocasião também se realiza um leilão, que é um tanto mais agradável, mais burguês e os preços mais baixos.

No dia da assunção houve uma passeata, com trajés à fantasia. Em todo caso não vimos fantasias características, a não ser uma que representava um viajante montado numa mula, muito bem vestido e, a julgar pelo vermelhão das faces, com aspecto de sujeito bem nutrido, tendo no chapéu um cartaz onde se lia : “Rio Xingú”. Ah ! si tivéssemos chegado assim ao Pará ! . . .

Rio Xingú ! — Creio que até agora nem tratamos do assunto. Esperamos que o indulgente leitor não tenha formado a secreta opinião de que passamos em Cuiabá bebendo cerveja, comendo bolos, visitando igrejas e dansando nos bailes e, quanto ao rio, pense que nos tenhamos contentado com a expressão tranquilizadora do general : “O rio Xingú não foge”.

Ha, não obstante, alguma verdade nessa afirmação do general. Mas não é só o caminho do país das maravilhas que é feito de gulodices e doçuras. Foi-nos imprescindível conviver com aquela sociedade, cujo apóio nos favorecia muito. Mesmo que não tivesse sido necessário, ficaríamos ali de qualquer forma, porque, “paciência”, caro leitor, “amanhã”, quando você quiser entender-se com o brasileiro, conhecê-lo e compreendê-lo é a primeira condição para conviver com êle.

Esperáramos, inutilmente, encontrar algo de aproveitável nos Arquivos de Cuiabá. O único que naquela ocasião estava mais exatamente ao par da geografia de Mato Grosso, possuindo, outrossim, muitos documentos e manuscritos relacionados com o que nos interessava, era o agrimensor João Ag. Caldas, capitão da Guarda Nacional. O Capitão ainda se mostrou muito gentil conosco, porém não podia adiantar o que ninguém absolutamente sabia.

Além do mais, escrevera volumosa obra sôbre a Província, mas nenhum editor lhe aceitara o manuscrito. Esse trabalho compunha-se de duas partes: “Memórias cronológicas para a história da Província de Mato Grosso” e “Dicionário topográfico, histórico e descritivo da Província de Mato Grosso”.

Creio que o trabalho era por demais extenso e pelo que pude deprender, através de conversa, durante algumas horas, com o autor, a tarefa do mesmo constava mais de compilação do que propriamente de crítica. Entretanto, o esforço extraordinário e os estudos exaustivos nos arquivos do discreto colecionador das coisas de Mato Grosso merecem o maior respeito e seria de lamentar que os frutos de uma inclinação sincera, duplamente digna de reconhecimento, por brotar num ambiente tão alheio a essas coisas, percessem na indiferença. Caldas também considera sua a descoberta da viagem de Peixoto ao Paranatinga, a mesma que Severiano atribue ao Barão de Melgaço e exprobra a Severiano ter êle citado três dos seus planos (dele, Caldas) sem referir-se ao seu nome. Quanto à primeira parte de suas afirmações, guardo as minhas dúvidas, mas apesar do homem se atribuir méritos que lhe não pertencem, o seu trabalho é valioso, por se tratar de assunto importante, que outros deixam ao abandono.

O Barão de Batovi interessou-se muito cordialmente pelos nossos planos. Acreditou, entretanto, que, após termos descoberto as fontes do Xingú, haveríamos de voltar a Cuiabá, de modo que se sobressaltou um pouco quando soube que era justamente aí que começava a nossa principal tarefa. Disse que isso seria “quasi impossível”. Em 18 de

abril declarou que sua jurisdição militar terminava nos limites da Província de Mato Grosso e até aí, poder-nos-ia fornecer uma escolta. Que o Ministério lhe havia comunicado a nossa chegada a 28 de janeiro, recomendando-lhe, expressamente, os nossos nomes, visto que a viagem era considerada da maior importância para o Governo. Não se fala em "fôrça militar", visto que a carta em nosso poder do representante brasileiro em Buenos Aires dizia que, havendo o ministro da guerra providenciado uma fôrça militar para nós, estaria o Barão disposto a assumir a responsabilidade de fazer cumprir o que estava combinado em ambos êsses documentos e de destacar os soldados que nos acompanhariam.

Estávamos satisfeitiísimos com essa solução. A fronteira entre Pará e Mato Grosso representava um suposto afluente do Xingú, isto é, o rio Fresco a 8º e localizado a meio caminho no extremo oposto, que parecia ser bastante imaginário.

De onde viriam, porém, os animais de transporte, não só os nossos como os dos 30 soldados, pelos quais devíamos pagar o que excedia às nossas posses?

Entrementes, fizemos relações com o Capitão Tupí, o comandante em vista para a escolta.

Êste tinha um modo folgazão e animador de encarar as coisas. Era muito elogiado por todos e, assim, puzemo-nos, confiantes, mais à vontade com êle.

Na questão dos animais de transporte tinham-nos recomendado o seguinte: Devíamos realizar um contrato com o sertanejo N.N., homem de recursos e que desejava conhecer a região do extremo oposto Paranatinga, por causa da grande quantidade de seringueiras ali existentes, embora não se atrevesse a procurá-las por sua própria conta. Si fôssemos com êle, teríamos a recompensa de obter os animais por um aluguel barato. No contrato êle se obrigaria a embarcar os animais. Tudo isso nos pouparia muito dinheiro, uma vez que não precisaríamos comprar as mulas, nem necessitaríamos pagar os homens, porque essas despesas correriam por conta do sertanejo. Seguiríamos, assim, da maneira mais confortável do mundo.

"E si êle não cumprisse o contrato?" perguntávamos. "Oh!" exclamavam todos num tom ofendido, "o N.N. é um homem sério", porém, em todo o caso, podíamos estabelecer uma multa para tal eventualidade.

Mas, para nós, si o homem chegasse a pregar-nos uma peça, nessa ocasião, já nos seria indiferente chamá-lo a contas.

Entretanto, o risco de um fracasso por nossa causa ou por causa do sertanejo era muito grande.

Tupí também achava que devíamos fazer êsse contrato e interessou-se vivamente por êle. A pedido nosso, fez uma apreciação das despesas. A base de qualquer cálculo residia no pagamento de \$650 réis por dia (1,3 marcos) “per capita”, pela chamada etapa, ao chefe dos soldados da expedição fóra dos limites circunscritos à guarnição.

Tupí receberia, portanto, suponhamos por 30 pessoas, para 2 meses, além do soldo da etapa dos soldados, 1:170\$ (2.340 marcos).

Para melhor compreensão das condições não será demais dar aquí as cifras (conte-se o mil réis a 2 marcos, para simplificar) :

I) ALÉM DO RIO PARANATINGA

(30 pessoas para 2 meses, ou 1.800 dias para 1 pessoa)

a) 1 - Farinha de mandioca (8 mulas), 1 alqueire, ou 40 l (1800×0,5 l) ou 900 l=25 alqs. a 5\$.	125\$	
2 - Feijão (4 mulas), 1800 a 0,2 l=10 alqs. a 9\$.	90\$	
3 - Sal, 6 sacos a 50 ks.	26\$	
4 - Carne (bois vivos, sendo metade em bois selvagens, que são mais baratos, 1 boi=45 ks. 16\$) 360 ks..	128\$	
5 - Aguardente.	50\$	
	<hr/>	
	419\$	420\$
b) 15 mulas para transporte dos víveres } 6 mulas para nós }		500\$
		<hr/>
		920\$

Para nós três e dois “camaradas” (homens que conhecem o sertão) acrescentava-se ainda o seguinte :

Alimentos, 80\$ e parte para a compra das bestas, 95\$=175\$, quantia a subtrair dos 920\$.

De acôrdo com os seus cálculos, Tupí teria que gastar apenas 745\$ de uma etapa que era de 1:170\$.

II) DE CUIABÁ AO PARANATINGA

(Os soldados teriam que carregar as provisões necessárias para 10 a 12 dias, nas mochilas que usavam nas costas)

1 - Farinha, 10 dias, 30 pessoas, 150 l	22\$	
2 - Feijão, 0,2=60 l	18\$	
3 - Sal.	2\$	
4 - Carne, 5 arrobas	20\$	
		62\$
Extraordinários para 4 pessoas, isto é, o Capitão e nós.	38\$	100\$
Para nós, Tupí calculou assim :		
a) 6 mulas até o Xingú.	120\$	
Alimentos	80\$	
Participação na compra das bestas	95\$	
		295\$ 300\$
b) 2 camaradas a 30\$ por mês, para 5 meses	300\$	
c) Ferramentas.	180\$	
		780\$

A soma total das nossas despesas (sem os extraordinários até o Paranatinga) seria de 780\$ e as de Tupí 745\$.

Porque a diferença entre a etapa de 1:170\$ e 745\$? Onde estava o resto? E o dinheiro dos soldados?

A proposta causou-nos má impressão e despertou-nos a primeira desconfiança para com o nosso futuro companheiro de viagem. O fato de Tupí defender com tanto interêsse o negócio do aluguel das mulas não nos agradava agora, embora quiséssemos o negócio porque era barato. O comandante parecia desejar seguir de mãos atadas, por assim dizer, através da região desconhecida, o que nos fazia temer e duvidar da sua capacidade e da lisura das suas intenções. Encontrávamo-nos numa situação crítica.

Tínhamos que arcar com mais da metade dos custos e ainda nos prover de uma maneira que nos parecia insegura. Não! Mais valia tentar a sorte por conta própria e tomar, apenas, como companheiros algumas pessoas direitas, independentes, do que uma escolta de 28 ou 30 pessoas, com animais alugados. Não estava em nós o desejo de au-

mentar o número das expedições malfadadas que haviam partido de Cuiabá.

Apesar disso, as circunstâncias verificaram-se de outro modo. Um oficial brasileiro, de ascendência alemã e que procurava, gentilmente, auxiliar-nos, apresentou-nos ao seu amigo Cap. Francisco de Paula Castro. Êste alimentava o desejo de nos acompanhar, mas aos poucos desistira, por notar que tratávamos com Tupí.

O Capitão Castro mostrou-se contrário ao aluguel dos animais, dizia que em vez de mulas devíamos levar bois, que, quando bem tratados, são capazes de vencer longas marchas. Pagando-se um acréscimo de 3 meses de etapa, os soldados não teriam que levar as suas provisões à nossa custa. Os bois seriam aproveitados como alimento na medida em que os outros alimentos fossem escasseando.

A avaliação feita por Castro era, pois, a seguinte :

30 PESSOAS, 90 DIAS

1) 30 bois a 35\$	1:050\$000
2) Farinha, 0,5 l por dia 1 alq. = 50 l (e não 40) 27 alqs. a 5\$	135\$
3) Feijão, 11 alqs. a 8\$.	88\$
4) Sal, 6 sacos a 5\$	30\$
5) Aguardente, 7 canadas (a 40 garrafas) a 8\$. . .	56\$
Ferramentas.	309\$000
Fumo	40\$000
	<hr/>
	1:699\$000
Eventuais	301\$000
	<hr/>
	2:000\$000

A etapa por 30 pessoas para 3 meses orçava em 1:755\$, sendo, portanto, mais elevada do que a importância necessária para a aquisição (1:699\$) dos bois, dos alimentos, do fumo, das ferramentas.

Podíamos tomar emprestado algumas tendas do Arsenal, onde também nos forneceria os cartuchos. O piquete de que o Barão dispunha ofereceria mulas para os oficiais e para nós.

Castro expôs o seu projeto de gastos, acompanhado de uma introdução geral que explicava tudo ao Presidente.

Dias depois apareceu Tupí, não querendo mais saber de animais de aluguel. Havia conversado com algumas pessoas práticas no assunto, que lhe afirmaram serem os bois bastante aproveitáveis e que, si evitar-

mos o calor do meio-dia, fazendo-os trabalhar sòmente das 4 às 9 da manhã e das 3 às 6 da tarde, iriam “ao fim do mundo”.

A 25 de abril tivemos uma conferência demorada com o Barão, que sugeriu a idéia de um pequeno relatório, o que fizemos, apresentando a proposta de Castro, isto é, incluindo a cessão de 2 oficiais e 25 homens para a expedição. Referia-se a 2 oficiais, porque havia a eventualidade de doença ou desastre, de modo que um pudesse substituir o outro, dividindo entre si o comando.

Em 6 de maio recebemos a resposta do Barão que rezava : “Convencido da importância da empresa para o país em geral, como para a Província de Mato Grosso em particular, visto que o conhecimento completo do rio Xingú, até hoje inexplorado, lhes interessa profundamente, sem falar de outras valiosas descobertas que essa vossa viagem poderia proporcionar, resolví apoiar-vos, não só com uma divisão militar de que precisais para vossa defesa e proteção pessoal, mas, também, fornecendo-vos alguns artigos de ferro e provisões”.

A questão dos dois oficiais vacilava ainda durante alguns dias. Em qualquer hipótese queríamos Castro, que, aliás, não mostrava muita disposição de seguir ao lado de Tupí, com quem não simpatizava e a quem deveria subordinar-se, embora fossem da mesma categoria militar, mas é que Tupí era mais velho. O Barão decidiu-se pela designação de Tupí. E isso constituiu a única gôta amarga em meio da nossa satisfação. Eis que agora, não sei porque, ouvíamos diversas opiniões desfavoráveis sôbre o nosso futuro companheiro de viagem. Era um jogador apaixonado, suas finanças não estavam em boa ordem, o que devia ser verdade, pois me pedira, a mim, pequeno auxílio. E certo dia chegamos a duvidar que seguisse, pois soubemos que, si não cumprisse com certos compromissos assumidos, teria que ficar.

Mas, consegui tudo e veio conosco.

Creio que não teria tocado nessas coisas sensaboronas si elas não tivessem assumido caráter funesto na história da nossa expedição. Para demonstrar a minha boa vontade em guardar segredo, devo dizer que, quando estava no Rio, durante a comunicação oficial, me referia ao bom êxito da expedição omitindo os dissabores passados, não mencionando sequer o nome do Capitão Tupí. Qual foi a consequência? Acreditou-se, naturalmente, que devíamos ter boas razões para isso e que ainda devíamos ter algo a nos exprobrar a nós mesmos... Não desejo descrever a amargura que essa interpretação me causou naquela ocasião, justamente quando me achava doente e nervoso, pois é coisa que esqueci há muito tempo. Tinha-me decidido, entretanto, fazer uma narração

franca e fiel à verdade, e em harmonia exata com as minhas notas. Verifica-se através delas que a pessoa do Capitão Tupí não se adaptava à tarefa que lhe foi confiada, por causa da sua irresponsabilidade muitas vezes demonstrada. A circunstância de o termos obrigado a voltar para Cuiabá não nos envergonha, pois o afastamento de um homem que se mostrou indigno da confiança do Presidente era imprescindível. Si não tivéssemos agido assim, a empresa teria sido um fracasso absoluto, disso estamos inteiramente convencidos. Nós, isto é, Castro, os bravos soldados, os meus dois amigos e eu fizemos a expedição, não com Tupí, mas sem ele.

Perdoe o leitor ter antecipado acontecimentos, mas para a compreensão dos fatos seguintes, isso se tornava indispensável, e, como mais tarde devo abster-me ainda mais de qualquer crítica, parece-me útil o que disse.

Pouco a pouco, os preparativos tomavam vulto. Tupí foi nomeado comandante da tropa e estava encarregado da compra dos bois e das ferramentas. Castro recebeu a incumbência de enviar comunicações ao Governo. O Barão declarou-se disposto a nos conceder tudo que estivesse em seu poder. Acedeu também ao pagamento dos 2 camaradas, que tínhamos a intenção de contratar e prometeu apressar as providências, afim de que pudéssemos seguir sem mais demora.

A notícia de vagas para camaradas proporcionou-nos várias visitas. Um pobre diabo, escravo, importunou-nos com as suas súplicas, afirmando que devíamos dar-lhe essa oportunidade de obter a sua liberdade. Para isso teríamos que pagar à sua dona, uma velha viuva, certa soma redonda, que resgataria com o seu trabalho. Infelizmente a quantia ultrapassava os nossos recursos.

No dia 19 de maio apareceu-nos um velho com uma cara de índio, bastante gasta pelas intempéries, cuja aparência enérgica e ao mesmo tempo experiente e experta muito nos agradou. Chamava-se Daniel Álvares, idade 65 anos. Seu filho Pedro, de 14 anos, também era candidato. Daniel residia do outro lado de Guia, próximo do nosso caminho. Tinha viajado parte do baixo Paranatinga e supunha — não sem razão — que ninguém mais do que êle conhecia o Sertão. Fizemos, pois, a nossa escolha: Daniel e Pedro tornaram-se nossos camaradas.

Tupí procurava os soldados (só eram designados aqueles que se apresentavam voluntariamente). Comprou os bois. Obteve permissão para o fornecimento de algumas mulas do piquete, que nos acompanhariam, e que seriam devolvidas por intermédio de quatro cavaleiros, os quais devíamos dispensar logo que chegássemos ao local do embar-

que. Afinal, Tupí arranjára as ferramentas. Admitíamos constantemente a possibilidade de precisar mais tarde, fabricar as nossas canoas, para o que eram necessárias as ferramentas, que aquí eram muito caras.

Nós também desenvolvíamos imensa atividade. Havíamos trazido os nossos ternos de couro alemão de Buenos Aires. Mandamos fazer algumas redes de dormir, simples, leves, duráveis e de linho e bem assim os respectivos e indispensáveis mosquiteiros. O mosquiteiro é uma tenda arejada de filó que envolve frouxamente a rede, de maneira a tocar o chão em toda a volta. As cordas da rede são atravessadas pelos cabos apertados e fortes dos mosquiteiros. Para maior comodidade, costuma-se colocar uma pele de boi no chão, afim de que os insetos do mato não tenham acesso. Até mesmo mais de uma pessoa pode gosar as vantagens do mosquiteiro si se deitar sôbre a pele de boi, debaixo da rede protegida pelo mosquiteiro. Faltava-nos ainda um chapéu de palha de abas largas, que adquirimos na casa de detenção. Os senhores delinquentes, que enchiam duas grandes salas, estendiam-nos os chapéus através das grades de ferro, afim de que os experimentássemos. Eram baratos, mas foi-nos difícil achar números grandes que servissem. Quanto ao calçado, levamos, além dos sapatos, os chinelos de couro, tão apreciados no lugar.

Durante uma manhã inteira confeccionamos cartuchos. O curioso Pascoal que, diante dos nossos grandes preparativos, parecia inteiramente tonto, estorvava-nos a cada passo. O pobre homem passava maus dias, pois um miserável português, que morava na casa, roubara a Clauss uma soma considerável, retirando-a da mala. Ameaçamos Pascoal, que dizíamos devia reembolsar-nos e desde aí o velho rebojava em sua rede, sem sono, gemendo como um condenado à véspera de execução.

Os nossos papéis e os materiais de desenho de Wilhelm estavam empacotados em latas. O principal foi reunido em um alforge prático, o resto foi metido nos "burracen" (sic), que são uns depósitos amplos feitos de couro duro, cada animal de transporte carregando dois deles. Colocamos também o nosso alforge num desses depósitos. Fizemos outrossim uma provisão de café e chá paraguaio (1), em geral poucas conservas, pois havia reduzido sortimento delas em Cuiabá; apenas, as eternas sardinhas em azeite é que não faltavam. Com o fim de poder fazer uma pequena coleção zoológica, comprei alcool e certa quantidade de garrafinhas. O alcool também era necessário para o hipsômetro.

1) N. da T. — Chá paraguaio ou mate.

Petróleo para as observações astronômicas, velas, fósforos suécos, mecha de fogo, pederneira, barbante, cordas de fibra, arame, pregos, anzóis, cordões e, para cada um, uma machadinha e outras coisas. Inúmeras miudezas que quando não as há parece faltar-nos o mundo e, entretanto, se aprende a passar sem elas mais tarde, exceto o fuzil de fazer lume, a faca, a espingarda, chumbo e fumo.

Ofereceu-se-nos uma pechincha, conforme se diz em Buenos Aires e que significa uma boa oportunidade, numa loja em liquidação. Ali compramos adornos bem brilhantes para os nossos futuros hóspedes, isto é, pulseiras, anéis, brincos, espelhos e outras quinquilharias, especialmente contas. Também cogitamos de uma certa quantidade de facas e não esquecemos sequer um embrulho de foguetes.

Os nossos principais instrumentos eram um pequeno teodolito inglês, de fácil manuseio, 2 aneróides, três termômetros fundos, um termômetro máximo-mínimo, um hipsômetro, uma bússola (2) e o cefalômetro de Virchow.

Ainda não acabáramos de empacotar o último volume, nem terminado de escrever a última carta para a pátria e já amanhecia o dia 26 de maio, iluminando, com a sua luz, o nosso caos.

Combinamos que Tupí sairia cedo com a caravana, ao passo que Castro e nós seguiríamos pela tarde.

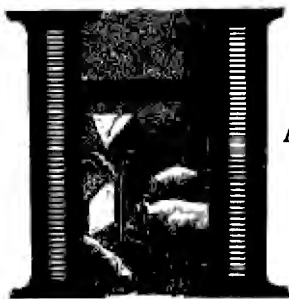
Embora fossem justificáveis os motivos que nos faziam pensar em não rever tão cedo os muros hospitaleiros de Cuiabá, deixamos, apesar disso, com saudade a idílica localidade, o que constitui a melhor prova de uma recordação grata. Até o nosso velho "Hospes" estava emocionado, achegando-se com uma pequena bateria de garrafas de cerveja, em homenagem à despedida. E ao gritar-lhe nos ouvidos: Como é que podia ter hospedado um tratante que nos furtou em sua casa, êle puxou humilde um rolo de bom tabaco para nos oferecer e, ao ver que o aceitávamos como penhor de reconciliação, seu rosto brilhou de alegria. Dizia que preferia ter ficado dois meses com febre baixa do que passar pelo vexame de nos ver furtados sob o seu teto.

Decidíramos partir à 1 hora. Diante da casa estacionava uma fila de cavalos e mulas ensilhadas. Segundo o costume da terra, compareceu um grupo de pessoas nossas conhecidas, afim de nos acompanhar durante um trecho de caminho. E foi assim que começamos a nossa marcha. A cavalgada estava garbosa e pitoresca. Nós três de chapéus de palha, de largas abas, em que amarráramos uma fita com as côres

2) O autor escreve "Peilkompass".

brasileiras, tendo na frente uma roseta preto, branco e vermelha. As armas reluziam, a camisa de flanela de côr (pois não vestíamos casaco) estava livremente caída sôbre o cinturão, todo recheado de cartuchos e transpirávamos a confiança própria e a alegria de empreender a jornada. Passamos todos diante do Palácio. O Presidente estava à janela. "Vimos receber as últimas ordens de V. Excia.", disse eu. Com a simpatia que lhe era peculiar, o velho senhor veio à porta para nos desejar feliz viagem. A Baronesa também nos enviou um amável adeus. "Vamos!" Quando estávamos a uma légua da cidade, esvasiamos os últimos copos, trocamos os últimos abraços. Reunímo-nos, então, à caravana e não foi pequeno o nosso prazer diante dêsse, para nós, estranho aspecto de manobras, do qual participávamos, agora, irrevogavelmente, como membros ativos.

Marcha de Cuiabá ao Rio Novo. Os Bacairís mansos



HAVIA dois caminhos para o rio Paranatinga, um pelo afluente do Tapajós, em cuja margem se encontrava a última colônia, limitando a região conhecida, e pelo qual a marcha através da “Chapada” talvez fosse mais interessante (onde a subida para o planalto é logo do outro lado da pequena capital), o outro — escolhido por nós — segue ao longo do rio Cuiabá para além da bifurcação dos rios Paraguai e Tapajós. Esta estrada me pareceu mais conveniente, porque, pelo que soube, era de mais fácil acesso aos animais e essa precaução era decisiva, tomando em conta a resistência dos bois. Dessa maneira, foi-nos, certamente, roubado o instrutivo prazer de conhecer o sr. Herbert Smith, já naquela ocasião. Êste naturalista americano encontrava-se, nos últimos anos, na Chapada, onde, com um esforço verdadeiramente espantoso de colecionador, conseguiu reunir um material zoológico, botânico e geognóstico de uma riqueza tal, que nos deixa perplexos. Nessa ocasião achava-se êle no período final de seu trabalho. Quando, mais tarde, no Museu do Rio de Janeiro, pude contemplar as inúmeras caixas e as compridas mesas, cheias de tesouros, tive um sentimento de profundo pesar, por não me haver avistado com aquele homem, cujo convívio só poderia ser proveitoso.

Era natural que nos primeiros dias avançássemos muito pouco. Sòmente parte dos homens é que se incumbia dos bois, e quando um ou outro se extraviava durante a noite, todos nós tínhamos que esperar seu retorno.

No dia 29 de maio passávamos pelo lugarejo Guia. A 2 de junho atingimos Rosário, onde um barco faz o transporte para a margem direita do rio Cuiabá. O comandante Francisco Pompeu de Barros, que tinha, sob suas ordens, seis homens, constituindo a primeira e única autoridade do lugar, recebeu-nos hospitaleiramente em sua casa, próximo ao largo da igreja.

As casas são de argila. A de Pompeu tem 2 quartos, sendo que um é de chão ladrilhado; o outro de terra fortemente amassada, as vigas do telhado são cobertas de tijolos. Um espaço abrigado, lá fóra, serve de cozinha.

Contamos 160 casas, entre as quais 96 cobertas de telhas. Calculando para cada casa 8 pessoas, teríamos uma população de, mais ou menos, 1.300 almas. As 3.084 almas, incluídas na estatística do ano de 1872, parecem número elevado demais em relação ao atual. No meio do grande largo, que mede 240 passos de comprimento e 117 de largura, ergue-se uma igrejinha, caiada de branco e muito limpinha. Diante dela vê-se uma cruz muito alta, cuja tábua horizontal se acha admiravelmente ornada com alguns ninhos de argila, construídos pelo "joão-de-barro". Uma das casas distingue-se por ser assobradada. A caserna, que é pequena, de antigas janelas, feitas de pranchas de madeira, situa-se no largo da igreja e serve, também, como prisão. Nessa casa suja vêem-se umas estacas fincadas, onde se assa a carne. Nas paredes, os soldados não escreveram seus nomes ou notas, como em geral acontece, mas pintaram jacarés e outras coisas semelhantes. Os soldados são, na maioria, negros ou mestiços.

Um velho dizia-nos que o número dos habitantes era quasi sempre o mesmo, que a cidade não progredia, mas também não regredia. Tinha a vantagem de não possuir um mendigo. A maior parte dos homens trabalha no campo. Fazem-se negócios com Cuiabá, que é o seu mercado comprador de arroz, feijão, açúcar, aguardente, tabaco, madeiras para construção, especialmente cedros, além de arceiras, jacarandás, peúvas e paus d'arco.

As mulheres costuram, tecem redes e enrolam cigarros.

O comércio com Cuiabá se faz por água. Clauss mediu a largura desse rio próximo, que é de 176 metros.

A cidade de Diamantino também recebe muitos artigos de Rosário. Desde a reexploração das minas, o lugar decaiu muito, produzindo pouco e as casas estão, em parte, fechadas ou deshabitadas.

Entre as diversas indústrias de Rosário, a mais importante parece ser o gado suíno. Os exemplares mais gordos fornecem até 8 arroba, de toucinho. Vimos, entretanto, um monstro de gordura que quasi não podia mais caminhar e que era avaliado em 15 arrobas. Verificávamos, diariamente, que os porcos são bem dignos desse nome ao entrar em um jardim abandonado, próximo à casa de nossa moradia, que o brasileiro no seu grande desprezo pelo herói da guerra do Paraguai, costumava frequentar, declarando, deselegantemente, que ia "escrever cartas a

Lopez". Esse jardim, que éramos obrigados a atravessar por ser passagem, recebia, mal tinha saído o "correspondente", uma porca com seu filhote, que se aproximavam para remover a porcaria deixada.

Simplicidade patriarcal e desambição dominam todos os caminhos da aldeia tranquila. Pompeu, que há cinco meses ocupava o cargo, e que de bom grado passá-lo-ia a um sucessor, lamentava-se da monotonia de sua existência.

Afinal, que iria fazer com os seus seis soldados, durante dias a fio. Dizia que a simples tarefa de mandar, de vez em quando, prender os grilhões aos pés de um sujeito mal comportado ou embriagado, embotava os nervos de uma pessoa normal. Contava ainda que lhe haviam mandado um corneteiro de Cuiabá, que não sabia tocar e que, nem mesmo em uma semana de cadeia, conseguira aprendê-lo. Pompeu não soube reprimir-se diante do artista, apesar de nossos homens lhe declararem que o sujeito entendia muito bem da arte. Não sei dizer como Pompeu dominou a sua raiva, mas verifiquei que o seu rosto inchara de cólera como si êle mesmo tivesse tocado numa corneta entupida.

Tratou-nos admiravelmente. A serviçal "mulatinha" colocou no centro da mesa um espeto como um estandarte, em que pendia esplêndido churrasco. Havia feijão, boa carne de porco, bananas fritas e chouriço, com um pouco de açúcar, de sabor estranho, mas delicado. Almoço às 11, jantar às 5 horas. Às 8 já a gente se recolhia. Colocavam-se as cinco redes nos respectivos ganchos e o dormitório estava pronto.

Afinal, estou a falar em horário, quando, Deus meu, em Rosário não havia relógio, nem ao menos um relógio atrasado, ou mesmo parado. Nossa expedição resolveu, então, construir um relógio de sol. A muito custo, arranjou-se uma mesa de duas tábuas irregulares. Gastou-se uma hora à procura de um serrote, afim de se poder recortar direitinho a estaca. Clauss desenhou a marcação das horas e serrou a parte superior da estaca a 15°. Na parte de trás da mesa foi que se colocou um mostrador, para se conhecer a posição do sol durante os dias de chuva. Apesar de tudo o relógio assim improvisado não prometia durar, pois além do mais havia o receio de que um cavaleiro, saído de qualquer canto, viesse amarrar o seu impaciente animal na estaca do relógio. Nossa obra, entretanto, foi sinceramente admirada. Muito tarde, já à noite, ainda se viam pessoas rodeando o relógio, sob o clarão da lua, acompanhando a sombra com o olhar. Um duvidava do conhecimento dos números de outro, principalmente quando o tempo não parecia corresponder muito à marcação.

Seria recomendável enumerar a nossa comitiva que se compunha das seguintes pessoas : Tupí, Castro, nós três, Daniel, Pedro, um camarada especialmente para Tupí, vulgo Bem, um outro para Castro, que era um seu compadre, de nome Valentim, mais 4 homens do piquete, a saber : 1 sargento, 2 cabos e 1 praça ; 25 da infantaria, entre os quais 1 sargento, 1 cadete, que no Brasil é geralmente filho de militar e ocupa um posto imediatamente inferior ao de oficial, 1 corneteiro. Ao todo, 38 pessoas. Ainda tínhamos 9 mulas, isto é, 5 para os oficiais e para nós, 4 para os cavaleiros do piquete. 25 bois, sendo que 2 pertencentes a Castro, 6 cães, cujos nomes eram : Campeão, Tarugo, Maroto, Tubarão, Leão e Leoa. Reservava-se 1 boi para cada homem, que lhe dava um nome à vontade, assim tínhamos Estrela, Quebra-Espinho, Creolo, Faisca, Malandro, Xingú, Cartucho, Cobra d'Água, Relógio, Vespa, Sabiá, etc.

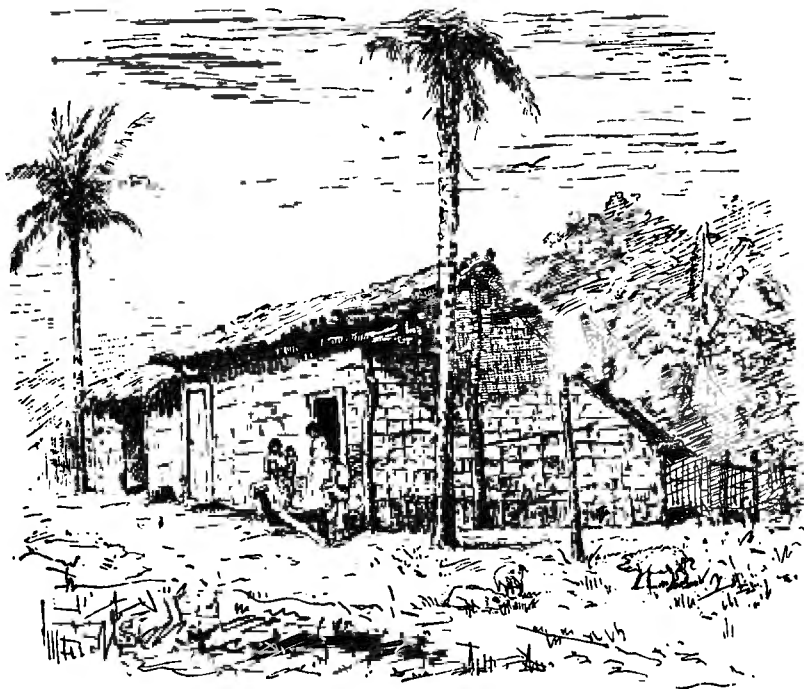
Na marcha do dia 1.º de junho, Tupí safu na frente, sem combinar antes o que quer que fosse. No dia seguinte, muito tarde, voltava a Rosário, após ter passado o tempo todo em uma fazenda e sem se importar com os seus soldados, acampados que estavam no outro lado do Cuiabá.

Incumbímo-lo de indagar a respeito dos víveres. Naturalmente o melhor seria adquiri-los na aldeia dos Bacairís mansos, que ainda teríamos de atravessar e que ficava do lado de cá do Paranatinga, em vez de comprá-los aquí e carregá-los até lá. Além disso, tratava-se de provisões para 3 meses, que iriam servir para nossa permanência na outra margem do rio. Ficamos, assim, preocupados com Tupí, temendo que tivesse perdido o dinheiro, jogando cartas com os fazendeiros, o que não seria de admirar depois das vultosas dívidas que contrafu em Cuiabá. Desejávamos, de vez em quando, fazer-lhe ver que não estávamos dispostos a arriscar a expedição por causa de seus negócios particulares.

Tupí irritou-se muito, quando lhe perguntei si havia suficientes alimentos. Era preciso saber, pois nós nos considerávamos igualmente responsáveis pelos soldados que serviam na expedição. Depois respondeu que sim, que cuidara dos víveres e que isso, aliás, era da conta dele. Insistí, alegando que devia convencer-nos praticamente de tal aprovisionamento, pois se fazia necessário tomarmos conhecimento disso. Declarou, então, que concordaria em que calculássemos as nossas próprias necessidades, isoladamente, deixando a cargo dele a parte dos soldados. Nessa altura Castro exaltou-se, dizendo que, si era assim, agradecia . . . Por mim, reafirmei meus pontos de vista, nada querendo aceitar nessas condições. Dessa maneira, Tupí viu-se apertado e cedeu. Mencionou

a quantidade de mantimentos por êle adquiridos em Cuiabá, cifra essa que assentei imediatamente no meu caderno. Prometeu completar o que faltava logo que chegássemos à aldeia dos Bacairís.

Mais tarde, ainda tive oportunidade de fazer falar Bem. Êsse homem, conduzido e protegido por Tupí (só Deus sabe por que!), a título de camarada, era um conhecido páu d'água de Cuiabá. Nós mesmos já o tínhamos visto por lá, inteiramente bêbedo e a divertir todo mundo. Espantámo-nos bastante ao verificar que era êsse individuo que vinha conosco. O pobre diabo talvez fosse uma boa alma, mas já a



Habitações em Rosário

caminho de Rosário se tornara impossível, com as suas malcriações em estado de embriaguez. Disse, portanto, a Tupí que um vagabundo como aquele, conhecido por todos como tal, não podia ser nosso companheiro de viagem, pedindo-lhe que o mandasse de volta, ao que Tupí se manteve calado.

O acaso quis que em meio da noite se ouvisse, de repente, barulho infernal. Tratava-se de Bem e um soldado, chamado Cosme, que, apoderando-se do bote, foram bater a todas as portas, pedindo bebidas e a

todos escandalizando. Diante da nossa janela bela cena se desenrolava. Êsses dois embriagados não se deixavam intimidar por Tupí que os ameaçava com a espada e o facão. Por fim, Bem foi preso e Cosme sumiu-se.

A 4 de junho, novos atos de indisciplina. Um soldado embriagado atirou um pedaço de madeira no pescoço de Tupí, recebendo por isso punição. Deram-lhe uma surra e depois ataram-lhe os grilhões. Um cavaleiro do piquete, de nome Gabriel, furtara a Castro alguns fios de pérolas, da bruaca, para presentear uma moça. Avisei a Tupí que fizesse regressar a Cuiabá Cosme e Angelo e, si ficasse provado o furto, também a Gabriel, mas Tupí alegou algumas dificuldades que considerei sem importância. Disse-lhe, então, que iríamos enfrentar as peores coisas, si não reprimíssemos, severamente, todas as violências, logo de início.

Em 6 de junho, queríamos partir de Rosário. Fizemos mais algumas compras, um dos bois foi sacrificado e a sua carne salgada. Recebemos, para o transporte, um boi de boa qualidade em troca de um nosso de má qualidade e ainda com uma diferença em dinheiro, mas só por felicidade é que o conservamos, pois o negociante, a quem apelidavam "eigano" querendo lucrar duplamente, tentou apoderar-se, durante a noite, do animal. Um dos bois pertencentes a Castro fôra mordido, no focinho, por uma cobra e pereceu, de modo que foi preciso substituí-lo, adquirindo outro. Daniel tivera um acesso de febre. Nesse interim, aproveitei o tempo para ver si melhorava o estado dos pés de alguns soldados.

Parece que na última noite, em Rosário, todos tinham tomado um pouco de aguardente. Ouviam-se os sons da corneta, imitando o toque da madrugada, sons êsses de certo desconhecidos do repertório de sinais de qualquer nação. Alguns cambaleavam tanto que até caíam. Muitíssimo admirados, vimos Cosme ocupado em fazer a bagagem, como si nada tivesse acontecido. Interpelei Tupí, que afirmou ter na véspera conversado com Castro sôbre a probabilidade de Cosme seguir, tendo-lhe pedido que nos avisasse a respeito, o que Castro não quis fazer. Ambos seguiriam provisoriamente, porque depois regressariam com os soldados de cavalaria. Daí surgiu uma explicação mais demorada em que concordamos não termos, realmente, sido ofendidos por nossa parte e que, com respeito à disciplina, só a êle, Tupí, competia zelar, mas quanto às manifestações de grosseria, essas atentavam não só contra a disciplina, mas, também, contra a ordem da tropa e que nós, enquanto pudéssemos evitar, não viajaríamos em companhia de homens que atiravam achas de madeira nos seus oficiais. Si êle, Tupí, não tinha meios

de se proteger contra êsses ataques, muito menos os tinha para garantia nossa e que numa empresa tão séria como esta não podíamos trazer conosco os nossos próprios inimigos. Depois da longa discussão, que se prolongou até às 7 hs. da manhã, quando nada mais havia a dizer, finalizei com estas palavras : “Peço-lhe, agora, senhor Capitão, em caráter oficial, fazer voltar aqueles dois indivíduos para a cidade”.

Respondeu afirmativamente, acrescentando ainda que nada mais lhe interessava a não ser a boa ordem da expedição. Cosme e Angelo tinham que permanecer presos, até que Pompeu os pudesse remeter a Cuiabá ; quanto a Gabriel, que, como soldado de cavalaria, nos era imprescindível, viria conosco mas “seria conservado à distância”. Muito bem. Foi uma manhã atarefada. Chefiada por um bonito mulato, chamado Satírico, veio até nós uma deputação que pretendia o perdão daqueles dois indisciplinados, prontificando-se a responder pelos mesmos. Tupí sacudiu os ombros como quem diz : Nada tenho com isso, e, assim, apesar da desagradável situação, nos recusamos atendê-los. Os soldados lamuriavam-se, rodeando o bêbedo Bem, que a nós também inspirava dó, pois era alcoólatra crônico e, apesar de não termos vertido lágrimas como os soldados compadecidos, apertamos-lhe a mão, nela depositando uma boa gorgeta . . .

Às 7 e 30 começa a saída. Daniel se acha bastante carregado e caminha vacilante atrás de sua mula, com a espingarda de Clauss nas costas. Ao tentar levar o gargalo de uma garrafa à boca, Valentim perde o equilíbrio, colocando depois um pesado saco de couro às costas para facilitar a firmeza no assento. Israel, sujeito trabalhador, tem a seu cargo a condução de 7 bois. Os outros caminham à vontade. Vemos numa das últimas cabanas duas pessoas a pedirem água, uma outra está comprando peixe. Todos são tipos fundamentalmente diversos e, entretanto, tão semelhantes. Aí estão 7 pessoas de chapéu diferente um do outro, cada um carrega a arma à sua maneira. A preferência porém, é usá-la sobre os ombros, segurando-a pelo cano.

No lombo de um boi balança um grande tacho escuro, em outro está um par de botas de Clauss. Quem olhar por detrás, julgará que Clauss está oculto debaixo da bagagem do animal, enquanto lhe abraça o pescoço.

À nossa esquerda há uma série de colinas. Depois de passarmos por um terreno mais áspero, chegamos a uma pequena povoação. É' o Ribeirão dos Nobres. Tupí chegou somente às 2 horas da tarde e se dirige novamente para o lugarejo. Nas proximidades vêem-se alguns ranchos abandonados por temor aos índios.

7 de junho. (Tombador) 2 hs. da tarde : I 742.2, II 730.0, Term. Sêco 31.0. 10 $\frac{1}{4}$ da noite : I 742.2, II 731.6, Term. Sêco 16.9, Nuvens e vento E.

Uma novidade desagradável. O boi carregado do material de ferro machucou-se em um dos lados, durante a marcha de ontem. Este animal era o da carga mais importante, depois daquele que transportava os aparelhos e fôra confiado a um oficial subalterno, de nome Luís, a quem Tupí muito defendera na véspera, por ocasião da reprimenda que Castro lhe dirigira. Afirmara Tupí que Luís era esplêndido soldado. Si Luís pretendeu pregar-nos uma peça, conforme parecia traír a sua fisionomia galhofeira, creio que bem o conseguira. Tupí safu, a cavallo, em companhia do sargento do piquete à procura do velho Januário.

Depois que atravessamos a ampla e bela campina que se desdobra após as cabanas, chegamos a uma pequena floresta em que predominavam as palmeiras acurí. Encontramos vestígios de jaguar, que serviam para confirmar as histórias de morticínio que ouvíamos todas as noites. Depois, seguia-se muito bom campo de pastagem, ótimo para criação. O capim tinha aquí 3 $\frac{1}{2}$ ms. de altura, dominando a cabeça do cavaleiro que passava. Diziam que os índios gostavam muito de acender fogo nesse capinzal e que o utilizavam até para se aproximarem sorrateiramente. De resto, viam-se as pequenas árvores nodosas e entortadas que se parecem com a nossa macieira, quando o tronco acinzentado rompe no meio. Transporte-me, assim, do Brasil para as ricas regiões frutíferas do Tauno. Também constituem ornamento encantador as ouassús, formando, frequentemente, pequenos arbustos, por entre cujas folhagens aparecem flores de um lilás rosado da peúva roxa, que é pobre em folhas. Muitas vêzes é a bocaiuva que surge, de folhas macias e estreitas, de côr verde claro. Cavalgávamos muito devagar e, às 9 horas da manhã, avistamos contornos de montanhas mais elevadas. Víamos, espalhados na planície, blocos de pedra, de um preto azulado, outros erguiam-se alí perto. Por entre as fendas dos mesmos, verificamos tratar-se de mármore cinzento esbranquiçado. Após o encontro de um cavaleiro solitário, que vinha de Diamantino a negócios, atravessamos, às 10 horas, maravilhoso trecho de floresta, onde vimos diversas espécies de filifolha, pés de peroba, grossos e retos como pinheiros do Norte e livres de ramos até quasi a metade da altura. Nova qualidade de pedra, isto é, pedralioz (cantaria) muito fina, cuja superfície se apresenta côr de cinza rosada e que, quando esmigalhada, figura várias côres, desde o vermelho pardacento até quasi o preto. Uma parede alta e íngreme da pedra

descrita parece, à nossa vista, como ruínas de castelo. O caminho está coberto de uma arcia fina e cinzenta. Próximo a um regato, encontramos, pela primeira vez, a paineira burití. “Onde tem burití, tem água”, dizia-se.

Pelas 11 horas, atingimos a escarpa tão falada, a qual segue ao longo da queda do Tombador. Este é o ponto peor do trecho Cuiabá-Diamantino.

A estrada pedregosa e estreita inclina-se para a esquerda da montanha, à direita oferece vista para um abismo de rara beleza. E' um pedacinho de Suíça brasileira. O declive, que conduz ao regato barulhento, é quasi vertical.

A encosta está atapetada por uma confusão de árvores selvagens, ramos e vegetação baixa. Lembramo-nos desta passagem: “Ouves bramir a corrente, que do rochedo se despenca e não sabes de onde vem!...” Aqui e ali consegue-se avistar espuma branca e gotas resvalantes de água lá em baixo. Em outros pontos percebe-se o “poço”, transparente, uma superfície espelhante de onde se precipita uma cascata. Essa queda dá-gua lança-se numa garganta formada por três cadeias de colinas opostas. A riqueza das plantas com que é provida corresponde, finalmente, à imagem que tínhamos do Brasil. Em parte alguma se nos depara pedra lisa, tudo é vegetação, mas ela não apresenta apenas a variedade das inúmeras gradações verdes, pois notamos, também, graciosas copas de árvores e palmeiras que oferecem forma caracteristicamente variada. Do mesmo modo que nas gargantas semelhantes da Suíça, o pinheiro e o pinheiro-abeto transformam a monotonia das rochas em um quadro artístico, aqui é a esguia oauassú que se encarrega de não fatigar os olhos apenas com o pesado e o massiço, A mais leve brisa provoca o jogo alegre das suas folhas, ora refulgentes ao sol, ora escuras à sombra. Com a mesma força e variedade de impressões com que elas cativam a nossa visão, penetra no nosso ouvido o marulhar ininterrupto das águas e o ruído da folhagem balouçando ao vento.

De repente, um grito vindo da floresta nos fez sair, surpresos, do espetáculo maravilhoso que nos hipnotizára. O grito repetiu-se ainda por duas vezes. Pensamos que era o de um animal qualquer, pois o lobo é o único animal cuja voz se confunde com a do homem, mas, conforme diz Daniel, aqui não existem lobos. Deve haver índios por ali. Os coroás, segundo nos disseram em Rosário, usavam, de quando em vez, a passagem pelo Tombador para ataques astuciosos.

Durou pequeno quarto de hora a subida bastante dificultosa dos animais, que conduziamos pelas rédeas. Chegando em cima, examinei as rochas que atravessam, em forma de escadinha, o riacho. Elas eram constituídas de um material muito delgado, embora compacto e em camadas finamente laminadas, apresentando uma côr externa de tom vermelho-pardacento e a greta de côr cinza. Em certos pontos a aparência da ferrugem dava a impressão de conter ferro. A superfície superior era inteiramente lavada. Queda d'água 46-52°, direção NO-SE.



Panorama da região do Tombador, visto do Estivado

Ao meio-dia alcançamos o ponto de parada e quasi ao mesmo tempo chegava a caravana. Lá no alto viam-se uma casa e duas palhoças abandonadas e em ruínas. Os índios obrigaram os colonos a desistir delas, pois mataram, durante a sua ausência, a mulher e dois filhos, cuja cova comum tinha uma cruz. Dois bois arregalavam os olhos admirados da nossa presença, afastando-se depois. A estrada para Diamantino dobra em direção ao norte.

Almoçamos uma carne horrivelmente salgada e um peixe defumado, cujo sabor a óleo de fígado de bacalhau me produziu sensação de repugnância. Afim de, talvez, conseguir melhor bocado de comida e ao mesmo tempo obter melhor visão dos contornos de montanhas sudestes seguí, pela tarde, com Pedro, Castro e Wilhelm para as redondezas, enquanto Clauss ficava para trás, afim de estudar o itinerário, tendo saído a pé em companhia de Daniel. O caminho que tomamos era o típico atalho de cabra e estávamos de chinelas sem saltos. O capim era fino, árvores desgalhadas que se partiam quando se tentava segurar

nelas, pedras soltas, alguns íngremes de graus e estávamos em cima, de onde descortinávamos o vale cerrado. Castro deixou-se ficar deitado por várias vêzes, a provocar o próprio vômito, inteiramente atacado, também, pelo enjôo produzido pelo horrível peixe. Como Pedro descobrisse dois veados ao longe, voltamos, caminhando por um regato, com o intuito de perseguí-los, sem contudo alcançar as presas. Pressentimos duas perdizes, mas, já meia dúzia de soldados caçavam coisa melhor. Com 11 tiros Comblain mataram os dois pobres bois ali abandonados pelo colono. E pouco depois jaziam os restos dos dois ruminantes perto da palhoça, abertos "até às tripas". Imensa era a alegria de todos, cortava-se diligentemente, junto às duas fogueiras, assava-se e trabalhava-se. Também tive o meu bocado "à la Tartare". Durante a noite mantivemos a primeira guarda. Si o medo é o melhor meio de proteção, o índio não pode fazer nada contra nós! O cadete não se deixava convencer por nada dêste mundo da necessidade de dormir em uma rede, pois achava que "à noite os índios visam as redes com as suas flechas venenosas".

Estamos aquí, nós, o cadete e os 8 oficiais de guarda, enquanto os da tropa elegam de 3 em 3. (Horário entre 6 da tarde às 6 da manhã). Linda noite de luar. Enquanto Wilhelm vigiava, ouvia-se de novo o grito. Arrastamo-nos por entre os arbustos, afim de descobrirmos a causa desse grito. Aliás, Pedro nos havia mostrado ao longo do precipício pegadas recentes da passagem de índio. O velho Daniel contou-nos que havia morto 32 jaguares ou mais, que o jaguar só era vencido pelo touro novilho (mais ou menos de 6 anos de idade). A maior sucuriú (cobra d'água) que tinha visto media 8 ms. de comprimento. Havia também uma espécie preta e outra branca, sendo que a primeira era maior. Essa espécie de cobra matava, segundo êle, sòmente por "traição", nunca atacando pela frente, "como um índio". Pedro tinha medo, ainda, de caçar onça.

8 de Junho (Tombador) 7 hs. da manhã : I 741.0, II 731.6, Term. Seco. 15.1: Tempo limpo. Cirrus sem penacho. A água do Tombador 21.7 -- 2 hs. da tarde : I 742.0, II 730.2, secura 30.7, umidade 20.9, nuvens 1, N-N-O 5.

Uma figura disfarçada de soldado (a túnica estava jogada sôbre a cabeça) tendo nas mãos bocados de carne, não era outra sinão a de Bem. Com efeito, o maroto tinha graça naquela roupa! Para se fazer mais irreconhecível raspava a barba. Chegara tarde da noite e agora

trabalhava ativamente, como si nada tivesse havido. Explica-nos que viu Tupí em Rio dos Nobres e dele teve permissão de vir até aqui. Por êsse motivo, ficamos a tolerá-lo provisoriamente.

Levantou-se um vento N-N-O que ao meio-dia alcançava, em rajadas, a intensidade de 5. O cadete dorme. Tanto se lhe dá a hora da noite em que precisa estar de vigia. Almoçamos língua de boi, sem o nosso habitual mólho de cogumelos . . . Alguns urubús, entre os quais havia um de peito branco, esvoaçam a grande altura. Cada um de nós procura entregar-se a trabalho útil. O cadete dorme. Castro, Wilhelm e Pedro caminham duas léguas do local em que acampamos, para só encontrarem pegadas recentes de anta. À noite não conseguimos observar bem o cruzeiro do sul. Clauss está indisposto, o pulso um tanto apressado, digestão retardada. O cadete dorme. De novo esplêndido luar. Combinamos com Castro, partir de manhã cedo de qualquer maneira. Tupí poderia alcançar-nos com mais rapidez, pois conduzia poucos animais. Amanhã faz 14 dias que deixamos Cuiabá, tendo feito apenas 34 léguas — creio que é indesculpável.

9 de junho.

Bem tomou o caminho de volta pela manhã bem cedo. Justamente quando estávamos em vias de partir, aparece Tupí. O boi de carga com a ferraria ainda não fôra encontrado. A situação é muito séria. Poderíamos nós realizar a viagem ao Xingú sem as ferramentas de que necessitávamos para a construção das canoas? Tupí declarou ter vindo somente para nos mandar seguir e que, provavelmente, nos alcançaria no dia seguinte, garantindo-nos não regressar sem as ferramentas, pois saberia arranjá-las em Rosário a trôco de bom dinheiro. Disse ainda que se encontrara com Bem e que não podia acreditar no que estava vendo. O patife mentira-nos.

Deixamos, então, a estrada de Diamantino e nos dirigimos para N-N-E. Breve atravessamos a quéda do Tombador, de 10 passos de largura e um regato — afluente da mesma. A paisagem parece outonal, muitas árvores, onde se vêem o paratudo e o carvão-branco de folhas avermelhadas e murchas. O capim é amarelado e sêco.

Achamo-nos encerrados numa região de pequenas colinas, cujas elevações são levemente ondulantes. Os montes atrás de nós contornam o lado oeste, onde acaba a abertura do Tombador. As alturas, que geralmente possuem arvoredo, são constantemente cobertas de capinzal. O sólo é de areia avermelhada ou de fragmentos dispersos

e negros como lavas (leterite). Pedro afasta-se para correr atrás de uma perdiz, mas não consegue pegá-la. Ao mesmo tempo voa um gavião cinzento e Campeão corre. O gavião agarra a perdiz, mas Campeão ataca a ambos, de modo que o resultado é o cão sair todo ferido pelas garras da ave de rapina que foge. Pedro toma a perdiz de Campeão e segue, depenando-a pelo caminho afora. Ele se esforça na marcação do caminho à esquerda e à direita, golpeando os troncos das árvores, assinalando por meio de galhos que retira das árvores os desvios perigosos. Uma dúzia de urubús levantam-se, pesados, de cima do cadáver de um boi, cuja deterioração fede a ponto de tontear-nos.

Os buriúts multiplicam-se em todos os tamanhos e idades. Alguns troncos altos, como colunas sem capiteis, parecem feneceidos.

Depois das 10 horas, galgamos a altitude menor da cadeia de colinas e chegamos a um novo planalto situado mais acima. Duas poderosas figueiras sombreiam um ótimo recanto para piquenique, por onde passa, como se fosse encomendado, um regato muito límpido. Diversas laranjeiras cheias de frutos são imediatamente assaltadas pelos nossos homens, e com desprezo olhamos para uma outra árvore ali perto, cinzenta e desnuda, em cujos galhos se vêem frutos redondos como bolas — é o garinipeiro. Em baixo, na encosta, atiram em um boi, enquanto os seus oito companheiros fogem pela floresta. O boi é imediatamente esquartejado, assado e salgado em parte. Alguém descobre pimenteiras e limões. Enfim, gosamos de todas as vantagens, enquanto ouvimos de alguém a história horrorosa do ataque índio no Tombador. Em setembro do ano passado, os coroás destruíram nos quatro distritos diversas colonizações. É com tristeza que fitamos as habitações abandonadas diante deste verdadeiro jardim das Espérides.

O planalto que se estende diante de nós é cortado a N-N-E por uma escarpa lisa. A E-S-E vemos levantar-se uma coluna de fumo. Diz Daniel que ela vem do rio Cuiabá. Encontramo-nos na bifurcação dos rios Cuiabá-Paraguai e Arinos-Tapajós. O Estivado, em cuja cabeceira acampamos, é um ribeiro que corre em direção ao rio Preto, pequenino afluente do rio Arinos. Segundo Daniel, Diamantino está a 4 léguas de distância dali e o rio Cuiabá a 2 léguas. Daniel avança alguns passos comigo para me mostrar o ponto de onde partiram canoas do rio Cuiabá ao Arinos — fica a uma distância de 12 léguas, contornando à esquerda o Diamantino e o rio Preto. No rio Preto costumam navegar os negociantes de guaraná que descem o Tapajós. Com que orgulho estava eu ali, o antigo colegial que sabia, agora, responder exatamente à famosa pergunta: “Como é que se atinge o mar, indo por terra,

partindo-se da foz do La Plata até a foz do Orinoco?" Quantos estavam ainda a debater-se nesse "terreno", que agora pisávamos, comendo confortavelmente carne assada ao espeto!

3 e 40 da tarde. Já muito tarde e com bem pouca vontade deixamos as hospitaleiras figueiras. Os soldados haviam recheado as brucacas com laranjas e em cima dos bois, em sentido transversal, colocaram os pedaços de carne, cobrindo-os com galhos verdes. Durante a nossa refeição apareceu um cão desvairado de fome, candidatando-se, certamente, aos ossos. Mais tarde quisemos levá-lo conosco, com pena dele, mas, ao que parece, preferia a liberdade, como bom filho das selvas. Caminhávamos, agora, pelo "campo", junto a uma mata densa e de vegetação alta, onde conhecemos uma nova espécie de árvore torcida, que é o pau-doce. Os entendidos não sabiam, ao certo, si de fato a casca dessa árvore possuía o mesmo gosto que o alcaçuz. As cabeceiras apresentam aquí aspecto magnífico. Na parte mais profunda do campo, vê-se um matagal verde-escuro que precisaria apenas de irrigação para que imediatamente tudo se cobrisse da mais luxuriante floresta, em vez dessas pobres árvores e desse mirrado capim que ali cresce. No terreno baixo em que, durante as chuvas, se verificam inundações e que, mesmo em período seco, conserva uma parte alagada, aparece, frequentemente, o burití, sobretudo nos lodaçais ou nos pântanos. Em contraste com isso, no terreno acidentado, vêem-se surgir de todos os cantos, junto às copas altas de velhas árvores, os penachos da palmeira oauassú.

A noite é linda e sossegada, entretanto essa tranquilidade parece demasiada. Sòmente os insetos, relativamente poucos, avivam a campina melancólica. Pela floresta, aos gritos, alguns papagaios que, naturalmente, procuravam os seus ninhos. Vimmos dois pica-paus de crista vermelha côr de fogo e, quanto ao resto, parecíamos estar num jardim encantado, onde não se ouvia um pio e onde os quadrúpedes dormiam. O aspecto das coisas não melhorava, quando às 5 e 30 hs. demmos volta à direita, chegando a um rancho vazio, situado atrás de uma campina, a alguns minutos da floresta.

O "telhado" de sapé estava também coberto de folhas de abóbora. Próximo via-se um jardinzinho abandonado e repleto de herba ruím. O interior compunha-se de dois compartimentos, um espaço para aves chocadeiras, que agora servia às pulgas e aos carrapatos a se multiplicarem por aí afora. Os carrapatos de todos os tamanhos, espalhados especialmente entre as ramagens do mato, sendo os menores quasi invisíveis, constituem verdadeiro tormento. Êsses monstrosinhos pre-

feriam sempre alojar-se nos pontos recônditos do corpo, de onde, só com muita dificuldade, se consegue retirá-los, na maioria já aos pedaços. Si alguém se expuser à investida de muitos desses bichinhos, então será obrigado a abrir a camisa e sacudí-la sôbre a fogueira e, às vêzes, é preciso usar um cigarro aceso para destruí-los sôbre a própria pele, para o que é necessário muita paciência e certo estoicismo.

Olhando-se rapidamente para o chão da lúgubre habitação, tinha-se a ilusão de estar recheada de crâneos humanos, ôcos, mas tratava-se de simples cascas de abóboras que foram logo apanhadas pelo pessoal, afim de serem transformadas em vasilhames para beber. Ao deixar cair uma cabaça, saltou fora um preá. A história de fantasmas que ouvíamos naquele lugar insólito contava que êsse animalzinho se transformava todas as manhãs. A ronda desta noite instalara-se confortavelmente, o sargento não queria acordar o capitão — “Pensei que estivesse acordado”, alegou — dêsse modo dormimos todos o sono dos justos até que, pela manhã cedo, às 4 horas, ouvimos a “alvorada” do “corneta”.

10 de junho (Estivado) 7 da manhã : I 732.2, II 723.2, Term. seco 19.1, nuvens 10, vento =E.

(Cerquinha) 9 da noite : Sec. 18.0, umid. 17.0, nuvens =E. N. 1 — 2.

“Tudo está em ordem, apenas falta um boi”, ouvia-se dizer. Finalmente foi agarrado. Largamos às 7 e 30 hs. Após curta caminhada, na mesma baixada, atravessamos a floresta do Estivado e ganhamos, sem subir muito, o campo livre, que é o Chapadão, como denominada-se a encosta mais alta da colina. O caminho pelo Chapadão oferece a vantagem de evitar os riachos, mas a gente se aborrece com a monotonia e quasi adormece sôbre o animal que também parece lutar com o sono . . . E si alguém adormece mesmo, acorda de repente em uma volta do caminho ou pelo empuxão de um galho que quasi lhe arranca o chapéu da cabeça. Vemos o páu-de-breu, de folhas grandes, como si fossem de couro ; a lixa e a lixinha, cujas folhas seriam úteis para o fim que o seu nome indica. Duas espécies de china, muito raras. A “palmeira da chapada”, ou guariroba é baixa e modesta. A árvore mais alta é o jatobá do campo. Poucas plantas com flores. A terra é quasi de um amarelo tijolo em muitos pontos, especialmente nos formigueiros. Paralelamente à nossa direção estende-se, ao norte, uma cadeia de morros, um tanto mais elevada fazendo curva horizontal.

Castro e eu nos perdemos a algumas léguas de distância, mas só o percebemos pela falta de pegadas dos outros. Às 12 e 30 hs. fomos ter com a tropa numa garganta, próximo a um riacho estreito. O lugar denominava-se Cerquinha, havia ali um abrigo contra a chuva. Os animais estavam com muito calor e cansadíssimos. Resolvemos por isso passar a noite aqui. As abelhas e os borrachudos vinham aos enxames. A picada destes últimos produzia um pequenino ponto preto. À noite também vieram os mosquitos. Pela primeira vez utilizámo-nos dos mosquiteiros. Como eu estava com tão forte dor de dentes, que me via obrigado a escarificá-los por mim mesmo, a minha permanência durante horas no mesmo lugar teria sido um inferno si não fosse a tenda de filó.

De manhã muito cedo, pelas 3 e 15 da madrugada já estavam prontos o feijão e o toucinho, e, às 4 e 30 hs. seguimos, ainda com luar.

11 de junho (Cerquinha) 6 da manhã : I 734,2. Sec. 16.6, unidade 15.7, nuvens=E, N. 1.

(Buracão, cabeceira do Cuiabá) 5 e 30 da tarde : I 734,2, II 723,4, sec. 22.7.

Enquanto o Estivado corre na direção Preto-Arinos, o riacho Cerquinha, por sua vez, vai em direção ao Cuiabá. Hoje, em pouco tempo, chegamos novamente à região do rio Arinos, atravessámo-lo na própria nascente e acampamos para dormir numa garganta do vale que é limitada por uma das cabeceiras do rio Cuiabá.

Foi um dia longo e trabalhoso. Uma subida escarpada conduzira-nos da garganta do vale a um chapadão. A cadeia de montanhas atrás de nós, fechava o horizonte em linha reta, enquanto mais próximo de nós se descortinava, paralelamente a ela, um grupo de montanhas mais baixo, em cujo sopé se espelhava uma lagoa.

O chapadão é de espessa vegetação campestre, onde dá o araticú, de fruta cônica, a sucupira de folhas muito verdinhas e redondas. Numa descida mais suave alcançamos campina muito rica, com um farto "buritizal" e que formava a cabeceira do Arinos. Inúmeros buritís erguiam-se da água que tinha mais de um metro de profundidade. Um charco imenso indica a fonte do rio. A campina conduz, por todos os lados, a um campo mais alto e mais seco. No período das chuvas, trechos enormes devem ser completamente inundados por ali. Mesmo agora em que os buritís se erguem, aparentemente em terreno en-

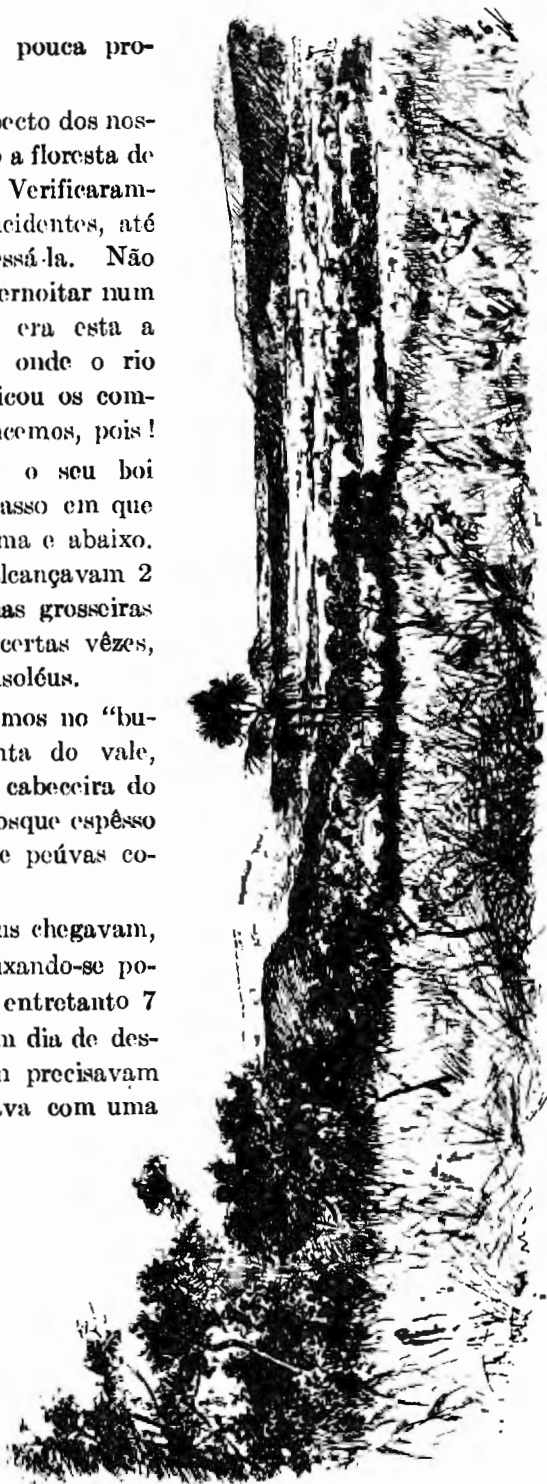
xuto, há poços d'água de pouca profundidade.

Era interessante o aspecto dos nossos cavaleiros, percorrendo a floresta de palmeiras dentro d'água. Verificaram-se, entretanto, pequenos incidentes, até que conseguissem atravessá-la. Não nos podíamos decidir a pernoitar num lugar tão insalubre, pois era esta a verdadeira zona palustre, onde o rio Arinos, mais abaixo, sacrificou os companheiros de Bossi. Avancemos, pois!

Sõmente o corneta e o seu boi puderam acompanhar o passo em que fomos. Novas colinas acima e abaixo. Diversas termiteiras que alcançavam 2 metros de altura, de formas grossciras e até ridículas, pareciam, certas vêzes, pequenos castelos ou mausoléus.

Às 12 e 30 hs. estávamos no "buracão" que é uma garganta do vale, próxima a uma volta na cabeceira do Cuiabá, cercada por um bosque espesso e lindo, rico de oauassú e peúvas cobertas de flor vermelha.

Aos poucos, os homens chegavam, um após outro, todos queixando-se porém. Tínhamos vencido, entretanto 7 léguas, ganhando assim um dia de descanso que os animais bem precisavam e mereciam. O cadete estava com uma grande pústula ensanguentada no pé. Foi com dificuldade que se decidiu a deixá-la abrir com uma agulha. Estava com 38,5° graus de febre, sem apetite, dormindo até depois da manhã seguinte.



Visão de uma cabeceira do Cuiabá, Buracão

12 de junho — 7 e 15 da manhã : I 734.2, II 724.0. Sec. 18.8, umid. 17.0, cirr. 5°, ventos = E. Meio-dia : irradiação solar máx. 48.0, Pressão atmosf. 32.0 ; 10 hs. da noite : sec. 16.6, umid. 15.4, cirr. 3°, N-N-E 1. No horizonte um pouco de névoa.

O sargento é um homem mole que se queixa constantemente dos pés, destituído de qualquer capacidade para manter reunidos os homens ou ao menos vigiá-los. Tem mesmo a alma de um amanuense. Está metido numa coberta de lã vermelha, num canto do acampamento e não sai do lugar. Esta noite tivemos vários incidentezinhos : O sargento devia ficar de ronda das 12 às 2 da madrugada, mas como não aparecia, acordei Castro que resolve chamá-lo em voz alta. Nenhuma resposta. Alguém informa que está na cabana. “Dorme?” Não. Pego um graveto aceso e entro. Não era preciso luz, pois se ouviam perfeitamente os seus roncões, e, dessa forma, dormiu hoje o dia todo. Ordenei, então, a dois guardas que conversavam com os camaradas a descer 10 passos até a erva úmida. Quem se admirava de tudo isso era o nosso cozinheiro particular, Manoel, um “pele negra” que sempre ri, sempre fala e sempre cochila. Quando ficava de folga, ainda nos queria fazer chá e era quasi com violência que eu o afastava das panelas. Muito gaiatamente costumava tomar parte nas anedotas. “Manoel, você está se divertindo?” — “Ora, um pouquinho só, não há nada de novo e os outros não querem ainda deitar.” Mais tarde mandei-o trocar de lugar com um sentinela que estava sòzinho no pôsto, ao que obedeceu, sem dizer nada. Agora lá estava a olhar o negror da noite quasi tão escura quanto êle. Essas vigílias eram, talvez, bem desnecessárias em si mesmas; contudo, no interêsse de se manter certa disciplina e em virtude de nossas condições especiais, eram de grande utilidade.

Pela manhã percorri o bosque na esperança de achar alguma boa caça, mas nada vi a não ser muitos espinhos, árvores caídas no chão, alguns colibrís cinzento-esbranquiçados e ninhos de vespa. A tropa agarrou dois jabotís, isto é, tartarugas do campo. Uma tinha uma porção de ovos, de tamanho quasi tão grande como os de galinha, redondos, de casca ou sem casca, da côr do mármore. Clementino e Sátiro voltaram, felizmente, com os dois bois, ontem extraviados e contaram que tinham seguido inutilmente as pegadas de um casal de jaguares com seus respectivos filhotes.

13 de junho — 7 hs. da manhã : Sec. 15.7, umid. 14.4, Cirrus em penacho 5°, irradiação solar 14.5 (A bola do term. está coberta de uma ligeira camada de areia).

Santo Antônio trás mau tempo. A “friagem de Santo Antônio” também se manifestou no sul, sob a forma de uma neblina, que logo se desfez. Daniel e Quintino saíram na frente, afim de nos anunciar aos bacairís.

Às 12 e 45 hs. de hoje partimos. O terreno aquí é acidentado. Dois regatos fundos. Às 3 e 15 hs. tínhamos diante de nós um planalto imenso, de aspecto árido e triste. Poucas árvorezinhas e muito capim sêco. Montanhas aplainadas em cima, como si tivessem sido laminadas, descendo, em arbustos, muito íngrememente. A posição das mesmas é a NO, isto é, mais ou menos 180 ms. acima da superfície.

A descida do chapadão tornara-se muito pesada aos animais, que pisavam em blocos de cantaria e nos declives muito duros. Na planície nova contrariedade nos aguardava : Pequenos ribeiros, de margens lamacentas e recortadas em sentido vertical. Clementino, José Maria, Wilhelm, eu, todos, um por um, tínhamos o respectivo animal enterrado no poço. Apeamo-nos para levantá-los. Em outro ponto o boi conduzindo por Meireles encheu inteiramente o leito do regato, de modo que começamos a puxá-lo pelos chifres e pelo rabo. — Nada. Cansados, deixávamos pender os braços, o Botoque não conseguia ser retirado. Nesse momento, aproximou-se Clementino (que é magarefe de origem), com um ramo de capim aceso, metendo-o por baixo do rabo do animal. Botoque resistia pacientemente a êsse processo e por um minuto aguentou a mesma operação também no focinho até que, num impulso formidável, safou-se. Seu focinho estava, agora, liso e sem pêlo, como o rosto de uma donzela . . .

Vemos muita paineira, que, onde quer que apareça, domina sempre, com as suas folhas parecidas com a da seringueira e com a sua fruta que serve de recheio para colchões. Em geral, não serve para outros fins. Campinas diversas, belas pastagens e pequenos trechos de mata. No meio de tudo isso um regato. As folhas caem continuamente das árvores. Algumas bocaiuvas no caminho.

Há muito tempo, vínhamos observando uma coluna de fumo que parecia provir da aldeia próxima, de modo que a vanguarda se esforçava, por todos os meios, para chegar depressa àquele ponto de estacionamento. À esquerda via-se outra coluna de fumo, porém muito ao longe. Entretanto, a obscuridade da noite que, como sempre, caía rapidamente sôbre

nós, deteve-nos em um capinzal deserto, onde tivemos que pernoitar. Durante todo o caminho fôramos assolados pelos borrachudos e pequenas moscas, que atacavam de preferência os olhos, torturando-nos bastante, mas, agora, neste local muito semelhante ao Chaco, eram os mosquitos que nos recebiam. Não era possível arrumar as nossas coisas alí, pela noite escura; tratamos, portanto, de cozinhar um pouco de feijão depois de acender uma fogueira. Enquanto esperávamos a comida, conversávamos sôbre exposições de arte e galerias de pintura.

14 de junho — 6 e 40 da manhã: Sec. 18.9, umid. 18.2, Strat. 8,S
2-3. Como ontem, o vento sul traz carregados ne-
voeiros.

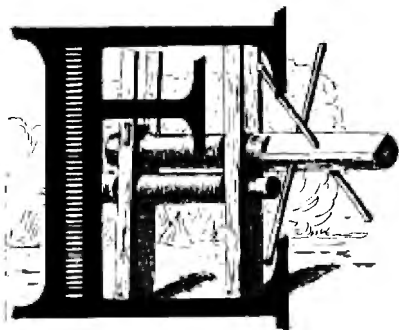
Hoje os homens dão conta do serviço rapidamente e partimos pouco antes das 7 da manhã. Uma campina extensa, por onde segue uma vereda estreita e dura, nos permite trotar com facilidade. Alguns bois parecem cumprimentar-nos como os primeiros mensageiros. Uma longa extensão de campo queimado recentemente. O gado gosta muito dessas “queimadas”, por causa das cinzas salgadas que aí encontra. Uma porção de curicacas (ibis), mais adiante um avestruz, perseguido, em vão, por Pedro e os cães.

Às 9 horas divisa-se, longe, o “aldeamento” dos bacairís. Destacam-se 4 habitações. Os raios do sol dão a impressão de serem cobertas de ardósia. Alguns sujeitos de torso nu correm para dentro das mesmas. Outros, vestidos, aparecem. Nas proximidades, já se vê melhor a aldeia, toda constituída de legítimas palhoças.

Daniel aparece logo apresentando-nos ao “Capitão Reginaldo”, isto é, Reginaldo da Silva Nogueira, homem dos seus 40 anos, de vasta caixa torácica, cabelo comprido e anelado, de expressão agradável, porém silenciosa. O chapéu, a camisa, a calça em bom estado.

Apertos de mão gerais. Uma meia dúzia de homens de ombros largos, na maioria jovens e, também, com roupas domingueiras, acham-se sentados na cêrca do curral dos animais. O sol não aparece. Aos poucos, toda a tropa vem chegando e todos fazem os seus arranjos domésticos no interior das cabanas. Durante a recepção, oferecem-nos cana de açúcar para chupar e um golezinho de aguardente.

A primeira aldeia dos índios Bacairís. A marcha para o rio Paranatinga. A segunda aldeia dos índios Bacairís.



ENCONTREI, pela primeira vez, referência ao nome *bacairí* no relato feito por José Gonçalves da Fonseca sobre a sua viagem do Pará à região do Madeira, em 1749, em consequência da qual os bacairís se tornaram conhecidos pela primeira leva dos descobridores de Mato Grosso. Enquanto descreve a provável origem do rio Xingú, diz que os rios situados entre as fontes do Tapajós e do Tocantins, denominados “Bacairís” e “das Mortes”, deviam ser considerados como afluentes do Xingú. No atlas de Thomas Jeffery, de 1776, os “baca-hyris” estão situados no rio Paranatinga.

Ayres de Casal faz a seguinte observação em 1817 : “Os baccahyris, que habitam as regiões vizinhas do rio das Mortes, mantêm uma guerra continua contra toda a espécie de quadrúpedes e aves. Até hoje essa população não infligiu nenhum mal aos cristãos. Diz-se que são brancos e de aspecto amistoso, motivo pelo qual são considerados hor-das dos parieys”.

Martius fá-los viver nas proximidades das cabeceiras do Xingú, que ficam mais ao sul e cita-os, além disso, como habitantes das fontes dos rios Arinos e Jurucna. Também os faz derivar dos índios parecís que, segundo êle, se acham espalhados na trifurcação dos rios Tapajós, Madeira e Paraguai.

Verificou-se, entretanto, que essa ligação entre parecís e bacairís era errônea. Os parentes próximos dos bacairís residem, conforme quero indicar desde já, ao norte do rio Amazonas, e também uma outra tribo, pouco afim com êles, mas pertencente ao mesmo grupo, habita a região da nascente do rio Madeira. Eu só conhecia a informação de Martius, prôpriamente, de modo que durante a caminhada não tinha a menor

noção do interêsse que oferecia essa pequenina população e de quantas horas iria gastar, mais tarde, refletindo sôbre sua antiguidade.

Foi uma circunstância feliz o fato de que Reginaldo, sempre disposto a fumar um cigarro em minha companhia, se revelasse cada vez mais interessado, acabando mesmo por se divertir extraordinariamente com as minhas anotações. Acresce ainda que possuía a qualidade admirável de uma fácil apreensão, exprimindo-se, de maneira clara, em português, embora rude. Semelhante oportunidade de informações nunca mais se me apresentou durante a viagem. Reginaldo era de bom coração, inteligente e mantinha com mãos firmes e ao mesmo tempo paternais as rédeas do seu domínio.

Existiam 2 aldeamentos de bacairís “mansos”: o do Rio Novo, como era chamado a princípio, por causa dêsse ribeirão afluente do Arinos, e o do Paranatinga. Ambas as aldeias não são ainda antigas, pois seus habitantes adultos nasceram no “Salto”, na região do alto Paranatinga, sendo que os bacairís se espalharam em hordas por toda



Aldeia dos bacairís

essa região, como se deduz de suas aldeias terem sido indicadas nos mapas até o rio das Mortes. Por volta de 1820, quando uma expedição, sob a chefia de P. Lopez, à procura de ouro, penetrou nessa região, os bacairís foram convertidos à religião cristã. Nesse período, conta Reginaldo, diversos deles perderam a vida, entre os quais o seu próprio avô.

Perguntei-lhe ansiosamente si sabia de algum rio situado do outro lado do Paranatinga, ao que êle me respondeu ser essa região hoje inteiramente estranha a todos. Apesar disso, porem, lembrava-se de que em criança ouvira falar que se chegava a um grande rio, passando pelo Paranatinga e caminhando contra o sol. Acrescentou, ainda, que as margens dêsse rio eram habitadas pelos “antigos”, isto é, pelos bacairís que não eram cristãos.

Os dois aldeamentos acham-se sob a direção do “Diretor dos Índios” em Cuiabá. Reginaldo é capitão brasileiro e seu sucessor, na chefia da tribo, é o tenente Joaquim. Não vimos mulheres, porque elas residem em um aldeamento a duas léguas dali. Os ranchos que ocupávamos só eram requisitados para uso da administração rural, ou quando havia visita. Reginaldo esquecia-se, também, de se desculpar por nos receber como “solteiro interino”, isto é, pelo fato de se achar ausente a mulher.

A aldeia contava 6 ranchos, a população era de 55 pessoas: 16 homens, 19 mulheres e 20 crianças. A maioria dos soldados costumava aquartelar na casa grande, habitualmente ocupada pelo capitão Reginaldo e alguns outros. Essa casa era construída em quadrado



O Capitão Reginaldo e sua esposa

regular, de 57 passadas, 5 de largura, dividido em compartimentos separados por paredes. Ocupávamos a casa dos hóspedes que só tinha 17 passos de comprimento. Esta construção já era moderna, aprendida pelos índios com os colonos. A 20 minutos dali encontramos, ainda, dois ranchos abandonados, de velho estilo, isto é, redondos e em feição de cortiço. O maior tinha em média 19 passos, elevando-se pelo lado externo, e estava coberto por palha “acurí”, enquanto a estrutura interna se compunha de estacas de 1,33 m. de altura, sôbre as quais se apoiava êsse cortiço, que possuía, aliás, uma única cobertura feita de uma certa quantidade de arcos de bambú, horizontalmente dispostos. Em cima deixaram um orifício para o ar e algumas estacas, vindas de dentro, em forma de cruz, voltavam-se para fóra. A entrada, constituída de um buraco de 1,50m. de altura, estava rodeada

de arbustos de hortelã-pimenta. Em todo caso, o interior era bastante mais amplo e mais bonito do que o das casas novas.

O povinho levava uma vida idílica. Tratava do gado e lavoura, ia à caça, plantava mandioca, feijão, milho, arroz, algum fumo e açúcar. Eram civilizados, apesar das orelhas e do septo nasal perfurados. A estatura média era de 1,65m. Chamavam a atenção pela larga e forte caixa torácica. A pele era amarelada, terrosa ou muito clara; a maioria possuía o cabelo preto e ligeiramente anelado ou ondulado. Em geral, os olhos eram rasgados e bonitos. Reginaldo tinha uma extraordinária capacidade visual que, todos, tivemos ocasião de apreciar, deixando-nos perplexos: Percebemos, certa vez, um vulto mais afastado, no capinzal,



Joaquina e João

e, com o auxílio do meu binóculo de campo, tomei-o como sendo Tupí que se aproximasse montado; todos eram unânimes, inclusive Daniel, que raramente se enganava, em concordar comigo, sómente Reginaldo, chegando-se perto de nós, riu e disse tratar-se de Clauss que vinha a pé. E Reginaldo foi quem teve razão.

Todos entendiam, pelo menos, migalhas de português. Soubemos, então, que mantinham boas relações com os coroa's, os quais, segundo êles, se denominavam a si mesmos de caiachos. Ao que parece, as armas dos bacairís contribuem para que se imponham àquela tribo. Reginaldo não gostava de falar nisso. Tinha-se a impressão de que no íntimo do seu ser ainda se aliava aos selvagens contra os brancos. Como homem inteligente que era, aproveitava as vantagens oferecidas pelos brasileiros sem prejudicar-se com o apóio ostensivo aos bárbaros. Os bacairís

mansos inclinam se diante da fôrça, mas no íntimo não diferem em nada dos “antigos”.

Estivemos ocupados durante alguns dias. Clauss estudava o itinerário, determinava a temperatura do sólo, Wilhelm desenhava e eu tomava medidas e fazia o glossário que se encontra no apêndice do livro. Além de Reginaldo, ainda me prestava serviços o bom Antônio que, aliás, teria dado a vida para ir conosco. Mas nem tinha a coragem necessária para pedir consentimento ao severo Capitão. Castro também se preocupava em tomar notas. Partilhávamos o nosso rancho com êle e com o cadete.



Antônio

e

Quirino

O cadete só conhecia duas espécies de atividade : comer e dormir. Mas era um prazer dormir novamente entre quatro paredes, ainda que o vento à noite assobiasse bastante dentro do rancho. E comia-se algo de gostoso que não se encontrava em viagem. Havia muita cana de açúcar, raiz de mandioca cozida, acompanhada de torresmo, um prato dos deuses ; mataram um leitãozinho, algumas galinhas e, certo dia, os rapazes abateram um tapir a tiros de espingarda que nos forneceu saboroso “ragout”. As mulheres enviavam uns “beijús” frescos e torradinhos, feitos de simples farinha de mandioca numa forma especial, tendo mais ou menos o sabor do nosso pão não levedado. Como não faltava rapadura, preparava-se, a cada instante, uma “jacuba” como refrescante, que era uma casca de abóbora em que se punha bastante rapadura, muita farinha e água à vontade. Tivemos até leite

para beber. À noite os bezerros eram separados das vacas. O rebanho era tanguido para um curral onde se procedia à retirada dos bezerros, debaixo de muitas exclamações vindas de um público numeroso que, dessa maneira, manifestava sua satisfação, ficando, entretanto, à espera do leite. Para isso sentava-se ao redor da cêrca. Pedro é que apreciava essas coisas. Para reter o mais possível uma vaca que ia fugindo, dependurou-se no rabo da mesma, fazendo o pessoal rir-se a valer.

Logo que escurecia começava-se a fazer música. Os bacairís tinham aprendido, com o colono de Mato Grosso, a fazer a própria guitarra que tocavam com paixão. Improvizavam pequenos “versos”, eram



André

louvoures aos cães, às bananas, à lua, a uma casa e a outras coisas dessa natureza. Certa noite apareceram com os seus originais instrumentos indígenas. Tinham-n’os guardados na floresta, traço peculiar e característico a uma tribo de índios.

Havia grandes e pequenas flautas, a *mení* e a *kxanuayil*. Esta última nada tem de especial, é feita de bambús e poder-se-ia dizer que é semelhante ao fagote. O *mení* é de madeira de vinhático, ultrapassa um metro e é seguro pelos pés. Em cima há um orifício por onde se sopra. Logo abaixo do orifício há uma abertura quadrada no cano,

tendo ainda outras tantas na parte inferior do instrumento, porém menores. A melodia é simples, mas deve ser ensaiada. E' composta de cinco tons, não de todo desagradável, tendo algo de suave ao mesmo tempo que terrível, como o vento soturno da noite a soprar na chaminé, descrito por certo escritor, que, aliás, dava graças aos céus por se achar aquecido em sua cama. Mas, ouvindo sempre os sinistros gemidos de dor, sonha ver o espírito de um amigo que, na ocasião, se achava realmente moribundo. Nós estávamos todos apertadamente sentados no pequeno espaço. Uma cabaça cheia de sebo, em que ardia um pavio, estava no chão. Sentí-me aliviado quando a própria casca da abóbora já começava a arder, tornando-se possível fugir desse lugar para contemplar as estrelas faiscantes no céu e então nos sentirmos sem medo . . .

As mulheres haviam-se conservado afastadas até o dia 19 de junho, mas agora vinham para cá. Reginaldo tinha ido buscá-las. Uma dúzia delas caminhava pelo campo, uma atrás da outra, tendo à frente o chefe da tribo.

Nesta tarde, porém, nenhuma ainda podia ser avistada de perto. Chegavam à casa grande e desapareciam lá dentro. Reginaldo veio até nós, afim de solicitar-nos um binóculo, que queria mostrar às mulheres. À noite elas apareceram de novo e afastaram-se no mesmo passo de ganso. Nessa noite dormiram perto de meia hora na floresta.

No dia seguinte aqui estavam outra vez. Reginaldo parecia elegante à frente dessa turma feminina. Tinha um chapéu de feltro cinzento, a túnica azul de capitão e calças brancas, o que não o impedia de estar descalço e usar em cada orelha uma pena azul e branca. Concordeu plenamente em que Wilhelm desenhasse a sua figura, assim, em traje de gala. Partia sempre do ponto de vista (que nós, diariamente, procurávamos consolidar nele) de que todas essas informações que colhíamos tinham a finalidade de ser transmitidas ao Imperador do Brasil, objetivo êsse que entrava, pelo menos, na concepção desse homem. Assim, prestava-se a ser-nos agradável.

Levou-nos também para junto das mulheres, descalças naturalmente, mas com roupas completas como habitantes rurais que eram. A maioria delas já atingira a idade madura. Uma moça alta e forte, que Homero teria chamado de βοωπις, é que mais me agradou. A mulher do Capitão, cujo nome de batismo era Inês, parecia uma mulher sossegada e piedosa, como si já tivesse passado por muitos cuidados em sua vida. Procurávamos estender a mão a cada uma, mas, pelo que

verificamos, não sabiam para que servia o nosso gesto. Mas ao lhes colocarmos os braceletes e os brineos, compreenderam imediatamente o que significavam esses mimos. As crianças também queriam algumas coisas.

Wilhelm foi autorizado a desenhar o retrato de Dona Inês, atrás da casa, mas, quanto à antropometria dos tipos femininos, nem eu ou-sava pensar nisso, ainda, embora urgisse nossa partida.

Descobertas desagradáveis, a respeito das nossas provisões, modificaram todo o nosso estado de coisas.

A 18 de junho já estávamos, de acôrdo com Castro, resolvidos a esperar sòmente 3 dias por Tupí. Diante de futuro incerto como o nosso, não era possível deixar de aproveitar, pelo menos, a boa estação



Menino bacairí

do ano. Segundo os bacairís, tínhamos ainda 5 dias até o Paranatinga. No segundo aldeamento havia necessidade de nova parada, de modo que Tupí nos seguiria até ali. Com respeito ao material de ferro extra-viado, estávamos agora menos preocupados, uma vez que Daniel nos chamou a atenção para as canoas feitas de troncos de árvores, exemplo êsse que podíamos seguir. Adiantou ainda que no Rio Novo só havia uma, muito pequena, utilizada como bebedouro e que a veríamos chegando ao Paranatinga. Si nos decidíssemos a contentar-nos com essas canoas de árvore, não precisávamos de muitas ferramentas, de forma que as necessárias poderiam ser adquiridas de um fazendeiro, que morasse perto do rio Paranatinga. Era bom o conselho de Daniel.

Afim de dar uma idéia completa do que resolvemos fazer julgo melhor inserir aquí a tradução literal da carta que enviamos ao Barão de Batoví :

“Temos a honra de informar V. Excia., a respeito de alguns acontecimentos que nos obrigaram a fazer modificações importantes no nosso plano.

O Capitão Tupí separou-se da tropa a 7 de junho, no acampamento de Ribeirão dos Nobres, afim de ir à procura de um boi extraviado durante a desordenada partida de Rosário. Infelizmente era êsse o animal que transportava todo o material de ferro, embora o Capitão tivesse prometido distribuir a valiosa carga entre vários animais.

Após a nossa chegada à Quêda do Tombador, a 7 de junho, esperamos allí até o dia 9, quando appareceu o Capitão para nos avisar que seguíssemos viagem, visto não haver encontrado o animal e ter decidido continuar a busca ou comprar novo material em Rosário.

Chegamos ao aldeamento dos índios bacairís a 14 de junho, aguardamos o Capitão Tupí até hoje, 20 de junho. Como já se passaram 26 dias, consideramos absolutamente necessário continuar a marcha, pois já perdemos um tempo precioso e insubstituível. Mesmo agora, ainda temos que andar, mais ou menos, 6 dias até chegarmos ao Paranatinga, afim de começar nossa exploração à margem oposta dêsse rio, o mais cedo possível, isto é, no dia 5 de julho.

Pensando assim, resolvemos examinar hoje todos os nossos víveres. Foi com grande surpresa que encontramos, apenas, o seguinte : Feijão — 4 alqs., farinha — $3\frac{1}{4}$ alqs., sal — 3 ses., arroz — $3\frac{1}{4}$ alqs., uma ração de rapadura e um pouco de tabaco.

Para 35 homens o feijão só daria para um mês e a farinha para 10 dias apenas.

Já em Rosário procuramos, não sem motivo, nos informarmos, junto ao Capitão Tupí, do estado e quantidade dos víveres. Após evitar durante algum tempo responder satisfatoriamente sôbre o assunto, assegurou-nos ter comprado 16 alqs. de farinha e 6 de feijão, prometendo comprar mais três alqueires de feijão.

Hoje percebemos que os animais devem ter deixado Cuiabá com 6 alqueires, apenas, de farinha. O Capitão deu, além disso, 5 litros de farinha para cada homem e um pedaço de carne, exceto

dois homens que só receberam carne e um homem que nada obteve para o seu surrão.

Êsses alimentos, um alqueire de farinha e outras miudezas que o Capitão havia comprado em Rosário, representavam a *provisão para 37 homens que seguíam para o rio Paranatinga, devendo permanecer mais 3 meses na margem oposta do mesmo rio.*

Parece-nos impossível conferir as cifras de mantimentos fornecidos pelo Cap. Tupí, e por nós anotadas, com as que êle realmente adquiriu.

Até hoje, o 26.º dia, a sua presença entre a tropa é de, apenas, 10 dias.

Acresce que, por motivos sérios e de caráter particular, pouco explicáveis aqui, não estamos em condições de depositar qualquer confiança no Capitão Tupí, sendo essa uma das primeiras condições para a realização de viagem em comum. Por êsse motivo, somos obrigados, embora muito pesarosos, a alterar a atual composição do nosso grupo. Alimentamos, entretanto, a convicção de que V. Excia. compreenderá essa medida que só poderá contribuir para corresponder aos votos que V. Excia. faz ao bom êxito desta expedição.

Rogamos ao Capitão Francisco de Paula Castro tomar a seu cargo a chefia da tropa. Enviamos 12 homens à cidade, e escolhemos 11 homens, os quais foram incorporados à expedição.

Dessa maneira somos 20 pessoas. Compraremos os mantimentos que faltam, ainda que as despesas excedam à contribuição do Governo. A falta do material de ferro é que nos causa enorme transtorno, mas vamos prosseguir com o que for possível adquirir no Paranatinga, pois não podemos desistir de uma empresa que nem iniciamos ainda.

Deus guarde a V. Excia.”

Por sua vez, Castro também escreveu ao Barão.

Foi uma tarefa penosa para nós o exame de cada uma das brucas a anotação do conteúdo de cada uma delas e o interrogatório de cada homem sôbre o que havia recebido, tornando-se, assim, mais clara e mais inconcebível a leviandade de Tupí.

A provisão não chegava nem para um mês, encontrávamo-nos a 14°13'6" de latitude sul. As fontes do rio Xingú deviam localizar-se a 2 graus de extensão êste e, segundo Melgaço, talvez, sòmente a 11° de latitude sul.

Calculávamos e recalculávamos o nosso pecúlio, pois cada um de nós, chefes, tinha trazido algumas libras esterlinas para o caso de um desvio da rota previamente estabelecida para o rio Xingú. Nossa fortuna total era de cêrca de 300\$ (600 marcos). Tínhamos a vantagem de poder escolher os melhores elementos, o que era de grande alcance para nós, pois si alguns dos nossos companheiros de viagem até agora provaram pertencer à peor camada de Mato Grosso, era certo, entretanto, que o resto dos nossos homens constituía gente digna de confiança, hábil e perseverante.

Castro concordava de boa vontade com os nossos projetos: 12 homens seriam reenviados, tendo à frente o sargento e o cadete. Demos-lhes provisões suficientes até Rosário, e mais 2 bois, que não revelavam o menor interêsse em carregar o pêso da vida, até as fontes do Xingú.

Na comitiva de Tupí achavam-se o velho e heróico cavaleiro Januário e o soldado Gabriel, pertencente ao piquete.

Os nomes dos que nos continuaram a acompanhar são os seguintes: Clementino, o ativo magarefe, e José Maria, do piquete, o sub-oficial Norberto, Israel, Sátiro, Quintiliano, Meireles, Irincu, Rufino, Braga, Chico, Manoel, o Corneta, sendo que, com exceção de 3, todos eram negros, mulatos ou de pura origem índia. Irincu era paraguaio e falava a língua geral.

Queríamos tomar provisões na fazenda do Paranatinga. Dalí em diante os animais só seriam utilizados para o transporte da carga, e os chefes, assim como o resto do pessoal, iriam a pé.

Damos a seguir as observações meteorológicas anotadas no aldeamento dos índios bacairís:

OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS NA ALDEIA BACAIRÍ

- 15 de junho 7 da manhã: Sec. 17.0, umid. 15.6, Cum: s. 8, S 2-3.
 8 da manhã: A água do regato 21.0, Atmosf. 19.0.
 2 da tarde: Sec. 27.0, umid. 18.8, cirr. em penacho 5.º, SO 2-3. Irradiação do sólo (Term. max. coberto de fina camada de barro): 41.0, Temper. 0.5 na profund. do sólo: 25.7 (Abertura do sólo 4 cm., não repleta).
 9 e 15 da noite: Sec. 19.0, umid. 15.8, limpo, S 2-3.
- 16 de junho 6 e 30 da manhã: Irradiação solar, Min. 13.0, Temper. do sólo 25.5.

- 7 hs. da manhã : Sec. 12.4, umid. 11.7, nuvens e vento — E.
- 8 e 30 da manhã : Água do regato 19.5, Ar 14.0.
- 10 hs. e 40 da manhã : I 734.6, II 725.4.
- 3 hs. da tarde : Sec. 32.2, umid. 19.0. Irradiação solar máx. 40.0.
- 9 e 45 da noite : Sec. 16.3, umid. 15.0, limpo.
- 17 de junho 7 hs. da manhã : Sec. 14.0, umid. 13.1, limpo, Irrad. Min. 14.7.
- 2 hs. da tarde : Sec. 32.8, umid. 20.2, Cum. 3, NNE 2 - 3, Sóló (prof. de 60 cm.) 25.2 (Buraco fechado de areia) Irradiação 46.2.
- 5 e 30 da tarde : Água do regato 20.5, ar 21.7.
- 9 hs. da noite : Sec. 18.0, umid. 16.6, Cum. SO 1, Vento — E.
- 18 de junho 7 hs. da manhã : Sec. 15.7, umid. 14.8, Irradiação do sóló 15, Temper. do solo 25.2.
- 10 e 40 da manhã : I 735.4, II 725.4.
- 2 hs. da tarde : Sec. 30.4, umid. 18.5, Cum. s. 5, N 1 - 2; irradiação solar max. 47.2, temper. do sóló (60 cm.) 25.3.
- 4 hs. da tarde : I 733.4, II 722.4.
- 9 hs. da noite : Sec. 18.6, umid. 15.8, limpo.
- 19 de junho 7 hs. da manhã : Sec. 14.8, umid. 13.3, limpo.
- 10 e 20 da manhã : I 734.0, II 724.2.
- 2 e 10 da tarde : Sec. 31.7, umid. 19.0. Irradiação do sóló max. 44.2, Temper. do sóló (60 cm.) 26.0.
- 10 e 20 da noite : Sec. 18.0.
- 20 de junho 7 hs. da manhã : Sec. 14.1, umid. 13.0, Strat. 0, vento — E.
- 8 hs. da manhã : Temper. do sóló 25.6, irradiação 15.6 desde 6 e 30 da manhã.
- 2 hs. da tarde : Sec. 31.0, umid. 19.4, cum. 5, N 1 - 3, irradiação do sóló max. 44.9 desde 12 e 30 da tarde.
- 9 e 30 da noite : Sec. 17.9, umid. 16.3, limpo.
- 21 de junho 7 hs. da manhã : Sec. 14.4, umid. 13.0, limpo.

A cerimônia desta manhã foi muito simples. Castro fez um discurso, os homens escolhidos por nós estavam prontos para seguir, e entre os que deviam regressar, um ou outro se mostrava descontente por não nos acompanhar. O sargento mostrava-se pouco surpreso, e o cadete manifestava tranqüila piedade pelo afastamento dos que não continua-

riam conosco, mas caiu das nuvens ao saber que também estava entre os últimos. Uma hora depois vimos uma coluna de fumo, vinda do ponto para onde deviam ter partido, certamente a última lembrança que os nossos olhos guardaram deles. As comunicações ao Presidente e uma carta lacônica a Tupí, em que lhe declarávamos que a sua pessoa não merecia mais a nossa confiança e que não desejávamos mais fazer a viagem em sua companhia, foram entregues ao sargento.

Saímos à 1 e 30 da tarde. Acompanha-nos o tenente bacairí, montado num velho cavalo branco, que nos vai mostrar o caminho mais curto. Felizmente êle não quer dinheiro pelo serviço, contenta-se com algumas camisas e calças.

Atravessávamos o Rio Novo, cêrca de 15 passadas de largura, com uma profundidade máxima de $\frac{1}{2}$ metro. Um boi, que carregava duas caixas de cartuchos, começou a coxear, deitando-se, afinal. Foi, portanto, descarregado em prejuízo de uma das mulas.

Braga arrancou-nos das nossas preocupações, procurando retirar uma espécie de cortiço, de côr cinzento-esbranquiçada do alto de uma árvore. Os marimbondos atacaram logo o homem atrevido e teimoso, que voltou várias vêzes à presa, até que, em dado momento, conseguiu arrancar a colmeia, saíndo a correr com ela, atirando-a por terra algumas vêzes e, finalmente, segurando-a triunfalmente voltou sem que, infelizmente, se tivesse encontrado o desejado mel.

Pernoitamos no centro de uma pequena floresta. Inúmeras trepadeiras sobem pelas árvores esguias. No regato há arbustos altos e cana selvagem. Os mosquitos cumprimentam-nos satisfeitos. Não usamos mais o sistema de guardas durante a noite. Dentro da floresta não há o perigo das flechas.

22 de junho.

O sólo é arenoso e o campo denso. No "campo cerrado" só é possível a plantação de batatas, mesmo quando é prèviamente queimado. Atravessamos o regato dos Quilombos, atingindo, assim, a região do Paranatinga.

O próprio diabo, com licença do leitor, estava metido em um cortiço de abelhas . . . Os bichos são pretos, tendo a parte posterior do corpo listada de amarelo. Têm o tamanho de uma mosca, não picam, são, porém, muito incômodos, visto que se alojam no peito, formando estrelas, ou salpicam as meias de preto, obrigando-nos a esmagar os seus corpos nojentos sôbre a própria pele debaixo das roupas. Quintiliano deitou por terra uma árvore em que as mesmas se achavam. As abelhas jovens têm cheiro ligeiramente ácido e fresco.

23 de junho.

Wilhelm, Castro e eu, segurando cada um uma tocha acesa, fomos acordar Clauss às 5 horas, que hoje pela terceira vez festejava o seu aniversário longe de casa, tendo sido o primeiro por ocasião da nossa passagem pela linha equatorial e o segundo no inverno em Geórgia do Sul.

Que espírito mau teria penetrado as mulas? A "Vinte e um" de Castro não tinha a menor vontade de sair do lugar, a ponto de seu dono exprimir o desejo de meter-lhe uma bala no focinho. Outra ardia picada por um marimbondo e sacudia o saquinho de feijão que levava no dorso. A minha "Pimenta", assustada, colocou-se atrás dela, disparou a galope, justamente quando eu cortava fumo. "Hurrah!" Saímos a correr à australiana, atravessando mato como si fôssemos à caça do cangurú.

Depois veio um trecho mais longo de floresta espessa, onde tivemos a oportunidade especial de admirar uma aroeira. A mata dava para o cristalino rio Verde, onde havia uma ponte para pedestres, feita de troncos de árvores. Foi aqui que contemplamos as primeiras seringueiras, cujo leite fornece o cautchú, isto é, a borracha. As seringueiras parecem-se um tanto com as faias. Os troncos compridos e sem ramificações ostentam, um em frente ao outro, hastes sem folhas. Fizemos algumas incisões. O líquido leitoso brotou denso, colocado na língua tem um sabor de noz fresca descascada. Lembrávamo-nos que o cadete nos havia dito que poderíamos comer muito dos frutos dessa árvore. Mas tínhamos a ação da goma no estômago.

24 de junho.

A cavalgada matutina através do campo cerrado tem o seu encanto particular. O passeio que se faz nas regiões do Tauno em outubro, por exemplo, depois que o sol já se levantou, através dos campos floridos e frutíferos, pode ser mais belo, tomado em sentido poético e até prosaico, mas aqui — o sol ainda está deitado, o céu limpo parece um sino de cristal que tivesse uma cor leitosa-azulada. O orvalho brilha nas folhagens e é ao orvalho que essa natureza doentia deve a existência. As árvores desfolhadas lançam compridas e estreitas sombras sobre a erva de um pardo avermelhado. O ar está imóvel, nenhum ramo se mexe, sente-se a atmosfera aquecer lentamente. Muita folha murcha no chão, as que ainda estão nas árvores têm a cor verde, denotando frescura. Muitas, porém, já foram roídas e furadas, sendo que as mais grossas parecem de couro e cobrem-se de manchas escuras. Como os ramos são escassos, aparecendo, em geral, só na extremidade dos galhos, todo o



Jornada pelo Sertão

primeiro plano está cheio das formas tortuosas dos troncos e das hastes, de que a imaginação podia bem utilizar-se para os contos de bruxas com vassouras encantadas.

Não são poucas as árvores desnudas e calvas. Algumas outras só apresentam os troncos finos. Quando se vem montado, acontece prender-se a roupa num galho, corre-se, então, perigo de arrastar sôbre si mesmo a árvore toda. E' frequente apresentarem as árvores o aspecto queimado e como que carbonizado, tão forte é a côr preta em contraste com o cinzento claro na superfície profusamente gretada das folhas caídas ou ainda presas aos galhos.

Poucas são as flores que enfeitam o silvestre e frutífero jardim, vêem-se muitas campainhas azues, outras de longos caules dominam o capinzal. Volta e meia, aparecem concreções de lama endurecida, provindo, na maior parte, de formigueiros abandonados.

No oeste começa a aparecer uma pesada nuvem, um pouco esgarçada na parte superior, o que faz com que Castro nos anuncie "um frio horrível", ou uma "friagem de S. João".

Leve brisa perpassa a natureza silenciosa, despertando uma porção de mosquitinhos e um zangão que passa zunindo.

Não se conversa muito na tropa. Numa regularidade mecânica, os bois se movem cadenciadamente, e, seguindo à frente, pelo caminho pleno de curvas, quasi parecem verdadeiras carroças, por causa do monte de peles sôbre a sua carga. Belo aspecto é o dos cavaleiros em seu traje à mexicana, isto é, de chapéu de palha com enormes abas inclinadas contra o sol, a arma nos ombros, camisa riscada de côres, tendo uma colcha vermelha ou um saco qualquer afivelado por trás da sela.

A monotonia começa a cansar. Todos têm o olhar voltado para a frente e pouco se defendem contra o sono que adormece os sentidos. Assustam-se quando a espingarda ou o chapéu se enrosca num galho. Só acôrdo completamente quando um boi se desvia para um lado, metendo-se por um arbusto de modo a dar trabalho a todos para refazer a ordem da marcha, sob as exclamações de "que diabo !"

O sol levanta-se, rápidamente, agora. A ramada ilumina-se. Sômente as sombras mais largas dos animais é que ainda se projetam no sólo. Um ou outro assobia maquinalmente uma melodiazinha. Um casal de papagaios esvoaça a grande altura, aos gritos estridentes.

A guariroba (1) é agora muito frequente. Estamos descendo, saíndo do cerrado e entrando numa campina. Os cálamos finos e fortes

1) Orig. — gariroba (Roquette Pinto : guariroba).

da erva baixa já secaram, e sôbre a superfície o sol brinca nas folhas constantemente em movimento. Quadro curioso : A campina contorna muito rente, como uma estrada lisa, uma muralha em forma de ferradura, de vegetação alta e espessa, de onde parte um riacho, cuja nascente pode ser localizada à distância de poucos metros. Trata-se de uma legítima cabeceira. Em virtude da espessura da mata, não conseguimos fixar a estrada que vai por alí a dentro. Damos a volta, portanto, até o ponto correspondente ao outro lado. No vértice da ferradura o sólo é lodoso. Na campina, prôpriamente, não existe uma única árvore, mas, apenas, alí estão, crotas, as elegantes palmeiras burití a alguns passos do bosque, como oficiais ao longo da coluna de soldados.

Durante a viagem pela campina, respira-se melhor. A gente sente-se livre da monotonia. O corneteiro toca o seu instrumento à moda brasileira e assusta 3 coloridas araras que admiramos e que desaparecem, pouco a pouco, no azul arejado do céu.

De novo atravessamos um campo. Após curta marcha, temos diante de nós nova campina e também as fontes de um rio. O pessoal que ia na frente passou por uma aventura nessa região. Clauss e Daniel, precedendo o bacairí, avistaram um jaguar saíndo do "campo" e pulando para a campina, mas antes que pudessem atirar com a espingarda "Vetterlin", o animal, já se havia embrenhado na floresta. Daniel e Joaquim correram no seu encalço. Em vez da onça, encontraram uma cobra d'água, que Daniel aniquila, deixando-a em frangalhos. Um dos cães, que se aproximara sem medo da sucuriú, feriu-se ligeiramente.

A cabeceira que vemos é do ribeirão Caixão. A vasta campina oferece-nos dificuldades sérias. Daniel e Joaquim fazem uma estrada de folhas de palmeira e procuram passar, mas logo depois caem quasi todas as mulas, afundando-se até o peito no pantanal e só depois de muito puxar, esticar e rolar é que conseguimos, todos juntos, pô-las novamente de pé. Toda a carga é retirada e levada nos ombros. Os bois que, em parte, trilhavam por si mesmos o melhor caminho, chegaram sem novidade ao outro lado.

Eram apenas 10 horas. O trabalho dos homens e dos animais exigia, entretanto, um descanso desde já. Com surpresa, vimos de repente aparecer uma pequena caravana à procura de seringais, sob a chefia do cuiabano Eliseu, que trabalhava no riacho Beijaflor, ponto que escolhêramos para acampar hoje. Eliseu mostrava-se descontente com o resultado que colhera (15 arrobas). Os seus homens tinham adocido,

êle mesmo, dizia, ter emagrecido bastante, as mãos muito trêmulas quando acendia um cigarro.

Pela tarde caminhávamos dentro de um largo vale que continha muitos leitos de riachos ressequidos, tendo no fundo uma camada de cantaria avermelhada. No oriente tornava-se nítida e promissora a Serra, situada no outro extremo do Paranatinga. As encostas das montanhas descambavam numa profundidade de 15°.

Chegando ao outro lado do riacho Beijaflor (nome que se dá ao colibrí), preparamo-nos para passar a noite. É um ribeiro de 60 passadas de largura. A cantaria vermelha formava duas pontes naturais, onde a água procurava caminho, ora pelas fendas, ora passando ligeiramente por cima. O riozinho apresenta inúmeros redemoinhos, um deles de 0,33 cm. de profundidade, cilíndrico e com 5 cms. de largura. Uma ilhota dividia o rio em 2 braços. Aqui os bois novamente lutavam com dificuldades. Nenhum de nós jamais esteve tantas vêzes às voltas com rabos de bois como hoje. De novo tivemos de queimar o focinho de um deles e o animal tolerava o castigo com uma resignação tal que fomos obrigados a concluir que a história de Múcio Scévola não provocaria o menor interêsse entre os da raça bovina... Por mim, tomei um banho muito bom de tina, assento e capacho, tudo constituído com a cantaria de forma assecadíssima. À noite, Castro foi pescar em companhia de Pedro, trazendo uma pequena piranha, que resolveram picar para servir de isca para outra pescaria, mas nada conseguiram. O rio retomou o que tinha dado.

25 de junho (Rio Beijaflor) 7 da manhã : Sec. 13.7, umid. 12.0, coberto 10.S, noite fresca.

10 hs. da manhã : I 740.0, II 729.6, Sec. 20.4.

8 e 35 da noite : I 733.8, II 724.0, Sec. 16.4.

Daniel possui, nas proximidades, uma pequena propriedade, que foi visitar e ali tinha também um amigo que nos forneceria milho para os animais. Essa circunstância custou-nos quasi um dia, pois notamos, mais tarde, ter dado uma volta a mais por causa dele. Às 10 horas, veio o amigo, de nome Mata Grande, mulato muito rude. A mulher o acompanhava, em estado de prenhez, desejando consultar-me a respeito. Para pôr o remédio, o homem precisou de garrafa, que recortou de maneira especial da guariroba e quanto à rolha, tirou-a do buriti que apertou no "frasco" com uma folha de milho.

Rio acima há uma nova passagem trabalhosa sôbre o Beijaflor. Na margem íngreme, do lado oposto, tivemos que cavar uma subida.

Tarugo caçou um veado. Joaquim, montado, perseguia outro, galopando numa carreira desenfreada, mantendo-se ôtimamente no assento do animal, ao mesmo tempo que tirava a arma para atirar no momento oportuno. Estava metido na colcha vermelha, típica dos retratos de índios. Entretanto o ágil quadrúpede escapou antes que o passo lhe tivesse sido embargado.

Um dia mau para nós - o de hoje. Nas colinas por que passávamos, enveredamos, diversas vêzes, por caminhos errados e acampamos, mais tarde, no ponto de ligação de dois ribeiros, o maior dos quais era afluente do Beijaflor. O assado de veado e alguns peixes proporcionearam-nos boa refeição.

Agora, acendem fogo onde podem. Na última parada, ateamos verdadeiro incêndio na mata, fazendo arder a charneca. A linha oscilante das chamas era um belo espetáculo. O vento levantava línguas enormes de fogo. A noite era terrivelmente fria. Deitei-me na rede e achei-me mais protegido do frio, os outros queixavam-se muito. Castro afirmava não ter dormido. O vento sul, em pequenas rajadas, numa intensidade de 6° e com uma mudança de temperatura que é de 30° ao meio-dia e 7° ao amanhecer não é de fácil tolerância. Não se compreende como é que Braga e o Corneta, que só vestem trapos de pano, (tudo que lhes resta de vestuário), envolvendo-se num capote, conseguem aguentar o frio. Aliás, vê-se frequentemente, no meio da noite, um vulto trêmulo que se levanta e se dirige à fogueira, aticando-a. Dormir na pele de boi, um junto do outro, torna-se agora mais agradável do que nas finas e úmidas redes que, por serem pequenas, quasi sempre sacrificam os pés.

26 de junho. 7 e 15 da manhã: I 734.0, II 725.6, Sec. 13.6.

A noite toda sopra forte S 5 - 6.

Continuam as mesmas desinteressantes colinas de cantaria, sendo que a cada quarto de hora, aparece novo córrego e consequentes dificuldades com os animais. O boi, denominado Estrela, foi abandonado alf, depois de o termos puxado durante 2 kms. passo a passo, sem saber quem sofria mais, se o homem ou o animal.

De muito longe, começou a mostrar-se a Serra Azul, que devíamos atravessar, pois já não era possível guiar-nos pelos mapas, agora inúteis. As hastes achatadas de capim queimado são semelhantes à fauna de polipos no fundo do mar. Entre elas, espalham-se fragmentos duros e negros ou blocos maiores de escórias.

O gavião voa sôbre a "queimada" à procura de preza. Dois lobozinhos são perseguidos pelos cães. Pulavam como gatos pela erva,

ambos, porém, escaparam, apesar da intensa perseguição e hábil manejo das armas. Um deles salvou-se, metendo-se em um buraco sem que fosse mais possível retirá-lo, nem por escavações, nem ateando fogo no local.

Joaquim viu um tamanduá e tocou a correr, montado, juntamente com Wilhelm. Galopava rapidamente, conseguindo alcançar o singular viajante do sertão, que caminha desde a tarde até à noite, à procura de novos formigueiros. Wilhelm, cujo animal, ao ver o estranho bicho, arredou de susto, mandou-lhe uma bala atrás da orelha.

O tamanduá deixa-se apanhar com facilidade, mesmo á pé. Os homens, que vieram correndo, bateram com os pesados cabos dos facões a carcaça do animal que, aliás, custou a morrer, tendo-se iniciado o processo da retirada da pele um pouco antes. O pessoal estava excitado de alegria. A língua, que parece de borracha e tem a forma de cobra, foi arrancada. Alisaram os chatos pelos do rabo que lembravam as algas. Davam valor especial às garras do animal que, não sei por que meio, tinha o poder de evitar a prole (humana).

Depois do almoço, chegamos à fazenda do Córrego Fundo que, para a sua finalidade — a criação de gado — se acha ôtimamente situada. Tudo é campo de pastagem, morro acima e morro abaixo, circundado por pequenos regatos, de modo que os animais são encontrados com facilidade. Há árvores ao longo dos córregos. O gado destina-se a Rosário e Diamantino. Havia ali 5 casas, muito pobres, inclusive ranchos, habitadas por várias famílias aparentadas entre si.

O dialeto matogrossense sôa aquí impecavelmente. As palavras são pronunciadas de modo aberto e acentuado. Ao *s* antecede um *t*, assim : *eu ats'o* (acho) *bom* (1).

O fazendeiro declara que só nos pode ceder farinha de milho, ainda por moer, feijão, toucinho e carne de boi, pouca farinha de mandioca. Rapadura, tabaco e aguardente só existem para o consumo de sua própria casa.

A carne de tamanduá não me agrada muito, devido ao seu sabor gorduroso e compreendo, agora, porque os cães desprezam a carne de três animais, a do tamanduá, a do tatú e a do cágado, todas elas encharcadas de gordura, principalmente a do primeiro. O tatú, que me serviram, certa vez, na Argentina, também gorduroso, me soube menos mal. Creio depender muito da maneira por que é preparado o prato.

A sogra do fazendeiro, uma senhora robusta e agradável, contou-nos que, no ano passado, os coroás atacaram a fazenda em pleno dia. Muitos tiros e gritaria medonha afugentaram o inimigo, sem que tivesse corrido sangue.

1) N. da T. Veja o modo de pronunciar o *s'* nos vocabulários insertos no final do livro.

27 de junho (Córrego Fundo) 7 hs. da manhã : Sec. 11.6, umid. 9.0, limpo, SO 2.
 10 e 45 da manhã : I 736.4, II 726.0.
 2 da tarde : Sec. 27.5, umid. 16.0, S 1 - 2.
 4 e 30 da tarde : I 735.6, II 723.6.
 9 da noite : Sec. 17.1, umid. 12.6, tempo claro, S-S-O 1

Encomendamos, por ora, o seguinte :

4 arrobas (a 16 ks.) de farinha de mandioca, 4 idem farinha de milho, ambas a 3\$000	24\$000
2 arrobas de arroz, a 4\$000	8\$000
5 arrobas de toucinho, a 9\$000	45\$000
2 bois, a 18\$000	36\$000
	113\$000

Acrescentem-se, ainda, algumas mercadorias suplementares, sendo que no Paranatinga, com os bacairís, também esperamos obter algumas mercadorias, de modo que a coisa vai bem.

Três homens não puderam dominar um porco. Foi preciso matá-lo a tiros. Vieram buscar-nos para assistirmos à pesagem do toucinho. Só havia um peso de 8 libras. Afim de arranjar mais 3 medidas iguais, apanharam uma pedra, um saco de milho e um pedaço de carne, cujo péso foi comparado, prèviamente, com as 8 libras. Tudo junto representava uma arroba que foi colocada na balança, constituída por um cabo pendente de uma corda. Revestidos de muita formalidade, solicitamos sempre a opinião da outra parte e, numa medição correta, as arrobas de toucinho eram cortadas, uma a uma, e pesadas. Um trabalhador segurava os quatro pêsos em baixo, no cabo da balança, que se achavam amarrados numa corda comprida, com cuja ponta uma criança de camisinha, sentada no chão, brincava. O pobre saco de milho, em dado momento, despencou e os grãos rolaram pelo chão.

Manoel está com reumatismo muscular na nuca. Os sinapismos berlinenses têm um efeito nulo na sua epiderme de couro negro.

Enquanto se assam no espeto um tucano e um pequeno macaco, caçados nas proximidades, contam-se histórias curiosas a respeito da segurança pública na cidade de Mato Grosso e redondezas. Diziam que não era raro um oficial superior realizar especulações em gado com o soldo dos soldados e que, se alguém protestava, era eliminado. Que tinham envenenado 3 comandantes, um após outro. Um rico fazen-

deiro, chamado João Carlos, mandara matar uma porção de gente. Quando lhe agradava um cavalo, que, por acaso não estivesse à venda, o animal amanhecia morto no dia seguinte e frequentemente também o seu teimoso dono. Reproduzo essas notícias, não porque acreditasse, necessariamente, nelas, mas porque me parece digno registrar o fato de ninguém as contradizer e todos estarem convencidos, portanto, de sua verossimilhança. De acôrdo com a descrição de Manoel, o Forte Príncipe, onde estive durante 5 anos, deve ser um recanto muito agradável. Diz que são 8 homens da guarnição, sob a chefia de um tenente, e há cinco mulheres. Os mantimentos chegam ali, rio acima, da Bolívia, de uma distância enorme.

Afinal, acreditar ou não no que ambos diziam depende da maior ou menor vontade de crer de cada um . . . Manoel, por exemplo, não acreditava muito que nós, na Alemanha, contemplássemos outras estrelas que não as do Brasil. Ao dizermos : “Os alemães possuem outras frutas, outros animais e um outro céu”, êle se torcia de tanto rir, mas, ao insistirmos, sérios, sôbre isso, pareceu até ofendido, voltando a queixar-se de suas dores na nuca.

28 de junho (Córrego Fundo) 7 da manhã : Sec. 10.0, umid. 9.1,
tempo limpo e sereno.

10 da manhã : I 736.5, II 725.6, Hipsôm. 98.660,
atmosf. 25.0.

2 e 15 da tarde : Sec. 30.1, umid. 17.0, limpo e se-
reno.

Temos prolongadas entabolações a respeito das ferramentas. O fazendeiro é tenaz e desconfiado como um índio. Buscou tudo quanto era ferro velho para mercadejá-lo conosco. Alegava que não podia dispensar as melhores. Gostava de fazer a comparação de que a perda dêsses objetos seria, para êle, igual à amputação de uma perna. O mais importante para nós era (o que finalmente obtivemos) conseguir alguns machados e picaretas.

Os homens estavam ocupados em matar os animais e socar o milho. Daniel e Joaquim já se puseram ontem a caminho do aldeamento. Eu e Wilhelm, acompanhados de alguns soldados, queríamos seguir hoje, afim de estudar os bacairís, e também prover-nos do alimento que ainda nos faltava.

Clauss, Castro e a maioria ficaram na fazenda. O fazendeiro foi a cavalo em busca de farinha à casa de um compadre seu, residente a 8 léguas dali. Dessa maneira, todos estavam em atividade.

Wilhelm e eu, depois de uma marcha de 4 horas, atingimos, ao anoitecer, uma série de contornos de montanhas, atravessando alguns afluentezinhos do Paranatinga. Teríamos jurado acharmo-nos numa região montanhosa ou vestfálica — eram casas de camponeses diante da moita e a queimada parecia plantação de batatas — e dêsse modo, também, começamos a dar largas à imaginação dentro da semi-escureidão do crepúsculo. Em um morro via-se, ao longe, um hospital, construído no mais moderno estilo de pavilhões.



Capitão Caetano “Mêmo”

Os cachorros horripilantes, que nos recebiam ladrando, pouco reproduziam da realidade clara e fria. Esses mastins pequenos, esqueléticos, de focinho pontudo, couro branco-amarelado e olhos vítreos, pareciam fossar cadáveres à noite no cemitério.

Recebidos pelo velho Capitão Caetano e alguns rapazes, fomos instalados na casa dos hóspedes ou, dizendo melhor, no curral dos hóspedes. Alf havia um único móvel, uma canoa em forma de bebedouro feita de tronco de árvore e ainda incompleta, que devia servir-nos de cômoda e mesa.

O aldeamento do Paranatinga era menor do que o do Rio Novo. A ordem da comunidade era um tanto duvidosa. Caetano, embora com o cabelo preto ainda, aproximava-se já dos 80 anos de idade e, durante a expedição dos Martírios, foi, por ordem desta, despojado de sua sobe-

rania a favor de um homem mais jovem chamado Felipe. Essa expedição atravessou, com o auxílio dos bacairís, o Paranatinga e parte do sertão, em direção norte. Os bacairís, naturalmente, sentiam-se muito mais obrigados a seguir as ordens do capitão Caetano do que as do Capitão Felipe. A consequência disso é que todos se tornaram o mais independentes possível, trabalhando por conta própria. Há 8 anos atrás a tribo foi acometida de sarampo, de origem epidêmica muito forte. Os brasileiros responsabilizam os índios pelo número de óbitos verificados naquela ocasião, porque, com febre, corriam para dentro do rio.

Ao tempo de nossa presença nesse aldeamento, a sua população se compunha de 5 homens, 5 mulheres e 3 crianças. Achavam-se ausentes 5 homens, 3 mulheres e 1 menino, cuja volta, alias, não era mais esperada. Entraram no seio da tribo, além disso, 2 mulheres *parecis*, sendo que uma delas ausente no momento, e ainda 2 mulheres *cajibís*. Finalmente, dois seringueiros brasileiros, restabelecidos da febre que os atacara ali e que se fixaram. Um era o mulato Luiz e outro um tal Martim, cuja mulher, Carlota, era paraguaia, e mais um filho deste casal. Ao todo, 20 indivíduos presentes.

Luiz, que levava uma vida de aventura, dizia-se "filósofo", ou, como lhe chamava o seu amigo Daniel, um "conversador" e estava plenamente adaptado àquela vida. Falava sem parar, não era lá de muita confiança, mas fazia-se útil na conversação, pois o português de Caetano, o melhor conhecedor da língua por ali, era constituído de reservas linguísticas extraordinariamente modestas. A expressão "isso mêmo" era a quintessência do seu saber, a ponto dos soldados logo o apelidarem de Capitão Mêmo. Luiz acreditava que Caetano era filho de pai e mãe bacairís, devendo haver mistura de sangue brasileiro nos antepassados dos mesmos, assim como nos de Reginaldo. Essa afirmação, entretanto, resultava mais da aparência macia e ondulante do cabelo desses homens do que propriamente de uma certeza. O mais notável é que Luiz declarasse os irmãos João e Antônio bacairís puros, cujas fisionomias, aliás, me pareceram realmente típicas, pois possuíam a mais forte semelhança de traços com os bacairís, do Rio Novo. Como Antônio se prontificasse a nos acompanhar, tendo podido assim ser fotografado no Rio, devo chamar a atenção do leitor para o retrato do mesmo, aqui estampado, como a imagem de um legítimo índio bacairí. Infelizmente o jovem tinha uma das pernas ligeiramente mais curta, devido a uma fratura sofrida, motivo pelo qual me contentei só com o busto. O defeito aliás era mínimo, mas a falta de graça com que Antônio, que representa a própria fôrça e capacidade, se coloca entre o grupo



Nosso gôa Antônio

dos camaradas, corre por conta do medo que tivera do aparelho fotográfico.

Os outros retratos foram todos tirados por Wilhelm, com a câmara clara.

A índia parecí Carlota, que trouxeram de Diamantino, era a mulher do Capitão Felipe, que no momento estava ausente. Os seus olhos pequeninos, em que a parte superior do nariz achatada, se alargava desde as pestanas até o canto interior dos olhos, tornavam-na muito diferente das mulheres bacairís. As irmãs cajibís, cuja tribo habita o baixo rio Verde, afluente esquerdo do Paranatinga, foram, quando crianças, laçadas no mato e enviadas para o seio da tribo bacairí. Essas duas lindas criaturas foram entregues para esposas dos velhos matreiros da tribo,



Luiza Cajibí

e



Carlota Parecí

Caetano e Miguel, pelo motivo amoral de que as mais jovens, por serem bastante trabalhadoras, deviam pertencer aos mais poderosos. De pele delicada, narizinho fino, também achatado na parte superior, as pálpebras erguidas e exteriormente comprimidas, sem que a pálpebra superior se alongasse muito, elas lembravam o tipo japonês, sobretudo a mulherzinha pouco feminina de Caetano.

Infelizmente nem Carlota, nem Luiza, nem Maria, falavam uma só sílaba da língua materna.

Os homens moços tinham mulheres velhas. Por isso não deixava de ser provável o que afirmava Luiz, que se jactava da conquista de três corações femininos, isto é, que a infidelidade entre eles não era rara,

nem sofria julgamento severo. Contou-nos, ainda, que tendo o bondoso Caetano adocido pouco depois da visita que fez aos expedicionários dos Martírios, não conseguiu o velho desdenhar a sua Luizinha sinão por poucos dias, fato que muito surpreendeu a Luiz.

O uso de recursos abortivos era habitual, o que explicava o número exíguo de crianças existentes. E' de se prever o resultado a que chega essa prática assim generalizada.

Foi o seguinte o recenseamento feito por mim, nessa tribo :

Felipe (ausente) casado com Carlota (Parecí), sem filho.

Caetano, casado com Luiza (Cajibí), sem filho.

Miguel } irmãos casado com Maria (Cajibí), sem filho.

Joaquim } irmãos casado com Feliciano, c/ uma filha pequena.

João } irmãos casado com Madalena, c/ um filho pequeno.

Antônio } irmãos (nosso companheiro).

Joaquina, irmã de Miguel e Joaquim.

Mariana.

Agosta. — Um menino chamado Irineu, cujos pais são falecidos.

Luiz (boliviano), Martim (brasileiro) com D. Carlota (paraguaia) e o filho.

Foi inestimável o acaso feliz que me proporcionou a possibilidade de tomar notas de linguagem no Rio Novo. Ainda que junto ao inteligente Reginaldo tenham sido difíceis os inimitáveis exercícios linguísticos de que se compõe o idioma bacairí, cuja fonética era quasi impossível de se fixar, aquí, pelo contrário, nada havia a fazer junto ao Capitão Mêmo, que só sabia acenar aprovativamente com a cabeça, e, nem aos outros, que só sabiam rir ou impacientar-se.

Tenho que agradecer, entretanto, a Caetano, as lendas que reproduzo posteriormente nesta obra.

A casa maior, ocupada simultâneamente pelos Capitães Caetano e Felipe, media 21 passadas de comprimento por $9\frac{1}{2}$ de largura. A cobertura e as paredes eram inteiramente revestidas de palha de burití, sustentadas sôbre estacas horizontais de taquara. Sôzinho, Miguel dispunha de uma casa redonda, tendo a estrutura interna de taquara, forrada de folhas de burití. Havia 7 habitações, sendo duas de construção recente e dois chiqueiros para porcos. Numa das construções, informei-me da qualidade da madeira que utilizavam para o andaime. Eram duas compridas arociras que suportavam as vigas do telhado, de madeira aricá (também chamada "cunhão de porto"). As vigas laterais do telhado, da mesma madeira, eram inclinadas; as horizon-

tais eram de guanandí. As estacas menores, que apoiam a cobertura, são de timbó, peúva, carvão-branco. Um dos telhades era forrado de simples capim.

Miguel achava-se atacado de febre, de modo que o visitei em seu cortiço. Estava deitado na rede de algodão, fazendo-se tratar por Maria, que era uma mulher muito bonita. Todo o espaço dali estava repleto de balaios, cestos de arroz e farinha, peles, flechas — herança do avô. Aquí parecia muito mais agradável, assim, nesse ambiente verdadeiramente pagão do que nas cabanas nada características dos discípulos de uma civilização caricata. O velho engulia o amargo quinino que lhe dei, fazendo tremendas caretas de nojo, enterrando o rosto vermelho de febre dentro da rede. Maria assou para mim um beijú, como sinal



Habitação no velho estilo

de agradecimento e mostrou-me como se fia o algodão, prèviamente libertado da semente. O algodão cresce em toda parte, por entre as habitações como também a mamona, cujo óleo nos alumia tristemente à noite. Encontra-se, outrossim, a pimenta. Sôbre estrados de madeira estão estendidas esteiras onde se seca o miolo da farinha de mandioca.

A “roça”, isto é, o campo lavrado, está a alguma distância dali. Os bacairís plantam mandioca, feijão, batata doce, açúcar, e fornecem à fazenda do Córrego Fundo. A rapadura que fabricam é excelente, o melado, bebida doce como mel, provocou-nos exclamações de admiração. A cana é triturada da maneira mais simples, isto é, entre dois rolos de madeira. (Veja-se a vinheta no início dêste capítulo).

O rancho de Caetano dividia-se em três compartimentos. No do centro, alto e arejado, Caetano nos recebeu, fechando a porta, atrás da

qual Luizinha trabalhava nos arranjos domésticos. O quarto em frente é habitado por Felipe e Carlota Parecí. O fogão consiste em 3 blocos de canga. Vêem-se balaios trançados que são amarrados com laços à cabeça e nos quais as mulheres carregam até 6 arrobas. Ralam e trituram a mandioca com o duro trançado da fibra de buri, artisticamente introduzido em cabos de quasi um metro de comprimento.

Carlota mostrou-nos a patente de capitão (de 1882) do seu marido ausente. O selo da patente consistia numa "capsula" de ouro falso com uma gravação em cruz, de superfície lisa, e desbotada, que pendia de um pedaço de fita rosa. Havia também uma fita para o peito, com as côres brasileiras.

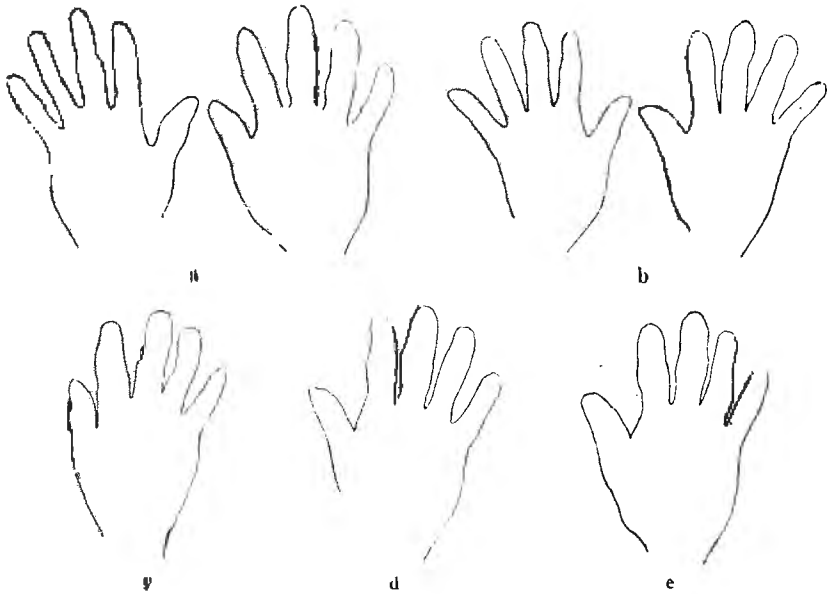
Luiz, cuja nova casa ainda não estava terminada, é acolhido, hospitaleiramente, por Carlota que, durante a ausência de Felipe, dispõe da maioria do espaço. A inclinação amorosa de Luiz pròpriamente é para a sua xará Luiza Cajibí. Tivera um filho com ela, que morrera. "O Caetano sabe disso?" perguntei-lhe tímidamente. "Ah! esse", replicou o vaidoso mulato, cujo rosto comparado ao dos índios parece café queimado junto de café crú, "êsse não se importou com isso e até reconheceu logo a "origem brasileira" da criança pela côr clara e o cabelo da mesma".

Luiz está muito contente com a existência que leva entre os bacairís, cujo nível de vida é, entretanto, tão inferior ao dele. Tinha tudo que precisava, não devia um real a ninguém e os índios eram boa gente. Pretendia, mais tarde, ir a Lisboa, porque, segundo lhe informou um amigo, era a cidade mais linda do mundo. Mostrara-se bastante atrevido ao interferir, com exigências completamente injustificáveis, no negócio de fornecimento de arroz, já prèviamente fechado entre Caetano e Daniel. Êste, que fàcilmente se exalta, pôs logo a mão no Complain e deu-lhe com a corôna na cabeça; imediatamente o "filósofo" pulou para a frente, trocando uma onda de amabilidades com Daniel, inclinado na soleira da cabana do chefe da tribu, enquanto o pachorrento Capitão Mêmio, na sua roupa de brim furada que parece provir da casa da correção, acocorava-se no chão, olhando cordialmente para tudo.

Nosso bem-estar foi bruscamente interrompido a 1 de julho, com a notícia de que Tupí fôra visto na fazenda na noite anterior. Encontrára-se, a meio-caminho, com a tropa que fizemos regressar e ordenara-lhe que voltasse para junto de nós, seguindo à frente deles. A correspondência levada pelo Sargento perdeu-se na floresta, durante a caça a alguns porcos.

Brebe chegaram todos. Não creio que, ao cumprimentá-lo, com severa polidez, o Capitão Tupí pudesse ler em mim qualquer satisfação no meu olhar pela sua volta. Enquanto êle se aquartelava na casa de Caetano, Clauss surpreendeu-o espiando. Castro ocupava-se, nessa ocasião, em contar os segundos, pois devia haver qualquer coisa de extraordinário no sol e no mostrador do relógio. Tupí declarou nada saber e que possuía 40 mil reis restantes do dinheiro destinado aos víveres, dinheiro êsse logo empregado para completar o pagamento ao fazendeiro. Êste último, depois de muitas confabulações e explicações, resolveu-se a accitar o pagamento em ouro inglês.

Negociações no rancho dos hóspedes a portas fechadas. Atrás da parede de palha, um público alerta.

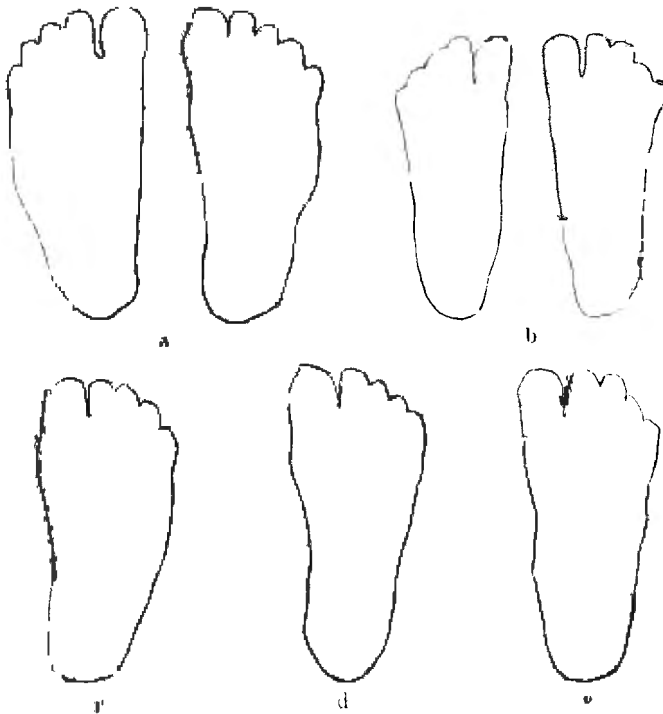


Mãos de bacairis

a — Manoel Antônio, b — Madalena, c — Antônio, d — Generoso, e — Leopoldino

Tupí tivera que mandar vir os instrumentos de ferro de Cuiabá, aguardando-os em Rosário. (Mais tarde, seu companheiro Januário disse que só encomendou o material depois de muita demora, pois ainda achara tempo de dansar na festa de S. João, em Rosário. Ainda assim acreditava o honesto Januário que, pelo menos uma parte das ferramentas, fôra paga por um amigo de Tupí). Cada um sabe o que faz. Quando interpelamos Tupí a respeito do emprêgo do dinheiro,

respondeu que só chegara a Rosário com 300\$, comprara as ferramentas e ainda guardara os 40\$ que trouxe. Como é que 1:800\$ se reduzem a 300\$, apesar das despesas com bois e material terem sido feitas com outros recursos? A esse respeito negou-se a dar explicações, alegando que saberia prestar contas ao Presidente de Mato Grosso. Mas, ainda que se tomassem por base cifras elevadas e que se quisesse raciocinar a favor de Tupí, os recursos materiais de uma expedição não exigiriam jamais nem a metade de 1:800\$. Acresce que não fizera as compras prometidas, em Rosário. Com efeito, concordava em não nos haver



Pés de bacairís

a— Manoel Antônio, b — Madalena, c — Antônio, d — Generoso, e— Leopoldino

informado bem a respeito das provisões (os números anotados do seu próprio punho provavam-no), mas que estivera convencido poder, mais tarde, completar o que faltava.

Mas, afinal, como poderia pagar as reservas para três meses de viagem? Retorquiu que contara com as nossos recursos em dinheiro, em virtude de ter êle sofrido tão inesperado prejuízo com o material de ferro.

Ainda desta vez lhe declaramos não nos ser possível seguir em sua companhia, em face dos acontecimentos, que até agora, se encarregaram de nos tirar a confiança depositada nele.

Isso não era possível, dizia, porque não podia separar-se dos homens a êle confiados e que estavam conosco.

Perguntamos-lhe, então, sinceramente admirados, si era mesmo capaz de vir conosco, desde que o considerávamos absolutamente indigno da nossa confiança.

Sim, dizia, viria apesar disso, ou regressaria à cidade com todos os homens. A responsabilidade era dele, e por isso se mantinha indiferente à nossa confiança ou desconfiança. Quando proferiu essas palavras, pulei da cadeira e disse-lhe que repetisse o que havia dito. "O senhor quer bater-me?" gritou, exaltado, o tolo do homem, e começou a mexer debaixo da bolsa de couro, de onde surgiu o cano da arma. Exigí-lhe, apenas, que repetisse o que dissera e chamei Castro para testemunha. Castro confirmou ter entendido o que disse Tupí. "Dêsse modo, Senhor Capitão Tupí, considero tudo acabado entre nós." De costas para nós, respondeu: "Regresso, amanhã, com toda a tropa". — "O senhor por certo não fará isso, a expedição não pôde depender unicamente de sua pessoa!" — "Pois eu vou".

Ficamos com cuidados, pois o nosso destino ia depender da tropa. Tupí, aliás, agradava-nos agora mais do que antes, pois que, inegavelmente, não lhe faltava coragem de enfrentar as conseqüências que o aguardavam ao voltar à cidade. Por outro lado, levando em conta rigorosamente a disciplina militar, êle tinha até razão com respeito aos seus homens.

O jantar decorreu numa atmosfera pouco agradável. Castro não sentia o menor apetite e observava Tupí desconfiadamente, o qual se achava ao pé do fogo, conversando, muito animado.

Nós abençoávamos o acaso que fazia com que as amizades duvidosas de Tupí já se achassem longe dali, não lhe sendo, portanto, possível comunicação com elas.

Afim de agirmos dentro dos moldes oficiais e reforçarmos o ânimo de Castro, redigimos e entregamos a êste o seguinte documento:

"Considerando que, após os acontecimentos do último mês sobre os quais faremos um relatório especial para S. Excia. o Presidente, não poderemos continuar a viagem em companhia do Capitão Tupí Ferreira Caldas, somos obrigados, por imperiosa necessidade, a solicitar a V. S. tomar a si o comando da tropa. Esperamos



ANTÔNIO

VALENTIM
DANIEL

PEDRO

Nossos quatro "camaradas"

que, de acôrdo com as instruções recebidas por V. S., de “nos apoiar em todos os sentidos”, esteja V. S. em condições de se responsabilizar militarmente por essa providência extraordinária, mas inteiramente explicável diante da situação em que nos encontramos.”

2 de julho.

De posse do nosso papel e das suas instruções, Castro marchou, assim armado, para Tupí e ambos desapareceram atrás da habitação de Cactano. Houve um momento de silêncio, depois ouvia-se falar em voz alta e ambos êsses comandantes apareceram como Ajáx e Aquiles, em bate-boca exaltado, diante dos seus subordinados, ali acorridos. “O senhor quer tomar o comando?”, chalaceava Tupí, que se recusou, simplesmente, a aceder, quando Castro lhe propusera um entendimento amigável. Continuaram a falar muito forte e excitaram-se. — “Pois então pague as provisões” — era o que Tupí gritava a todo instante, ao outro, que respondia com um olhar ferino.

Afinal, as discussões deviam acabar, de modo que chamei Castro de lado e insisti muito para que reunisse os homens para decidir a coisa.

Só havia uma solução a tomar, se não a expedição estava condenada, isto é, a iniciativa imediata de ordens enérgicas, antes que Tupí comandasse qualquer coisa.

Reunimos os homens. Tupí, metido no poncho, fumava um cigarro sem pressentir o golpe. Postara-se diante da ala direita. Nós nos mantivamos silenciosamente um pouco afastados. Castro não falou mal, dirigindo-se aos homens: “Era impossível prosseguir com Tupí, que gastara todo o dinheiro. Ao mesmo tempo seria uma vergonha voltar sem nada ter feito. Era preferível, para nós, si fosse preciso, morrer em companhia de dois a três homens no interior do sertão do que nos deixar ridicularizar por todo o país. Quem quisesse voltar que voltasse”. Diante disso, Tupí começou a dizer que lhe havíamos declarado a êle, Comandante, não depositarmos confiança nele e que, por consequência — ia dizer, ainda, que não a tínhamos também nos seus homens — mas aí Castro interveio já decidido: — “que êle Castro é que comandava e não Tupí. Nova troca de palavras entre ambos, em que Castro gritava: — “Marche!” — “Alto!” exclamava Tupí. — “Marche!” — “Alto!” — “Marche!” — De cabeça baixa, os soldados começaram a mover-se vagarosamente, espalhando-se, tristes como os membros de uma comitiva que se dispersa no fim de uma cerimônia fúnebre. Apenas um deles hesitava e murmurava: “O Capitão Castro diz uma coisa, o Capitão Tupí diz outra!” — “Então ninguém me acompanha?” Prorrompeu

Tupí, encolerizado. Houve silêncio. — “Ninguém?” Ninguém se movia. Desta vez Tupí perdera a parada. — “O senhor instigou os homens contra mim. Em nome do Presidente prendo-o!” — “Si alguém tivesse que ser prêso aqui, retorquiu o Capitão Castro, seria o senhor mesmo, que foi apanhado em flagrante.”

Afinal acabou a penosa cena. Demos a Tupí um recibo dos 40\$, e às 9 e 30 montou na sua sela, indo embora calmamente, sem ter avisado o rio Paranatinga.

Sòmente em agosto, juntamente com os outros soldados, é que chegou a Cuiabá.

Resolvemos mandar Martim, como enviado especial, à residência presidencial, com o seguinte comunicado :

“Aldeia Bacairí, no rio Paranatinga, 3 de julho de 1884.

Ilmo. e Exmo. Snr. Barão,

Antes de nos separarmos do resto do mundo civilizado, desejaríamos pedir a V. Excia. e à Exma. Snra. Baronesa que nos tenham em boa lembrança. De nossa parte, fazemos votos sinceros que V. V. Excias. continuem gosando felicidade e bem-estar.

Foi uma circunstância lamentável do destino que fez com que esta despedida seja acompanhada do relato dos dissabores recentes que atravessamos. Mas, falando francamente, temos que relatar o procedimento do nosso companheiro de viagem sob um aspecto ainda mais desfavorável do que o da nossa carta anterior, de 20 de junho, cuja cópia incluímos e que o Sargento Povos deixou perder-se, durante uma caçada de porcos do mato.

O Capitão Castro esclarecerá a V. Excia. os pormenores do desentendimento que tivemos com o Capitão Tupí. Pouparamos tomar em consideração um companheiro a quem, sem hesitação, declaramos incapaz e sem idoneidade para enfrentar os problemas sérios de uma empresa como a nossa. O Capitão Tupí teve, aliás, oportunidade de afirmar que lhe era indiferente depositássemos ou não confiança em sua pessoa. Teve também a coragem de fazer depender a empresa do seu único interêsse pessoal, desconsiderando a ordem de V. Excia. que depositou o comando da tropa nas mãos dele. Por certo V. Excia. confiou essas ordens ao distinto oficial e não ao homem que nos chegou aqui com 40\$ apenas e que está pronto a conduzir 37 homens ao Sertão, sem que possa comprar víveres por uma semana sequer, declarando que contara com os nossos recursos particulares.

Chamamos a atenção de V. Excia., para certo fato — ainda em Cuiabá tomou-nos emprestada a importância mínima de 50\$ e, no dia seguinte, após receber o dinheiro com que pagaria as diárias dos soldados, achou-se em condições de gastar 600\$ em dívidas de jôgo.

Uma feliz circunstância resguardou-nos da anulação dos nossos planos e, assim, com o outro comandante, inteiramente digno da nossa confiança, apesar dos poucos homens que temos, mas bem escolhidos, reiniciamos a viagem na esperança firme de alcançarmos bom êxito.

Deus guarde a V. Excia.”.

A virtude venceu, por isso abençoamos o boi das ferramentas e perdoamos ao miserável sub-oficial que o deixou extraviar-se.

Para darmos ocupação aos nossos homens, começamos logo com o transporte das nossas coisas para as canoas. Agora reina atividade por toda parte. O fazendeiro chegou com o restante do fornecimento. No aldeamento trabalha-se mesmo durante toda a noite. Não parava o ruído do socador de milho nem o do amassador de cana.

A farinha em falta foi substituída por arroz. Há feijão em abundância, de forma que podemos enfrentar, consolados, o futuro. O que não encontramos é fumo, visto que da fazenda não nos podiam ceder nenhum. Dispomos ainda de algumas moedas de ouro, não muitas.

À noite preparamo-nos para escrever, servindo-nos de dois bancos como mesa e sentando-nos em alforjes e redes. Lá fóra os sapos coaxam. O bacairí João, a quem apelidamos de trovador, improvisa no seu violão, do qual não se separa absolutamente, mesmo quando vai banhar-se. E' esta a última noite que passamos sob um teto.

5 de julho.

A instalação do pessoal durou até o cair da tarde. O rio apresenta uma largura de mais ou menos 150 metros. Dos dois lados há um barranco de cerca de 5 ms. de altura. As compridas canoas de troncos de árvores inspiram-nos confiança e pensamos habituar-nos com elas. Antônio sente-se como um dos nossos. Apaixonou-se pelo meu birimbau, que lhe ofereci de presente.

6 de julho.

O rio cobre-se do nevoeiro da madrugada. Pedro pescou uma enorme piraiíba (*bagrus reticulatus*). Estava todo orgulhoso numa

roupa de soldado, sob a qual usava uma camisa velha de flanela, dada por mim. As nossas elegantes o tomariam por um napolitanozinho de cabelo encaracolado e de aspecto levemente triste, mas, apesar disso, o rapaz só se interessa em matar tudo que pia ou mia, chupando a sua cana de açúcar.

Primeiro chegou Caetano afim de almoçar ainda uma vez conosco. Algumas mulheres vieram oferecer-nos beijús e acocoravam-se para um lado, enquanto as duas Carlotas penteavam o cabelo comprido. Os casacos que usavam no dia em que chegamos tinham sido abolidos.



Canoas de cortiça de árvore no Paranatinga

Luiz veio por último, quando já todas as canoas se achavam na nossa margem, dirigiu-se à última pedra de cantaria, tirou as roupas e tentou vadear o rio, mas teve medo e estacou hesitante. “Ora, vem logo!” gritou-lhe a mulher de Felipe. Afinal, o trovador foi buscá-lo.

Às 10 horas zarpamos. Durante muito tempo ouvimos atrás de nós o riso e os gritos das mulheres.

Dou a seguir os dados meteorológicos da nossa estada em Córrego Fundo e na aldeia Bacairí, que ainda não foram incluídos aqui:

28 de junho – (Córrego Fundo) 4 hs. da tarde : I 735.0, II 722.8, Sec. 30.7, Aquecimento do sólo max. 41.2.

- 9 hs. da noite : Sec. 16.4, umid. 13.1, limpo, vento ligeiro.
- 29 de junho - 7 hs. da manhã . Sec. 12.6, umid. 11,5, limpo, calma-
ria, sólo mínimo 14.1 (desde 4 e 45 da tarde, prof.
50 cm.).
- 10 hs. da manhã : I 738.0, II 726.6.
- 2 e 45 da tarde : Sec. 32.0, umid. 17.6, cum. 1. Desde
10 hs. NNO até 5 horas, Sólo 24.0 (desde 10 hs.,
prof. 60 cm.), Irradiação superfície max. 46.0.
- 4 hs. e 20 da tarde : I 736.0, II 724.0.
- 9 e 10 da noite : Sec. 17.6, umid. 14.2, limpo, calmaria.
- 30 de junho - 7 hs. da manhã : Sec. 12.2, umid. 11.7, calmaria, Irrad.
mín. 14.8.
- 10 e 15 da manhã : I 738.0, II 726.2.
- 2 e 10 da tarde : Sec. 31.2, umid. 18.4, cum. s. 4. Desde
11 hs. rajadas vindas de N. Irrad. máx. 47.8.
- 4 hs. da tarde : I 736.0, II 724.0.
- 10 e 30 da noite : Sec. 17.0, umid. 14.0, limpo, calmaria
- 2 de julho - (Aldeia Bacairí) 10 hs. da manhã : I 739.0, II 729.0,
Sec. 29.0.
- 2 e 10 da tarde : Sec. 30.8, umid. 18.3, limpo, rajadas
N até 4.
- 4 hs. da tarde : I 737.8, II 727.0, Sec. 30.0, Hipsom.
98.660.
- 9 hs. da noite : 18.2, umid. 14.7, limpo, calmo.
3. de julho - 7 e 20 da manhã : Sec. 13.8, umid. 13.0, limpo, calmo.
- 2 hs. da tarde : Sec. 31.1, umid. 18.3. Desde 10 hs. N.
- 10 e 15 da manhã : I 738.6, II 728.6, Sec. 29.0.
- 4 hs. da tarde : I 737.0, II 726.4.
- 9 hs. da noite : Sec. 17.6, umid. 15.4, limpo, calmo.
- 4 de julho - 7 hs. da manhã : Sec. 13.4, umid. 12.6, limpo, calmo.
- 10 hs. da manhã : I 737.6, II 728.0.
- 2 e 30 da tarde : Sec. 31.0, umid. 17.6, NE cum. 1, E
1 - 2, de manhã vento N.

4 hs. da tarde : I 735.2, II 724.8 — 5 hs. : Sec. 28.5,
Hipsom. 98.605.

5 de julho - 7 hs. da manhã : Sec. 13.1, umid. 12.3, limpo, calmo.

10 hs. da manhã : I 737.4, II 727.8, Sec. 24.4.

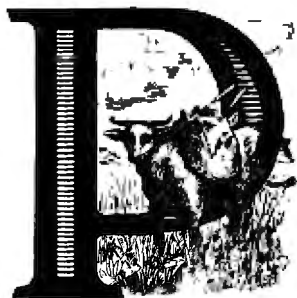
2 hs. da tarde : Sec. 30.2, umid. 16.4, limpo N 2, de ma-
nhã até 4.

5 hs. da tarde : I 736.0, II 725.6, Sec. 29.0.

6 de julho - (Margem direita do Paranatinga) 6 e 45 da manhã :
I 737.0, II 728.2, Sec. 11.5.

No planalto de Mato-Grosso. Do rio Paranatinga ao rio Batoví

(Pesquisando as fontes do rio Xingú)



DONHAMOS de lado um pouco as páginas do diário em que procurei registrar, de maneira geral, as características da região que impressionam o viajante, afim de nos determos mais no estudo de certas minúcias.

A parte do poderoso planalto brasileiro, que se estende entre os rios Araguaí e S. Lourenço foi descrita, sob o ponto de vista geológico, por Castelnau.

Desde a base do rio Araguaí, o planalto vai subindo em direção léste até 160 ms., atingindo a Serra da Taquara, cuja altura absoluta é de 355 ms. conforme as indicações. O planalto decai novamente em dois degraus oeste, o primeiro em Água Branca, dista cerca de 240 kms. de Cuiabá, onde as águas se dirigem para o S. Lourenço, conduzindo à Chapada. Esta, por sua vez, forma o segundo degrau oeste e constitue a margem esquerda da bacia cuiabana.

Castelnau não só atravessou essa região, durante a sua viagem de Goiaz a Cuiabá, mas também fixou em mapa a extensão que vai do norte de Cuiabá até Diamantino, para além do Tombador.

O território noroeste do Tombador, as fontes dos rios Cuiabá e Paranatinga figuram nos mapas, de acôrdo com as notificações trazidas por viajantes que não se utilizaram dos instrumentos próprios para colher dados.

Mas, o que difficilmente se comprehende é o modo por que o próprio Castelnau pôde desenhar a "Serra Azul" como uma encosta de montanha, a começar entre as fontes do rio Cuiabá e do rio Manso, seguindo para noroeste, passando a 12 $\frac{1}{2}^{\circ}$ pelo Xingú e penetrando na Serra dos Gradaús.

Por essa imagem, ainda que hipotética, tem-se a errônea representação, de que as "serras" se destacam como fortes cadeias de montanhas.

Considerando-se a questão por êsse prisma, verifica-se, entretanto, não existir nem Serra Azul, nem Gradaús.

Essa imensa extensão territorial, assim como a região entre o Araguaí e o S. Lourenço, não é mais do que parte do formidável planalto de onde partem os afluentes esquerdos do Amazonas, baixando em linha tão irregular para a bacia amazonense que no Madeira atinge só 8° e no Xingú apenas 2°. O rio Xingú é tão rico de cachoeiras, justamente porque só se livra da região montanhosa quando já próximo da foz.

Por ora só isso. A impressão de que se trata de serras existe em todo o caso, e é facilmente explicável.

O "plateau", que possui uma altura média de 400 ms. e tem o seu massiço constituído de cantaria, é dividido por vales rasos de diferentes larguras. Visto de baixo para cima, a orla do planalto em declive im-



Planalto

pressiona como si de fato fosse uma "serra", ao passo que se olhando de cima para baixo as orlas das bacias mostram-se como contornos de colinas à parte.

Nós também deparamos com muitas dessas serras entre o Paranaíngua e o Xingú, que são apenas elevações mais altas do próprio planalto e todas constituídas de rocha sedimentada.

A superfície superior do planalto é o Chapadão, pouco irrigado, de vegetação retorcida, terminando em forma de península nos vales. A sua escarpa ainda é revestida de ervagem. E o lugar, justamente onde passa um braço d'água que se dirige ao vale, afim de se reunir ali com muitos outros, está assinalado por uma faixa densa de verdura,

que no vale corre ao longe do rio em formação, alargando-se, cada vez mais, pelo refôrço dos outros rios. Pode-se dizer que onde há floresta, há rio. Não se avistam as águas sinão quando se tenta, a custo, abrir passagem pela densidade da mata por meio de facões.

Assim que se sai do vergel do Chapadão e se chega à sua beira, o quadro que então se oferece é bastante instrutivo, pois a vista corresponde justamente ao mapa.

As encostas horizontais, de arvoredos deficientes, são outros tantos chapadões. O capinal forma o talude, as faixas de ramificações verde escuras são as "cabeciras", isto é, os seus riachos-fontes, e o próprio rio. Si se quiser, porém, por comodidade, designar as elevações situadas mais longe por "serras", não se deve esquecer que se trata de formações absolutamente idênticas às que se apresentam na região próxima. Assim que se penetra nessa Serra, após longa caminhada, ela aparece como chapadão comum, que se eleva, na maior parte, 80 ms. acima dos vizinhos. De vez em quando, encontram-se vários deles como uma fila de túmulos ou massas compactas.

Quanto às serras indicadas nas cartas geográficas, que se alongam como bancos de areia, não existem em parte alguma.

Apesar de nossa viagem ter sido feita no período sêco da estação e a primeira chuva não chegasse sinão no fim de agosto, embora durante o dia o ar estivesse tão sêco que às doze horas o termômetro de umidade indicasse 10-12° a menos que o termômetro sêco, não deixamos de encontrar água à vontade. Diariamente atravessávamos uma série de ribeiras, embora nos esforçássemos muito em reduzir êsse caminho do Chapadão por causa dos animais de transporte.

Notável é que um planalto de apenas 400 ms. de altura, acima do nível do mar, forme o reservatório de águas do Brasil, enchendo as veias poderosas que, partindo do sul, levam tributo ao rio Amazonas. Mas estamos nos trópicos, para cuja situação climática a capacidade de retenção d'água no ar nos fornece tão importantes indícios que se costuma designar o seu clima como clima oceânico.

Aquí não são necessários os Alpes. Um planalto baixo é suficiente para retirar, por meio do forte resfriamento noturno, a necessária quantidade de vapor d'água do ar quasi completamente saturado.

A extensão do planalto é enorme e cobre-se de vegetação fina, na maior parte de erva, de modo que tudo concorre para que a irradiação de calor se torne tão acentuada durante a noite.

O orvalho da madrugada conserva a vegetação de fôrma que, mesino durante as secas, ela não desaparece da Chapada. O sólo arenoso

surve avidamente êsse orvalho, que atravessa o massiço de pedra, entrando por toda parte, através das inúmeras cabeceiras, passando pelo escoadouro de poderoso filtro e, aparecendo, claro e transparente, na fórmula de água nascente, até mesmo na estação sêca.

Dessas condições resultam duas vantagens importantes para o conforto do viajante, vantagens essas que tanto lhe faltam em outros trechos da zona tropical. A primeira é a excelente água de beber e a outra é justamente a frescura da noite que revigora o corpo, prostrado pelo calor do dia. Quando penso na Índia, onde se deixa, frequentemente, a cama, durante a noite, na impossibilidade de se conciliar o



Rio-cabeceira

sono, por causa do bochorno e se foge para a varanda, onde invariavelmente se encontram alguns companheiros de sofrimento, comparando isso com as noites do Sertão tropical, o contraste é imenso. Chegávamos a sentir frio e, quando soprava o vento sul, então tremíamos de frio. A diferença entre o máximo da temperatura diurna e o máximo da temperatura da madrugada, pouco antes de amanhecer, era 24° — até 31° — até 7° de amplitude.

Para deitar não tirávamos a roupa, pois, pelo contrário, vestíamos tudo que podíamos para passar a noite. Mas, na manhã seguinte, sentíamos-nos com novas energias para continuar caminho.

Ainda há mais uma circunstância favorável ao viajor. Como o nosso planalto se aquece mais cedo pela manhã, do que a planície do norte, sopra, ao meio-dia, um ligeiro vento norte (“uma viração”, como diziam os brasileiros) que desaparece com o descambar do sol.

Dessa maneira conseguíamos marchar das 7 às 12 da manhã, depois do que nos permitíamos e aos animais um descanso de 2 horas, acampando novamente às 5 horas, perto de um regato.

O que não nos agradava muito era verificar que já às 6 da tarde escuracia. As velas e o óleo que conservávamos para as nossas futuras observações, não deviam ser dispendidas inutilmente e, assim, ficávamos a conversar, deitados numa pele de boi, perto do fogo do acampamento até que nos recolhêssemos para a luta com os mosquitos dentro da rede.

As noites eram claras e límpidas, iluminadas pelas estrelas. Por cima de nós só passavam as nuvens de fumaça das nossas próprias fogueiras. Os nossos homens, principalmente os soldados do piquete, que queriam marcar o caminho de volta a Cuiabá, costumavam atear fogo no mato. Vimos muitos “cumuli” desaparecer por entre as nuvens de fumo, mas nunca provocamos chuva. É claro que onde se costuma queimar mato com tanta frequência, como por exemplo entre os índios do Chaco, se compreende a idéia destes, de terem procurado obter chuva artificialmente, nos dias tórridos, com o fumaceiro do fogo do mato.

Estávamos precisados de variar de alimentação, pois era arroz pela manhã e feijão à noite e, às vezes, vice-versa, mas isso já nessa ocasião se tornava insípido.

A caça no Sertão tem sido muito elogiada e cita-se como prova disso a abundância de animais colecionados por Smith, em Mato Grosso. Segundo o ponto de vista deste, o brasileiro tem duas razões para apreciá-la, uma porque essa caça é de bom paladar relativamente à de outras regiões do Império; a outra porque, afora poucas exceções, o brasileiro come todos esses vertebrados colecionados pelo zoólogo. O que denominam “gostoso”, na realidade o é e não são poucos os animais dignos desse adjetivo.

No melhor dos casos, entretanto, a caça deve ser considerada medíocre, não em relação ao número de gêneros ou de espécies, mas à quantidade de exemplares. Isso, comparando-se o sertão a outras regiões abandonadas e com extensão territorial como essa. É justamente esta última circunstância que chama a atenção. Si a gente se guiasse pela frequência e pela observação dos animais selvagens, não seria, talvez, possível determinar em que deserto formidável nos encontrávamos.



Acampamento

Certamente os índios e os animais têm o mesmo motivo para não apreciarem estas redondezas. Pelos rios encontra-se coisa muito melhor, pois o terreno ali é fértil, em contraste com os "campos" áridos, onde não penetram as florestas das cabeceiras.

Não eram raras as pegadas do jaguar e eram numerosas também as do tapir, cuja trilha, em linha reta, se confundia facilmente com os atalhos palmilhados pelo homem. Não conseguimos ver nenhum desses animais. Quasi diariamente avistávamos, não obstante, um ou outro veado, conseguindo agarrá-lo com o auxílio dos cães, o que nos proporcionava um assado duro, mas saboroso. No dia 7 de julho tornamos a abater um tamanduá.

O guariba é prato que se come bem, apenas nos acomete um certo sentimento de afinidade pelo macaco urrador ao vê-lo ali no espêto, envolto nas chamas. A gente sente-se dominado por uma incoercível compaixão instintiva pelo animal, e só se tranquiliza na hora de comê-lo, que é quando se esquece o problema. Apesar de tudo, não se tem coragem de atacar-lhe a cabeça carbonizada, de dentadura branca, preferindo-se, por isso, passá-la para o companheiro ao lado, e não porque a parte da coxa seja mais suculenta.

As aves comíveis eram raras, uma ou outra perdiz ou jaó. Os grandes galináceos que encontramos, mais tarde, em notável quantidade, pelas florestas dos rios, não foram vistos aqui.

As araras cor de laranja e azul, de facezinhas cor de carne, com um ondulado preto transversal, prometiam muito, mas o caldo de sua carne sabia um pouco a petróleo.

Com respeito à tartaruga, gostávamos muito do seu fígado. A prática especial no preparo da tartaruga consiste em atirar o animal fortemente no chão, várias vezes, antes de abatê-lo.

Nos arroios pescamos facilmente piranhas (serra salmo), que é um grande peixe voraz, comumente de 25 a 35 cms. de comprimento, notável pela sua forte dentadura e incrível voracidade. Só resistem à força de seus dentes os anzóis de ferro forjado, pois os nossos anzóis de ferro fundido, presos no meio da linha, por um arame trançado, quebravam frequentemente. Por causa da piranha receia-se muito tomar banho ou atravessar um desses rios. Ela vive aos bandos, em águas tranquilas, é avidíssima, de modo que quando homem ou animal se atrevem a penetrar ali, em poucos minutos, as piranhas os reduzem a esqueleto. A carne desse peixe nos agradava muito a princípio.

Acreditei dever deter-me no exame do cardápio sertanejo, porque um dos característicos de viagens como a que fazíamos era ser obrigado

a dedicar a êsse tema um interêsse cada vez maior. “Que é que há hoje para comer, além de feijão e arroz?” é o que se pergunta todas as manhãs necessariamente. Talvez fosse censurável, mas a verdade é que um dos melhores prazeres para nós, durante a marcha, era lembrar os bons restaurantes de nossa terra natal. Só à idéia de costeletas de vitela com ovos já o viajante sentia os olhos úmidos.

A 6 de julho, púnhamo-nos a caminho, saindo da margem direita do Paranatinga, atravessando nesse mesmo dia 4 arroios, que são: Ribeirão da Bacaba (segundo o nome da palmira-bacaba), Ribeirão Mêmo (idem do Capitão da Aldeia II), Ribeirão da Tinta (idem pelo sabor da água) e Ribeirão do Cágado (tartaruga).

Vamos sempre em direção léste, exceto a 7 de julho, quando dobramos para SE, lançando um olhar para as cabeceiras do Paranatinga que aqui fazia enorme curva, tomando depois o seu curso a direção norte. Acampamos no Ribeirão Tamanduá (papaformigas), que é o último que se dirige ao rio Paranatinga.

A 8 de julho encontrávamo-nos, sem o saber, e sempre com receio de não haver ainda um afluente mais ao norte do Paranatinga, cuja origem estivesse por aqui, na *região das fontes do Xingú*.

Atravessamos o Ribeirão das Pombas e o Ribeirão Formoso, o último de 15 ms. de largura, onde havia uma ponte de lajedo natural. A água corria por entre um musgo pardacento. Essa ponte permitia a nossa passagem sem vacilação.

Após termos atravessado ainda, a 9 de julho, com alguma dificuldade, um arroiozinho de 2,50 ms. de largura, correndo dentro de uma brecha de 3 ms. de profundidade, encontramos à tarde um precipício ao sul do Chapadão que parecia cheio de promessas. Por entre duas extremidades da Chapada, vislumbrávamos uma grande extensão do vale. Ao sul, como continuação da Serra-Azul, viam-se duas “cadeias de montanhas”, sendo que a posterior apresentava contôrno mais elevado, longo, pouco sinuoso e, aparentemente, não interrompido. A da frente era pouco ligada, dividindo-se, longe, a SO, em colinas.

Faixas de florestas verdes cruzavam a planície. Justamente de baixo de nós insinuava-se, através de estreitas curvas, o braço principal de um rio, a que se juntava como companheiras quatro cabeceiras menores, vindas de SO e O. O rio corria para SE, mas dali em diante não era mais conhecido.

Passamos o dia 10 de julho pesquisando o braço imediato. Para isso penetramos a planície, cortando caminho pela floresta virgem.

Neste ponto só encontramos, após muito esforço, uma faixa d'água de 5 metros de largura.

Resolvemos continuar o caminho em direção léste, preferindo o certo ao incerto. De acôrdo com a nossa experiência posterior, é provável que tivéssemos, nessa ocasião, realmente, diante de nós, uma cabeceira do rio Coliseu, principal braço direito do Xingú. Como a sua bacia se acha a uma profundidade maior, perto de 100 ms., do que o Chapadão, é lógico que o Coliseu não possuía cachoeiras como as que vencemos, mais tarde, em um rio-fonte mais acima, em que embarcamos.

Encontramo-nos, de novo, com a Chapada, atravessando outros ribeirões, que corriam para o norte e que eram bem consideráveis. Assim tivemos o Ribeirão do Bugio no dia 11 e o Ribeirão do Jatobá



Planalto

a 12 de julho. Êste último media 2 vezes a largura do Ribeirão dos Nobres. A passagem foi penosa aí. Levamos 2 horas e meia para rebocar os objetos nos ombros, enquanto a água nos chegava até o pescoço.

A 13 de julho alcançávamos uma montanha isolada que galgamos. Ao sul, um chapadão nos separava do vale avistado a 9 de julho. Êste chapadão enviava todas as suas águas para o norte, circundando em fôrma de arco a nossa montanha, onde, reunidas, corriam mesmo ao longo do seu contôrno. Êste rio era o que decidíramos navegar, caso a sua largura o permitisse.

À tarde, vímo-nos diante de um pequeno rio, de 70 ms. de largo, que vinha da floresta, despejando-se de uma rocha arenosa, correndo para o norte. Chamamo-lo rio de Batoví, em homenagem ao Presidente. Estávamos aquí 14 léguas a léste do Paranatinga, sôbre $13^{\circ} 57'2''$ de latitude sul e $54^{\circ} 24'22''$ a oéste de Greenwich.

Acampamos por baixo da cachoeira, na margem direita, sôbre vastas superfícies de cantaria. Nós, chefes, tratamos de explorar algumas léguas das redondezas e o pessoal pôs-se a construir as canoas, sob a orientação de Antônio, o bacairí, e a abater bois, cuja carne se salgava.

Foi muito importante, para nós, termos saído um pouco em direção léste, afim de nos convenceremos da situação das montanhas e do curso das águas. Junto aquí a página do diário referente ao fato :

“16 de julho. — Nós três e Castro partimos às 6 e 30 horas. O nosso amigo Januário pretendia alcançar-nos, mais tarde, montado em uma mula, trazendo-nos provisões, mas hoje, pelo menos, não chegamos a ver nem cavaleiro nem mula !

Infelizmente não seguimos a linha do chapadão e sim a da floresta, onde esperávamos encontrar um afluente caudaloso do rio Batoví e, então, cruzar o caminho em certo ponto mais estreito. Perdemos, assim, muito tempo. Atravessamos alguns riachos, pobres em águas, aproximando-nos progressivamente da Serra que limitava a bacia do Batoví a léste. Atrás de nós crepitavam as chamas da fogueira que ateamos, afim de nos facilitar o caminho de volta, espalhando-a ainda mais por meio de tochas feitas de folha de palmeira, fincadas pelo mato. Vimos 3 ou 4 colinas grandes de areia. O terreno parece bastante virgem ; essa natureza lembra uma velha solteirona, esguedelhada e desamparada, pois nada mais oferece do que areia, capim e um mato de tonalidade cinzenta, por causa dos muitos troncos e galhos ressequidos.

Sòmente à 1 e 30 da tarde de hoje ganhamos a altitude, de onde pudemos contemplar uma bacia suplementar de mais ou menos 2 léguas de diâmetro. Não eram muitas as “cabeciras” que se uniam numa faixa, correndo para o norte. A serra que limitava o vale a léste, estendia-se paralelamente outra serra numa distância uma da outra de, no mínimo, 2 a 3 léguas, parecendo provável, portanto, de acôrdo com os nossos desejos, a existência de um território de 6 a 7 léguas, a léste do Batoví. Em vista disso, ficamos orientados relativamente a um grau de longitude léste do Paranatinga.

Melgaço teria razão ? Seria que todos esses veios dagua, que se dirigem para o norte, se curvavam mais tarde para o NO, afim de se reunirem ao Paranatinga ? Seria que, em vez de aportar no Xingú, iríamos parar no Tapajós ?

Essa possibilidade não era contestável, embora nos parecesse improvável. Si o Xingú e o Tapajós estão no mesmo plano quanto à foz, por que seria o curso do Xingú muito inferior ao do outro ?

Além disso não nos cabia escolher. Fizemos nosso dever, obtendo o comprimento do Xingú. Nada contradiz a probabilidade do rio ter a sua origem nessa região. O panorama que contemplamos a 9 de julho, que nos induzia a admitir a existência de um vigoroso braço do rio, na direção léste, contribuiu muito para acreditarmos nessa possibilidade. Valeria, então, a pena caminhar 2º de latitude norte, arrastando os nossos miseráveis bois, em número de 13, que aguentaram a jornada até aqui, cobertos de feridas assim como as mulas, só por causa de uma hipótese geográfica? E o fato do rio Paranatinga e as montanhas estarem assinaladas de modo a tudo indicar claramente que os mapas estão apenas "combinados", necessitando, portanto, a cada passo, de correção?

Na verdade, nosso coração não se sentia leve . . . Si qualquer dia verificamos que Melgaço tem razão, pelo fato de irmos dar no Tapajós, nada mais nos restará do que o audacioso plano de, ainda assim, procurarmos o Xingú caminhando por terra, sem o auxílio dos animais de transporte. O que nos consolava era que nos havíamos prometido, um ao outro, caso se desse essa infeliz eventualidade, continuar as pesquisas de qualquer maneira, ainda que pelo campo. Mas ninguém queria, custe o que custar, perder-se pelo Tapajós . . .

Galgamos o ponto mais elevado, afim de não ficarmos em dúvida a respeito do sul. A serra de 9 de julho não estava à vista. Estabelecemos, pois, que até o ponto alcançado pelo olhar, a região toda enviava as suas águas para o norte.

Já eram 5 e 30 hs., quando nos achamos em baixo. Tudo acabara de queimar, as colinas estavam negras até os picos. Sòmente às 8 horas encontramos água. Wilhelm trouxera, felizmente, um pouco de farinha, de sorte que mediu 5 colheres de sopa para cada um, e isto foi a nossa refeição de hoje.

Julgamos que seria melhor voltar ao acampamento e começamos a tatear na escuridão. Ao tentarmos seguir para oeste, eu e Wilhelm perdemos de vista os outros dois. Subimos certa altura que parecia ser o chapadão, vendo, então, que ainda estávamos muito próximos da margem do vale e que tínhamos seguido para o norte. O espetáculo das chamas na floresta, nos montes, serpenteando a planície, recompensava bastante a fadiga e os aborrecimentos dessa excursão. Procuramos manter-nos sempre a oeste e atravessar a mata chamejante. Por toda parte o fogo crepitava e rangia. Erramos durante duas horas pelas brenhas e pelo quasi impenetrável emaranhamento das plantas trepadeiras e dos cipóais. O bambú é que ardia mais, pois circundava a mata, alastrando-se por muitos cantos. O trabalho tranquilo do fogo oferecia

aspecto mágico. Parecia haver uma azáfama atrás do enredamento de galhos, como si ali em meio da escura floresta virgem existissem oficinas de gnomos ou salões de baile, festivamente iluminados, de fadas e silfos. Frequentemente parávamos, admirados, para logo seguirmos caminho, metendo o corpo com toda a fôrça pela espessura do bosque. Cada vez mais íamos esquecendo, agora, as belezas da magia do fogo e das oficinas encantadas do bosque. Os três cães seguiam-nos fielmente pelo caminho confuso, tocando-nos, aflitivamente, de quando em vez, nos pés. De novo pusemo-nos na direção do norte, atravessando um capinzal livre, onde a chama também ardia, dificultando-nos a passagem com os nossos amigos cães.

Fomos por um riacho, sem que encontrássemos do outro lado o chapadão. Um dos cães ficou para trás e só se decidiu acompanhar-nos de novo quando disparei um tiro. Imediatamente ouviu-se a resposta de um outro disparo, vindo a 1 ou 2 kms. de distância. Clauss e Castro não deviam, portanto, estar longe.

Nas margens de um ribeiro, impossível de se atravessar à noite, resolvemos instalar-nos. Um galho grosso, ardendo em brasa, serviu para acender o fogo do nosso abrigo. A água de que precisávamos foi tirada do riozinho por meio de uma caneca presa a um bambú. Era exatamente meia-noite, quando nos deitamos sôbre canas de bambú que nos picavam traiçoeiramente o corpo. De uma feita, um dos cães virou-se de tal modo, fazendo estalar tanto o bambú que nós dois estremecemos, mas nenhum monstro sobreveio para perturbar aquela tranquilidade um tanto artificial.

Passamos a noite como si tivéssemos viajado em carro de terceira classe, acordamos às 6 horas, atravessamos em seguida o riacho largo para alcançar o chapadão. Chegamos às 10 e 30 hs. no acampamento. Uma hora depois vieram os outros que também dormiram mal, agarrados um ao outro, por causa do frio, pois não acenderam fogueira por acreditar Castro que isso atraísse os animais selvagens. Antes porém, Clauss havia caído dentro de um riacho fundo, tendo quebrado o seu bonito facão e rasgado a calça, só conseguindo sair-se dali, a custo, agarrando-se à espingarda que Castro lhe estendia.

Como foi que nos separamos sem nos ter de novo encontrado pelo caminho é o mistério daquela noite de susto.

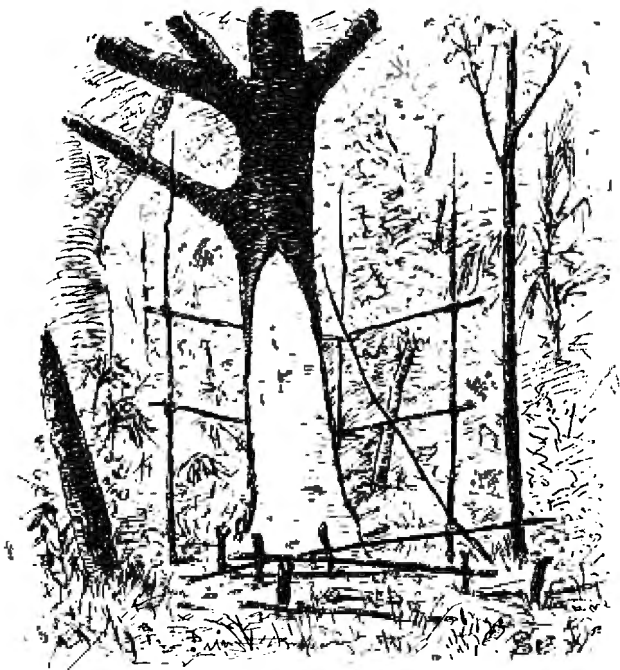
Januário só nos apareceu no dia seguinte. O velho tropeiro tinha seguido ao longo do rio abaixo, pois não queria atravessá-lo, tendo visto, como disse, a embocadura de um grande rio que descreveu minudente-

mente, mas que ninguém, antes ou depois dele, jamais viu nem verá nunca.

Dois dias depois, fui acometido do primeiro acesso de febre.

Só uma parte dos bois devia ser abatida, “constituindo, apenas, couro e feridas”, conforme dizia Clementino e não sem razão. Ele estendeu a carne em tiras com mão de mestre, sobre uma espécie de cavalete para secar ao sol.

Em 21 de julho, Januário e dois soldados do piquete partiram com as mulas, de volta a Cuiabá. O quarto soldado, Clementino, foi conser-



Jatobá

vado em nossa companhia por ser muito útil não diminuir o número de homens, que deviam ser vinte. Com aqueles seguiram nossas últimas cartas.

Enquanto isso, ficaram prontas uma série de canoas, fabricadas da maneira mais simples possível, de um tronco de jatobá, que é uma árvore alta, semelhante ao olmeiro. Preparou-se, primeiro, uma armação de estaca, diante do jatobá, cortando-se, depois, pela metade o madeiro cilíndrico a golpes de machado. Logo após essa comprida peça

é cortada em fôrma de canoa. A fibra da árvore era flexibilizada pela ação do fogo mantido na concavidade, de fôrma a se conseguir, por meio de alçapremas, o encurvamento das partes de frente e de trás. Alguns paus, fincados por dentro, não permitiam que as beiras da canoa dobrassem muito para dentro. A grossa película fibrosa é impermeável à água. No período da sêca, esta madeira torna-se quebradiça, partindo-se seis ou sete canoas até se obter uma. Por mais primitivas que fossem essas embarcações de 6 metros de comprimento médio, eram úteis, porque afinal não havia outro recurso. Não existia quasi madeira para construir botes de acôrdo com as regras. Além do mais, a canoa de jatobá possuía a vantagem de poder construir-se com muita rapidez. Com o auxílio do machado e do facão, cada um dos homens ainda fez um remo do melhor modo possível.

Viagem sobre o rio Batoví até o encontro com os primeiros índios



IM 25 de julho embarcamos em 8 canoas, uma das quais era muito pequena. Nos primeiros dias fomo-nos adiantando devagar, porque ainda havia necessidade de mais canoas e, assim, alguns dos nossos seguiam por terra. Procuramos mais jato-bás e as embarcações que faltavam foram logo construídas e imediatamente postas em uso, pois não dispúnhamos de tempo para deixá-las secar primeiro.

O trecho sôbre o Batoví foi certamente o mais difficil. No ponto em que embarcamos, achávamo-nos a 350 ms. acima do nível do mar. Tivemos de experimentar amargamente essa diferença de altura à proporção que descíamos o rio. Nesse trajeto, nossas oito canoas ficaram perdidas!

O Batoví soffreu um desnivelamento em $\frac{3}{4}^{\circ}$ de latitude, de 70 ms. Era uma escada, aquele rio. Quando caíamos de um degrau, sossegávamos um pouco, mas logo depois vinha outro.

Seria muitíssimo fatigante para o leitor si eu quisesse narrar as peripécias, dia por dia, cachoeira por cachoeira, degrau por degrau.

Inúmeras vêzes as canoas foram descarregadas, empurradas sôbre as pedras, levando-se a carga nos ombros.

Onde uma cascata maior impedia o avanço, era preciso fazer caminho pela mata, as canoas tinham que ser arrastadas sôbre as pedras ou até carregadas nos ombros para o outro ponto do rio em que embarcávamos. Em meio disso, ainda sobrevinham accidentes supplementares, como, por exemplo, na ocasião em que quasi todos já tinham atravessado estreito canal em uma corredeira, a última canoa chocava violentamente contra uma pedra, tudo virava dentro d'água, restando-nos o trabalho de apanhar e pôr tudo para secar. Não possuíamos um objeto que,

pelo menos uma vez, não tivesse sofrido êsse destino, isto é, o de molhar-se completamente.

Além disso, os sacos de couro eram esvaziados, espalhando-se o conteúdo sôbre as pedras para secar. Assim aconteceu ao feijão, ao arroz, à carne, aos couros, às cobertas, aos cadernos, aos albuns de esboços e a mil outras pequenas coisas. Ao sol, brilhavam as pulseiras douradas e as contas; entretanto, os víveres estragaram-se, parte do sal dissolveu-se, a farinha e o arroz mofaram, os feijões brotaram, a carne apodreceu, o chá do Paraguai cobriu-se com uma crosta.

O estado de saúde geral era bom, sômente Daniel e eu, de vez em quando, sofriamos um acesso de febre. Torturados pelos borrachudos e pelos mosquitos suspirávamos muitas vêzes, mas pouco a pouco nos entregávamos a uma resignação aparvalhada. As picadas dêsses animai-zinhos deixavam pontinhos negros de sangue coagulado, que marcavam fortemente as mãos.

Muito desagradável, também, foi o conhecimento que travamos com a pulga da areia, que dava preferência aos calcanhares e aos dedos dos pés, onde depositava os seus ovos. O pontinho quasi invisível e insensível de sua picada desenvolve-se numa inflamação do tamanho de uma ervilha, dolorida, recheada de ovos esbranquiçados, que, cuidadosamente, removíamos com a faca. A operação torna-se dolorosa, quando êsses depósitos de ovos atingem a região debaixo da unha. No comêço tivemos mais de uma dúzia dessas bôlhas extraídas em diversos pontos do corpo. Operando com habilidade, o sangue não aparece e a cavidade perfurada tem a fôrma de uma peneira. Ao contrário disso, as picadas dos mosquitos, principalmente quando se coça durante o sono, produzem feridas difíceis de sarar. Como o contacto das meias irrita essas feridas, desacostumamo-nos do uso delas, e, como os sapatos apresentam maiores inconvenientes, ficamos descalços.

Durante 3 meses não usei calçado de espécie alguma. A princípio o mais desagradável era que o pé nu, tendo o hábito de suportar todo pêso do corpo, se tornava muito sensível ao pisar entulhos e raízes ressequidas.

A tripulação arranjara-se com mais desembaraço ainda nas suas tarefas que a obrigavam a meter-se, frequentemente, dentro d'água. Pedro parecia lépido, de pé no meio da canoa, a camisa rasgada esvoaçando ao vento, Israel mais respeitável, com o cinturão afivelado, como um pescador do Velho Testamento. Alguns negros costumavam tirar toda a roupa, antes de pular com o carregamento sôbre as pedras. Sátiro, o mulato, é que gostava mais dêsse uso pagão. Com surpresa nossa apareceram em nossa bagagem, certo dia, meia dúzia de gorros

de dormir, para serem usados como chapéus, tendo um deles a inscrição “Xingú”. Êsses provinham de uma ceroula velha de Wilhelm. Francamente, os nossos companheiros tinham espírito!...

Entretanto, a quantos esforços estavam sujeitos! Um olhar ao mapa revela-nos a grande quantidade de maiores e menores “cachoeiras” e “saltos” que se aglomeravam em trecho bem curto. Imagine-se: 120 cachoeiras nos primeiros 120 kms. do curso do rio!

A primeira cascata já era vista do outro lado do local de embarque, com 3 ms. de altura e 100 ms. de largura (Salto Primeiro). Na cantaria vermelha havia a marca que revelava até onde subiam as águas durante a enchente, que era de 1,3 ms. A largura média nos primeiros tempos era de 50 ms.



Cachoeira

A 5 de agosto tivemos o rio atravancado por blocos de pedra muito altos. Arremessando-se e espumando muito, procurava passagem pelas rochas (Salto do Compadre). As canoas eram, agora, carregadas pelo mato. Logo após êsse local, tivemos que atravessar, a 6 de agosto, um outro semelhante, onde a água corria por uma verdadeira avalanche de pedras, lançando-se de dois metros de altura. A 7 de agosto, encontramos dois “saltos”, separados por uma baía muito tranquila, com uma quéda de 1 m. de altura. Atrás deles, o rio passava de 120 para 130 de

largura. Lançava-se por uma cachoeira, em 8 de agosto, correndo com a largura de 30 a 35 ms., durante 1 km. e numa queda de 1 m. Neste dia ainda foi preciso passarmos três grandes cachoeiras, usando estratégia especial de uma para outra, o que punha à prova a nossa paciência. Dois dias maus foram também 9 e 10 de agosto. O rio dividia-se em dois braços, o direito com 35 ms. de largura, inteiramente inavegável, assim como o esquerdo, de 70 ms. de largura, mas cheio de blocos de pedra amontoados. Parte das águas desaparecia por dentro de uma pequena garganta, tornando a ser vista numa distância de 40 passadas.



Paisagem do Batovi

Também aqui as canoas foram levadas por terra e, depois, mais quatro vezes esvaziadas. A designação "Salto do Diabo" não era vã. Em 11 de agosto, no último salto, encontramos a primeira aldeia de índios.

A maneira vagarosa por que avançávamos revela-se melhor através das cifras que damos aqui. O comprimento do local de embarque figura igual a 0, de modo que os números seguintes designam o recuo imediato para léste.

As larguras sublinhadas foram observadas diretamente, as outras foram calculadas com o auxílio de notas de viagem.

<i>Local de embarque</i>	φ 13° 57'.2	λ 0'.0	<i>kms. Soma dos kms.</i>	
26 de julho	55'.9	0'.9	5,09	5,09
27 de julho	53'.8	1'.9	9,18	14,27
28 de julho	51'.2	2'.3	5,76	20,03
29 de julho	50'.5	2'.2	4,19	24,22
1 de agosto	46'.4	1'.9	11,61	35,83
2 de agosto	43'.8	2'.2	9,90	45,73
3 de agosto	41'.6	1'.5	6,97	52,70
4 de agosto	37'.4	4'.3	14,83	67,53
5 de agosto	30'.6	4'.9	16,94	84,47
6 de agosto	27'.0	5'.7	9,84	94,31
7 de agosto	21'.5	5'.6	12,84	107,15
8 de agosto	20'.1	6'.1	4,90	112,05
9 de agosto	17'.7	6'.6	4,88	116,93
10 de agosto	16'.3	6'.0	3,24	120,17
11 de agosto	14'.2	5'.1	4,27	124,44

De acôrdo com isso nossa velocidade máxima por dia era de 17 kms.

Junto ainda as observações meteorológicas :

a) PLANALTO. São notáveis as temperaturas matutinas.

7 de julho — 6 e 15 da manhã : I 731.7, II 721.2, Sec. 11.0.

10 de julho — Manhã 17.6°. Aragem cálida vinda do fundo do vale.

11 de julho — 6 e 30 da manhã : Antes do nascer do sol 19.7°, I 724.0,
II 714.4.

12 de julho — (Rib. Bugio) Manhã 13.4, Noite fresca.

11 e 50 da manhã : (Rib. Jatobá) Sec. 24.1, umid. 19.5,
água 19.0.

Rio Batoví Acampamento.

14 de julho — 6 e 16 da manhã : Sec. 7.5.

15 de julho — 7 hs. da manhã : Sec. 7.7, umid. 7.0, calmo, noite muito
fresca.

10 hs. da manhã : I 734.7, II 724.2, Sec. 22.3, Hipsom.
98.605.

2 hs. da tarde : Sec. 30.2, Sec. 17.0, límpido, N 3.

4 hs. da tarde : I 733.8, II 722.4, Sec. 29.2.

9 hs. da tarde : Sec. 11.9, umid. 11.0, límpido, sereno.

- 16 de julho - 6 e 30 da manhã : Sec. 6.3 !
 Montanha a léste. 3 e 45 da tarde : I 724.0, II 713.4
 (ao pé da montanha).
 4 hs. da tarde : I 721.0, II 709.8, temp. do alto = 29.4.
- 17 de julho - 4 e 15 da tarde : I 732.2, II 721.8, Sec. 27.2.
- 18 de julho - 7 e 5 da manhã : Sec. 8.4, Sec. 7.8, límpido, sereno.
 10 e 15 da manhã : I 734.0, II 723.8, Sec. 28.1.
 2 hs. da tarde : Sec. 32.0, umid. 17.0, cum. 4, N O - 3.
 2 hs. da tarde : I 732.6, II 722.2, Sec. 28.3.
 9 e 10 da noite : Sec. 17.3, umid. 15.2, Baix. str. c. 5,
 calmo.
- 19 de julho - 7 hs. da manhã : Sec. 10.6, umid. 10.0, calmo.
 (Margem direita 500 m. mais ao norte, loc. de embarque).
 10 hs. manhã : I 732.2, II 722.4, Sec. 27.0.
 2 hs. tarde : Sec. 31.0, umid. 18.0, NO cum. s. 2, NO 1 - 2.
 4 tarde : I 732.6, II 721.4, Sec. 29.5.
 9 noite : Sec. 18.5, umid. 15.5, alto cum. 3, calmo.
- 20 de julho - 7 e 15 manhã : Sec. 14.9, umid. 13.5, límpido, calmo,
 água 20.2.
 9 e 50 manhã : I 733.0, II 723.4, Sec. 28.0.
 2 hs. da tarde : Sec. 30.5, umid. 17.9, str. c. 4, NNO 2 - 4.
 4 hs. tarde : I 732.2, II 721.6, Sec. 32.3.
 9 e 15 noite : Sec. 22.2, umid. 27.5, str. c. 8, vento = E.
- 21 de julho - 7 manhã : Sec. 16.4, umid. 15.8, alto cum. 5, vento = E,
 água 20.7.
 10 e 30 manhã : I 734.6, II 724.4, Sec. 29.3.
 2 hs. tarde : Sec. 30.7, umid. 18.0, cum. s. 8, vento = E.
 4 tarde : I 734.0, II 723.0, Sec. 30.5, Superfície do sólo
 máx. 37.9.
 9 tarde : Sec. 22.8, umid. 18.0, str. c. 9, vento = E.
- 22 de julho - 7 manhã : Sec. 16.8, umid. 14.8, cirr. c. 3.
 9 e 30 manhã : I 735.2, II 725.4, Sec. 29.7, vento N começa.
 2 tarde : Sec. 735.6, umid. 17.6, cum. s. 4°, NNE 1 - 3.
 4 tarde : I 735.0, II 723.6, Sec. 32.6.
 9 noite : Sec. 20.0, umid. 16.1, um pouco nublado 5°,
 vento = E.
- 23 de julho - 7 da manhã : Sec. 15.7, umid. 14.0, alto cum. 9, vento = E.
 9 e 15 manhã : I 735.8, II 726.0, Sec. 27.0, hipsom.
 98.655.

- 2 tarde : Sec. 34.0, umid. 19.2, str. c. 5, calmo.
 9 e 25 noite : Sec. 20.7, umid. 17.0, str. c. 2, calmo.
- 24 de julho - 7 manhã : Sec. 15.0, umid. 14.0, cirr. em penacho 1, calmaria.
 2 e 15 tarde : Sec. 32.2, umid. 18.7, str. c. 8, calmo.
 4 tarde : I 734.6, II 724.2, Sec. 30.9.
 9 noite : Sec. 19.0, umid. 15.1, límpido, calmo.
- 25 de julho - 7 manhã : Sec. 13.7, umid. 12.8, cirr. em penacho 5°, calmaria.

b) NAVEGAÇÃO DO RIO. São interessantes os dados barométricos.

- 26 de julho - 7 e 30 manhã : Sec. 16.1, água 21.9.
 9 e 45 manhã : I 734.2, II 724.4, Sec. 27.9.
 2 tarde : Sec. 31.8, umid. 18.2, str. c. E 2-3.
 9 noite : Sec. 19.5, umid. 15.7, nuvens=E, vento=E.
- 27 de julho - 7 manhã : I 733.6, II 724.5, Sec. 14.8, umid. 13.1, str. 1, vento-E, água 21.6.
- 29 de julho - 6 e 45 manhã : I 734.0, II 725.4, Sec. 13.6.
 4 e 30 tarde : I 734.8, Sec. 30.7.
- 30 de julho - 7 e 10 manhã : Sec. 12.7, umid. 12.0, nuvens=E.
 11 e 30 manhã : I 734.2, II 724.8, Sec. 28.7, hipsom. 98.650.
 3 hs. tarde : Sec. 32.6, umid. 19.7, str. c. 8, alternando.
 4 hs. tarde : I 733.6, II 723.6, Sec. 32.2.
 9 hs. noite : Sec. 18.4, umid. 15.1, cum. 7, vento=E.
- 31 de julho - 7 hs. manhã : Sec. 12.1, umid. 11.5, cum. 5, vento=E.
 10 e 15 manhã : I 734.4, II 724.8, Sec. 27.7.
 2 tarde : Sec. 32.0, umid. 17.2, cum. 3, vento? 1 2.
 3 e 50 tarde : I 733.0, II 723.0.
 5 e 45 tarde : Água 23.8.
 9 e 30 tarde : Sec. 17.0, umid. 14.5, cum. 1, vento=E.
- 1 de agosto - 6 e 45 manhã : Sec. 10.8, umid. 10.0, límpido, sereno-água 22.2.
 10 e 50 manhã : I 734.0, II 724.4, Sec. 29.9, N-NO 1-4 desde há uma hora.
 - 5 e 45 tarde : I 734.2, Sec. 24.2, água 23.0.
- 2 de agosto - 6 e 25 manhã : I 731.6, II 723.4, Sec. 11.1, água 21.5.
 4 e 45 tarde : I 730.4, II 722.2, Sec. 29.1, água 23.4.
- 3 de agosto - 6 e 30 manhã : Sec. 12.0, água 21.8.
 10 manhã : I 736.0, II 725.6, Sec. 29.3.

O chapadão, em cima : I 730.0, Temp.=31.6 : 11 hs. da manhã.

O chapadão, em baixo : II 736.0, Temp.=29.5 : 12 hs. da manhã.

6 hs. noite : Sec. 25.1, água 24.1.

4 de agosto - 6 e 30 manhã : Sec. 11.8, água 21.6.

7 e 34 manhã : I 734.6, Sec. 16.3.

5 e 5 tarde : I 735.2, II 724.4, Sec. 25.5, água 23.1.

Margem esquerda do chapadão, 4 e 45 da tarde : I 732.2.

7 e 45 noite : II 726.0, Sec. 17.8.

5 de agosto - 6 e 40 manhã : 12.0, água 22.0.

6 hs. noite : I 734.6, II 724.4, Sec. 22.0, água 23.7.

6 de agosto - 7 hs. manhã : Sec. 11.9, água 22.1.

10 hs. manhã : I 736.4, II 726.2, Sec. 27.8.

3 e 30 tarde . I 734.0, II 724.6, Sec. 25.7, água 23.9.

7 de agosto - 8 manhã : I 734.0, II 725.0, Sec. 15.0, água 22.5.

10 e 30 manhã : I 737.8, II 728.0, Sec. 29.3.

6 e 10 noite : I 736.0, II 726.0, Sec. 23.2, água 23.9.

7 e 15 noite : I 735.2, Sec. 20.7.

8 de agosto - 6 e 45 manhã : Sec. 15.1, água 23.0.

5 e 50 tarde : I 738.0, II 728.0, Sec. 24.8, água 24.3.

9 de agosto - 6 e 40 manhã : Sec. 17.1, água 23.7.

5 e 50 tarde : I 739.0, II 729.0, Sec. 25.5, água 25.0.

10 de agosto - 7 hs. manhã : I 737.6, II 729.0, Sec. 16.9, água 23.7.

6 hs. tarde : I 739.2, II 729.2, Sec. 25.7, água 25.2.

11 de agosto - 8 hs. manhã : Sec. 18.4, água 24.0.

12 de agosto - 4 hs. manhã : I 738.4, Sec. 13.0.

7 e 10 manhã : Sec. 14.1, umid. 13.1, cir. 1.

2 hs. tarde : I 742.0, Sec. 33.3, umid. 21.0, cir. s. 8°.

4 e 30 tarde : I 741.8, Sec. 29.0.

9 hs. noite : Sec. 18.1, umid. 17.3, límpido, sereno.

O trecho do Batoví navegado por nós, até o dia 5 de agosto, era ainda pleno chapadão.

De ambos os lados viam-se campos. Aquí e alí surgia uma saliência achatada do planalto. A largura média do rio era de 50 ms., um barranco de 3 a 5 ms., raramente chegando a 3 ms. de profundidade. Uma série de pequenos riachos afluentes, 9 à margem direita e 7 à esquerda,

sendo que o maior desaguava com 16 ms. de largura, no dia 3 de agosto, e com 17 ms. no dia 4 de agosto.

Daqui em diante, desenrolava-se mata espessa e alta, e não se viam mais ribeiros. Com o "salto" na primeira aldeia de índios assinamos os limites de onde o rio, apresentando uma largura de 70 ms. e uma profundidade de 3 a 5 no máximo, tinha pouca correnteza, desesperando-nos, entretanto, pelas suas inúmeras curvas.

Tinha-me apercebido de uma pequena quantidade de álcool, uma porção de frascos e abundante papel mata-borrão, afim de, pelo menos, realizar uma pequena coleção zoológica. Isso, porém, quasi não foi possível dentro de nossas miseráveis embarcações, onde eu nada conseguia manter seco e onde, volta e meia, tudo caía nágua. Após algumas tentativas lastimosas, desistí. Dessa maneira, perdeu-se uma coleção de pedras da região entre Cuiabá e Batoví.

Para os entendidos não será de todo desvalioso conhecer os nomes dos animais e das plantas, assinaladas por mim, durante o percurso da viagem. Assim, encontramos os seguintes vertebrados no planalto e no rio Batoví.

Macaco urrador — mycetes, macaco — cebus, morcegos, felis onça, raposa — canis vetulus, lutra brasiliensis, ouriço — hystrix, paca — coclogenys paca, capivára — hydrochoerus capybara, preá — cavia apeará, tatú — dasypus, tamanduá bandeira — myrmecophaga jubata, cervus campestris, cervus simplicicornis, dicotyles labiatus, tapyrus suillus.

Urubú rei — cathartes papa, cathartes foetens, caracará — polyborus, nisus striatus, sittacinae, psittacinae, ramphastos, picus, kukuke, beija-flor — trochilus, cypselidae, João-corta-pau — caprimulgus albicollis, curiango — caprimulgus diurnus, nyctibius urutau, duas espécies de maçarico, pavão do mato — opisthoconus, pavão — coracina scutata, galo do mato — prionites, bem-te-ví — saurophagus, poayero, cachorrinho do mato, sabiá-turdus. Cassicus, pombas (troca, jurutí (1) — peristera frontalis), tinamus, crypturus noctivagus, penelopidae, (jacú, jacutinga, arancuan), mutum cavalo — crax galeata, mutum pirim, rhea americana, seriema — dicholophus cristatus, maçarico — calidris arenaria, garça (branca ou cinza, com o nome de socó), jabirú — ciconia mycteria (magoari), tujujú — tantalus loculator, curicaca — ibis melanopsis, patos, marrecos, gaivotas, biguá — carbo brasilianus. — Emys tracaxa, testudo tabulata, espécie pequena de alligator, lagartos, iguana, sucuriú (2) — boa aquatica (scytale), cascavel — crotalus horridus,

1) N. da T. — O autor escreve "juruté".

2) N. da T. — O autor escreve "sueuru?".

jararaca, outras pequenas cobras, sapos, rãs. — Piranha — serrassalmo, pacú — prochilodus, pirarara (bagadú) — phractocephalus, acará, traíra, pintado (sorubim) — platystoma, silurus bagre, matrincham, candirú — cetopsis, lambarí, sauá, puraqué — gymnotus electricus.

E' tão conhecida a vegetação dos "campos" que não vale a pena citar aquillo que nos informaram sôbre os nomes e os empregos da mesma, de modo que só faço referência às espécies mais notáveis das selvas mar-



Queimada nas margens do rio

ginais do Batoví: Palmeiras: burití, bocaiuva, carandá, acurí (pequena oauassú) e jatobá. Copaibeira, baúva, cambuí de espinho, geni-papeiro, tamanqueira, angico (grande quantidade), cajueiro do campo. Depois, na floresta alta: figueira, aroeira, peúva amarela, (não se viam as rôxas), novatos, pindaíba, guanandí, cana brava, baunilha (não se

viam seringueiras), paratudo, resedá do campo, carijó, tarumarana, tacuára, fava-brava.

No alto Batoví não encontramos em parte alguma vestígios da presença provável dos índios em tempos anteriores. Em 6 de agosto, entretanto, ao abirmos caminhos pela espessura da mata, vimos sinais de alojamento antigo, em lugar solitário da floresta virgem. Percebia-se, por exemplo, que os que ali estiveram tinham hábito de fritar peixe. Numa árvorezinha estava amarrado um laço, onde os peixes eram certamente dependurados. Havia duas armações de estacas, próprias para fritar, sendo que uma se compunha de três pauzinhos iguais armados em forma de pirâmide, no meio dos quais se achava, horizontalmente disposta, a grelha de pau, cuidadosamente trabalhada. As varas e os pauzinhos devem ter sido quebrados à mão, conforme o demonstravam as extremidades, e em seguida amarrados com plantas trepadeiras. Viam-se 4 locais de acender lume, ali estavam os pedaços de lenha, voltados para o centro em feitiço de raios.

Os galhos dobrados indicavam o caminho que tomaram através da mata, isto é, para léste. Antônio esclareceu que índios devem ter vindo até aqui por terra.

Nós todos nos sentíamos comovidos com êsses testemunhos mudos. Na tarde do mesmo dia Castro e eu, que viajavamos atrás dos outros, encontramos toda nossa flotilha reunida à margem esquerda. Estranha curiosidade estampava-se nas fisionomias exultantes do pessoal. Acenavam para a margem direita e um deles exclamou baixinho: “Os índios bravos”, “os compadres”. O brasileiro chama o índio de compadre. Sômente o velho Daniel pôs-se a falar em voz cariciosa e sedutora, dirigindo-se à mata: “Vamqs conversar, compadres — somos amigos — venham logo, compadres.” Mas, do fundo das árvores vinha um ruído de vozes como apelos ardentes — parecia que fugiam — mas, oh! não eram as vozes dos índios selvagens, que, tantas vêzes mais tarde, pudemos ouvir — tratava-se, apenas, de uma nova espécie de pombos, o suave pássaro da paz, que lá de cima das palmeiras deixava ressoar o seu grito!

Em todo caso, não havia dúvida de que ali, ao norte, subia uma nuvem de fumaça, que se manteve dias a fio.

No dia 7 de agosto, descobríamos também uma vara fincada na areia, onde devia ter sido amarrada uma canoa e no dia 10 peregrínávamos, cortando as “cachoeiras” no meio do mato, seguindo o atalho traçado pelos índios por meio dos nítidos sinais de galhos vergados.

Os bacairís selvagens. Os custenaús



PÓS diversas dificuldades tidas pela manhã, navegamos à tarde de 11 de agosto um trecho sem impecilhos e de novo ouvimos o murmúrio, para nós agora lúgubre, da “cachoeira”. Com alegre surpresa encontramos, porém, na margem esquerda, uma canoa de índios. Um pouco mais para baixo lançava-se sôbre degraus uma esplêndida cascata de rio, onde haviam colocado escadinhas. A cascata espumava e fervia numa espécie de piscina, para depois lançar suas águas sôbre um novo degrau formado mais adiante.

No momento, porém, não podíamos contemplar o “salto”, pois cuidávamos: onde estariam os índios? Reunimo-nos todos, deixando três homens de guarda às canoas, enquanto nos adiantávamos, de armas na mão. O chão está coberto de frutas de jatobá. Uma estrada bem traçada conduz ao centro do terreno. Passamos por uma árvore, onde se vêem recortados, de modo rude, os contornos da figura de um homem em cima, de uma mulher mais em baixo, de meio tamanho natural.

Nosso grupo marcha em linha, sem dizer palavra. A estreita via se interrompe — vê-se uma luz. Fumegam os cepos que parecem colunas quebradas. Pelo chão toda uma confusão de troncos e ramadas, tudo já a carbonizar-se. A coluna de fogo que há alguns dias nos preocupava, explicava-se agora. Desbastaram a mata para plantação. Trepamos, ansiosos, por ali a dentro, a escutar, mas de novo somos obrigados a seguir a senda dos galhos.

— “Beijú” — exclama alguém com a voz opressa, mostrando triunfante algumas migalhas encontradas e que nos anunciam novas provisões e todos murmuram, um para o outro, “êles têm beijús”.

Ali, na árvore, está uma flecha enfeitada de penas, o cabo é de ubá, a madeira com que o “imperador” da lenda criou os bacairís. Tornamos agora mais sérios e até mesmo os negros, que procuram criar cora-

gem pela conversação, caminham agora sem dizer palavra. De vez em quando, algumas pequenas fogueiras acesas ou apagadas. Há um quarto de hora que estamos andando. Mas veja! — outra luz — um lindo bloco de palmeiras bocaiuva, carregadas de frutos — grãos de milho no chão, outro trechinho de mato e: “Casas!” exclama o que vai na frente.

Estão à vista três habitações em fôrma de cortiço. A que está mais na frente, com a qual acaba a estrada seguida por nós, tem entre-aberta a porta baixa. Distinguímos algumas cabeças na escuridão. Um índio inteiramente nu sai de dentro; seu corpo é bem conformado e jovem. Êle fecha a porta, adianta-se para nós de arco e flecha, sem ponta, na mão, mantidas em sentido horizontal.

Digo a Antônio que o cumprimente em linguagem bacairí. “Kxulino,” exclama Antônio quasi sem poder respirar e — salve os antigos — o índio responde em bacairí. Chega-se, ansioso, para perto de Antônio, encosta-se nele e ambos se abraçam, continuando a andar, ambos a conversar ao mesmo tempo, ambos a tremer de medo, pelo corpo todo, perturbados que estavam.

A nós todos dominou um sentimento alegre de alívio e quando Manoel descobre que o nosso querido selvagem tem na cabeça uma tonsura, consegue, afinal, articular palavra: “Oh! mas êle parece padre, o compadre é um sacerdote!” Então sobrevem riso geral e todos desandam a falar ao mesmo tempo.

Fomos conduzidos à menor das três habitações, onde nos sentamos sôbre um tronco de árvore que havia no chão. Duas vigas suportavam o tecto de palha, enfeitado com um diadema de penas de papagaio, contornado em baixo por uma cinta de erva sêca. Muitas flechas elegantemente trabalhadas achavam-se fincadas na parede.

Êsses bacairís jamais tinham visto homens de côr diferente. Soubemos que pelo rio abaixo ainda existiam outras povoações de índios e que a cachoeira daquí era a última por que passávamos — grande novidade — e o rio — naturalmente ansiávamos por sabê-lo — seguia para o norte e chamava-se Tamitotoala, sendo que depois de 12 dias de viagem vinha um outro maior pelo lado esquerdo de nome Ronuro.

Dessa maneira todas as circunstâncias favoráveis pareciam reunir-se, compensando bastante as trabalheiras da viagem.

Nós não nos podíamos mais conter dentro da cabana e saímos. Lá fóra apareceram outros indivíduos e duas mulheres — uma de cabelo emaranhado, e já velha, andando de passinho miúdo e parecendo ocupada. Uma folhazinha triangular e amarela como a palha, presa a um fio, estava amarrada nos seus quadrís, passando pelo períneo. Nisso con-

sistia o seu escasso vestidinho. O nosso amigo, que fazia as honras da casa, usava três cordões pelo corpo, de onde pendiam, alternadamente, pedacinhos de erva e caroços pretos, em cada uma das orelhas duas lindas penas amarelas, e nos artelhos uma faixa apertada de fibra. O cabelo tinha um brilho rosa escuro e era cortado, à moda russa, em torno do côco da cabeça. A tonsura era tão regular como em outros casos conhecidos, em que os descobridores de uma tribo foram levados a suspeitar que entre os membros dela já deviam ter agido os mensageiros do cristianismo. O tipo fisionômico era, sem dúvida, o dos bacairis.

Em breve apareceu em cena uma segunda figura principal: Um índio de estatura média, de nariz fino e curvilíneo, muito pintado de vermelho, que vinha da caça. Veio se aproximando receoso, falando um pouco para si mesmo e um pouco para nós, também, mas, ao mesmo tempo, recuando. Só o chamávamos de Professor, por causa de sua incrível maneira de examinar detidamente todos os objetos, como alguém que conhecesse a coisa por fóra e por dentro, mas que não compreendesse bem porque isso ou aquilo não estava em seu lugar.

Contribuíram para aumentar a nossa alegre disposição, as grandes quantidades de beijús e puvas, estas últimas consistindo em pedaços, como tijolos, de massa de mandioca, depois ainda, os mingaus. Cada um de nós recebia 3 qualidades de mingau, em grandes cuias, a saber: um mexido esbranquiçado de farinha de fécula, ralo e refrescante, um outro amarelo, cheirando a abóbora e o terceiro morno, adocicado e agradável, para o qual todos avançavam, afim de proporcionar à língua essa espécie de paladar meio esquecida.

Era devéras recreativo observar o tratamento absolutamente igual e indistinto que dispensavam aos soldados e a nós. Esse homem-macaco africano que era Chico parecia até ser mais importante para essa gente, e êle, como os outros, sempre apoiado na espingarda, recebia as homenagens com toda circunspeção, bebendo aos grandes goles.

Não se pode dizer que os bárbaros exprimissem grande espanto diante de nós. Com respeito à cor da pele e à barba, pareciam não dar importância. O que admiravam eram as roupas, os facões, o binóculo de teatro, mas essa admiração era semelhante à das crianças, que ao receberem presentes no dia de Natal, assumem um ar de quem não assiste pela primeira vez a êsse gênero de festa. Uma exibição de tiros de espingarda provocou-lhes grande susto, pois as mulheres saíram correndo, os homens estremeceram rindo aparvalhados, ao perceberem a nossa alegria. Mas resolveram evitar a repetição da cena, pedindo

muito “âla, âla” — basta. Diante dos nossos cães, estranhos para êles, o Professor estava tão amedrontado, que manifestou uma vontade louca de matá-los.

12 de agosto.

Os bacairís fizeram-nos uma visita de cortesia. Vieram pesadamente carregados de beijús. Em breve estabeleceu-se o comércio entre êles e os soldados, que trocavam botões e peças ruins do vestuário, por flechas, penas ou puvas. Os botões que figuravam nos cintos eram muito cotados, mas o que mais desejavam os nossos hospedeiros eram facões, pratos e colheres. A bruxa da tribo corria muito pressurosa de um lado para o outro e em vão especulava uma panela que fitava de todos os lados, mas só conquistou uma colher e um prato de zinco que conduziu a um esconderijo, à beira do caminho, regressando a toda pressa para novas façanhas.

Ao meio dia Wilhelm e eu fomos até a “aldeia”, acompanhados de Antônio, mas êste, desconfiado dos seus companheiros de tribo, não se resolvia a passar a noite no meio deles, de sorte que voltou mais tarde para perto do rio.

Quanto a nós, fizemos os nossos arranjos no rancho em festa e sentimo-nos entre êsse povinho paradisíaco indescritivelmente bem. À tarde, quando os mosquitos começaram a nos aborrecer, fizemos um passeio pela “roça”. Cubiçosos olhá-vamos para as “frutas de lobo”, redondas como maçãs, muito frequentes alí nos ramos verde-cinzentos, mas infelizmente estavam ainda verdes. Os meninos bacairís não são diferentes dos nossos. Aquilo era uma esplêndida propriedade. Naquele momento, o horizonte escondia-se atrás de um parque escuro e o sol descambava com uma cor de laranja avermelhada. Encontramos o nosso índio, apóstolo da paz, que se chama Pauága, junto com seus parentes, no terreiro que fica entre os ranchos, a experimentar roupas com grande embaraço. Bem precisavam da nossa ajuda nessa tarefa, pois não só procuravam meter as calças de modo contrário, como também queriam enfiá-las pelos braços e entrar com as pernas numa camisa. Tirar sozinho um casaco era coisa impossível para um deles. Os mais evidentes pecados contra a habilidade eram praticados. Um alfinete de segurança foi extraordinariamente admirado e mais ainda, uma tesoura, com que tão bem se aparavam as unhas. A acha de pedra, instrumento usado por êles, consistindo de uma pedra afilada, entalada num cabo de madeira, com que abatiam árvores e faziam estacas, nos fez reconhecer, por nossa vez, quanto se podia realizar com instru-

mento tão simples, embora, intimamente, só à idéia de sermos transportados para essa época, nos fazia arrepiar. Estes índios não possuem lanças, nem bananas, nem cães; o fumo não se descobre em parte alguma. Parece que usam ossos, dentes e conchas como instrumentos auxiliares.

Vicram trazer-nos lume para dentro da cabana e retiraram-se depois de terem examinado, detidamente, as nossas velas. Entretanto, volta e meia, chegava um e outro para que lhe tirássemos as calças e o casaco. Um rapazola apareceu e apontando para o peito, querendo dizer que o coração lhe batia, exclamou “tuc, tuc, tuc”.

Dei-lhe um pó para tomar, curioso por verificar si não recusaria. Depois de o animar e bater-lhe nos ombros, bebeu devagar a mistura um tanto hesitante, mas até o fundo. Gente ingênua essa! Novos visitantes entraram, que ao saberem do fato olhavam com atenção o papelzinho vazio do pó, mas o poder curativo deste, que logo se manifestou



Aldeia bacairi

no índio, foi, ao que parece, atribuído à faca com que agitei a mistura. Wilhelm havia trazido uns foguetes chineses que soltou repentinamente, lá fóra, assustando-os mais ainda do que com os próprios tiros. Cautelosamente, acendeu no interior do rancho um dos fogos que ainda sobrara, mas no mesmo instante — nem sei como foi possível tal rapidez — os 5 indivíduos presentes sumiram-se simultaneamente pela porta baixa.

13 de agosto. 7 horas da manhã. Sec. 13.1, Umid. 12.5.

Escrevo incômodamente. Registrando o dia de ontem, encontro-me sentado sôbre uma vara sêca atirada na areia. Ainda reina o silêncio. O Professor acaba de catar cuidadosamente os cartuchos de foguete. Êle está atrás de mim e observa, admirado, o que faço. Quasi não se ouve nada de dentro dos ranchos. Uma arara azul-amarelo no telhado tem a palavra; a arara pronuncia o λ que a mim me faz embarçar a língua, tão nítida e ao mesmo tempo tão confusamente quanto os próprios aborígenes. O pavão do rio, tão manso, cacareja e zanga-se em tonalidades especiais que parecem provir de uma caixa de brinquedo. Muito amolado pela hora matutina, está um papagaio verde sôbre um galho de arbusto. Ouço, com desgosto, que alguém está a beber dentro da casa. Haverá de novo mingau?

Não, pois às 7 hs. e 30 vinha uma caravana composta de 7 pessoas, em passo rapidíssimo, um atrás do outro, a bruxa da tribo na frente, carregando todos raízes de mandioca. A velha traz um mólho sôlto na cabeça, atrás dela corre uma mulher jovem com uma canastra cheia. Será seu marido o que vem atrás? Igualmente dobrado sob o pêso do cesto êle lhe passa à frente, tendo descuidadamente pendurado em seu quadril esquerdo um garoto, como si o tivesse apanhado do chão às pressas.

Fizemos uma visita à casa do Professor. O que se distingue em primeiro lugar, no espaço regularmente iluminado, é uma série de pranchas verticais e horizontais. Redes pardas. A velha e uma mulher mais moça estão sentadas no chão a raspar mandioca com uma concha; as pernas desnudas já estão sob um monte de raspas.

Duas famílias distribuíram-se nesse compartimento. Conhecem-se as alcovas dos casais pelas redes de dormir, desenroladas uma sôbre a outra, atadas a uma mesma viga. No meio do compartimento, há um espaço circular livre, dividido em toda a volta por vigas (e nada de paredes!) que são os “quartos dos solteiros”. A abóboda superior está preta de

fumaça. Três ou quatro pedras formam o modesto fogão. A farinha é despejada em grandes panelas (até 77 cms. de diâmetro) e os beijús são torrados em bacias rasas. O barro do vasilhame é de um pardo escuro quasi preto, sendo amassado pelas mulheres.

Sentamo-nos em banquinhos baixos. São quadrados e um pouco côncavos, de palmeira pardo escura, na maioria de fôrma octogonal, não chegando a um decímetro de altura.



Cuias e ornatos bacairis

Os machados de pedra na parede (o maior de 24 cms.) apresentam todos o mesmo feitio: um grosso cilindro de madeira pregado num cabo mais fino. A pedra do mesmo era encontrada um pouco adiante, rio abaixo (1).

Cestos altos, servindo para depósitos de provisões, de perfil bicôncavo (1,40 cms. de comprimento, 0,35 cms. de largura em cima), amarrados por cima com laços de vime, forrados por dentro com folhas de milho, contêm a farinha e são muito pesados. As tábuas para ralar mandioca em fragmentos miudos são de 115 cms. de comprimento mais ou menos e 80 cms. de largura.

Vê-se uma porção de pendões de milho.

O que mais chama a atenção é a quantidade de bonecos exquisitos, trançados a folhas de milho, dependurados em fios compridos do alto

1) O Prof. Arzruni, de Aachen, teve a gentileza de examinar detidamente esse material, definindo-o como sendo *diabásio*, isto é, uma pedraria composta de augito, plagioclasio, chisto micáceo, cloreto de ferro magnético, onde ainda se percebiam cristais avulsos de olivina e muitíssimos grãos de quartzo.

do teto. Vêm-se ali figuras de pássaros grandes como perús, com asas salientes feitas de folha, e patas enroladas com três dedos. Outras figuras tinham semelhança humana, delgadas, tendo a cabeça na parte superior e em baixo alguns enfeites soltos. No nosso rancho, encontramos duas lagartixas feitas de capim, cujas quatro perninhas se unem num anel, de modo a poder-se colocá-las na cabeça.

Possuem êsses índios inúmeras cuias e cabaças amarelo-pardas, sendo que, em parte, os modelos pintados de preto não são de todo sem gôsto.

Na parte inferior do teto, vêem-se fincadas as flechas em média de 2 ms. de comprimento, e arcos que atingem 2,50 ms. As flechas são feitas de ubá, com pontas simples de ossos ou de madeira, no cabo há enfeites de penas largas em espiral.

Nas esteiras dobradas, como si fossem pastas de couro, encontram-se penas esparsas e em feixes, ornatos de caudas de animais, assim como, em pequenos cestos e redes de pescar, vêem-se fusos, tinta, ossos, pedaços de raízes, conchas, etc. . . As cordas das redes de dormir são enfeitadas com algumas penas ou conchas. O pente para cabelo consiste em pauzinhos estreitos, colocados juntos um do outro, presos a duas taboínhas horizontais por meio de um trançado de fios de algodão. Os pauzinhos duros são dispostos sôbre a taboínha inferior, como os dentes do nosso pente.

As redes de dormir são — quasi não se pode dizer — tecidas e sim feitas em nós, da seguinte maneira : há duas estacas fincadas no sólo, envolvidas com um novêlo de algodão (lembram o que fazem as nossas mulheres quando enrolam a lã de tricotar em tórno da cadeira). Através dos fios horizontais e paralelos são passados outros em sentido vertical, por meio de pequenos bastões, distantes 4 cms. um do outro, e dando-se o nó. As partes do novêlo que se acham atadas às varas e não são, portanto, amarradas em nós (constituindo justamente o feixe de fios horizontais) fórnam a alça que deve prender as cordas de dependurar a rede.

Os trançados de esteira da porta e das peneiras, em palha preta e clara, são trabalhados com certa arte espontânea. O fogo é atigado com um abano triangular.

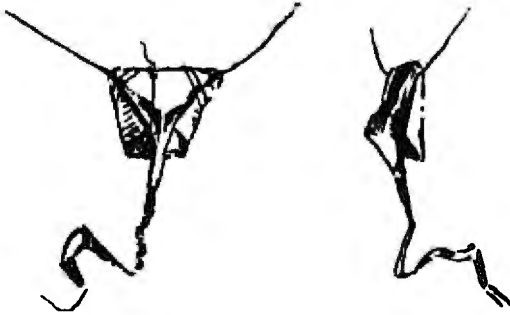
O cabelo das mulheres é irregularmente cortado, sendo mais comprido na região das orelhas, caíndo até os ombros. A fronte é quasi toda coberta. Durante a visita do rio, vimos uma mulher jovem que pintou a testa de vermelho carregado. Não se enfeitam, sômente a

velha usa um cordel no ombro esquerdo, que passa por baixo do braço direito. Três botões de calça que, sem mais outra, recortou das nossas roupas e das dos soldados, estavam presos a êsse fio.

A peça triangular do vestuário feminino é um pedacinho de fibra de árvore, dobrado, e retirado, conforme nos informaram, da árvore chichá, tendo 4 cms. de base e 1 a 1 ½ cms. de altura (1).

Uma menina de 10 anos, mais ou menos, anda completamente nua.

O septo nasal dos homens não é perfurado. O cabelo da barba, quando existe, assim como o cabelo das outras partes do corpo (também nas mulheres), exceto o da cabeça, o das sobrancelhas e o dos cílios, são cuidadosamente retirados.



Tangas de mulheres bacairis

Pelas 10 horas da manhã, chegaram Clauss e Antônio. Apareceram também alguns homens, vindos da caça, e com estes o chefe da tribo, que é uma pessoa idosa, com a cara de burocrata cheio de cuidados e gorda barriguinha. Contamos 10 homens, 7 mulheres, 5 meninos e 4 meninas.

Pauága mostrou-nos como acendiam fogo. Tomam duas varinhas compridas e finas da mesma madeira sêca, sendo que uma delas traz uma incisão. Enquanto um homem mantém firme uma das varas entre dois pauzinhos fincados no chão, um outro esfrega rapidamente a segunda vara, com ambas as mãos. Destaca-se um pó que arde.

Fizemos algumas trocas. Tomei algumas medidas antropológicas dos homens, que se submeteram pacientemente.

Êsses bacairis "selvagens" são espertos, vivos e certamente muito agradáveis. Não furtam, apesar de trazermos verdadeiros tesouros. Não usam bebida forte, recusando o fumo. No dia seguinte, fazem-nos

(1) N. da T. — Tanga.

uma visita em companhia de suas mulheres, em nosso alojamento, enquanto os índios mansos do Rio Novo, ao contrário, dormiam com as mulheres no mato. Foi o que verificamos durante a nossa permanência. Um selvagem aceita um remédio que lhe dou na primeira noite de nossa chegada — entretanto, um pequeno, filho de colono brasileiro, a quem acudí em Rosário, pulou fóra do leito, fugindo para a floresta, com medo do médico.

A velha sibila reuniu-se hoje a nós na praça livre. Indicava o oeste, gritando: “Bacairí!” para o sul: “Bacairí!”, para o norte e o léste: “Bacairí!” e depois fez um círculo no ar como quem resume, satisfeita e orgulhosa: “Bacairí!”, como quem diz: “Tudo isso me está subordinado, confessa que sou feliz!”

14 de agosto — 6 hs. manhã: Sec. 11.7, Umid. 10,6.

2 hs. tarde: Sec. 34.9, umid. 20.0, claro, NE. 1.

4 e 5 da tarde: I 740.8, II 730.0, Sec. 34.0. Hipsom. 98.825.

9 hs. noite: Sec. 18.0, Umid. 17.0.

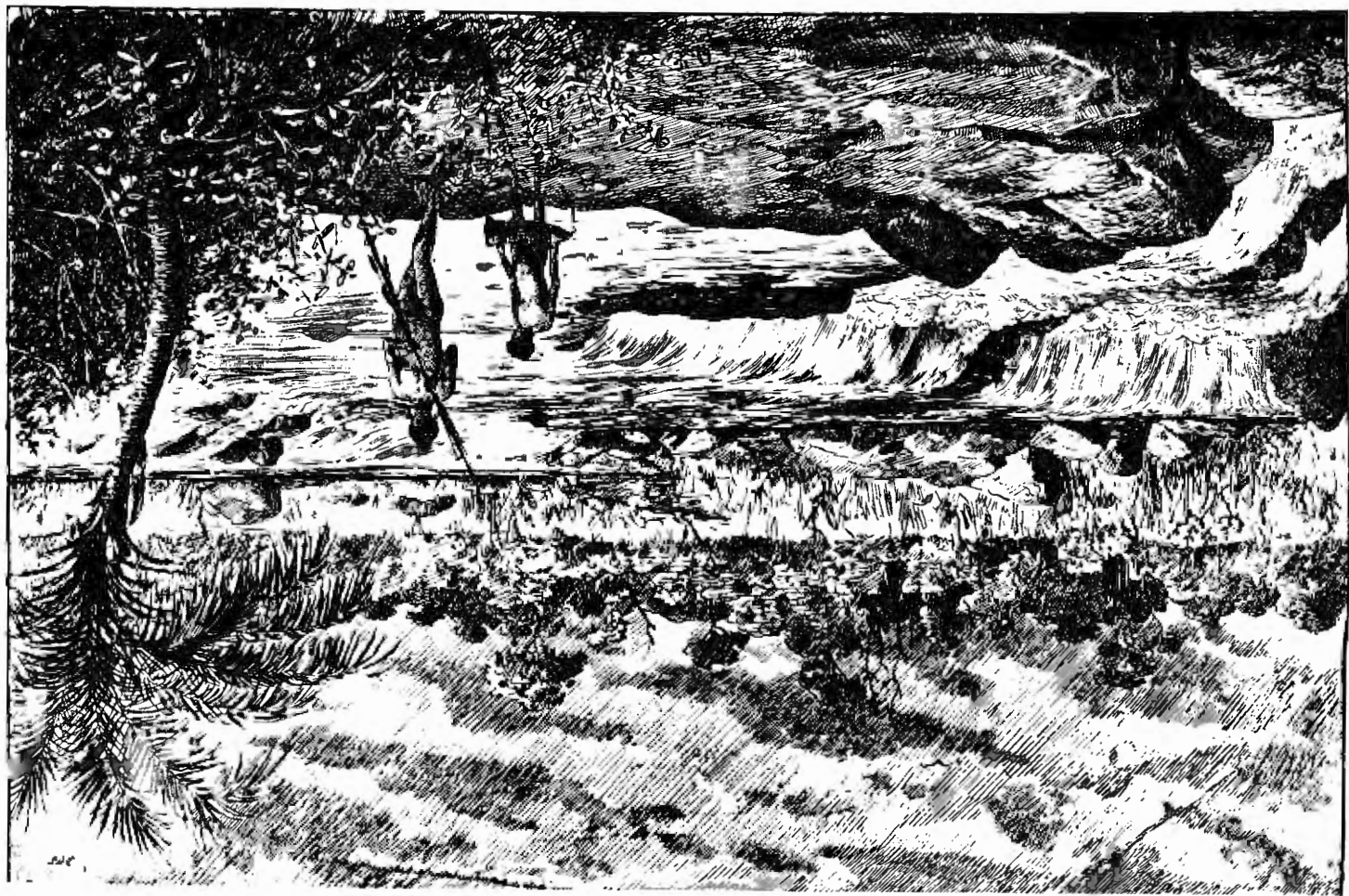
Tive a felicidade de poder medir 3 mulheres. Antônio não se presta nada para intérprete, e cria mais dificuldades do que os próprios selvagens. Consegui negociar também alguns bonecos de palha de milho e a facilidade com que a negociação se verificou, mostrou que não era atribuído a êsses bonecos nenhum valor especial ou religioso.

Passamos um tempo mais longo na casa de Pauága que pertencia também ao chefe Cavaco. Em nada se diferenciava da cabana do Professor, apenas faltavam os bonecos de palha.

Encontramos inhame (dioscorea, yams) que muito nos agradou. Os peixes são fritos em estacas armadas, conforme as vimos no Batoví. Eles são mantidos no fogo até se cobrirem de uma crosta preta de carvão; também fritavam dêsse modo perna de capivara, cujo gôsto era de peixe gorduroso, e macaco-“steak”. A crosta carbonizada melhora o gôsto enjoado da carne sem sal. Os bacairís conhecem, outrossim, um sal de gôsto farmacêutico, que fabricam da cinza de árvore, sal êsse que não parecem usar na alimentação.

Os soldados que faziam a sua visita de despedida ainda foram ricamente presenteados com beijús, puvas e polvilho. A mandioca raspada e socada é comprimida nas esteiras. A massa recebe a fórmula de tijolo, — é a “puva”, utilizada no preparo do mingau. O líquido filtrado é fervido em grandes panelas, depositando-se no fundo uma farinha finíssima, que é o polvilho. Êste fornece os melhores beijús.

Salto da Alegria



Regressamos à tarde. Pelo preço de um machado, uma camisa e uma calça obtivemos 4 canoas. Não sabemos, entretanto, manejá-las bem. Ao descer, a canoa do Quintiliano espatifou-se. As canoas dos bacairís só fazem diferença das nossas pelo trabalho mais acurado com que são executadas. Uma delas tem os lados exteriores pintados de círculos pretos, os remos do tamanho de bengalas têm os cabos em forma dos cabos de muletas e a extremidade, em baixo, como uma folha em forma de lança, que se parece com uma pá de remo, por ser ligeiramente côncava.

A altura dos dois degraus superiores do Salto vai a 4 ms., devendo-se contar, fóra disso, 2 ms. para a queda principal. Os balaios que servem para a pesca são dependurados em cordas, presas, por sua vez, em estacas de pé em meio do redemoínho.

A essa queda dágua chamamos "Salto da Alegria". Apenas a alegria é facilmente prejudicada pelo enxame de abelhas e vespas, sendo que, entre estas últimas, há algumas que picam mui dolorosamente.

O transporte das canoas, para o qual existia uma estrada, já estava completo.

15 de agosto - φ 13° 11'.7, λ 5'.7, km. 6.41, soma 130.85.

7 hs. manhã : Sec. 11.8, Umid. 9.9, limpo, sereno.

Só temos 9 canoas, sendo que uma está bem avariada. Castro e eu nos separamos, êle segue com Manuel e eu com o compadre Valentim. Às 9,30 hs. da manhã zarpamos. Logo depois deu-se um acidente. Numa pequena corrente o bote de Wilhelm virou e o tolo do negro Chico mostrou-se tão inhabil quanto possível. Segurando o alforge e a maleta de mão, ficou de pé dentro dágua, que corria como um rodamoínho por sôbre as coisas, atoleimado como um carregador na estação de estrada de ferro que tivesse perdido de vista o seu freguês. Teria morrido afogado si não fosse Clementino que o puxou. Tivemos, então, que fazer secar tudo, distribuindo-nos por ambas as margens do rio. Ficamos atrasados, pois que esse serviço, nos levou até 1 hora da tarde.

No lugar das cachoeiras, temos agora as simples correntes para nos fazer cuidados. Antônio salvou, com muito custo, a sua canoa, antes que ela perdesse o equilíbrio. Saiu-se bem, mas havia entrado água no botezinho.

Passamos por um canal de 0,75 ms. de largura que conduz a uma laguna, através de uma campina. É' ali que os bacairís se apoderam dos peixes, quando a água sobe e eles passam pelo canal. Os índios não conhecem anzóis e pegam os peixes por meio de armadilhas ou lhes mandam simplesmente flechas.

A paisagem é muito bonita, qual um parque imenso. Muitos esqueletos de árvores se vêem dentro d'água. A largura do rio aqui é de 35 a 45 ms. Remávamos alegremente, já na expectativa de escolhermos um lugar agradável para fazer parada, quando fomos obrigados a interromper o caminho. A canoa de Wilhelm com Israel e Chico sofrera novo desastre, desta vez num ponto menos perigoso que o primeiro, pois já tinham passado pela correnteza. Tudo desapareceu num instante dentro das ondas. O pobre Israel não sabia nadar, segurava-se num galho que aflorava na água; a canoa foi rapidamente erguida e três homens puxavam o infeliz que, por causa das feias e divertidas caretas, enquanto não conseguia equilibrar-se, provocava as risadas dos outros. Puxaram-no para a margem do rio. Valentim apanhou ainda o cavalete do teodolito e todos começaram a nadar, mergulhar e a chapinhar dentro da correnteza. Pouco a pouco, toda a bagagem aparecia, com exceção do embrulho que continha o poncho, a coberta e a rede de dormir de Wilhelm. Toda busca foi inútil.

Os bacairís conseguiram por aqui um reservatório natural de peixes: na beira do leito do rio estão folgadoamente dispostos blocos de pedra em círculo; através de duas grandes aberturas, a água entra e sai. Introduzimos duas canoas facilmente construídas e que amanhã deverão ser endireitadas.

16 de agosto - ϕ 13° 7'.6, λ 5'.9, km. 10.90, soma: 141.75.

7 hs. da manhã: Sec. 11.1.

10 hs. da manhã: I 742.2, II 733.6, Sec. 24.7.

5 e 40 hs. da tarde: I 741.0, II 732.8, Sec. 24.9,
agua 25.0.

Durante esta noite o orvalho aumentou. Antes do almoço pusemos os objetos de Wilhelm para secar. Os desenhos estão em condições miseráveis, as suas páginas ficaram coladas uma na outra e dobraram. Como poderíamos fazer passar aqui artigos químicos fotográficos?

À 1 hora da tarde começamos a andar. O caminho agora apresenta-se com margens de areia de 20 ms. de largura. Vêem-se passarinhos alvinegros, de patas vermelhas, que são os maçaricos. Numerosas pegadas

de tartaruga-tracajá. Os homens metem uma flecha pela areia a dentro ou costumam acompanhar somente as pegadas da tracajá, até chegar ao ponto em que há uma pequena cova, estampando o formato do seu corpo e é onde encontram, por exemplo, 17 ovos num ninho, num outro 15; o ovo da tracajá é branco e vai escurecendo até a tonalidade cinzenta, mede 4.9 cms. de comprimento, 3.2 cms. de largura. A temperatura da areia era de 57°.4. Quando se vêem os ninhos vazios ocorre logo a sentença: "Aqui passou o lagarto".

A temperatura é admirável. A corrente d'água, o sol, as margens graciosamente cobertas de vegetação, borboletas amarelas e nada de mosquitos nem de vespas. Muitos "novatos". Inúmeras voltas do rio; fizemos 2 léguas.

Valentim apanhou um grande pintado, enquanto Sático foi quasi puxado para dentro d'água por uma piranha, quasi do tamanho dele. O ar da noite trouxe muito zumbido e canto de grilo. O sabiá cantava.

17 de agosto - ϕ 13° 7'.3, λ 6'.1, km. 0.57, soma 142.32.

6 e 35 hs. da manhã: Sec. 11.3, água 23.5.

7 e 30 hs. da noite: II 732.0, Sec. 21.0.

Foi com tremores que acordei de noite, pensando que estivesse com febre. Era apenas frio. Pouco depois alcançávamos o "porto" da segunda aldeia.

Na entrada do mato há uma palhoça de pescador, pois avistam-se cestos em formato de capacete comprido onde, na parte interna, entra uma pequena rede afunilada de orifício estreito. A estrada estende-se uma légua pelo terreno a dentro e assemelha-se muito com a da primeira aldeia.

Depois de andarmos um pouco fomos recebidos por dois conhecidos nossos da aldeia I, que tinham vindo até aqui a pé, afim de nos anunciar. Um deles estava vestido com uma calça azul e camisa de riscas vermelhas, o outro era o Professor, inteiramente nu, mas segurando na mão flechas e arcos e um dos nossos espelhos. Certamente tínhamos sido bem recomendados.

Pouco antes da saída da mata encontramos uma dúzia de interessantes figuras de animais colocados ao longo do estreito caminho, graciosamente dispostos. Certamente eram os despojos de uma festa. Estas figuras eram de palha e folhagem, na maioria quadrúpedes, de corpo comprido e afilado, consistindo quasi sempre de coluna vertebral e pernas muito altas, sendo que os maiores chegavam-nos até os quadris. Uma

coisa que devia representar um macaco subia num varapau. Via-se uma figura humana rabiscada na árvore, tendo-se o desenhista aproveitado, maliciosamente, de uma cavidade existente no tronco, para completar de certo modo o esboço . . . Assim começa a arte na floresta virgem.

Após termos passado um roçado e algum mato baixo, vimos 4 palhoças, 2 maiores e 2 menores, que se defrontavam respectivamente. No terceiro estavam reunidos os nobres da tribo, que nos cumprimentaram com um amável “am(b)á” (és tu) de mão levantada, dirigindo-se a cada um de nós. Depois fomos conduzidos um após outro para o rancho festivo, segurando-nos dois índios pelos braços. No rancho já tinham sido preparados traves e bancos, onde nos sentamos com as nossas armas. Imediatamente começaram a servir-nos mingau. Depois demos mostra de nossas artes, isto é, cortamos as unhas, ensinando-os a olhar pelo binóculo, a acender uma mécha com o fuzil de fazer lume, etc. O professor exultava e vangloriava-se de nós.

Um rapagão forte, com um diadema de pele dura de jaguar, colocado na testa, parecia servir de arauto. Atendia atarefadamente os convidados, gritava mais alto que os outros e compreendia tudo com mais rapidez que eles. Eu experimentava a impressão de que nós éramos para eles simples artistas de circo, tendo sido recebidos num clube onde nos tratavam sem cerimônia. Um dos seus atletas tinha o corpo pintado com quadrados pretos, cujos cantos se ligavam por pequenos traços. O traçado no quadril de outro — uma linha preta ondulante com salpicos nas sinuosidades — lembrava, decididamente, a pele do peixe pintado.

Adquiri a preço acessível alguns cintos de pedrinhas redondas e chatas do diâmetro de um lápis grosso e um colar de garras de jaguar, isto é, dei-lhes em troca alguns anzóis para enfeitarem as orelhas perfuradas.

O cacique fazia-se notar pela cara estúpida e nariz proeminente. Tratava-nos com certa apatia e altivez. Muitos usavam duas penas amarelas em cada orelha. Um mólho dessas penas aparecia espetado num pequeno estojo. O mais bonito enfeite de cabeça consistia em uma série de penas amarelas, de 12 cms., tendo no centro uma longa pena de arara.

Algumas mulheres apareciam de modo furtivo. Aquí também havia uma velha que mantinha a boa ordem da tribo. O cabelo desta era cacheado. Uma mulher, em cujo quadril direito montava um pequeno, tinha todo o corpo horripilantemente caiado de amarelo.

Os dois ranchos maiores eram redondos, os dois menores tinham feitiço longo e elíptico, semelhantes a barrações. Num deles, isto é, no rancho festivo, descobrimos objetos curiosos. Entre as colunas de apóio, nas varas horizontais, estava pendurada certa quantidade de adornos de cabeça de feitiço e côres os mais variados. Todos tinham um arcabouço de sapé que se ajustava bem à cabeça. As côres eram branco, preto, vermelho e laranja. A pintura era rude. Havia, por exemplo, cilindros abertos de palha, de consistência da cobertura de álamo, enfeitados de quadrados vermelhos; duas grandes cuias, uma era coberta de peninhas amarelas, coladas; outra com penas azuis; outras



Na palhoça principal dos bacairís

cuias ainda, menores, pintadas de vermelho e branco; à volta das extremidades das mesmas pendiam, como cabelos de mulher, fios de burití, de 1 m. de comprimento. Viam-se também corpos empalhados de uma raposa pequena e de uma víbora, ambos contendo um dispositivo de palha para se adaptar à cabeça. Duas peças de madeira em feitiço de espada — que, segundo Antônio, representavam cascavéis. Um cavalete armado em talos rijos, todo estufado de algodão, continha duas andorinhas, bem reconhecíveis, brancas, a cabeça e o pescoço atrás pretos, algumas tendo o peito amarelo. Um pássaro maior pintado de encarnado e preto surgia de dentro de um dos cilindros. (1)

1) Vide o Quadro Etnológico I.

Ao lado d'esses productos da escultura mais primitiva, deparamos com a peça mais interessante de todas, isto é, a camisa de burití — “a”, camisa usada no alto Xingú — que provava o invento da indumentária também entre os bacairís. Os fios do material usado na confecção da camisa eram amarrados aos nós, pelo mesmo método das redes; no pescoço o gibão abria-se largamente para se poder entrar nele pelos pés; as mangas curtas e calças guarnecidas em baixo por longas franjas de fibras. Muitos objetos semelhantes a tangas, feitos de fibra de burití, de um metro de altura, figuravam por alí. Dois abanos triangulares todos colados de peninhas plumosas. Umas cascas, algumas do tamanho de nozes, duras e abertas estavam reunidas em um conjunto chocalhante, objeto êsse que os índios amarravam nos tornozelos quando dansavam. Havia ainda outro instrumento taramelante que consistia numa varinha sêca espetada em casca de abóbora, contendo caroços (2).

De resto a aldeia em tudo se parecia à primeira que vimos. Em toda a volta viam-se cavaletes de puva, algodão, capim em fôrma de lanças, fruta de lobo e nas proximidades um riacho a irrigar a areia branca, Contamos 18 homens, 17 mulheres e 7 crianças. Seria possível, entretanto, que tivéssemos contado um ou outro duas vêzes. E' notável também aquí a pouca quantidade de crianças. Ao anoitecer voltamos ao rio. Eu tinha feito boas compras.

18 de agosto — ϕ 12° 59'.9, λ 7'.7, km. 22.10, soma 164.42.

7 e 30 hs. da manhã : Sec. 14.0, água 22.7.

5 e 35 hs. da tarde : I 742.8, II 733.4, Sec. 25.0.

Na aldeia, obtivemos algodão, com que torcemos cordas para os anzóis e durante a noite pescamos 5 “pirararas” e 9 “piranhas”. O primeiro, quando é puxado para terra, tem o mau hábito de soltar pela parte inferior do corpo, um ruidoso adeus, ouvido a grande distância. Êsse peixe tem um sabor gorduroso e o seu caldo é forte. Dizem que produz abscessos. O Professor regressou. Além do arco e flecha e do precioso espelho, carregava nos ombros, metida numa bolsa segura atrás pela cinta da frente, a sua rede de dormir. Um belo jovem acom-

2) Hans Stadl (1550) conta a respeito dos “Tuppin Inbas” : “Acreditam numa coisa que dá como abóbora e é do tamanho de meia caneca de cerveja. E' ôco, metem-lhe um pausinho por dentro, cortando um buraquinho como uma bôca; deitam uma porção de pedrinhas dentro, de modo que chocalha. Costumam chocalhar com isso quando cantam e dansam, e denominam êsse objeto — “tammaraka”. O adivinho faz com que o chocalho “fale” e é justamente uma palavra tal, que não se sabe si é o chocalho ou êle que fala. E o povo julga que é o chocalho que fala . . . mas logo que percebi a mistificação, saí da habitação e pensei : coitado deste povo, tão iludido !” (N. da T. — Note-se que o alemão do autor data de 1556, parecendo até dialeto, de modo que qualquer dúvida neste pequeno trecho deverá ser controlada pelo original).

panhou-nos até a próxima aldeia de índios. Ele usa uma camisa de flanela vermelha e preta e tem a cabeça amarrada com um pano verde, onde se vêem as armas brasileiras. No alojamento tira essa indumentária.

19 de agosto - φ 12° 53'.0, λ 12'.4, km. 31.03, soma 195.45.

6 e 35 hs. da manhã : Sec. 15.0, água 24.3.

5 e 43 hs. da tarde : I 742.2, Sec. 26.1, água 26.0.

9 e 30 hs. da noite : I 742.8, Sec. 21.1.

A paisagem do rio modifica-se um pouco. Muito arbusto e folhagem fina, verde-claro, formando ramadas altas ou massas densas e arredondadas, estão no primeiro plano. Árvores, como as frequentes em campo de pastagens, parecem plantadas de propósito, sendo os seus troncos delicados e esguios. Não é que, tendo saído de um rio de floresta, tenhamos entrado agora num rio de prado, mas o caráter de planície baixa parece predominar. A barranca de areia é íngreme. O rio corre em direção léste.

20 de agosto - φ 12° 51'.1 λ 12'.8, km. 6.17, soma 201.72.

7 hs. da manhã : Sec. 19.3, água 25.1, durante a noite, de 2 às 3, tempestade em NO.

O céu está hoje coberto de "stratocumulos" e o ar tem uma umidade chuvosa.

Ainda cedo chegamos a um riacho, afluente da direita de 20 ms. de largura. Até que enfim encontramos um afluente.

A terceira aldeia, situada na margem esquerda, não tem 2 kms. de distância do rio Batoví. Vemos três palhoças mais baixas, menores e menos redondas do que as vistas até aqui. Nós três nos hospedamos novamente durante a noite entre êsses bons homens e também Antônio, que deixou de desconfiar.

Por mais agradável que seja essa "pequena aldeia", ela deve ser considerada a mais sórdida das três. O chão do rancho festivo é coberto de capim sêco e restos de lixo de toda espécie. O sol entra pelo teto, de modo a podermos, lá dentro mesmo, acender o cachimbo com o espelho ardente. O aspecto geral é de coisa inacabada e recente. Junto a algumas flechas e alguns chocalhos vêem-se na parede peixes chatos feitos de madeira, que são as produções artísticas daqui.

•População: 13 homens, 12 mulheres e — os que possuem mais crianças — : 19. Entre êsses indivíduos acha-se um homem e uma mulher



Dueto de flautas entre os bacairis

de outra tribo, que encontraremos mais tarde, os custenaús. Com respeito ao tipo humano, não vejo diferenças fundamentais. Ao contrário, quantos mais bacairís conhecemos, mais inseguro me torno na abstração do traço comum. O homem custenaú tem o pé e metade da perna caiados de vermelho, como si fossem meias e as coxas são cobertas de um preto fuliginoso, com intervalos de riscas curvilíneas. Nas costas êle tem duas listas encarnadas, como braceletes pretos. Inúmeras inrustações executadas com dente de peixe-cachorro. Os bacairís, aquí, também se acham mais pintados de vermelho. Um individuo tem de cada lado uma risca negra que parte do olho e vai até à orelha. Outro pintou a testa, o nariz, os lábios e o queixo de preto, os lados da testa e do rosto de um vermelhão de tijolo. Alguns têm até os cabelos empapados com óleo vermelho. Por baixo do joelho, vêem-se ligas de palha de burití. Uma meada de fibra de algodão, horrendamente caiada de vermelho-pardo, alça-se pelo corpo. Muitos têm cordéis ou faixas de algodão ligadas no tornozelo ou por baixo dos joelhos, enrolados nas pernas ou nos braços. Não se nota igualdade em parte alguma, todos variam.

A tonsura é recortada com um pedaço de capim navalha e o seu diâmetro é de 7 cms.

Com grande surpresa nossa, encontramos um escopro de ferro e nas mãos de uma criança um fiozinho de contas azues. Não pudemos estabelecer com exatidão como é que êsses objetos vieram parar alí. Interpretei, da acordo com as informações dadas por Antônio, como tendo sido trazidos pelo seu avô, de uma tribo do baixo Paranatinga, por ocasião de uma invasão hostil àquela tribo.

Já na segunda aldeia, os nosso homens se animaram com a descoberta de semente de fumo. Aquí também se fumava. As folhas de fumo eram tão sêcas que quasi se permitiam desmanchar como pó. Faziam-se cigarros de 2 dms., usando para envólucro a folha verdinha de uma árvore para nós desconhecida. Era dividida de acôrdo com o comprimento. Essa folha de cobertura, ao arder, exalava um aroma balsâmico bastante agradável. A fumaça era aspirada pelos índios.

As mulheres confeccionavam excelentes beijús, que sabiam como broínhas de leite. Comemos também um "fischragout à la coquille", que, de bom grado, teríamos accitado em maior quantidade do que a que nos foi servida.

À noite houve espetáculo musical. Uma fogucira de lenha iluminava fracamente. Homens, dois a dois, aparecem com os "menís", que são flautas de metro de comprimento. Um deles tem as conchas taramelantes

num dos tornozelos. Os primeiros dois homens postaram-se diante de nossa casa, o outro par diante da casa em frente. Aqueles começaram a soprar, rítmicamente e a marcar tempo com o pé direito, os nossos dois molhavam os menís em água e exclamavam alto “uh — uh”, depois também sopravam e punham-se em movimento em direção à casa esquerda, acentuando o passo, regularmente, com o pé direito. Os que estavam em frente vieram soprando para cá enquanto aqueles, sem parar com o melancólico choro, paravam de corpo dobrado para a frente e a bater com o pé. Finalmente, também êsse par voltava para o seu ponto de partida. Como “finale” os queixumes aumentaram ainda mais pelo vento da noite terminando o quarteto na mais infeliz das lamentações. Muito amavelmente fomos logo depois servidos do mingau re-vigorante.

O que assistimos era o “tötödildté”, palavra que soa muito mais engraçada do que a própria dança que designa.

21 de agosto — ϕ 12° 49'.3, λ 14'.3, km. 11.08, soma 212.80.

11 da manhã : I 745.8, II 736.4, Sec. 29.0.

5 e 20 da tarde : I 743.6, II 734.2, Sec. 27.0, umid.
24.1, água 25.8.

Pela manhã cedo regressamos ao acampamento. Durante a noite rebentou com estrondo o fundo da canoa de Israel e a carga afundou. Alguns objetos de Wilhelm, entre os quais os desenhos a óleo do porto, perderam-se. Os feijões permaneceram durante horas na água.

À 1 hora zarpamos. Logo à direita era campo ; notamos uma palhoça que fomos ver. Parecia não estar terminada ou ser uma simples estação de abastecimento, pois viam-se cestos, painéis, bolsas com cuias, um cavalete para as puvas, ramos de urucú, cuja semente bicuda fornece a cor vermelha, tudo isso inteiramente ao abandono. Um caminho que dava para um roçado conduzia à mata.

22 de agosto — ϕ 12° 42'.0, λ 16'.4, km. 29.44, soma 242.24.

6 e 45 da manhã : Sec. 17.0, umid. 16.1, limpo,
calmaria.

7 e 15 da manhã : I 742.8.

6 hs. da noite : I 743.6, II 734.6, Sec. 27.1, umid.
24.3, limpo, calmaria, água 26.5.

O rio mede 70 ms. de largura. Três correntes. Apresenta terreno pantanoso, formando pequenas lagoas. Vêem-se armações de vigas

altas para facilitar a passagem e a pesca. Quando as águas da lagóa enchem, durante as chuvas, prende-se nessas vigas um trançado tipo rede, através do qual parte da água escorre, com o tempo, mas não deixa escapar os peixes que por ali entram. Em vão quisemos caçar dois tapires, que nos escaparam.

23 de agosto - φ 12° 34'.5, λ 19'.2, km. 32.70, soma 274.94.

6 e 35 da manhã : I 744.0, II 736.2, Sec. 20.0.

umid. 19.4, alto c. 8, vento = E, água 25.3.

5 e 45 da tarde : I 744.4, II 735.4, Sec. 26.1, umid.

23.8, nuvens - E, vento - E, água 27.0.

10 e 20 da noite : I 744.0, Sec. 19.1.

Durante a noite de 2 às 3, caíu uma chuva ligeira. Relâmpagos. Pela manhã o céu estava nublado e somente às 9 hs. é que aparece o sol. O rio dá voltas complicadas, dois arroyos desaguam pela direita, medindo um deles 20 ms. de largura. Frequentemente vêem-se areia e vegetação submersa. Mais adiante vem campo. Avistamos 6 garças. — Um cão resolve perseguir uma capivára. A carne desta última tem um sabor de óleo de máquina.

24 de agosto - φ 12° 32'.6, λ 19'.6, km. 7.13, soma 282.07.

6 e 30 da manhã : I 743.2, II 735.2, Sec. 14.7.

umid. 14.0, limpo, calmaria, água 25.2.

À noite, o frango dágua grasnava e os sapos davam um concêrto de castanholas.

Às 9 horas seguimos caminho. famos sem fazer bulha com Valentim na frente. De vez em quando a nossa passagem assusta um pássaro no meio dos arbustos. As pombas arrulham e o mais é silêncio. Bem rente à água a última neblina.

Torna-se visível uma Serra azulada em direção NO.

Às 10 horas alcançávamos o "porto" da "aldeia quatro". Eramos esperados, aliás. E' a única que se sitúa na margem direita, a 3 kms. da beira do rio. Uma meia dúzia de indivíduos maduros recebeu-nos com as exclamações de "am(b)a" e conduziu-nos pela estrada, onde muitas vêzes paravam para nos fazer compreender por meio de uma mímica risonha que eram bacairís e senhores de toda a região. famos passando na maior parte por campinas e orlas de floresta. — Esta aldeia era a maior delas : 7 ranchos, tendo no centro um terreiro. Ali se achavam 24 homens em várias grupos, um sujeito inteiramente

pintado de negro, que, brandindo ferosmente arco e flechas, chocando-os ruidosamente, com voz estentóricamente rosnava: "Bacairí, Kχura Bacairí" (Nós, os bacairís). E o côro entoava então: "Kχura Bacairí, — Custenaú... Trumaf hu — hu", ... seguindo-se outros nomes de tribus, palavras incompreensíveis para nós, embora a mímica fosse triunfante. Por fim o arauto convidou-nos, com um movimento da mão, a entrar. Parecia que antes de mais nada se empenhava em nos causar forte impressão.

Só o cabelo de alguns é que estava caiado de vermelho, o resto tinha o rosto, o peito e as pernas pintadas de preto. Nenhum deles chamava a atenção por algum enfeite especial, usando os seus cintos de cordão, braçadeiras e ligas, feitas de algodão ou fibra de burití.

A côr da pele pareceu-me um pouco mais escura do que a dos outros bacairís; entretanto posso estar enganado em virtude do corante preto que não era espalhado em desenhos especiais e sim simplesmente passado do sôbre o corpo. A coluna vertebral não levava pintura nem as partes que, em posição sentada, não facilitavam a obra do pintor "Membrum virile parvum, praeputium longum."

A epiderme de muitos indivíduos apresentava-se grossa e coberta de escamas sêcas e gretadas como si tivessem ictiose. Muitos tinham o cabelo encaracolado.

Contamos 27 homens, 18 mulheres e 8 crianças; entretanto, de acôrdo com o que alguns dos nossos, que permaneceram mais tempo na aldeia, informaram, appareceu depois, vinda da floresta, toda uma leva de mulheres e crianças.

Medí com mais cuidado a habitação maior. Tinha 40 passos de comprimento, 24 de largura. Na linha do centro erguiam-se 4 vigas à guiza de sustentáculos, tendo 8 a 8,5 ms. de altura (!), com 30 cms. de diâmetro; as do meio apartavam-se 5 passos uma da outra, as outras distanciavam-se destas por 6 passos. Estas últimas apresentavam faixas pintadas com motivos mais ou menos geométricos.

A distância entre as duas vigas exteriores, portanto, de acôrdo com esses dados, era de 17 passos, o que constituia também o comprimento das pranchas do telhado. Em toda a volta dispunham-se 72 estacas que apoiavam a cobertura do teto em fôrma elíptica, as estacas tinham a grossura máxima de 25 cms., altura 1,72 ms. As duas entradas apresentavam igualmente esta altura, com a largura de 77 cms., e defrontavam-se no sentido de comprimento do rancho, diminuindo um pouco próximo ao sapé que recaia do lado de fóra.

A cobertura feita de nós de bambú em sentido horizontal era fortificada verticalmente pelas mesmas varas que se uniam em cima, e que

davam para fóra da palhoça, tudo muito bem trabalhado e com uma grande regularidade. Para a cobertura da superfície usaram folhas de palmeira ressequidas. As estrias das folhas dispunham-se em sentido horizontal, enquanto as pontas eram bastante longas para se dobrarem por cima de outras folhas previamente reduzidas aos folíolos, de modo que assim se realizava um enredamento de maneira mais simples, que cobria como se fosse telhado.

Fizemos uma romaria por todas as palhoças. Faltava-lhes a boa ordem introduzida alhures pelo Professor. Estavam cheias de cisco e lixo. Em vez dos bonitos cestos, cheios de provisões, encontramos sôbre simples cavaletes de 1 m. de comprimento, bolas de massa de $\frac{1}{2}$ m. de grossura, embrulhadas em folhas. Pouco milho. Muitas redes de pescar de fios de tucum, vê-se uma bolsa de malhas largas que pende de um anel de 35 de largura por 80 de comprimento e que se apoia num varapau. Certamente usam essas redes para apanhar os peixes da laguna cercada.

É claro que o cultivo da terra diminue aquí para dar lugar à caça e à pesca. A 4.^a aldeia é mais guerreira e fórma a defesa das fronteiras contra as tribus desconhecidas.

Numa das cabanas jazia uma velhinha parálitica e esquelética, cuja alma parecia exprimir: “âla bacairi” (basta, meus bacairis) e se esforçava, impaciente, para voar longe dali. A rede de dormir estava pela metade no chão, duas mulheres acocoravam-se junto e explicaram-nos, como comadres conversadeiras, o sofrimento da moribunda.

De animais mansos, encontramos uma garça, pequenos papagaios, um pica-peixe e a “socó-morena”.

A casa dos hóspedes media 18 ms. de comprimento por 9 ms. de largura. Alí pendiam desajeitados, peixes de madeira, bem assim como alguns exemplares sem barbatanas, e faixas enroladas que talvez representassem a enguia elétrica.

Sobressaíam-se duas peças de madeira, quadradas, pintadas de encarnado e branco, com nariz plástico e duas cavidades que eram os olhos; essas peças são presas na fronte e representam pombas, cuja voz o “artista” parece saber melhor imitar do que a cabeça. (1).

Na parede lateral viam-se 4 menís e uma porção de chocalhos.

O arauto só se desfazia do arco e da flecha dentro do rancho festivo, mas não se separava dêsses objetos nunca em outra ocasião — pelo menos, enquanto lá estivemos, mesmo depois de nos haver oferecido um rôlo

1) Veja o segundo quadro etnológico.

de fumo. Esse produto era, aliás, melhor do que o dos outros bacairís. Alguns velhos eram vistos, mas nenhum tinha o cabelo encanecido. Entre êstes figurava o cacique e, si é que comprehendí bem, um “vice-cacique”, que era autoridade na ausência do outro.

A nossa exhibição de tiros infligiu-lhes terror, pois estremeceram com medo, retirando-se trêmulos, sobretudo o terrível arauto. O seu “ala, ala” era agora muito humilde e premente.

Fizemos, ansiosos, as nossas indagações a respeito de outras tribus existentes. Ficamos sabendo claramente que os *custenaús* e os *trumats* eram encontrados no baixo rio. Não conseguíamos entender o que queriam dizer com “vaurá”. Seria uma tribu? Ou seria um pequeno rio, como “tapacuaia”, expressão que nos dera muito trabalho para interpretar, revelando-se que era apenas o nome de um riacho das proximidades - frequentemente citado por êles para diferenciar esta aldeia das outras.

Os *camaiurás* residiam a 10 dias de caminho por terra, a léste. Os “*schuiás*” (1), entretanto, é que preponderavam nas narrações deles e já nos haviam falado na terceira aldeia sôbre os mesmos exaltadamente. Diziam que eram muito grandes - para explicar apontavam para mim - muito musculosos, usavam cabelos compridos, até os ombros, e, ao que parece, batóques nos lábios. Para esclarecer estendiam muito o lábio inferior com as mãos, pulando em volta e “rosnando” terrivelmente; não havia dúvida que os suiás mereciam um respeito extraordinário por parte dos bacairís. Mas nós! Nós, segundo êles, podíamos enfrentá-los - um rapagão apontou para as nossas armas e todos êsses heróis pareciam unânimes nisso e riam.

Mostraram-nos certo número de objetos oriundos dos suiás: Um belo ornato de cabeça, de penas vermelho alaranjadas e verdes, braceletes de penas iguais, uma flauta (simples cana de bambú com orifícios laterais e uma abertura na extremidade), flechas feitas com dardo de bambú. Um banquinho muito bem entalhado, representando um pássaro, diziam provir dos *camaiurás*.

Um colar de pedrinhas perfuradas, sendo a do centro maior, assemelhando-se a uma figura humana, provinha, segundo êles, dos *nauquás*, também domiciliados a léste (2).

Como despedida queríamos tomar ainda um pouco de mingau doce - o “*piseregu*” - na casa dos chefes. O mingau estava a ferver numa

1) Os bacairís pronunciam ‘suiá’ ‘schuiá’.

2) Aparentemente os *uanaquás* dos “geógrafos” dos suiás.

panela enorme. Fui tão indiscreto que peguei um beijú, molhando-o na espuma do mingau. Nesse instante a “cozinheira” pulou e todos gritavam, terrivelmente, ao mesmo tempo. Queriam dizer que a espuma ainda continha veneno. Parece que não concebiam que eu desconhecesse tal coisa, mas preferi não lhes dar demonstração do contrário, coisa que tomariam como um milagre.

Clauss ainda tencionava fazer uns cálculos sôbre uma ocultação de Marte, a verificar-se hoje. Infelizmente o fenômeno que tanto aguardávamos e que na proximidade do Xingú teria sido de grande importância para nós, manifestou-se antes do anoitecer.

Completaram-se as nossas visitas aos bacairis.

À noite, um inferno de mosquitos. Wilhelm e eu temos as mãos e os braços já ha algum tempo cobertos de apostemas chatos e difíceis de sarar. Começam com uma bôlha do tamanho de uma cabeça de alfinete, contendo pús ralo, vão aumentando e segregam um líquido leitoso. Parece que êsses apostemas vêm da picada de pequenas moscas. Mesmo depois de perderem a substância e melhorarem, ainda deixam uma cicatriz vermelha.

25 de agosto - ϕ 12° 26'.2, λ 21'.7, km. 28.83, soma 310.90.

6 e 50 da manhã : I 743.2, II 735.2, Sec. 14.0, umid.

13.1, cirr. em penacho 3°, vento = E, água 25.1.

5 e 30 da tarde : I 744.6, II 735.2, Sec. 25.4, umid.

23.3, limpo.

Só os céus sabem quando veremos o Xingú. Após dois dias aparece um rio pela esquerda, é certo, e, mais tarde, um outro maior — mas quando? A êsse respeito existem as mais diferentes versões.

Quando o rio Batoví atingiu 70 a 80 ms. de largo, medimos a sua velocidade que era de 1416 ms. por hora. A barranca tinha 3,50 ms. A água de um amarelo sujo, como sempre. Por toda parte campo com palmeiras tucum e carandá. Vegetação baixa na margem e algumas árvores madeireiras de 18 ms. de altura. Araticú e paratudo florescente.

26 de agosto - ϕ 12° 8'.8, λ 27'.3, km. 34.71, soma 345.61.

6 e 30 da manhã : I 742.8, II 735.2, Sec. 15.1, umid.

14.8, strc. 2, vento = E, água 25.2.

5 e 50 da tarde : I 744.0, II 735.0, Sec. 25.3, umid.

23.4, strc. 8, vento = E, água 26.9.

Aves dos charcos, patos e cegonhas. Dêstes últimos distingue-se o tujujú, grande ave branca de bico longo, grosso e preto e de pescoço

alaranjado. A sua carne é um tanto rija, mas fornece bom caldo. Ouvimos os sons agudos e penetrantes das “araneuã”, jaburú, biguá, mutum, jacú, jacutinga, “poaiero”, socó. O melhor dos pratos é o pato. O beijú começa a fazer-nos arrotar e a sentir azia. Ao tomarmos banho torna-nos-nos cautelosos, pois foram encontrados candirús, que é um peixinho de 2 cms., transparente, tendo a íris amarela e que se dá ao prazer de penetrar nas cavidades mais acessíveis do corpo humano. Si penetra, como é frequente, na urétra, a situação torna-se crítica, porque as barbatanas do peixinho atravessam a membrana mucosa perfurando-a como si fosse a golpes de picareta e si não se consegue retirar o desmancha-prazeres daí, por meio de um banho morno, só resta então fazer operação. Parece que o sertanejo nem sempre reflete bem e se mete a operar por si mesmo, morrendo frequentemente em consequência disso.

Às 4 horas, caeu uma chuva um pouco demorada. As cigarras parecem imitar o apito da locomotiva, julgando-se ouvir mesmo um ruído do trem entrando na estação...

27 de agosto - ϕ 12° 17'.9, λ 27'.9, km. 2.79, soma 348.40.

6 e 30 da manhã : I 743.4, II 735.0, Sec. 17.4, umid. 16.2, nuvens=E, vento=E, água 25.8.

2 hs. tarde : I 744.0, II 734.4, Sec. 31.9, umid. 22.5, cum. 3, vento=E.

10 hs. da noite : I 743.6, Sec. 19.4, umid. 19.0, mor-maço, calmo.

Às 9 horas encontramos canoas à margem direita. Poucos passos adiante, víamos uma choça e gente. Algumas mulheres assustaram-se bastante ao encontrar-nos. Mais adiante pulavam alguns homens, atirando flechas para o ar e desaparecendo. Duas mulheres, velhas, naturalmente, ficaram a acenar para nós, num medo terrível e a exclamar: “catú, catú, hecatú”, (1). Igualmente perturbados apareceram de novo os homens, chefiados por um índio de altura mediana, de cara agradável, que sorria embaraçado, quando nos viu a rir, exclamando também sem descanso o seu “catú, catú, hecatú”. Após uma série de equívocos, ficamos sabendo que nos achávamos entre os *custenaús*.

Entretanto, o lugar parecia simples roça, pois só havia duas miseráveis palhoças e mais adiante uma outra melhorzinha, e era tudo. De acôrdo com o que nos fizemos entender, tínhamos ainda ontem passado pela sua aldeia pròpriamente.

1) Tupí “catú” quer dizer: bom.

Jaziam, em horrorosa desordem, pilões e redes, panelas e caçarolas. Rolaram alguns troncos de árvores para nós nos sentarmos. A mais velha das bruxas aos gritos de hecatú pôs-se a assar às pressas alguns beijús que foram servidos com uma aguardente rala, e bom fumo, o melhor do rio Batoví.

Contamos ao todo 7 mulheres, 7 homens, 1 garoto e 2 meninas, além disso 2 bacairís entre eles, um velho sizudo e um rapaz idiota. Não tinham absolutamente notado a nossa aproximação, mas logo depois tomaram conhecimento do que se tratava e passaram a interessar-se por facões e objetos metálicos. Os botões que entre os bacairís faziam sucesso, quando muito bem sortido, em troca dos quais se podia almejar a própria casa, a plantação ou a esposa, eram simplesmente desprezados pelos práticos custenaús. Os nossos começaram a acusá-los de diversos furtos: desapareceram uma colher, e uma bacia que só possuíamos em número estritamente necessário. Um copo foi salvo a muito custo.

Enquanto isso o "orador", na sua maneira conhecida de gesticular, acompanhando-se de todos os tons da escala de interjeições contava-nos coisas dos *trumais*, que costumam receber visitas de estrangeiros de maneira um tanto traiçoeira e entre o alfa e o omega de suas narrações voltavam sempre, de modo especial, a referir-se aos temíveis *suiás*. Também citaram os *carajás* — o que muito nos alegrou — pois os carajás andam na região entre Xingú e Araguaí. Fêsse foi o nosso primeiro ponto de apóio que nos dava a certeza de que nos encontrávamos no caminho que iria dar ao Xingú. Alguns dos nossos crêem que eles citaram os chavantes, também residentes na Província de Goiaz. Possuíam objetos oriundos dos *suiás*, como cestos, um pequenino pendão de milho amarelo, duas flautas como as de Pã, pois ao nos mostrarem cada um destes objetos, diziam: "Suiá". Cada uma dessas flautas se compunha de três flautas, ao mesmo tempo, de 1 m., 0,75 cms., $\frac{1}{2}$ m. de tamanho, amarradas grosseiramente. Entretanto, logo procuraram esconder de nós essas coisas, o que provava terem hábito de roubar.

A primeira palhoça media 7 ms. de diâmetro e 5 de altura. A cobertura era mal construída, tendo somente uma coluna de apóio. Três redes de dormir, que não eram de algodão e sim da fibra de burití, muito fortes e estreitamente trançadas, como pano grosso e resistente. Havia um canto de fazer fogo, fardos de víveres e batatas. Vimos redes que guardavam ossos, conchas, penas, matérias corantes, cosméticos, algodão e outras coisas. Os machados de pedra eram um pouco maiores do que os dos bacairís. Os banquinhos eram côncavos e em ângulos retos,

tendo um ângulo mais longo como bico de pássaro ; na beirada notava-se um entalhe ornamental, do feitio de goteira.

A segunda palhoça era simplesmente lamentável, mais deitada do que erguida. Olhamo-la apenas, não foi possível trepar para examinar melhor. Através do buraco da porta distinguimos algumas redes de dormir e poucos utensílios.

Terceira habitação, a 200 passos. Nesse espaço do caminho crescia um feijão especial, de pequenos frutos. O rancho é como os peores dos bacairis. Cavaletes para fabricar puvas. A construção interna é a mesma e há 7 redes de dormir. Depois de regatear longamente, conquistei uma



Habitação custenaú

para mim, que tinha uma concha e um pedaço de pele de jaguar dependuradas. O possuidor do objeto queria em troca um machado ou o meu facão usado na cintura, accitando por fim duas facas de cozinha por intermédio do "orador", a quem recompensei com duas folhas de carvalho douradas que tive de enfiar nas pontas das suas orelhas. As mulheres aqui se metem na conversa, sem serem interrogadas, tomam parte nas negociações e estão sempre prontas a não ceder coisa alguma. Não guardo rancor ao dono da rede por mim adquirida, um rapazola de cara atrevida e velhaca, lembrando extraordinariamente os ladrões de lojas comerciais dos registros da polícia berlinense; rapaz muito jovem, casado com uma mulher de 25 anos de olhos grandes e faiscantes que se balan-

çava feliz dentro do seu ninho e me falava animadamente. O fato das redes aqui não serem de algodão e sim de fibra de burití significa muito, pois estabelece uma distinção etnológica de grande importância; desta maneira os custenaús estão diante dos bacairís exatamente como os aruacs descendentes dos caribas das Guianas.

Com respeito às flechas e aos arcos não havia diferença entre custenaús e bacairís. Um homem musculoso vendeu-me um cinturão com pequenos dentes afilados. Vimos dois fusos com disco de feldspato.

Os custenaús eram de estatura média e um deles, que parecia ser o mais alto, media 1,67 cms. Os rapazes apresentavam musculatura extraordinariamente forte e conformação proporcionada, sendo a côr da pele igual à dos bacairís. Os homens moços tinham uma tatuagem azul nas costas, que consistia em 2 ou 3 linhas de cada lado, semelhante a ângulos retos, que se dirigiam tortuosamente em direção ao omoplata, contornando-o em baixo e em cima.

Duas velhas tinham três linhas tatuadas, em semi-círculos, no lado exterior de ambos os braços. O centro do rosto e quasi toda a parte da frente do corpo estavam enegrecidos de uma fuligem oleosa e as costas tinham uns riscos inestéticos, feitos a dedo, da mesma côr. A cabeleira era de um preto intenso regularmente macio e quando comprida, ligeiramente ondulada e, nas velhas, mesclada de fios esbranquiçados. No alto da cabeça, a tonsura. O cabelo da barba, dos sovacos e das partes pudendas, raspado. Alguns tingiam o cabelo de vermelho, como os bacairís.

O crâneo atrás era oblíquo, a fronte do indivíduo mais alto bem arqueada. O nariz reto, de ventas regularmente grossas. Em alguns era achatado entre a fronte e a base. O lábio superior ligeiramente proeminente. Bons dentes. O corte do ôlho em geral pouco largo, sendo a íris castanho escuro. Uma rapaz era notável pela sua fisionomia mongólica, quadrada, de largos ossos molares, olhos um tanto tortos, a pálpebra superior muito saliente, especialmente no interior do canto do ôlho, mas sem, contudo, estender-se sôbre a pálpebra inferior. Uma mulher e duas meninazinhas possuíam grandes olhos abertos e bonitos, tendo também as faces quadradas e ossos molares proeminentes.

As mulheres velhas e estropiadas eram pequeninas e magras, e de bacia mais estreita que a cintura, a região glútea chata e excessivamente enrugada; usavam a mesma tanga de vime dobrada e triangular que as mulheres bacairís.

Os homens tinham em volta da cabeça e por cima dos joelhos cintas de fibra de burití ; em volta do corpo usavam um cordão simples ou uma corda de algodão. As pontas das orelhas masculinas eram perfuradas. Um deles enfeitara-se com flores.

O altão, o orador e a bruxa da tribo ainda permitiram a medição, mas os jovens rapazes que reuníramos para o mesmo fim, escaparam-me, quando viram os instrumentos. Nem por meio dos presentes que lhes ofereci se deixaram convencer.

A bruxa só consentiu em ser levada na expectativa de ficar boa de sua conjuntivite crônica, e, para se sentir mais segura, dirigiu-se também a Clauss, que soprava e bufava, à maneira indígena, nos olhos lacrimejantes que se ofereciam numa expressão de bem estar interior. Uma das meninazinhas sofria de uma velha coxalgia ; a mãe trouxe-ma para que eu soprasse e friccionasse a parte doente, oferecendo-me um beijú. Tendo Clauss comido o beijú deixei que êle fizesse o tratamento, o que iniciou logo, e com força . . .

Anotei tudo que me foi possível, para um pequeno vocabulário da linguagem desses índios, tendo algumas palavras da língua geral. Certamente, contêm muito poucas das mais geralmente espalhadas, como : Paraná = rio, cunhá = mulher, petun = fumo ; Castro diz tê-los ouvido dizer “jucá” (matar) e uma expressão tupí que designa : “vai-te embora”.

Em todo caso, Irineu não era compreendido por êles, mesmo nas perguntas mais simples como “Que é isso?”, etc. O “orador” parecia mais “viajado”, pois conhecia palavras bacairís, trumais e suiás e ainda o número “2” na língua geral, ao passo que o termo correspondente em custenaú sôa diferentemente.

A linguagem do europeu não obriga a uma ginástica da língua, tal como a dos simples bacairís. Ficamos satisfeitos em saber que usavam também designações “papá” e “mamá”, além de “enira pipi”, isto é, pequeno homem para menino e “cunhá pipi”, isto é, pequena mulher para menina.

Torturei-me com tentativas de toda ordem para descobrir-lhes os números. Obtive, certos, os números 1 e 2, mas já o número 3 era difícil de distinguir, pois as respostas variavam entre o seguinte : “grão de milho” — “pedacinho de madeira” — “é isso mesmo” — “a mesma coisa” — “agora não quero mais” — e outras coisas semelhantes. Tornei-me enfadonho para êles com o péso das minhas múltiplas perguntas. Do mesmo modo não fui muito longe com respeito às questões de parentesco, no curto espaço de tempo que lá permanecemos. *Papá* e *mamá* eram coisas simples, *teté* — irmão, também ainda servia ; representa-se

o irmão, apontando para o umbigo daquele que é o irmão e no seu próprio umbigo ; a palavra tornou-se clara quando o custenaú, dirigindo-se a mim, disse logo, batendo-me no ombro : “Chamo-te irmão” e depois ainda “mepiama teté”, dois irmãos. Ao designarem o filho, pai e mãe executam caretas, que são o cúmulo da inocência e que revelam claramente do que se trata, pronunciando, ao mesmo tempo qualquer coisa que não se sabe si é o próprio nome do filho, coisa que só pode resolver em casos repetidos.

Ao perguntarmos onde íamos parar em nossa viagem no dia seguinte, os custenaús diziam sempre : “*Vaurd*”. Não sabemos distinguir si era uma tribo ou, segundo Antônio, um afluente do rio (1).



Paisagem do Batoví

O número dos dias é que êles designam singelamente bem : apontam para o sol, descrevem um arco pelo ar, que representa o dia para êles, inclinam a cabeça, fecham os olhos — tudo isso quer dizer 1 dia. Depois de novo um arco no ar, etc., pintando cada dia com todas essas mímicas. O que pergunta só precisa somar.

A maneira por que os nossos índios — os bacairís também — respondem, por exemplo, à pergunta que se faz sôbre a quantidade de pessoas é muito enérgica : primeiro êles pegam dedo por dedo da mão direita e da esquerda, que viram para o lado e, quando não chega, vem ainda o pé esquerdo e o direito, conforme a quantidade a designar.

1) Os geógrafos que estudaram os suiás esclarecem que, de fato, os vaurás formavam uma tribo residente no Batoví, que, aliás, não encontramos.

Si o número ultrapassa 20, o índio acaba agarrando o próprio cabelo com as duas mãos, levantando-o para cima e dividindo-o para todas as direções.

A arte está em fazer a pergunta, diz o provérbio, mas desta vez é ao contrário. Neste nosso caso, dez tolos responderiam mais do que um sábio seria capaz de perguntar e foi pensando assim que muitas vezes me consolei . . .

28 de agosto - ϕ 12° 11'.0, λ 32'.6, km. 33.35, soma 381.75.

6 e 45 da manhã : I 742.8, II 734.4, Sec. 15.8,
umid. 15.2, limpo, calmo, água 26.1.

6 hs. da noite : I 740.4, II 734.4, Sec. 24.8, umid.
23.9, limpo, calmo, água 27.2.

Quando fomos entrar nas canoas — nosso acampamento estava na margem oposta — apareceram-nos, do outro lado, todos os custenaús, inclusive as mulheres, entoando de novo um cântico solene de despedida, o seu “catú, custenaú, hecatú, vaurá, hecatú camaiurá”, etc. Os rapagões, revestidos de negro de gala, trouxeram-nos ainda um carregamento de beijús.

O rio tem agora 70 ms. As barrancas, em alguns pontos, medem 6 a 7 ms. Vemos uma palmeira carnaúba — é apenas a segunda avistada. São abundantes os tucuns e os carandás. Duas palmeiras bunitis com bonitas frutas vermelhas, quasi maduras. Muita baunilha. Não se vêem mais jatobás. Arbustos de sarão. Florestas virgens de tacuara. Na margem vê-se um pequeno “aligator” morto, 0,5 m. de comprimento. Procuram-se caçar 3 lontras, que estendem a cabeça sôbre a água como focas arreganhando os dentes e mergulhando. Nadam com incrível velocidade, mergulhando de vez em quando, rio abaixo, creio que até mesmo em terra seria impossível correr tanto. As circunvoluções do Batoví, à tarde, tornam-se insuportáveis. Em certo ponto a distância entre duas voltas do rio é apenas de 2 a 3 ms., de modo que, durante o período de chuva, chegam a comunicar-se, podendo formar, pouco a pouco, uma laguna.

O ar da noite é nevoento. O urú grita “urú”. Mais tarde ouvem-se os sons puros de flauta do urutau. Quando em grande número na floresta, realizam concêrtos noturnos muito agradáveis ao sertanejo. O ruído das cigarras parece o zumbido dos fusos de uma grande fábrica de tecelagem, mas ás 7 horas faz-se silêncio. Costumávamos dizer que a fábrica acabou o trabalho.

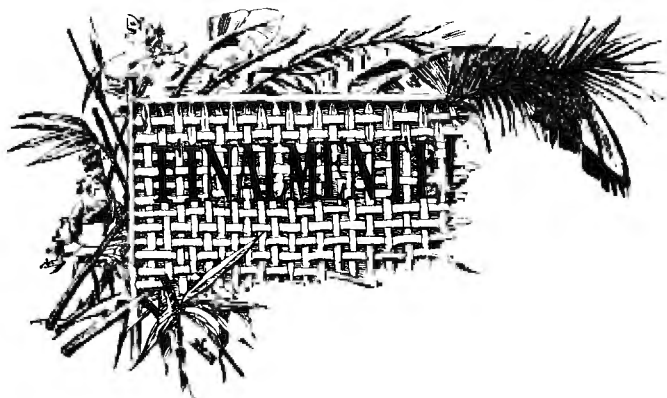
29 de agosto - φ 12° 3'.8, λ 34'.9, km. 33.02, soma 414.77.

6 hs. da manhã : I 743.0, II 735.6, Sec. 16.5, umid.
16.0, cirr. em penacho 8°, vento=E, água 26.1.

6 hs. da noite : I 744.2, II 735.6, Sec. 26.2, umid.
23.8, cirr. em penacho 5°, vento=E, água 27.2.

“Este rio safado !” — e cada vez mais numerosos e mais fortes parecem os seus mistérios. 70 ms. de largura. — Três capivaras, que são bichos horrendos, meio rato, meio porco. Um bando de macacos.

Embocadura do rio Batoví. Reunião dos três rios na formação do Xingú, referente aos mapas



30 de agosto - φ 11° 55'.5, λ 34'.8, km. 33.92, soma 448.69.

6 hs. e 25 da manhã : I 744.4, II 736.4, Sec. 19.2,
umid. 18.7, véu de nuvens 9°, vento = E, água 26.5

O céu está toldado e o sol raramente aparece. Um vento norte, ligeiro e morno sopra em direção contrária a nós. As margens do rio estão, alternadamente, guarnecidas de vegetação baixa, mato elevado ou “campo”. As curvas do rio, hoje, parecem-se menos com um sacarroilhas. Não se pode decidir sobre a sua provável tendência para a direção norte. Aliás, é a custo que me defendo contra a voz mentirosa da esperança, que se insinua cada vez mais dentro de mim. Geralmente, os jogadores que perdem sempre acabam cansando-se do jôgo que tanto os atraía antes. Um dia após outro, êsse afluente miserável não nos liberta da dúvida tormentosa de si vamos dar no rio Tapajós ou no Xingú. Afinal, por que somos tão diferentes de todos e de tudo que nos circunda aqui? Estes homens que só sentem o presente, essa abundância de folhagem inesgotável, êsse ruído de milhares de insetos e todo êsse viço infinito da flora tropical — que idéia mais paradoxal, diante dessa flora, querermos alcançar alguma coisa dentro de um período de tempo limitado?

O brasileiro, com voz suave, diz a cada instante : “Amanhã, amanhã, tenha paciência.” O bacairí não dispõe mesmo mais de uma palavra para designar “hoje” e “amanhã”. Eles não nos compreendem, afinal. Não sabem, por certo, porque vivemos a fazer cálculos e a pre-dizer que si não atingirmos o ponto almejado do rio Xingú dentro de dois meses, iremos dar na sua foz por outro caminho... Durante 5 semanas torturamo-nos numa ginástica para cima e para baixo sôbre êste afluente em que deslizamos há 2 semanas, através da planície, e entregues aos seus caprichos, sem saber para onde nos levará, vagando por aí como uma garrafa, portadora de mensagem, atirada ao mar.



Foz do rio Batoví no Ronuro

Dobramos, agora, acentuadamente para oeste ; o sol, que se vê bem agora, indica 2 e 30 da tarde, portanto, pensamos que hoje também não há perspectiva... Mas, de repente, uma exclamação : “Que baião !”, é Pedro que, olhando em torno, grita, referindo-se a uma baía em que entramos nesse instante.

“Não senhor, é o rio grande” ! (1) — exclamo numa alegria incontida. “O rio grande”, repete jubilosamente toda nossa vanguarda. E, então, todos prosseguem, remando com todas as forças e em poucos minutos depara-se-nos aos olhos preciosa paisagem — estamos no Xingú.

1) N. da T. — O autor refere-se a “rio principal” ou “grande rio”. Reproduzo entretanto conforme está em português, no original.

Acreditamos sonhar! O Batoví desemboca pela *esquerda*, perto de região pantanosa cheia de gigantes folhas, com uma largura de 65 ms., semelhante a um arroio, e vem pela esquerda o “*Ronuro*”, anunciado pelos bacairís.

Para ambos os lados do rio desdobra-se uma perspectiva de cêrca de 3 quilômetros.

Jamais esquecerei o que sentí quando, saíndo do estreito e escuro ribeirão da floresta, deparamos com a larga e bela correnteza do novo rio. Não nos fartamos de gozar a luz e a liberdade que nos oferecia a surpresa maravilhosa. Na verdade, após termos concentrado todos os nossos pensamentos e desejos nesse único objetivo, tudo era agora rêgiamente recompensado, ao sentirmos os nossos pés pisarem a esplêndida margem há tanto ambicionada. Durante muito tempo erramos por alí como si estivéssemos num jardim encantado, pois os densos arbustos e as veredas estreitas não nos abandonavam, mas, de repente, conseguimos chegar a uma alameda de linha reta e larga. Não se vê, entretanto, no final dessa alameda nenhum castelo abrigando uma princesa encantada, mas a sedução do mistério envolve essas árvores respeitáveis, perigos desconhecidos devem talvez vaguar por aí. Aos que não saberiam enfrentar dignamente essa tentação provocadora do perigo, eu não saberia responder à pergunta que tantas vêzes me fizeram: “Que representa o Xingú para o senhor?”

Naquele momento, pelo menos, representava muito para nós todos. E, para brincar com os outros que ainda estavam atrás com as suas canoas, demos, alegremente, alguns tiros de espingarda, carabina e revólver, afim de ver-lhes a reação amedrontada. Logo vieram chegando os retardatários, perturbados, julgando que estivéssemos já às voltas com índios, mas, verificando o que era, resolveram todos fazer o mesmo, e marcar, assim, aquele nosso momento histórico.

Rio abaixo, notamos uma praia extensa, de tonalidade amarela; era uma verdadeira “praia”, pelo que decidimos acampar alí e fazer algumas medições. Ocorreu-nos, então, indagar por que seria que o “*Ronuro*” vinha pela esquerda. Si não continha em si o rio Paranatinga, o qual devia ser um afluente do Tapajós, devíamos acreditar que, então, após a passagem pelo Paranatinga, teríamos atravessado toda a região da nascente desta enorme massa d’água, quando ainda percorriamos planalto. Dêsse modo poderíamos ter embarcado muito antes e chegado muito antes a êste grande rio.

E qual não foi a nossa surpresa ao chegarmos à praia e notarmos que, *pela direita*, ainda corria um *segundo rio*, um pouco mais estreito.

que se une ao Ronuro, formando o Xingú pròpriamente dito. De acòrdo com o que nos disse Antônio, os bacairís denominam êsse outro rio o Coliseu. As medições esclarecem-nos : o Coliseu mede 380 ms. de largura, vem de suléste e é afluente mais importante que o Ronuro, por possuir maior velocidade, embora mais estreito que êste, que mede cêrca de 450 ms. e vem de sudoéste. O Xingú, formado por êles, mede então 500 ms. de largura e sua velocidade com toda certeza ultrapassa 40 ms., talvez mesmo 45 ms. Um pouco antes da bifurcação daqueles rios o Ronuro ainda recebe em seu seio o modesto Tamitatoala-Batoví. Pela praia perpassa ligeira brisa. Fincamos umas estacas, onde dependuramos as nossas redes de dormir. A metade do pessoal acampa na floresta alí junto, num local de descanso dos índios, pois alí estão os vestígios dos arranjos para fritar peixe, que, certamente, irá aproveitar. As pegádas que se encontram nas imediações revelam que alguém já estivera alí hoje, à procura de ovos de tartaruga. Felizmente ainda existem alguns ninhos. Também vemos, pela primeira vez, as impressões largas e chatas da "tartaruga", que é a tartaruga do rio.

O cenário modifica-se sensivelmente, agora. Perguntámo-nos onde estamos. Em tórno de nós, margens rasas de rio e largos volumes de água. Em frente, pitoresca baía parece ser outro rio desembocando, mas é só ilusão.

Não somos incomodados pelos mosquitos, pois o vento atira-os longe. Sopra tão fortemente que enche as redes como velas de navio.

O sol mergulha num brilho róseo sôbre o arvoredor, enquanto as vagas agitadas pelo vento, de tonalidades lilases, nos enviam um raio trêmulo em sentido transversal. Os homens reavivam o primeiro plano dêste quadro : pescam, cozinham e sorvem tigelas cheias de mingau de ovos. Até mesmo os cães parecem alegrar-se com a nova paisagem, pois correm e saltam como doidos, pela areia da praia. Antônio, com um diadema trançado a guarnecer-lhe a frente, balança-se meio deitado na rede, soprando sua flauta bacairí.

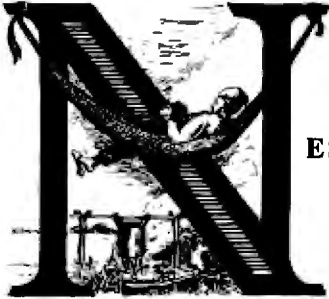
As canoas foram descarregadas e retiradas da água. Os seus fretes jazem na margem, numa confusão de objetos etnológicos ; flechas de penas estão verticalmente fincadas no sólo.

Poucos minutos após o cair do sol, divisamos, de repente, uma canoa com 4 índios e uma criança, que contornava vagarosamente a praia, vinda do Coliseu. Fomos direito a êles, de acòrdo com a direção em que vinham e, avaliando que tríba poderíamos encontrar aquí, exclamamos : "Trumái, trumái !". Ouvimos, nitidamente, a resposta : "Trumái !" Um tanto desconfiados, aproximaram-se. Do outro lado da baía, vinha

Valentim da pesca, mas ao ver os “compadres” deu umas remadas fortes no seu barco. Não sabemos si temiam que êle lhes cortasse o caminho ou si receavam os cães, que corriam e ladravam loucamente por alí. O certo é que de um momento para outro os índios saíram remando como si aquilo fosse uma regata, não nos tendo sido possível retê-los ou chamá-los de novo, nem por meio de acenos, nem de palavras. Desapareceram na primeira volta do rio Coliseu.

Êsse desagradável incidente não podia prejudicar o bom humor geral. Para comemorar o evento, gastamos uma garrafa de Genebra. Wilhelm tirou do bolso um pacotinho azul de bom fumo, que havia reservado para o dia de hoje, de modo que nada faltava para completar nossa ventura. Dormimos admiravelmente, naquêle ar maravilhoso. Excitados como estávamos, era bem mais provável que uma noite clara e estrelada nos perturbasse o sono, mas o firmamento permanecia envolto em nevoeiro difuso. Por isso, também, não nos foi possível fazer as observações que tínhamos em vista, mas às 3 hs. da madrugada vislumbramos algumas estrelas. Encontrávamo-nos a 11° 55' de latitude sul. O rio Xingú, que, de acôrdo com Melgaço, só nasce a 11°, já a 12° quasi apresenta uma largura de uma vez e meia superior ao Reno em Dusseldorf — 450 kms. é o comprimento do rio Tamitotoala — e o seu comprimento é o dobro da extensão obtida segundo os graus de latitude. Ainda que nos aguardem muitas outras vicissitudes e fadigas, a maior das provas foi vencida — a da paciência !

Encontro com os trumaís



ESSA noite sòmente a canoa de Castro não teve a carga retirada e colocada na margem do rio. Essa canoa largou e desapareceu. Em 2 horas viaja 1 légua. Valentim e Sátiro vão em busca dela.

- 31 de agosto - ϕ 11° 46'.5, λ 31'.6, km. 18°.12, soma 466.81.
 4 e 10 da manhã : I 744.0, Sec. 19.2.
 6 e 45 da manhã : I 744.6, II 737.0, Sec. 19.4, umid. 19.0, strc. 9°, água 25.8.
 5 e 40 da tarde : I 744.4, II 735.6, Sec. 24.8, umid. 21.9, horizonte nevoento 4, vento =E, água 27.9.
 9 e 45 da noite : I 745.0, Sec. 20.8.

Pelas 10 horas ouvimos a nossa gente exclamar subitamente : "Aí vêm os compadres ! oh ! quantas canoas !" Os soldados acorreram, vindos do acampamento. Trataram logo todos de se armar, depois ficaram a olhar a longa fila de canoas que, num quadro pitoresco, vinham remando, e, ao chegar na curva, entraram, uma após outra, descendo vagarosamente pelo Coliseu. Dois índios mantinham-se de pé, de arco pronto, outro ia sentado no centro da canoa e quasi não movimentava o remo. Contamos 14 canoas e 43 indivíduos. As embarcações compridas e estreitas deslizavam numa ordem única, como si se tratasse de estudada representação teatral, seguindo silenciosos, bem afastados da praia em que estávamos, em direção à margem oposta. Não ouvimos voz de comando entre êles. Quasi todos aqueles viajantes estavam nus, com o corpo e o rosto pintado de preto e vermelho vivo, muitos só estavam cobertos de diversas camadas de fuligem preta. Na cabeça levavam umas coifas de penas brancas, o cabelo era como o dos bacairís, isto é, cortado em toda a volta. Os que iam de pé seguravam arcos de meio metro de comprimento, tendo na mão esquerda grosso mólho de flechas coloridas.

Pouco depois pararam, quebrando êsse silêncio por uma barulhada terrível, um berreiro e uma gritaria de fanáticos. Não podia haver dú-vida que rössem trumaís, pois gritavam incessantemente essa palavra, como si a vida deles só dependesse dela. Batiam com o punho no peito e faziam mesuras tão pronunciadas, com a parte superior do corpo, que as pernas já não tinham oportunidade para movimentos mais vivos. Creio que si qualquer um de nós tivesse feito o mesmo no meio da canoa, cairia nágua mal começasse os trejeitos. Mas encontrávamo-nos em terreno seguro e a brincadeira contagiou-nos, de modo que também começamos a berrar e a gritar, batendo no peito. Cada um exclamava o que lhe ocorria em linguagem de índios, como “catú, hecatú, trumaí ; bacairí, custenaú”, tudo isso intercalado por fortes gritos de “diabo !”, isto é, “heiliges Donnerwetter” (1) em alemão e “será que êsses sujeitos não tomam juízo?”

Mas qual o que ! Por mais que lhes acenassemos convidativamente, por mais que batessemos palmas, procurando inspirar-lhes confiança, por mais que lhes quiséssemos dar a entender a nossa vontade de nos comunicar com êles, como si falássemos a um cavalheiro espanhol, por exemplo : “Senhor, esta casa é inteiramente sua”, nada disso adiantou. E’ claro que tudo se passava no rio Xingú, e nós infringiríamos ali as regras do bom tom si nos atrevêssemos a tratar de outras coisas, antes de nos apresentar uns aos outros oficialmente.

Fizemos outra tentativa, portanto, que aliás deu mais resultado. Como os nossos conhecimentos da língua indígena não pareciam suficientes, encarregamos a Antônio de interpelá-los em bacairí. Após alguma hesitação e timidez, lembrou-se de gritar-lhes que era bacairí e que os bacairís eram bons e que também os trumaís eram bons e que sendo os bacairís bons para com os trumaís, estes deviam ser bons para com aqueles. Diante disso pareceram atentos por um momento, mas logo os trumaís, que nada compreenderam do que Antônio dissera, renovaram a gritaria, abafando a voz do pobre homem. Então lembrei-me de dois vocábulos trumaís que me ensinara o cacique custenaú : “apirí” — amigo e “meijú” — beijú (o pão de mandioca). Com verdadeira voz estentórica exclamei, então : “Apirí trumaí, meijú trumaí, apirí.” Si eu tivesse desejado atizar a tempestade, devia estar contente. O efeito das minhas palavras fora ótimo. Ecoaram de lá estrondosamente repetidas. Ao que me parece eu havia, decididamente, falado bem o trumaí ! Buscaram os beijús do fundo das canoas. Aquí tinham a fórma de gran-

1) N. da T. — Expressão equivalente a “Com todos os diabos !”, etc.



Encontro com os timais

des pães-de-ló de panela. Brandiam-nos no ar em sinal de paz. O principal gritador entre êles parecia ser um rapaz caiado de vermelho tijolo, dos pés à cabeça e que falava em tom veemente a respeito dos bolos, procurando descrevê-los e explicá-los minudentemente, como um mestre a dar aula.

Em todo caso, notava-se certo sintoma a nosso favor, pois principiaram a brigar. O sujeito vermelhão parecia querer travar conhecimento mais íntimo conosco. Entretanto, numa canoa, três sujeitos inteiramente repassados de um preto carvão recusavam-se firmemente a isso, conjurando os outros guerreiros a não dar ouvidos às palavras do demagogo. Mas a oposição foi vencida. Três dos nossos meteram-se numa canoa e remaram até êles, conversando e rindo, Isto os conquistou. Ainda discutindo um pouco, os índios se aproximaram da praia e finalmente desembarcaram. Os pretos e os vermelhos, não sei si eram tão feios por natureza ou pela maneira de se enfeitarem, riam para nós, mostrando os dentes. Cada um de nós pegou um camarada daqueles pelo braço, imediatamente um outro agarrou-se-nos ao outro braço e assim caminhamos fraternalmente para o acampamento alí junto.

A maioria deles oferecia, então, um beijú em sinal de amizade, dizendo “mã”. O meu companheiro tirou-me o chapéu que retomei delicadamente. Parecia que tudo corria às mil maravilhas. Eu ia por último e os da frente já estavam junto às redes.

De repente, ouço um tiro atrás de mim. O primo Wilhelm está alí sem chapéu, a gesticular. O seu amigo índio está sentado na areia a espernear com pernas e braços. Depois, levanta-se furiosamente e verifica-se um pânico ! Será que estão com medo que o sólo se abra a seus pés para engulí-los ? Ao que se sabe, trata-se de elementar manifestação de medo. Portanto, é indiscutível, para êles manejavamos os relâmpagos e os trovões. E, dando alguns pulos, acharam-se todos dentro das suas canoas, afastando-se aos berros, só sossegando um pouco ao se acharem já no meio do rio. Nem os nossos rogos, nem as nossas demonstrações de paz, colocando armas no chão, conseguiram chamá-los de volta.

Súbito vejo que uma das nossas canoas com 4 homens está no meio deles. Julguei que seguiram afim de suavizar o humor dos exaltados compadres, mas verifiquei que queriam retomar-lhes alguns dos nossos objetos. Imagine-se a pistola de Manoel, os chapéus de Castro, Wilhelm e Antônio, a espingarda de Quintiliano, o ferro de soldar, que sei eu ! E' inconcebível que em tão curto espaço de tempo pudessem apoderar-se de tantas coisas.

Em breve toda a flotilha estava na margem esquerda do Coliseu. Nesse momento um trumai envia uma flecha em direção à nossa canoa e logo se ouvem os tiros dos nossos soldados, que, aliás, nos asseguraram mais tarde só terem atirado para o ar. Em consequência dos tiros, verificou-se uma cena selvagem: todos os índios pulam esbaforidos para fora das canoas, abandonando-as ali com todas as suas armas e nadando para a margem próxima, desaparecendo em seguida por trás das árvores. Os soldados, possuídos do furor da batalha continuam a atirar muito, apesar de Castro, da praia, ordenar: "Descancem as armas!" Por fim, fazem silêncio. Vemos que procuram e investigam em todas as embarcações, voltando logo depois. Em parte alguma da mata, descobrem um trumai. As suas canoas jazem à margem do rio como um quadro pacífico, somente aqui e ali bóia à superfície das ondas um dos seus enfeites de penas, semelhante a um pássaro morto.

Somente agora refletimos bem a respeito do que aconteceu. Ao que parece, os trumais estavam profundamente desejosos de trocar, sem muita cerimônia, os seus miseráveis beijús, de cor cinzenta como si fossem feitos de trigo sarraceno, granulados e de azedo sabor, pelas nossas preciosidades. Desenvolveram em toda parte a sua atividade nesse sentido. Os companheiros índios de Wilhelm, por exemplo, interessaram-se logo pela sua faca de mato e pela espingarda, sendo que um deles teve a infeliz idéia de dar no gatilho da mesma, verificando-se então a cena de pânico, em que o próprio índio foi o que mais se surpreendeu com o estrondo, pois si assim não fosse, não teria esperneado no chão, como esperneou.

Apesar da rapidez incrível com que se lançaram nos botes, os trumais não perderam a presença de espírito, pois os dois indivíduos que experimentavam os chapéus de Castro e Antônio não se esqueceram de os enterrar bem nas cabeças enquanto se punham a correr. Um outro índio muito prático não deixou, mesmo durante a fuga, de levantar depressa do chão um dos nossos grandes peixes que estavam estendidos na praia.

Antônio é que se portou de modo característico ao ser-lhe roubado o chapéu: sem mais aquela atirou no ladrão, errando felizmente o alvo. Quando lhe perguntamos si era mesmo sua intenção matar o índio, respondeu-nos com a maior calma: "Sim, êle estava com o meu chapéu."

Os homens da canoa que seguiram os índios voltaram com uma coleção etnológica bastante rica em relação ao número dos objetos: Os arcos eram muito bonitos e fortes, sendo que um estava destroçado por um tiro, o que provava não terem êles atirado simplesmente para



Indio trumai

o ar. Grande quantidade de flechas providas de pedacinhos afilados de bambú. Essas lâminas de bambú, pelo que se percebia logo, fôram afinadas recentemente e eram levemente engastadas no cabo por meio de um pouco de resina. Depois que a flecha alcança o seu alvo, essas lâminas quebram, ficando-se no corpo da vítima. Encontramos um único tacape rudemente trabalhado, liso e de 86 cms. de comprimento. Um dos enfeites de penas era extraordinariamente bonito : as penas brancas, verdes e alaranjadas, dispostas verticalmente numa espécie de rede para a cabeça. Tinha a particularidade de se poder meter as penas para dentro após o uso, afim de melhor poupá-las. Havia ainda uma panela, cuja extremidade superior era recortada em bicos, cordões de algodão que alguns trumais usavam amarrados em volta do corpo ou das pernas. Algum fumo enrolado em folhas verdes. Na praia ainda jaziam algumas cuias, contendo um mingau enjoado, tão ruim como o pão de mandioca que faziam.

Nada indicava que os trumais estivessem acima dos bacairís. Com respeito à formação do corpo, nada notei que me chamasse a atenção durante nosso rápido encontro com eles e em altura não eram diferentes dos bacairís e dos custenaús. Quanto à sua fealdade, talvez se possa atribuir à própria desfiguração que praticam. E' de modo mais primitivo e mais curioso que eles sabem proteger-se contra insetos penetrantes : "praeputium filo gossypii rubro ante glandem farciminis instar constringunt". Creio que essa precaução seria também útil dentro d'água contra o peixinho candirú.

E agora ? Que fazer com essa gente ? Nem se pode pensar em estudar trumais, pois a guerra está declarada entre nós, não temos outra coisa a fazer senão sumir o mais breve possível dali. Somos obrigados a desistir de quaisquer sondagens ou medições e dar adeus ao rio Coliseu. Mas há ainda uma vantagem a tirar da má situação : Já que nos afastamos tanto da trilha da virtude, apoderando-nos daqueles objetos, não devemos ter escrúpulos em pecar mais um pouco. Além do mais, eles não nos restituíram o nosso machado (duas canoas viraram e afundaram quando os trumais fugiam para terra). Portanto, porque hesitar em trocar as nossas canoas mais defeituosas e entortilhadas pelas ali abandonadas por eles, muito bem construídas e de madeiramento cuidadosamente ressecado ?

Enviamos alguns homens para lá e estes voltam com 3 canoas e alguns remos, que em nada diferem do dos bacairís. Uma delas é destinada a Valentim e a mim, outra é levada como reserva e a terceira é

para o sub-oficial. A embarcação pertencente a Castro também é entretidamente trazida.

O incidente com os índios trumais, no fundo, me aborrece, tanto mais quanto os soldados se regosijam com ele, pois consideram-no uma vitória facilmente ganha. Muitos opinam que o "bravo", isto é, o selvagem não merecia outro tratamento e os peores juízos são proferidos pelos que são de puro sangue índio. Antônio continúa descontente, embora o enfeite de penas, que colocou na cabeça em substituição ao chapéu furtado, lhe assente muito melhor.

Todos são unânimes em que nenhuma bala terá atingido os trumais. Contaram-nos que um pequeno índio, que não sabia nadar, foi por eles retirado da água.

De vez em quando, ouço os homens dizer que os trumais tinham secretas intenções de nos desarmar sistemáticamente. Felizmente os bacairis já nos haviam prevenido a êsse respeito, diziam claramente que os trumais recebiam muito bem os estranhos, adulavam-n'os até obter-lhes sorratamente as armas, para depois se atirarem a êles de surpresa. Os narradores ainda adiantavam que êsses indígenas costumavam arrancar aos inimigos os braços das suas articulações, "poc, poc, poc", amarravam as mãos, atirando assim o corpo indefeso dentro do rio.

Graças aos deuses temos escapado de semelhante destino; antes de mais nada, porém, hei de lamentar profundamente o dia de hoje. Os brasileiros dizem ser o mês de agosto de infelicidades, mas já estamos a 31.

Os pobres trumais são até mais infelizes do que nós. Si voltam para casa, furtados em seus objetos e sem apresentarem ferimento, num estado bastante lastimável, que dirão as suas mulheres amadas? Teria jamais acontecido no Xingú semelhante coisa? Será muito difícil para aqueles guerreiros relatarem o sucedido de maneira a poder-se-lhes atribuir alguma glória; apenas dois trofeus, tão corajosamente salvos por êles, é que representarão algo. Embora não levassem para casa duas cabeças, levaram sempre os dois chapéus. De um deles, que é de palha, saberão explicar a origem e é possível que saibam como se faz, mas do outro — um feltro! Onde haverá animais na mata, cujo couro seja provido de pêlos, não só por fóra, como também por dentro? Pensarão naturalmente: Oh! mistério da existência!

Os suiás e os manitsauás



1.º de setembro.

NTE-ONTEM Clauss e Clementino entraram para a lista dos atacados de febre; ontem, também, Rufino. Os três, junto a mim e a Daniel, perfazem cinco homens, que todas as manhãs engolem quinino. As provisões que possuímos dêsse medicamento poderão ser suficientes, desde que só se administre àqueles que têm o acesso.

ϕ 11° 32'.2, λ 36'.9, km. 31.64, soma 498.45.

6 e 33 hs. da manhã: I 744.0, II 736.2, Sec. 18.4, umid. 17.8, circ. 6, vento - E, água 25.2.

5 e 45 da tarde: I 744.0, II 734.4, Sec. 25.3, umid. 22.7, pedras nuvens de tempestade 8°, NE, água 28.0.

Logo depois sobrevem tempestade; forte chuva até 7 e 30 da noite, acompanhada de forte vento norte.

A largura do rio varia muito, mas será de aproximadamente 400 ms. mínimo e 700 a 800 ms. máximo. Vêem-se ilhas isoladas e braços afluentes e em tôrno tudo é pântano. Largas praias em que se notam numerosas pegadas de jaguar. Uma gaivota que Castro denomina de "talhamar" e Valentim de "saná" está a chocar. Encontrei dois ovos cinza-esverdeados, salpicados de pardo, de agradável sabor. Os ninhos são cavidades feitas na arcia, aos grupos de 6 a 8. Hoje, pela primeira vez, tive a sorte de encontrar ovos de tartaruga, isto é, em número de 18 num único ninho e pude comer 8 deles para comemorar o acontecimento. Foram ainda esvaziados mais 9 ninhos. As águas jorram frequentemente, como cascatas. Atribue-se o fenômeno ao rio Piratinga.

Durante todo esse dia remei aplicadamente e tenho mais prazer nisso do que em escrever. Pesado vento norte. No meio do rio as ondas eram pequenas, mas suficientemente altas para que as rasas canoas tivessem que refugiar-se na margem. Das 5 e 30 hs. às 6 e 30 hs. desabou formidável tempestade. Nossas coisas estavam bem resguardadas. Fu-



Paisagem xinguense

mávamos e conversávamos dentro da barraca. Após a chuva, extraordinária claridade. Poder-se-ia jurar que nos encontrávamos bem na costa norte, próximo à Frisia; puro vento marinho e praias claras, cuja côr se confunde com a das barracas. O sólo secou depressa. Ao aparecer a lua, a imagem era inteiramente polar. Sátiro pescava, e depois das 10 hs. da noite fizemos a nossa refeição, recolhendo-nos para dormir fóra, nas redes, uma vez que não havia receio de chuva.

2 de setembro φ 11°22'6, λ 49'.6, Km. 29.70
soma 528.15.

6 e 30 da manhã: I 744.4, II 736.2, Sec. 20.1,
umid. 19.3, str. c. 9, vento - E, água 25.2.

6 hs. da noite: I 744.4, II 736.4, Sec. 23.0, umid.
20.8, cirrus em penacho, cirr. c. 5, vento = E,
água 26.4.

Céu coberto. Vento norte, intensidade 3.

Às 9 e 45 hs. da manhã zarpamos. Vemos agora trechos de praias desertas, tendo em frente campo cerrado, que no entanto apresenta muitos troncos e galhos ressequidos. A barranca é vertical, medindo 3 a 4 ms., tendo diversas marcas de águas antigas em várias gradações, cobertas de ramagem, salpicadas de blocos de cantaria. A côr das águas

no centro do rio é verde escura, o que os homens denominam "preto". Falta-nos hoje o sol, não se notam os borrachudos e as borboletas amarelas que vimos ontem aqui, quando ainda no Batoví. O rio faz voltas para a direita até tomar a direção sul : ao chegarmos a uma grande baía, fácil de confundir com um novo afluente, mas que o brasileiro acostumado logo reconhece como baía, o rio dobra para NNE. Florestas copadas, mas sem palmeiras e o campo tem muito tucum.

Depois do almoço, vemos 4 urubús a darem voltas nas alturas. Onde há urubús, há carne podre. Os índios não devem estar longe. Já na margem encontramos indícios de fogueira : um galho de árvore cortado cerce, e, segundo os entendidos, a golpe de faca, faz supor que os suiás possuam ferramentas e estejam, portanto, em relações comerciais com os brasileiros — estamos a entrar de novo em condições de vida normais e de novo a fantasia nos penetra alegremente. Aquele galho varre do espírito as fortes incertezas. Os compadres, parece que andaram à procura de ovos de tartaruga. Sático, que habitualmente chega mais tarde no acampamento pretende ter visto uma canoa, dizendo que ela estava parada no meio do rio e que, de repente, voltou.

Quando a comida ficou pronta já eram 10 hs. Manoel serve-nos maçarocas assadas e mingau quente de ovos como primeiro prato ; depois aparece num prato bacairí uma grande piranha frita, de sabor muito agradável. Como sobremesa um bolo de farinha finíssima, gordura de peixe e ovos de tartaruga, como verdadeiro pão-de-ló berlinese "à la Chingou". Comemoramos hoje o 100.º dia de nossa viagem.

3 de setembro - ϕ 11° 11'.4, λ 56'.0, km. 26.20, soma 554.35.

6 e 25 hs. da manhã : I 745.2, II 738.0, Sec. 20.5,
umid. 19.8, strc. 10, água 25.3.

10 hs. da noite : I 746.0, Sec. 20.4.

Às 4 e 30 da madrugada caíram algumas finas gôtas de chuva. Tudo estava muito úmido.

Às 6 e 30 da manhã começou a chover. Armamos as barracas e as coisas foram aí resguardadas. Juntamo-nos todos a conversar em volta de uma acha de lenha a arder que corria de mão em mão, a acender os nossos cigarros.

Às 10 hs. zarpamos com o tempo refrescado pela chuva. Remávamos gostosamente. O rio manteve-se durante longa extensão numa mesma direção, coisa que cansa o navegante tanto quanto ao viandante a alameda regular. No fim do trecho, porém, uma orla de praia arenosa diante de escuras massas de floresta quebrava súbitamente a monotonia,

semelhante a uma cidade oriental. Valentim comparou-a a Santarém, na foz do Tapajós.

Pelas 2 horas da tarde notamos uma árvore, onde havia o desenho de uma espiral, recentemente recortado na casca. Uma hora depois, casas à vista. Pareciam muito próximas ao rio, surgindo da verdura. Já contávamos três.

Felizmente estávamos todos juntos ali. Portanto, os homens começaram a carregar revólveres e carabinas. Estavam hoje de humor guerreiro. Agora vimos que, no outro lado, no acampamento do inimigo, se prestava atenção; por meio do binóculo distingui muitas pessoas que se enfileiravam na beira do rio e nos observavam. Apoderou-se de nós uma espécie de alegre perturbação de quem está certo de alguma coisa, mas que não se esquece da importância da situação. Sobretudo, uma vez que nos achávamos sobre o rio, não se podia sentir o mais leve medo. Munido dos raios e dos estrondos trovejantes das nossas armas, só podíamos ganhar na certa. Entretanto, não se poderia excluir qualquer incidente desagradável, pois com frequência ouvimos falar de modo dramático da selvageria dos suiás de dentes arreganhados. Era até de esperar que nos acontecesse algo de extraordinário. De novo me assaltam os cuidados e penso que pode acontecer, também aqui, qualquer coisa que, divertindo o rude soldado, prejudicará muitíssimo os nossos interesses, impedindo conhecermos melhor essa tribo, como aconteceu com os trumais. Estamos nós a percorrer o Xingú numa expedição científica ou como simples aventureiros audaciosos, que se satisfazem em chegar salvos ao ponto final do seu destino, indiferentes aos resultados que possam colher?

Progressivamente distinguimos maior número de habitações. Elas estavam num plano um pouco mais elevado e um caminho curto dava para o rio. O belo sexo, ao que parece, mantinha-se afastado, pois só vimos aparecer um bando de homens nus, que nos aguardavam à beira do rio. Súbito vimos alguma coisa vinda da direita, são 4 ou 5 compridas embarcações muito carregadas e cobertas cuidadosamente com folhas verdes, tripuladas quasi só por mulheres e crianças: sem dúvida tinham ido buscar mandioca e frutas na plantação.

Aquí desaguava um afluente, cuja largura, — calculada “par distance” — era de 250 ms. As mulheres escuras, ao depararem conosco, ficaram abaladas, impulsionaram as canoas para a margem e agarrando as crianças, a menorzinha montada nas ancas da mãe, e a gritarem dentro do mato, tudo faziam por alcançar as suas palhoças, em terra firme. Apcnas uma canoa com três homens e uma mulher velha, corpulenta e reso-



Recepção entre os índios soidás

luta, aproximou-se de nós numa distância em que seria possível chamá-los. Um deles tinha a arma pronta na mão, mas o conjunto não dava impressão de se tratar de inimigos. Muito satisfeitos, verificamos pelos lábios desses índios que estávamos tratando com suiás e não, conforme receamos intimamente, com uma nova divisão de trumaís. A velha, entretanto, era uma trumai aprisionada, conforme verificamos mais tarde. Ela gritou-nos qualquer coisa, de que deduzimos uma palavra da língua geral que significava “venham cá”. Em todo o caso, a considerar a expressão medrosa e amistosa ao mesmo tempo de sua fisionomia, parecia dizer algo semelhante. Adiantamo-nos muito unidos, parecia que o pessoal se esquecia que estava dentro de canoas, pois aglomeravam-se tanto umas nas outras que a flotilha formava pequena ponte flutuante, não deixando espaço livre para remar. Xingava-se, ria-se e, sob fortes exclamações de “diabo !” para cá e “diabo !” para lá, o bolo de canoas foi se desfazendo e formando uma regular linha de batalha, que seguia agora para a frente, esperançosa, controlando com esforço a própria perturbação, mas indo direto ao ponto de desembarque da aldeia suiá.

Mas que confusão entre esses homens primitivos ! Uns 40 homens reuniam-se ali, todos nus, repassados de pintura preta e vermelha sem arte nenhuma, tendo na cabeça, parte deles, coifas de penas brancas ou côr de laranja, outra o cabelo sóto e emaranhado a cair-lhes até os ombros. Todos estavam armados de arco e flechas e clavas. Todos tinham o lábio inferior monstruosamente deformado por uma chapinha pintada de vermelho e disposta horizontalmente diante dos dentes como uma pequena salva. Ninguém conservava, por um momento sequer, a boca fechada, mas como “grasnavam” bem e que admirável mímica quando o interesse do assunto parecia excitar o próprio nariz ! “Suiá-suiá, tahahá” — berrava, em todos os tons e a todo instante a horda ruidosa desses índios : brandiam as armas e pulavam em confusão, o olhar fixo em nós como os abutres do Jardim Zoológico, que, quasi loucos de fome e voracidade, olham para o vigia que se aproxima da grade com o garfo de carne.

Sai na frente com Clauss, afim de desembarcar. Íamos de pé na canoa, fazendo caretas para eles com que procurávamos explicar nossos desejos. O escândalo aumentou. Estavam em desacôrdo. Dois estavam a esmurrar-se às pressas, depois atiraram-se sobre algumas pedras dentro d'água, gesticulando fortemente. Cada movimento era acompanhado do “tahahá ! tahahá !” e apontavam para os seus arcos, apertando ostensiva e rapidamente a mão direita sobre o peito, os braços,

as pernas, como si nos quizessem fazer ver que as nossas armas e roupas lhes pareciam suspeitas. Eu depuz minha espingarda e, immediatamente, o meu inteligente suiá depôs tambem o seu arco e as suas flechas no chão, batendo palmas e a gritar “tahahá ! tahahá !”.

Apesar disso não nos permitiam desembarcar. Ao menor gesto nosso nesse sentido, a agitação crescia assustadoramente e de maneira inequívoca todos os braços se estendiam, em direção de rio abaixo, parecendo dizer “Sigam, vosso caminho é para lá”. Entrementes, vieram também Castro e os outros. Os olhares mais desconfiados eram dirigidos principalmente aos nossos cães, que certamente em vez de se manter quietos diante da barulhada geral, ladravam com todas as suas fôrças e quasi não se conseguia demovê-los de pular para terra a crear maiores dificuldades com êsses pernas-vermelhas. Castro procurou oferecer a um suiá pequeno presente, que foi aceito — êsses homens em parte tremiam de medo em meio de toda sua fanfarroneice, mas a situação não se modificava.

Como já entardecia, nós, os mais ajuizados, resolvemos ceder e levantar acampamento na margem oposta. Ao navegarmos curto trecho rio abaixo o bando pôs-se a dansar e a berrar de alegria, mas qual não foi a sua desilusão, quando percebeu que ainda não se havia livrado de nós !

Observando cautelosamente os nossos movimentos, em breve uma canoa contendo 3 homens seguia-nos ; aproximaram-se da praia ; as armas jaziam no chão. Fui-lhes ao encontro, afim de fazer-lhes presente de uma velha camisa de flanela de Clauss, mas tive que vadear na água até o joelho, antes que se decidissem a aceitar a oferta. Por sua vez, deram-me algumas mancheias de batatas doces. Em pouco tempo outros índios se aproximaram, gritavam muito para os que tinham ficado e tudo correu bem. Desembarcaram. Em breve estabeleceu-se comércio animado. Os soldados adquiriam toucados de penas. Eu procurava obter, em troca de anzóis que examinavam curiosamente e que, como si não quisessem confessar a sua ignorância, aceitavam, de cara alegre, colares feitos de chapinhas de pedra perfuradas. Entretanto, não pude convencer nenhum deles a ceder-me o próprio batoque dos lábios : riam-se mas não o davam.

Um rapagão experto explicou de maneira bonita que o “paraná” (rio) seguia sempre para o norte e que após 9 dias aparecia uma quêda d’água ; provavelmente mentia ou exagerava. Na intenção de se exprimir muito claramente — mostrava o céu e o rio em sentido vertical — e declamava “tuc, tuc, tuc, vubú”, de um modo tão desagradável, rindo

e sacudindo a ponta de uma canoa, que parecia dizer em bom alemão : “Eia ! é ali que vocês vão se estrepar ! Dou-lhes os parabens”. Aparentemente não devia haver mais suiás, nem outras tribus até o Salto.

Os novos amigos estavam muito ambiciosos com relação às nossas coisas e ficaram ali até a entrada da noite, enquanto nós, satisfeitos, fritávamos nas brasas as batatas com que nos pagaram. Queriam agora apenas uma coisa de nós, isto é, que os acompanhássemos de volta à sua aldeia. Era gente muito forte e ativa que superava em muito os bacairís.

Achamo-nos deitados dentro da tenda. Os mosquitos já estão zunindo em tórno de mim. Os suiás, de frente, não querem recolher-se, pois até agora, quasi meia-noite, estão a palrar continuamente. Da outra margem ouve-se um alarido confuso, mas não se vê sinal de fogueira.

Com efeito, gente da idade da pedra, em palestra na hora de dormir ! — Não deixeis que a vossa avó vos fale ! O que são as suas lendas infantís diante dèsses mensageiros aquí chegados de um mundo diverso, e que possuem mil objetos maravilhosos, reais e palpáveis e que os usam como si fossem coisas banais. Que brincadeira vos proporciona hoje a sizuda Clio ! Não sois capaz de percebê-la nem de honrá-la.

Custa-nos até imaginar que nos transportamos à vossa época, (ainda que vos contemplemos com tanta indulgência), quanto mais nos convenceremos que descendentes de vós teriam inventado a locomotiva e o microscópio, sem falar na filosofia hegeliana.

A posse das nossas conquistas tornou-se-nos tão habitual que até parece constituir parte integrante do nosso corpo. Mesmo aquí nesta mata triste e erma estamos às voltas com o compasso, a pólvora, a espingarda, o facão, livros, e outras coisas, e nos sentiríamos miseráveis e indefesos sem elas — nós, que temos alguns séculos mais de intelligência que vós.

Quem sabe, suiás palradores, si a vossa geração ainda chegará a ver homens semelhantes a êsses que vos visitam hoje, e que vos deixarão dentro de alguns dias. Dessa maneira tereis sonhado com o futuro. Tivestes uma visão do inconcebível, mas as vossas mãos apalpam realmente os facões e os espelhos : estais a mostrá-los aos vossos filhos sem saber explicar-lhes como se constituíram êsses objetos raros, cujo material nem os animais, nem as plantas, nem as rochas, nem as florestas, nem os rios, portanto, nenhuma dessas coisas existentes na natureza forneceram.

Por mais antiga que seja a história de vossa tribo, ainda que os vossos ascendentes tivessem vivido nos Pampas, abrigados das tempes-

tades nas couraças dos armadilhos gigantes, ainda que habitassem as praias marinhas, a juntar montanhas de conchas — a vossa mais remota origem foi-se desenvolvendo sempre passo a passo, mas hoje o vosso olhar saltou para a frente vários milhares de anos, assim como o nosso recuou vários milhares de anos. Sem dúvida devíamos pretender entrar pouco a pouco no centro de vossas representações mitológicas e sermos dignamente recebidos.

4 de setembro - 7 e 10 hs. da manhã : I 745.8, II 738.4, Sec. 18.9, umid. 18.5, vento = E, nuvens densas e baixas.

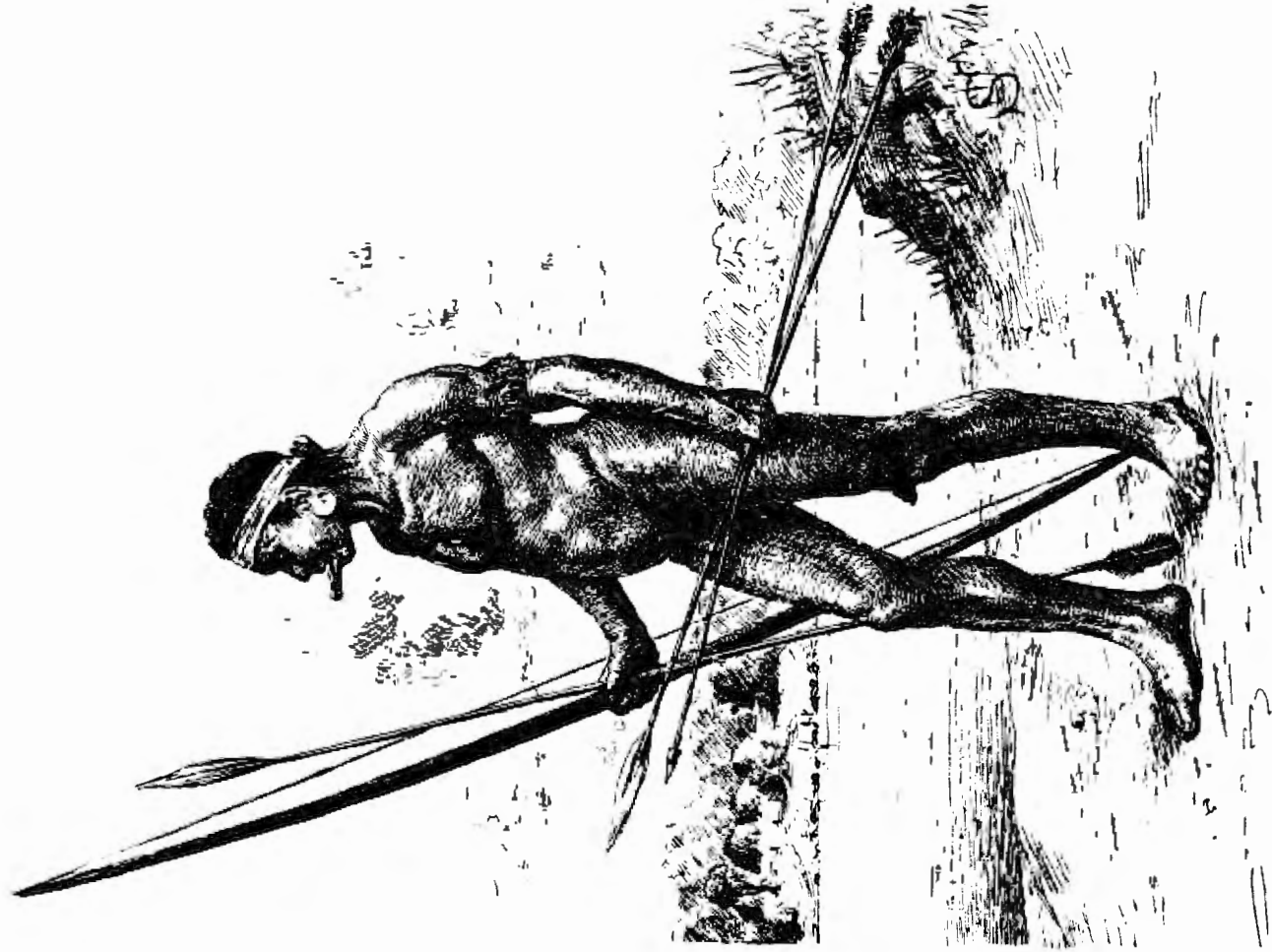
8 hs. da manhã : I 746.8, Sec. 20.8.

2 hs. da tarde : I 745.6, Sec. 32.8, umid. 21.9, cum. 2, SO 1 - 3, areia 49.4.

9 hs. da noite : I 746.8, II 738.6, Sec. 21.0, umid. 20.0, nebulosidade = E, vento = E.

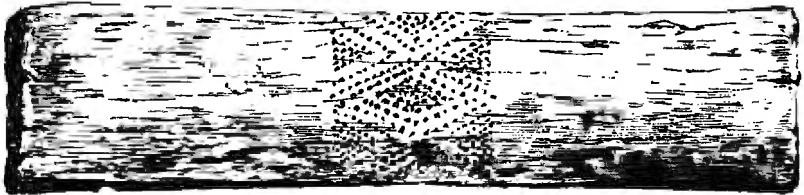
Queríamos pagar a nossa visita. Não era recomendável levarmos armas, porque a atenção deles seria muito absorvida para esse lado, mas afim de não desprezar de todo as precauções num encontro inicial com índios desconhecidos, certificamo-nos dos nossos revólveres guardados no estojo do cinturão de couro. Aproveitoni-me de modo a poder pernoitar na aldeia. Os instrumentos de medição e os presentes foram empacotados na rede, talvez fosse possível mesmo tocar-lhes o corpo com intenções antropológicas, mas : "O homem põe e Deus dispõe".

A manhã surgiu muito agradável. Justamente quando íamos deixar o alojamento, appareceu-nos uma canoa com 2 homens e 3 mulheres, achando-se estas numa simplicidade paradisíaca e não menor inocência. O que as trazia era o desejo de travarem conosco relações mais íntimas (o que, aliás, não se coadunava com a nossa rigorosa disciplina). Os dois índios é que nos explicaram tudo por meio de uma compreensível linguagem mímica usada em todos os tempos e por todos os povos. Com isso, o convite que nos fizeram na véspera assumia novo aspecto, pois já nos haviam feito alusões semelhantes. As duas mulheres completamente despidas não eram nem jovens nem bonitas, mas de maneira nenhuma eram atrevidas ou inconvenientes. A naturalidade delas era de pasmar. Saíndo das canoas, passaram a lavar-se do modo mais singelo possível, procurando mostrar, ao mesmo tempo, que ainda possuíam o cândido esquecimento de si mesmas, esse que a crítica recusa à Venus de Médicis.



Indio suia

Nós três, acompanhados de dois soldados, embarcamos para a aldeia suiá. Fomos recebidos por eles aos bandos, com as suas armas no chão e “tahahá”. Tahahá significa bom, amigo, etc. Cada um de nós foi cuidadosamente tomado pelo braço e conduzido pelo caminho que subia. De lado via-se certo número de mulheres, entre as quais muitas com crianças de peito, que se mantinham no quadril esquerdo das mães, amarradas com uma fita de algodão parda e avermelhada que passava por cima do ombro. Elas nos olhavam curiosas, afastavam-se, porém, quando lhes acenávamos. Todas em trajés de Eva, com os pêlos do corpo raspados, o cabelo da cabeça era ajuntado atrás em nó frouxo ou caía sóto sôbre os ombros. As orelhas delas também levavam uma tira enrolada de folha de palmeira. Os seus lábios não eram deformados. Uma chamou-me a atenção pela bela dentadura branca. O seu pescoço estava ornado com 3 correntes de grossas pedras perfuradas. Os nossos amáveis condutores tinham o objetivo visível de nos distri-



Ralador de mandioca

buir por diversas palhoças, mas nós fingimos não entendê-los e entramos todos para dentro da última que era também a maior. Contamos 9 casas inteiramente iguais às dos bacairís, isto é, em fôrma de cortiço e um barracão aberto, no centro do terreiro. Em tórno cresciam o algodão e a cana de açúcar brava, que fornece os cabos das flechas.

Dentro da palhoça ficamos tão apertados entre eles todos aglomerados em volta de nós que mal nos podíamos mover. Wilhelm queria sair do seu assento, mas a cada tentativa era amistosamente impedido por eles. Escreví algumas palavras. Desconfiados, olhavam para o mínimo movimento da mão. Negociamos alguns objetos. Deram-nos bons cigarros de tamanho gigantesco, já conhecidos, e serviram-nos com uma solução rala de fécula.

Vimos uma série de redes de dormir, de algodão, mas os suiás diziam a isso “bacairí” — numa das ocas estava alguém a tecer — não há dúvida que aprenderam essa arte com os bacairís. O leito pròpriamente era feito de uma rede grosseiramente trançada, tendo um pedaço de madeira

como travesseiro. Mas apesar de tudo não é menos certo que os suiás superam os bacairís em habilidade e energia. As panelas eram excelentemente trabalhadas e muito bem pintadas de preto, sendo que uma delas me chamou mais atenção pelos dois círculos concêntricos na base externa de onde partiam riscos laterais até à beirada superior.

A pintura das cabaças apresentava desenhos geométricos como os que vimos entre os bacairís. Eram muito hábeis no trançado de lindos cestos, em que guardavam as frutas. As provisões constituídas de farinha estavam guardadas em fardos pouco artísticos.

Vários bancos representavam um pássaro, o qual tinha a cabeça e os olhos muito bem trabalhados em relação aos míseros instrumentos de que dispunham. Os raladores de mandioca tinham as pontas, de madeira burití, muito bem dispostas em gracioso desenho. Os contornos dos beijús eram pintados.

A aglomeração não cedia. Um velho estrábico, talvez o feiticeiro da tribo, soprou nas orelhas de cada um de nós duas vigorosas baforadas de fumo, juntando de cada vez o seu "tahahá, tahahá suiá". Demasiado cedo os nossos hospedeiros exprimiram o desejo de que nos retirássemos e, ao verificarem que não os entendíamos, tomaram-nos pelo braço, apontando para a margem oposta, procurando-nos levar em direção às canoas. Mas nós continuávamos sem os entender. Fomos para o barracão, onde nos sentamos. O barracão parece servir de local para conselhos, pois alí havia uma rede de dormir no centro, e em cada lado havia um local próprio de fazer fogo, e certa quantidade de palha esparsa e meio queimada indicava que na noite passada houvera discursos ao povo. Um cego aproximou-se, apoiando-se numa cana; um macróbio vinha também apoiado num pau, o seu lábio inferior balançava fortemente com o pêso do botoque de madeira. Êle apalpou-nos com mãos trêmulas.

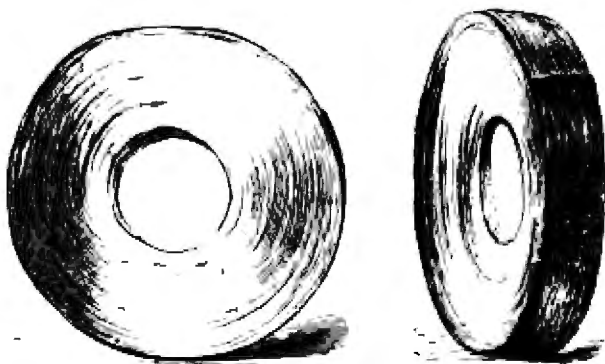
A mulher trumai, tão resoluta, que vimos ontem, apareceu também. Exercia, sem dúvida, influência sôbre os homens e, por isso mesmo, é que lhe oferecemos um rico bracelete de pérolas azues, que accitou sorrindo satisfeita.

O feiticeiro, que se impacientava cada vez mais, estava sentado perto de nós. Desesperava-o ver-nos tão desatendidos e passou a lastimar-se amargamente entre os seus admiradores. Será que o pobre homem receava perder a reputação com a presença de feiticeiros estranhos, talvez mais poderosos que êle? Tomei um espelho, então, objeto jamais visto por êles e coloquei-o diante da vista do meu vizinho estrábico, dizendo ao mesmo tempo risonho "tahahá, tahahá". Como virou

os olhos ! Mal lançava o olhar e já o susto se estampava em suas feições. Muito excitado começou a aconselhar aos outros a evitar o objeto estranho. Nesse momento, com manifesto orgulho peguei no espelhinho radioso e fi-lo passar diante dos presentes umas três vêzes. Foi aos gritos que romperam por alí em busca das armas, voltando em seguida com elas a acenar-nos para que evacuássemos dalí. Agora era preciso que compreendêssemos. Fazendo o possível de nos mantermos em fôrma e tranquilos, sem muita pressa, tomamos o caminho de volta. Sòmente depois que a canoa se afastou da margem é que a fronte lisa do velho se descarregou.

Ao anoitecer tivemos visita. O número dos suiás era-nos quasi impossível determinar; em todo caso é a aldeia mais habitada que temos visto. 150 almas, entre mulheres, homens e crianças seria contagem sufficiente.

Eles são em média um tanto mais altos que as tribus que conhecemos até agora, mas nenhum atinge 1.70 ; são esbeltos e possuem forte musculatura. A côr da pele é um tanto mais amarelada. A fronte era

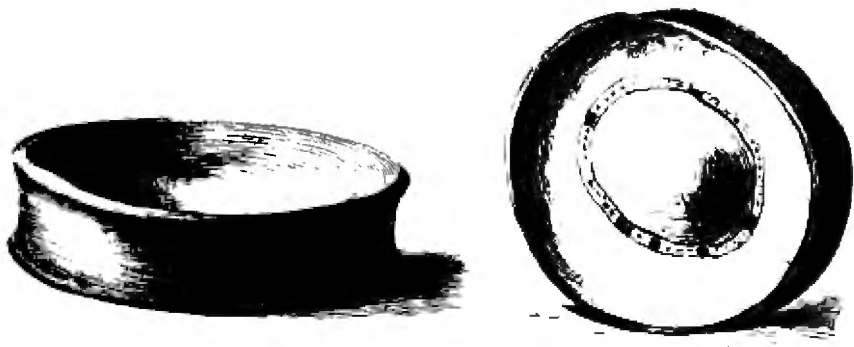


Argola ou enrolamento usado como brinco pelos suiás

alta, mas recuava um pouco. O nariz era estreito, geralmente reto. Olhos apertados, as feições razoáveis — não fosse a deformação, essas fisionomias nada teriam de extraordinário. Alguns têm a parte da frente da cabeça raspada, com o cabelo atrás mais liso que ondulado, amarrado ou solto em confusão pelos ombros. Notamos dois sujeitos que usavam duas madeixas amarelas de algodão, parecendo postiços. Muitos tinham a barba mais crescida, e um possuía fino bigode. Poucos eram os que removiam os pêlos do corpo. Os cílios na maioria eram arrancados. Viam-se muitas cicatrizes pelo corpo.

O "lançó" é uma tira enrolada, semelhante à fita métrica ; tem 7 cms. de diâmetro, a tira propriamente mede 1,5 cms. de largura. É feito com as largas estrias da folha da palmeira bacaba ; as pontas das orelhas, que é onde se usam os "lançós" (homens e mulheres) parecem rasgadas e quando se retira o brinco, que com o tempo as deixa muito esticadas, pendem como rédeas, até quasi às clavículas ; torna-se portanto muito incômodo deixar de usar o "lançó", o que aliás acontece frequentemente ; mas nesse caso elles lançam as tais rédeas por cima do lóbulos das orelhas.

O disco dos lábios ou botoque (1) chama-se "nigacoco" e é adorno exclusivo dos homens. É graciosamente trabalhado em madeira leve como eortixa e tem 7 a 8 cms. de diâmetro por 1,7 cms. de grossura. A partir das extremidades o disco adelgaça-se um pouco, adquirindo assim mais firmeza, quando colocado na boca. A superfície superior e as beiras são pintadas de vermelho, ao passo que a superfície inferior é branca e ornada de um círculo concêntrico de côr preta. O orifício em que é disposto o nigacoco é feito bem debaixo dos lábios, e o peso faz com que o disco cáia em posição horizontal : a pintura vermelha



Botoque dos lábios dos suiás.

das pontas confunde-se com a membrana mucosa da boca. O perfil é bastante curioso. Os dentes incisivos inferiores não possuem a pressão do lábio, e estão entortados, quebrados, ou nem existem mais. Assim também se produz um aumento de saliva, que obriga os suiás a engulfi-la continuamente, motivo pelo qual a conversa deles é interrompida em intervalos regulares por um ruído de quem está a server alguma coisa.

É-lhes impossível pronunciar um *p* puro ; só conseguem um som que paira entre *f* e *h* (2).

1) N. d. T. — Pode-se observar esta peça, assim como muitas outras aqui referidas, no nosso Museu Nacional.

2) Vide Apêndice : Vocabulário Suiá, Modificações fonéticas, IV.

A princípio sorriam, perturbados, quando lhes pedi que tirassem o disco da boca — pareciam embaraçados. Finalmente, um velho, que naturalmente já devia dominar a própria vaidade e pejo, resolveu ceder o seu, obtendo como recompensa um montículo de contas azues. Dessa maneira, todos se animaram a fazer negócio com o rôlo dos lábios. Entretanto, verificamos que o rôlo lhes ficava muito melhor do que quando o retiravam, pois o buraco punha à mostra a mucosa irregular e deformada da parte interna do lábio, ao mesmo tempo que os dentes continuavam visíveis, não deixando de engulir saliva a todo instante. E' bem difficil penetrar-se a alma de uma jovem suiá, quando ela diz ao seu noivo : “Veja, meu caro, você é belo e amável. Seus lábios são como rosas, a verterem mirra.”

Admiramos uma linda orelhinha em que brilhava uma estrela de diamante — o gôsto suiá tende, naturalmente, para o grande formato, pois nada se lhe oferece de gracioso com que pudesse chamar atenção. Em todo caso a tendência fundamental é, em ambos os casos, a mesma. Por que somos tão obstinados e não usamos também um troféu nos lábios? Não era preciso que fosse um pires dourado na boca. Um “nigacoco” não seria mais incômodo durante a conversação do que durante a comida ou ao fumar e ao beber e até protegeria os ávidos, mas... o nigacoco... As mulheres não compreenderão como pude esquecer-me delas.

Na confecção dos enfeites de penas, os suiás são superiores aos outros. Gostam da combinação de vermelho e laranja, usam diademas de penas de arara como também os trançados largos de algodão em toucados redondos. Nos ante-braços, colocam braceadeiras de penas.

Entretanto essas preciosidades não são de uso diário.

As suas clavas de madeira seriba, pesadas, pardo escuras e chatas, de 1,40 de comprimento têm duas incrustações de casca de conchas, como dois olhos. Uma delas tinha o cabo coberto com um trançado preto e amarelo.

Fizeram uma demonstração do manejo de suas flechas, de pontas com bola de resina, cujo centro é envolvido por um caroço de tucum perfurado e aberto dos lados, o que faz com que se produza curioso e nítido tilintar e assobio, quando a flecha voa. Os nossos homens ansiavam por possuir exemplares dessa espécie de flecha. Experimentavam-nas e durante as tentativas provocavam muita hilaridade entre os compadres.

Causou-me grande alegria a conquista de uma peça, a única que vimos alí da mesma espécie, — era um lançador de flecha (palheta ou

estólica) (I), que o dono chamava de “cagolintane” (seria um verbo?). Consistia o instrumento numa varinha redonda, com uma das extremidades virada em fôrma de gancho, de 25 cms. de comprimento; a outra extremidade termina numa chapa de 6 cms. de largo por 14 cms. de comprido, tendo um buraco, pelo qual se mete o dedo indicador, colocando-se a varinha no antebraço; a flecha é levemente dirigida pelos dedos, e sôlta através do gancho (que fica atrás). Dessa maneira ela se lança com muita segurança de direção e com grande velocidade, o que com o simples punho jamais seria possível, visto que o roçar inevitável do cabo na mão produz certa inibição, tirando-lhe portanto a fôrça. (Veja-se a segunda tabela etnográfica).

As flechas providas de lâminas de bambú já foram descritas quando tratei dos trumaís.

As canoas e os remos nada têm de original.

Os machados de pedra distinguem-se pelo tamanho e o pêso. Conquistei uma espécie de cinzel, consistindo num cabo de madeira e um pedaço de osso a êle amarrado.

Os suiás esforçavam-se muito para obter da nossa tripulação dentaduras de piranhas, que aliás eram destacadas para lhes serem oferecidas.

Êles trouxeram também muitas ligas grossas de algodão, usadas sob os joelhos, providas de pingentes, de conchas chocalhantes, assim como também alças de segurar as crianças de peito.

O corpo dêstes índios é ornado de cordões com chapinhas de pedra. Os colares eram muito bonitos, feitos de chapinhas de conchas, quadradas, ligeiramente arqueadas.

As suas flautas, que têm 3 canos, são muito grandes (o maior tem 50 cms.), mas são muito mal feitas e separadas umas das outras. Uma delas, semelhante ao mení bacairí provinha, dos camaiurás.

5 de setembro - 7 hs. da manhã : I 744.6, Sec. 18.8, umid. 18.0, limpo, calmaria, noite fresca, às 3 hs. forte vento E.

2 hs. da tarde : I 745.8, II 736.4, Sec. 36.2, umid. 23.5, cum. 4, SSO 2 - 3, irrad. solar 47.0, vento às 11 hs. ENE.

1) N. da T. — O que v. d. Steinen denomina “Pfeilschleuder” significa rigorosamente “lançador de flechas”. Entretanto, a peça descrita figura no Museu Nacional com as designações “palheta ou estólica = kagolintane”.

9 hs. da noite : I 745.6, II 737.0, Sec. 22.1, umid.
21.1, cirr. c. 2, 7 hs. da noite : relâmpagos e
vento NNE.

Os suiás hoje apareceram muito tarde. Já estávamos a temer que alguma coisa se estivesse passando. Víamos subindo uma fumaça muito grande, ouvíamos sons de flauta um tanto ôcos, mas não havia viv'alma à vista. Quando, finalmente, apareceram, era notável o seu número, parecia que todos os homens da tribo estavam ali e não foi sem desconfiança que os vimos todos providos de flechas, arcos, achas e varapaus. Apesar disso a manhã transcorreu sem novidade e muitos até regressaram para as palhoças. O que desejavam muito era que fôssemos embora. Mostravam o sol, pois logo que êste estivesse no ponto do meio-dia, devíamos partir. Não tinham mais o que comer e ao que parece receavam afastar-se em busca de caça e pesca, enquanto a nossa presença ameaçava a sua aldeia.

Deram-nos um pouco de provisões, mas muito comedidamente. Além da mandioca brava, plantam muito bom e bonito milho, que se distingue pelo pequeno pendão. Plantam também inhame, batatas doces, feijão, tabaco, algodão. Ainda encontramos "mandubí" (1), mangaba, abóbora e castanhas-do-pará que eram trazidas de longe, segundo informaram os suiás, e que tinham um sabor agradável não só para os brasileiros, mas para nós também, lembrando-nos as nossas castanhas.

Os suiás mantêm como prisioneiros dez índios manitsauás, cuja aldeia está situada rio abaixo, num afluyente esquerdo do Xingú e, segundo êles, a 4 dias de viagem daqui. O primeiro d'êsses índios que nos atraíu a atenção foi um homem baixote de aparência semítica, e barba curta, mas muito forte e que, si não tivesse os olhos tão velados e vazios ao mesmo tempo, se poderia dizer muito bonito. Além deles ainda ficamos conhecendo um velho com seus dois filhos, que infelizmente não pudemos deter quasi nada, de modo que me sentí satisfeito em ao menos ter anotado alguns vocábulos da sua língua. O velho tinha uma tonsura já coberta de novos cabelos e muito pouquinha barba. Os três eram magros e fracos. Os cabelos e a tez como a dos bacairís ; um dos rapazes tinha as mãos notavelmente finas e orelhas pequenas, e 15 a 17 anos de idade. Os quatro possuíam o nariz curvo e olhos apertados. Usavam armas, mas nenhum ornamento. Os polidos suiás chamavam-lhes "irmão". Recompensei muito o velho, pedindo-lhe que voltasse no dia

(1) N. da T. — Creio ser amendoim.

seguinte — mas logo depois encontrei os meus presentes nas mãos do outro “irmão”, a quem era obrigado a entregar tudo que recebesse.

Expliquei a êste suiá, mostrando-lhe o sol, que êle e o irmão voltassem no dia seguinte cedo.

Foi com surpresa que vimos chegar, entre 8 e 9 da noite, um pequeno número deles, desarmados e alegres, sem constrangimento. Mostravam a lua, explicando que estavam de acôrdo com o horário, em que se deviam apresentar.

Comecei logo a interrogar o semita e o suiá, continuando a fazer minhas notações linguísticas. Dois dos nossos cães passaram correndo e as palavras que provocaram ao manitsauá deram-nos a conhecer que êles também tinham uma palavra para designar cachorro e que por consequência deviam possuí-los, como o provava a sua alegre exclamação “manitsauá haiugú”. Obtivemos também pelo mesmo meio os adjetivos que designam as côres dos cachorros, pois um era preto e o outro amarelo. Estendemos isso a outros objetos coloridos. Pensei então trazer ao mesmo ponto o suiá alí presente, mas êle não me entendia e pronunciava constantemente apenas os nomes dos objetos, embora o manitsauá, que me compreendia inteiramente, se esforçasse em me ajudar.

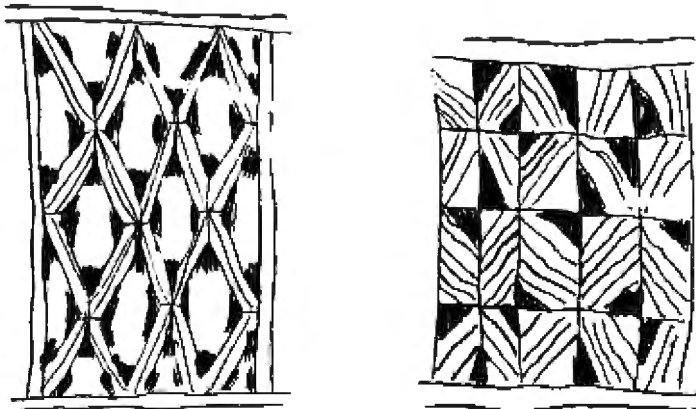
Registrei portanto as palavras mais necessárias dos suiás, mas assim que cheguei ao verbo — Deus meu ! ao mostrar-lhes os atos de comer e beber — os vocábulos saíam tão rápidos e naturais que não pude captá-los e quanto aos outros atos expressos pela minha mímica, como dormir, rir, chorar, correr, eram interpretados como espetáculo, provocando muito riso e o instinto de imitação, mas as palavras mágicas, que solucionariam o meu problema, não se manifestaram. Nossa conversação caminhava rápida. A maior das conversações a respeito da maioria das coisas do céu e da terra só era entremeada com “ni” — isto, “tahahá” — bom, “atá tahahá” — não é bom e “vaiquele” — não compreendo. A expressão “vaiquele” já a ouvira de outro a quem eu me dirigira com uma pergunta, e que ainda mostrava os ouvidos como a querer dizer que ouvia mal. Quando, pouco depois, um grupo de suiás se aproximou de mim com as suas perguntas, respondi-lhes muito sério e com a mímica deles, dizendo “vaiquele, vaiquele”, mas a minha seriedade não os intimidava, pois em suas fisionomias se estampava um misto de espanto, por me verem falar tão bem o suiá, e ao mesmo tempo de malevolência, porque supunham que eu devia saber muito mais ainda. Tudo isso era demonstrado de modo tão franco que me pús a rir alto. Notei que êsse povinho xinguense tanto desconhecia os nossos



inventos e necessidades, em geral, como até as nossas mais elementares pilhérias.

O feiticeiro estrábico também havia tomado parte na reunião linguística. Quando notei que havia esgotado a paciência deles, fechando, portanto, o meu livrinho, êle quis lápis e papel. Então começou a desenhar um ornato de cuiá e para fazer um facão encheu duas páginas, segurando o lápis direito, mas distraidamente levava-o de vez em quando à chama da vela, como se habituára nos manejos da pintura com resina. Quando chegava nos cantos dos losangos, enchia-os com riscos. Era muito aplicado, e, pelo seu crânco pelado na parte da frente, assemelhava-se a um japonês. Contudo a chapa vermelha do lábio não destoava do conjunto.

Wilhelm pôs outro “colega” em atividade, o qual cobriu muitas páginas dêsse livro de esboços com enredados azues e vermelhos.



Desenhos dos suiás

Pouco a pouco iam-se reunindo muitas pessoas diante da nossa tenda. A noite era de lua cheia. O rio reluzia e por cima da decoração negra das árvores iam as nuvenzinhas prateadas. Um velho decadente, de cabeça característica, de onde o cabelo caía até os ombros, pôs-se a contar histórias. Tinha a voz tranquila e clara e uma gesticulação expressiva. Dizia que os trumafís eram os seus inimigos, “trumafí atá tahahá”. Tinham recebido bem um suiá que os visitara e, conforme depreendemos de suas caretas mais tristes, no dia seguinte fora morto. Mas os suiás haveriam de se vingar dos trumafís. Nesse momento interrompemos o velho, pois tínhamos o bálsamo que curaria a sua ferida! Vários dos nossos pularam mostrando-lhes o que haviam feito com os trumafís,

apesar do seu “hú-hú”, arrancando-lhes ainda as suas armas. A história despertou enorme alegria entre os suiás ali presentes, que já haviam notado a presença de arcos e flechas próprios dos trumaís em nosso poder, tendo formado as suas suspeitas.

O velho conhecia os bacairís (1). O “nosso” bacairí Antônio foi apresentado. A mímica do velho parecia dizer: “Vejam só: este, vocês apanharam durante uma invasão naquela tribo e fizeram dele um irmão, hein ?!”

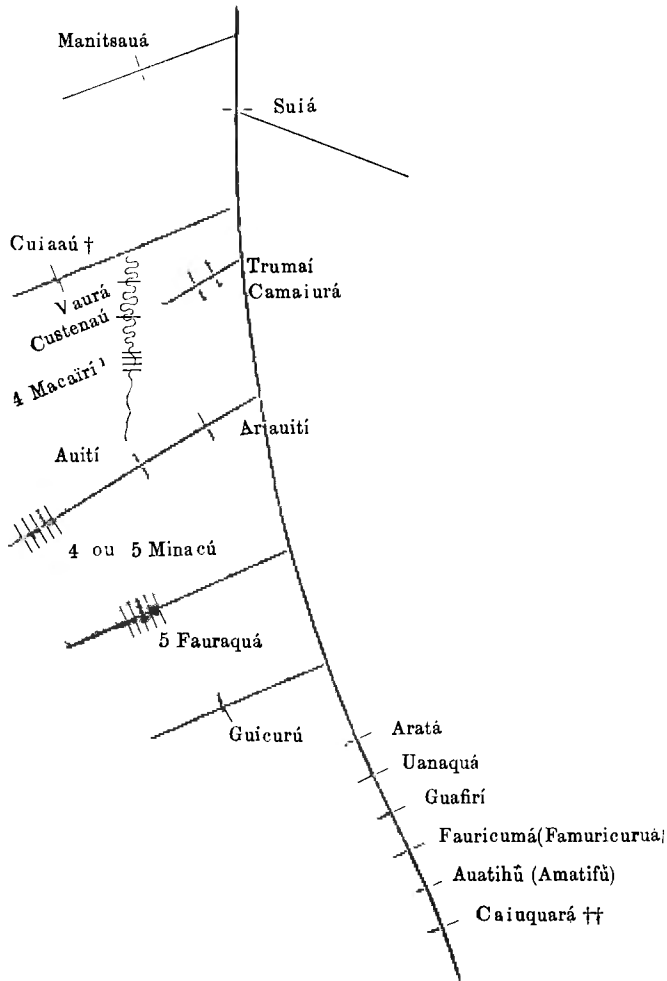
E assim fomos conversando cada vez melhor. O velho começou a compreender o que queríamos saber. *Portanto, pôs-se a citar todas as tribus domiciliadas no alto Xingú.* Para isso desenhava com o dedo na areia, para melhor explicar, o curso do rio. “Miçu” significa rio: suiá-miçu, — bacairí, — custenaú, — vaurá-miçu — e com grande surpresa nossa desenhou o Batoví, o único que representou por iniciativa própria, mostrando um curso justamente igual ao de um saca-rolhas. Cada um dos nomes repetia duas, três vezes; quando uma tribo como a dos minacús, por exemplo, possuía 5 aldeias, dizia cinco vezes a palavra minacú, fazendo 5 riscos na areia, dobrando cada dedo, um após outro, completando cinco. É interessante a circunstância da exatidão de seu desenho com os nomes respectivos.

Não me atrevo a dizer que se possa confiar realmente nesse desenho, acreditando-se que também os afluentes do principal braço do rio Coliseu viessem todos da esquerda. Entretanto como o alto Xingú, conforme podemos antecipar, se aproxima tanto do Araguaí, que nasce mais ao sul, é possível que a bifurcação dos rios Xingú e Araguaí se estenda por ali muito mais próxima ao primeiro. Mas, por ora, isso nos é bastante indiferente, o importante é que uma quantidade não inferior a 13 tribus habita as margens do Coliseu; os últimos nomes fornecidos pelo nosso geógrafo são um tanto incertos em sua ortografia, porque ele já estava com pressa de se ir embora, mas eu li para ele toda a lista de nomes e ele confirmou o que li.

Que sorte tivemos! Justamente onde nos podíamos informar de alguma coisa, isto é, com os bacairís, ali mesmo fomos dar e, assim, a única chave que servia na porta trancada, a senhora Fortuna depôs em nossas mãos. E si tivéssemos entrado no rio Ronuro, que, de acôrdo com os bacairís, possui as peores cachoeiras: quem sabe onde teríamos parado? Si tivéssemos ido mais longe, pelo léste até o Coliseu, muita coisa de interes-

1) Os bacairís. † Cuiuaú-missú. Entretanto, não nos parecia muito segura a existência de uma tribo cuiuaú. †† — Caiaxó? que é o nome com que, segundo os bacairís, os coroás se denominam a si mesmos.

sante nos aguardaria. Aliás essa tarefa seria inexequível para a nossa expedição meio militarizada. Tal propósito só seria realizável com plena liberdade de ação e é muito duvidoso que, então, pudéssemos resolver o problema básico, isto é, atingir o Xingú.



O chefe suiá desenha a região da cabeceira do Xingú

Mas — quais são as condições do baixo-rio?

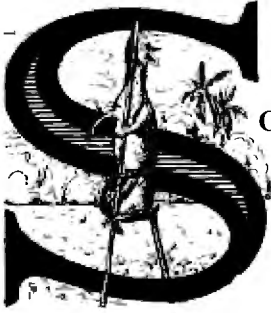
Alí há um “salto”, é certo. Haveria ainda outra aldeia suiá? Ao contrário do que deduzíamos no primeiro dia de nossa chegada aqui, acreditamos agora existir outra aldeia suiá. Esta é a minha única consolação, pois aqui nos constringem de tal maneira a ir embora, que só nos

resta ceder, apesar de me preocupar muito com o prejuízo de não poder fazer as mensurações em vista. Si eu quisesse, no entanto, voltar ao campo, mediante novas mágicas, creio que encontraria pouca tolerância por parte deles; ademais a tripulação já se torna impaciente, visto que os suiás, alegando que não tinham mais comida, só nos ofereciam abóbora.

O nosso muito viajado “geógrafo” suiá já estivera no “Salto”. Disse haver visto muita figueira do outro lado do Salto, tendo fugido por medo. Os suiás diziam só conhecerem os manitsauás residentes num afluente, se é que diziam a verdade. E, hoje, que lhes agradecemos tamanho enriquecimento do nosso saber, não penso mal do bom velho. Demos-lhe como recompensa de suas informações um apito de guarda noturno, cujo som estridente muito lhe agradou: éle ainda nos elogiou vivamente por termos oferecido tantos facões aos suiás. Assim, entre muitos cumprimentos recíprocos, declarando que um e outro eram “tahahá”, séparamo-nos à meia-noite.

Mas, enquanto estávamos a palestrar entre nós, veio um novo grupo (sete homens) às 12 e 30 hs. Queriam desenhar também! Queriam também ganhar algumas facas de cozinha! Qual, meus senhores, tudo se pode exagerar, até o amor à arte. Do mesmo modo polido quão seguro fizemos com que voltassem para casa, mas só a muito custo se retiraram, convidando-me, como há pouco, a acompanhá-los. Ainda mais essa!

O rio entra na serra. Extensões inhabitadas



SOMENTE pelas 11 horas nos afastamos.

6 de setembro — φ 10° 58'.0, λ 50'.5, km. 28.67,
soma 583.02.

7 e 10 hs. da manhã : I 764.4, II
736.4, Sec. 21.1, umid. 20.1, cum.
2, vento = E.

6 e 15 da noite : Sec. 22.2,
umid. 21.6, cum. 8, água 28.1.

Entre 5 e 5 e 30 da tarde — tempestade, chuva forte.

Os suiás furtaram-nos em grande escala. Usavam o sistema astucioso de, durante a mais despreocupada conversação, esconder sorratamente dentro da areia qualquer objeto próximo, enterrando-o com o próprio pé. Demos por falta de um facão, um copo, uma tesoura, um termômetro, uma garrafa cheia de pimenta e dois remos. Após termos desmanchado as barracas, revolvemos a areia, mas só achamos a faca. Quando já estávamos longe, vimos várias canoas com tripulantes aproximarem-se do nosso local de acampamento, onde desembarcaram e começaram a revolver a areia, certamente, com êxito. Talvez o nosso termômetro de fundo já estivesse a essa hora pendurado ao pescoço de alguma criancinha de peito como valioso amuleto.

Muito poucos nos visitaram hoje pela manhã, e êsses, apesar de lhes havermos pedido, não nos trouxeram beijús. As nossas provisões andam em muito más condições. O feijão, que é a única comida que temos, estragou-se com as frequentes molhadelas. Não haveríamos de morrer de fome num rio rico de peixes, mas são perspectivas tristes para o cardápio.

Castro caçou dois mutuns, oferecendo-me um para companheiro de canoa. Um deles é um mutum-“cavalo”, o bico de um vermelho de lacre, todo fanfarrão, tendo na cabeça um penacho balouçante, um tanto parecido com o perú; é tão manso que lembra os pinguíns da Geórgia

do Sul. O outro é um mutum-“pinim” menos belo e com um bico amarelado de ponta preta.

Vêem-se muitas praias, especialmente pelo lado esquerdo. Uma figura estranha, que a princípio supúnhamos ser humana, ao nos aproximarmos vimos tratar-se de um veado, que, sobre duas pernas finas como estacas, a cabeça estendida, uma fita amarrada no corpo, se mantinha erguido, porém ambas as patas cortadas. Parece que levava uma flechada e agora já estava em estado de putrefação. Os suiás, com quem de ha muito não mais discutíamos a respeito de gostos, não comem veado nem carne de tapir: preferem a capivara.

Desde 4 horas, há tempestade ao norte, e sob relâmpagos e trovoadas estamos a apostar corrida de canoa a ver quem chegaria primeiro a uma das praias, e, justamente ao desembarcarmos ali, a primeira chuva nos apanha forte e em cheio: a 30 passos está a floresta protectora. E' com toda a pressa, como si numa estação quisessemos ainda apanhar um trem, que todos nós corremos para ali com a bagagem. Mas a chuva passa logo. Acampamos numa península entre o rio principal e o afluente da esquerda que ali desemboca o “Manitsauá missú”.

Pescamos 1 barbado de 1 m. de comprimento, que tem 1 par de fios de barba na mandíbula superior e 2 pares na inferior. Os repugnantes mosquitos fixaram-se densamente nas paredes da tenda.

Dormimos fóra. Nova chuva até 2 e 30 hs. da madrugada, com vento tempestuoso, cuja intensidade é de 5 a 7. Isso nos obriga a procurar o miserável abrigo de que dispomos.

7 de setembro — ϕ 10° 50' 6, λ 1° 2' 6, km. 27.13, soma 610.15.

7 hs. da manhã: I 745.2, II 737.8, Sec. 19.8, umid.

19.0, str. c. 10, vento E, pelas 12 hs. da noite forte chuva tempestuosa.

5 e 30 hs. da tarde: I 744.8, II 737.6, Sec. 24.6, umid. 22.5, cum. 5, água 27.8.

Dia da Independência — é a maior festa brasileira.

As últimas conservas nos fornecem um almoço solene: Sopa de pó de feijão com extrato de carne, verduras Juliana. Castro preparou uma garrafa de Marasquino para o dia de hoje. Os soldados também são beneficiados com a boa comida.

O rio *Manitsauá*, diante de cuja foz há uma ilhota, corre mais rapidamente que o rio principal e possui uma largura de 150 metros.

O céu está coberto, str. c. 10. Vento norte desagradável produzindo ondas, que começam a agir consideravelmente sobre as nossas canoas. A de Wilhelm parece tomar muita água.

Navegamos bem rentes à margem esquerda. Apanhei alguns pedaços de canga que em várias partes se achavam amontoados em blocos sobre a água. Por baixo cheguei a ver chapas de cantaria vermelha. Barranca de 2 metros. De vez em quando, campo. Um par de ilhas. Frequentemente aparece a ouassú, mas falta o contraste gracioso da peúva. As suas copas costumam ser mais altas do que a floresta que nos rodeia por aquí.

Às 2 hs. da tarde o rio torna a alisar-se, seguindo o seu curso hoje mais para léste. O tempo está chuvoso e há borrachudos.

Às 4 horas nota-se a presença de uma corça (veado catingueiro) nadando e logo começa a caça no meio do rio. Em casos como este não se deve atirar, pois o animalzinho afunda. Então Antônio pegou-o pela pata traseira, proporcionando-nos delicado assado.

Os mosquitos incomodam-nos terrivelmente. Depois das 10 hs. da noite, Sátiro e Valentim reuniram 8 dúzias de ovos de tartaruga; entretanto, os cães comeram-n'os quasi todos durante a noite. De novo dormimos numa praia que fica na foz de um outro afluente.

8 de setembro - φ 10° 36'.1, λ 1° 6'.3, km. 29.06, soma 639.21.

7 e 30 hs. da manhã : I 746.0, II 738.8, Sec. 21.8, umid. 21.4, névoa, vento = E, água - 26.3.

5 e 45 da tarde : I 745.6, II 737.2, Sec. 22.9, umid. 21.9, str. c. 6, água 28.3, às 4 e 50 hs. chuva.

Encontramos um afluente pela direita, de cerca de 150 ms. de largura e logo depois um outro pela esquerda, difícil de se avaliar, mas de cerca de 100 ms. no mínimo. A água do afluente direito é "água preta", isto é, de um pardacento sujo, permanecendo assim, durante certo tempo, nas águas do Xingú que é de um verde-garrafa.

Às 9 horas da manhã, apareceram 5 índios suiás numa canoa. Três deles remavam, enquanto o nosso antigo informante, com uma pena de pavão (larga, preta e extremidade branca) na orelha direita e um rapaz, que me chamara a atenção pelo feitio quadrado do rosto, estavam de pé, olhando em tórno. Na proa ardia um pedaço de lenha, vendo-se ainda dentro da canoa víveres cobertos com folha da chamada banana brava. Deram-nos a entender que costumam ir buscar jatobá para a construção de canoas no afluente da direita.

Grande vista em direção norte. As faixas de florestas em todas as voltas do rio vão passando como bastidores de cenários.

Nossos amigos índios estão a atirar numa lontra. O índio não prepara a sua flecha, colocando-a entre o olho e o alvo. Ele se mantém

de pé, numa atitude invulgarmente pitoresca, segurando o arco e a flecha bem alto por cima da cabeça; exatamente a prumo da direção, a flecha sobe, de acôrdo com a distância necessária, partindo em arco em direção ao alvo.

Logo depois que a lontra subiu à tona, nova flecha vibrou-lhe no tendão, mas a presa fugiu aos caçadores, apesar de perseguirem o animal a meia largura do rio, e de terem sido as flechadas sempre bem lançadas.

A manhã é de sol e muito quente em terra. Brisa suave passa, refrescando. A nossa flotilha está esplêndida assim espalhada sôbre os 800 ms. de largura de água.

Ao meio-dia o tempo está muito mormacento. Às 3 horas percebemos tempestade diante de nós e atrás de nós, sendo que durante o caminho também levamos uma carga d'água.

Remando ao longo da margem, noto, de súbito, por uma exclamação abafada de Valentim, a presença de uma onça, que jaz meio escondida atrás de uma arvore, arregalando os olhos de fogo para nós. Valentim tira logo o envólucro de sua espingarda — mas o seu movimento obriga o animal a levantar-se e virar-se... uma carga de chumbo estourou, mas o bicho sumiu. Valentim está a amaldiçoá-lo terrivelmente! E diz que o negro Chico passara 50 passos mais próximos, sem notar a preciosa presa.

“Então não viste nada, macaco cego?”, grita-lhe Valentim. “Era uma onça preta, não é?” pergunta Chico admirado, “nunca tinha visto uma assim, mas pensei mesmo que fosse”.

Os compadres então a cada 5 e 10 minutos uma melodia singular, como si quisessem avisar da sua presença aos amigos na floresta. Percebemos o seguinte: “Su... yá, wău, mău, wău, ũ... ũ”.

Acampamos na margem direita num arroio que aquí desagúa. O rio está estreito. Medindo de relance deve ter 400 ms. além de 180 ms. de praia.

O Salto ainda se distancia, pelo que sabemos, uns 3 dias; parece que é alí que se encontra a segunda aldeia, e mais adiante, por baixo, deve vir um salto muito maior. Os suiás dormem em redes, nus, e ao ar livre, coisa que deve ser experimentada.

9 de setembro — φ 10° 19'.3, λ 1° 9'.8, km. 38.05, soma 677.26.

7 e 10 da manhã: I 746.2, II 738.6, Sec. 21.3, umid. 20.9, alto c. 9, vento E, água 26.0.

5 e 45 da tarde: I 745.4, II 736.4, Sec. 25.8, Umid. 22.7, cir. s. 6, vento E, água 28.5, em torno ha tempestade.

Toilete matutina dos suiás: Pintam as costas, um ao outro, de vermelho; trata-se de ótimo remédio contra os borrachudos, que succumbem ao óleo da tinta. Em breve as nossas costas e as nossas varas untadas se cobrem de negros cadáveres de moscas.

A correnteza do rio é muito fraca aquí. Vêem-se muitas ilhas. O castanheiro (*bertholetia excelsa*) domina as florestas. Aquí e acolá foram vistos pequenos aligátors (jacarés).

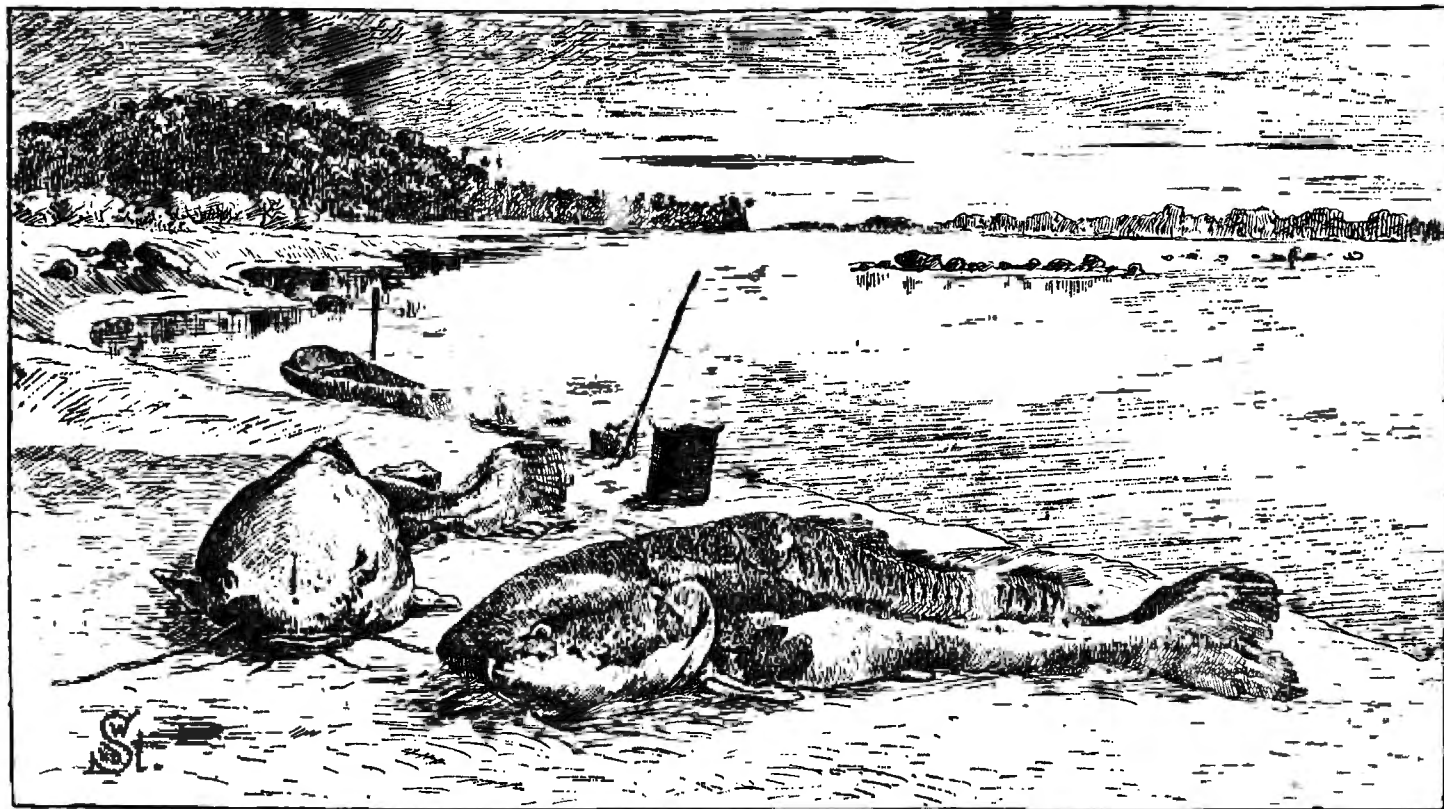
A partir de cêrca de 11 horas, começam a formar-se pequenos cùmulos no horizonte. A água e o ar estão parados, está muito quente, o suor incomoda extraordinariamente os olhos. Um enxame de borrachudos é a fiel comitiva da canoa.

De vez em quando, pela tarde, sopra uma corrente de ar do norte. A direção para lá é muito boa. Ao longe avista-se grande floresta, que logo depois se reduz a pequena encosta de colina. Acampamos em frente a bonito grupo de palmeiras inajá. Com facilidade são apanhadas algumas piranhas, os suiás presentiam-nos com um peixe que “pescaram” a tiro de flecha, chamado “rúbafo” ou “traíra”. Apanharam também um outro peixe, o jacundá, o qual apresenta uma espécie de lábio pendente. A determinação de larguras está produzindo bom resultado.

O chefe suiá torna-se inteiramente gentil. E' com insistência que nos pede renunciar ao plano de navegar rio abaixo. Alega que do outro lado do Salto existe gente má, que os havia visto perto das fogueiras (do que aliás já nos falara, mas sem tocar na gente), que usavam compridas penas nas orelhas e possuíam dardos de flechas do comprimento de um pé (1). Êle mesmo receava conhecê-los de perto. “Ni atá tahahá cué”, é gente ruim, repetia com afinco. E acrescentava que devíamos seguir em companhia dele para atacar os trumaís! Estava simplesmente apaixonado pelo plano de batalha aos trumaís, que desenvolvia do seguinte modo: Nós iríamos com êles e esconder-nos-íamos na floresta e quando os trumaís adormecessem, atacá-los-íamos a tiros. Todos os homens seriam mortos e as mulheres — o valente homem não percebia que não estávamos de acôrdo com êle — e as mulheres seriam distribuídas metade entre nós e metade entre êles, suiás, recebendo cada um de nós mais de uma e depois, retirar-nos-íamos, o nosso grupo e o grupo deles, para casa.

Parece que a civilização tem, também, o seu lado desfavorável, pois não permitiu que nos aproveitássemos de tão “excelescente” proposta . . .

1) Aparentemente uma descrição dos carajás.



Peixes pirarara

10 de setembro — φ 10° 8' 2, λ 1° 7' 5, km. 23.16, soma 700.42.

6 e 15 da manhã : I 745.8, II 738.0, Sec. 21.0,
umid. 20.6, nuvens - E, vento = E, água 27.7,
noite limpa. Esfriamento do sólo mínimo 20.4.

Tivemos outra “aula de geografia”. Os rios foram desenhados na areia e citadas as tribus.

Às 8 horas partimos. Os compadres ficam para trás. Que pressentimento ! Si tivéssemos ficado ainda mais um dia ! Deve-se sempre seguir o primeiro impulso que é o melhor.

9 horas da noite. Vemos um depósito de grandes blocos de pedra cinzenta ao longo da margem, que parecem penetrar como barra para dentro do rio, a 200 ms. de extensão. As águas de côr verde-cinzeno escuro estão tranquilas como as de uma lagoa. À esquerda vê-se uma ilhota ajardinada.

Árvores de angico desnudas, “batúva”, palmeiras graciosas de inajá, de vez em quando um jatobá — estamos a nos aproximar das cachoeiras, de que talvez iremos precisar. A barranca é íngreme e tem 2 ms. de altura.

Cêrca de 1 hora da tarde chegamos a uma bifurcação do rio, um dos braços corria para o oeste, o outro para o norte. Os que iam na frente, e deviam escolher o braço a tomar, sentiram-se de súbito interpelados por uma voz clara e ecoante : dois índios desceram repentinamente da ilha, remando céleres pelo braço oeste a baixo. Na margem norte vimos três canoas. Juntamo-nos seguindo todos para a frente. Debaixo das árvores achava-se uma mulher nua com quatro crianças, e um homem sentado na canoa tinha a atitude de quem está mergulhado numa leitura, coisa bastante improvável, ignorando a nossa presença até o momento em que exclamamos “tahahá”. A mulher e as crianças correram então para dentro do mato aos gritos e chôros. Cinco índios suiás, que se mantiveram escondidos, apareceram, mostrando-se amigos, não consentindo, entretanto, que desembarcássemos. Não sabíamos bem para onde ir, pois ignorávamos onde se achava a aldeia. Dêsse modo seguimos pelo braço norte em direção a uma praia muito longínqua, pertencente a uma ilhota que ficava do lado oposto à reunião dos dois braços. A canoa de Wilhelm e bem assim a minha subiram numa barra de pedra. As três canoas acompanhavam-nos com respeitosa distância, estando os seus tripulantes a conversar ininterruptamente.

Desembarcamos, começando a fazer logo os nossos arranjos. Os suiás mantinham-se afastados e de novo tive que me adiantar para êles,

com os joelhos dentro d'água. Ao que parece estavam avisados da nossa chegada, pois a maneira por que nos exigiram desde logo os facões e as contas o demonstrou cabalmente. Encomendamos-lhes beijús e eles se retiraram.

Vento muito fortê e chuva tempestuosa. Ondas muito fortes. Estávamos contentes por nos acharmos em sêco.

Às 5 horas voltaram os suiás, trazendo-nos, todos, beijús muito mal assados. Alguns resolveram desembarcar. (Entre os que ficavam para trás notamos um manitsauá, também de rosto desgrenhado e olhos míopes). Negociamos um pouco com eles, tendo-se revelado desconfiados.

Ficamos a aguardar coisa melhor para o dia seguinte.

Clementino apanhou sòzinho 4 bagadús, 1 pintado enorme e 16 piranhas.

Braga e Chico estavam com febre alta. Desde 7 de setembro que Irineu também faz parte da cura pelo quinino, de modo que somos agora 8 doentes.

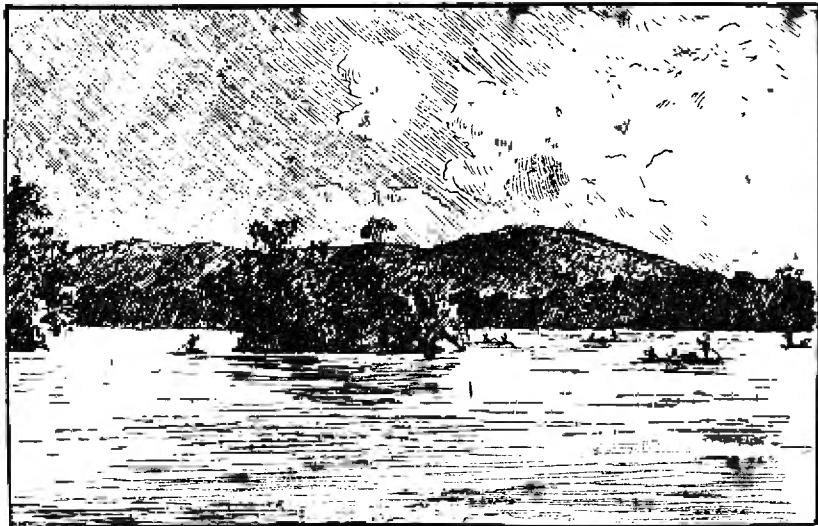
11 de setembro - 7 e 30 da manhã : I 747.2, II 739.4, Sec. 22.1, umid. 21.0, str. e. 9, vento 2.

2 hs. da tarde : I 746.6, II 738.0, Sec. 32.4, umid. 24.8, str. e. 7, vento E.

9 hs. da noite : I 747.0, II 739.6, Sec. 22.2, cir. 5, às 8 hs. da noite tempestade, forte vento éste 3-4.

Vã espera pelos compadres. Às 9 horas da noite ainda ouvimos sons de flautas. Nosso pessoal cozinhava o dia todo, era ininterrupto o chiar e ferver das panelas e sôbre armações gigantescas assavam-se piranhas.

Pelas 4 horas da tarde nós três e mais 4 homens zarpamos a visitar os suiás. Não se via nada na margem, nem homem, nem canoa. Apenas duas palhoças abertas, isto é, formadas por algumas estacas e um teto de folhas, com mutum morto, restos de capivara — agora tudo se esclarecia. Não havia pròpriamente "aldeia", apenas uma caravana de suiás em busca de caça viera até aquí. O velho não mentira. E' verdade que zinda encontraríamos suiás, e a informação que nos dera no primeiro dia de que mais adiante, rio abaixo, não existiam mais suiás também era verdadeira, no sentido de que não havia mais aldeia dêsses índios. Afim de nos certificarmos voltamos pelo braço oéste, onde se estendiam



O rio Xingú penetra na serra

esplêndidas margens de florestas e onde uma parede impenetrável de ramadas entretecidas só raramente deixava ver um tronco liso.

O braço oeste media mais ou menos 550 ms. de largo, o norte 450 ms. de largo. — Pela noite fomos surpreendidos por uma tempestade. Inteiramente molhados, juntamos as redes, indo para a tenda.

12 de setembro — φ $9^{\circ} 57'.5$, λ $1^{\circ} 15'.9$, km. 26.35, soma 726.77.

7 e 10 da manhã : I 748.0, II 739.6, Sec. 22.2, cir. 5, água 28.3, às 2 da madrugada forte chuva.

À noite : I 747.6, II 739.0, Sec. 26.1, umid. 23.9, nuvens de tempestade no O 8, vento 1-2, água 28.9.

Às 7 e 30 hs. partimos. O rio tem de 800 a 900 ms. de largura. A temperatura da água é de 28° . O sinal das marés nas árvores marca no máximo 2, 3 metros. Faz sol e venta.

Estende-se uma serra coberta de verdura, parecendo vir do NE e seguindo para o SO.

Dobramos à direita num braço de rio todo salpicado de pedraria, rio êsse muito raso e que possui numerosas correntes. Entretanto, breve êle se alarga, formando com o braço principal vasta extensão

d'água. Nossa frente está nublada, de modo que teremos algum impedimento sério.

Pela esquerda, o rio se lança, através de ilhotas cobertas de mato ou de capinzais, numa cachoeira íngreme de 3 ms. de profundidade, e alcança depois uma largura de 1200 metros. A serra tem à esquerda 80 ms. de altura, mais ou menos. A essa queda d'água *tão altamente característica, sob o ponto de vista geográfico e etnológico, só podemos dar o nome de "Catarata de Martius"*, em homenagem ao patricio, que ocupa o primeiro plano entre todos os exploradores das coisas brasileiras.

As canoas foram descarregadas e empurradas através do leito baixo e rochoso, indo, muitas vêzes, dar de encontro às pedras, mas tudo correu sem acidente. Meireles e Quintiliano foram com o seu barco afim de passar o Salto onde tinham encontrado um canal, chegando um pouco mais tarde, porém incólumes. Os mosquitos eram agora enormes e gordos.

Tínhamos chegado ali às 10 horas da manhã e às 12 hs. da manhã, quando a última canoa foi empurrada para a frente, continuamos a viagem.

Muitos matrinchans.

Em breve o rio se estreita para 800 ms. O espinhaço, à esquerda, desaparece, dando lugar a matagais e pântanos ao passo que, pela direita, a paisagem é acidentada. Avistamos pela frente uma serra escura e atrás dela outra. Neste ponto o rio faz uma curva para o norte e só mede 400 a 500 metros de largo.

A direção do rio agora tende novamente para léste. Vêem-se palmeiras bacaba, de troncos altos e finos, com frutas verdes. Tucum, buri-ti.

Na pequena praia em que fazemos acampamento, Antônio acha perto de 100 ovos. E' uma linda tarde de sol. Diante de nós e atrás trovejou e choveu. — Chico é acometido de forte acesso de febre.

13 de setembro - φ 9° 47'.5, λ 1° 26'.2, km. 28.04, soma 754.81.

6 e 45 da manhã : I 749.0, II 740.4, Sec. 21.4, umid. 20.9, cir. c. 5°, água 28.5, durante a noite pouca chuva.

6 hs. da noite : I 747.6, II 739.0, Sec. 24.3, umid. 22.3, str. c. 8, água 29.9, às 7 da noite forte tempestade.

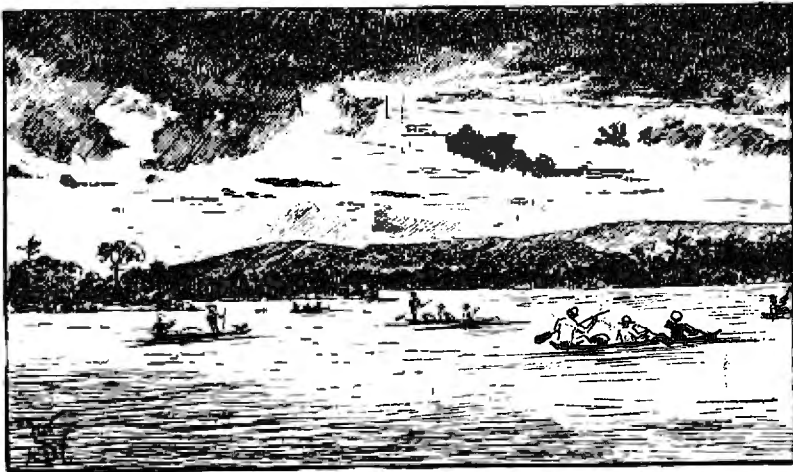
Hoje cedo, às 4 da madrugada, já estavam a acender fogo. Nós nos levantámos às 4 e 45 hs., depois do que comemos mingau de

ovos. Após isso, verificamos satisfeitos que já deixámos atrás o 10° de latitude.

Logo depois das 7 da manhã zarpamos. Encontramos ilhas. Nos pontos mais largos, a massa d'água tem pouco menos de 1 km. e meio.

O pessoal apresenta agora uniformização singular. Camisas? Raros são os que ainda possuem essa peça imprescindível do vestuário; os outros porém as deixaram nas mãos dos índios, os quais não sabem por certo avaliar quantos buracos poderiam figurar numa camisa e ainda se pudesse dizer que é uma camisa.

Alguns têm o corpo nu da cintura para cima e tentam, por meio do óleo dos suiás, proteger-se dos insetos, outros usam a cinzenta capa



Paisagem xinguense

militar desabotoada, pois todos os botões da mesma foram sacrificados afim de serem oferecidos aos compadres, que têm verdadeira paixão por eles. Chapéus? gorros? Qual, também êsses objetos foram muito ambicionados. Chego a distinguir, nas nossas canoas, de acôrdo com o que os homens usam na cabeça, em toucas de penas e diademas de palha, 4 trumais, 1 suiá e 4 bacairís. Vêm-se também panos amarrados na cabeça. Calças? Em parte, e, além de serem de uma perna só, usam-nas arregaçadas até acima dos joelhos. Rasgões por toda parte e, por causa da praga dos mosquitos, são rasgões sensíveis. Estamos na melhor disposição para adotar os costumes índios...

9 horas da manhã. Uma longa barreira de cantaria atravessa o rio agora de 1 km. de largo, tendo à esquerda pequenas ilhas, de onde

fazemos sair assustadas as pombas. Passamos agora às empurradelas, porém sem descarregar as canoas. Em parte caminhamos por terra. Encontrei uma tartaruga, mordida por uma piranha em uma das patas. Duas raias foram trespassadas com as espadas. Seu comprimento máximo era de 75 cms., sendo o dorso de um quasi pardo-negro, o ventre branco, os lados pardo-amarelados. Nenhum espinho. Pequenos matricans beliscavam-nos as pernas, metidas nágua, afim de as proteger dos borrachudos.

O rio tem, para baixo, pelo menos, uma correnteza fraca, e ontem nem vestígio havia dela. Largura de 600 ms. Em ambas as margens pequenos montes de 60 ms. de altura. Durante as chuvas as barreiras deviam submergir completamente.

Corrente mais forte, passagem boa. Um dos barcos tem que ser descarregado.

Campo à direita. Largura 700 ms. Usamos vara até quasi o meio do rio. Profundidade máxima 2,5ms. Grande bando de jacús.

Constante vento fresco do sul. O acampamento é feito num ponto onde o rio mede pouco mais de 300 ms. de largo, numa pequena praia de arcia, cheia de frutas de jatobá. Em menos de meia hora Clementino apanha 24 piranhas ; só precisa tirar o anzol logo depois de mergulhá-lo. Apanhamos também um jabetó (tartaruga do campo), que apresenta manchas redondas e vermelhas na cabeça e quadrados amarelos na couraça ; a couraça do tracajá é escura e côr de marfim, com listas amarelas na cabeça e nas patas.

Um jaú, peixe preto de 80 cms. de comprimento, com fios de barba, é como que envolvido num tecido elástico.

Às 8 horas da noite, forte tempestade. O vento assobiava com grande intensidade contra a parede da tenda. Rugia, estrondeava e trovejava, as ondas quebravam-se, indo até nós. Depois que êsse grandioso concerto acabou, o que levou uma hora, nós três nos lembramos pesarosamente que hoje era o 111.º dia da nossa viagem e nem tínhamos ainda jogado o "scat". As cartas felizmente tinham-se conservado bem no alforge de Wilhelm. Acendemos uma lamparina de álcool e combinámos o jogo para 111 pontos. (Êste foi o primeiro e o último "scat" jogado no Xingú).

14 de setembro - φ 9º 35'.8, λ 1º 34'.5, km. 29.15, soma 783.96.

8 e 30 da manhã : I 749.6, II 741.0, Sec. 25.8,
nuvens - E, vento - E.

4 e 30 da tarde : I 748.0, II 739.2, Sec. 31.2,
Hipsom. 99.135.

10 hs. da noite : I 750.0, Sec. 22.3.

Fizemos 8 lotagens transversais no rio, que agora é de 300 ms. de largo e que, próximo à margem esquerda, apresenta correnteza forte. Profundidade de 6 a 7,50 ms.

Partimos às 8 e 30 da manhã. Encontramos um magoarí (cicônia)

O rio amplia-se, dividindo-se em três braços, dos quais tomamos o do meio, que a princípio tem somente 80 ms. Fundo de intrusões. Rapidez.

Devido às ilhas, a avaliação da largura de rio é muito difícil, mais ou menos de 800 a 900 ms. Após a reunião dos braços, 500 metros.

A direção é na maior parte para léste. O leito do rio apresenta agora grandes blocos cinzentos, amontoados nas praias das ilhas, que são cobertas de campinas. Pouco a pouco, as pedras se espalham sobre o rio todo, formando uma barreira. Os blocos chegam ao tamanho de pequenas casas. Entre os blocos, há areia que serve de alimento a árvores esguias, palmeiras tucum e sará. Margem esquerda : floresta alta ; direita : matagal, predominando praias.

Uma correnteza com pequenas cascatas. Depois que o rio sossega um pouco, torna-se quasi 300 ms. de largo, mas logo se alarga. Muitas corredeiras quando já a 700 ms. de largo.

Pela esquerda aparece uma colina verde em forma de cone, a que se reúne progressivamente uma cadeia de seis cumes mais rasos, fazendo-nos lembrar o Pão de Açúcar. Na proximidade êles se reduzem consideravelmente.

Numerosas borboletas amarelas. Matam-se patos e marrecões. Permitem a gente aproximar-se a poucos passos deles. Estamos, com toda certeza, numa região deshabitada pelos homens. Para que quer o índio essa região montanhosa perto do rio inquieto, si têm outros lugares no alto rio muito mais confortáveis para êle ? As praias são raras. Paramos, antes das 4 da tarde, numa faixa de areia coberta de capim e mato verde. Sinto-me durante todo êste dia muito abatido e com forte dor de cabeça. A eterna piranha repugna-me, aliás já não compreendo como é que se pode comer tal coisa.

15 de setembro - ϕ 9° 38'.9, λ 1° 52'.3, km. 33.21, soma 817.17.

7 hs. da manhã : I 749.4, II 741.8, Sec. 20.6
umid. 20.2, str. c. 10, vento E, água 27.0, de

1 da madrugada até o amanhecer chuva copiosa.

5 hs. da tarde : I 748.0, II 738.4, Sec. 27.2, umid. 25.0, cir. 2, vento - E.

Durante a noite, entre 1 e 5 horas, forte chuva, relâmpagos ao longe, diminuindo, mas se mantendo até às 7 horas. Vento sul.

Clauss mediu o rio e os montes : verifica-se que estivemos subavaliando. Nossa largura de rio, de "700 ms." tem na verdade 900 ms. — uma colina florestal próxima, que avalei em 80 ms., tem 112 ms. de altura. Uma série de 5 cumes alarga-se em 5 léguas e mede 170 ms. de altura.

De novo zarpamos hoje às 9 e 30 horas. Matagais altos, poucas árvores e do tamanho de 16 a 18 ms. Colinas à direita com 70 ms. de alto. Da água emergem depósitos de pedras cinzento-amareladas, atingindo até 2 ms. de altura, na maioria pontudos, de superfícies irregulares e cheios de fendas e asperezas.

Várias pequenas corredeiras provocadas pelos depósitos de pedra e ilhotas. Largura até 1 km. À direita e à esquerda montes de 160 ms. de altura.

Depois desaparecem os montes, os depósitos de pedra não mais se vêem a partir de 1 hora da tarde. Palmeiras não são vistas durante todo o dia.

Nas redondezas de uma ilha, avistam-se novamente blocos, encostas, corcovas e cumes, tudo aglomerado. O rochedo é cinzento, as superfícies das grêtas rebrilham, tendo uma composição muito heterogênea. (V. Apêndice I).

Os depósitos de pedra semelhantes aos de hoje cedo tornam a ser vistos.

Largura 1.100 metros. O centro do rio foi lotado em dois pontos, isto é, 3,5 e 3,75 ms. A direção é cada vez mais para léste.

A canoa está sendo acompanhada por algumas libélulas, de cabeça e peito esverdeados, corpo inferior azul e listas pretas, horizontais.

Num grupo de colinas de 180 ms. de altura dobramos, finalmente, para a esquerda. Aqui encontramos a primeira *seringueira* (cautchú).

Perdemos 4 minutos com a nossa direção léste.

Valentim começava também a queixar-se e pela sua respiração percebi o quanto o cansava o remo. Pela tarde começou a delirar e pareceu-me que eu mesmo estava com febre. Já no acampamento Clauss também estremeceia. Ontem à noite era Sático, hoje pela manhã

Quintiliano — a lista conta atualmente 11 pacientes. E estão a multiplicar-se os descontentes da eterna comida de piranha. O peor é que até a farofa feita com óleo de peixe repugna.

16 de setembro — φ 9° 30'.1, λ 1° 57'.0, km. 20.61, soma 837.78.
8 hs. da manhã: I 750.0, II 741.4, Sec. 24.0,
umid. 21.8, altoc. 10, vento = E, noite clara
e serena.

Clauss sentiu-se hoje de tal maneira que acreditava ter estado de cama três semanas. Durante a noite fiz longos discursos em português. E' com esforço que me obrigo a comer um pedacinho de piranha.

Partimos de manhã às 8 e 30 horas. Largura de rio 1 km. Outra espécie de pedra, vendo-se por fora o sedimento liso e pardacento, sem blocos, cujas chapas se separam por fendas, tendo na maioria a forma de 4 ou mais cantos e arredondados em cima. As grêtas são rosadas e brancas, com quartzo e calcáreas.

Logo depois de partirmos sentí novos estremecimentos de febre com temperatura de 39°,6. Nesse estado não pude mexer-me sinão para molhar a testa a todo instante com a água do rio de 30 graus. Abdômen revolucionado.

Às 2 horas da tarde, forte vento norte. Estou surdo pelo efeito do quinino, de modo que só ouço o Valentim e as ondas próximas. Paramos, porém, às 3 da tarde, por causa de forte vento e ameaça de tempestade.

Os cães pegam uma corça, perto do rio. À noite temos chuva.

Às 8 horas da noite ainda estava com 39° de febre. O humor é alegre como sob o efeito de um espetáculo interessante do "Wallner-theater".

Clauss e Wilhelm estão também enfatiados. Transpiração geral durante a noite. O couro inglês de que é feita a nossa roupa está úmido por fóra.

17 de setembro — φ 9° 17'.2, λ 2° 5'.5, km. 30.48, soma 868.26.
7 e 20 da manhã: I 751.2, II 742.2, Sec. 23.1,
umid. 20.6, cir. c. 7.
6 e 15 da noite: I 749.2, II 740.0, Sec. 28.1,
umid. 23.9, cir. 2, vento - O, de 9 às 2 da tarde
N-NE até 4.

6 horas da manhã. A temperatura desceu para 35°,8. Espero que tenha passado. Nenhum apetite, mas fuma-se com prazer.

O rio tem agora 800 a 900 ms. da largura. Na frente estende-se comprida cadeia de montanhas. Pela direita superfícies rasas, à direita um espinhaço de linhas superiores irregularmente fendidas em parte, mas arredondadas pela vegetação, com a altura de 130 ms.

Pedra rosa amarelada, frequentemente em paralelepípedos, com superfície superior vítrea e de tonalidade clara.

Depois que, desde ante-ontem, nos adiantamos 10 léguas para léste, temos agora melhor direção para o norte.

Há sempre um vasto trecho de floresta, antes que se avistem as montanhas, agora pelo menos de 250 ms. de altitude.

Uma família de capivaras está nas pedras, e ao ver-nos pula dentro da água. Valentim atira em um filhote, que foge para a margem, aos gritinhos. Pega-o com uma flecha, que atira para se divertir.

O nosso acampamento parece já ter sido usado pelos compadres há muito tempo. Encontramos um local de fogueira, três pedras arrumadas e cacos de panelas, que não parecem provir dos suiás, pois são finas, leves e têm as extremidades reviradas, o que não se nota nas panelas daqueles.

O rio sondado da direita para a esquerda, transversalmente, apresenta os seguintes dados : Até 150 ms. — 1 m. de prof.; até 200 ms. — 1,25 ms. de prof.; até 300, 400 ms. — 1,50 ms. prof.; até 450 ms. — 2 ms. prof.; até 550 ms. — 3,50 ms. prof.; até 600 ms. — 4 ms. prof.; até 650 ms. — 5 ms. prof.; até 670 ms. — 4 ms. prof.; até 700 ms. — 5,25 ms. prof.; até 720 ms. — 5 ms. prof.; até 725 ms. — 3 ms. prof.; até 750 ms. — 2,50 ms. prof.; até 800 ms. — 2 ms. prof.; até 850 ms. — 3,50 ms. prof.; até 880, 900, 920 ms. — 3 ms. prof.; até 930 ms. — 0,50 ms. prof.; até 950 ms. — 2 ms. prof.; até cerca de 1.000 ms. — 2, 1, 2, 2, 1, 2, 1 ms. profundidade.

A massa de água é menor do que se pensa; mesmo um pequeno vapor, embora pouco profundo teria muita dificuldade em passar.

Mantive hoje uma conversação mais longa com Castro, em que me vi obrigado a exigir, do ponto de vista médico, que as nossas condições ficassem esclarecidas. A ordem, agora, devia ser *avante!* para aproveitarmos todas as forças e todo o tempo. Antes que alguns de nós peorem, temos que ter a causa ganha. Assim Castro prometeu largar diariamente às 6 horas da manhã.

18 de setembro — ϕ 8° 58'.5, λ 2° 2'.1, km. 41.56, soma 909.82.

6 e 30 da manhã : I 750.0, Sec. 21.0, cir. noite clara, relâmp. a E.

6 hs. da noite : I 749.2, II 740.4, Sec. 24.0, umid. 23.0, str. c. 10, vento = E, água 29.1, pelo meio-dia, forte chuva, de pouca duração.

Alarme às 4 da madrugada. Foi difícil o levantar para muitos.

Às 6 da manhã já seguíamos. Uma das canoas está em tão mau estado que precisa ser abandonada.

Continuamos sempre no scio da região montanhosa, nem rios nem regatos deságuam no rio. Parece que este recebe o aumento de seu volume de águas apenas dos pequeninos arroios que tanto favorecem o terreno por ali.

Muitas voltas. Ao atingir a largura de 500 ms., temos pela esquerda um monte de 200 ms. de alto, com bonitas palmeiras inajás, enquanto a mata inferior é atravessada por taquaras, de tênue folhagem, e por botita colina para se erigir nela uma castelo. Em cima vê-se uma pedraria em parte lisa e rebentada em fôrma de cubos. O rio estreita-se, a lotagem é de 10 metros.

As montanhas tornam-se calvas, 120 a 150 ms.; na mata há muitas árvores desnudas, longas estradas cobertas de lama no rio de águas quasi paradas; na margem depósitos enormes de pedra ressoante, a qual se mostra ora regularmente rebentada na superfície ora amontoada em migalhas. Temos uma longa curva em direção OSO.

Ao meio-dia cai uma batega d'água, todos fogem para debaixo das árvores. "Água pesada", quixam-se agora os remadores.

A região é rica em caça. Wilhelm e eu abatemos um veado, os outros trouxeram três mutuns e dois jacús. Uma cutia grande pintada (*dasyprocta*), gorda como um leitãozinho, fugiu-nos.

Vento norte 3. A água do rio, com a sua constante temperatura de 30°, é mau refresco. Durante a chuva tinha-se a impressão de estar numa gamela. As ondas eram muito altas para as nossas canoas, obrigando algumas em peor estado, a se manterem à capa.

Direção norte regular. As rochas desaparecem. Remamos contra uma passagem pela montanha. "O Amazonas"! exclama o bobo do Valentim. Os montes, de 300 metros de altura, decaem diretamente para o rio, sem intervalos de matas.

Sob ligeira chuva, alcançamos um pedacinho de terreno arenoso, onde fazemos parada.

Castro ficára para trás; o belo cão Maroto, que, durante a forte chuva, saíra a perambular e não voltara, apesar dos nossos chamados e de nossa espera por êle, infelizmente perdera-se. Maroto não era

considerado companheiro útil e muitas vêzes até nos detivera por causa dos frequentes pulos que dava dentro d'água, mas era um belo "Fant", favorito de todos, e, devido às suas agradáveis proezas, com muito prazer o perdoávamos. Certamente logo deixará de existir, pois é pouco hábil em caçar e será esplêndido manjar para uma onça, a quem atrairá pelos próprios latidos.

Estamos no 8.º grau de latitude, a perspectiva futura torna-se mais consoladora.

À noite, graças aos céus, não pescamos nada. Clauss torra um resto de café, que poupamos avaramente, apesar da maioria dêsse produto apodrecer de semana em semana, devendo ser atirado fóra parte dele. Aos homens oferecemos uma garrafa de álcool.

À noite "rugia o jaguar", isto é, do lado oposto da margem ouvia-se sem interrupção um som triste semelhante à voz dos gatos, quasi como o grasnar das rãs nas moitas. Era da onça parda, que possui propriedades muito diferentes da onça pintada, a comum. E' menor, mas supera a pintada, pois domina-a na conquista da fêmea e é preferida por esta. Costuma fugir do homem e dos cães.

Israel é o 13.º a contrair febre e Rufino também está com acesso. Apesar disso é com muito esforço que todas as manhãs consigo que os homens se resolvam a tomar quinino.

19 de setembro — 8° 45'.0, 1° 49'.0, km. 38.06, soma 947.88.

6 hs. da manhã: I 750.8, II 741.8, Sec. 22.0,
umid. 22.0, str. c. 10, SSO 2-3, água 29.0,
desde as 8 hs. da noite de ontem, chuva.

Partimos cedo, às 6 e 30 horas. Parece que já estamos habituados a não tomar café. Eu não pude dormir, Clauss dormia, mas falava alto durante o sono.

Palmeiras seribás, de tronco muito fino, reto e esguio, de côr cinza. Banana brava.

Em uma praia de ilha encontramos estacas que parece terem sido ali usadas no ano passado para colocar redes. São estacas cortadas à faca. Supomos que entre os índios mansos haveria um deles mais "ladino", que estando a serviço de um negociante de borracha no baixo rio, deveria ter chegado até aqui, afim de procurar seringueiras.

À esquerda, montes densamente cobertos de vegetação, de 200 ms. de altura. O rio apresenta largura de 1200 ms.

Coisa desagradável: Um jaguar passou nadando. Infelizmente já era tarde quando dei pela cabeça dele dentro d'água e até Valentim, que tudo sabia ver, não o percebera. Agarramos as nossas armas, a espingarda de Valentim falhou, a minha bala foi bem próximo ao alvo, mas que adiantou? O animal desapareceu na mata próxima.

Ao meio-dia todos nos reunimos na margem esquerda, em tórno de um rancho abandonado e coberto de folhagem. Vemos espetos de peixe. As estacas foram assentadas por meio de machado.

Confesso que contemplei êsses espetos de assar peixe com tanto desprazer, quanto uma vez já contemplei, alegre, os que nos anunciavam os bacairis. Os golpes de machado são visíveis, mas a 8 graus ainda não devíamos esperar os vestígios de civilização próxima...

De novo barreiras e correntezas, blocos de pedra arredondados e em feição de gomos, erguem-se sobre o nível d'água, numa média de 1,50 ms., sendo os mais altos de 3 ms. O rio parece assim fechar-se completamente.

Pela esquerda, colinas de 120 ms. de altura. Largura mínima do rio 1.200 metros.

Somos surpreendidos pela tempestade no meio do rio. As ondas batem pela metade nas canoas e a água entra. Enquanto Valentim rema, encolerizado, para a margem, e em breve já conseguia usar a vara, eu estou a esvaziar a água, também encolerizado. Faltou muito pouco para que naufragássemos, e a carga etnológica, prezadíssimo Herr Prof. Bastian, ficaria sem dúvida perdida.

Não era possível chegarmos até à margem, de modo que nos abrigamos num pedaço de rocha. Outras duas canoas sofreram perigo idêntico, salvando-se da mesma maneira. As outras estavam à capa.

Entretanto, quando nos juntamos novamente, soubemos que alguns dos companheiros tiveram que lutar com grandes dificuldades logo na primeira correnteza que ficava do lado de cá do rancho, quebrando-se o remo de Rufino.

Ficamos toda a tarde próximos de uma fogueira, ocupados em pôr tudo a sêco. Os peixes não queriam morder o anzol. As puvas, única coisa que se conservára, estão acabando. Estamos condenados à caça e à pesca. Só temos pouco sal, que de agora em diante precisamos economisar o mais possível. O negro Manoel está com febre, êle é o 14.º. O seu aspecto inspira compaixão, está abatidíssimo como si fosse morrer, e blasfema de modo incrível.

20 de setembro - φ $8^{\circ} 34'.0$, λ $1^{\circ} 37'.1$, km. 36.70, soma 984.58.

6 e 41 da manhã : I 751.0, II 742.2, Sec. 22.9, umid. 21.8, alto c. 8, S 2, água 27.8, ontem à noite, chuva.

À noite : I 749.4, II 740.4, Sec. 25.4, umid. 23.3, cum. 8, vento - E, água 29.4, à tarde tempest. no O. De 3 às 4 da tarde vento. Não houve chuva.

Clauss está medindo o rio que tem 1.200 ms. de largura.

O dia é lindo. Nuvens em cima dos píncaros. A direção é constantemente para o norte ou recua um pouco para o oeste.

Uma montanha na margem direita, de 20 ms. de altura, com uma vegetação rica, especialmente de inajás, recai diretamente para dentro do rio.

À esquerda nota-se uma abertura larga de cerca de 500 ms. no rio. Será afluente? Será braço? Para além dessa abertura avistam-se muito longe uns espinhaços iluminados pelo sol, de parca vegetação e alguns cumes azuis separados e ainda mais longínquos. Há enormes massas de pedra rosa acinzentada, que também atravessam este lado do rio. Na península oeste vê-se uma praia de areia de media largura.

Quintiliano atingiu, com um tiro, o ôlho de uma onça, que estava na margem. Trata-se espécie cangussú, de pequenos anéis, mais cinzenta que a onça pintada, não muito grande, mas bonita. Procede-se ao esfolamento e a carne é distribuída por três canoas. Pedro matou um jacamim (psophia) que é um pássaro castanho, de cabeça e pescoço negro e aveludado.

Encontramos uma canoa de árvore na margem, grossciramente trabalhada, talvez feita com faca. Está tão cortada e partida que não denota ter sido feita a machado. O seu comprimento é de 4,25 ms.; por dentro tem 31 cms. de largura. Dois remos jaziam ao lado, um parecia ter sido feito às pressas somente para uso imediato, o segundo era uma tábua metida numa haste fendida e amarrada por cima. Os dois prováveis desconhecidos devem apenas ter atravessado o rio. Na água suja do interior da canoa boiava um peixinho morto. (1).

Os montes da esquerda acabam. Pequenas correntezas e mato baixo e entreaberto. A marca da maré é de 1,75 cms. A barranca é de 2,5 ms. O suposto afluente torna a desaguar. Tratava-se de um

1) De acôrdo com o que nos informaram os iurunas, a canoa provinha com certeza dos índios carajás.

braço do rio. Vê-se grande número de seringueiras novas de folhas pequeninas.

Ao meio dia fazemos parada geral em uma grande rocha no centro do rio. Aquí se encontram os destroços de um rancho maior, o teto deve ter ardido.

2 e 50 horas da tarde. Novamente 2 casas numa ilha, mas só há estacas queimadas. Destruição aparente. Numerosos cacos de panelas e garrafas. Encontramos até um pedaço de xícara de porcelana! Vemos também um dardo de flechas queimado. Será que se embriagaram e depois se mataram um ao outro? Em frente avistam-se sôbre as rochas curiosos restos de coberturas de palha, iluminados pelo sol. Ameaçam-nos vento e chuva, mas só temos vento.

Cruzamos o rio — cêrea de 1.200 ms. Meço com a vara de Valentim : os primeiros 1.000 ms. : 1 até 1,25 ms., os últimos 200 ms. : 3, 3 e 25, 2, 2, 3, 2, 1 e 25 ms. — isto constitue toda a profundidade.

Alguns dos nossos informam ter visto uma pequena plantação abandonada, de bananas e milho.

Os indícios aumentam — novos acontecimentos em vista.

Wilhelm torna-se o paciente número 15. Está arfando no delírio do quinino, como si tivesse sido submetido à operação das arcadas do ouvido interno.

A carne da onça é gordurosa como a do porco. Creio que a couve vermelha combinaria muito bem com as costeletas. Ah, si tivéssemos pelo menos os beijús! Castro não se resolve a tomar parte na nossa refeição de gala, pelo que procuro consolá-lo com o exemplo de Céres, embora prosaicamente traduzido :

Aber schaudernd mit Entsetzen
Wendet sie sich weg und spricht :
“Blut’ge Tigermahle netzen
Eines Gottes Lippen nicht.” (2).

2) N. da T. — Mais ou menos isto : — “Mas, arripiada de horror,
Ela se volta e diz :
“De tigres sangrentos repastos
Não provam os lábios de um Deus”.

Os iurunas. Viagem até Piranhaquara



MA canoa estranha à vista! A alegria se apodera de todos. Nessas ocasiões é que se pode saber como é possível remar depressa. Uma canoa, mais outra e mais outra estão a afastar-se da margem, tripuladas por alguns índios nus.

Gritamos para êles um alegre “Bom dia” e no mesmo tom ouve-se a resposta “Bom dia, camarada”: “*Iuruna, iuruna*”.

Bom dia, camarada! Oh, boas almas que frequentais o teatro, que tantas vezes tivestes o coração apertado diante do sofrimento do herói e que ao vê-lo, enfim, no último ato, recompensado pelo amor, começais a amarfanhar nervosamente o lenço, vós compreendereis o nosso estado dalma naquela ocasião. Também nossos dedos e braços tiuham ímpetos de enlaçar, encantados, êsses legítimos filhos das selvas, cujo “Bom dia, camarada” nos tirava verdadeiros pesos do coração.

O cacique chama-se José e é com êle que iniciamos uma corrida de perguntas e respostas. O seu português é suficiente para o entendimento fundamental. “E’ êste o rio Xingú?”, pergunta o pessoal que sabe admirar a nossa aparelhagem científica, mas confiando muito pouco nos seus efeitos. E’ lamentável que José jamais tenha ouvido falar em rio Xingú. “Ainda há muitas cachoeiras daqui em diante?” José lança um olhar de comiserção para os nossos barcos, apalpa-os e diz: “Não prêta, camarada”, isto é, “não valem nada, meu amigo”.

Êle se satisfaz inteiramente com a informação que lhe damos de estar viajando desde Cuiabá e procura não esquecer o nome da cidade. Parece interessado em saber si não nos encontramos, durante o caminho, com índios carajás. Conta-nos que os carajás são inimigos dos iurunas, foram os carajás que atcaram fogo aos ranchos que vimos destruídos.

José queria ainda saber que espécie de gente havia mais acima. Além dos carajás, que residem entre os territórios dos rios Xingú e Araguaí, êle não conhecia nenhuma tribu do Alto Xingú. Os suiás eram-lhe

completamente estranhos, quanto aos trumais, bacairis — jamais o ouvido de um iuruna ouvira falar em tal. Esse fato foi claramente estabelecido, para não haver dúvida alguma. Vimos, mais tarde, confirmado o que nos diziam, pela maneira com que examinavam os nossos troféus. Em relação às armas e aos objetos de adorno dos índios do Alto Xingú, trazidos por nós, os iurunas declararam vê-los pela primeira vez e não saberem quem os fizera.

Entrementes, alcançamos a aldeia, navegando para baixo. Esta situava-se no centro do rio, sôbre dois pequenos depósitos de rochas, dos quais um distava 300 ms. da praia e o outro 500 ms. No primeiro encontravam-se duas palhoças maiores e uma menor. Na segunda 5 pequenas e ainda outras separadas, em parte, pela água.

Eram uns miseráveis ranchos, com um espaço interno de 4 por 3 ms. cada um. Uma porção de pedras de cantaria, irregulares, fórma o chão da casa. Imediatamente sôbre o espelho do rio, no máximo à altura de um pé, ergue-se a habitação, semelhante a um curral. O resto do rochedo é dominado por uma turma de animais barulhentos. O coatá (*paniscus ateles*), um macaco grande que, em virtude de seus membros longos e ressequidos é denominado, não sem razão, de macaco-aranha, observa, cada vez mais indignado, o estranho visitante que dele se aproxima. É, rápido como o pensamento, trepa na cumicira do rancho, fica ali empertigado, com o rabo virado até o alto da cabeça como um sinal de interrogação, com o pescoço prende um forte varapau, que segura ainda com uma das mãos, acenando com a outra, num forte protesto, resmungando e rangendo os dentes, ansioso — mas não consegue articular palavras como seria preciso, para exprimir o nosso atrevimento — apenas berra e resmunga ameaçadoramente diante da estranha visita. Macacos pequenos estão a dansar, perturbados, em volta das estacas a que estão atados e quasi se estrangulam na corda. As araras soltam guinchos, os papagaios entram com seus argumentos, um porco do mato grunhe, socós de côr castanha, de bicos pretos, longos e largos, passeiam, muito sérios, em atitude de mestre-escola, galinhas estão a esvoaçar, galos cacarejam, horroroso mastim declara, sob tremendos ladridos dos seus companheiros de raça, que nos seguem, inimizade de vida e morte — enfim o lar dos iurunas é um admirável barracão de feira.

Ademais, nada vemos ou ouvimos, pois estamos comendo. Nesta nossa viagem, frequentemente nos exprobramos, um ao outro, a importância que dávamos à alimentação do estômago, mas si os deuses se deleitam em suas viagens, com comidas e bebidas que lhes oferecem Filemon e Baucis, si os anjos que visitam Abraão e Sara, chegam a comer

um delicado vitelo e bolo de flor de farinha em tripla medida, então nós, pobres humanos, nos podemos justificar por comermos agora bananas, após uma abstinência de várias meses, com verdadeiro deleite !

Acresce que esta delicada fruta é o símbolo da civilização, pois no momento em que tornamos a provar bananas (1) saímos da época pre-européia e entramos no moderno período da história sul-americana

Abrimos as nossas barracas sobre uma bela praia de areia, iniciando, alegres, as nossas habituais e sérias negociações com os compadres, a quem visitavamos constantemente, em seus ninhos, nos rochedos.



Acampamento diante da aldeia iuruna

O número dos irunas ia, mais ou menos, até 30, isto é, 12 homens, 12 mulheres e talvez 6 crianças.

Uma mulher e um homem eram totalmente surdos.

A cobertura dos ranchos era unida e bem trabalhada, ao passo que as paredes mal acabadas. Durante o período chuvoso, os moradores são obrigados a mudar-se para as rochas mais altamente situadas ou para as margens.

Acresce que esse povinho nem ao menos é ictiófago. As suas guerrilhas com os carajás e, muito antes ainda, com os tucunapéuas, mantidas, talvez, desde tempos imemoriais explica o que os levou a escolher tão singular localização para suas moradas. E' que assim procuram abrigar-se de ataques imprevistos.

1) Vide Capítulo XXIII, O consumo da banana.

Tem-se a impressão de que os iurunas, desde algumas gerações, afim de preservarem a sua liberdade, estejam em vias de imigrar para o alto rio.

Nos séculos XVII e XVIII êles constituíram objetivo principal de catequese das missões do baixo rio. O Príncipe Adalbert encontrou-os concentrados a 3 graus e no início do 4.º grau, mas o fato de os localizarmos a 8º de latitude era muito surpreendente.

E, visto que toda essa aldeia enjeitada não se caracteriza pela ordem e asseio, de que tanto elogia os iurunas o Príncipe Adalbert, o que não podemos confirmar, o fato de nada saberem os indígenas a respeito do curso superior do rio, quasi demonstra que os iurunas desejam ir para o sul, afim de se livrarem da civilização. Tendo alcançado o ponto mais ao sul, retraíram-se, conforme verificamos, um pouco mais para longe dos carajás.

Na zona montanhosa da catarata de Martius, que vai até 8 graus de latitude e separa os habitantes do curso médio das tribus situadas nas fontes — ainda que percorrida pelas hordas de índios inferiores — não existem atualmente índios fixamente domiciliados.

Conseguí medir 3 homens e 2 mulheres. Possuíam estatura muito baixa, sendo que todas as mulheres eram mais baixas por meia cabeça que os homens. A tez, de um misto de tonalidade cinza-violeta.

As mulheres distinguíam-se pelos bonitos e pés mãos. A esposa favorita de José tinha um pézinho de 198 mms. de comprimento.

O nariz é curvo, alargando-se muito, em baixo. A abertura do olho é regular, a pálpebra superior proeminente. As sobrancelhas e cabelos das fontes raspados. Os cílios são afastados de modo brutal, pois colocam-n'os sôbre um fio de tucum, depois do que são pégos e arrancados de um golpe. Os homens têm o cabelo preto e comprido até quasi a cintura, que as mulheres repartem cuidadosamente, trançando-o e enrolando-o atrás. Na frente, na base da testa vê-se uma manchinha rosada e musgosa do tamanho de uma moeda de 5 Pf. que afirmam ser polen da banana brava. O penteado das mulheres é igual ao dos homens, só que elas não usam trançá-lo, apenas o enrolam, quando não o deixam sôlto, num coque frouxo.

Bigode e barba muito escassos. Os homens têm a ponta da orelha perfurada.

Costumavam passar um óleo para proteger-se contra as pequenas moscas (carapanás). Não se via pintura artistica nos corpos masculinos ao passo que algumas mulheres usavam um risco vertical preto no centro do corpo.

O melhor adôrno dos iurunas são as “missangas”. Homens e mulheres usam grossos colares no pescoço, as crianças de peito estão mesmo carregadas de enfeites no pescoço. O elemento masculino usa um cinto que não pode ser retirado. O corpo acha-se apertado em uma espécie de largo anel de couraça, de onde as fôrmas de trás e da frente parecem saltar para fóra. O índio prefere, aliás, revelando verdadeiro gôsto, as contas azues, que contrastam lindamente com a sua pele, a todas as outras côres — é um traje reduzido, mas elegante. (1) Para usar em tôrno do antebraço e por cima dos tornozelos, a mulher tece, acocorada no chão, uma faixa de algodão de 3 a 4 dedos de largura, para o marido que está sentado em sua volutuosa rede. Muitas mulheres também usam essas braçadeiras e ligas.

O elemento feminino envolve os quadrís com um pano cinzento tecido por êle, que vai até quasi aos pés, ficando negligentemente entreaberto num dos lados, de modo que se pode contemplar sem constrangimento a pintura da perna. Uma das mulheres tinha os antebraços e as canelas pintadas com tinta preta de genipapo, e, por baixo do joelho, na barriga da perna uma superfície redonda, ornada de círculos concêntricos. Uma risca lateral prolongava-se até a frente da coxa, pintada em fôrma de disco.

Eram das mais carinhosas as relações entre os casais, pelo menos a do marido e da mulher mais moça. O tuchaua (em tupí: tuxaua = chefe, cacique) José possuía, conforme alegava, 3 mulheres. A mais moça, muito linda, de corpo invulgarmente bonito e flexível, com uma carinha muito apaixonada, não se separava dele. Pareciam um par de periquitos. “Esta mulher está boa”, exprimia-se o tirano, não sem razão. Essa mulher seguia-o por toda parte, passo por passo, como um cachorrinho. A um dos iurunas, pouco mais corpulento, de cabelo já um tanto grisalho, rosto muito largo e pacato, nós chamávamos “o cura”. Êle costumava ir por toda parte com o seu tacape, como si fosse uma bengala, e até entrava assim em nosso alojamento. Sua decrepita mulher também o acompanhava para qualquer parte. Si o “senhor cura” se sentava, “sua senhora” também se acocorava alí perto e nunca o “reverendo” bebia o nosso álcool sem que olhasse a mulher e a obrigasse a sorver o precioso resto, pouco se importando com as caretas que ela fazia.

1) Yurunae peni imponunt “pileolum” aridis palmae foliis factum, qui altitudinem et diametrum duarum inferiorum phalangum digiti minimi fere aequat. Quo pileolo directe e scroto urgente corpora cavernosa in scrotum reprimuntur, ita ut tumoris instar inflatur. Penis autem externi plane nihil extra pileolum apparet. Atque cum urethra prorsus conclusa sit, insecta intrare non possunt.

Achamos êsses iurunas, que há séculos foram acusados de antropófagos, muito amáveis. Infelizmente eram um tanto inacessíveis em relação ao comércio de trocas, porque, pobres de nós, não nos impúnhamos a êles pelas nossas espingardas, nossos machados, nossas facas, nossos quiles de contas, enfim com os nossos tesouros. Riam-se muito. Não sabiam roubar e até nos ajudavam a trabalhar.

O interior dos seus ranchos exíguos era desagradável. Em todos êles estavam atravessadas uma porção de vigas formando o chão. Colocando-me de pé sobre as mesmas eu podia observar os seus utensílios de toda sorte ali guardados, como arcs, flechas, algodão, provisões. Além de mandioca, milho e bananas, encontramos batatas, carás, mamonas, frutos da oauassú e outros frutos de palmeiras. Usavam, outrossim, uma bebida embriagadora, o cachirí (em geral essa preparação denomina-se como, por exemplo, nas Guianas, pajaurú), que é um caldo feito com farinha, ao qual se adiciona massa de mandioca, previamente mastigada pelas mulheres e que entra em fermentação.

“Und auf den Tisch kommt vorgegessen Brot” (1), queixa-se o Marechal, no Fausto. Uma sopa horrível, que não só era ácida de gosto como provocava acidez no estômago. Os soldados estavam ansiosos pelo cachirí e nós, embora nos desprezando um ao outro, por causa disso, bebíamos outro tanto. Em todo caso a cabeça aguentava mais que o estômago, que já começava a protestar com sinais evidentes de descontentamento, pois não conseguia iniciar a digestão . . .

A aldeia era pobre. Não queriam ceder-nos as suas redes, do mesmo tecido que a tanga usada pelas mulheres. Foi com muito esforço que arranjei um pedaço de pano, para dentro do qual os adultos se puseram a soprar, um por um, antes de mo entregarem.

Vimos algumas coifas só de penas verdes. As penas vermelhas de arara constituíam adorno das orelhas e eram guardadas num estojo que, por sua vez, era guarnecido de pequeninas penas de mutum (2). Havia um arco de penas, oriundo dos carajás em que cada pena era, na maior parte, estreitamente envolvida por um fio. Uma pequena cuia de óleo, redonda e amarela tinha um desenho de linhas gregas, de côr preta.

Os arcs das flechas têm 4 lados, de côr pardo-escuro, com pouco mais de 2 ms. de comprimento. As flechas são de “cambaiuva”, que é

1) N. da T — “Und auf den Tisch kommt vorgegessen Brot”, passagem da segunda parte do Fausto, 1.º ato. (V. “Goethes Werke”, public. por Karl Alt. 5. Teil, pg. 139) — E para a mesa vêm restos de pão —

2) V. o primeiro Quadro Etnográfico.

uma canazinha leve e dura, adornadas de penas bonitas e coloridas e de ossos pontudos, ou de lâminas de bambú. Há ainda pesados tacapes castanho-escuros, de 1,35 ms. de comprimento, muito bem cancelados, objeto de origem carajá (3).

Os remos têm uma fôrma de muleta chanfrada. Rema-se com uma das mãos na "muleta", enquanto a outra segura o cabo. A pá do remo é semelhante a uma folha de árvore, que dentro dágua exige fôrça. Encontrei até um exemplar com desenhos de linhas simples. (Cabo — 62 cms., pá — 83 cms. de comprimento).

A "ubá" não é uma canoa de casca e sim de um tronco de cedro, que é escavado a fogo e com o auxílio do machado. Nas canoas maiores cabiam fãcilmente 10 pessoas, sem carga.

Na frente e atrás, ficava uma taboinha de pisar, horizontal.

Medí as canoas que nos trouxeram até aquí. A flotilha era constituída por exemplares de canoas bacairís, trumaís e suiás, exceto uma das que nós mesmos fizemos no rio Batoví. Eis as medidas empregadas na arquitetura naval dèsses índios :

CANOAS	COMPR. ms.	LARG. NO CENTRO		FUNDO cms.	LARG. ATRÁS cms.	ESPESS. CASCA mms.
		em cima cms.	em baixo cms.			
Nossa (do Batoví)	6,70	70	56	27,5	67	37
Bacairí.	8	64	56	24	63	11-21
Trumaí.	7,70	53	39	27	57	16
Suiá.	9	65	54	33	59	19

A ubá dos iurunas : Compr. 10,60 ms., largura máxima, 95 cms., fundo, 39 cms., espessura 25 mms. Piso da frente : 1 m. de comprimento por 90 cms. de largura. Piso de trás : 57 cms. de comprimento por 44 cms. de largura.

Deixamos todas as nossas canoas e obtivemos 6 ubás para a continuação da viagem. Elas são, em parte, recobertas de "japá", que é uma esteira grosseira, ou de ordens de folhas de palmeira superpostas, afim de proteger a carga. O comércio aquí deu-nos muito trabalho.

3) V. o segundo Quadro Etnográfico.

As nossas “jóias” não mereciam a indulgência dos iurunas. O que eles queriam eram espingardas, pólvora, chumbo, peças do vestuário, etc. e ofereciam-nos ubás, que, além de não serem das melhores, ainda tinham que ser reparadas.

Compramos farinha e bananas e adquirimos uma coleção inteira de animais, pois os soldados acreditavam poder vendê-los, com lucro, no Pará.

Obtive um coatá fêmea, que foi batizado com o nome de “Iuruna”. Era um bicho intratável que, por várias vezes, me escapára, indo, ato contínuo, ter com as índias, deitando-se junto delas. As araras eram de penas verde-amarelas, sendo a cabeça, o peito e a cauda vermelhos. Entre os papagaios encontramos uma espécie curiosa, do tamanho das pombas, tendo a cabeça cinza-clara — é o “papagaio-leque” (*psittacus s. pionias accipitrinus*), o chamado anacá ou anacú. Esse papagaio possui uma crista de penas azul-vermelho-carmim que, quando excitado, costuma abrir em leque. O peito, o ventre e o pescoço, são pretos, as asas e a cauda esmeraldinas, com algumas extremidades preto-azuladas. O anacú é invulgarmente manso e pronuncia “anacú” com a voz melódica e cariciosa de uma jovem. Pequenos periquitos, galinhas, “macaco-capuchinho”, um macaco noturno de grandes olhos como lanternas. E no meio de tudo, o estranho disfarce dos soldados constituído de grossos mólhcs de flechas, que aparecem dentro do abrigo de palha. Será, na verdade, um cortejo de carnaval sôbre as águas do rio.

Passamos 3 dias na aldeia de José. O correto tuchaua estava constantemente de bom humor. Seu ideal era beber, com a mulherzinha ao lado, e cantar. Certamente não admitia o perigo de permanecer tolo para o resto da vida. Infelizmente só gostava de cantar em português e na segunda noite de nossa permanência achava-se êle na mais venturosa das dispozições, provocada pelo cachirí, pedindo-nos: “Canta, camarada”. Deleitara-se um tanto demais com a bebida, de modo que cambaleava, apciado na esposa, em direção à ubá e até altas horas da noite ouvimos na ilha os seus fraseados ruidosos, feitos em português.

Na última noite, tentamos acender os fogos que nos restavam e, de fato, um par deles se havia conservado bem, pelo que os fizemos crepitar sôbre o rio.

21 de setembro — φ 8° 33'.3, λ 1° 31'.6, km. 10.34, soma 994.92,
6 e 15 da manhã: I 749.0, II 741.6, Sec. 20.0,
umid. 19.5, A éste nuvens de névoa 1, vento
— E. Muito orvalho. A noite francamente

limpa. Ao sul, às 10 da noite relâmpagos
Água 28.1.

3 hs. da tarde : Tempestade ao N, forte vento N.
Não vem chuva.

22 de setembro — 7 hs. da manhã : I 748.8, II 740.8, Sec. 22.1,
umid. 21.6, nuvens profundas perto da água 8,
vento = E. A noite é limpa, mais tarde tem-
pestade no S, água 28.8.

2 hs. da tarde : I 747.8, Sec. 33.7, Cum. em volta
do horizonte 2.

4 e 30 da tarde : II 738.0, Sec. 34.0, 5 hs. da
tarde vento norte.

9 hs. da noite : I 748.2, II 739.8, Sec. 25.4, nu-
vens = E, vento = E.

23 de setembro — 7 hs. da manhã : I 749.0, II 740.2, Sec. 24.0,
nuvens em penacho 3°, vento oeste 2, noite
limpa. Pela manhã altocum. 10.

24 de setembro — φ 8° 15'.1, λ 1° 25'.5, km. 40.55, soma 1035.47.
6 e 15 da manhã : I 749.6, II 740.8, Sec. 23.0,
str. c. 10, vento = E. À noite e pela manhã
chuva fraca.

À noite : I 748.2, II 739.6, Sec. 25.4, str. c. 10,
E 1 2, água 31.0, Até o meio-dia limpo,
muito quente. De 2 às 3 da tarde chuva co-
piosa.

A distribuição das nossas 20 pessoas pelas ubás fez-se assim :

Ubá I — com 2 tripulantes.

Ubá II — com 3 tripulantes.

Ubá III — com 4 tripulantes.

Ubá IV — com 5 tripulantes.

Ubá V — com 6 tripulantes.

E' clássico o aspecto da ubá V, que denominamos "o barco dos pira-
tas selvagens". Na frente estão de pé, um atrás do outro, o Braga, com-
pletamente maltrapilho, o sub-oficial Norberto, vestido de calça de pele
de veado, feita por êle mesmo, a que prendera o estojo de osso apanha-
do a meio caminho, e Chico, o homem-macaco que a todo instante desper-
ta a minha atenção para a sua semelhança com o "Turuna" aquí, das per-
nas finas. Seguem-se três cães curiosos: Leão, o molosso, Tarugo, o diabo

preto, Mata Grande, o cãozinho fraldiqueiro de Braga. Depois, sôbre o telhadinho de palha, passcia um pequeno "macaco capuchinho", semelhante a um esquilo, fazendo caretas, franzindo a testa e a escapar-se de vez em quando. Outro papagaio atolecimado, cuja cabeça é de penas azul-celestes; uma arara inquieta e de côres berrantes balanceia-se. Atrás do japá está, também de pé, o negro conversador Meireles e no último canto está a vítima de suas pirraças, o Corneta, que dirige o leme e que nada lhe fica a dever em respostas, as quais entremeia de canções. Traz na cabeleira crespa e embaraçada o toucado de penas já bastante sujo.

Não deixa de ser interessante também a ubá em que vai Castro, tripulada por 6 figuras intrépidas, sendo que, do telhadinho, estão a espiar várias galinhas brancas ao lado de outros tantos periquitos.

Em virtude do castigo regular a que submetí a minha "Iuruna", isto é, de dar-lhe umas palmadas, tornou-se ela mais paciente. Está amarrada ao meu lado na beira do barco, tendo a longa cauda grudada, em qualquer ponto de apôio bem longe dali, parecendo remar. Leva quartos de hora a agitar, muito atarefada, os dois bracinhos no ar, ao mesmo tempo que puxa e afasta um remo imaginário. Ao mexer com ela, fitame admirada, com a velha cara branca e de um salto está do outro lado, onde recomeça ansiosa a sua atividade.

De vez em quando, para se fortificar, ela toma um gole d'água no rio, que apanha nas mãos, na onda mais alta. Alem do mais, tem manciaras educadas, pois sabe distinguir exatamente o que se faz dentro e o que se faz fóra do barco . . .

E' agradável vê-la remar para mim. Antônio sentado em frente mancja o remo com tal fôrça e resistência, que perdí toda a coragem de ajudá-lo com o meu trabalho fraco em relação ao dele.

Atendendo o desejo do chefe, um barco iuruna nos acompanha, pois quando nos despedíamos, hoje cedo, de José, êste exclamou rindo: "Tem cachoeira, tudo morre lá" e em breve o apressado compadre Pedro nos alcançava.

O compadre Pedro tinha, assim, ensejo de visitar seus parentes, sob a nossa proteção contra os carajás, enquanto êle nos protegeria das temíveis correntezas.

Segue êle junto à mulher, à filha e ao sogro. Pedro rema, a mulher e a filhinha abrigam-se sob a cobertura arredondada de japá, enquanto o sogro segura o leme. Em cima de uma vara que se ergue do lado da beira da canoa, está um papagaio apanhando sol, numa outra acocoram-se 3 passageiros, isto é, 3 periquitos de aspecto muito sério e bem na frente



está a fazer ginástica um coatí mundéu (*nasua solitária*), que é um animalzinho raro e invulgarmente ágil. Distingue-se pelo focinho em fórma de ferrão, que costuma meter nágua e com o qual tudo remexa, apanha e revolve.

Os morros têm cêrca de 200 ms. de altura, o rio 1 km. de largura e 3 ms. de profundidade no centro. O leito é de cantaria que aparece aquí e acolá, em grandes amontoados pelo rio, de côr preto-cinzenta na superfície superior e de côr rosa nas gretas. Muitas pequenas corredeiras.

Em virtude do calor que faz pela irradiação directa, pois o sol agora só passa 7° do zenit, fazemos uma pausa de 12 e 30 hs. até 1 e 30.

Vêem-se grandes ilhas e muitas barreiras, que oferecem oportunidade às corredeiras e obrigam-nos, frequentemente, a recuar da direcção retilínea.

Tucuns, inajás e as primeiras palmeiras assaís (*euterpe*).

Por aquí deve ter desaguado um afluentezinho pela esquerda, mais ou menos do tamanho do Batoví. Talvez se trate do ribeiro a que José aludiu, onde cresciam muitas seringueiras.

Acampamos numa ilhota de areia que, a julgar pelas varas e garfos de madeira que víamos, devia constituir pouso constante dos iurunas. Poucos conseguem comer piranha, que está sendo pescada. Os iurunas, aliás, desprezam em geral a piranha, o bagadú e o pintado.

25 de setembro - ϕ 8° 1'.1, λ 1° 21'.2, km. 30.35, soma 1065.82.
6 hs. da manhã: I 749.2, II 741.0, Sec. 20.9,
str. c. 8, vento - E, água 30.0, chuva de madrugada.

6 hs. da manhã: I 749.8, II 741.6, Sec. 22.8,
str. c. 10. Chuva fraca.

Os galos cantam, o sol aparece, o quinino foi distribuído pelos doentes. Encontro-me sentado na areia a escrever. Perto de mim está uma chícara de café quente, do outro lado está Iuruna, hoje muito simpática; fumo meu cachimbinho e penso que o Xingú é muito agradável.

Às 6 e 45 horas continuamos caminho. O rio está a mais ou menos 1.200 ms., atravessado por blocos e rochedos — até 4 ms. de altura por 9 de comprimento — de uma pedra de quartzo preta e reluzente. A profundidade não chega a 1 m. Múltiplas pequeninas corredeiras.

Às 9 e 30 horas da manhã, paramos para aguardar os outros mais atrás. A mulher de Pedro está a penteá-lo. O coatí morde, matando uma gaiivota apanhada por Pedro. Tentamos arrancar a presa das garras do coatí. Ele prende-a porem com uma fôrça extraordinária.



Passamos forte cachoeira. Todos a atravessam bem, exceto o barco de Irineu que na voragem vira e dá com tudo dentro d'água. Os passageiros têm tempo de saltar fóra, seguram-na até obter socorro dos outros, enquanto algumas peças de embrulhos fogem na correnteza. Somos obrigados a fazer a secagem das coisas. Verifica-se que Clauss perdeu o seu facão, arcs, flechas, um saco de couro vazio, um vasilhame de folha pertencente à lanterna de observação, assim como as suas notas de hoje cedo. Wilhelm perdeu o remo, os arcs e as flechas. Seria horroroso si eu chegasse agora a perder o material etnológico.

Por toda parte o rio é baixo e cheio de barricadas: Antônio deixou-me, afim de ajudar o pobre Irineu, muito fraco. E' Manoel que está agora diante de mim, de modo que o silêncio de que até aqui gozei com Valentim e com Antônio, não mais reinará, pois Mancel não pode deixar de conversar. Até mesmo quando a gente se cala, êle continua monologando. Depois do almoço encontramos forte cachoeira. Pedro conduz alguns barcos, mas Irineu cai n'água.

Nossa lista de doentes recebe os candidatos ns. 17 e 18, respectivamente o Corneta e o nosso Pedro. Por aquí ha muito mosquito. O casalinho iuruna dorme numa larga rede de casal, enquanto a pequena possui a sua redezinha própria. O velho trançou, durante a viagem, belo cesto.

26 de setembro — φ 7° 46'.7, λ 1° 23'.6, km. 30.52, soma 1096.34.
 6 e 30 da manhã : I 750.6, II 742.2, Sec. 22.1,
 str. c. 9, vento = E, os morros cobertos de nuvens, noite perturbada, nenhuma chuva.
 4 hs. da tarde : I 749.8, Sec. 31.1.
 À noite : I 749.8, Sec. 26.7, cir. c. 6 vento 1, os cirr. quasi cobrem o céu todo.

Partimos cedo, às 7 horas. A primeira correnteza facilita. "Diabo !" está bom ! Continuamos sempre pela superfície lisa que se oferece entre dois redemoinhos espumantes. Aquí os braços trabalham com todas as forças, os olhares bem fixos na massa d'água, o coração a bater apressadamente, o macaco grita, os papagaios clamam e a cachoeira brame — "halloh !" — já a atravessamos . . .

A região agora lembra um tanto as de Trollhätta : natureza tranquila, morta ; encostas de montanhas de contornos suaves e envoltas pelas nuvens ; ilhotas entrincheiradas em pedras e em trechos de florestas.

Entramos num braço da esquerda. O leito está todo apertado em largas extensões de pedras amontoadas.

Surge perigosa cachoeira. Através de um arrôio de 10 ms. de largo, que fazia uma dobra terrível em meio do curso, abria-se uma passagem. Creio que, sem o auxílio dos iurunas, jamais nos teríamos metido por ali. Quatro ubás são conduzidas por êles. O barco azarento de Irineu encheu-se d'água, enquanto êle pulava fóra, nadando em direção à margem e a gritar: "Eu não sei nadar". Numa extensão de 60 passos, o nível caía para, mais ou menos, 1 m. E' com rapidez formidável que os barcos descem. Os iurunas não remavam, apenas fiavam-se nos remos.

Chegada às 9, partida às 11 horas, após secarmos os objetos. As pedras apresentam-se numa eterna confusão. Temos duas corredeiras suplementares a passar.

Finalmente vemo-nos de novo num rio. Sem interrupção acompanham-no cumes de montanhas de cêrca de 200 ms. de altura.

De dentro da mata ouve-se o lamento do macaco guariba (micetes), singularmente sonoro, como si viesse de uma abóbada, e tem qualquer coisa de solene. Muitas inajás.

Já às 3 e 30 hs. fazíamos parada. E' que os iurunas assim o desejavam, porque a filhinha deles sentia fome. Dessa maneira, estamos aquí, com ótimo tempo, a tomar banho, a pescar, a soprar flauta, brincando com macacos e papagaios, a desenhar, a limpar as armas enquanto que sôbre a fogueira chia o balde, cujo conteúdo irá aplacar a fome da menina iuruna.

27 de setembro - ϕ 7° 25'.6, λ 1° 27'.3, km. 45.11, soma 1141.45.

De manhã: I 750.8, II 742.6, Sec. 23.0, alto c.
9, Vento 1, água 29.9, 2 hs. da madrugada, chuva.

8 hs. da noite: I 752.0, Sec. 25.0.

Um barbado não nos agradou muito também. Não é apenas a piranha que nos repugna agora, mas o peixe em geral.

Às 7 da manhã continuamos caminho. O ar está bem carregado. Vêem-se solitárias seringueiras. Depois das 11 hs. da manhã passamos sôbre uma correnteza do comprimento de 1,5 a 2 kms., talvez mais perigosa que todas as anteriores, não tanto pela violência das ondas, como por exigir conhecimento exato do caminho a seguir. Blocos de pedra de 1 a 2 ms. sôbre o nível enchem o leito do rio. A canoa "dos piratas", que levou forte encontrão, pouco faltou para que naufragasse. A habilidade do índio iuruna está acima de qualquer elogio. Si êle quisesse descer "Rheinfa" (1) com alguém, não se deveria recear acompanhá-lo.

(1) N. da T. — Queda d'agua do Reno.

Vamos ao encontro de uma abertura por entre as montanhas; a dois quilômetros de distância ainda é pouco visível o meio pelo qual o rio irá encontrar caminho nas gargantas. Entretanto, logo depois que entra por elas, apresenta uma largura de 800 ms. e uma série de ilhas dividem-no em dois braços — escolhemos o esquerdo, isto é, o mais estreito.

As paredes de montanhas têm 200 ms. de altura e são íngremes, de modo que dão lugar somente a uma pedreira coberta de campo de pastagem. Esses arbustos são, de acôrdo com Valentim, as jaboticabeiras (myrciaria).

O rio alarga-se e alisa-se. Descanço de 12 e 30 hs. a 1 h. Pedro conta-nos que foi neste lugar que os carajás mataram dois irmãos seus e outros índios.

Temos uma difícil passagem: Pedro desiste da tentativa de seguir por um ponto, à direita, preferindo correr para a esquerda, embora enfrente uma correnteza furiosa para baixo; êle me conduz a mim também, enquanto Manoel e Valentim vão por terra e é com um pulo que êle está dentro d'água até à cintura. Tudo corre bem. Somente os "piratas" é que têm um mau dia, Chico está a xingar terrivelmente o Corneta, o qual não sabe guiar o leme, aliás êle, Chico, tão pouco sabe, pois — acrescentou todo orgulhoso — si soubesse, não estaria o Corneta sentado onde estava.

O nosso "canal" tem uma largura de 30 ms., tendo de âmbos os lados ruínas de pedra e campinas pequenas e acinzentadas. Passamos por uma segunda, terceira e quarta cachoeira — estou sempre pronto para pular, carregado de binóculo, facão, carteira, e no peito guardo preciosas folhas. Os mosquitos zunem em tórno. Começa a soprar um vento sul.

A filhinha dos iurunas está também a remar agora e, de vez em quando, exclama o que ouviu dos soldados, numa voz fininha: "Tahahá, tahahá suiá".

Alarga-se o rio para mais 100 ms. Pedro hesita por um instante, mas depois vibra o remo em tórno da cabeça e é com rosto risonho que segue pelas ondas afóra. A corajosa mulher pilota calmamente o barco com o velho e a criança. O nosso bote vai atrás do deles. As pedras pontudas procuram atacar o fundo do nosso barco, por um momento voamos por sôbre um escólho ponteagudo, mas logo nos saímos bem dali. Sôbre os rochedos à flor d'água está uma canoa quebrada. E' possível que, apesar da profecia feita por José, também nos tivéssemos havido bem sem êle, escapando vivos através dos obstáculos, mas com que prejuízo de tempó e de carga isso se teria feito!

Uma correnteza comum mais prolongada, em que duas das ubás encaham por alguns instantes, mas soltam-se logo depois.

E, de novo, uma cachoeira violenta. Será que a água está descendo ou subindo? Ora estamos quietos ora uma velocidade louca nos arremessa para longe. E' o que não se percebe no momento crítico. Daniel perde algumas peles de animal. Os "piratas" dão de encontro à ubá de Quintiliano, de modo que o pobre Corneta é novamente obrigado a ouvir fortes reprimendas.

Por um momento tudo está mais sossegado. Vêem-se mais seringueiras. Entretanto as colinas inclinam-se misteriosamente para adireita. O braço de rio está com 200 ms. de largura, estamos a voar sôbre algumas correntezas. Muito longe vê-se a espuma branca de uma cachoeira. Os iurunas põem-se de pé e parecem incertos. Já próximos da margem somos obrigados a acreditar firmemente que voamos por cima das ondas.

O prazer de brigar do Corneta e do Meireles alcança, então, o seu auge: O primeiro joga, encolerizado, o remo fóra e o outro procura bater, furioso, com a vara, num papagaio que levanta vôo. O Braga, na frente, olha em tórno, pelo que perde o equilíbrio, caíndo sôbre os cães que estão a ladrar — quasi que os "piratas" se atacam em plena cachoeira. Entretanto, aparecem, depois, sempre são e salvos com todo seu "ménage" cinco cabeças, essas que, no mínimo, têm cinco pontos de vista diferentes, os quais proclamam ao mundo, todos ao mesmo tempo, gesticulando e aos impropérios.

O rio agora está com 700 a 800 ms. de largura. Do lado direito vêem-se ilhas e braços afluentes. Novos rochedos solitários. Os pequenos barcos encontram passagem per um canal, e a nessa ubá entretanto precisa ser empurrada a cada momento, pois está constantemente a chocar-se nas pedras. Pela esquerda, vêem-se as ondas céleres do rio principal. O grande barco dos "piratas" é conduzido por Pedro através daquela passagem — em poucos instantes êles desaparecem atrás dos blocos numa distância de quilômetro rio abaixo. Vêem-se pedaços de uma canoa partida em outros tempos. As pedras traiçoeiras batem no fundo da embarcação de tal maneira que a gente sente crisar-se toda a espinha dorsal. Contudo adiantam-se muito vagarosamente, agora, firmando-nos na vara. Encontramos mais dois despojos de canoa dos nossos antecessores atirados na relva. Finalmente, após batermos muitas vêzes em sêco, conseguimos sair do canal. O iuruna está a preferir coisas singulares, gemendo e excitado ao mesmo tempo. Afinal, estamos livres e, elegantemente, êle pula para dentro do barco, levando-nos até o ponto de reunião.

Quanto à maneira por que os índios sobem o rio, deixemos que uma outra expedição o verifique.

E' com grandes voltas que nos mantemos próximos à margem. Pela direita, muitos montes de pedra atravessam o rio, causando o redemoinho. Temos pela frente encostas de 300 ms. de altura.

Seguem-se algumas correntezas que quasi não nos incomodam mais. Ao passarmos por entre um canal, Castro atira sôbre um jaguar avistado por êle, mas erra o alvo. Os cães e parte da tripulação deitam a perseguir o animal dentro do mato. Ouvem-se 5 tiros. E' Antônio que o abate. Trata-se de um pequenino canguçú.

O sol já está muito baixo e o rio se acha sombreado. Mais uma corredeira e alcançamos o acampamento, onde os mosquitos estão dominando.

A carne da onça é dura, os carás são como vidro e impossível de se comerem. Uma pequena garrafa de álcool, cujo conteúdo está bastante ralo devido ao lugar em que estava guardado, consegue reanimar os nossos espíritos cansados.

28 de setembro - φ 7° 7'.0, λ 1° 36'.7, km. 44.84, soma 1186.29.

De manhã : I 752.0, II 744.2, Sec. 22.0, alto c. 8, vento = E, água 29.0. A partir de 11 hs. da noite forte chuva, precedida de vento E.
5 e 30 hs. da tarde : I 750.6, II 742.8, Sec. 25.7, cir., nuvens em penacho 3, vento = E, água 30.2.

8 e 30 hs. da noite : I 752.0, Sec. 22.8, durante o dia agradável. De tarde vento norte de pouca duração.

Sòmente às 7 e 30 hs., partimos. A maioria dos homens está sonolenta, cansada.

Após termos atravessado umas cachoeiras mais fracas e outras mais fortes, o rio apresenta-se com 1,5 kms. de largura, bastante raso, com algumas praias de areia e várias seringueiras na paisagem.

A água está pesadíssima e a nossa canoa parece paralizada. A voz de Manoel acaba-se em pequenos queixumes, o pobre Valentim desesperado com o seu companheiro é acometido de verdadeiros acessos de cólera.

Cêrca das 3 horas da tarde, o rio parece que vai terminar, entramos em braços estreitos e não vemos para onde correm as águas principais!



Na cachoeira

Canal de 30 a 40 ms. E' com pouca dificuldade que passamos sôbre as pedras. E à direita confluímos novamente para o grande leito, descendo, rápidamente, arrastados por muitas correntezas. Vêem-se montes íngremes por onde as árvores sobem como pinheiros suíços, seus galhos são ricos em folhagem séca, que, como si fossem vassouras, se dobram para a frente ; assim, elas se aglomeram de tal maneira na margem que esta não se avista e temos então a impressão de viajar em verdadeiras gargantas.

Às 5 da tarde paramos numa ilha de areia, como sempre. Os mosquitos, aos enxames, agarram-nos em cheio. As picadas não são muito dolorosas, mas o zumbido, a quantidade e a insistência dêsses insetos são insuportáveis. Estamos de pés enterrados na areia e com o resto do corpo para fóra. O último grãozinho de sal foi esgotado. Só temos peixe, bagadú gorduroso, que não cheira a coisa alguma, mas que repugna. Tentamos dormir na rede. Um pouco de chuva obriga-nos a sair dela. Quasi todo o pessoal está reunido perto do fogo e a conversar. Clauss e eu refugiamo-nos na tenda, mas ali está horrível. Sômente às 4 horas, depois que foi dado o sinal é que o silêncio se torna completo e cada um de nós dormita ainda um pouquinho. No que respeita à "correspondência para Lopez" só é possível o estilo telegráfico.

29 de setembro - φ 6° 56'.6, λ 1° 52'.0, km. 38.58, soma 1224.87.

6 hs. da manhã : I 752.0, II 744.8, Sec. 22.0, alto c. 8, NO 1, água 30.3, noite alternando entre nublada e limpa. Uma tempestade parece aproximar-se. Às 2 hs. da madrugada algumas gotas de chuva.

À noite : I 751.6, II 744.4, Sec. 26.9, str. c. 8, vento = E, água 31.2, manhã limpa, às 2 hs. da tarde a tempest. de E passa por nós.

Pouco depois das 6 e 30, zarpamos, todos contentes por deixar o local. Contudo os mosquitos seguem como passageiros clandestinos e assolam todos os cantos, por baixo do assento, sob o palheiro do barco, etc.

Durante um tempo só se passa por canais, onde a pedra é sempre cinzento-avermelhada. Cumes de montanhas de 120 a 150 ms. de altura. O quadro é inteiramente característico dêsse terreno morto e pedregoso de cachoeira e as árvores estão ressequidas na mata. Manoel designa-as assim : cuinhão de porco, oatambú, peroba (aspidosperma), alguns

angicos (acácia). Aparecem ainda árvores madeireiras como “aruera”, cedro, jatobá, “uanandú” e “ximbuva”. Agora as seringueiras se multiplicam, a sua folhagem verde-claro e os troncos cinzentos chamam a atenção durante longos trechos. O pessoal pensa, como já me tinha ocorrido, que na margem esquerda deve haver maior quantidade dessas árvores do que à direita; entretanto, nós nos mantemos na maior parte do tempo à esquerda.

De vez em quando a paisagem é como a de um lago suíço, margimada por floresta íngreme. A água é da cor verde-garrafa.

Chegamos muito para léste. Já às 3 e 30 fazemos alojamento, pois devemos chegar a tempo numa outra aldeia, amanhã.

As rochas têm as gretas de um tom azul-escuro, de granulação fina e dura, que se desagrega em três formas distintas, como cantaria verde-cinzenta, depois preta e até vermelha, de aspecto vidrado. — Muitos borrachudos e mosquitos.

30 de setembro — φ 6° 54'.0, λ 1° 59'.0, km. 14.31, soma 1239.18.
Manhã: I 752.2, II 745.2, Sec. 22.3, névoa 10,
vento = E.

4 hs. madrugada: céu limpo e estrelado, ontem à noite perturbado.

5 e 45 da tarde: I 75.10, II 742.6, Sec. 31.4, cum. 1, E 1, durante o dia limpo e bom tempo.

8 hs. da noite: I 752.8, Sec. 27.5.

Comemos um pouco de farinha. Nada temos para cozinhar.

Às 6 e 30 da manhã partimos novamente. Pedro continúa nos chamando a atenção para outros lugares por alí, em que os iurunas e carajás se devem ter batido. Passam andorinhas alvinegras, enquanto um solitário caracará (*polyborus*) pousa num rochedo.

Às 8 horas alcançamos 2 ilhas habitadas. Pedro anunciou-se primeiro através de exclamações abafadas de “tuhuhú uú” que fazia sair por uma cabaça. De lá responderam com tiros, aos quais, por nossa vez e por ordem de Pedro, respondemos.

Tratava-se de uma pobre aldeia. Aos poucos observamos o aparecimento de 8 homens, 6 mulheres, 3 meninos e 3 meninas.

O rancho na ilha norte, próxima à margem direita e na qual desembarcamos, era pequeno, com 5 $\frac{1}{2}$ passadas de largura por 6 de comprimento. Duas tartaruguinhas passeavam lá dentro. As redes estavam dependuradas lá fóra, sob as árvores. Num barracão estavam guarda-

das cestas com algodão, grandes bananas vermelhas, flechas e outras coisas. Encontramos panelas de ferro e um tacho azul de porcelana.

Na palhoça havia um tear simples, isto é, duas varas atravessadas tinham dependurado o algodão que consistia num fio infinitamente emendado ; o objeto tinha 2 ms. de largura por 3 de altura. Dois fios de algodão, cada um passado num pauzinho, entrecruzavam-se, compondo o tecido.

As mulheres, entretanto, usavam um pano de avental importado. Pedro contou ao seu irmão ou primo, o qual tinha fino bigode, pouca sobrançelha e cabelo comprido, cuidadosamente penteado, as novidades da aldeia I.

Ao conversarem, por princípio, não se fitavam. Um deles apoiado numa vara e o outro no remo, um ao lado do outro, de pé, olhavam paralelamente para a frente. O primo, porém, acompanhava com atenção o que Pedro lhe contava, interrompendo-o com amáveis exclamações de “enäh, enäh — häheeäh — ähäh — ah — ä, wă”.

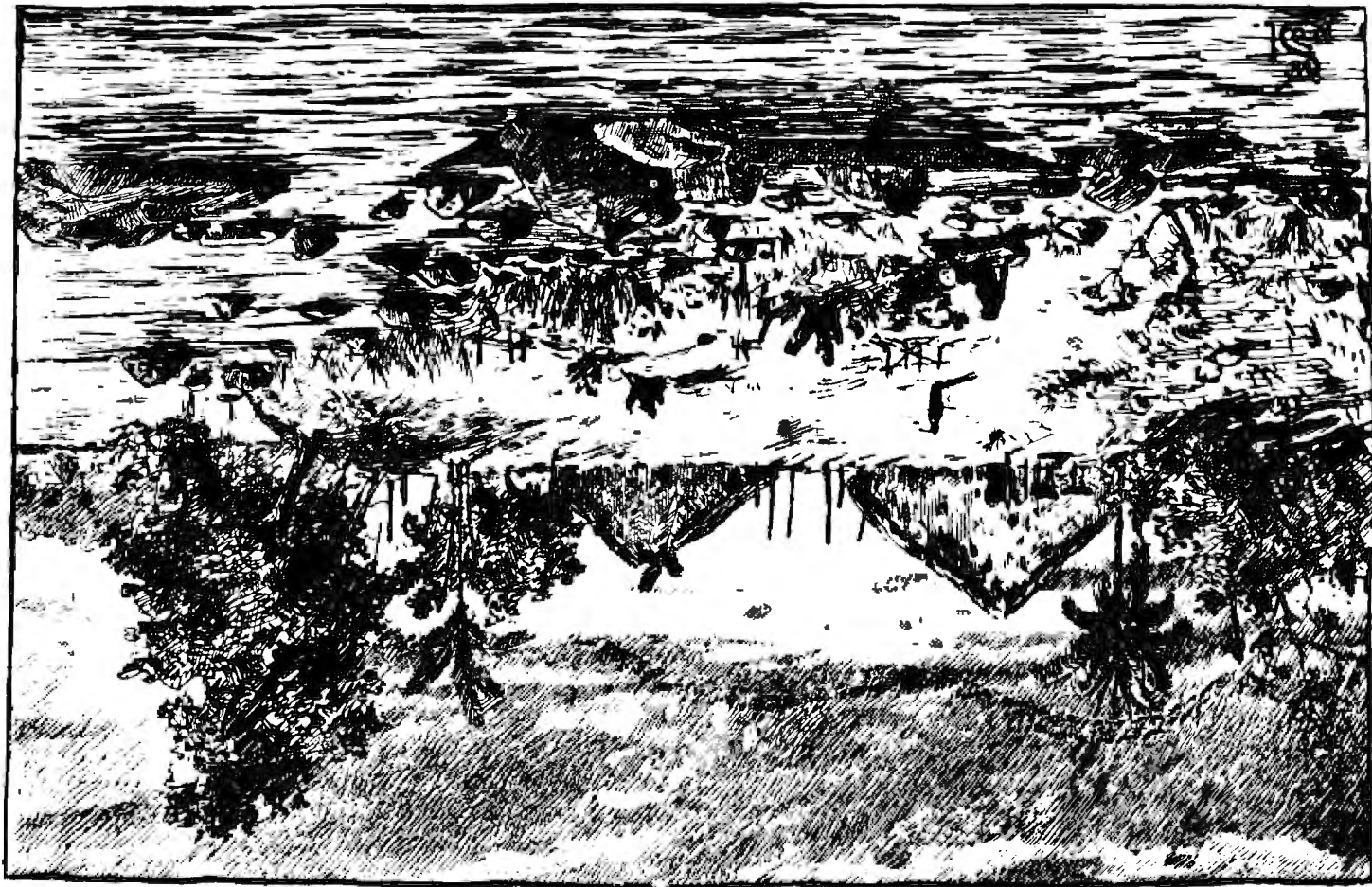
Uma mulher que está chegando do roçado comunica qualquer coisa a Pedro, depois do que ambos põem as mãos no rosto e começam a chorar em voz alta, enquanto a esposa dele e os outros permanecem indiferentes.

Mais ou menos um minuto depois retiram as mãos do rosto — e verifica-se que não houve lágrimas e a fisionomia tem o seu aspecto habitual. Então a velha chega-se à mulher de Pedro, dando lugar à mesmíssima cena. Com isso parece ter-se completado o drama.

Deram-nos de comer uma sopa de mutum sem sal, que estava mais gostosa do que pensávamos. Eu já havia olhado para dentro da panela, não me havendo agradado a papa cinzenta, onde nadavam pedaços de banana e uma cabeça de pássaro. Todos ocupavam-se com afinco em abrir nozes oauassú. A melhor maneira de o fazer é dividi-las em duas com a lâmina do machado. Também havia algumas castanhas do Pará e, o que era mais importante do que qualquer comida, uns pacotes de fumo que nos cederam mediante alguns presentinhos nossos. O patrimônio linguístico dos homens era deficiente. Diziam “tem muito — não tem”, mais conhecidas para êles eram as expressões “aqui” e “não sabe”.

“Farinha não tem ; carajá . . .” isto é, os carajás tinham culpa deles não terem farinha.

Despedimo-nos muito amistosamente de Pedro, que ia ficar. Creio que nenhum de nós o esquecerá.



À 1 e 15 de tarde partimos. Vêm-se densas florestas de rio (200 ms.) e ilhas luxuriantes e encantadoras.

Às 2 e 30 hs. chegamos à segunda aldeia, maior que a outra, onde acampamos. 4 casas confortáveis e novas erguiam-se sobre uma ilha, tendo próximo duas cabanas menores, que se alcançavam vadeando pela água. Mais ou menos no meio do rio ainda uma outra ilhota com uma casa. 12 homens, 18 mulheres, 4 meninos, 6 meninas. Um ancião decrepito. Um rapaz cego de um olho. Um homem com gânglios inguinais.

O rancho maior tinha 22 passadas ao comprido e 14 ao largo, com porta baixa. O teto abobadado, feito de ouassú e inajá, vinha até o sólo. Não muitos animais, havia cães, magoarís (ciconia) domesticados.

Tudo era novo, tanto as ubás como os remos e os cestos de algodão, etc. Conquistei uma flauta, em cuja extremidade assentava uma cuia.

Alguns homens estavam pintados debaixo do pescoço e do peito, com dois riscos pretos, tendo as pernas em baixo e o antebraço caiados de preto. Um outro ostentava um rôlo de pérolas, grosso como um punho, no pescoço.

O povinho desejava obter de nós alguma farinha. Ao que parece, eles devem ter perdido muito nas brigas com os carajás, tendo depois trabalhado alguns meses. Abandonaram, porém, a plantação, ou talvez só há pouco, após a guerrilha com os inimigos, se tenham resolvido a construir os ranchos. O fumo é que existe aqui em quantidade.

Alegramo-nos por nos acharmos no 6.º grau de latitude. Mesmo nesta latitude, a praga dos mosquitos ainda existe.

1 de outubro - φ 6° 40'.3, λ 2° 1'.5, km. 30.64, soma 1269.82.

6 hs. da manhã : I 752.6, II 744.8, Sec. 22.1, cirr. c. 1, vento = E, água - 29.0 (baixo e estagnando).

A noite é francamente limpa.

4 e 50 hs. da tarde : I 752.2, II 743.7, Sec. 31.5, hipsom.

99.230, nuvens em penacho 8°, vento = E.

8 hs. da noite : I 752.6, Sec. 26.0.

Às 7 e 45 hs. seguimos novamente. 5 barcos iurunas levando 15 pessoas (4 homens, 5 mulheres, 3 meninos e 3 meninas) acompanham-nos. Os montes têm de 150 a 200 ms., 5 corredeiras. Pouco a pouco voltamos para a direção norte. Trinchêiras de pedra de 1 m. de altura. Durante algum tempo o rio parece estreitar-se e, no ponto em que o mesmo começa a alargar-se, apresenta profundidade média de 1,25 ms. por onde vamos passando.

Ha numerosos e ricos castanheiros, cuja folhagem muito alta domina as árvores vizinhas, os jatobás e os genipapos.

Pouco antes de embarcarmos notamos na margem esquerda, também, 2 ranchos. Creio que si os iurunas não ambicionassem tanto a liberdade individual, juntando-se em aldeias gerais e unas, se sairiam muito melhor com os carajás. Ao mesmo tempo é inegável que as suas ilhas, rodeadas de cascatas, oferecem realmente natural segurança. Pela tarde, o rio torna-se soberbo, lindas ilhas, florestas luxuriantes que atingem os cumes das montanhas. Ao longe longa cadeia de montanhas altas, que se destaca do céu por uma infinidade de pequenos eimos, como uma parede azulada.

No alojamento que fizemos numa ilha de regular tamanho e denso arvoredor, escapou-me a macaca, a preciosa Iuruna. Infelizmente ela soube muito bem desamarar os nós da corda em que a prendí. E' claro que todas as buscas foram infrutíferas para recapturá-la. Contudo eu negociara na segunda aldeia um coatá de quasi 2 meses de idade — trata-se de um terrível diabinho preto, cuja carinha enrugada de velho possui um bigodão de major e os mais atrevidos olhos de macaco! Suiá (é o nome que lhe pusemos) também bebe água do rio com a mão e pula e dá cambalhotas, numa ginástica irrequieta, sôbre a vara da tenda; à noite, si o não levo comigo para a rede, grita horripelmente.

2 de outubro - φ 6° 34'.0, λ 1° 45'.3, km. 40.12, soma 1309.94.

6 hs. da manhã : I. 752.8, Sec. 22.7, cum. 4, N 1.

Noite limpa, nuvens de neblina baixas junto dos morros.

5 hs. e 55 da tarde : I 751.2, II 742.7, Sec. 30.3, nuvens em penacho 5°, vento = E, dia limpo.

A noite tranquila nos aliviou a todos.

Continuamos caminho às 6 e 15 hs., cedo, sem termos comido. Os iurunas procuram tartarugas. Divirto-me com a presença de uma interessantíssima menina, de carinha chinesa, mas com expressão alegre e confiante, que o pessoal apelida de Bonitinha. Ela tem lindas pernas, pézinhos e mãos encantadores, corpo bonito e flexível, usa um cordão de pérolas azues no pescoço e corre para o piso do barco rindo e tagarelando, segurando a vara do remo, com que movimenta a canoa para lá e para cá. E' ela que sempre avista primeiro os tracajás, que um iuruna, sentado atrás, logo apanha, espetando a vara. Desta vez temos arraia grande e uma enguia elétrica.

Adiantamo-nos num vagar de procissão. Parte dos iurunas “muda-se”, pois pretendem estabelecer-se rio abaixo e por isso viajam calmamente.

Das 12 e 30 às 2 e 30 horas pausa para almoçar.

Os compadres cozinham ovos de tartaruga, quasi inteiramente chôcos, convidando-nos gentilmente a compartilhar dos mesmos. Estou com a língua e o estômago por demais desarranjados para que me resolva a comer. Entretanto, Clauss elogia a gema, mas não consegue provar os embriões, embora as minúsculas tartaruguinhas tenham aspecto branco e apetitoso.

As montanhas recuam das margens. Vêem-se muitas seringueiras. Pernoitamos numa praia de areia, enquanto parte dos iurunas o fazem numa outra ilha próxima.

Há claridade de lua. O firmamento está ligeiramente envolto num véu de nuvens. Os ferreiros gritam, parece que lhes roubaram os fihotes. O pessoal está mudamente sentado sôbre os remos enfileirados. Sômente o macaco noturno está a correr pressuroso, de olhos de lanterna chamejantes. A fogueira tranquila do acampamento iuruna na ilha em frente, creio que nos cumprimenta. Está tudo muito belo para que se possa dormir.

3 de outubro - ϕ 6° 14'.0, λ 1° 30'.1, km. 48.40, soma 1358.34.

6 hs. da manhã : I 751.8, II 744.2, Sec. 22.5, cum. s. 2, vento = E, água 29.1, noite limpa.

6 hs. da noite : I 751.0, II 743.0, Sec. 29.8, nuvens em penacho 5°, vento - E, água 32.0; Durante o dia limpo e agradável. Manhã NO 2-3.

A's 8 hs. da noite : I 752.0, Sec. 28.5.

Levantamo-nos antes das 4 da madrugada. Na corneta “está a faltar um pedaço”, de modo que soa horrivelmente desafinada; “Mata Grande”, o cão, está a ladrar também, fazendo côro com o éco da grande mata que nos cerca.

Às 6 da manhã já seguimos. A largura mínima do rio é agora de 1,5 km. Rico em penedos, e raso. Os montes aparecem à direita, como colinas insignificantes que são. Um olhar para trás dá a impressão de serra às montanhas por que passamos. Sopra um vento contrário que muito nos prejudica.

À 1 e 30 hs. da tarde, continúa raso, e margens arenosas. Canais e cachoeiras, isto é, passagem por uma fenda estreita na rocha, que exige prática. Assim um iuruna colocou-se de pé num dos lados do rochedo,

empurrando a canoa na direção desejada. A pedra é vermelho-cinza, lisa e de formas rombudas. Todos passam sem novidade. Meireles, o “pirata”, chama a sua ubá não sem razão de “canoa da república”.

Vêm-se altos tucumás (*astrocaryum tucumá*), numerosos tucuns e inajás. Dos lados: terreno plano, atrás e à frente cadeias de montanhas ou colinas.

3 hs. da tarde. Vasta paisagem aquática, salpicada de inúmeras ilhas florestais. Pela direita, algumas colinas e muitas cachoeiras. Pela esquerda desagua um rio, cuja largura não se pode avaliar em vista do caos de pedra que aí reina. Os iurunas dizem que dali a dois dias e meio de viagem, rio acima, é o lugar em que apanham a cambaiúva, que é a cana usada para as flechas, e onde construíam também as suas ubás e que esse rio era cheio de cachoeiras. Longa praia de areia mostra a foz. Deixamo-la longe, à esquerda, e perdemo-nos numa confusão de ilhas rochosas cobertas de arbustos finos. Ali próximo também se verificou em tempos combate com os carajás.

O rio desenvolve-se com mais continuidade numa largura de 1.500 ms., em cujas margens ainda se situa certa quantidade de ilhas rasas formadas por pedras. À esquerda e à direita, planícies cobertas de florestas.

Duas cachoeiras vigorosas, sendo que na segunda quasi que os barcos viram de cabeça para baixo. Algumas estavam a ponto de naufragar. A “república” ficou em reboliço: “O diabo queira andar neste inferno”, exclamava Meireles.

De ambos os lados e para a frente, vêem-se matas, isto é, “tucumizal e inajal”. As palmeiras representam agora papel inteiramente novo. Elas são muitíssimo numerosas e as inajás só são superadas por algumas esguias árvores trepadeiras. O primeiro plano é coberto até à água por densa ramada.

4 de outubro — ϕ 5° 48'.7, λ 1° 25'.5, km. 54.03, soma 1412.37.

6 hs. da manhã: I 752.2, II 795.4 Sec. 22.9, cirr. e. 5, vento — E, Noite limpa, aureola da lua muito grande, nuvens em penacho.

6 e 45 da noite: I 753.4, II 746.0, Sec. 28.0, str. em O 5°, vento = E, durante o dia claridade, sem chuva.

7 e 40 da noite: I 754.0, Sec. 27.7, tempestade se aproxima.

Partimos às 6 e 30 horas. Uma correnteza insignificante, ilhas grandes e pequenas. Pedraria suja e avermelhada, arreventada em blocos

informes. Uma cachoeira difficil, isto é, uma torrente que se projeta por um canal de 10 ms. de largo, depois do que vamos por um braço que mede 800 ms. de largura. Oauassú. Inajá. Tucum.

De tarde disparamos de novo através de um canal semelhante ao anterior, mas mais suave, indo dar entre duas ilhas, por uma bulhenta passagem de 70 ms. de largo, no rio principal.

Extensão mais longa para o norte. Finalmente, depois que os iurunas sopraram muita flauta, olhando saudosamente em tórno, chegamos a um rancho numa região tão cheia de ilhas que parece tratar-se de inundaçào. Esse rancho está deshabitado, mas foi preparado e destinase a uma das famílias que acompanham o nesso grupo. Lá dentro reina o asseio. Sôbre 3 pedras está uma bacia larga e rasa. Toda a palha limpa e nova. No teto dependura-se um ninho enfeitado de peninhas amarelas e pretas, forrado de algodão, onde se podem criar passarinhos.

Enquanto estivemos determinando a latitude, observou-se que acabava de dar-se um eclipse total da lua. Infelizmente, o fato foi percebido um pouco tarde. — Hoje temos a assinalar o número máximo atingido em velocidade — 54 kms., isto é, mais do que nos 7 primeiros dias no Batoví.

5 de outubro - φ 5° 36'.5, λ 1° 17'.7, km. 28.39, soma 1440.76.

5 e 45 da manhã : I 754.0, II 747.8, Sec. 23.3, cum. 1, vento = E, limpo, às 8 e 9 hs. da noite, durante o eclipse da lua, houve forte ventania. A tempestade passa sem chuva. Durante o dia bom tempo, muito quente, à noite o céu está coberto.

Partida cedo, às 6 horas. E logo entramos por um canal, que a nossa ubá atravessa a muito custo. Indo por três corredeiras, alcançamos águas mais tranquilas e vastas, um braço de 1 km. de largo, aqui e ali arvores de copas redondas. Entretanto, as margens tornam-se em breve montanhosas, de 100 a 120 ms. de alto.

Depósitos de pedras lisas recheiam o rio, quasi atravessando-o. Uma barrreira dessas possui a largura de 300 ms.

E é sôbre correntezas que penetramos nas ilhas de aldeias (Aldeia Terceira).

Sôbre rochas no meio d'água estão dispositivos próprios para pendurar redes de dormir e no chão jazem redes com pedras em cima.

Encontramos 3 ranchos, dos quais dois são deshabitados. O maior apresenta 30 passos de comprimento e largura, tendo quasi 6 ms. de altura.

Aquartelamos num barracão.

Há 12 homens, 12 mulheres, 8 meninas e 7 meninos. Durante o dia, entretanto, aparecem algumas visitas, pois há ainda algumas casas nas proximidades. Será bom, portanto, contar 45 almas.

Poucos apresentam pintura no corpo; há um individuo com desenhos circulares em tórno do pescoço e do peito, outro tem um belo desenho na parte inferior da perna; a mulher dêste, muito jovem também, usa essa ornamentação, sendo que os pés levam ligeira pintura em toda beirada, e nos calcanhares. Um menino usava dois riscos pretos entre a boca e a orelha, bem assim como manchas negras e riscos laterais entre as pernas.

Em comparação com as aldeias anteriores, acreditamos estar aqui entre gente rica. Ha abundância de provisões e todo o arranjo doméstico está impregnado de maior grau de conforto. O milho existe em quantidade. A farinha de mandioca, amarela de ovo, é deitada pelas mulheres em bonitos cestos, semelhantes aos nossos cestos de papel. Alguns teares mostram-se bem trabalhados. As redes são como pano grosseiro, mas forte. O arco e a flecha existem, relativamente, em pouca quantidade, pois cedem lugar agora a armas modernas. Com grande prazer verificamos nas facas as marcas das firmas Elberfeld e Remscheider. As flautas chamam a atenção pela sua quantidade, assim há um tipo comprido, a "pancetada" (1,75 ms.), que solta uns sons abafados de trombeta, outro que é um pequeno fagote destinado à arte das mulheres, bem assim como pequenas flautas de pastores. Algumas delas eram ornadas com pintura preta e penas. Havia ainda maracás (1), enfeitados de penas de arara. Muitas aves, como grandes patos e gansos (marrecão). Muitos cães, de pêlo malhado. Em troca de um espelho e de um bracelete, obtive um anacã, que falava corretamente o iuruna e era muito dócil.



Pintura de perna do iuruna

Ao que parece, devido ao caxirí, que havia hoje em muita quantidade, surgem várias visitas. O iuruna que chega da caça é uma visão digna dos deuses. Esse homem nu usa, à esquerda, uma bolsinha trançada e pela direita um polvorinho amarrado numa fita larga; o cabelo termina numa trança cin-

1) N. da T. — No original "Rasselcuye", isto é, cúa de choeflho.

zenta ; o corpo é adornado na cintura por um cordão de contas azues. Com a mão direita apoiada num remo e a esquerda sôbre a espingarda antiquada, está êle de pé, olhando para o universo, ao mesmo tempo que conversa com o amigo, aquí, cujo olhar, por sua vez, certamente segue o dele, na direção do infinito.

Demos cabo de muito caldo de caxiri que estava numa canoa, de sabor melhor que o do provado na aldeia anterior, mas sem desmentir o gôsto um tanto fermentado, que lembra a "pulke" mexicana. Também nos serviram um caxiri misturado com banana. Um velho de redonda barriguinha bebia quasi que ininterruptamente, balançando-se na rede e servido pela jovem esposa. Lá fóra, diante do rancho, em companhia dos compadres comemos peixe acará (cascudo). Para isso estavam dispostas no centro do círculo que fazíamos uma vasilha para uso geral e uma cuia com farinha onde cada um ensopava o apimentado bocado. Enquanto isso, a lua começava a brilhar maravilhosamente sôbre os recifes.

6 de outubro - 6 e 40 da manhã : I 756.0, II 749.4, Sec. 23.9, str. c. 10, vento - E, água 30.0, de 2 às 6 da manhã, chuva.

2 e 30 da tarde : I 754.4, Sec. 32.0, cum. 5, vento - E

5 e 15 da tarde : I 754.6, II 747.2, Sec. 29.0, hipsom. 99.300.

11 hs. da noite : I 756.2, Sec. 25.8, alto cum. 9, SO 1 - 2, às 7 hs. da noite chuva.

Já ao almôço servem-nos caxiri, ao qual se junta o gôsto de quinino que está depositado na barba da gente. Queremos dar ainda um dia de descanso aos nossos homens, pois Castro diz que êles se acham cansados devido à sua vida atual.

O Xingú continúa sempre conhecido como rio Paraná; encontramos entretanto a denominação de Schusel ou Souzel, sôbre cuja distância as indicações são obscuras.

Um dos visitantes era "curandeiro", e teve que tratar de uma mulher doente. Acompanhei seus processos com grande interêsse e cheguei à conclusão de que a cura perpetrada por êle era uma variação especial da massagem e que talvez fosse muito bem recebida entre nós. A mulher estava reclinada na rede e com um galho verde, o "colega" friccionava-lhe o rosto, o pescoço, o peito e o ventre, apertando com todas as fôrças ambos os punhos, soprando como si quisesse expelir a alma com êsse esfôrço. Depois disso pegou o galho nas mãos, com cui-

dado, como si temesse derramar um líquido e saíu para o jogar fóra, sempre bufando profundamente. Logo voltou para submeter então as costas da mulher ao mesmo processo ; primeiro, abanou o galho sôbre o qual ella se deitara, como si quisesse espaná-lo e começou a amassadura. Com o mesmo cuidado anterior tratou de despejar lá fóra a matéria agregada no galho.

Presenciamos, outrossim, algumas cenas de lamentação. Era sempre aquelle chôro sem lágrimas, de mãos no rosto e sempre a mesma indiferença por parte dos circumstantes, até chegar a vez dêstes. Um cachorrinho que se achava numa rede, ajudava a lamentar-se e era, por certo, o mais sincero. Uma velha gorda estava com o manto de cavaleiro, forrado de vermelho, pertencente a Clementino e gritava de partir o coração, vibrando as mãos no ar.

E, no meio disso, uma farra de caxirí. Os homens, já embriagados, tiravam canecas cheias da bebida existente na canoa, convidando a beber num amável "malitscha". Alguns meninos já estavam muito alegres, cantando e caminhando para cima e para baixo, com os pequenos arcos e flechas nos ombros, cada um preocupado consigo mesmo. Em geral notava-se o monólogo, pois nenhum se importava com o que o outro estava fazendo. A única nota tranquila e regular em meio da pandega geral era o velho da barriguinha redonda, que, dentro da rede, bebia e calava ou calava e bebia.

Negociei com êxito uma "panétadada" em troca de uma quantidade de pólvora ; entretanto, mal eu a tinha guardado na tenda, foi dali misteriosamente subtraída. Entre o nosso pessoal também se fazia sentir o efeito do caxirí. Manoel e Sátiro engalfinhavam-se em toda regra, e de repente o negro parou de xingar — é que um dos olhos inchára fortemente.

7 de outubro — φ 5° 24'.6, λ 1° 8'.9, km. 34.77, soma 1475.53.

5 e 30 da manhã : I 756.0, Sec. 24.2, str. c. 10, O 3, rajadas vindas de O, noite perturbada, a lua brilha fracamente por entre as nuvens.

5 e 45 da tarde : I 756.2, II 749.6, Sec. 25.4, str. c. 9, vento — E. Das 4 às 5 hs. da tarde forte chuva.

Partimos às 6 e 30 horas. Alguns dos iurunas despedem-se sinceramente convictos de que nos tornarão a ver na volta. Acreditam que, mais tarde, subiremos o rio, de regresso. O chefe da escolta chama-se Caetano.



Mulheres iurunas

Vêem-se muitas ouassús e tucuns, mas não se vêem montanhas. Entramos num braço salpicado de rochedos.

Às 10 horas, avista-se um rancho (9 homens, 7 mulheres, 4 meninos e 4 meninas). “Lúcio” usa um pano encarnado na cabeça e uma túnica azul de botõezinhos pequenos de camisa — “voilà tout”, um outro usa calças listadas. Tornam-se cada vez mais fortes os sinais de civilização : Assim vêem-se uma mala batida a cobre, pólvora fina, um tambor de folha de lata de confeitaria, cachimbinhos de fumar, uma panela com o desenho de uma cruz. Os iurunas enrolam longos cigarros numa fibra flexível e côr de canela, (tauari).

Souzel deve estar a uma distância de “cinco dias”.

Hoje não chegamos a ver simultâneamente as duas margens, pois extensas ilhas o impedem. Apenas à esquerda destacam-se algumas

cadeias de colinas até 150 ms. Está fazendo calor. Os animais sofrem muito com isso. Arranjei hoje uma companheira para o macaco suiá; é um pouco maior que êle e chama-se também Iuruna.

Pela tarde, canal estreito e leito pedregoso. Às 4 temos chuva. Os compadres desejam fazer parada para cozerem a mona.

Enquanto Manoel levava horas a preparar galinhas e bananas, os iurunas se despachavam com tanta rapidez no preparo de sua refeição que eu desejaria intimamente poder aderir aos seus métodos. A conformação de suas panelas (semelhante aos vasilhames de cozimento dos químicos) permite que as mesmas sejam inteiramente envoltas pelas chamas até a extremidade, que se alarga um pouco para fóra, impedindo que as chamas envolvam a panela toda. Enquanto a água ia esquentando, a mulher assava bananas nas brasas e distribuía tartarugas. O guisado de tartaruga não oferecia sabor especial e eram muito melhores os restos de carne fritos e grudados na tigela. Entrementes, Bonitinha achava uns sessenta ovos, ao passo que seu marido trazia 4 pacús e um peixe que denominavam pariá, no qual atirára. Para isso esteve a arrastar-se sorratamente pela margem, como si se tratasse de caçar em terra. Os peixes iam para a panela sem que se lhes metesse a faca. Eram excelentes, pois pareciam mais suculentos do que os nosso, geralmente mais cozidos. Clauss conseguiu dominar-se a ponto de comer um embrião de tartaruga, que tinha o gôsto de bflis. Sentíamo-nos extraordinariamente bem entre essa gente, sob altas árvores, perto da fogueira bruxoleante, onde era feita a comida. Como eram belos alguns deles, assim nus nos seus movimentos elegantes e quão pequenos outros, os de chapéu e camisola à maneira dos ciganos!

Os compadres ainda comeram, conosco, galinha, prato que geralmente recusam, mas que, depois de provar, elogiaram. Certamente é um traço delicado do índio rude que, afinal, não se resolve com facilidade a comer animais por êle criados com tanto amor. São assim os iurunas que, pelas lutas, foram outrora induzidos à prática da antropofagia. Admitamos também que essa prática não envolvesse superstições que sômente atendiam ao mais selvagem instinto — na minha opinião creio que êsse excesso de um povo bárbaro deveria ter uma interpretação mais atenuada, assim como a resistência que oferece hoje em comer animais domésticos não deve sofrer uma interpretação exageradamente favorável. O próprio fato de comermos ovos de galinha já parecia coisa imoral aos iurunas. Compare-se isso com a dama elegante possuidora de dois mimados cãezinhos bolonheses, que, pela morte de um dêles, manda fazer do pelo um regalo e que, ao saber do peleteiro que o

material não chega, exclama, soluçando : “Pois então tome o outro também”.

De vez em quando os compadres davam mostra de possuir certos princípios. A filhinha do nosso guia, de 4 anos, estivera se portando mal, pelo que ficou exposta numa praia de areia, onde teve que correr um pouco a pé, precisando pular sobre blocos de pedras, vadear pela água e dar voltas, enquanto o seu “papai” continuava a remar para a frente, não dando ouvidos ao seu berreiro. Quando lhe permitiu tornar à canoa, estava dócil e obediente.

A maneira pela qual a nossa tripulação também considerou os índios homens bons se revela nas expressivas palavras de Meireles, que se encontrava na canoa “republicana” a discursar : “Diabo, estes índios creem mais em Deus do que nós ; são mais católicos do que nós . . .”

8 de outubro — ϕ 5° 8'.7, λ 1° 6'.2, km. 34.36, soma 1509.89.
 5 e 45 da manhã : I 756.6, II 750.0, Sec. 22.0,
 alto cum. 9, vento E, noite perturbada.
 5 e 20 da tarde : I 756.4, II 748.4, Sec. 30.4, cum.
 5, água 31.9, Chuva em NF. Começa vento sul
 2—3, depois chuva até 7 da noite.

Entramos num braço de cêrca de 2 kms. de largura ; é impossível calcular a largura do rio todo, visto que não se distingue si as longas faixas de mata são ilhas ou continentes. E' muito raso, chegando a 1 m. de profundidade. O sólo é de areia e rocha, muitos recifes, blocos irregulares de um vermelho enegrecido e mais depósitos de pedra cinzenta de forma arredondada.

1 hora da tarde. 2 roçados dos iurunas. Obtemos cana de açúcar e bonitas bananas S. Tomé. Na margem havia um bloco enorme de 7 ms. de altura por 8 ms. de largura, 12 ms. de comprimento e da mesma pedra vermelho-preta do centro do rio.

Às 2 e 30 horas da tarde, ficamos numa pequena aldeia (é a quarta, entre as mais importantes), onde há 3 ranchos e barracão, 8 homens, 10 mulheres, 2 meninos e 3 meninas. Uma ubá estava precisando de reparos.

Estávamos agradavelmente abrigados num dos ranchos, enquanto lá fóra chovia. A “boa mulher” cozinhava, outra tecia uns fios na semi-escuridão e vários homens conversavam à luz de um galhozinho envolvido em algodão e embebido em gordura. Por toda parte, ordem, asseio e paz. A viagem até Souzel considera-se aquí mais demorada, isto é, para 10 dias.

9 de outubro - φ 4° 47'.9, λ 1° 9'.5, km. 44.00, soma 1553.89.

5 e 45 da manhã : I 757.4, II 750.0, Sec. 23.1, str. nevoeiro 4, vento - E, água 30.2, noite limpa e fresca.

7 e 20 da noite : I 757.4, Sec. 28.0.

Aquí e alí vê-se uma colina. Estamos a deslizar por uma porção de rios e nem sabemos si nos estamos mantendo na margem principal. Encontramos o "barrigudo", que é uma árvore alta e cinzenta.

4 e 30 hs. da tarde. Largura do braço 1,5 kms. Atrás de uma ilha, à direita, torna-se visível uma cadeia de 120 a 150 ms. de altura. Pelas 5 e 30 horas, acampamos. Com a escuridão, os mosquitos, que a princípio eram numerosos, se dissipam. Estamos a 4 graus de latitude ! E em breve acabaremos com a alimentação única de peixe !

10 de outubro - φ 4° 34'.5, λ 1° 14'.7, km. 29.43, soma 1583.32.

5 hs. da manhã : I 756.2, II 750.4, Sec. 23.1, str. 1, noite limpa.

7 e 45 da noite : I 757.6, II 750.4, Sec. 27.0, cum. 1 E 1-3. Durante o dia bom tempo, às 7 hs. da noite tempestade.

Partimos cedo, às 5 e 15 horas. Fomos por um braço de 700 ms. de largura. Às 7 horas, cedo, alcançamos a aldeia número cinco, de dois ranchos grandes mas muito modestos por dentro. 8 homens, 6 mulheres, 2 meninos e 2 meninas. Caetano fica aquí. Um grupo de rapazolas está muito ocupado em guardar farinha nos cestos, os quais têm a fórmula cilíndrica com beiras. Temos a honra de ver um iuruna muitíssimo civilizado, José, filho de Nunes, falando alguma coisa de português, e que usa boné de marinheiro, camisa, calça e cinto.

Oferecem-nos castanhas do Pará em abundância.

Partimos com ligeira brisa vinda do norte. Algumas elevações de 40 a 60 ms.; ao meio dia chegamos à aldeia do Nunes e vemos como lá dentro das casas os homens procuram, às pressas, botar a calça.

O velho Nunes recebeu-nos amavelmente. Seu aspecto era bastante desajeitado no terno em que estava vestido, embora a sua roupa estivesse bem melhor que a nossa.

Prometeu-nos dar uma canoa que nos acompanharia até o baixo rio. Mas na manhã seguinte foi inteiramente impossível botar a gente em movimento ; todas as palavras e presentes oferecidos de nada adiantaram : primeiro tinha que se acabar com o caxiri. "Agora tem caxiri. . .

caxiri não tem mais, vamos embora.” E o caxiri enchia toda uma canoa !

Os ranchos continham 14 homens, 10 mulheres, 3 meninos e 3 meninas. Entre êles achava-se um prisioneiro índio-arara, cuja tribo habita mais adiante a margem esquerda do baixo Xingú. Os araras são amigos dos péuas, ao passo que são inimigos de todas as outras tribus. Admite-se que só apareceram no início do século.

Êsse indivíduo parecia pobre de espirito e doente ; tinha sempre a mesma expressão vazia e imutável, não conversava e vivia deitado na rede. A pele do rosto era muito clara e fortemente amarelada, mais ou menos como o “N.º 33 Broca”. Usava um risco pintado, desde a



Chegada a 10 de outubro

pálpebra inferior até a extremidade do maxilar inferior, como si fossem duas lágrimas descaídas, mas cuja côr era de um azul claro. O cabelo comprido e ondulado.

Além do arara ainda ali estavam como prisioneiros, segundo o que nos disseram, duas carajás, isto é, uma mulher e uma mocinha.

Além disso ainda me chamou muito a atenção o fato de que o cabelo dos iurunas não era de um preto intenso, mas de reflexos castanhos. O cabelo de algumas crianças era até castanho escuro.

Alguns usavam listas pretas sôbre o peito e o corpo, um outro fazia-se notar pela pintura da coxa, isto é, uma lista lateral até à faixa,

debaixo do joelho. O resto da superfície da coxa tinha uma série de meios círculos.

Três velhas estiveram ainda mastigando muita massa de mandioca, que ajuntaram no caldo. Um soldado contou-me que o “coim”, do Ceará, sua terra natal, se prepara do mesmo modo e que, quando alguém chega a encontrar um caco de dente dentro da comida, o fato constitue motivo de grande alegria. Mas a mim creio que me agrada mais o preparo da “kawa” nas ilhas de Samoa, pois ali se procuravam para essa tarefa as jovens mais bonitas, cujos dentes eram bem mais apetitosos do que os pés dos nossos vinhateiros.

A canoa destinada a guardar o “punch de ptialina” estava colocada num cavalete de madeira, coberta de folhas verdes de bananeira. Para mexer usavam um pequeno remo muito interessante. Ainda havia umas cuias sôbre as folhas. O aspecto era realmente bonito. Qual seria o estudante que não ficaria encantado pela poesia que oferece a presença de uma canoa cheia de líquido entorpecente? E, a dois passos dali, no centro do rancho estavam duas sepulturas. E’ que os iurunas enterram os seus mortos dentro da própria casa e a rede do parente mais próximo é colocada depois por cima do lugar em que descança o morto. Mais tarde, ao que parece, exumam os ossos, secam-n’os e guardam-n’os em cestos, mas nós não tivemos oportunidade de ver alguns d’esses cestos. Três mulheres, parentes de um dos mortos, usavam o cabelo cortado curto.

A figura principal da festa do caxiri era um rapazola bonito, em “toilette” muito cuidada e que manejava um comprido clarim. Tinha o cabelo oleado e partido ao meio, à frente o sinalzinho vermelho e musgoso; na trança dependurava-se uma comprida borla de missangas azues e brancas; em cada orelha fincava-se uma pena de arara e ao redor do pescoço um grosso colar de contas azues, nos antebraços, braceletes de algodão e debaixo do umbigo um cinturão de 16 cms. de largura, sem esquecer o pequeno “chapeuzinho” de palha (1); sob o joelho ligas estreitas e os tornozelos estavam enfiados de várias ordens de missangas de 5 cms. de largura e, no peito, finalmente, usava uma chave presa a um cordão. A panetádada, de 8 palmos e meio, sendo até um pouco maior que elle mesmo, estava coberta com uma espécie de trançado de junco e na extremidade destacava-se, como uma lingueta, um pedaço de bambú, que imprimia sons fortes, mas abafados.

1) N. da T. — Trata-se do protetor da parte genital.



Festa do Coxiri

O herói da festa caminhava sem cessar, pelas covas e por perto da canoa da bebida arrastando um monótono toque de clarim, instrumento que tinha entre as mãos. O único trecho da interminável canção durava um minuto, sendo logo repetido, quasi sempre no mesmo tom. Entremeava a sua música, oferecendo bebida aos outros, não se esquecendo de sua própria garganta de músico. Ouvia-se sem parar : “Läva, näim, läva näim, läva näim” ou “hānanà, hānaná hānaná”.

Enquanto ia a bebedeira, as mulheres torravam farinha e fiavam algodão.

Todos já estavam com as faces túmidas de tanto beber e quasi já nem se entendiam a si próprios. Gostavam muito de andar falando ou cantando para si mesmos, sem ligar para os outros.

Chamou-nos novamente a atenção o efeito que fazia o caxiri num rapazola de flecha, arco, trança e um diadema engraçado de penas dobrando, para traz.

À noite organizou-se um baile diante do rancho. O ponto central era formado por dois sopradores de flauta que se mantinham bem juntos um do outro. As suas flautas achavam-se ligadas por um fio, e eram sopradas duplamente, emitindo-se os mesmos curiosos sons, ao mesmo tempo que pulavam de joelhos dobrados a passo igual, rítmicamente, mas mantendo-se no mesmo lugar. Uma roda formada de homens pulava para a frente no mesmo compasso, indo e tornando a voltar logo que um deles atingia o ponto de partida e nesse momento todos caíam numa gargalhada breve e sonora, depois recommçavam a coisa, sem fazer pausa. Durava horas essa corrida aos pulos para lá e para cá. Seguravam o arco e a flecha na mão e iam sendo levados por uma figura embuçada, que na semi-escuridão parecia homem vestido de mulher no carnaval, pois as roupas eram femininas ao passo que os movimentos, bastante abruptos, masculinos. Essa roupa compunha-se de um gorro de algodão guarnecido de penas rubro-auri-verdes em toda volta e bem assim um casaco comprido, branco, de tecido ralo de nós de algodão, tendo na bainha uma volta de penas de mutum viradas para baixo. Castro contou-nos que, de acôrdo com o que lhe dissera um iuruna, essa festa de dansas se revestia da lembrança de épocas anteriores em que o grande cacique teria sido recebido com muita pompa nas aldeias que visitava. O cacique era então representado pelo homem metido em comprido manto e corça de penas.

11 de outubro - 6 hs. da manhã : I 758.4, II 751.8, Sec. 22.3, cum.
s. em N 1, NE 1, agua 30.5, noite clara.

2 e 30 da tarde : I 758.0, Sec. 32.5, cum. 8, NE
1-2. Nesse momento caem algumas gôtas de
chuva.

4 e 40 da tarde : I 758.0, II 749.2, Sec. 30.5.

10 hs. da noite : I 758.8, Sec. 25.0, str. c. no NO
1, vento - E.

12 de outubro - ϕ 4° 22'.4, λ 1° 12'.3, km. 26.70, soma 1610.02.

5 e 30 da manhã : I 758.0, II 751.5, Sec. 23.5,
str. 1, vento - E.

8 e 30 da noite : I 758.0, II 751.2, Sec. 26.2, str.
SO 1, vento - E, durante o dia bom tempo :
às 2 e 30 da tarde chuva de curta duração.

Nunes tira graciosamente o chapéu e diz "adeus" — ha de tudo. O rio continúa a cada instante sulcado de novas pedras. Uma correnteza mais forte, em que todos se descuidaram, pois riam e olhavam em torno, remando pouco, faz virar sinistramente a "canoa dos piratas", fornecendo tema para maiores debates no "parlamento republicano".

Pela tarde os jurunas, como é fácil de se imaginar, tornam-se terrivelmente embotados de inteligência, ficando em parte a dormir.

De tarde aparecem uma série de barreiras e outra de corredeiras e é com uma rapidez de navio a vapor que chispamos por entre Cila e Caribdis, tendo pela esquerda redemoínhos borbulhantes e espumantes, e pela direita, massas de água de fórmula arredondada e lisa, aparentemente parada.

As rochas são como granitos.

Canal de 100 a 200 ms. de largura. A torrente impele-nos, a nós, que descemos o rio, para uma adufa de $\frac{1}{2}$ m. de profundidade e antes que compreendamos o que se passa, já estamos longe dali.

Valentim descobre um tapir que está a nadar rente à margem. Todos correm para a caçada. Irineu manda-lhe duas balas, uma nas ilhargas e outra na tromba, Valentim passa-lhe chumbo nas orelhas, mas o animal foge pelo mato. Os cães, então, correm atrás dele e nós remamos com todas as forças. Mais tiros e o bicho desaparece ainda uma vez nas brenhas. Os cães ficam a olhar estúpidamente para dentro d'água sem saber, sòmente o pequeno Gozo pega-lhe o rasto, sendo seguido pelos outros. Mas a meio quilómetro o tapir está novamente n'água. Verifica-se uma verdadeira regata e confusão, o animal ora mergulha ora aflora, Pedro deixa de acertar com a espingarda a 5 passos da presa, enviando logo uma flecha que não se fixa no couro do bicho. Meireles

também atira, mas não acerta por pouquíssima diferença ; de repente, outro tiro acerta. Os barcos quasi se atropelam um ao outro, na velocidade da corrida. Tenta-se agarrá-lo. O nosso barco quasi vira, e enche-se d'água. O animal é espetado com facas, o iuruna fere-o com uma flecha, a mulher dêste grita excitada e gesticula, querendo dizer que o laçassem; nisso o facão de Antônio consegue fazer uma ferida de onde brota sangue, mas de novo o bicho está a nadar debaixo d'água, entretanto, ao aflorar entre duas canoas é agarrado por uma das patas, é morto e levado até o penedo próximo. Trata-se de um exemplar enorme, um verdadeiro "burro" completamente cheio de carrapatos graúdos e de côr castanha. O que tem de mais bonito é a crina curta e lisa, igual à dos cavalos dos deuses gregos.

Imediatamente tratam de lhe esfolar a pele, estripando-o depois, a cabeça é cortada e dividida, o fígado é pôsto num balde, a carne é distribuída sôbre alguns galhos verdes, os cães recebem alguns pedaços e seguimos caminho.

Perto de uma árvore perfumada e em fôrma de abóbada gigante, o cajueiro do mato, acampamos. O assado de tapir é esplêndido, porém o cozido é terrivelmente duro e intragável. Distribuímos entre os homens nossa última porção de álcool para acender fogo.

13 de outubro - 4° 5'.1, 1° 17'.0, km. 37.54, soma 1647.56.

5 e 40 da manhã : I 757.8, II 751.2, Sec. 22.1, nebulosidade - E, vento - E. Noite limpa e fresca.

6 hs. da noite : I 757.7, II 750.2, Sec. 28.9, Nebulosity - E, N 1, água 31.7, até o meio-dia o céu está todo forrado, depois fica limpo e está muito quente.

7 e 20 da noite : I 758.0, Sec. 25.5.

Às 6 e 30 hs. da manhã tornamos a partir. Braço muito largo, por onde se notam muitas ouassús, inajás e tucuns.

A pequena Suiá considera-me agora como si eu fosse a mãe dela, agarrou-me fortemente com os pés, e si tento desprender-lhe as falanges, berra como si lhe quisessem cortar o pescoço. Afim de exprimir seu bem-estar e o seu carinho para comigo ela tem curiosa maneira de bater com a língua. Foi em vão que tentei, nas últimas noites, desfazer-me de sua companhia dentro da rede e acostamá-la a contentar-se com a companhia de sua futura companheira de sorte, mas ela berrava tão indignada e cheia de cólera que eu, como o mais sensato, cedí. Esta

noite, entretanto, (até mesmo a mais amistosa das proteções tem seus limites), fui acordado por uma espécie de picada na região do coração dada por ela e, com terrível xingamento, por certo bem pouco digno de um ser feminino, atirei longe a besta perversa, que com isto não ficou menos furiosa do que eu, alarmando quasi todo o pessoal, fazendo as redes se agitarem inquietas, ouvindo-se muitas exclamações descontentes de "diavo". Dormi pensando no intrincado problema: "Instinto ou Reflexão?" que me fez sonhar que um célebre fisiólogo estava a realizar experiências na camada cortical do meu cérebro, dando-me de "papar" cenouras (1).

Estamos a levar conosco 33 animais. Braga arranjou uma redezinha azul de pano de calças, para o seu macaquinho, que dispos na canoa. E' para mim inteiramente incompreensível como teria obtido esse pano.

As côres berrantes das araras parecem maravilhosas ao brilho do sol, e por aquí elas não fazem doer tanto a vista como no nosso Jardim Zoológico. Quando o Senhor, como quer a lenda, após ter enfeitado todas as outras aves, pintou com o resto das tintas o pintassilgo, certamente devêra ter começado a pintura das outras aves com a arara, em quem experimentou a variedade das côres, desperdiçando-as, entretanto; além do que, pincelou, após cada côr clara, uma tinta escura, perto de um azul celeste, um farto vermelho púrpura.

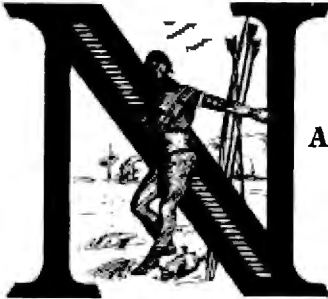
Só muito raramente consegue hoje o sol aparecer entre as nuvens. Wilhelm, de cachimbinho na boca, já está sentado há um bocado como o astrônomo com o relógio, com a lente na mão, afim de pegar, si possível, um raio acendedor.

Após arrastarmos os barcos através de um canal de 20 ms. de largura, desembocamos, finalmente, num braço maior, isto é, de 1 km. de largura. De lado aparecem alguns bancos de arcia e pela frente ergue-se uma cadeia de colinas. Estamos em *Piranhaguara*, que constituiu o ponto final da viagem do Príncipe Adalberto.

1) O casuzinho de coatás, que conseguí trazer para casa, ofereci-o ao Jardim Zoológico de Dusseldorf, onde se desenvolve esplendidamente. O papagaio anacá também ainda se acha bem, conquistando todos os corações femininos com os seus gritinhos carinhosos de "anakú" tendo esquecido muita coisa da linguagem iuruna.

Desde Piranhaquára até desaguar no rio Amazonas

Através de Pará para o Rio de Janeiro



A realidade a nossa viagem também se pode dizer terminada em Piranhaquara, pois alcançamos agora terra já conhecida.

Vêem-se três casas vazias a pouca distância. Aquí morou o *Caiumá*, de quem muito nos contavam os iurunas e pelo que parece deve ter sido o chefe superior, tendo morrido durante uma viagem. O rancho principal contém ainda certa quantidade de objetos intactos, conforme os deixou o *Caiumá*. Numerosos cestos estão dependurados no teto, notamos machados, uma espingarda, um candieiro e lá fóra há até um cano de espingarda numa peça de madeira que deve ter servido para salvas.

O rio corre rápido e rapidamente passam as margens aos nossos olhos. Pela esquerda há colinas de 100 a 120 ms. de altura, extraordinária e graciosamente cobertas de florestas. Coroas de ramadas, uma atrás da outra, e, entremeando isso, vinham como penas balouçantes os leques da oauassú ou um ramo de flores de pau darco, que possui a côr do codesso dos Alpes. Tudo rico e tranquilo. Na ilha, à direita, o primeiro plano é dominado pelas esguias e balouçantes tucuns, de troncos finos e prateados, na maioria tortos ou arqueados, vendo-se, além disso, frequentemente, a baúva e o feijoeiro, êste último coberto de vagens de 2 cms. de comprimento, lisas e amarelas, ou pardo avermelhadas. A taquara enche em baixo todas as cavidades, enquanto outra espécie de arbusto vai não menos pretensiosamente subindo até o alto das copas, em fórmias arredondadas e a cobrir inteiramente qualquer espaço. Também a inajá, que parece vestida de um amontoado de franjas, não é rara por aquí.

11 de outubro — φ 3° 46'.2, λ 1° 20'.0, km. 41.66, soma 1689.22.

5 e 30 hs. da manhã : I 756.8, II 750.8, Sec. 20.8,
Nebulosidade e vento = E. Noite muito clara
e fresca.

6 hs. da noite : I 758.8, II 751.6, Sec. 31.4, str. 1,
E 1 a 3, durante o dia tempo bom.

7 hs. da noite : I 759.2, Sec. 29.6.

Saindo do largo braço de rio, penetramos numa região de pequenas ilhas em ruínas, passamos por uma correnteza espumante e nos encontramos numa tranquila bafa, de onde sai um canal de 5 ms. de largura, que se vai estreitando, em muitos pontos até 2,5 ms. ao mesmo tempo que corta no sentido do comprimento (cêrca de 1 km.), um terreno de



Pirinhaquára

rocha deserto. Blocos roídos, escangalhados, escorificados e reluzentes, inteiramente lavados, estão aos montes nas margens, entre as quais se acha, aquí e alí, um pouco de terra firme. Os botes, que são arrastados durante algum tempo, fazem-nos perder meia hora com isso. Saímos num braço largo, entre duas ilhas e verificamos que, nesse sorrateiro caminho feito, demos uma volta, tendo evitado uma “cachoeira grande”.

Após curto tempo de viagem, nova corredeira, onde encalhamos e, a muito custo, nos livramos dela. À esquerda, novamente uma superfície agitada, que contornamos, passando por um canal.

Depois entramos numa cachoeira que se arqueia sôbre um pedaço de rocha, onde se quebram, em altos bramidos, as ondas espumantes : tem-se a impressão de que as canoas se erguem de pé para pular num salto por sôbre uma escada. A minha ubá está pesadamente carregada, de modo que eu e a mulher iuruna estamos a andar um trecho sôbre a pedra comida, na qual é perigoso brincar com os pés nus.

Seguimos por uma bacia, para um canal de 7 ms. de largura, onde encontramos mais pedras do que água ; estas condições mudam algumas vêzes até entrarmos, novamente, numa torrente e o braço volta de novo a 1 km. de largura. À esquerda, colinas de 100 a 130 ms. de altura. Formar uma idéia sôbre o rio, na sua totalidade, é impossível. Ainda algumas corredeiras em que o nosso barco se enche de água, depois uma curva de colinas altas, tendo ao pé um pouco de praia — é *Coataquara*.

De agora em diante, vê-se à direita uma cadeia de montanhas. À esquerda, mostra-se o desaguamento do *Iviri* ; não é possível, da distância em que estamos dele, avaliar a largura do mesmo. Algumas correntezas, onde a ubá de Clementino vira. Depois disso a viagem é durante muito tempo bem sossegada. Às 4 e 30 horas da tarde há uma curva para léste, cheia de fortes cachoeiras, por onde chispamos para baixo numa velocidade louca. A situação peora nos ângulos das mesmas. Os grandes blocos estão bem alinhados em sentido horizontal, formando listas brancas. Assim começa a minagem do rio. Formam-se as massas escorificadas, terríveis de se ver, julgando-se de vez em quando estar em frente de muralhas de barro vitrificado.

O sol já está quasi descambado, quando fazemos parada. Os mosquitos estão terríveis.

15 de outubro — φ 3° 41'.1, λ 1° 32'.4, km. 37.22, soma 1726.44.

5 e 45 da manhã : I 760.8, II 753.8, Sec. 24.5, cum. 6, NE 2, água 30.3, nebulosidade desde 4 hs. da madrugada principalmente no E, vento de NE, noite limpa.

11 hs. da noite : I 763.4, II 756.2, Sec. 23.7, nebulosidade e vento — E, manhã nublada, ao meio dia limpo ; 5 hs. tarde : chuva e vento — E.

Noite miserável. Os mosquitos carapanãs, aos enxames, penetravam na menor abertura das cobertas e da roupa.

Continuamos o caminho de manhã, às 6 e 45 horas. Na margem esquerda residem atualmente os índios araras. Durante algum tempo,

um cáos de pedras, depois uma cachoeira regular. Colhemos cajús meio azedos.

A canoa de Wilhelm está bastante avariada. Dois repuxozinhos que se fizeram no seu interior estão muito ativos, de modo que com uma das mãos êle se defende constantemente dos mosquitos e com a outra está esvaziando a água que vai penetrando.

O rio torna-se mais acessível de abranger com a vista. Possui, no mínimo, uma largura de 2,5 kms. e é sulcado por muito poucas rochas, agora. Após termos passado por uma cachoeira, viajamos durante algum tempo em um regato florestal. São incsgotáveis os novos cenários no Xingú. Caminhamos 50 passos a pé, enquanto os barcos são empurrados entre fendas de rochedos; há uma quéda de 0,5 m. Uma vara de remo quebra-se como um simples caniço.

Novamente o rio e cumes de colinas à direita, até 180 ms.

Agora vamos tomar por uma cachoeira larga enquanto outros escolhem a passagem por outra cachocira estreita devido ás embarcações mais exíguas. Castro atravessa bem. Conigo vão Manoel e Valentim que estabelecem confusão e assim viramos no meio da cascata de encontro a um rochedo. Imediatamente o barco enche água, mas conseguimos segurá-lo, para que a carga não fuja. Sòmente um chapéu, um remo, um casal de periquitos vão embora, mas logo depois conseguimos apanhá-los. Jogamos as coisas sôbre o penedo, do tamanho de uma mesa comum, o papagaio satisfeito bate as asas, aos "prrr, prrr", os macacos clamam e sentam-se, afinal, submissos, sôbre o meu alforge. Pouco sensível a tudo, o coatí nosso proboscídeo está a correr por aí e perfura, com o focinho, um embrulho de bananas. Poderia ser peor, penso eu.

Seguindo através de alguns canais, passando por algumas ilhas, cachoeiras, aparece uma habitação na margem esquerda; chamamos e aparece um homem. Todos começam então a remar, como possessos, na direção dele. Cada um de nós deseja ser o primeiro a cumprimentar o primeiro brasileiro que aparece. O homem e um camarada que o acompanha são, também, novatos na redondeza, compradores de borracha. Conversamos durante alguns minutos sòmente, mas a nossa alegria é grande.

Pela primeira vez ouvimos pronunciar a palavra: "Xingú".

Até Manoel não mais duvida: "Ja wohl", diz o bobo do negro, "para que tem homem matemático?" (para que existem os matemáticos?!).

Depois de algumas dificuldades, atingimos, às 5 e 45 hs. da tarde, a ilha Itapaiuna. Crepúsculo já. Aquí mora um negociante agricultor, que se acha ausente. Entretanto a sua bonita governante Selma e um rapaz

a seu serviço recebem-nos com amabilidade. Na casinha confortável admiramos o candieiro, a mesa, as cadeiras, o moíno de café — que sei eu ! Tudo é novo e deslumbrante para nós.

Selma, que, a princípio, ficou intimidada com a nossa aparição, de aspecto um tanto selvagem, foi se aproximando aos poucos. Prepara-nos um café esplêndido, e nos oferece, também, peixe. Tivemos um choque ao ver que se tratava de piranha, aliás, cozida com cebolas, verduras, sal e muito bem preparada, de modo que nos soube bem. Deu-nos, também, — que o céu lhe perdoe muitos pecados por êsse benefício — deu-nos também queijo Edam e açúcar e até mesmo um copinho de vinho do Porto. Comemos, — por que mentir ? — com avidez, a ponto de não desprezarmos a casca vermelha do queijo.

Fizemos algumas compras, não muitas, para não correremos o risco de ultrapassar nossos recursos. As dificuldades de transporte têm como consequência haver aumento de preços das mercadorias na parte superior da Volta.

1 quilo de toucinho custa 4\$000 (8 marcos), 1 litro de sal 800 réis (1.6 marcos). São obscuras ainda as relações comerciais da província. O seu artigo principal, que é a borracha, vende-se atualmente de 1\$500 até 1\$600 o quilo no Pará, mas no ano passado custava a mais de 4\$000 o quilo.

Selma nos assegura que ainda conseguiremos tomar o vapor em Tucuruí, que ainda se distanciava 3 dias daqui. O “vapor !”, o “vapor !” — com que doçura e grandeza ao mesmo tempo soa essa palavra aos nossos ouvidos !!

16 de outubro — φ $3^{\circ} 11'.7$, λ $1^{\circ} 40'.1$, km. 51.05, soma 1779.49.
5 hs. e 20 manhã : I 762.2, II 756.0 sec. 22.0
cirr. em penacho 5° , vento — E, noite limpa.

17 de outubro — 5 e 20 da manhã : I 761.4, II 755.6, Sec. 20.5,
cirr. 1, vento — E, água 29.9, pela manhã muito fresco, noite limpa.

8 hs. da manhã : I 763.5, II 756.5, Sec. 25.2,
Hipsom. 99.650.

3 e 40 da tarde : I 761.4, II 753.6, Sec. 32.3, cum.
4, vento — E.

9 e 30 da noite : I 762.8, II 755.2, Sec. 22.0, nebulosidade e vento — E.

Os soldados carregaram as nossas galinhas e papagaios para a casa de Selma, afim de obterem, em troca, algum fumo, que é caríssimo.

O Corneta ainda tocou para ela, na despedida, uma das suas canções mais emotivas e logo depois nos dirigimos devidamente embarcados, para um grupo de ranchos afastados, onde os nossos iurunas haviam pernoidado. Aquí residiram, há tempos, índios araras, mansos. Hoje estão mortos. É a terceira vez que ouvimos pronunciar a palavra “morrer” no “Alto-Xingú”. Alto-Xingú é a designação que se dá à região situada no lado superior da Volta, em contraste ao Baixo-Xingú, que é a parte inferior do rio. Alí fomos recebidos pelo Capitão Ambrosio, cacique da tribo dos péuas, residentes um pouco abaixo do rio. Êsse mistificador contou-nos que chegara à meia-noite, porque a sua gente lhe levára a notícia de que nós vínhamos prendê-los ou matá-los. Tomavam-nos, portanto, pelo que nossa aparência exprimia, isto é, por índios selvagens do alto Xingú. Ambrosio falava o português correntemente, dizia “já ter estado no teatro, no Pará”. Êle encarregava-se de estabelecer por meio de seus conhecimentos da língua as relações com o resto de tribus aquí fundidas e espalhadas, cujos indivíduos entram ao serviço dos comerciantes de borracha. Creio que se pode atribuir em parte a êle o fato de se estar por aquí tão mal informado a respeito dos iurunas, não havendo por isso desejo de tirar vantagem das relações com êsse pequenino povo, que tão bem conhece o rio, e é, relativamente, trabalhador.

Os péuas que, de acôrdo com a informação de Ambrosio, contam 30 homens, 25 mulheres e 15 crianças na sua aldeia, perderam muitos habitantes por causa da febre dos pântanos. Procurámo-los em sua ilha, onde encontramos uma porção de mulheres e crianças. A “aldeia” consistia numa casa em genuino estilo iuruna. As mulheres envolvem o corpo em pano de avental. O cabelo é ondulado e de um castanho escuro. A côr da pele é terrosa, muito amarela. A pálpebra superior muito afastada, o corte dos olhos regularmente estreito, nas crianças é aberto e redondo. As narinas arrebitadas. O lábio superior forte e protuberante. Corpo baixote. Consideram-se os péuas muito inteligentes. Moravam antigamente no alto Irirí e emigraram para esta região de ilhas, em número de 500 indivíduos, por causa da pressão que sôbre êles exerciam as tribus inimigas. A sua língua consiste num dialeto tupí bastante diverso do dialeto dos iurunas. O nome da tribo é uma abreviatura de tucunapéua (Taconhapéz, conforme o Príncipe Adalberto).

Ambrosio é capitão e não gosta que o tratem simplesmente por Ambrosio, pois, diz êle, que assim também se pode chamar a um cão. Oferece-nos êle aguardente e bananas que são retiradas de dentro da

areia, onde as depuseram para amadurecer. Em troca da nossa bússola, já ruim, e o resto da pólvora, êle se propõe conduzir-nos à casa do Coronel Gaioso, parte alta e extrema do rio atingida pelas velhas Missões, justamente onde começa a “Volta”, a poderosa curva, toda cheia de quedas d’água, do baixo Xingú.

Viajamos no belo e largo rio, entre margens de colinas cobertas de florestas e sempre em direção ao nordeste. *De acôrdo com os mapas brasileiros, estaríamos já ao norte da Volta, cujo ponto inicial, ao sul, sómente hoje alcançamos.*

Ao que parece, os cálculos devem ter sido feitos apenas segundo os itinerários, sem que se fizesse qualquer determinação astronômica, do contrário a representação inteiramente errônea dos mapas seria impossível.

Como nos alegramos ao deparar o primeiro grande barco de vela !

Essas embarcações levam mercadorias para as povoações ali espalhadas dos negociantes de borracha. São construídas em Santarém, no rio Tapajós e valem 200\$000 (400 marcos) lá, mas custam aqui 300\$000 (600 marcos).

Já estava escuro quando chegamos diante da residência magnificamente situada do homem mais rico do Alto Xingú.

Aquí interrompo as notas do meu diário, que nada mais de novo poderiam oferecer.

Por certo teria sido interessante conhecer, também, a Volta, mas as suas cachoeiras são medonhas e nós damos graças aos deuses de nos pouparem o resto delas. “Sapienti sat”.

A Volta desloca o nível do Xingú para mais 90 ms. de profundidade até quasi o espelho do rio Amazonas. E’ aquí que fica a reserva mais norte do formidável sistema montanhoso que alimenta os afluentes sulinos do Amazonas. O fato do Xingú atingir o extremo norte explica naturalmente o aspecto inhóspito e bravo de suas selvas. O Xingú e o Purús são, neste sentido, dois extremos, pois o primeiro constitue verdadeira ironia em relação a qualquer pretensão da navegação ao passo que êste outro, no longínquo oeste, é em virtude do seu curso tranquilo, bastante prometedor para as relações comerciais do futuro.

Os caminhos da Volta, tanto o fluvial, como o de terra firme, permitem-se encurtar. Assim, Castro e o pessoal escolheram o primeiro para o transporte dos nossos tesouros e nós, para conhecermos a nova estrada do Coronel Gaioso, fomos por terra. Durante três noites ainda dormimos em plena mata. A chamada estrada é aberta, através das brenhas, sem qualquer técnica, um trabalho feito por negros, e, só com

muita dificuldade conseguem transitar por ali animais pouco carregados ; sua direção segue para o nordeste e tem uma extensão de 47 kms.

No dia 21 de outubro alcançávamos a “Fortaleza” do negociante José Candido Saraiva de Carvalho, um dos homens mais gentis que encontramos durante a viagem. Estudamos o preparo da sua borracha e bebemos o seu vinho, que nada mais era do que um horrível vinagre. Contudo o nosso anfitrião no-lo ofereceu tão generosa e afavelmente, aludindo ao nosso bom êxito com palavras tão sedutoras que teríamos tomado até veneno si fosse preciso.

No dia seguinte chegamos à chamada “Ilha do Major”, de propriedade do comerciante mais importante do Baixo Xingú. O nome geográfico da mesma é Arandaí.

Com respeito a êsse lugar, junto aquí as observações barométricas, afim de completá-las :

23 de outubro – 8 e 45 da manhã : I 772.4, II 765.4 (26.1) Sec. 29.1.
3 e 15 da tarde : I 770.0, II 762.6 (29.9) Sec. 33.3.
4 hs. da tarde : I 768.4, II 761.6 (30.7), Sec. 31.3,
Hipsom. 99.770, Observação feita no interior da casa 4 ms. acima d'água.

O efeito do fluxo e refluxo estende-se sôbre todo o Baixo-Xingú.

Arandaí é a última ilha, entre as 23 (conforme nos informaram), que começam na foz do Tucuruí. Deve haver, no Baixo Xingú, além das aldeias Souzel, Pombal e Veiros, 340 “barracas” (habitações) e entre estas 20 mais importantes, pertencentes aos comerciantes seringueiros.

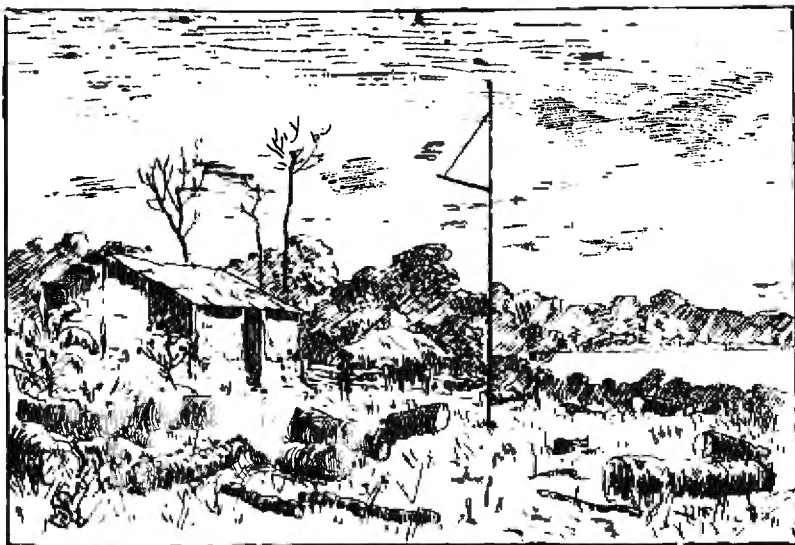
A diferença primordial entre o Alto e o Baixo Xingú está na salubridade dêste último. O problema de uma boa estrada entre ambas estas regiões só depende de dinheiro. Desse modo, a praga da terrível febre dos pântanos, que todos os anos faz muitas vítimas entre essa população escassa do outro lado da Volta, torna a luta pela vida uma desesperada agonia.

As ilhas de vegetação luxuriante e abafada, que se aglomeram confusamente no Alto Xingú, não gozam do privilégio da ventilação das ilhas do Baixo Xingú, situadas no centro do largo rio. Produzem a maioria dos seringais, mas acarretam, também, a maioria das febres.

Na ilha do Major, Castro reuniu-se a nós e com reboantes salvas cumprimentaram a ribeira acolhedora. O amável proprietário pôs barcos à nossa disposição, com os quais, no dia 24 de outubro, continuamos a viagem para *Souzel*.

A ilha dêste nome, que, em alguns mapas, se acha ainda localizada na margem esquerda do Xingú, foi no ano de 1849 deslocada para a direita. Ela possui uma igrejinha branca e umas quarenta casas. Muitas delas estavam fechadas. Na época de setembro a janeiro, todos partem em busca de seringueiras. Havia, aliás, muito poucos barcos por ali.

O vapor do rio Xingú, que vai até Tucuruí nos faria ainda esperar uma porção de dias. Entretanto, as condições maltrapilhas e pouco civilizadas das nossas roupas nos davam vontade de voar para êle. No Porto de Moz, a pequenina cidade na foz do Amazonas, poderíamos aguardar mais cedo uma oportunidade de viajar.



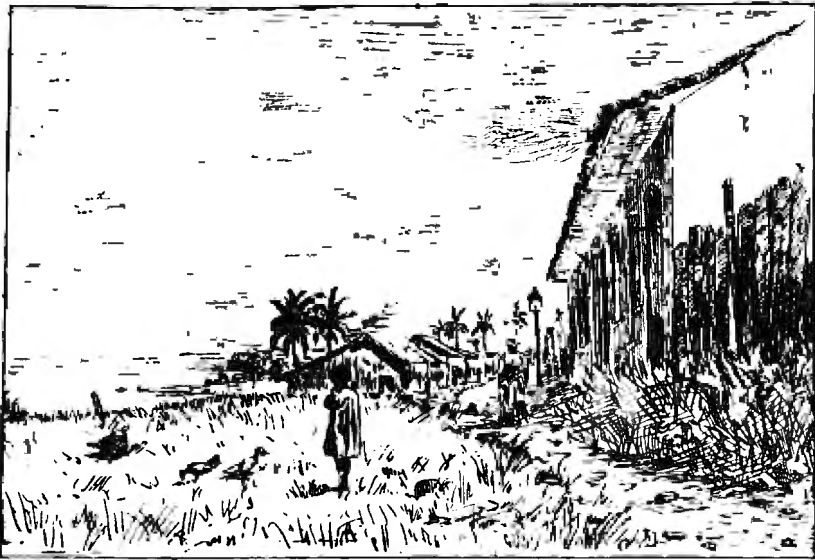
Fortaleza de Saraiva

Assim, foi posto amavelmente à nossa disposição um barco, e separamo-nos então de Castro e da tripulação em Souzel, onde queriam ficar até a chegada do vapor.

Aquí, entre pessoas bem vestidas, é que se nos tornou bem claro o aspecto medonho que apresentávamos. Verificou-se conosco qualquer coisa semelhante ao que se deu com os nossos avós no Paraíso, após terem comido a fruta da árvore do Mal... Nossos olhos se abriram e perceberam que estávamos nus...

Sabíamos que Castro e os seus homens se achavam entre os seus patrícios, a quem prestaram tão grande serviço e esperávamos ainda

estar com êles no Pará. Isso, entretanto, não se verificou, e assim enviihes daqui um carinhoso adeus. Não era frequente, no Brasil, que uma expedição composta de elementos civís e militares fosse coroada de tão feliz êxito; aliás, o nosso comêço não pareceu prometer coisa boa. Os inconvenientes de uma tal combinação de elementos dependem dos próprios elementos, pois a disciplina não exerce os seus efeitos em empresas desta ordem. Quanto à atividade científica, esta se restringe consideravelmente. Aliás, sob o ponto de vista elevado do problema em si, devemos considerar a vida em comum, durante aqueles 5 mescs, com certa satisfação. Que o próprio país, que, dessa fôrma, economizou somas



Porto de Moz

importantes, não se esqueça de demonstrar a êsscs homens, de uma maneira mais expressiva, a gratidão que lhes deve, pois que a nós só nos restam palavras. Nós, os estrangeiros, empreendemos tudo por conta e riscos próprios e a nossa recompensa foi o êxito, mas que interessava ao pobre soldado o rio Xingú? Apesar disso, êle fez muito mais que o seu dever e ainda suportou, de certo modo, grande parte das despesas. Não é justo, portanto, que não seja muito bem recompensado.

Os quatro camaradas Valentim, Daniel, Pedro e Antônio conduziram-nos até Porto de Moz, e grande parte da viagem foi feita com o

auxílio de uma brisa ligeira que impulsionava o barco de vela, em que fâmos. O nosso olhar regalava-se ao contemplar o garboso rio. “E’ como um braço do mar que entrasse pelo continente”, exclama o Príncipe Adalberto na sua volta a êste lugar, “que êle percorre majestosamente, deslizando para o rio Amazonas”. Realmente, o “jovem” Xingú, após superar todas as dificuldades e vicissitudes, tornou-se aquí um “homem”!

Como são pequeninos os nossos rios europeus em comparação a êstes gigantes! E’ com 8 kms. de largura, simples afluente, que o Xingú se reúne ao seu tão importante companheiro.

Vêem-se umas ruas de casas térreas, repassadas de azul e rosa, de telhados vermelhos, filas de palmeiras agradáveis, belo caminho ao longo do rio — era Porto de Moz. Também esta cidadezinha parecia morta.

À meia-noite do dia 28 de outubro fomos acordados com a notícia de que o vapor havia chegado. Na verdade, viam-se alí brilhando sôbre o rio e no escuro da noite as suas lanternas. Tudo já estava preparado para embarcar, de modo que nos dirigimos para bordo, que aos nossos olhos de índios pareceu um monstro. Já na ponte pênsil, o barco quasi que virava. E’ que os nossos camaradas haviam esta noite bebido mais do que a sua fraca constituição o permitia. Valentim mergulhou (ótimo refrescante para êle) e eu, ao erguer-me, de mãos pregadas nas correntes da escada, tomei um banho ameno — o último tomado no Xingú.

No dia 30 de outubro chegamos ao Pará. Apesar de nosso aspecto indigente, o Consul alemão recebeu-nos da maneira mais afável possível. No dia seguinte estávamos vestidos de novo dos pés à cabeça. Após termos apresentado os nossos cumprimentos ao Presidente da Província, após coordenar e embalar a nossa coleção etnológica, aproveitamos a primeira oportunidade para irmos ao Rio de Janeiro.

Infelizmente agora se faziam sentir as consequências de todas as nossas aventuras. A minha febre e a de Wilhelm redobravam de intensidade, aliando-se ao grande cansaço e anemia que nos dominava. Durante um ano ainda nos ressentimos dos efeitos desagradáveis da nossa viagem ao Xingú.

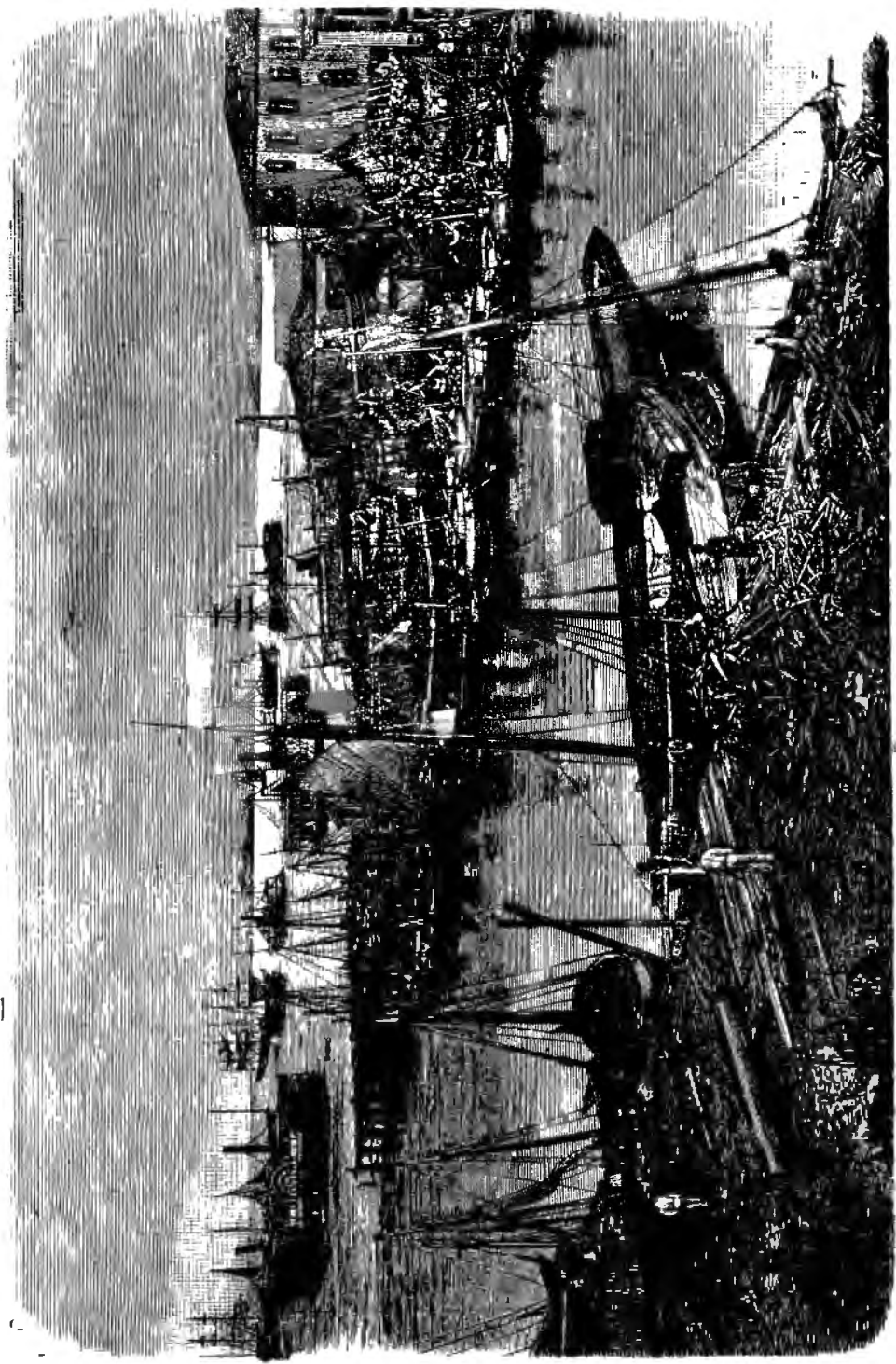
Até o fim de dezembro permanecemos na cidade mais lindamente situada do mundo.

Ambas as Sociedades de Geografia prepararam-nos recepções das mais honrosas, isto é, S. M., o Imperador quis saber de tudo dos seus

novos súditos e assistiu a uma sessão em nossa honra, dada pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Os nossos caros compatriotas do Clube Germânia não nos cumularam sômente com inesquecíveis demonstrações de amizade, mas, também, auxiliaram os nossos quatro camaradas, que vieram encontrar-se conosco, com bebida, comida e dinheiro. Antônio, o bacairí, foi mimado de uma maneira especial.

“Tahahá ! catú hecatú !” — êsse era o cumprimento do dia. Não poderia terminar melhor êste capítulo do que reproduzir aquí o cardápio significativo que nos ofereceram por ocasião do banquete e que recorda gostosamente as nossas principais peripécias da viagem :



Porto do Pará.



GERMANIA.

Rio de Janeiro, 20 Dec 1884

Huitres.

Potage Printanier à la Katú Hekatú

Garope Xingú, sauce Bakairi.

Filet de Bœuf à la Suyá

Aspic de Fore-Gras à la mode Custená

Suprême de Volaille, sauce Manitsauá

Punch Caxiri.

Dinde Volière à la Yuruna.

Asperges Indiennes à la mode Trumá

St. Honoré à la Vanille Carajá

Tahahá atatabahá glacé

Dessert assorti.

Lendas dos bacairís

NAS narrações que nos fez o Capitão Mêmo, num português terrivelmente maltratado, a figura que mais se destacava, pela frequência com que a citava, era a de “Imperador”. Si os missionários tiveram alguma vez a intenção de causar confusão nos bacairís que catequizavam, creio que devem ter atingido êsse objetivo, e de tal modo que pouca coisa se distingue com clareza e exatidão em meio da mi-xórdia que fazem.

Imagine-se : — Imperador, o deus do sol dos Índios. Costuma-se designar, também, o Imperador por Kerí (1) e Chichi. O seu irmão chama-se Came e também Nuna. Chichi é o sol, Nuna a lua. Kerí e Came são apenas dois outros nomes para ambos esses planetas em muitas tribus Guck (V. a Tab. dos Nu), emquanto, pelo contrário, Kerí designa lua e Came o sol.

Kerí e Came são os filhos de “Utoto”, isto é da onça pintada e de Atanumagale. O pai de Utoto é desconhecido, mas a sua mãe chama-se Mero, cujos pais também são desconhecidos. Quanto aos progenitores de Atanumagale só se conhece o nome paterno que é Camuchini. A palavra Camuchini parece conter Camu como radical, lembrando tamoussi, o “velho dos céus” em galibí. Êle, mais velho, também, que Mero (que é a mãe do seu genro) é o mais antigo de todos e, conforme diz Caetano, é o Adão !

Ao lado do reino da luz, onde figuram o céu, o sol, a lua e a onça pintada, existem os representantes das trevas. Assim, existe Semino, o morcego, e sua esposa, Evaki, a respeito de cujos pais nada se sabe. Evaki, segundo o que nos ensina Caetano, é Eva ! Vê-se que os piedosos padres não deixaram escapar nada. Mas o mais interessante é que o filho do morcego e de Evaki é Tumeng, palavra que talvez signifique em sua origem escuro, preto — formada exatamente pela analogia

1) N. da T. — Conservo algumas vêzes a grafia com K, Y, etc., por conveniência do estudo fonético nos capítulos posteriores.

com os adjetivos que designam côres. (V. Vocabulário Bacairí, as palavras n.ºs 251 a 256). Aliás, Caetano não emprega a palavra Tumeng nas suas narrações, mas cita o senhor dos negros — digno êmulo do Imperador — o rei do Congo. E' natural, pois os brancos dizem — Imperador do Brasil, os negros, por sua vez — o rei do Congo.

No comêço era tudo uma noite escura. Sòmente por onde voava Guroto, o abutre vermelho, tornava-se claro, e ficava de novo escuro assim que êle se ia. Seu irmão de côr branca também se chamava Guroto, mas onde quer que estivesse nada iluminava. O abutre vermelho possuía o sol, que lhe foi roubado pelo Imperador, o qual usou para isso de um estratagemas. Assim, da "aka" (uma raiz macia como a mandioca) fez o tapir e "pemera", pequenas moscas. Com as pequenas moscas, o tapir adquiriu um mau cheiro que atrairia o abutre vermelho e, astuciosamente, o Imperador escondeu-se numa pata dianteira do tapir. O abutre vermelho veio chegando e dominou o tapir, mas nesse instante, ao querer arrancar-lhe o coração, o Imperador sai do esconderijo e agarra-o pelo pescoço, ameaçando matá-lo si êle, o abutre, não lhe dêsse o sol. O sol achava-se na casa do abutre vermelho, no céu, e o abutre branco é que devia trazê-lo. O Imperador, então, ao receber o sol, entregou-o à velha tia Evaki para guardá-lo. O céu e a casa movimentam-se, o sol, não, pois êle se acha num "fogão", dentro de uma grande "panela" que se fecha com uma tampa. Evaki fecha-o à noite e abre-o pela manhã, quando a casa e o céu se movimentaram para trás.

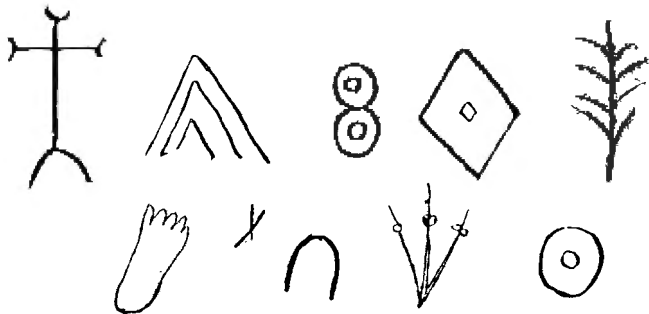
Era Evaki que concedia o sono aos homens e aos animais. Dantes só o lagarto dormia, mas Evaki tirou dos seus próprios olhos o sono para distribuí-lo entre todos.

A respeito da origem da lua e das estrelas, Caetano não sabe informar, assim como silências sôbre Came, o irmão de Kerí.

Os homens foram creados por Kerí, o Imperador, que os tirou das plantas. "Rezou" (sic) para a "uvá", a madeira das flechas e apareceram os bacairís e os cajibís. Os coroás foram creados por meio da "tacoara" (espécie de bambú), os negros do "penacholo", uma madeira preta, os antepassados dos portugueses do "pirecetó", uma árvore que dá no campo cerrado. O Imperador criou a mata, o pasto, o cavallo, o gado vacum, depois rezou pelas térmitas e — bonito, hein? — apareceram as pedras.

Ochobí, uma grande cobra, fez a água. Não se sabe de onde se origina Ochobí. Quem fez o sólo? "Não sei mêmo", respondeu o bom velhinho.

Os primeiros bacairís habitavam o Rio Verde, que é um afluente esquerdo do Paranatinga. E' com prazer que os nossos bons amigos falam a respeito da quêda d'água formada pelo Paranatinga, depois de seis dias de viagem, mais ou menos, rio abaixo. E' ali que, segundo disseram, a maioria desses índios deles nasceu, e onde a natureza é rica em milagres. Já o Salto poderoso e retumbante que, conforme o conhecimento que têm do rio, termina ali, constitue para êles um espetáculo especial. No meio do rio, porém, há uma casa de pedra, como a que existe aqui, isto é, habitável, mas o telhado e as paredes são de pedra. Perto dela, voam bandos de urubús que observam os peixes que ali caem, como numa rede natural, isto é, numa grande prancha de pedra, sôbre a qual os peixes, expelidos pelas águas que sobem e descem, ali perecem inteiramente indefesos.



Escrita simbólica no Paranatinga

Caetano contou-nos, ainda, que Ochobí fez nas cabecciras montanhosas do Paranatinga, uma enorme caldeira que encheu de água, deixando que escorresse em direção ao sol do meio-dia, o que constituiu o Pacumerú que é o Paranatinga dos brasileiros. Mais adiante, contra o sol levante, corre um outro rio paralelo que seria talvez o Xingú, pelo qual perguntávamos. O Imperador, acompanhado de bacairís, e um homem branco costumavam passear, sendo que o primeiro ia ao longo do Paranatinga, o outro ao longo do outro rio, cujo nome não se sabe. O homem branco, certa vez, em que o Imperador lhe falou, deixou subitamente de lhe responder. E' que um grande peixe, o jaú, o havia engulido. Então Kerí enviou um pato que fez com que Jaú tornasse a vomitar, incólume, o homem branco. Êste caminhou ao longo do rio, cada vez mais e mais, até que chegou ao grande "Poço" (fonte, aqui talvez lagoa, refere-se ao mar), onde embarcou, voltando, mais tarde, com a espingarda com que se atira. Tumeng fez a casa de Pedra do

Salto, afim de que o Imperador ali morasse, assim como também fez o alçapão dos peixes, para que os inúmeros urubús encontrassem o que comer.

A origem dessas lendas, até onde parecem inspiradas pelas concepções pagãs, é formada pela diferenciação nítida entre um grupo de deuses da luz e outro de deuses das trevas. Um traço característico, largamente generalizado, entre os mitos dos índios, é a simbolização de gigantescas figuras de animais, que se acham mais pròximamente ligadas ao início da criação e que antecedem, temporalmente, aos deuses antropomórficos, creadores dos homens.

Perto do Salto, existe uma inscrição na margem, que reproduzo aquí, conforme a copiou o italiano Luís Oddi que, há poucos anos, na esperança de encontrar as jazidas de ouro dos Martírios, desceu o Paranatinga até o Salto. Oddi julga que os sinais por êle encontrados devem ter sido gravados à faca, e provir dos paulistas, cujas pegadas êle seguia. Caetano, entretanto, embora não possa dar mais pormenores, acredita que êsses caracteres simbólicos devam provir dos próprios índios e que são muito antigos. O fato de se achar representada, entre êles, uma "figura em fórma de cruz", nada contrapõe a êsse nosso ponto de vista, pois a mesma representa, certamente, um homem e combina quasi inteiramente com uma outra reproduzida por Wallace no seu livro sôbre o Amazonas.

Analogias de linguagem nas Americas

ANTES de entrar em minúcias sôbre as conclusões que se tiram no estudo do índio bacairí, concernentes à história de sua tribo e às suas relações para com as outras que lhe são afins, torna-se imprescindível, para a compreensão geral, explicar em poucos termos as formidáveis diferenças entre filologia comparada européica e americana.

Abstraindo-se a gente da Austrália, é difícil desfazer-se da idéia de que o Continente de Colombo, por ter sido descoberto mais tarde, só há poucos séculos permitiu que a nossa concepção do globo habitado se completasse numa representação conjunta e sem lacuna, como forneceu, também, êsse continente, os elementos mais recentes para o encadeamento da história do mundo.

Não se reflete, entretanto, que o homem deve ter existido já nos Pampas, ao lado do Megatério, e do Gliptodo gigante e não se nota que a célebre imigração sôbre o estreito de Bering já devia ter-se realizado numa época em que naquelas latitudes ainda predominavam absolutamente outras condições geológicas e climatéricas. Surgem hipóteses sôbre as relações que possam existir entre o México e o Perú, com o Egito ou a China, sôbre o parentesco provável entre os guaraní e os bascos, antes que se tenha obtido base firme para o estabelecimento de relações comuns entre os inúmeros idiomas americanos.

Restrinjamo-nos ao continente sul. E' quasi ilimitada a quantidade de línguas, das quais pouco se sabe a não ser que elas já existiram. Si a localização da velha Babilônia fosse desconhecida dever-se-ia procurá-la às margens do rio Amazonas. Qualquer hórda, por mísera que seja, que só é constituída de algumas famílias, possui sua linguagem própria — é bem compreensível, então, a queixa do padre aflito, de que o próprio diabo, que não pôde impedir mais a propagação do Evangelho, deve ter sido o inventor dos idiomas americanos.

Ficamos extraordinariamente surpreendidos diante do conglomerado de diferenças, aparentemente absurdas, porque conhecemos isso no próprio país natal. Qemu, por exemplo, cogita ainda de "regras"

concernentes aos idiomas indo-germânicos? É um ponto de vista já passado; o que existe agora são leis que não toleram exceções.

Mas, qual é a razão de tudo isso? Quando os nossos remotos antepassados se dividiram em muitos ramos, seja na Rússia, seja em outra parte qualquer, impregnados, entretanto, de um traço geral comum, verificado tanto no exame que se faz dos vedas, como de Homero, de Ossian ou de Werther, possuíam, então, uma linguagem a mais refinada possível. O indo-germano viu-se na posse de esplêndidos conhecimentos ao seguir a sua sorte pelo mundo. Ao contrário disso, o caçador ou pescador aborígene, qual jovem indigente e abandonado, que não sabia contar até três, caminhou através das matas e campinas, onde além dos cuidados que o afligiam para manter a própria vida, só o indivíduo excepcionalmente forte, feliz e talentoso conseguia obter novos conhecimentos por si mesmo ou através dos outros. A filologia comparada europeia tem muita segurança no seu método, porque ela trata, relativamente, de objetos mais ou menos acabados, mas, com os conceitos adquiridos por essa fórmula, pretender aproximar-se dos idiomas ameríndios seria quasi a mesma coisa que pretender promover a classificação antropológica por medições comparativas, feitas em crâneos de embriões. O modo pelo qual o brasileiro aplica a palavra "gíria" provoca uma confusão que não vale a pena deslindar, coisa que acontece com o nosso "Rotwelsch" e "Kauderwelsch" (1). Fala-se em "confusão frequente" de conceitos, isto é, palavras de afinidade fonética entre si, ainda que tenham significação completamente diversa, verificando-se o fenômeno pela abstração espontânea. O "tzy" dos maxorunas é o fogo, o "dzu" dos kirirís é a água, compare-se isto. Que outra abstração sinão a doutrina dos 4 elementos deveria ligar o conteúdo?

Ao contrário, si se reflete em que baixo grau de desenvolvimento se acham as línguas americanas e a que formidável mistura elas estiveram expostas, ficar-se-á imediatamente surpreendido com a quantidade de semelhanças que existem. Torna-se, apenas, necessário comparar metódicamente, é preciso a gente transportar-se para a vida do aborígene, adaptar-se ao seu mundo de idéias e, então, ocorrerá sair de alguns determinados círculos de conceitos e determinados grupos de palavras, de cuja comparação resultam pontos de apoio para as afinidades linguísticas.

O elemento que mais segurança fornece para se considerar objeto constante nesse estudo são as partes do corpo e entre estas as partes do rosto (especialmente língua, dente, boca e nariz), as pernas e os

1) N. da T. — "Rotwelsch" e "Kauderwelsch", o mesmo que gíria, algaravia.

braços estão em primeiro lugar. Já são menos seguras as idéias de sol, lua, água, fogo, talvez porque são termos mais frequentemente usados, dando aso a que mais facilmente sejam confundidos. Assim acontece com os vocábulos que designam parentesco, isto é, circulam entre tribus que se tocam, mas que não são afiuz e confundem extraordinariamente o investigador. Ao tratar das chamadas tribus Guck, voltarei a êste tema. Constituem modelo excelente, para o esclarecimento das relações, os números, os quais, tão constantes entre nós, se mostram ali bastante variáveis. Muitas “nações” de índios contam os números sòmente até dois ou três, ou provavelmente ainda não passaram daí. Os adjetivos numerais têm para êles pouco valor e fazem contas, principalmente no comércio com outras tribus, por meio dos dedos. Não conseguiram criar 5 ou 10 palavras específicas para que, extraíndo a unidade de uma parte do corpo, obtivessem assim um elemento constante. E’ natural, onde não há quantidade de artigos de troca, o comércio não tem importância e a necessidade de adjetivos numerais é pequena. O velho padre Dobritzhofer caracteriza muito bem a impossibilidade de se ampliar, à fôrça, a mentalidade do índio, na seguinte observação : “Como se tornou absolutamente imprescindível o saber contar, tanto para a vida quotidiana, como para o áto da confissão, que assim seria mais judiciousa, os índios então aprenderam a orar em espanhol, durante o ensino catequético público e diário na igreja. Aos domingos o povo costumava contar em voz alta de 1 a 1.000. A maioria preferia estudar música, pintura e escultura em vez de aritmética. Mesmo quando já sabem dizer todos os números em espanhol, erram facilmente na enumeração, de modo que só se pode confiar neles muito raramente.”

Portanto, a reserva de conceitos fundamentais do filho das selvas é muito modesta, mas quando se faz uma comparação dos mesmos num plano primário, encontram-se, também, fatores comuns aproveitáveis. Só então é que se percebe o quanto é conservador o índio e com que injustiça se superavaliam suas diferenças. Quem dispõe de tão poucas combinações fonéticas quanto êle, deve também ser prudente na conservação de sua propriedade, si não quiser que vá tudo por água abaixo. Um exemplo : Os barés dizem filho — “*nothy*”, nariz — “*noty*”, cabelo — “*notha*”, beber — “*nutya*”, cabeça — “*nototia*”, avô — “*nativu*”, avó - “*natoi*”. Si essas palavras pertencessem a diversas línguas em que, contudo, tivessem a mesma significação, considerar-se-ia a maioria certamente como correspondentes. Por isso não é de admirar si a filologia puramente léxica, com que se permite démonstrar tudo, é recebida comumente com desconfiança e má vontade.

Os bacairís e a teoria “Guck”. Tribus “Nu” e “Aruac”

O exame do bacairí, conforme se depreende melhor do Apêndice, favoreceu um fato não previsto, fato êsse que, por provocar uma série de problemas, é considerado por mim como o resultado mais importante colhido com a nossa viagem. Os bacairís, pequeno povo que habita o coração da América do Sul, são caribas. Salvo duas exceções, sendo que uma delas não foi bastante reconhecida como tal, e da qual tratarei mais abaixo, e uma outra, que ficou desprezada até hoje, só no norte do Amazonas foram encontradas partes daquela nação, a qual, dominando os aruacs e misturando-se com êles, se espalhou, partindo da Venezuela e das Guianas, sôbre as Antilhas, não muito tempo antes da descoberta do novo continente.

Si os bacairís se revelam caribas, então a observação muito análoga e curiosa feita por Gilij, de que os moxos da Bolívia têm afinidade linguística com os maipures do Orinoco, se coloca num novo prisma. E da mesma forma que os moxos se acharam num grau inferior de cultura aos povos do Orinoco, assim é indubitável que os bacairís selvagens ainda se mostram retrógrados diante dos seus parentes das Guianas. Êles não conhecem a banana, que os bacairís mansos designam com a palavra portuguesa; não possuem o arroz, a cana de açúcar, nem bebida forte nem cães. Os seus produtos são artificiais — vasilhames, objetos esculpidos, pintura — são menos regularmente desenvolvidos do que os notados por Crevaux entre os seus parentes próximos, os rucuienses, na Guiana. Si os bacairís e os moxos, conforme afirmam, não são nativos na região que habitam, então é negável que, desde o seu desligamento da primitiva tribo dos caribas, já se devem ter escoado alguns séculos.

A linguagem bacairí, porém, não é sòmente um dialeto antigo, é *também um dialeto cariba puro e livre de componentes tupís*. Daí se deduzem duas coisas importantes. Em primeiro lugar, a hipótese, que d’Orbigny admite estritamente e que Martius considera muito provável,

de que os caribas provenham dos tupí-guaraní, *está definitivamente destruída*.

Em segundo lugar, não pode haver mais dúvida de que o idioma cariba não representa um amontoado vago de vocábulos e sim uma construção independente e cristalizada na densa mistura dos idiomas sul-americanos. Assim como o cariba nada tem a ver com o tupí, também nada tem que ver, desde as suas origens, com o aruac. Sem dúvida o galibí do litoral e até o calinago das ilhas são fortemente misturados e ali não é possível obter algo de claro. Si se estuda o velho Breton e se examinam os critérios aí fornecidos, pela linguagem bacairí, cujas fontes principais vêm do cariba das Ilhas e datam de 1665, torna-se logo evidente que a famosa distinção, feita pelos caribas conquistadores, da boa língua aruac, numa linguagem dos homens e outra das mulheres, entre as tribus vencidas por eles, já naquela época não se achava muito aperfeiçoada. Breton refere-se inúmeras vezes ao idioma "cariba", tratando de elementos de linguagem absolutamente femininos, sem acrescentar as expressões "femmes" ou "hommes", e, em outras ocasiões, classifica simplesmente como "cariba" uma palavra francesa para traduzir duas palavras, das quais uma provém da língua masculina e a outra da feminina.

Essas condições tinham que dar causa a confusão. Esperamos que os caribas do planalto Central tenham conseguido agora restabelecer sua originalidade como tribu.

Depois que tomamos pé firme nesse terreno movediço torna-se felizmente mais provável dar ainda uns passos mais. Infelizmente tenho que me voltar contra Martius, cuja autoridade respeito muito, mas não pretendo mais do que afastar algumas pranchas e substituir algumas portas da sua admirável construção. De qualquer modo, sou obrigado a modificar em essência uma sua teoria prediléta.

Martius reuniu no grupo dos "Guck" ou "Coco", mais ou menos, 25 tribus, que em parte diferem muito com respeito ao caráter etnográfico e linguístico. Pertencem ou se aproximam a êsse grupo, além dos dialectos cariba e tamanaco, muitos outros das Guianas e das regiões dos numerosos rios afluentes do Amazonas e também idiomas do Brasil oriental e da Bolívia.

Parece encontrar-se na Guiana norte a pátria primordial dessas tribus. A interessante observação feita pelo emérito classificador de que hordas bastante afastadas entre si designam "tio" (irmão de pai) pela expressão indiferente de guck, cuccuh, coco, fez com que êle julgasse e reunisse, sob êsse nome, todos os membros dispersos de uma

tribu antigamente unida. O fato de não se encontrar aquela palavra modificada em numerosos dialetos deve ser atribuído à autoridade que gosa o tio paterno na família e à exatidão com que o índio costuma designar os graus de parentesco paterno, dando muito mais importância ao sangue dêste. De início deve a palavra “coco” ter significado, simplesmente, “homem”, assim como os salivas teriam para “homem” a expressão “coco” e os quirirís o vocábulo afin “tsoho”.

Antes de mais nada esta última conclusão mal se justifica. De “tio” pode fazer-se “homem”, mas de “homem” não se pode chegar a tio (irmão de pai). As nossas crianças chamam a qualquer senhor amável com clas de “tio”, mas não chegariam a chamar o “tio” meramente de “homem”. Além disso é sem razão que Martius interpreta “coco” com o irmão do pai. Entre os bacairís, que também levam a marca das chamadas tribus guck, a palavra kxugu significa o irmão de mãe (e tšogo é irmão de pai), assim, também, entre os quirirís, “cuccuh” para o irmão de mãe (e paydene o irmão de pai), e entre os moxos “cuco” para irmão de mãe (e nuapiyarü o irmão de pai); entre os uainumas o irmão de mãe é “ghochoi” ao passo que a outra palavra com que designam tio “attsiu” deve ser empregada para parentesco por parte de pai. Para as outras tribus só nos é fornecida uma palavra. Finalmente, em quechúa, linguagem inca, é “cacca” para irmão de mãe, que hesito em afirmar si corresponde ao “coco”. Nada prova, entretanto, que o não seja.

Não é nesses enganos, porém, que se baseiam as minhas ponderações essenciais sobre a Hipótese-Guck. Entretanto, após estabelecer-se que os bacairís constituem uma tribo de origem puramente caríba e que também o idioma deles leva o característico “coco”, seria preciso então subordinar os caribas, os moxos e os quirirís, sem falar nos quechúas, a uma família de tribus comuns, divergindo as três inteiramente uma da outra quanto ao aspecto etnográfico e linguístico.

Além do mais, é com facilidade que eu poderia provar na tabela filológica das Tribus-Guck o uso injustificado que Martius faz, por apêgo à sua classificação, do princípio de que duas grandezas iguais a uma terceira, também são iguais entre si. A e C tornam-se afins, porque A e B possuem a palavra “guck”, mas C que não possui essa palavra, tem, entretanto, algumas outras semelhanças com B.

Todavia, a observação não deixa de ser interessante, embora não forneça critério para estabelecer o parentesco das tribus, mórmente quando “coco” significa irmão de mãe. À teoria-Guck falta o método e é aí que a sua insustentabilidade chega ao auge. Partindo dêste ponto,

continuarei com a minha exposição. Certamente, diante da mistura infinita dos dialetos americanos, o conceito de parentesco não decorre tanto do método, como se verifica com as línguas superiores européias. O conceito alí é mais elástico e menos exato. Aliás, dentro de um número considerável é inteiramente possível distinguir-se o contacto, mais ou menos íntimo, do verdadeiro parentesco. Por ser mais cômodo, servir-me-ei de duas expressões, si bem que não sejam muito boas : para distinguir as tribus, cujas linguagens, sob o ponto de vista gramatical, ou, pelo menos, sob o ponto de vista léxico, possam ser reconduzidas a um radical, direi tribus *cognatas* e para as tribus, cujas conexões de linguagem só se estabeleçam entre palavras de valor secundário, ao passo que as palavras de valor primário não mostrem nenhuma semelhança, direi tribus *afins*.

Os bacairís, os galibís e os recuienses são cognatos; os bacairís e a maioria das chamadas tribus-Guck são afins. O grupo que Martius classificou como sendo as "gentes Guck" é um conglomerado de povos, em parte cognatos e em parte afins. Nesse mesmo grupo existe uma qualidade realmente independente que Martius, entretanto, não isolou, enganado que estava com a palavra de valor secundário. Pela influência da entrada constante de mulheres estranhas nas tribus é fácil de explicar que, justamente algumas designações de parentesco referentes às mulheres, se tornassem correntes e daí a verdadeira causa de se achar tão espalhado o vocábulo "guck", designando irmão de mãe. O irmão de pai é comum às tribus cognatas e se restringe a elas, uma vez que quem dele fala, sempre se refere à própria tribo : o irmão de mãe, porém, que, em todos os casos onde há casamento com outras tribus, dando assim a melhor oportunidade para a apreensão de novos vocábulos, se refere à tribo da mulher, contém em si mesmo o melhor veículo de propagação do termo. Tanto mais explicável se torna essa relação de cousa si se reflete sobre o conhecido fato de que em muitas tribus selvagens não se determina a filiação do filho-homem pelo pai, cuja personalidade, até mesmo na América, parece indubitavelmente não precisar ser figura de relêvo e sim pela mãe, porque ela oferece toda garantia para isso. Mas onde domina o matriarcado, resulta por si mesmo a posição importante que ocupa o irmão de mãe no seio da família.

Guiado pelos pontos de vista expostos, tentei separar as tribus cognatas do grupo Guck. Por mais pobre que seja a comparação léxica, ainda contamos com uma condição favorável do material de que dispomos, que deve ser utilizado assim como se apresenta, haja visto que

nunca poderemos colher dados gramaticais das hordas selvagens. As partes do corpo, elementos mais importantes, ocorrem a propósito de tudo, e é justamente na designação delas nos idiomas poli-sintéticos indígenas que está contido também o necessário elemento gramatical. Acham-se providas, essas designações, por um prefixo que exprime um valor como o de pronome possessivo. Eles não usam palavras simples como “língua”, “dente” e sim sempre dizem “minha, tua, etc., língua” ou “meu, teu, etc., dente”. Já há tempos se notou que muitas tribus possuem o prefixo nu-, no-, n-, mas nunca se cuidou de reuni-los exclusivamente como prefixos e depois, como tendo relação com as principais partes do corpo. E’ dessa maneira que se distinguiriam as tribus cognatas. Quaisquer outras semelhanças que, a torto e a direito, eram fundadas em relações de afinidade, desviaram a atenção dos investigadores do principal.

Não sei dar melhor título à tabela por mim proposta do que “Tribus-Nu”, na ordenação das tribus, de acôrdo com os preceitos expostos. O título é breve e contém o critério comparativo, deixando transparente o problema que diz respeito à tribu de origem.

Afim de decidir sôbre o parentesco, compare-se, nessa tabela, especialmente, as palavras Boca, Língua, Mão, Nariz, Casa e Água. Do lado geográfico não só nada se opõe às ligações mútuas das tribus “nu”, como até se estabelece, através da série de membros intermediários que assim surgem, uma continuidade entre os guanás, no extremo sul, e os maipures, no extremo norte. *A sua região compreende uma faixa larga em direção de sul a norte, que, partindo da Bolívia, se estende para Mato Grosso e vai até à Venezuela, faixa essa que encerra as fozes dos afluentes do Amazonas, desde o rio Içá até o rio Negro.* Nesses rios habita a maior parte dessas tribus.

Antes de mais nada, porém, há em relação à teoria Guck a vantagem essencial de que não subsistam aí elementos etnológicos contraditórios, tratando-se de comunidade aparentada.

No mapa acham-se assinaladas com côres idênticas as tribus que, por meio do estudo comparativo da linguagem, eu classificaria como sendo de analogia cognata.

Conforme se depreende dos significativos fragmentos que se retiraram dos idiomas-Nu, os aruacs estiveram em todo o caso em relação íntima com os Nu do Médio e Baixo Orinoco. Provavelmente provinham da mesma raiz; contudo, desenvolveram-se muito independente-

mente para que pudesse atrever-me a incluí-los entre as tribus Nu ; devem ser considerados apenas como um povo subordinado aos Nu.

Antes dos caribas eram os aruacs que dominavam na Venezuela atual e nas costas das Guianas ; habitavam as pequenas Antilhas. Uma velha e histórica tradição conta que na Sierra Nevada, ao sul do Golfo da Venezuela, se achavam domiciliados índios “aruacs” (1). Os goajiros, na península que contorna o Golfo, é que lhes são mais próximos.

No centro das Guianas, no Alto Essequibo, os índios vapisianas e atorais, cujo prefixo linguístico se modifica para “ung” e “o”, são considerados um resto da população Nu.

Examine-se o mapa e não se poderá fugir à impressão de que os caribas devem ter penetrado na região dos Nu-aruaacs, encontrando espaço por meios violentos.

Depois de expulsarem os Nu-aruaacs pela conquista das pequenas Antilhas, os caribas firmaram a sua supremacia.

O chamado idioma cariba das Ilhas é um misto de cariba puro, aruac e componentes das línguas Nu, assim como das línguas dos antigos insulanos. Que inúmeras coisas se reproduzem no “Dictionnaire” de Breton por causa de duas ou mais palavras ! Diante dos poucos vocábulos da Tábela-Nu já pode a gente convencer-se dêsse verdadeiro mosaico.

Nada mais natural. Essas conquistas, assim chamadas, são quasi irrepresentáveis diante das nossas condições de vida. Aí não se verificou a fundação de um reino caríbico, de onde partiam porventura as hostes aguerridas. Apenas, alguns homens valentes e bastante guerreiros foram estabelecer-se nesta ou naquela ilha, à custa de lutas sangrentas, matando e escravizando homens, tomando-lhes as mulheres. Depois, outros vieram fazer o mesmo, e, pouco a pouco, todas as Ilhas entraram no domínio da tribo mais forte. Mas, as Ilhas Caribas, assim formadas, já nas seguintes gerações não eram mais “caribas” — não é em vão que se fala por aí na “língua materna”. Ainda que os velhos caribas tivessem procurado manter a divisão da linguagem masculina e feminina, a língua dos moços tinha que se tornar uma mistura de tudo isso. As expressões referentes à atividade cultural dos

1) Ainda hoje existem os “aruacos” — repito aqui a observação de Waitz sobre a atenção que se deve dar à semelhança dos nomes das tribus (que, aliás, não exprime muito, no início) da Sierra Nevada, que são considerados os mesmos (o que, entretanto, não está provado), e bem assim os motilonos, na encosta ocidental da Cordilheira Oriental, tidos como remanescentes dos antigos taironas, ferozes inimigos dos espanhóis.

homens permaneceram caribas, mas as que a criança ouvia da mãe na vida quotidiana introduziam-se na linguagem da geração que se desenvolvia.

Reconheço que, com esta declaração, invalido o princípio de que partí, isto é, de que justamente as palavras que designam as partes do corpo formam o componente mais estavel, mas a criança aprende muitas dessas palavras com a mãe, em primeiro lugar, e são estas palavras que se acham suplantadas pelos vocábulos aruacs, conforme mostra a tabela. Breton associa uma palavra cariba a uma outra aruac de linguagem masculina, ou substitue mesmo por uma palavra aruac, a exemplo do que faz com “mão”, que designa simplesmente pelo vocabulo desta última linguagem.

Na realidade, creio que há aí uma exceção à regra, exceção essa que se explica pelas condições históricas e geográficas especiais. Não é comum que, no continente, uma tribo obtenha, pela destruição de outra, as respectivas mulheres; quasi sempre as esposas conquistadas, futuras mães, formam a minoria das mulheres da tribo, o que não acontece nas Ilhas, porque ali, ainda que os caribas hajam trazido certo número de mulheres, predominavam, por certo, as aruacs, concorrendo, assim, para constituir, no mínimo, a metade da população. Quanto a admitir novos contingentes de índios caribas para essas ilhas, posteriormente, quasi não é possível, de modo que a exceção, neste caso, seria mais plausível. Por isso não é de admirar que essa exceção ainda se observe de modo mais grosseiro nos caribas que se transplantaram para as Honduras; assim, todos os vocábulos da tabela, accessíveis para mim, com exceção de “fogo”, são de origem aruac. A exceção não é portanto aparente, mas existe realmente, sendo aliás o próprio fato uma exceção.

O verdadeiro núcleo das tribus-Nu habita, conforme mostra o mapa, os afluentes superiores do Amazonas. E' nêsse núcleo que está situada a chamada Aliança de Manaus. Através das tribus do Juruá e do Purús é mantida uma certa continuidade até os baures e os moxos.

A verdade é que os piros, no rio Ucaiale, possuem o prefixo “we”, vendo-se nas palavras da tabela claramente onde se ligam. Mas o que é interessante é o fato de nos Antis, na encosta oriental dos Andes, apresentar-se uma tribo Nu.

Os parecís, que até hoje sempre foram colocados junto dos bacairís, fornecem os elementos mais importantes dos índios Nu, de modo que os coloco nos Nu, embora eu disponha somente de 16 palavras (anotadas por Bossi). Os parecís constituem um pequenino povo, de condição

inferior. Os moxos também viviam, ao tempo que os jesuítas os visitaram (em 1698), em condições completamente primitivas, pois andavam despidos e só sabiam caçar e pescar. A tribo Nu, ao léste, é constituída pelos custenaús do rio Xingú.

Muita coisa permite julgar que as tribus Nu se espalharam, *partindo do Planalto Central* e só por alí ou nas Guianas se devia orientar a investigação de sua origem. Mas a pátria natural dêsse povo devia ser porém o Planalto, o que se prova pela existência dos parecís nos Campos desertos, região essa que, difficilmente, seria escolhida para residência permanente de uma tribo oriunda do Norte; também constitue prova a ramificação dos guanás no Paraguai e finalmente também o fato do grande número de moxos, encontrados pelos descobridores e suas condições de vida relativamente inferiores. A sua linguagem, que denota o emprégo largamente desenvolvido do prefixo *nu*, também me parece favorável à teoria do Planalto Central. Por mais segura que seja a sua afinidade com as outras línguas ela apresenta, apesar disso, algumas diferenças que testemunham, em primeiro lugar, a longa separação, e em segundo lugar, indicam sua categoria mais baixa.

As expressões “*nu-capý*” ou “*nu-capo*” (mão) são comuns a todas as línguas nu-aruaes, desde 7 a 46 da Tabela, exceto 11 e 25, entretanto para nenhuma delas significa pé. Entre os moxos não há êsse “*nu-capo*” e as expressões “*Nu-boupě*” (mão) e “*ni-boupe*” (pé) soam quasi da mesma forma. Isso é característico dos dialetos inferiores; entre os botocudos, por exemplo, “*po*” ainda hoje serve tanto para “*mão*” como para “*pé*”. Hipoteticamente falando, devo declarar que “*nucapo*” conteria o mesmo radical que o “*nuboupě*” dos moxos e o “*nipoyi*” dos baures — admitamos que seja “*po*”, assim o “*nucapo*” seria uma diferenciação no sentido que se atribue à palavra “*mão*”. Quem sabe?

Certamente pode haver outro modo de pensar, mas evidente é que o desligamento dos moxos das tribus Nu do norte se verificou em tempos remotos.

Quanto aos antepassados comuns a essas tribus, si habitaram o norte ou o sul da faixa ocupada agora pelos netos, é hoje para nós indifferente diante dos conhecimentos atuais a êsse respeito. Por mim, satisfaço-me mais admitindo que o movimento começou no Planalto, sobretudo porque se observam nos idiomas das tribus do Chaco norte prefixos semelhantes.

O principal é o seguinte, portanto: pode-se acompanhar uma família de tribus, desde o Xingú até os Andes, desde o Paraguai até

as Antilhas, pelos vestígios mais ou menos nítidos de uma linguagem que tem um traço comum a todas e que em parte alguma reúne qualquer componente etnográfico por ventura inadmissível — essa família chama-se *Nu-Aruac*.

Não é ela a mesma que os “Guck” de Martius, embora contenha 15 tribus desse grupo, pois a distribuição funda-se aqui num princípio muito diferente, reunindo também muitas outras tribus e juxtapondo-se aos maxurunas, caripunas, culinos, carajás, juris, sendo-se obrigado, entretanto, a repelir justamente as tribus citadas como as primeiras representantes guck, que são : quirirís, sabujas, pimenteiras, macusis e paravilhanas.

A pátria dos caribas

NENHUMA palavra causou mais confusão na etnologia do que a designação “caribas”. Não desejo discorrer sobre o histórico desta expressão, cuja origem, em último caso, poderia procurar-se no reino dos Incas ; é bastante terem os europeus assim chamado a tudo quanto é índio e tudo quanto é índio aos europeus. (V. o n.º 267 dos vocábulos bacairís no Apêndice).

Hoje em dia são considerados caribas, por um lado, os “calinas” do continente, os “galibis” dos franceses e os seus parentes das Guianas, por outro lado os “calinagos” das Pequenas Antilhas, que se espalharam, partindo do continente, indo até às Pequenas Antilhas, habitadas principalmente pelos aruacs.

Pelo encontro ou contacto dos caribas com os aruacs, com as tribus Nu, com muitas hordas dispersadas e de origem desconhecida, com os tupís vindos do sul, e pela formidável reviravolta que se seguiu à imigração dos europeus, os limites para se distinguir as linguagens e as tribus tornaram-se indeterminados.

Antes, porém, que todas aquelas variadas influências produzissem efeito, o pequeno povo dos bacairís já se havia separado da comunidade da tribo, indo para o Planalto de Mato Grosso, levando aí uma existência de isolamento, onde o seu idioma não teve ocasião de se misturar.

E’ através dos bacairís que se vem a saber o que é a língua genuinamente cariba e, após nos auxiliarem a pôr de lado o amálgama tão dissemelhante da teoria Guck, permitem que se projete, agora, um páldio raio de luz no terreno obscuro da migração dos caribas.

O fato de os caribas não terem saído das ilhas para se dirigirem ao continente está claro, e ainda que precisássemos de mais uma prova, encontra-lá-famos nas relações existentes entre as línguas aruac e a língua cariba das ilhas. O estado intermediário dêsse meio-aruac e meio-cariba, corrente tão notável no dicionário de Breton e tão facilmente compreensível desde que se admita que os caribas vieram do continente — torna-

se inconcebível si devesse representar o idioma básico dos componentes Nu das línguas livres dos caribas das Guianas, ou até mesmo dos bacairís.

E' mais importante ainda a afirmação que se pode fazer também através do que se sabe dos bacairís, de que os caribas e os tupís não são aparentados.

O que se evidencia logo é que êles formam, em relação aos nuaruacs, um grupo independente.

Dessa maneira tomamos posição para todos os aspectos e podemos formular a questão: "*São as Guianas a pátria dos caribas?*"

Evidentemente o problema de se determinar a pátria de origem dos caribas é mais premente do que a dos Nu. Si estes últimos andaram de sul a norte ou de norte a sul, oscilando no seio da imensa região, que ainda hoje ocupam por etapas, é menos importante do que examinar o Passo dos Caribas, os quais nas Guianas são suspeitos de serem estrangeiros clandestinos.

Os caribas concentrados nas Guianas, cujas linguagens tive oportunidade de comparar, figuram no mapa e acham-se anotadas no Apêndice que trata das palavras bacairís.

Cuidemos de seus companheiros, já dispersados.

I — Os carijonas, no Alto Iapura, que entre si se tratam por "calina", foram descobertos por Crevaux, o qual, acompanhado do seu fiel negro Apatou, se alegrou muito em verificar que fazia entender-se num lugar tão afastado como êsse dos rucuienses do rio Parú. "Tout çà même moun", dizia Apatou e tinha razão. Entretanto, é possível que os carijonas, porque atingiram as cabeceiras do Iapura subindo o Amazonas ou pelo rio Lesseps, por exemplo, só se tenham desligado dos caribas das Guianas desde os denominados tempos históricos. Êles possuem o mesmo enfeite de orelhas prateado e triangular, o mesmo ornato no lábio inferior, no mesmo feitio de língua, dos macusís e rucuienses e usam, para "banana", o vocábulo cariba.

II — A Severiano da Fonseca, médico que fez parte da comissão encarregada de, em 1875 a 78, regularizar os limites entre o Brasil e a Bolívia, devemos o conhecimento de uma tribo cariba nas fontes do rio Madeira, que são os "palmelas". Possuindo uma população de 400 almas, êles moravam, havia poucos anos, próximo ao "Destacamento das Pedras Negras" (12° 51' lat. sul, 19° 44' a oeste do Rio de Janeiro) e eram tidos como bons colonos, exclusivamente lavradores. Indivíduos adultos dessa tribo informaram que antigamente estiveram residindo próximo à Missão S. Miguel, no Rio dos Baures, mas que alí os seus avós per-

maneceram pouco tempo, *pois os mesmos tinham sido expulsos não sabiam para onde.*

O seu idioma, embora misturado com certos componentes estranhos, é de origem genuinamente caríblica, como aliás Severiano reconheceu muito bem. Concluimos, portanto, que os palmelas se aproximam mais das afastadas tribus guianas do que dos bacairís que ocupam a mesma latitude.

Dos vocábulos que designam plantas só tem origem caríblica legítima o de “tama” (fumo, ou talvez também pimenta); a banana (airac) não lembra em nada as referências norte-amazônicas. Dos animais, encontramos, antes de mais nada, a expressão pura “meco” (macaco), que nos dá motivos para nos adiantarmos num espaço de 30 graus de latitude, depois ainda outras palavras para “cobra” e “peixe”. Como o idioma dos palmelas parece ter mais afinidade com o dos macusís e dos paravilhanas, o caminho mais certo seguido por eles deve ser o Rio Branco, Rio Negro perto da foz do Madeira, considerando que tenham partido das Guianas.

III — Numa distância de mais de 30 graus de longitude léste dos carijonas, residem os pimenteiras. Diz Martius: “Devem ter residido numa certa Lagoa das Pimenteiras que lhes transmitiu êsse nome, com o qual, desde o ano de 1775, saindo da região intermediária das fontes do Piauí e do Gorguéia, inquietaram a fazenda do Alto Piauí. Alguns membros dessa horda já estiveram antigamente alojados em Quebrobró, no rio S. Francisco”.

E’ com os quirirís, os sabujas, seus vizinhos, e os Pimenteiras, todos designando “tio” pela palavra “cuccu”, que Martius inicia o seu Grupo Guck.

Deixemos de lado, provisoriamente, os pimenteiras.

Nenhuma tribo me deu mais trabalho do que os quirirís-sabujas, de cuja linguagem possuímos uma gramática do Padre Mamiani, do ano de 1699. Êles oferecem extraordinária charada, que, apesar de tudo, não conseguí decifrar.

Examinando a questão, vemos que os quirirís estiveram espalhados no interior, numa área muito grande, tendo partido da Baía e seguido para o norte. Justamente com os seus próximos parentes, os sabujas, êles foram catequizados nos meados do século XVII.

Que os quirirís entraram vindos das regiões noroeste evidencia-se dos indícios etnológicos citados por Martius, pois êles se distinguem dos seus vizinhos pelo desenvolvimento da lavoura, a arte cerâmica e o tear dos índios do Amazonas.

E o idioma? Uma relação “cognata” com os outros Guek não existe. O antigo Hervas chamou a atenção para semelhanças existentes com a língua dos moxos. Batista Caetano julga ter provado o parentesco com os tupís, sendo que não se negam certas concordâncias com os mascarans e os camacans — não posso aderir a nenhuma dessas hipóteses, nem sei acrescentar algo de mais certo. Algumas palavras posteriores, exprimindo objetos relativos à atividade cultural, são exatamente como as do tupí da costa oriental — mas o grupo de palavras decisivas parece antes indicar, si é que se trata de tupí, os dialetos do Ucaiale e Alto Amazonas.

Não acredito que, atualmente, se consigam resultados decisivos sobre o verdadeiro parentesco. Quanto ao problema das relações “afins” ofereço uma contribuição nova, embora não seja muito esclarecedora.

Nada justifica que se admita uma relação “cognata” entre bacairís e quirirís, mas façam-se as seguintes comparações :

1. Bacairí : iñuanãΔ = scio ; iñuamoto = criança de peito. 2. Quirirí : nhu — criança de peito ; nhuanha = filho (Pimenteira : = muniung ; Masacara = igniuh ; Sabuja = giniulch- e filha = iniutkütsi). 3. Quechúa : niuniu ou niuno = scio (talvez também :
1. Bacairí : iruto = sua avó ; 2. Quirirí : rute = mulher velha ; 3. Quechúa : ruko = velho em geral).
1. Bacairí : kxugu ; 2. Quirirí : (Sabuja, Pimenteira) cuccuh ; 3. Quechúa : cacca = irmão de mãe.

A semelhança é espantosa quando se reflete que 2 e 3 foram anotados ha dois séculos, sendo que o 2 no longínquo léste, e 3 no mais distante oéste, ao passo que 1, em 1884, no centro da América do Sul. E' espantoso que não se trate de povos aparentados pelo sangue e que *entre os parentes de sangue as palavras bacairís para “criança de peito” e para “velho” não se achem anotadas em parte alguma de maneira semelhante — somente entre os macusís encontra-se o termo relativo a “tio”.*

Depois temos “mãe” em quirirí : ide, em bacairí : isc, em galibí : isano (sabuja : hikgaeh, tupí : sy).

“Irmã” em quirirí : buccah, em sabuja : puccoeh, em paravilhana : paika, em galibí : uaka. Os aponeguicrans têm bucjã designando mulher ; em bacairí é pekoto. Homem em quirirí é klöh, em sabuja : glöh, em galibí : ukeli. — Em quirirí e sabuja temos tzoho para gente e em bacairí temos tsgo para pai.

Depois temos comparações com o tupí: quirirí: irmão = byrae; tupí: tybyr; quirirí: irmã mais moça — bykê, sobrinha por parte de irmã — yaeke; tupí: yké; quirirí: tia — anhá; tupí: parente — aña — são graus de parentesco menos importantes.

Com êsses exemplos torna-se bem clara a falibilidade do princípio que inspira a classificação Guck. Entretanto, seria igualmente errado superavaliar êsses exemplos ou ignorá-los. O que se deve fazer é pesá-lhes o valor, um por um. Em primeiro lugar, será bastante salientar que êles podem indicar um contacto entre quirirís e parentes de bacairís, sinão com os próprios bacairís, verificado no ocidente, longe das localizações atuais e isso com as particularidades etnográficas que distinguem os quirirís dos habitantes muito mais primitivos e remotos do oriente.

Êsse curso de idéias torna-se mais interessante si se examina o vocabulário dos pimenteiras. O idioma dêstes mostra o mesmo grau de frequência de tz, to, ng e ö, o mesmo "habitus" dos quirirís e contudo contém elementos caríbios tão importantes que não devemos duvidar ter diante de nós um idioma caríbico "admiravelmente deturpado". Os pimenteiras mostram-se muito mais estranhos no ambiente que os cerca do que os quirirís.

Em suma, a investigação feita nas línguas quirirí e pimenteira não fornece provas convincentes a respeito de suas origens, havendo, aliás, certa probabilidade de que ambas ou, pelo menos, uma dessas tribus tenha vindo de regiões distantes do ocidente, ao sul do Amazonas. As vicissitudes comuns fizeram com que se modificassem aproximando-as também de certa maneira. Essa hipótese, aliás, não oferece nenhuma contradição com o que nos ensinam os bacairís a respeito da questão da primitiva pátria dos caribas.

IV — Com isso chegamos à mais curiosa das tribus caribas que se dispersaram — os bacairís.

Terão êles saído das Guianas dirigindo-se para as cabeceiras do Tapajós e do Xingú?

O que é muito a favor da hipótese de que os caribas devam ser familiares nas Guianas é o fato de se acharem eles concentrados alí e, ao mesmo tempo, desmembrados em muitas tribus. Segue-se daí simplesmente que devem ter permanecido durante muito tempo nas Guianas, porque aquele esfacelamento só poderia ter-se dado em grande escala alí mesmo. Mas, uma vez admitido isso, pergunta-se: Podemos nós acompanhar a história de um povo, dando ainda mais um passo? Devemos admitir que já muito antes tenham êles existido numa outra região constituindo um grupo único?

Duas coisas nos autorizam a dar resposta afirmativa a essa questão. Em primeiro lugar, todos os viajantes têm chamado a atenção para o ostensivo ódio existente entre os caribas e os aruaes por um lado, e as outras tribus menores das Guianas, por outro lado. Mas, então, ressalta, por seu turno, a observação de que o trato especial dado pelos caribas ao algodão faz com que eles se distingam daquelas outras tribus; parece demonstrar que são intrusos no país. Eles fiam de outra maneira e somente eles trançam suas redes de algodão, enquanto os supostos nativos da região as fazem de fibra de “mauritia flexuosa”.

Somente os bacairís nos podem auxiliar nessa questão.

Surpreende muito que todas as tribus caribas, inclusive a dos palmelas — infelizmente nada está anotado quanto aos pimenteiras — tenham para água a expressão “tune” que quadra com o “une” dos Nu e do “wuni” dos aruaes, ao passo que os bacairís têm, pelo contrário, a palavra “papú”.

Preliminarmente eu gostaria de provar que esse papú é relacionado diretamente com “paraná” (rio) dos tupís e o vocábulo idêntico “balana” (mar) das Ilhas Caribas, de maneira direta, bem entendido. “Paraná” é, outrossim, uma palavra como “Cariba”, que, justamente por se achar muito espalhada, causa confusão. Naturalmente, em último caso, ela apresenta analogia com “papú” e provavelmente terá a mesma história, mas como não tem a significação de água em parte alguma, não pode por enquanto justificar a nossa hipótese.

O mais interessante refere-se justamente ao “papú”, isto é, pelo fato desse vocábulo ter o sentido geral de “água”, em bacairí, ou melhor, em antigo cariba. Entretanto “parú”, e não talvez “paraná”, é a designação extraordinariamente frequente dada a “rio” no interior das Guianas. Nas fontes do Orinoco, do Rio Branco, do Essequibo, portanto ao alcance das tribus que chamam água de “tune”, encontramos aquela expressão por toda parte. O próprio rio Branco chamava-se Parima e ha também Serra do Parima. . . E’ que Parima era o nome bastante antigo de um lago muito grande, existente naquela região. Barime é um rio que deságua a léste do delta do Orinoco. Um rio Parú lança-se bem em frente ao Xingú, no Amazonas. Crevaux viajou por esse rio e declarou que os rucuienses, que eram parentes próximos dos bacairís, não entendiam essa palavra.

Parima é simplesmente igual ao termo bacairí “papú ima”: água grande.

O velho vocábulo papú, água, dos caribas, portanto, — talvez porque tenham estado cercados por povos que usavam a palavra “une”

perdeu-se a favor de “tune” e sòmente se manteve, então, por pouco tempo em sua asserção restrita, de rio, permanecendo talvez sòmente no conteúdo de nomes próprios, que não mais eram entendidos. Êsses fenômenos não são muito antigos, pois a banana, cujo consumo foi introduzido pelos europeus, assunto de que tratarei posteriormente, ainda era conhecida pelo nome parú : “parurú”, isto é, rio ou planta de rio. Detenho-me, afim de não me desviar, nem mesmo diante da circunstância curiosa de que entre algumas tribus maias, na Guatemala, se encontra a fôrma intacta de “palú” e “palo”, respectivamente para mar e lago.

O essencial é que papú era termo geralmente usado pela generalidade e que ainda hoje uma tribo usa esse vocábulo para designar simplesmente “água”, revelando-se, assim, sua origem caríblica, aliás ainda que se designe um rio simplesmente por “água”, nunca, entretanto, um povo dirá “rio” para designar água. E’ verdade que se pescam os peixes dentro d’água, mas ninguem dirá que se cozinham os mesmo dentro do rio.

Nenhuma tribo Nu possui a palavra “papú”. (1).

Em todo o caso, onde encontramos de novo e com surpresa o termo “papú”? Os panos chamam o rio Ucaiale, segundo Castelnau, de “paro”, os maiorunas o rio Marañon de “parou”.

Como em quechúa “para” significa chuva, o que se aproxima muito do sentido de água, torna-se agora oportuno tratar da existência de relações mais amplas entre as línguas caribas e o quechúa.

Quechúa : para = chuva — Bacairí : papú = água.

Quechúa : illa = iluminar — Bacairí : iyello = relâmpago.

Quechúa : illapa = relâmpago, figurado : espingarda — Caribas das Ilhas : illem = espingarda, espelho ardente, fogo.

Quechúa : situi = brilho ou raio do sol

Antis, etc. : chichi = fogo.

Panos : chi = fogo.

Maioruna : cii = fogo.

Quechúa : nina = fogo (nunu = espírito, fantasma) — Bacairí, etc. : nunu = lua.

Quechúa : { amauata = astrônomo, sábio da côrte — Bacairí : ameo-
to = feiticeiro.

Quechúa : { umu = feiticeiro — (Cariba das Ilhas : amáoti = co-
lono).

1) Devemos dizer que encontramos a forma “parráua”, um tanto avulsa, entre os maipures, para designar Orinoco; contudo estavam êles imediatamente próximos aos tamanacos, que designam o mar por “parána”. Temos também “bálaoua” das Ilhas Caribas que Breton attribue à linguagem das mulheres, assim como o vocábulo “balanna” (Nas regiões próximas ao mar, tudo se confunde).

- Quechúa : carí = homem — Galibí : calina = nome de tribo —
 Cariba das Ilhas : calinago = nome de tribo —
 Bacairí : k̄xaraiγua = conquistador estrangeiro.
 Quechúa : niuniu (niuno) = mamãe — Bacairí : iñuañaΔ = ma-
 mãe ; iñuamuto = criança de peito.
 Quechúa : cacca = irmão de mãe — Bacairí : k̄xugu.
 Quechúa : iskai = dois — Bacairí : asaga.

Há ainda mais dêsses vocábulos, apenas apresento os que me parecem chamar a atenção e que devem ser examinados.

O que mais me convence de uma relação qualquer existente entre êles é a sua condição especial de legítima comunidade cultural — ou também, em se tratando da influência do reino do sol — como palavras relativas ao culto.

Não se fala em parentesco, mas há aí vestígios de um contacto, ainda que *indireto*, difficil de pôr em dúvida. *Ter-se-ia êsse contacto realizado nas Guianas?*

E' possível, mas nesse caso uma condição torna-se imprescindível, isto é, torna-se necessário que *as tribus Nu*, intercaladas assim em massa, entre caribas e peruanos, e *que ocupam os afluentes superiores do Amazonas*, sejam os intermediários e que os *mesmos* vestígios característicos sejam encontrados também entre os povos Nu. Isto é que se considera importante.

Sol — Lua — Fogo.

São estas as palavras decisivas que devemos tomar como padrão na comparação das tribus Nu e caribas. As outras fórmulas mais espalhadas acham-se no mapa.

Nesse exame de novo torna-se necessário tomar como ponto de partida o singelo curso de idéias do índio. Êle usa a mesma palavra, frequentemente, ora para árvore, ora para madeira. A lenha torna-se fogo e differença-se de um modo qualquer em relação ao sol e à lua.

O "haddalí" — sol, dos aruaes é, ao que parece, uma derivação do seu "adda" — madeira, árvore. Seu "katti" — lua encontra-se entre os maipuras para designar fogo.

O mapa mostra logo que Martius, quando quis fazer de um vocábulo um princípio diferenciador, encontrou aqui outros, muito mais adaptáveis do que o instável "guck". Dois pares de palavras constituem verdadeiro tesouro característico: "hueyu" e "nuna" dos caribas, "camu" e "keri" dos Nu para sol e lua respectivamente. S'is'i = sol, por exemplo, dos bacairís, parece muito menos nítido e digno de confiança. Tratemos de cada um separadamente.

1) “hueyu” — sol e “oejú, vèju, wiyeyou, vedou oeho, weh” etc. . . . está sem dúvida ligado a “huéhué, ouéoué, vévé, jéjé, yeh”, etc. . . . que significa madeira. Estas últimas são do domínio de *todos os caribas*. A derivação para sol *falta* entre os bacairís, os pimenteiros, os rucuienses, apaláis, maiongeongs, cumanaghotos, que possuem, por sua vez, o termo s’is’i ou s’i.

Algo semelhante a isso só poderia atribuir, entre os Nu, à palavra “oeju” — fogo, dos índios jumanas.

2) “nuna” — lua, é do domínio de *todos os caribas*, exceto os macusís e arecunas, que possuem a palavra isolada “kapoi”. Os pimenteiros têm “nullu”. Os bonarís, vizinhos dos da confederação de Manaus, têm “keri”. *Nada de semelhante na tabela Nu*. Os quechúas ainda dizem : “nina” — fogo.

3) “Kamú” — sol encontra-se entre *numerosos Nu*, assim *também* entre os vapisianas e atorais, rodeados por caribas. Os moxos têm “nu-camicou” — iluminar, “nucamezu” — cozinhar. Os maipures “camoti” — ano. Os goajiros “kamai” — tempo, enquanto entre os aruacs, que se seguem a êles, não existe tal palavra. Entre os caribas só encontramos o vocábulo *entre os voyavaís*, vizinhos da tribo Nu dos atorais — entre os bacairís vêmo-lo na mitologia, isto é, próximo a “keri” na fusão de “kamu” — deus da lua e “keri” — deus do sol. Em quechúa temos “cama” — crear, avivar, obter — “camak” — o creador — como se verifica, trata-se de uma categoria mais avançada. Como tal pode-se tomar o “tamu” e o “tamöi” velho como vocábulos dos caribas e dos tupís — avô = o velho dos céus — uma das palavras que induziram d’Orbigny a estabelecer o parentesco dos caribas e dos tupís.

Que a palavra “avô” se transformasse, por ser “objeto de veneração”, em “sol” não é de se admitir nos nossos selvícolas e sim, si continuamos a investigar por meio dessa mesma palavra, o *curso que ela seguiu* me parece ser : cozinhar ou iluminar — sol (ano, tempo) — objeto de veneração — deus ou velho. (V. tabela Nu : canamirim ghamartschy — deus), ou velho.

Nenhum exemplo se adapta mais a ilustrar os enganos que se originam de uma colocação acrítica de termos semelhantes de diferentes tribus. Uma palavra dessas tem sua etimologia vivida entre diversas tribus — si bem que as fórmulas de palavras são análogas, e só por causa disso não o são ainda as tribus.

4) “keri” — lua, é o fiel soldado de guarda de kamu. Por aí justifica-se que reconheçamos nas fórmulas como “kethi (pronuncia-se como

th inglês), ghaizy, ghischy” da tabela Nu uma única palavra. O “kohe, koje, dos moxos nos é transmitido pelo “kehere, kejerer” dos baures. Sòmente um vocabulário dos aruacs fornece-nos o “karaia” (V. Notas e n.º 7 da tabela Nu).

5) “s’is’i” — sol e “s’i” — fogo entre os panos e os maiorunas; “s’is’i” — fogo entre os antís e os uirinas e “chic” — luz, brilho entre os chibchas; “chi” — sol entre os cumanagotos; “chie” — sol entre os maipures; “scese, seh-ça” entre os baures; “saache” entre os moxos. Aquí devemos considerar os baures como intermediários entre a passagem dos maipures para os moxos.

Os cumanagotos herdaram dos caribas a fôrma não reduplicada, que retiraram dos maipures, tão espalhados no Orinoco. Em todo cerne do grupo cariba essa palavra não aparece, quem a possui e na fôrma *reduplicada* são os bacairís, os rucuienses, os apalais, os pimenteiros — que são os caribas residentes próximos a êles ao *sul do Amazonas ou do Pará*. Quanto às tribus Nu — só têm a palavra significando sol. *Somente os Nu do Planalto, os moxos e os baures* na forma reduplicada — na forma simples, porém *somente* os maipures, próximos aos mesmos. No sentido de fogo e de luz encontramos o vocábulo espalhado entre tribus heterogêneas, mas que *residem a oeste do 70º de latitude*.

Das três asserções acima, conclue-se de maneira mais fácil que a origem dessa palavra deve ser atribuída ao Planalto Central, à região das cabeceiras do Amazonas e aos seus afluentes sulinos.

.....

Dêsse modo teríamos resolvido o assunto. A hipótese deduzida anteriormente de que entre os caribas e os peruanos deva ter havido qualquer contacto, reforça-se visivelmente por essa regra obtida. E a possibilidade de se atribuir às tribus Nu o papel de intermediárias para êsse estado do coisas define-se pelo fato de que sòmente os Nu do Planalto poderiam tomar êsse papel.

Ao *sul do Amazonas, portanto*, — tomo a liberdade de convidar o leitor compassivo a acompanhar-me ainda nessa via labiríntica, onde vamos chegar à conclusão — *é que se deve procurar a pátria de origem dos caribas*. E onde em detalhe? Não sei, talvez nas cabeceiras do rio Madeira e do Tapajós. Parte emigrou para o norte, estabeleceu-se nas Guianas e depois alargou-se, dividindo-se em muitas tribus. Outros ficaram para trás, e os representantes mais importantes destes são os bacairís. Daí terem êles certo direito a se considerarem velhos habitantes do país. A respeito dos palmelas, que, de acôrdo com o que está

provado, devem ter levado uma vida de migração, nada se pode dizer ao certo; talvez provenha realmente sua origem das Guianas, ou se tenham desligado muito mais tarde dos outros componentes da tribo dos bacairís.

Mas ainda que surja a hipótese de se procurar a pátria dos caribas ao sul das Guianas — e me sentirei feliz se outros forem mais bem sucedidos do que eu — espero que já se considere a matéria aqui exposta como suficiente para distinguir, comigo, três épocas históricas:

- I — A dispersão das tribus Nu; o domínio dos aruaes nas Pequenas Antilhas.
- II — O desenvolvimento do poder dos caribas e a conquista das Ilhas por eles realizadas.
- III — O avanço dos tupís para o norte, sendo que, em parte, quasi ao mesmo tempo do fenómeno do período II.

Depois vieram os europeus.

O quadro etnológico que encontramos no Xingú foi europeu em todo o sentido da palavra, o que se verifica através do próximo capítulo, sobre o consumo da banana; o fato de não termos encontrado essa fina fruta no Xingú permite-nos afirmar que, além da linguagem, ela constitue a única possibilidade de firmarmos alguns pontos de apóio no estudo desses homens da idade da pedra.

O consumo da banana

NA América do Sul distinguem-se duas espécies de “pisang”, (1) isto é, a “musa paradisíaca” e a “musa sapientum”. A última é excelente pelo seu bom paladar, tendo vindo em 1516 das Ilhas Canárias para S. Domingos, e, nos meados do século XVI, da Ilha S. Tomé, situada no Golfo da Guinéia, para a Baía. Ainda hoje é ela denominada no Brasil banana de S. Tomé.

A banana, em virtude do seu intenso cultivo, perdeu a semente, e é plantada, arrancando-se as raízes ou cortando-se a bananeira. Foi a “musa paradisíaca” também trazida para aqui ou deve considerar-se natural do país, honrando, assim, a sua denominação de “banana da Terra”?

Que ela seja natural da Ásia é coisa certa. A “musa sapientum” foi encontrada nas florestas de Chitagong juntamente com uma variedade de fruta pequena nas Filipinas. Na Ilha Pulo-Ubi, no Golfo de Sião, foi também encontrada em grande número e em estado selvático. Finalmente, considera-se provada a existência de tais variedades em Ceilão.

Humboldt defendeu a princípio o ponto de vista de que a banana, antes da descoberta da América, já deve ter sido ali conhecida, e espalhado o seu consumo. Dizia que nas margens do Orinoco, do Cassiquiare ou do Beni, nos montes de Esmeralda e no rio Caroni, no centro das matas mais densas, quasi em toda parte onde se encontrasse povoação indígena, longe do contacto com aldeias de europeus, encontravam-se plantações de mandioca e de bananas.

Acrescenta ainda que nos relatos feitos por Colombo, Alonzo Negro, Pinzon, Vespucci e Cortez, a banana nunca foi mencionada, ao contrário da observação de Garcilasso de la Vega (1530 a 68) que dá a banana como fazendo parte da alimentação dos índios incas. Martius salienta que nenhuma observação existe a respeito da origem agreste dessa planta na América do Sul, que elle mesmo só a viu plan-

1) N. da T. — Pisang, expressão malaia para bananeira, suntuosa planta da Ásia, África e India Occidental (Dicionário Hyses).

tada e cultivada por toda parte, mas não pode furtar-se à impressão que lhe causou o fato de vê-la tão espalhada e sob diversas espécies, acentuando que no Brasil é a banana considerada geralmente como fruta nativa.

O botânico francês Alphonse de Candolle declara de maneira decidida que a banana foi levada para a América pelos europeus e acredita que Garcilasso se tenha enganado em relação à tradição dos peruanos e, para se apoiar, cita Joseph Acosta. Êste último fornece para o nosso caso uma nota importante, isto é, que os espanhóis denominaram a banana, por causa da semelhança que apresenta, "plane" (platanus), nome êsse que não é derivado de nenhum idioma indígena, segundo êle.

Em todo o Alto Xingú a banana é desconhecida. Os bacairís mansos, que se acham separados dos companheiros de tribo selvagens, desde o comêço do século, designam a fruta com o nome de banana mesmo e devem tê-lo aprendido com os brasileiros. Fiquei muito surpreendido pela circunstância de os bacairís do rio Xingú e as outras tribus daquela região nada saberem da banana e pelo fato dos habitantes do rio, com os quais nos encontramos, pertencerem às mais diferentes tribus, assim os bacairís são caribas, os custenaús Nus, os manitsauas tupís, os suiás gês — entretanto nenhum representante dessas tribus de fato trouxe a fruta para aquí. Com isso cai por terra o primeiro alicerce em que se apoia Humboldt. A sua regra que diz que a fruta é encontrada em toda parte sofre com as nossas conclusões uma exceção inexplicável.

O que se segue depois subentende-se. E' preciso examinar e investigar os nomes indígenas para ver si é possível obter uma elucidação sôbre a maneira por que se propagou o consumo da banana através da variedade de sua geografia linguística. Si prescindirmos de certos nomes avulsos numa ou noutra tribo qualquer, encontramos quatro fórmulas de vocábulos empregados na designação de banana, de uso bastante generalizado. São elas : 1) palatana, 2) paruru, 3) panale, 4) pakobá.

Estas quatro fórmulas de palavras foram por mim assinaladas no mapa por sinais especiais. Procure-se acompanhar os fatos no mapa com alguma atenção e se começará logo a duvidar da hipótese estabelecida por Humboldt. Os caribas das Ilhas, os aruacs e os goajiros possuem a mesma expressão (!) O nome que usam os caribas também é encontrado entre as tribus Nu *limitrofes*. A palavra usada pelos tupís, que está espalhada até a região dos Chiquitos e dos Chavantes, não figura (!) entre os omaguas e cocamas, cujos dialetos são indubitavelmente tupís do distante Alto Amazonas. Aquí a fórmula 3.^a penetrou entre as tribus

da mais diversa procedência, mas que habitam o mesmo distrito. Enfim, não se poderá fugir à idéia de que a propagação da banana se verificou numa época em que as tribus se distribuíam *mais ou menos de acôrdo com a imagem reproduzida no mapa*. Mas que é que se verificou no Planalto Central, onde a coisa é decisiva? Os palmelas, que são caribas, possuem uma palavra comum (!) com a tribo Nu dos Baures. O vocábulo dos garaíós, que é uma tribo tupí nas cabeceiras do Madeira, soa muito parecido àquela e nada tem a ver com “pakoba” do tupí falado no litoral; finalmente os bacairís dão à fruta o simples nome português.

Haverá possibilidade de se decifrar a significação primitiva das palavras com algum acêrto? 1) “Paruru” parece o mais acessível e vem de “papú”. Seria fácil estabelecer a relação. Vejamos o velho Gilij: “Um campo plantado de bananeiras, que é irrigado por um regato, mantendo deste modo sempre fresca a plantação, constitue magnífica vista.” O termo “bananal” representa certo papel na geografia; assim, no rio Cuiabá, no rio Araguaí e frequentemente em outros lugares aparece como designação característica de ilhas de condições especiais para o cultivo da banana. Quasi não se poderá contestar essa dedução quando se considera que “güinco” dos goajiros repete o mesmo fenómeno: “güin” é água, é o “wunc” dos aruaes. Aí também a banana é considerada a “fruta d’água” — embora seja uma palavra pouco expressiva e incolor que, justamente pela sua qualidade pouco característica e de fácil interpretação, trái a formação posterior.

Si a banana foi levada para as Antilhas pelos europeus, muito provavelmente foram os espanhóis os seus portadores. Devia prevalecer o fato de todos os primeiros visitantes não se terem referido à banana, embora seja uma demonstração negativa, perante a observação de Garcilasso, a qual, nesse caso, devia ser considerada como errônea. Em todo o caso, hoje em dia, não se concebe um viajante que seja tão ingrato a ponto de não se referir à fruta tão deliciosa e nutritiva.

2) Plátano é como os espanhóis denominavam a banana. E os caribas? Palatana, balatana — que é preciso mais? Será que não viram a floresta por verem tantas árvores? (1) E os aruaes até diziam — prátane!

Dessa maneira ficam esclarecidos os vocábulos para banana das mais importantes tribus, isto é, a dos caribas nômades e dos caribas sedentários e a dos aruaes.

3) Que faremos com panale, panála, banala, do alto Amazonas? Si fosse uma corrutela de “plane” de Acosta, dever-se-ia esperar a formação “palane”. Será que se liga à palavra Nu-aruae “bana”,

1) N. da T. — Expressão usada na Europa.

folha, ou mesmo com “banana” — não sei. Não creio que a gente deva perder-se em especulação dessa natureza, depois que se possui uma prova suficiente de que o ponto de vista fornecido pela botânica também é apoiado pela linguística, através da idéia geral dada pelas quatro fórmulas de palavras citadas pelos *dois vocábulos caribas só compreensíveis* diante da *nova ordenação que acabamos de estabelecer para as tribus*.

4) Será que, finalmente, “pakoba”, que sem dúvida partiu do litoral, não se permitirá decifrar? — “oba” mostra que a expressão se refere à fruta e não ao exterior da planta, como “plátano”. E’ a palavra dos brasileiros — (bem, especulemos um pouco!) “A planta só produz um único *cacho*”, diz Gilij, “em países férteis cada *cacho* contém no mínimo 120 frutas”. A parte componente aqui é “pako”, “báko”. Haverá palavra semelhante em português? Certamente, “Bago”, dá o Lexicon: “masc. Beere (von Fruechten), *Traube!*” (1) Assim temos também “baga” que, em espanhol, é “bacca” e “baya”. Esta última não só se usava em relação a pequenas frutas, como também para “maçãs”, por exemplo, conforme acusa o dicionário da Academia da Espanha. Dever-se-á exprobrar tanto menos a essa simples explicação de que ela está sendo procurada, quanto o tupí não nos fornece o menor esclarecimento da origem da palavra.

Depois de tudo isso, não resta dúvida para mim de que Candolle tem razão contra Humboldt. Os descobridores haviam trazido a banana em tempos antigos (2). Ao que parece veio das Antilhas para as Guianas, do litoral léste penetrou então o interior do Brasil. Com a rapidez que corresponde ao valor dessa planta, uma tribo passou-a para outra, e deste modo os vizinhos logo trocaram a palavra estranha que a designa.

Obtemos assim um importante *indício cronológico*. O Alto Xingú é de tempos “prebananais”. Daí resulta outra prova da imutabilidade do estado de coisas naquela região. Os caribas do Planalto Central, os palmelas e até mesmo os bacairís estão separados dos seus companheiros de tribo — agora pode-se afirmar — desde o ano de 1600, no mínimo. Os carijonas do Alto Iapurá, ao contrário, rodeados de tribus que empregam a palavra “panale” e usando contudo o “paruru” cariba, parecem ser os únicos possuidores desse termo. Eles só poderiam chegar às suas habitações atuais depois da data acima citada, como também parece decorrer dos adornos de metal comuns aos caribas das Guianas.

1) N. da T. — ... (de frutas) *cachol!*

2) Surpreende-me, agradavelmente, verificar que Stoll em seu livro muito recente “Guatemala!” (Leipzig, 1886) também admite que a banana tenha sido levada para a América Central.

As tribus tapuias

DA investigação das tribus, conhecidas através da literatura, mais aparentadas com os suiás vê-se que podem ser colocadas ao lado dos aponeguierans, residentes ao sul da Província de Maranhão, e dos apinagês, espalhados na região norte, situada entre o Tocantins e o Araguaí. Estes últimos foram visitados por Castelnau. Nessa época êles fruíam tanto da civilização quanto os nossos iurunas de hoje, pois mantinham relações com os brasileiros, fazendo tranquilo comércio de trocas, conservando, em todo o caso, a sua independência e os seus costumes bárbaros. Um grupo de apinagês chegou a residir no Pará. Ao lado de arcos e machados de pedra, possuíam espingardas e ferramentas, usavam rodela nas orelhas, perfuravam o lábio inferior, mas tinham desistido do batoque dos lábios, motivo pelo qual eram antigamente também chamados botocudos. O viajante francês descreve detalhadamente uma festa noturna, acompanhada de uma música melancólica e monótona, que se realizava em homenagem à lua.

Da comparação filológica (V. o Vocabulário dos Suiás e a Tabela das Tribus Tapuias) transparece de modo simples o parentesco íntimo existente entre os suiás, apinagês e aponeguierans. Tudo que conhecemos de indícios etnológicos concorre para confirmar essa presunção.

Com isso temos nos suiás um membro da tribo dos gês, grupo que Martius, de acôrdo com a sua teoria, cita em primeiro lugar.

Os gês não souberam conservar uma tradição de origem comum às outras; e em parte essas tribus mantêm fortes guerrilhas entre si. Aliás a investigação dialética reconhece-as, como povo indígena espalhado por toda a bacia fluvial do Tocantins e as regiões fronteiras ao Norte e a NE. A Província de Goiaz, situada no centro do continente, é habitada quasi que exclusivamente por gês.

Quando se examinar melhor a relação dos vocábulos poder-se-á formar dois grupos nitidamente independentes, embora aparentados, não se tendo em conta, de início, os companheiros de tribo dispersados

para o longínquo léste : I) *Os gês do oeste e do norte* ; II) *Os gês do centro*. Só considero aqui as tribus que forneceram vocabulário próprio, uma vez que de nada vale amontoar, na primeira coleção, palavras superficialmente conhecidas.

I — Um olhar para a tabela nos faz ver as relações que existem entre suiás, aponeguierans, caraôs e caiapós — os gês do oeste e do norte — que designarei simplesmente por Série suiá. Acrescento-lhes, outrossim, os carajás, contra a opinião de Martius. Provavelmente as temíveis hordas dos carajás que atravessam vasta superfície e que se acham em pé de guerra com os seus vizinhos gês, acham-se muito divididas ; o respectivo vocabulário foi obtido por Castelnau no Araguaí. Martius afirma que a linguagem da tribo gês é muito diferente e prefere classificá-la no grupo Guck. Aliás, as semelhanças com vocábulos guianos repousam sobre vaga alteração ; algumas palavras essenciais, como dente, pé, perna, mão (representada pelos 5 dedos) pelo contrário mostram características gês indubitáveis ; finalmente o prefixo possessivo concorda com o dos suiás. Dessa maneira, os carajás, embora sendo desunidos, devem ser considerados sem hesitar, como sendo os gês do oeste e do Xingú. O fato deles não se relacionarem com as tribus Nu, que deverão substituir os Guck, quasi nem precisa ser mencionado.

Na preocupação de pisar sempre em terreno firme, não posso, outrossim, deixar de considerar a tribo dos tecunas do Alto Amazonas, que, conforme Martius, talvez representasse um fragmento atirado, para o oeste, da família gês. Não se pode, porém, sustentar essa hipótese, apoiada por méra tradição, quando se examinam os vocábulos que decidem a êsse respeito.

II — Os chavantes, os cherentes e os chicriabás, sendo que estes últimos (hoje em dia cremos terem desaparecido), mostram entre si a mais íntima das relações. Os acroámirins parecem ter posição de intermediários entre êsses representantes da mais numerosa família de tribus e os gês do norte.

Assim obtemos de um grupo representado por 4 tribus os gês centrais ou a Série Chavantes.

Não deixa de ser interessante verificar, mais de perto, os vocábulos concordantes entre si, conforme foram anotados. Si se deixa de tomar em conta os carajás, que, em outra parte, divergem, encontram-se as seguintes palavras comuns à Série Suiá e à Série Chavantes : língua, dente, cabeça, pescoço, pé, mão, dedo, braço, perna, olho, peito — água, fogo, pedra, chuva, sol, lua, peixe, veado. Ao contrário disso verifica-se

uma analogia compreendida sòmente *dentro* das duas séries, nas seguintes: orelha, nariz, boca, pena, dedo do pé, unha, umbigo, joelho, pele (canoa) — madeira, arco, flecha, canoa, cuia, — homem, casa — jaguar, crocodilo, — beber, comer — farinha, batata, milho, fumo, mandioca, algodão.

Essa demonstração é um documento claro que permite verificar a prehistória dos gês. Todas as palavras de uso quotidiano são do tempo da caça e todos os vocábulos que exprimem utensílios e produtos de lavoura só são comuns às tribus mais intimamente aparentadas, de modo que o desligamento deve ter-se realizado quando os gês ainda se encontravam no período mais baixo da sua cultura.

Acompanhemos, dêsse modo, os vestígios que nos levam ao passado dos aborígenes do Brasil oriental e teremos diante de nós, antes de mais nada, a questão: Serão os gês aparentados com os crens de Martius, sendo que, em primeiro lugar, com os seus representantes mais importantes, os botocudos?

“Como os clãs nortistas da tribo gês”, diz Martius, “usam a palavra “crã” para os designar, além de harmonizarem alguns vocábulos nos dialetos da tribo gês e dos crens, pode-se pensar então que tenha havido alguma ligação entre êles em tempos anteriores. Em todo o caso isso se teria dado num período muito primário, pois em geral os gês indicam, pelo desenvolvimento de seus costumes e de sua política, um avanço sôbre os crens”.

Esforcei-me em examinar mais cuidadosamente essa hipótese de Martius, e julgo poder provar que ela se confirma inteiramente por meio da comparação filológica.

Chamando a atenção do leitor para a relação dos vocábulos dos suiás, assim como das observações respectivas, junto aquí, para melhor serem entendidas, as analogias mais importantes:

Botocudos: cabeça = courou — wa-kurá, dos suiás.

crãne — i-cran, dos caraós.

cabelo = kã — i-kei, dos caraós.

língua = igioto-k — ioto, dos caraós.

dente = jounne — djoua, em apinagês — itchoua, em caraô.

ôlho = ketom — datoí, dos chavantes; radical “to” dos gês.

{ pé = pó — i-paá, em caiapó.

{ mão = pó, ni po — i-pa = braço, em caiapó; radical “pa” dos gês.

procurar identificar “tarú” dos botocudos com “put” dos gês, o fenômeno me parecerá mais seguro, após termos reconhecido as relações entre “p e t” do que muitos sons que são articulados com muita nitidez, mas por puro acaso.

II — Outros exemplos: Os botocudos têm “cotéu” = homem, enquanto os gês têm “cupé” para pessoa. Provavelmente o “caratú” dos botocudos, para designar pedra não é outra coisa senão “carapó”, acha. Compare-se “mignan-pa” dessa tribo com o “ta” dos gês. “Mignan” = água, parece ser palavra originária dos coroados.

III — O “pi” dos gês para madeira encontra-se entre os botocudos como “ti-on” e na maioria “tchon”. Assim “tion-cat” = canoa (crosta de árvore) dos botocudos é exatamente análogo ao “hicá” dos suiás (phi-icá), ao *pi-crai* dos caraôs. (Os gês do norte dizem “hui”).

O “tchon-peuk” = fogo, dos botocudos parece ser formado analogamente a “ku-wö, ku-jö e ku-sché” dos gês; apenas, estes empregariam um outro radical que é “ku”, que tornamos a encontrar, em “ku-té” por exemplo, = arco dos apinagês, “ku-pera” = cacete, “kuba” = árvore, “kuba-rai” = canoa grande, dos chavantes. Esse radical poderia corresponder sobretudo ao “ko, ke” dos goiatacas.

IV — Compare-se “tiako, cinis” com os vocábulos que significam terra “tika” da Série Chavantes e “peuca, pié” dos suiás.

V — É bastante notável o fenômeno das trocas das consoantes t e p, que se verificam nas palavras gês “ti” = arco e “pi” = madeira e que reproduzo, para completar o conjunto.

	SÉRIE SUIÁ				SÉRIE CHAVANTES				BOTO- CUDOS
	<i>Suiá</i>	<i>Apon.</i>	<i>Apin.</i>	<i>Car.</i>	<i>Cher.</i>	<i>Chav.</i>	<i>Chier.</i>	<i>Acroa.</i>	
Madeira	phi	pi	pi	pi	teouba	wédé	odé	mi	tion
Flecha	kroá	bacabro	croua	croua	ti	ti	etike	tikkite	djik

Na falta de quaisquer conhecimentos gramaticais, somos obrigados a fazer comparações léxicas dessa natureza. Por mais deficiente que seja o material comprovante aqui exposto, não se pode negar todavia o fato fundamental de que os gês e os botocudos tiveram uma mesma origem. O valor das analogias aqui referidas reside, antes de tudo, na circunstância de que elas pertencem todas, metódicamente, a palavras

essenciais. Examine-se a longa série das outras palavras sem valor, em relação ao seu conteúdo conceitual, e procure-se encontrar nelas semelhanças como as acima descritas e não serão achadas, de modo que não resta a menor probabilidade de se tratar de simples casualidades.

Certamente o desmembramento, vindo das diferentes categorias sociais, conforme conclue Martius, se verificou em tempos muito remotos, coisa que também se depreende do resultado da comparação filológica exposta. Assim como se calcularia em séculos a época em que ambas as séries dos gês, os do norte e do oeste, se desligaram dos do centro, do mesmo modo se estimaria a divergência de uma tribo originária de gês e botocudos, numa data ainda mais remota. Si os botocudos se atribuem a si próprios, segundo o Príncipe Wied, de "Engeräcknung", isto é, de serem o da pátria dos valorosos e dizem "Nós velhos, que vemos longe", creio que, no nosso caso, essa opinião se justifica. Eles têm a própria partícula pronominal numa forma ainda bastante grosseira. "Po" é mão e pé ao mesmo tempo, não se verificou a menor distinção entre uma e outra coisa sequer. Em todo caso, braço e perna possuem designações especiais. Entretanto, é possível verificar-se ainda hoje a relação primitiva que existe entre as palavras gês para braço e perna, conforme ainda se podem citar exemplos nas nações altamente civilizadas: "digitus" e "dedo". Por toda parte encontramos ali, em vez do "po" botocudo, para braço ou mão, os "pa, ha wa", providos do pronome. Encontramos, outrossim, para pé uma expressão "pari" ou *paï* na Série Suiá e outra "para, pra", na Série Chavantes.

Martius ainda considera companheiros de tribo indubitáveis dos crens os coroados e os puris, deixando apenas como hipótese a analogia dos crens com os gês, que devem ter-se desmembrado em velhos tempos da horda principal. Que os coroados e os puris, conforme se acredita por tradição, tenham uma mesma origem, é coisa certa, mas que sejam declarados parentes dos gês-botocudos, parece-me inseguro. Os indícios que Martius fornece como provas, isto é, a concordância das linhas do corpo essenciais e dos costumes, das suas casas, armas, do nomadismo selvagem, só podem concorrer, em primeiro lugar, para provar que ambas essas famílias de tribus se tenham encontrado num mais baixo nível de cultura do que a que se conheceu depois. A comparação das línguas coroadas e botocudas, contudo, não decide a favor de um parentesco sanguíneo dessas tribus. Mas eu preferiria admitir que devem ter existido relações afins e que aqui se formou também uma espécie de nivelação histórico-cultural, porque certos vocábulos não sem valor estão a de-

monstrar essa união. Mas, para a concretização de uma relação "cognata" essas poucas similaridades não oferecem os necessários pontos de apóio.

Ao contrário disso, acredito que posso juxtapor aos gês-botocudos um outro grupo, o dos goiatacás, hordas existentes desde profundezas das Províncias litorais do Rio de Janeiro até o norte da Baía, velhos inimigos vizinhos das tribus tupís que se adiantam ao longo do oceano. E' claro que só os reuniria aos antigos dos antigos, isto é, à tribo-raiz comum. Dente, pé, braço (patá, ni-poi), lua, água, fogo ou madeira, fornecem, por certo, uma cadeia deficiente de concordâncias, mas concordâncias essas francas e ordenadas. Das onze tribus citadas por Martius só os machaculís, macunís e o grupo dos capoxos, os cumanchós, panhâmes foram tomados em consideração relativamente a isso. Pode-se, talvez, baseando-nos no vocabulário, acrescentar os patachôs; os coropôs, porém, tomaram em seu uso tantas palavras dos coroados, que a sua posição se torna pouco clara: é possível que sejam uma horda goiatacás absorvida pelos coroados.

Com respeito aos gês do léste, de cujo material linguístico se podem determinar de certo modo os cotoxós, camacans e masacarás, não há matéria bastante que permita deter-nos mais longamente no seu estudo. Embora se possa reconhecer não com dificuldade a impregnação-gês nessas tribus, muitíssimo fragmentadas, misturadas e espalhadas para longe, êsses idiomas se têm, contudo, como acontece com o carajá do oeste, deturpado de maneira tão estranha que o colecionador de vocábulos, apreciador dos bons exemplares, pouco se satisfaz com o manejo de tão tristes fragmentos linguísticos. Seria sem dúvida altamente interessante si possuíssemos mais do que simples pedaços de palavras. Os masacarás põem-nos de novo em contacto com os quirirís e os sabujas, cuja origem obscura nos ficou como um resto insolúvel na distribuição dos Guck de Martius.

E' tanto mais nos entristece a insuficiência de conhecimentos sobre essas tribus, quanto vemos nos goiatacás, botocudos e gês, os aborígenes do léste, os habitantes primitivos das costas montanhosas brasileiras de acôrdo com a história das tribus que conservaram.

Como as chamaremos si as reunirmos num todo? Martius deu-nos os gês, os crens, os goiatacás. Por considerar demonstrado o parentesco existente entre os crens-principais, os botocudos e os gês, mas ser obrigado a desligar os crens restantes (pelo menos os puri-coroados) dos coroados, eu poderia entender a conservação do nome de crens si, através disso, a categoria média social-etnológica entre os goiatacás

e os gês fosse designada como tribo da região coroadobotocudo. Isso mais confundiria do que explicaria. Deixarei de lado, primeiro, por isso, os coroados e os purís, os quais não sei, por ora, onde colocar, assim também a classificação "crens" e procurarei um nome conjunto para os goiatacás, gês e botocudos, pois não seria possível manejarem-se as explorações sem a possibilidade de se denominar a nova criação.

Como não há elementos gramaticais que sirvam à denominação, eu gostaria de me utilizar de um velho conceito histórico, quasi esquecido, e que aliás mereceu esse destino, por causa das representações que antigamente se ligavam a elle e que assim farei voltar à vida, dando-lhe um conteúdo novo e bem definido.

Os descobridores e os primeiros conquistadores das províncias litorâneas acreditavam que os indígenas se dividiam em duas grandes nações, isto é, os "tupís", perto do oceano e os "tapúios", no interior. Pouco a pouco verificou-se que a segunda denominação só representava um nome coletivo para os não-tupís, para os inimigos dos tupís. Tapuúia significa inimigo; tapuúia-tinga, os inimigos brancos, referia-se até aos holandeses e franceses. A expressão "tapuia" que ainda mais tarde se attribuía ao índio primitivo tem, portanto, uma história idêntica à palavra "cariba". Na realidade tratava-se, na maioria, dos enraigados e selvagens autóctones, isto é, os goiatacás e botocudos, para os quais o nome era usado com frequência extraordinária. E de acôrdo com as nossas explanações havia certo fundo a essa representação das duas grandes tribos que povoaram as primeiras extensões de terra. Assim, de início encontrou-se, de fato, duas grandes massas de povos dividindo os aborígenes que de há muito se achavam separados em numerosos bandos e os tupís sensivelmente mais vigorosos e muito mais desenvolvidos no sentido cultural, vindos do sul, que atravessaram aquella via e, estabelecendo-se ao longo da costa, foram ter ao rio Amazonas.

De acôrdo com essas idéias o nome de conjunto de tapúia, dado aos principais inimigos do oeste dos tupís, é tão utilizável quanto a mais forte opposição norte, com que se chocou o movimento tupí e deve ser ainda hoje válido (em se tratando, naturalmente, apenas de parentesco) para a comunidade das tribos dos caribas.

Chamo "Povos Tapuias" a todos os aborígenes aparentados, do centro e do leste do Brasil, dos quais se pode demonstrar que pertencam aos grupos dos goiatacás botocudos e gês. Encontramos ou podemos acompanhar esses tapúias pelas suas vias mais remotas, isto é, a partir de, mais ou menos, 20° até 5° de latitude sul, do Oceano Atlântico até o rio Xingú.

Considerações etnológicas finais

TENTEI incluir os bacairís, os custenaús e os suiás em grupos semelhantes, restando ainda classificar mais exatamente os manitsauás e os iurunas.

Os manitsauás, horda que habita o norte das regiões xinguenses, e cuja aldeia não visitamos em nossa viagem, porque fica situada justamente num afluente do Xingú, mas de quem conhecemos alguns indivíduos que eram prisioneiros dos suiás, são, conforme prova o vocabulário, parentes dos iurunas. De acôrdo com os relatos dos missionários, os iurunas foram considerados um povo da tribo dos tupís e disso não se pode duvidar.

Por isso assinaliei no mapa com a côr amarela os iurunas e os manitsauás assim como os apiacás, no Tapajós, representantes principais dos tupís-centrais, constituídos por Martius, e seus vizinhos, bem assim o povo forte e espartânico dos mundrucús, cujo parentesco com os tupís é somente uma hipótese provável. Dizemos isso não sem qualquer escrúpulo. E' extraordinariamente lamentável que o tupí-guaraní, a língua do léste do continente mais bem estudada na literatura riquíssima dedicada a êsse idioma (ainda hoje muito falado) não tenha até agora encontrado um homem que a cultivasse de modo sistemático, cujo trabalho investigasse as relações mais estreitas que existem entre os dialetos tupís espalhados desde o litoral brasileiro até os Andes, desde o rio Amazonas até o La Plata. Isso seria tarefa para brasileiro, conhecedor da língua geral por próprio esforço; semelhante monografia, si aparecesse, viria a ser então a verdadeira base para todas as teorias sôbre a emigração das tribus no centro da América do Sul.

Que os iurunas são parentes dos manitsauás do rio, de quem aqueles nada sabem é fato especialmente notável, pois, por meio do manitsauá, assim obtemos um elemento intermediário entre as tribus prehistóricas do Alto Xingú e as tribus que habitam a parte baixa do rio. Estas últimas há perto de dois séculos entraram em relações superficiais com

os europeus. Acresce que os manitsauás, conforme se depreende do seu idioma, possuem cães. Será, portanto, de importância decisiva o problema da emigração tupí, saber si nas cabeceiras do Xingú, no Planalto Central, onde mais ou menos se encontra o ponto geográfico central da irradiação tupí, ainda existem tribus tupís. Admitindo que ali ainda elas existam, será necessário saber a quais dos dialetos tupís se aproximam principalmente os dessas tribus incólumes de qualquer civilização e que até hoje, através da sua linguagem, se colocam numa categoria próxima aos primeiros tupinambás, encontrados antigamente pelos descobridores. Já o fato da investigação do rio Coliseu e o seu imediato arrolamento, de acôrdo com o mapa feito pelo cacique suiá, de doze ou treze tribus ali residentes, constitue objeto de importância fundamental.

Não gostaria de examinar, por serem de 3.ª mão, os nomes de tribus que nos foram fornecidos pelo chefe suiá, sob o ponto de vista da sua ligação com os tupís, embora tenha suspeitas a respeito dos trumafs, que foram assinalados no meu mapa com a côr amarela, concluindo assim o quadro caleidoscópico. E' que uma das três palavras, únicas colhidas através dos impacientes índios, foi um vocábulo legítimamente tupí: "meijú - beijú" ou também "mbeijú", que é o pão de mandioca.

Além disso faço ver ao leitor as palavras tupís que, apesar de estranhas, circulam entre as tribus do Alto Xingú e que são: paraná kuá e "katú", cumprimento dos custenaús. (V. pág. 213/214).

Mas si os trumafs e talvez outras tribus do Coliseu fossem realmente tupís, poder-se-ia, então, afirmar intrêpidamente (nesse caso deveriam os vocábulos conter tesouros inteiramente imprevistos) que ainda hoje se deveria procurar ali informações para a questão da procedência dos tupís. Todas as antigas tradições indicam o litoral ao sul. Teriam, então, os povos tupís vindo do norte e ter-se-iam derramado para o interior por entre o Xingú e o Tapajós ou Madeira, depois de haverem penetrado na bacia amazônica, caminhando ao longo da costa? Terá parte deles descido o Planalto em direção inversa para o norte? As hipóteses não teriam fim. E' no Coliseu que devemos procurar a solução.

Causará talvez surpresa e não injustificada o ter trabalhado as minhas considerações exclusivamente na base linguística. Mas diante disso poderia defender-me, afirmando que o resto dos conhecimentos de que se dispõe ainda é mais insuficiente que êsses de base filológica.

Não é, entretanto, por causa da infinidade de idiomas ameríndios que lhes atribuímos tão grande importância? Segundo a natureza da

coisa, a linguística tem o papel preponderante. Tivéssemos nós obtido um material mais rico em medições antropológicas, ainda assim chegaríamos muito provavelmente a conclusões precárias, porque não se poderia obter aqui a quantidade de tipos de crâneos correspondente à quantidade de tipos de linguagem. Pequenos grupos de famílias que se separaram pelas enormes extensões territoriais, experimentam preferentemente modificações nas formas já imperfeitas de sua linguagem do que nos hábitos de sua própria vida. Na realidade há poucos fatos reunidos até hoje relativamente a êsse ponto, assim como a minha própria contribuição se ressentiu por causa da pressa com que precisávamos adiantar-nos em nossa viagem, e, uma ou outra informação avulsa, como por exemplo a extraordinária semelhança das mãos dos bacairís com as dos seus parentes próximos rucuienses (mãos desenhadas por Crevaux), quasi não vale a pena ser mencionada.

Para uma comparação etnológica, as condições se apresentam um tanto mais favoráveis. O fato de somente serem importantes os indícios, nos seus traços principais, fica provado pela equiparação já realizada, por nós, no Alto Xingú, em maior ou menor escala, entre tribus de diferentes origens. Assim foi interessante observar que os suiás, tipo certamente bem distinto dos bacairís, sob o ponto de vista antropológico, ao que parece, só ultimamente aprenderam com estes a arte de tecer redes. Por outro lado, os custenaús conservaram o seu costume de fazer as redes de fibra de palmeira, em contraste com o processo dos bacairís, que empregam o algodão. Anteriormente já mostrei que se observa a mesma diferença de hábito entre aruacs e caribas das Guianas. Observamos neste caso rapidamente resultados etnológicos e linguísticos que se apoiam entre si, ao passo que si tivéssemos ido ter com os suiás, alguns anos mais tarde, teríamos talvez encontrado, em vez das suas redes trançadas, segundo o processo dos seus parentes, os gês, apenas as redes de algodão dos bacairís que são estranhas a êles. Os curiosos adornos de cabeça só existiam entre os bacairís, os fortes tacapes e as flautas de três canos, só entre os suiás. Os bacairís mansos não possuíam as flechas de dardo de bambú dos trumaís e suiás, objeto que hoje em dia só é utilizado pelos cocamas, do longínquo oeste, para matar tartarugas; os antigos missionários também se referiram a êsse objeto por terem encontrado o instrumento entre outras tribus. Os melhores artistas em adornos de penas, cestos e cerâmica foram considerados os suiás e estes suiás, os menos desenvolvidos de todos os caribas conhecidos, acham-se acima deles, porém, na habilidade mecânica; por outro lado enfeitam-se com rodela nas orelhas e batoques na boca, só

aprendem o uso das redes com êsses bacairís e se desenvolveram saindo do mais baixo nível dos aborígenes brasileiros. Só entre os suiás é que as mulheres andam totalmente desnudas, enquanto entre os bacairís e os custenaús elas usam, pelo menos, uma folhinha de palmeira dobrada. Dos homens das diferentes tribus do Alto Xingú, só os trumaís se distinguem pelos seus trajas edênicos.

Verifica-se que os primeiros resultados aproveitáveis são decididamente os da comparação filológica e quando, como no nosso caso, êsses resultados não sofrem nenhuma contradição das observações antropológicas e etnológicas, pois, antes, pelo contrário, são até bastante confirmadas por êles, o fato nos satisfaz muito mais. A linguística, portanto, fornece-nos os pontos de apóio dignos de confiança para o reconhecimento do parentesco ou não parentesco dos nossos índios e só ela nos põe em condições de reconhecer, de algum modo, os marcos que nos guiam às localizações afastadas de outras tribus.

A ligação estende-se, caso minhas afirmações sejam felizes e obtenham a aprovação dos entendidos, por territórios vastíssimos. Estrela muito rara guiou-nos favoravelmente por um caminho que nos pôs sempre em contacto com, pelo menos, um representante dos mais importantes tipos de tribus. E' nisso que o Xingú apresenta qualquer coisa de especial em relação a todos os afluentes do Amazonas. E é por isso que se torna urgente que a investigação iniciada na parte menos extensa ocupada pelos índios do Xingú, se estenda de agora em diante para além do Coliseu e pouco a pouco atinja os segredos que todo aquele quadro nos oferecer. Desejamos que isso se faça breve e de modo mais completo. Já salientamos como seria valioso descobrir, alí mesmo, ainda outros caribas, nem é possível dizer! Os cajibís nas cabeceiras do Tapajós foram, de acôrdo com a lenda, criados da mesma madeira de flecha que os bacairís.

Nada de metais, nem cães, nem bebidas fortes, nem bananas! Com êsses caractéres encontramos a verdadeira idade da pedra em tribus, cujos parentes vivem espalhados por quasi dois terços do continente sul-americano, ou temos diante de nós, em estado primitivo, os principais tipos de tribus, hoje, mais ou menos penetrados do movimento cultural que entra de toda a parte e por isso mesmo só accessíveis ao estudo de um modo restrito, mas encontramos por fim um campo de investigação propício no espaço estreito que é a região entre a catarata de Martius e a linha divisória das águas, no sul — com cfeito! Não é verdade, então, que a Província de Mato Grosso guarda tesouros maiores que ouro e diamantes?

Onde encontraríamos melhor oportunidade para penetrar uma senda verdadeira, onde seria mais compensador seguir a prehistória humana do que, justamente, na América do Sul?

E'-nos indiferente por ora saber si a população mais primitiva pro veio de tribus remotas mais ou menos definidas antropológicamente ; em todo caso ela pertenceu, até o século XVI, à vasta superfície que representa a massa dos países mais difficilmente atingível pelas influências dos centros culturais do velho mundo. Constitue ponte estreita o istmo do Panamá e é uma estrada de muitas etapas o caminho que leva às Antilhas. A América do Sul viu-se quasi tão pouco ligada com a América do Norte quanto o Alaska com a Sibéria, ou a Groenlândia com a Islândia. Nem chegou a formar-se comércio entre o reino dos incas e os povos do Anahuac e do Yucatan.

E' justamente num terreno favorável às investigações da etnologia, assim como a uma experimentação pura e desinteressada que foram encontrados pelos cidadãos regulares da Europa, que dominavam a dificuldade da escrita e compunham dramas, canibais nôma des, que dormiam sob as palmeiras, não conheciam o algodão, muito menos os metais, e cuja expressão linguística, denominada, embora com muita injustiça, como sendo uma "algaravia bárbara" era sem dúvida muitíssimo pouco desenvolvida. O problema que trata da maneira por que se realiza a passagem de um nível tão baixo para outro mais alto não tem possibilidades de ser resolvido em parte alguma, si a tentativa que se fizer na América do Sul não der resultado.

Mas, cuidado com os mouros na costa ! Um dilúvio geral não destruiria com mais furor as condições atuais para essa tarefa do que o destino terrível da civilização. A civilização que se aproxima pouco a pouco dessas regiões asfixiaria os resíduos de um passado prehistórico, num abraço brutal, como Hércules, ao Leão de Neméia. A enchente mata e arraza, a civilização mata e aniquila.

Nenhum homem sensato quere rá admitir a destruição do poder das raças superiores, porque isso custaria milhares de vítimas. Qualquer pessoa sensível entretanto não se poderá defender de um sentimento de tristeza, quando vê que se perdem tantos rebentos em germe de uma seára agreste, mas passível de ser cultivada, somente porque a cultura abençoada se precipita, com a violência de uma tempestade de granizo, sobre essas regiões ! Educar os indígenas para o trabalho ! Como são bem e altruísticamente essa frase, mas quão egoista se mostrou, por toda parte, o mestre no exercício do seu dever. Seria o mesmo que

pôr em prática a educação técnica, obrigando os índios a construir trens ou a arrostar fardos de mercadorias nas indústrias.

Teria um lavrador tempo para recultivar o seu trigo silvestre? O lavrador sacha o trigo, esterca talvez a terra com êle e semeia os grãos que certamente colheu em outras plantações. Sim, faça-se o necessário, porque o é por leis eternas, faça-se isso o mais suavemente possível, que por certo não é virtude nem mérito, e sim simples dever e obrigação. E' necessário, entretanto, que o sacrifício não se faça principalmente em proveito próprio, que não se pratique o bem juntamente com o mal, que não se procure enganar a si e aos outros, cedendo à vaidade de pensar: "Como é belo, como é nobre o que fazemos!"

"Periculum in mora!" O que os nossos museus conservam da imagem de antigos tempos é no fundo uma miserável coleção de coisas em série. Dentro de um armário de vidro está a vida de um povo! Mas, na falta de coisa melhor, êsses trapos coloridos e êsses vasos maravilhosos servirão para testemunhar às gerações vindouras o desenvolvimento da humanidade, e, por isso, assumem progressivamente a importância de documentos, embora pareçam bagatelas. Quanto mais diminuto for o número dessas coisas que a nossa geração transmitirá aos pósteros, tanto maior será o nosso dever de colecionar essas verdadeiras relíquias.

Lance-se um olhar para os tempos que ainda hão de vir. Haverá então um museu etnológico que poderá reunir mais do que antiguidades raras ou objetos de arte nacional? Mas onde, nesse vasto mundo, ou melhor, nesse mundo estreito, onde, repetimos, poderá êsse museu entrar em relações com os representantes vivos de idéias ou costumes primitivos?

Virá o dia em que um machado de pedra terá o mesmo valor em ouro, quanto um desenho de Leonardo. Certamente não se compara o instrumento rudimentar dos bárbaros com a criação de um gênio, mas ambos serão um dia igualmente raros, e, então, é bem compreensível que a nossa ciência se ressinta muito mais da falta de objetos autênticos, colecionados para o estudo de povos e períodos históricos, do que pela perda desta ou daquela obra de arte ou pela impossibilidade de avaliar as produções de um indivíduo altamente dotado que viveu em época bastante conhecida.

Considerc-se êsse estado de coisas, antes de tudo, também, nos casos em que, diante de diversos problemas de investigação geográfica, seja preciso decidir quais os meios que se podem empregar em primeiro lugar para resolvê-los, renunciando muitas vêzes ao necessário, em

favor do que é urgente, pois quem, durante um incêndio, não procuraria salvar primeiro os documentos que porventura não se achassem resguardados na caixa forte?

Diante disso corre-se para ainda salvar alguma coisa onde não seja tarde demais, ou será peor o pecado que o homem comete contra o homem, do que o da nossa mãe comum, a terra, que o recebe em seu seio, como a todos os seus filhos, de uma mesma maneira, e que guarda, protetoramente, através dos séculos, algumas flechas e alguns ossos?

E' como dizia o poeta, cuja fantasia se embriagava numa apaixonada saudade pelas maravilhas dos continentes distantes, criando tão esplêndidas imagens :

Na árvore da Humanidade a flor comprime a flor
E cresce segundo as leis eternas.
Quando uma amarelece e murcha
Outra brota, cheia de vida e fulgor.
A natureza é uma transformação perpétua
E nunca o silêncio ou o repouso definitivo,
O seu destino é viver e morrer
E cada brôto é um povo, uma nação.

APÊNDICE

ÍNDICE

dos minerais colhidos durante a viagem e trazidos para casa; a classificação dos mesmos e algumas observações feitas pelo Prof. KARL VON FRITSCH.

As amostras colhidas durante os primeiros meses de nossa viagem perderam-se quasi todas em meio das peripécias do caminho.

Assim temos :

N.º 1 — 24 de junho — Riacho Beijaflor.

Pedra de cantaria vermelha um tanto feldspática, portanto de formação arcósea e algumas lâminas micáceas de fina granulação.

N.º 2 — 5 de julho — Rio Paranatinga.

Pedra de cantaria vermelho-escura e fina granulação.

N.º 3 — Planalto.

Mineral de ferro de manganês pardo, impuro, muito incrustado de grãos de quartzo.

N.º 4 — 25 de julho — Rio Batovi, fonte do Xingú.

Dois fragmentos de pedra de cantaria, finamente granulada, de tom vermelho-escuro, tendendo para o pardo.

Crê-se que há uma formidável formação de cantaria vermelha e de côres variadas, mais recente do que o próprio carvão de pedra e mais antiga que o Jura, portanto arenito, permeano ou triássico que na Guiana Inglesa ultrapassa 1000 metros de espessura, estende-se até o Brasil. Citam-se também formações semelhantes na Província de Sergipe, próximo à cidade de Estância, assim como nos limites entre o Brasil e a Bolívia.

N.º 5 — 7 de setembro — A partir daqui o rio principal — Canga.

Mineral de ferro com manganês, pardo e vermelho. Aparentemente formações em concreções em massigos e massas de intrusão, talvez em parte proveniente de transformações de pequenas intrusões calcáreas.

N.º 6 — 7 de setembro.

Mineral de ferro com manganês pardo, de estrutura granulosa, de grãos transformados em pequenas intrusões. Serão concreções?

Esses minerais de ferro dão a impressão de formações recentes. Serão aluviais, diluviais ou terciário recente?

N.º 7 — 14 de setembro — Margem.

Argila endurecida de um encarnado vivo com veios azulados de calcidônia. Essa pedra está injetada pelo silícico e um pouco de pedra de tufo porfírico.

Talvez seja um tanto mais antiga do que a cantaria vermelha das cabeceiras do Xingú, junto com o pórfiro de 15 de setembro (N.º 11), talvez existente em carvão mais recente ou arenito. Entretanto não se pode saber a idade geológica através da constituição da pedra.

N.º 8 — 15 de setembro (Os cimões, o espinhaço, etc. . . . tudo que se eleva acima d'água é de um amarelo-cinza).

Variedade granítica pobre, em quartzo, lembrando o sienito micáceo. O mineral é de grãos soltos (Ortoclasita) até 25 mms. em diâmetro. Mica parda em placas até 5 mms. de diâmetro, que de vez em quando se tornam tão espessas que parecem curtos pilares.

N.º 9 — 15 de setembro.

Como a anterior. Ortoclasite até 18 mms. de diâmetro. Mica escura frequentemente com 4 a 6 mms. de diâmetro. Nítido plagioclásio ao lado de ortoclasita.

N.º 10 — 15 de setembro.

Como ambas as anteriores; apenas a casca brilhante de pardo denegrido, produzido pela água, aparece mais agora.

N.º 11 — 15 de setembro. (Depósitos baixos amarelo-pardacentos saindo da água, pontegudos, corroídos, irregularmente aglomerados, etc. Só apareceu hoje, no máximo talvez ontem à tarde).

Porfiro pardo-cinza com camada fundamental roxo-pardo salpicado de numerosíssimos plagioclásios na maioria rebentados, de 1mm. de grossura, atingindo 4 a 5 mms. de comprimento e largura.

V. Observação referente ao N.º 7.

N.º 12 — 15 de setembro.

Outro fragmento — igual.

N.º 13 — 16 de setembro.

Pedra semelhante à formação haleflinta, vermelho-claro, finamente granulada.

N.º 14 — 17 de setembro.

Pedra de formação semelhante a haleflinta, vermelho-amarelado até atingir o esbranquiçado.

N.º 15 — 19 de setembro. (Banco da praia de areia).

Granito solto, pobre em quartzo. O feldspato que predomina é de cor amarelo-vermelha e é um plagioclásio. O habitus geral da pedra em questão lembra pegmatito ou peg. gráfico; das formações alemãs dessa espécie que aparecem em gneiss, granitos, etc., como massas componentes subordinadas, a brasileira se distingue pelas muitas lâminas micáceas.

N.º 16 — 19 de setembro. (Encosta dentro do rio, em meio de uma correnteza).

Granito solto, pobre em quartzo, passando a sienito micáceo. A mica escura forma placas que alcançam 12 mms. de diâmetro, o feldspato é pertita, portanto, aparentemente um inter-criamento de ortoclasita e plagioclásio.

N.º 17 — 20 de setembro.

Diorito ou sienito com uma capa parda brilhante, parece conter titanita.

N.º 18 — 24 de setembro. — Dois exemplares.

Cantaria avermelhada em relação com arcose, que apresenta desagregações em chapas de 20 a 25 mms. de espessura, sendo formada de corpúsculos quartzianos assim como de numerosíssimos feldspatos de superfícies cristalinas. Talvez seja essa uma espécie de arcose, cujos grãos se reuniram numa forma cristalina como nas cantarias cromatizadas alemãs em que aparecem com frequência essas "cristais reconstituídos".

(Posição geognóstica muito duvidosa).

N.º 19 — 25 de setembro.

Pedra granítica, de granulação fina, provavelmente uma sedimentação em gneiss de diorito. O quartzo está mal desenvolvido, a mica forma pequenas peças maiores, porém, que o feldspato. Um grão engastado nessa pedra tem 9 mms. de diâmetro.

N.º 20 — 26 de setembro.

Granito contendo horblenda, de granulação grossa, pode a ortoclasita alcançar 15 mms. de diâmetro, ao passo que o plagioclásio permanece inferior a essa dimensão. A quantidade do quartzo é relativamente grande.

N.º 21 — 29 de setembro — 2 fragmentos.

Pedra de granulação fina, onde se reconhecem pequenos cristais de augita e de um plagioclásio que aparecem, entretanto, não como "grãos" isolados e sim como tendo-se desenvolvido mais um pouco do que os outros que constituem essa massa. Vestígios de pirita também se notam. A pedra tem uma camada de decomposição parda. Pode-se designar como diabásio.

N.º 22 — 1 de outubro.

Diorito de granulação fina.

N.º 23 — 4 de outubro.

Quartzito feldspático, um tanto gretado e sôlto com camadas finas de mica. (Pedras semelhantes aparecem como formações transitórias entre xistos micáceos ricos em quartzo e quartzitos).

N.º 24 — 4 de outubro.

Granito gneissico, contendo horblenda e de granulação fina. E' sômente num ponto que aparecem camadas de escamas micáceas e cristalitos de horblenda em intervalos de 3 mms. De resto aparecem tão pouco que o pedaço contido numa mão tem a aparência de um granulito.

N.º 25 — 4 de outubro. — 2 fragmentos.

Uma lousa de quasi 40 cms.² e apenas de 8 a 9 mms. de espessura com forte revestimento pardo, parece ser a mistura de quartzo com feldspato que muda alternativamente em camadas gnêissicas e micáceas. O fragmento mais grosso, igualmente de mistura de quartzo com feldspato e pouca mica lembra mais granito porfírio, com o que também se pode confundir o primeiro fragmento.

N.º 26 — 4 de outubro.

Diorito, no qual o feldspato forma, de certo modo, uma camada básica na qual se acham distribuídos em camadas pequenos cristais de horblenda e mica, talvez também de turmalina. O feldspato é que aparece mais nitidamente nessa superfície um tanto desagregada, ao passo que a fratura recente tem uma coloração muito escura.

N.º 27 — 8 de outubro. Gneiss granítico.

São muito frequentes a ortoclase vermelha, coberta de vez em quando com quartzo e plagioclases transparentes até atingir o cinzento. A mica é predominantemente escura, em parte misturada com alguns contornos esfacelados e, em certos pontos, com veios. Essa circunstância e a presença de alguma pirita se relacionam com um gneiss e não com o granito propriamente.

N.º 28 — 12 de outubro.

Gneiss granítico, contendo muita granada e quartzo. As camadas de mica são de escamas finas e formam-se em parte por pequenas lâminas espalhadas; daí aparecer pouco a granulação gnêissica.

N.º 29 — 13 de outubro. (Local de acampamento).

Diorito xistoso com pouco feldspato à vista, a estrutura laminada é muito nítida devido à riqueza de escamas micáceas magnesianas ao lado do anfibólio.

N.º 30 — 13 de outubro. (Local de acampamento).

Gneiss rico em feldspato, com granada e duas espécies de mica. Finas camadas micáceas entre as camadas (de, na maioria, 1 a 2 mms. de grossura), de quartzo e feldspato, formando este último corpos até 9 mms. de comprimento.

N.º 31 — 14 de outubro. (Canal formado entre as ruínas de pedras colossais).

Granito com variedades de feldspato, a ortoclasita mostra faces gretadas de 28:24 mms. de diâmetro. O quartzo é esmigalhado, quebra portanto com facilidade: a mica escura tem desenvolvimento medianamente forte.

N.º 32 — 23 de outubro. (Estrada do Coronel).

Xisto de uma espécie de argila endurecida, ao que parece é uma capa de desagregação.

Talvez pertença ao devoniano, conhecido desde a foz do rio Tapajós, no rio Amazonas, e paleontologicamente estabelecido.

N.º 33 — 25 de outubro. (Souzel).

Cantaria muito grossa, vermelha até atingir o vermelho pardacento, cujos grãos de quartzo alcançam 2,5 mms. de espessura.
(Idade geológica duvidosa).

O material de que é feito o machado de pedra foi classificado pelo sr. Prof. Andreas Arzruni por diabásio (V. pág. 193). O mesmo ainda diferencia as seguintes partes principais do massiço de cristais:

1) Augito em grandes cristais ou, também, em grãos arredondados, sendo que estes últimos na maioria um tanto esverdeados.

2) Horblenda em pequenos cristais que, frequentemente, circundam como coroas os augitos. São verdes, pleocroíticos (verde-amarelado e verde-azulado).

3) Quartzo em pequenos grãos na massa principal, com augitos pequenos.

4) Mica (magnésia) amontoada em grupos, na maior parte em

5) Grãos de um ferro preto (ilmenita ou magnetita).

II

BIBLIOGRAFIA

Consultada para o estudo da filologia comparada

(Este pequeno índice só se refere às obras principais, de que pude dispor)

EDIÇÃO

- 1665 — BRETON, RAYMOND. *Dictionnaire caraibe-françois* — Auxerre.
1701 — MARBAN, PETRO. *Arte de la lengua Moxa* — Lima.
1763 — D. L. S. *Dictionnaire Galibi* — Paris.
1780 — GILIJ, FILIPPO SALVADORE. *Saggio di storia americana* — Roma.
1812 — ADELUNG, JOH. CHRIST. VATER, JOH. SEV. *Mithridates* — Berlin.
1818 — ESCHWEGE, W. C. VON. *Journal von Brasilien* — Weimar.
1821 — MAXIMILIAN, PRINZ ZU WIED-NEUWIED. *Reise nach Brasilien* — Frankfurt a. M.
1826 — BALBI, ADRIEN. *Atlas ethnographique du globe* — Paris.
1832 — HILLHOUSE, WILL. *Notices of the Indians settled in the interior of British Guiana*. "Journal of the R. Geogr. Soc." — London.
1833 — GALINDO, JUAN. *Notice of the Caribs in Central America, Truxillo*. "Journal of the R. Geogr. Soc." — London.
1839 — D'ORBIGNY, ALCIDE. *L'Homme américain* — Paris.
1846 — JOMARD. *Note sur les Botocudos (Vocabulaire)*. "Bulletin de la Soc. de Géographie" — Paris.
1848 — SCHOMBURGK, RICHARD. *Reisen in British-Guiana* — Leipzig.
1850 — CASTELNAU, FRANCIS DE. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud* — Paris.
1852 — GABELENTZ, H. C. VON DER. *Grammatik der Kiri-Sprache* — Leipzig.
1853 — WALLACE, ALFRED R. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* — London.
1853 — TSCHUDI, J. J. VON. *Die Kechua-Sprache* — Viena.
1855 — DIAS, A. GONÇALVES. *Diccionario da lingua tupy* — Leipzig.
1867 — MARIUS, C. FR. PH. VON. *Beiträge zur Ethnographie un Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens*. Vol. II — Leipzig.
1871 — LEVY, PAUL. *Notes ethnologiques et anthropologiques sur le Nicaragua (S. Vincent-Kariben)*. "Bull. de la Soc. de Géogr." — Paris.
1871/2 — *Collection Linguistique Américaine*. Tomes I-VIII (e *Vocab. americanos de Crevaux*, trabalhos de L. ADAM) — Paris.
1874 — PLATZMANN, JULIUS. *Grammatik der Brasilianischen Sprache mit Zugrundelegung des Anchieta* — Leipzig.
1875 — SOUZA, FRANC. BERN. DE. *Pará e Amazonas (Commissão do Madeira)* — Rio de Janeiro.

- 1876 — MONTOYA, ANTONIO RUIZ DE. *Tesoro de la lengua guaraní publicado novamente sin alteración alguna por Julio Platzmann* — Leipzig.
- 1877 — MAMIANI, L. VINC. *Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kíriri* (1699) Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro.
- 1878 — LECLERC, CH. *Bibliotheca americana* — Paris.
- 1878 — FIGUEIRA, LUIZ. *Grammatica da lingua do Brasil*, composta pelo padre L. Figueira. Novamente publicada por Julio Platzmann — Leipzig.
- 1880 — VALLE CABRAL, ALFREDO DO. *Bibliographia da lingua tupy ou guarany* — Rio de Janeiro.
- 1881 — FONSECA, JOÃO SEVERIANO DA. *Viagem ao redor do Brasil*—Rio de Janeiro.
- 1882 — MULLER, FRIEDRICH. *Die Sprachen der schlichthaarigen Rassen* — Viena.
- 1884 — TSCHUDI, J. J. VON. *Organismus der Khets'ua-Sprache* — Leipzig.
- 1884 — STOLL, OTTO. *Zur Ethnographie der Republik Guatemala* — Zuerich

LÍNGUA BACAIRÍ

Vocabulário e elementos gramaticais em comparação com outros idiomas caribas

O estudo comparativo refere-se às seguintes tribus :

	acavai . . .	} Guianas e Venezuela.
Ap.	= apalai . . .	
	arecuna . . .	
Carin.	= cariniaco . . .	
	chaima . . .	
	cumanaghoto . . .	
Gal.	= galibi, calina . . .	
Mac.	= macusi . . .	
	maiongcong . . .	
Par.	= paravilhana . . .	
	pianoghoto . . .	
Ruc.	= rucuiense . . .	
Tam.	= tamanaco . . .	
	tiverighoto . . .	
	trio . . .	
	vaiamara . . .	
	volavai . . .	
Car.	= calinago . . .	Cariba das Ilhas.
	palmelas . . .	Mato Grosso.
Pim.	= pimenteira . . .	Piauí.
Carij.	= carijona . . .	Rio Iapurá.

As palavras que retirei de uma relação feita pelo Capitão Castro estão assinaladas com a letra C.

A L F A B E T O

a) Vogais :

		u		
	e	o	o	u
i		u		u

Nasais : ã ẽ ĩ õ õ ũ.

Reduzidos ou breves : ẹ ụ.

Os ditongos são numerosos : ai, au, ãi, ãu, ei, eo, eu, ia, ie, iu, oa, ou, ua.

Nota da Tradutora — Não foi possível à tipografia da Editora reproduzir todos os sinais fonéticos usados pelo autor, sendo que, por esse motivo, houve algumas substituições, entre as quais certo sinal sobre o "s" e sobre o "z" que nesta tradução figuram assim "s" e "z". Os sinais por baixo das letras só foram reproduzidos no texto quando isolados. Há também 2 sinais sobre uma mesma letra: Um deles indica a pronúncia do som o outro o acênto tônico. Ora, optei pelo primeiro, que considere indispensável, já que não era possível reproduzi-los simultaneamente, conforme o original.

b) Consoantes:

h

kχ	k	g	χ	γ	—	r	Λ	ñ
ts'	—	—	s'	z''	y	—	—	ñ
ts	t, τ	d	θ	—	—	ρ	l	n
—	p	b	—	v (ʔ)	w	—	—	m

Não há o *l* "mouillé" do francês, o *z* sonoro e o *f*.

a) Síllaba inicial:

1) A síllaba vocal é muito frequente, numa proporção de 2/7 dos casos.

2) h — N.º 281, bastante raro.

kχ — Ns. 1 a 47, muito frequente.

g — só 207.

χ — 236, bastante raro.

ts' — só 53, 88, 96.

s' — só 217, 288, 374.

z'' — só 380.

y — só 203, 260.

ñ — só 201, 457.

ts — só 55.

t — 57, muito frequente.

d — só 275, em muitos vocábulos do bacairí do Batoví.

s — 106, muito frequente.

l — só 166.

n — 92, bastante raro.

p — 49, muito frequente.

w — só 74, 195.

m — 193, frequência média.

np — só 479.

mp — só 141.

Na síllaba inicial não se encontram as consoantes: k, γ, r, Λ, ñ, τ, ρ, b, v.

b) Das ligações consoantes intermediárias, temos:

ns, nt, ñt, nχ, Λt, mb

c) Das vogais que aparecem como sons finais, temos:

Λ e ñ.

Por consequência, o bacairí é constituído apenas de síllabas formadas por uma consoante e uma vogal ou ditongo.

Em geral o índio bacairí articula as vogais de modo puro, sobretudo nas síllabas tônicas. Faz largo uso dos nasais. Com respeito aos sons longos e breves, as vogais não se distinguem de modo tão agudo como entre nós. No vocabulário designamos sempre as longas.

Nos ditongos ouve-se a pronúncia de cada vogal de per si.

Nas consoantes, o *kχ* e o *χ* se aproximam muito dos sons suíços, não se formam, porém, talvez tanto no faringe.

O *g* do sufixo de cortesia *go* é colocado, á semelhança do saxônico, entre *g* e *k*.

O *γ* ressoante corresponde ao *g* "brando" vestfálico e é produzido na parte central da abóbada palatina. É especialmente característico o (48) *γγυρότο*: Neste caso,

1) N. da T. — O *v* alemão sôa quasi como *f*, ao passo que o *w* sôa como o nosso *v*. O *y* sôa como si fosse pronunciado entre *i* e *e*. O *j* corresponde, quando precede vogais, a *ia*, *ie*, *ii*, etc.. O *z* equivale a *dz*. O *ch* e o *sch* diferem por ser o primeiro mais macio que o segundo. O *x* tem sempre o som de *iks*. O *que* e o *gue* devem ser tomados no seu valor íntegro, isto é, o *u* deve ser pronunciado. Dou todos êstes valores alemães, porque conservei a escrita das palavras indígenas do autor, afim de não fazer confusão. Já que êle se serve dos sinais e letras gregas, considereei estes sons germânicos indispensáveis para a compreensão da fonética fornecida pelo autor.

o *k* abrandado pelo *y* possui um timbre-*u* nítido, que sôa ao ouvido como *u* breve, de modo que “*uγu*” só representa pròpriamente uma sílaba.

O *r* nasce perto da epiglote, mas ressent-se de qualquer vibração. Parece-se inteiramente com o *r*, intermediário do Reno, que rima, por exemplo, com o *g* pronunciado em Duesseldorf (“fahren : wagen”).

Muito difícil e original é o som que designei por Λ . Quasi se torna impossível para nós imitá-lo. Não sei defini-lo de outra maneira a não ser que o coloque entre *ri*, respectivamente γi e *gl* e julgar que nos aproximamos o máximo possível, si procurarmos articular γ e um *l* cerebral rapidamente um depois do outro.

Mas, na verdade, não se consegue a verdadeira articulação desse som, porque o mesmo é uno. O quanto pude observar a colocação da língua, eu pronunciaria o Λ como um *l gutural*, por conseguinte não como o *l* dental ou cerebral em que só a ponta da língua encosta na abóbada palatina, mas onde a língua externa, quasi pela metade, entra em ação, de modo que as duas aberturas laterais necessárias à formação do *l* se colocam na parte mais funda da boca. Ao encostar-se a língua no céu da boca produz-se um ruído característico, dando a impressão de um *g* que se esboça. Conforme se deduz do estudo comparativo dos dialetos caribas, o nosso Λ corresponde ali a *ri*, *re*, *li*, mas não ousou distinguir e dizer si se trata de uma sílaba de dois sons. Em todo caso, chamo a atenção de que, nas minhas primeiras notas, tentei reproduzir esse nosso som, além de *gl*, também com *ri* e *li*.

Entre os macusis, o som em apreço parece ter-se assimilado e, respectivamente, a sílaba por êle formada; veja-se, por exemplo, os ns. 14, 39, 21 e 10.

Considerado sob o ponto de vista genético, o Λ parece ter-se originado de toda uma sílaba, pois tem sempre antes de si uma tônica. Quanto aos detalhes, damo-lhos mais abaixo no período intitulado “Acento tônico”.

A linguagem bacairí possui dois sons de *t*, isto é, o *t* dental comum e o interdental que escrevo com τ . Este foi por mim bem definido nas palavras 12, 131, 142, 143.

O segundo som *r*, para o qual uso o sinal ρ nos dá, também, algumas dificuldades. Distingue-se pelo fato da ponta da língua, ao articulá-lo, permanecer fixa na extremidade dos dentes inferiores. A vibração, que ali é muito fraca, produz-se por meio do resto da língua, que se liberta. O timbre desse som lembra o *r* brando dos portugueses ou o *r* intermediário dos ingleses, entre duas vogais, por exemplo: to-morrow.

ACENTO TÔNICO

O acento tônico vai para a penúltima sílaba. Quando a palavra termina por Λ , é sempre a última sílaba que recebe o acento, mesmo no caso em que na mesma palavra sem o sufixo Λ se acentua a sílaba anterior. Daí se conclue que Λ formou originariamente uma sílaba completa. Vejam-se exemplos entre os pronomes possessivos.

MODIFICAÇÕES FONÉTICAS

No estudo da filologia comparada da língua bacairí, bem assim dos idiomas caribas afins verificaram-se algumas modificações fonéticas legítimas, que merecem alguma atenção, para se compreender como se justificam as analogias.

I — Quasi não precisamos lembrar que o *r* e o *l* são frequentemente confundidos um pelo outro nos dialetos caribas.

II — São do mesmo modo compreensíveis a passagem do *s* para o *h*, e do *s'* para o *h*, que também existe na própria língua bacairí. Veja-se, entre outras coisas, os números 54, 140, 156, 189, 312 para *s* : *h*, para *s'* : *h* — *otih* Λ , que se originou de *oti* + *s'i* Λ — veja Pronomes.

III — É muito frequente a correspondência entre *p* e *w*.

Constituem exemplos da língua bacairí os ns. 4 e 5 do pronome possessivo.

Como exemplos entre o bacairí e os idiomas das suas tribus afins, sendo que se nota na maior parte $b : w$ no cariba das ilhas, podemos citar 28, 49, 74 e 108.

IV — O $p : f$ encontra-se no número 140, que é o “pohe”, retirado da palavra portuguesa “fouce”.

V — Merece atenção especial a modificação do p de origem carbíca para ox bacairí.

Exemplos: N.º 112 pedra, $tūxu$ — topou, topo, tobou, tappo, tepo, tebou.

Ns. 2, 3, 4 cabelo, $χūto$ — ci-poti, yon-fetou, yon-cetti, eiu-setti, yem-cetti, ad-onset, un-tsé.

N.º 28 peito, $kχuχówu$ — i-pobou, iti-poubouro, e-poubourou, pia-pourou, pouropo.

N.º 39 pé, $kχuχúΛ$ — hupu, oupou, pupu, yu-bobu, boubourou, e-poupourou, i-poupourou.

Em todos êsses casos verifica-se que o p aparece sempre acompanhado de som de u ou o . Este último parece ter dado origem à curiosa modificação, que poderia explicar-se mais ou menos pelo fato de p ter-se a princípio transformado em f , mas depois não passou, como de costume, para o w brando, mas sim absorveu o som de u próximo, adquirindo assim o timbre- u . Em consequência disso tornou-se o $χ$. Isso concorda com o fato do som de $χ$ dos bacairís fazer lembrar o som de f .

VI — $m : \bar{u}$, modificação compreensível, que surge nos exemplos 119 e 246.

VII $kχ$ e $k : γ$, modificação que corresponde à de $p : w$, que se verifica em 47 : 48, em 70 e na posição galibí ke (com) ao bacairí $γε$.

O material que temos diante de nós não é por certo suficiente para dar uma visão bastante larga com a qual se possa abranger, através dêsses exemplos, o caráter peremptório de leis. Entretanto, essas tentativas têm a sua utilidade, especialmente diante das fontes reduzidíssimas da pesquisa linguística indígena. Veja-se o n. V, onde mais se nota essa utilidade, sem a qual dificilmente alguém se atreveria comparar entre si fórmulas como “ $χutu$ cipoti” com “yonfetou”.

- | | |
|---|---|
| <p>1 - CABEÇA - $kχinaráxu$.</p> <p>2 - cabelo - $kχinara-χūto$.</p> <p>3 - bigode - $kχua-χūto$.</p> <p>4 - barba - $kχate-χūto$: <i>Tam.</i> ci-poti, <i>Ap.</i> - yonfetou, <i>Gal.</i> - yon-cetti, <i>Acawai</i> eiu-setti, <i>Ruc.</i> yemcetti, <i>Carin.</i> - ad-onset, <i>Mac.</i> - untsé.</p> <p>5 - rosto - $kχamīti$. V. 398.</p> <p>6 - testa - $kχameláΛ$.</p> <p>7 - pestanas $kχamekχīno$.</p> <p>8 - olho - $kχānū$: <i>Mac.</i> ienú, <i>Pianoghoto</i> yenei, <i>Ap.</i>, <i>Tam.</i> - januru, <i>Gal.</i>, <i>Carij.</i>, <i>Trio</i>, <i>Caribisi</i>, <i>Acawai</i>, <i>Arecuna</i>, <i>Vaiamara</i>, <i>Ruc.</i> - yenourou, <i>Carin.</i> - énourou, <i>Kar.</i> - énoulou, <i>Maiongcong</i> - uyenuro, <i>Cumanaghoto</i> - enur.</p> <p>9 - cílios - $kχanu-pearōko$.</p> <p>10 - orelha - $kχiuānatáΛ$: <i>Tam.</i>, <i>Ruc.</i> - panari, <i>Cumanaghoto</i> panar, <i>Carin.</i> - pianari, <i>apanálō</i>, <i>Gal.</i> <i>Palmelas</i> pana, <i>Mac.</i> - upana, <i>Carij.</i> anari.</p> | <p>11 - nariz - 1) $kχanáΛ$, 2) $kχanatáΛ$: 1) <i>Tam.</i> jannári, <i>Pianoghoto</i> - yoanari, <i>Maiongcong</i> - yoanari, <i>Voawai</i> younari, <i>Vaiamara</i> - yonari, <i>Cumanaghoto</i> euna, <i>Mac.</i> <i>Arecuna</i> uyeuna, <i>Par.</i> - eunénia-lō, 2) <i>Gal.</i> - enetali, <i>Carin.</i> - énahtari, <i>Caribisi</i> - yenetari, <i>Acawai</i> - yenotarri, <i>Ruc.</i> - yemma, <i>Ap.</i> - yeoumali. V. 362.</p> <p>12 - buraco (orifício do nariz) $etáΛ$, V. 142, 143.</p> <p>13 - boca - $kχitáΛ$: <i>Cumanaghoto</i> - ymtar, <i>Tam.</i> - mdari, <i>Carin.</i> - outari, <i>Atorai</i> - otaghu, <i>Vapisiána</i> - untaghu, <i>Ap.</i> - ountali, <i>Maiongcong</i> - undati, <i>Arecuna</i> - undack (<i>Tam.</i> lábio, potari, <i>Gal.</i> - yepotali, <i>Car.</i> - tiboutali, <i>Acawai</i> - yubotarri).</p> <p>14 - dente - $kχiéΛ$: <i>Tam.</i>, <i>Carin.</i>, <i>Carij.</i>, <i>Car.</i> - yeri, <i>Pim.</i> - jari, <i>Gal.</i>, <i>Ruc.</i>, <i>Pamelas</i> - yéré, <i>Arecuna</i> - huyéhre, <i>Par.</i> - elelō, <i>Atorai</i> - oteri, <i>Cumanaghoto</i> - d-er, <i>Mac.</i> - uijé, <i>Aruac</i> - dari.</p> |
|---|---|

- 15 - língua - κχύλυ: *Par.* - anulu, *Tam.*, *Gal.* - nuru, *Pim.* - nuri, *Mac.* - húnú.
- 16 - focinho - iz'opíΛ.
- 17 - queixo - κχιεπάΛ.
- 18 - garganta - κχυγορόΛ (υγυρότο - homem, será relativo ao pomo de Adão?!).
- 19 - pescoço (nuca) - κχιufme *Gal.* - reími (tratando-se de mulher), *Mac.*, *Arecuna* - huma.
- 20 - dorso - κχιυάmu.
- 21 - ombro - κχιumatáΛ: *Gal.* - imotali, *Car.* - imoutalli, *Mac.* - humota.
- 22 - omoplata - κχιipé.
- 23 - braço (incl. a mão) - κχιαυάΛ: *Tam.* japari, *Carin.* ad-apari, *Gal.* - yaboule,
- 24 - cotovelo - κχianutóto.
- 25 - mão - κχiamáΛ: *Tam.* - jamgnári, *Gal.* yamori, *Voivai* - yamore, *Ruc.* - yamourou, *Maiongcong* - yamutti, *Ap.* - yemali.
- 26 - dedo - κχiamáΛ iméΛ (iméΛ - pequeno).
- 27 - unha - κχontáΛ.
- 28 - peito κχυχόυ, κχυχόwu: *Gal.* - ipobou, estômago itipobouro, peito, *Acavai* epoburuh, peito, *Carin.* - piapourou, *Cumanaghot* - pouropo.
- 29 - costela - κχυγοτάΛ.
- 30 - mamilo - κχιñuññáΛ.
- 31 - seio - pekóto-iuññáΛ.
- 32 - ventre - κχιitáχu.
- 33 - umbigo - κχιueκχιάλ.
- 34 - penis - κχιλέΛ.
- 35 - vulva - ellí.
- 36 - perna - κχepenáΛ.
- 37 - coxa - κχιuiéte: *Gal.* - eipeti, ipiti, *Car.* - iébeti, *Carin.* - piéti, *Pim.* - petti, *Carij.* - beti, pé.
- 38 - joelho - κχaheúΛ.
- 39 - pé - κχυχύΛ: *Mac.* hupu, *Car.* - oupou, *Caribisi* - pupu, *Acavai* - yubobu, *Gal.* - boubourou *Ruc.* - epoupourou, *Ap.* - ipoupourou.
- 40 - calcanhar - κχυχύΛ γαράΛ.
- 41 - sola do pé - κχυχουλάΛ: *Tam.* - ptarirari, sola vem de ptari - pé, amgna-rari, de jamgnári - mão.
- 42 - dedo do pé κχυχουΛigóve.
- 43 - osso κχιipúΛ: *Par.* jepelü, *Gal.* - iperi (testa - yepo) *Mac.* - hépo.
- 44 - pele - κχutu-pi: *Tam.* - pit-pe, *Mac.* - pipo, *Arecuna* - pipo, *Acavai* eupihpoh, *Car.* - tibípoüe.
- 45 - sangue - κχiño.
- 46 - alento - κχγορεπάΛ. (respiração)
- 47 - GENTE κχupa nós. A exclamação ao cumprimentar: "κχupa bacairí".
- 48 - homem - υγυρόto.
- 49 - mulher - pekoto: *Par.* - paiká, irmã, *Gal.* - uaka - irmã.
- 50 - menino - υγυρόto iméΛ.
- 51 - menina - pekóto iméΛ.
- 52 - pai - iyume *Gal.* - youaman, *Pim.* - juju.
- 53 - pai - ts'ógo (tratamento dado pela criança).
- 54 - mãe - ise, ihe - minha mãe, *Gal.* - issaño.
- 55 - mãe - tségo (tratamento dado pela criança).
- 56 - avó - itámo (seu avó) *Ruc.* - tamo, *Acavai* - tamu, *Gal.* - tamoko (ancião - tamoussi), *Mac.* *Arecuna* - amoko.
- 57 - avó - tágo (tratamento dado pela criança).
- 58 - avó - ipúte (sua avó).
- 59 - avó - ñigo (tratamento dado pela criança).
- 60 - tio - (patruus) - ts'ógo pai.
- 61 - tio - (matruus) - κχūgo.
- 62 - tia tségo (-mãe) - lado paterno ou materno.
- 63 - sogro itanuímo - } lado do marido ou da
- 64 - sogra - inũntumo - } esposa.
- 65 - lactante inuãmúto.
- 66 - filho - iméΛ: *Gal.* - imourou, *Car.* - imoulou, *Mac.*, *Arecuna* - imo.
- 67 - filha - pekóto iméΛ.
- 68 - irmão mais velho - paqígo *Gal.*, *Car.* - balli - valente, forte.
- 69 - irmão mais moço - κχóno: *Ruc.* - acon, irmão, primo, *Chayma* - yacono, *Carin.* - yacouno, irmão, capitão, *Gal.* - acono, companheiro, *Pim.* - accöh.

- 70 - irmã - iyapúto (sua irmã), *kχóru*,
irmã (*Car.* - imougarou - garóu-
tou, segundo Breton - "elle est
belle").
- 71 - primo, mais velho e mais moço =
mais velho e mais moço irmão.
- 72 - sobrinho, filho de irmão = mais
velho e mais moço irmão.
- 73 - sobrinho, filho de irmã = *tikχāu* :
Gal. tigami, pequeno irmão, meu
filho, pequena criança.
- 74 - sobrinha - wáse : *Car.* - *ibāche*.
- 75 - neto, neta, sobrinha-neta - *iucā*.
Car. - *ibāli*, (*Gal.* - *ouali* - filha).
Faltam as designações para noiva
e noivo. Padrastos = pais. Bisavó
= avô.
- 76 - cacique - *pimáto* : *Taino* - mato,
chefe.
- 77 - feiticheiro - *omeóto* : *Car.* - *amáoti*,
colono (*Quechua* - *amaúta*, sábio),
- 78 - remédio - *iuinte* = raiz.
- 79 - sarampão (palavra portuguesa
que designa uma febre eruptiva) -
sarampo.
- 80 - amigo - *iuáta*.
- 81 - inimigo - *utupé*.
- 82 - estranho - *kχuakéba*.
- 83 - selvagem - *uaráyo*.
- 84 - linguagem - *kχetaño*. V. 364.
- 85 - dor de cabeça - *kχiñara-kenáno*.
- 86 - dor no corpo - *kχita-kenáno*.
- 87 - céu - *kχá-u* : *Tam.*, *Ruc.*, *Carin.*
- *capu*, *Gal.* - *cabou*, *Car.* *cáhoúe*,
Carij. - *caho*, *Palmelas*, - *cape*,
Mundrucú - *capi*.
- 88 - sol - *ts'ís'i* : *Ruc.*, *Ap.* - *chichi*,
Cumanaghoto - *chich*, *Maipure* -
tschié, *Maiongcong* - *tchi*, *Pim.* -
titti, *Quiriri*, *Sabuja* - *utschéh*.
- 89 - sol nascente - *ts'ís'i erasého*.
- 90 - sol do meio-dia - *ts'ís'i kupotá*
Gal. - *courita* - dia, *icourita*
meio-dia, *Car.* - *coulitáni-ali*.
- 91 - sol poente - *ts'its'i eráoto*.
- 92 - lua - *nūna* : *Tam.*, *Gal.*, *Piano-*
ghoto, *Maiongcong*, *Vaiamara* -
nuna, *Ap.*, *Acavai*, *Caribisi*, *Carin.*
nuno, *Ruc.* - *nounou*, *Carij.* -
nounoua, *Par.* - *nóné*, *Voivai* -
nuni, *Car.* - *nonum*.
- 93 - lua crescente - *nūna ivél-lo*.
- 94 - lua cheia - *nūna tuĀe-iōga*.
- 95 - lua minguante - *nūna eraonse-itále*.
- 96 - estrela *ts'iĀmúka* : *Gal.*, *Cari-*
bisi, *Mac.*, *Pianoghoto* - *siriko*,
Arecuna - *sirike*, *Tam.*, - *ciricā*,
Vaiamara, *Tiverighoto* - *serika*,
Par. - *serikoró*, *Voivai* - *serego*.
- 97 - Venus - *kχardā*.
- 98 - relâmpago, trovão - *iyél-lo*.
- 99 - dia - *emetle* : *Ruc.* - *emamory*,
aurora.
- 100 - noite - *iguantfle*.
- 101 - frio - *igauñā*.
- 102 - friagem (da manhã) - *hāuā*.
- 103 - chuva, estação chuvosa - *kχo-*
póme : *Ruc.* - *copo*, *Gal.*, *Acavai* -
conobo, *Car.* - *conóboüi*, *Par.* -
conupó, *Tam.* - *canepó*.
- 104 - calor - *otapfko*.
- 105 - estação seca - *otapikχúme*.
- 106 - vento - *sapéhenu*.
- 107 - água - *pāpú* ou *pāpu*.
- 108 - fogo *pēto* : *Voivai* - *wetta*,
Gal., *Caribisi*, *Carin.*, *Vaiamara*,
Maiongcong - *wato*, *Par.*, *Acavai* -
watu, *Ruc.* - *ouapott*, *Ap.* -
apoto, *Tam.* - *uapto*, *Mac.* -
apo.
- 109 - fumaça - *eúno*.
- 110 - TERRA - *ōñ o* : *Gal.*, *Ruc.*, *Cuma-*
noaghoto, *Carij.* - *nono*, *Car.* -
nonum.
- 111 - areia - *sagúno* : *Gal.* - *sacau*,
Tam. - *ciaccaù*, *Carin.* - *sacaho*.
- 112 - pedra - *tūχu* : *Ruc.*, *Carin.*, *Par.*
- *topou*, *Cumanaghoto* - *topo*.
Palmelas, *Pim.* - *táppo*, *Ap.*
tobou, *Carij.* - *tepo*, *Car.* - *tebou*.
- 113 - rio - *pāpú* ou *pāpu*.
- 114 - regato - *pāpuatá*.
- 115 - regato, fonte - *satúbe*.
- 116 - corredeira, pequena quéda d'agua
- *iwāilu*.
- 117 - grande quéda - *táu*.
- 118 - ponte - *ekupáto*.
- 119 - caminho - *āua* : *Gal.*, *Ruc.* -
oma, *Car.* - *ema*.
- 120 - morro *Iwi*, *Iue* : *Gal.* - *ouiboui*,
Car. - *ouébo*, *Ap.*, *Ruc.* - *ippouí*.
- 121 - floresta - *Itu* : *Ap.* - *itou*, *Carij.*
- *itoua*, *itoutatoué*, *Gal.* - *itouta*.
- 122 - campo - *pōz'e*.
- 123 - plantação, desbravamento do ter-
reno - *opá* = mandioca.

- 124 - madeira, árvore - se : *Mac., Arecuna* yeh, *Tam., Pim.* - jeje, *Car.* huéhué, *Ruc., Ap., Carij.* - oué-oué, *Gal.* vuévué, *Carin.* - vévé, *Par.* - uové.
- 125 - folha - saΛ. : *Gal.* - sarombo, *Car.* massalómboc, folhagem murcha.
- 126 - raiz - iwinte.
- 127 - flor - sauáku.
- 128 - queimada - atugeΛpé.
- 129 - CIDADE - tatanáΛ.
- 130 - aldeia - ὄχι.
- 131 - casa - οτά : *Carij.* - ata, *Tam., Car., Mac., Arecuna* autê, *Gal.* - auto, *Carin.* - atto, aouto, *Aca-vai* - yeowteh.
- 132 - porta - pináta : *Tam.* nata.
- 133 - banco - mupé : *Gal.* moulé, *Car.* - moule.
- 134 - esteira - panakχάΛ.
- 135 - rede de dormir - auéta, aidá (Batoví) : *Ruc.* etati, *Carij.* etaté, *Ap.* - atouato, *Trio* - oueitapi.
- 136 - estaca - se, madeira.
- 137 - PANELA amúga : *Tam.* mucra, *Par.* - muholá.
- 138 - colher - pakánχο.
- 139 - faca - táχο.
- 140 - foice - póhe (portug. "fouce").
- 141 - machado (machado de pedra), ferro - mpe : *Par.* - uó-uó, *Car.* - houé-houé, *Gal., Ruc., Carij., Carin.* - ouiouí.
- 142 - agulha - κχoμαΛεράΛ : *Carij., Ruc.* coumaca, algodoeiro.
- 143 - cachimbo - tāui-εράΛ.
- 144 - pilão - κχαί.
- 145 - peneira - manalé.
- 146 - cesto - túta.
- 147 - camisa - κχiuamo-eti (= vestido de costas).
- 148 - corda - oésa.
- 149 - cesto de guardar provisões - oadú (Batoví).
- 150 - bacia de guardar beijús - oladú (Batoví).
- 151 - cabaca - κχalekó (Batoví).
- 152 - balaio - mayakú (Batoví).
- 153 - rede para pescar - póna.
- 154 - canoa - pépi (de casca de árvore, v. 44, as denominações para pele).
- 155 - páu, tacape - áwa.
- 156 - espada - ("espada" - hepadáΛ).
- 157 - arco - tokχά, tekχά, (Batoví) *Ap.* takou.
- 158 - flecha - piráu : piétheká (th inglês, Batoví), *Ap.* - piroou, *Ruc.* - piréou, *Vaiamara* - parau, *Ato-rai* - parauri, *Mac. Arecuna, Pianoghoto* - purau, *Aca-vai* - pulewa, *Caribisi* - purrewa, *Carin.* - pou-rioui, *Pim.* - púrarú, *Car.* bou-lóua.
- 159 - espingarda - piráu.
- 160 - pólvora - pírauetúno.
- 161 - flauta grande - méni.
- 162 - flauta pequena - κχanua : íΛ.
- 163 - cigarro ou charuto - tāui-auçipé.
- 164 - folha para envólucro - tāui-iage-sáΛi.
- 165 - carvão em brasa - pelaráte.
- 166 - leite - lóko.
- 167 - comida - péni.
- 168 - carne - póto.
- 169 - sal - pêκχu.
- 170 - "mingau doce" - puzepēgo.
- 171 - rapadura - (rapadura)
- 172 - farinha - (panēna)
- 173 - beijú - (bēiú)
- 174 - óleo (aceite)
- 175 - sabão (saão)
- 176 - vaca - (vaca)
- 177 - boi - (boi)
- 178 - cavalo - (cavalo)
- 179 - cachorro - (cachorro)
- 180 - gato - (gato)
- 181 - porco - poséka.
- 182 - cabra - hegarí.
- 183 - tapir mãe : *Ruc.* - maipouri.
- 184 - jaguar - utóto.
- 185 - lobo - auá : *Gal.* - auaré, raposa fétida.
- 186 - lontra - auáya : *Ruc., Ap.* - aouaoua.
- 187 - espécie menor de lontra - iχūki.
- 188 - lobinho - porókχο.
- 189 - corça - κχoséka, κχohéka : *Gal.* oussali, *Calin.* - cosare.
- 190 - javali ou porco do mato - poséka ituetáno (= no mato).
- 191 - paca - puΛenáΛ.
- 192 - cotia - hákχε.

do
portu-
guês

- 193 - macaco - mégo : Palmelas - meco, *Ruc., Car.* - mecou.
- 194 - tamanduá bandeira - päiká. C.
- 195 - tamanduá - waříΛ : *Gal.* - ouariri, *Carin.* - ouariri, lontra, *Tam.* - uariári, tapir!
- 196 - morego - semino.
- 197 - avestruz - mařípe.
- 198 - seriema - pařáΛ.
- 199 - galinha arakúma.
- 200 - galo - iuÁíva.
- 201 - ovo - ðñrŷ.
- 202 - pomba - pápa.
- 203 - pato - yúpi.
- 204 - papagaio - tóro.
- 205 - arara - křauíta.
- 206 - urubú - guróto.
- 207 - açôr - piáΛ.
- 208 - perdiz - puÁíka.
- 209 - joó múka. C.
- 210 - martim pescador - ēřá.
- 211 - peixe - kařá : *Par.* - kaná.
- 212 - tartaruga do campo - máimái.
- 213 - tartaruga do rio pe *Tam.* - peje, tartaruga, *Ruc., Carij.* - courout-pé.
- 214 - jacaré - isá.
- 215 - lagarto - amēma.
- 216 - rã - s'ññãe (moxa sane).
- 217 - sapo - popéřu : *Carin.* - pororo (moxa peru), *Chaima* - puerer.
- 218 - sucurí preta - ařúto.
- 219 - cobra - ařáu : *Ruc.* - acoĩ, cobra cascavel, *Chaima* - agui, *Gal.* - acoiou, occoĩou, *Cumanaghoto* - ocoyou (bacaírí - a cobra da lenda - ořóbi).
- 220 - abelha - peřaiéke : *Tam.* - pa-
rása.
- 221 - mel - pēΛa.
- 222 - vespa - aguna.
- 223 - borboleta - křunopóko.
- 224 - aranha - móz'e.
- 225 - mosca - peméra.
- 226 - borrachudo - křonokřutóke.
- 227 - piolho do mato - karamáka.
- 228 - termite - amé.
- 229 - formiga graúda - mokóka (moxa mototu).
- 230 - BURIRÍ - ēpe.
- 231 - aguassú - mōa.
- 232 - acurí - poufuto.
- 233 - guariroba - poΛisáΛ (= folha de erva?).
- 234 - bocaiuva - křus'ívi.
- 235 - peúva amarela - toyápi.
- 236 - peúva vermelha - řuaináua.
- 237 - jatobá - auáΛ.
- 238 - vinhático - inos'ibřlo.
- 239 - tacoára - tatópa.
- 240 - capim, erva - poz'e.
- 241 - lixa utaras'í.
- 242 - mandioca opá.
- 243 - milho - apāhi, anaz'í (Batoví) *Gal.* - aũoassy, *Carin.* - aouachi, *Car.* - aochi, *Chaima, Cumanaghoto, Cores, Parias* - ayaze, *Omaguas, Oyambi, Manao, Uirina,* auati, *Cocamas,* - awaté.
- 244 - feijão - ipie *Car.* - mibipi.
- 245 - fava - kutana. C.
- 246 - fumo - tãue *Ruc., Ap., Gal., Acavai* - tamoui, *Cumanaghoto* - tamo, *Carij.* - taumouinto, *Pim.* - tamitzé, cachimbo, *Mac.* - *Arcuna, Tam.* - kavài, *Par.* - kau-
vài.
- 247 - puva - taolí (Batoví).
- 248 - beijú (de polvilho) - samú (Ba-
toví).
- 249 - algodão - atakřéra.
- 250 - cará - mulá.
- 251 - batata - nahóto. C.
- 252 - pimenta - pán-no.
- 253 - cana de açúcar - ("canavia", do
português).
- 254 - arròs ("arroz" do português).
- 255 - banana - (banana, do português).

NOMES PRÓPRIOS

Nomes dos deuses da lenda da criação do mundo

- 256 - Křamus'ini, Méro, Atanumagále, Eváki, Křáme, Křéri.
- 257 - Cuiabá - (cuyabá).
- 258 - Serra-azul - táune.
- 259 - Rio Paranatinga - pakunéra.
- 260 - Rio Novo - yemepíΛ
- 261 - Rio Verde - nihawíΛ

{ Sentido
incompre-
ensível

- 262 - Tapajós - tamita-
toála (1). } Sentido
incompre-
ensível.
- 263 Braços do Xingú - tamitatoála,
ronúro, kuliséu.
- 264 - parecí - parecí.
- 265 - coroa - kaiyáyo (como se denomi-
nam a si mesmos.)
- 266 - cajibí - kawíhi, (provavelmente
se pronuncia do mesmo modo).
- 267 - brasileiro kxaräiyüã (homo al-
bus) *Ruc.* - calajoua, (chamam
assim também os oiambís, devido
ao seu comércio com os brasileiros),
Marauá - karaiua, *Mac.* - caraiiba,
Vapísiana carioua, *Sabuja* -
carai, *Tupi*, *Mariaté* cariba,
Cauizana - zyna-cariba, *Cari-
puna* - cariba-tchikö, *Taino* -
carib, forte, valente (cari, homo),
Quechua ghary (cari, homo).
Jumana zahre.
- 268 - PRETO - tamegenén.
- 269 - branco - tapekén.
- 270 - amarelo - tapatuén.
- 271 - vermelho - tapavilén.
- 272 - cinzento - tutunurén.
- 273 - azul, verde - tukuén.
- 274 - duro - tuñarén.
- 275 - doente - doanén.
- 276 - redondo - titapanén.
- 277 - comprido - iuagén.
- 278 - curto - iuagón-pa-heno.
- 279 - grande - íma.
- 280 - pequeno - mes'ikataña.
Par. criança - komeschikichu.
- 281 - velho - hägaitó.
- 282 - jovem - inüamúto.
- 283 - sadio - kulanéla.
- 284 - bobo - arintóno.
- 285 - inteligente - arintón-kéba.
- 286 - bom, bonito - iyukáú.
- 287 - mau - iyukau-kéba.
- 288 - podre - s'irúme.
- 289 - frio - Igaufña.
- 290 - quente - otapíko.
- 291 - mato - ituetano.
- 292 - sujo - tsas'io (do português).
- 293 - hoje - ivēga.
- 294 - ontem, hoje kxopaléka *Par.* -
amanhã - ko-palé.
- 295 - depois de amanhã - kxopaléka
piguetó.
- 296 - aqui - taΛ *Ruc.*, *Carij.* - talé,
Cumanaghoto - taré.
- 297 - ali - au-téΛa.
- 298 - direita - axóme.
- 299 - esquerda - póç.
- 300 - direito para a frente - χutuñéra.
- 301 - sim - ehé.
- 302 - não - a(h).
- 303 - não - pa, keba (V. nota sobre a
posposição "sem"), *Gal.*, *Car.*, *Ruc.*
Mac. - pa, *Carij.*, *Gal.*, *Car.*, *Ruc.*
oua, *Carin.* ouani, ouane.
- 304 - muitos - iufko, kxonákxo, ayipá-
va *Ruc.* - papourou, *Gal.* pa-
poro, paporé.
- 305 - pouco - ayi-pále.
- 306 - todos, tudo itanáΛ.
- 307 - nada - aturá-pa.
- 308 - como, quanto - aturá.
- 309 - o que - óti, nraΛ.
- 310 - para onde, de onde - otiká.
- 311 - um - tókalole.
- 312 - dois - aságe, aháge *Ruc.* - sa-
kéné (contam até 3), *Mac.* - sa-
kene, *Voivai* - asaki, *Acavai* -
- asakre, *Arecuna* - atsakane,
Maioncong ake, *Caribisi* oco,
Gal. -occo, oueceu (*Quechua*
iskai).
- 313 - três - aháge-tokálo = 2+1, e
ahaoále (Contração ?)
- 314 - quatro - aháge-aháge = 2+2.
- 315 - cinco - aháge-tokále-aháge =
- 2+1+2.
- 316 - seis - aháge-aháge-aháge =
= 2+2+2.
- 317 - primeiro - sagúyo.
- 318 - último - s'ipúΛ.

1) Esse é o nome com que os bacairís selvagens designam o rio Batoví. Ao que parece, Reginaldo não deve ter-me entendido bem, visto que os colonos denominam geralmente o Tapajós de Juruena, que é o nome do rio-fonte do Tapajós. Em todo o caso o nome da fonte do Xingú lhe era conhecido através de informações dadas pelo seu avô, visto que ele mesmo nada sabia a respeito dela. Não foi menor o meu espanto quando os bacairís selvagens nos deram como sendo o nome do rio que habitam aquele com que Reginaldo designava o Tapajós, porque, dessa maneira, o rio que tínhamos de que o Batoví corresse para o Tapajós e não para o Xingú aumentava consideravelmente.

VERBOS ou palavras que designam tempo

- 319 dia emetile : *Par.* - koemenàlanöu, hoje.
- 320 - noite - iguantfle.
- 321 - vir - aeufle, *V.* äua, caminho.
- 322 kχaufle - eu venho ; kχau-īnu - eu virei.
- 323 - ivega laise kχaufle - eu venho hoje.
- 324 - otiká m-aeufle - de onde vens ?
- 325 - oetána kχaufle - eu venho para casa.
- 326 - chegar, ir - s-itále, eu vou kχīta deixem-nos ir.
- 327 - ita hēura - vou me embora. (Despedindo-se)
- 328 - ina itóγa - vou-me.
- 329 - ivēga laise itále - vou hoje.
- 330 - otiká m-itále - onde vais ?
- 331 - nāitai - chegavam, chegaram.
- 332 - ali n̄t̄fle (= n̄-itfle), êle chegava, chegou.
- 333 - sa ali n̄t̄fle īse - êle chegará.
- 334 - kχopaléka kχañāa sa n̄it̄fle īse - amanhã chegará muita gente.
- 335 - kχopaléka sa n̄it̄fle kχináko - ontem chegou muita gente. *Ruc.* - ita, ir, *Gal.* - itangue, vai embora ; niton - êle foi ; *Carij.* - cuité ir.
- 336 - caminhar - kχayīnu.
- 337 - caçar - atak-ombá-he, tu vais caçar.
- 338 - ir passear tokχobá ita hēura, eu vou passear = vou sem o arco.
- 339 - inoro kχīta tokχobá itá - passemos.
- 340 - viajar - iatúγa, viajo.
- 341 - íátu hēura - viajarei.
- 342 - correr - eráki.
- 343 - eratúγa, corro (= eratú u : a).
- 344 - kχeratut̄fle - corremos.
- 345 - χutú n-era, direito para frente, *V.* 300.
- 346 - s'ís'í erascho - eráoto, sol levante poente.
- 347 - nuna eraónse itále - lua minguante.
- 348 - ajoelhar taheuΛ-ōa-itfle - andar de joelhos, *V.* joelho, kχahcúΛ.
- 349 cair - iχuyéle.
- 350 - levantar - kχaufle.
- 351 - sentar-se - ekatfle : *Gal.* - ique, sentar.
- 352 deitar-se, descansar - eγetutfle.
- 353 - morrer - iγéle.
- 354 - matar - χióle *Cal.* - chive, *Car.* - ioüe, *Ruc.* - souei.
- 355 dormir - ikfle.
- 356 - s-ikfle - durmo.
- 357 - inóro s-ikfle - durmamos.
- 358 - uγa ikfle - durmo.
- 359 - taΛ ikfle - êle dorme.
- 360 - ali ikfle tomeχīfle (eu) dormi. *Ap.* - sinikné, *Carin.* - oonikksé, *Carij.* - noniksé (*Gal.* - nanegué).
- 361 - sonhar - tatanke, ekohevuyéle.
- 362 - roncar - kχanatagino, *V.* kχanatáΛ, nariz.
- 363 - respirar - kχit-oεpepa-ikéle, respiro, *V.* kχoεpepáΛ, alento, respiração.
- 364 - conversar ou falar - kχītan̄fle, *V.* kχetaño, língua e kχitáΛ, boca.
- 365 - cantar - tahigáke.
- 366 - rir - kχeipatfle.
- 367 - chorar - kχōγúno (Verbum ?).
- 368 - bocar - toosanankoentfle.
- 369 - dansar - tataΛt̄fle.
- 370 - ouvir - kχāit̄fle.
- 371 - ver - setāi : *Ruc.* - setai, ouvir, *Gal.* - setey, idem.
- 372 - saber - tutúhe, sei, êle sabe.
- 373 - tutuhekéba não sei.
- 374 - s'īna tutúhe, nós sabemos (excl.).
- 375 - tutúhe-úγa, -omá, kχúre, eu, tu, nós sabemos.
- 376 - n-utú-pa - êle não sabe.
- 377 - kχaru n-tú-pa, não se sabe.
- 378 - dar - yutúhe - êle dá.
- 379 - yutúhe-, χutúhe-ú : a, eu dou.
- 380 Z''utúγa, dou.
O nosso amigo bacairi nos chamou a atenção para o fato de "saber" e "dar" terem um único vocábulo entre êles.
- 381 - agradecer - falta palavra.
- 382 - tomar - makéle.
- 383 - se-, me-, ne-, kχihé-mak-eráki - eu, tu, êle, nós tomamos.
- 384 - (incl.) kχōñe makéle lomorāñi - tomamos.

- 385 - (excl.) s'ín a íne makéle lomorāñí - tomamos.
- 386 - ter - tōla, tenho, há.
- 387 - máka tōla - éle tem.
- 388 - to-hé-pa - não tenho.
- 389 - tōla máka íse - éle terá.
- 390 - querer - há-pa, não quero.
- 391 - hé-ura - quero; hé-ma - queres.
- 392 - procurar - hētá.
- 393 - inóro kχi-hētá - procuremos.
- 394 - comprar - ekatíle, V. sentar-se. *Gal.* sib-egati.
- 395 - comer - kχamituá-íya - quero comer.
- 396 - kχamituá-p-íya úya - não quero comer.
- 397 - kχamituá-hemá - queres comer?
- 398 - tamituána - deixai-nos comer (= vamos comer) V. kχamíti, rosto (devorar: bocarra), *Gal.* auamina como, *Car.* aminótina - tenho fome.
- 399 beber - eníga.
- 400 - inóro kχih-eníga - deixai-nos beber.
- 401 - eni-héura - eu quero beber.
- 402 - eni-hemá - queres beber?
- 403 - kχāintya - beberei.
- 404 - kχāini-pá - não beberei, *Carij* - enikó, *Carin.* enico.
- 405 - sorver (ovos) - kχanakífile.
- 406 - cozinhar - italatíle.
- 407 - fumar - tāui íetíle - encher o cachimbo (fumo).
- 408 - tāui kχopanatíle - acender o cachimbo.
- 409 - tāui evéli - fumar o cachimbo.
- 410 - kχih-evéni tāui - fumemos.
- 411 - tāui kañevóni - fumemos.
- 412 - lavar - íse, ela cresce.
- 413 - lavar (mãos) - igokéhe - ela lava (= iguakútise?).
- 414 - banhar-se - não há palavra exprimindo o completo asseio do corpo.
- 415 - secar - saão ladíle (saão - sabão).
- 416 - morder - sakχá.
- 417 - quebrar - sakχatíle *Ruc.* séké-teí, cortar, *Gal.* - sicotó, *Cumana-photo* - hu-aketa-che - corto.
- 418 - bater - sapiogúle.
- 419 - abater árvores - satóle.
- 420 - satóya - abato.
- 421 - ferir - ihokíya - firo.
- 422 - fazer guerra - segabíle.
- 423 - lutar - toitokíle.
- 424 - pegar - sauatíle.
- 425 - estar encolerizado - tévipáse.

LIGAÇÕES DE FRASES :

- 426 - iuíko iuáta - muitos amigos.
- 427 - aháge iméΛ - dois filhos.
- 428 - tāui eúno - fumaça produzida pelo fumo.
- 429 - maimai ñóry iguakú - os ovos de tartaruga são bons.
- 430 - aγipále iguakú - poucas pessoas são boas.
- 431 - mēra υγυπότο - este homem.
- 432 - iguakú merāñí - este homem é bom.
- 433 - iguakú merāñí υγυπότο - este homem é bom.
- 434 - υγυπότο iguakukéba - este homem é mau.
- 435 - iguakukéba mēraní - este homem é mau.
- 436 - iguakú siΛ opá - esta mandioca é boa.
- 437 - se siΛ iguakú - esta árvore é bonita.
- 438 - se siΛ iguakukéba - esta árvore não é bonita.
- 439 - se siΛ iguakúΛ kuΛ - esta árvore é muita bonita.
- 440 - iguakú úya - eu sou um homem bom.
- 441 - iguakukéba úya - eu sou um homem mau.
- 442 - au'mbá - isto é teu? (= aúΛ, isto, am(b)á, tu).
- 443 - resposta : úya - é meu, máka - é dele.
- 444 - úya néla iyūme - eu sou seu pai.
- 445 - úya néla íse - eu sou sua mãe.
- 446 - npaΛ ám(b)a - quem és tu? como te chamas?
- 447 - maλ ototá - éle está na casa.
- 448 - tōla kapá parutá - há peixes no rio.
- 449 - tōla kapá amugootá - há peixes na panela.

- 450 - tōla kapá kΧitaΧuotá - há peixes no ventre.
- 451 - iufku kΧohéka poz''aná - muitas corças há no campo.
- 452 - iufku kΧohéka ituotá - muitas corças há no mato.
- 453 - yéti itikéba - esta é minha roupa, não a sua roupa.
- 454 - iti yétikéba - esta roupa é sua, não minha roupa.
- 455 - itaΧoΛ itaΧoΛkéba - esta é minha faca, não sua faca.
- 456 - kΧanoayíΛ mes'ikátáñ - pequena flauta.
- 457 - tohé-ñavínte úγa tenho fome (não há comida).
- 458 - kΧopaléka tohé-pa ñavínte kΧinákΧo - ontem tive muita fome.
- 459 - pāpu iuvínu - tenho sêde (preciso de água).
- 460 - pāpu kΧiuvíné-pa - não tenho sêde.
- 461 - kΧopaléka pāpu iuvínu kΧinákΧo - ontem tive muita sêde.
- 462 - pāpu héma - tens sêde? (queres água?).
- 463 - tāui héma - queres fumo?
- 464 - tāui hé-pa úγa - não quero fumo.
- 465 - kΧanakillle máimái ñōru - sorví ovos de tartaruga.
- 466 - pāpu óni héura - quero beber água.
- 467 - pāpu kΧāniya - quero beber água.
- 468 - yutuhéura opá - dou-(te) mandioca.
- 469 - tōla am (b) á opá - tens mandioca.
- 470 - mēra yγupóto yutúhe opá - este homem dá-(me) mandioca.
- 471 - mēra yγupóto yutúhe hafna opá - este homem dá-te mandioca? (hafna?).
- 472 - ise Ise - a mãe lava (jogo de palavras que o nosso bacairí pronunciava com visível prazer).
- 473 - otá igokéhe pekóto - a mulher lava a roupa.
- 474 - yγupóto éti igokéhe pekóto - a esposa lava a roupa do marido.
- 475 - pekóto yγupóto éti igokéhe paputá - idem, no rio.
- 476 - tutúhe āua - sei o caminho.
- 477 - s'ína tutúhe āua - sabemos o caminho (excl.).
- 478 - tutuhéura RozáΛ itauáΛ - sei o caminho para Rosário.
- 479 - npaΛyut-aúΛ - quem, aqui, sabe disto?
- 480 - naitái ivéga iufku kúpa - hoje chegaram muitas pessoas (ou chegou muita gente).
- 481 - kΧopaléka kΧañāa sa nitil ise amanhã chegarão (muitas pessoas).
- 482 - kΧopaleka sa nitil kΧináko - ontem chegaram muitas pessoas.
- 483 - iyéllo iΧuyéle otóra - o relâmpago cai numa casa.
- 484 - yγupóto iΧuyéle cai um homem.
- 485 - iΧuyéle onōa cai no chão.
- 486 - auetotápa iΧuyéle - cai para fóra da rede.
- 487 - eγetutlile auetotas'í deitar-se na rede.
- 488 - eγetutlile onōa - deitar-se no chão.

SUBSTANTIVO

No nome não se distingue singular do plural. V. Observações ao pronome pessoal. Os casos também não estão assinalados. Na frase o objeto figura depois ou mesmo antes do verbo.

Exemplos : 426, 427, 470, 473.

Nota-se o GENITIVO nos seguintes exemplos :

- | | |
|--|--|
| 1 - kΧinaráipúΛ - ossos da cabeça cranianos. | 6 - kas'ópo-itáΛ bocarra de cachorro. |
| 2 - kΧamelá ipúΛ - idem. | 7 - kas'ópo-iutúpi - pele de cachorro. |
| 3 - kas'ópo-Χúto - pêlo de cachorro. | 8 - kas'ópo-illu - língua de cachorro. |
| 4 - kas'ópo-iz''opíΛ - focinho de cachorro | 9 - kas'ópo-iγotúΛ - espinha de cachorro. |
| 5 - kas'ópo-inatáΛ - nariz de cachorro. | 10 - kas'ópo-IñaráΧu - cabeça de cachorro. |
| | 11 - mā-iz''opíΛ - focinho de tapir. |

12 - mā-inatáΔ - nariz de tapir.	16 ὑγυρότο otá - roupa do homem.
13 - mā-itáΔ - bocarra de tapir.	17 tāui euno fumaça produzida pelo fumo.
14 - mā-iutúpi - pele de tapir.	18 máimái ñõru - ovos de tartaruga.
15 - kχihuámo éti - camisa-roupa das costas.	19 - pekóto in uñáΔ - seio ("mama").

Vê-se, portanto, que a palavra determinativa procede à determinante. Em 1 a 13, este último está provido da partícula possessiva, talvez porque se trate, aqui, das partes do corpo, as quais o bacairi não conceberia sem uma relação qualquer possessiva. O n.º 15 está claro: — minhas costas, sua roupa; torna-se instrutivo pela dupla designação possessiva.

Em 16, 17 e 18 a relação possessiva só se exprime pela posição.

POSPOSIÇÕES

em c. dat., otá (V. otá — casa, roupa); V. Car., Gal. — ta :

otá — casa	ototá — em casa
amūga — panela	amūgootá — na panela
pāpú — rio	pāputá — no rio
itu — mato	ituotá — no mato
kχitáχu — ventre	kχitáχuotá — no ventre

em c. acc., otas'í (V. pron. demonstr. s'í-Δ) :

auēta — rede de dormir	āuétotas'í — na rede de dormir
------------------------	--------------------------------

fóra, otaupá (V. negação pa) :

auetotaupá — fóra da rede

sem, ba :

tokχα — arco,	tokχobá — sem arco, v. 338, 339.
---------------	----------------------------------

Provavelmente êsse "ba" é igual à negação "pa" sendo que a outra negação é composta de "kcbá" de "ke" — *com*, e "ba" — *sem*.

com, ye : saão — sabão, saãoye; Gal. — ke, com.

sobre c. dat. ou para, ana :

pōz'e — campo	poz'aná — sôbre o campo
otá — casa	oetána — para a casa
tamituána, para comer (comamos)	

sobre c. acc., opa, òa :

otá — casa	otōpa — em uma casa
ñõo — chão	õñõa — sôbre o chão, V. ajoelhar

ADJETIVO

O adjetivo não tem designação do sexo e é posposto ao substantivo como seu atributo.

Exemplos : 456, 458, 461.

Verifica-se uma forte adjetivação no conceito de "iguakú" — *bom*, que fôrma "iguakúΔkuΔ" — *muito bom*.

NEGAÇÃO

No verbo acrescenta-se a negação "pa". 376, 377, 388, 390, 396, etc.

A outra negação "kéba" só aparece ligada a "tutúhe" — *eu sei*: 373, o que não parece ser uma legítima fôrma verbal.

Os conceitos nominais sofrem a negação através de "kéba" 453 a 455, 82, 285, 287.

PRONOME PESSOAL

Sing. - 1.^a Pess. - ūya, ūra.
 2.^a Pess. - am(b)á,
 3.^a Pess. - máka, néla.

Plur. - 1.^a Pess. - (incl.) kXūye, kXūre,
 kXūra. (excl.) s'ina.
 2.^a e 3.^a Pess. - singular.

E' a "kXūre" que parece pertencer à derivação "kXua-kēba" (estranho, o que não é dos nossos). A forma incl. "kXūre" parece ser o mesmo que ura(eu), precedido de kX-, que é o prefixo possessivo da 1.^a pessoa do plural. Nos exemplos, o "eu" é frequentemente traduzido por formas-kX, enquanto que os prefixos pronominais ligados ao substantivo são mantidos separados, de maneira bem nítida. V. pron. possess. Aparentemente a formação do plural está em vias de se criar, fazendo sentir a necessidade de exprimir o maior número como é natural, nas relações de posse, em primeiro lugar.

Para "néla" v. 444, 445.

ANALOGIAS :

- 1.^a Pess. - *Cumanaghotó*, *Tam.* - ure, *Mac.* - hure, *Gal.* - aou, *Carin.* - aou, ao yo, *Carij.* - aoui, *Car.* - ao, *Ruc.* - eou, you, ou.
 2.^a Pess. - *Gal.* - amoré, moré, amoró, moró, *Ruc.* - amoré, amolé, *Cumanaghotó*, *Chaima* - amouere, *Carin.* - amoré, *Car.* - ámanle, *Tam.* - amare.
 3.^a Pess. - máka : *Tam.* - make, *Chaima*, *Cumanaghotó* - muek, mueke, muekere, *Gal.* - moc, moce, moncé, *Carin.* - mohcoro ; néla : *Ruc.* *Carin.* - inelé.

1.^a Pess. do Plural — Em *Gal.* e *Mac.* — ana falta no bacairí, mas poderia estar contido em "s'ina" = siΛ + ana, nós aqui.

PRONOME POSSESSIVO

A relação possessiva exprime-se através de prefixos pronominais, conforme o que se segue :

		meu	seu	seu	nosso
1 - faca	táχo	I-taχō-Λ	ō-taχō-Λ	I-taχō-Λ	kχI-taχō-Λ
2 - arco	tokχá	I-tokχá-Λ	ō-tokχá-Λ	I-tokχá-Λ	kχI-tokχá-Λ
3 - espada	espada (portug.)	I-hepadá-Λ		I-hepedá-Λ	kχI-hepadá-Λ
4 - canoa	pépi	I-wepí-Λ		I-wepí-Λ	kχI-wepí-Λ
5 - irmão m/ velho	papíyo	I-wapiγō-Λ	ō-wapiγō-Λ	I-wapiγō-Λ	kχI-wapiγō-Λ
6 - nariz				I-natá-Λ	kχanató-Λ
7 - boca				I-tá-Λ	kχI-tá-Λ
8 - espinha dorsal				I-γotú-Λ	kχu-γotú-Λ
9 - avó	(tāgo)	I-tāmo	ō-tāmo	I-tāmo	kχI-tāmo
10 - avó	(nígo)	(nígo)	ō-pūto	I-pūto	kχI-pūto
11 - mãe	ise	(sego)	ō-he	I-se	kχI-he
12 - irmã	kχōpu	iye-γapūtu		ē-γapūtu	kχē-γapūtu
13 - pai	(ts'ōgo)	iy-ūme	ō-ūme	Iy-ūme	kχūme
14 - sangue		iy-ūmo			kχūno
15 - cotovelo			o-enototo		kχ-anutóto
16 - pele				I-utúpi	kχ-utupi
17 - língua				llu	kχllu
18 - roupa, casa . .	otá	y-ēti	iti	ēti	kχ-ōti

Verifica-se, portanto, que os prefixos relativos a MEU e SEU são "t" antes das consoantes e "iy" antes das vogais das palavras (1); para TEU é "õ", para NOSSO, antes das consoantes é, na maioria, "kXt", e precedendo vogais "kX". É difícil determinar a intensidade maior ou menor em que se empregam, também, "kXa" ou "kXu". Compare-se a lista referente às partes do corpo, cujos vocábulos todos se ligam ao prefixo pronominal, exceto os poucos casos em que os característicos de sexo condicionam a terceira pessoa. Em 6, 7, 8, 14, 15, 16, e 17 assim como no geral das partes do corpo a forma primitiva é difícil de se isolar. Os primeiros 8 exemplos destacam-se pela existência de um *sufixo* Λ. Ao mesmo tempo todos eles têm a acentuação tônica na última sílaba, independentemente da sua posição no radical, ao passo que nos vocábulos em que não aparece o Λ, o acento tônico recai na penúltima sílaba. As mesmas relações que existem entre o sufixo Λ e o acento tônico evidenciam-se nos vocábulos que designam as partes do corpo.

Parece-me curiosamente irregular o exemplo n.º 18. Todavia certas fórmulas são exatamente afiançáveis, pois fit-os pronunciar as seguintes frases:

esta é minha roupa, não tua: — y-ëti, itikëba
esta é tua roupa, não minha: — iti, y-ëtikëba.

Em ellí- (n.º 35) parece existir um possessivo especial "el", constituindo único exemplo de feminino da 3.ª pessoa. V. - Gal. - re-imi, isto é — seu (dela) peçoço.

Em "tágo", avô, "nígo", avó, "ts'ógo", pai (tratamento dado pela criança), "tségo", mãe, tia (tratamento dado pela criança), "kXúgo", irmão de mãe, MEU é expresso pelo sufixo "go". Esse sufixo de reverência só se empresta a parentes ascendentes.

As partículas possessivas podem acrescentar-se os pronomes pessoais independentes. Assim, "ūya, máka, kXūye" são simplesmente colocados na frente, enquanto que para a 2.ª pessoa aparece a forma um tanto modificada de "õma", sob a qual desaparece o prefixo "õ". Vê-se que o pronome pessoal não é suficiente para traduzir uma relação de caráter possessivo.

Sing. - 1.ª Pess. - ūya i-wepí-Λ minha canoa (ao pé da letra, seria: , eu minha canoa).

ūya i-tāmo - meu avô.

2.ª Pess. - õma wepí-Λ - tua canoa.

õma hepadá-Λ - tua espada.

ūya i-hepadá-Λ - minha espada.

ūza i-wapiγõ-Λ - meu irmão.

3.ª Pess. - maka i-hepadá-Λ - sua espada.

Plur. - 1.ª Pess. (incl.) kXūye kX i-hepadá-Λ - nossa espada.

Faltam exemplos para a 1.ª Pessoa excl. do plural.

OUTROS PRONOMES

sí'Λ — este aqui
aú'Λ — este ali
má'Λ — aquele

oti
npaΛ } o que? (quem?)

Por exemplo: otihí'Λ? otiaú'Λ? otimá'Λ? — o que é isto, isso ou aquilo? au'mbá? — isso é teu?

se sí'Λ — esta árvore. sí'Λ opá — esta mandioca (2).

Além disso, ainda encontramos "mëra" e "merāni", talvez em pessoas. V. 470, 471, 431, 432, 433, 435.

Analogias para "sí'Λ, hí'Λ", temos *Ruc. séré, hélé, Gal. - ieri*. Para "oti", temos *Carij. - otisé, Gal. oté, Ruc. - eté*.

1) Em alemão o "ihr" tem até uma significação tripla: "d'elle, de vous, d'eux".

2) N. da T. — Evidentemente estes dois últimos exemplos se adaptam mais à língua do autor.

VERBOS

A pessoa é, no verbo, designada por duas maneiras.

I — O *pronome pessoal* independente aparece, em parte modificado, atrás do verbo (mais raro).

<p>Sing. - 1.^a Pess. - tutú-he-úra — eu sei 2.^a Pess. - tutú-he-má — tu sabes. 3.^a Pess. - maka tutu-he — êle sabe.</p>	<p>Plr. 1.^a Pess. (incl.) tutú-he-kXúre — nós sabemos. (excl.) s'ina tutú-he — nós sabemos.</p>
--	---

O pronome também pode não figurar, desde que o sentido o permita.

II — Aparecem certas *partículas pronominais* precedendo o verbo, que são

<p>Sing. - 1.^a Pess. - se-, s-, 2.^a Pess. - me-, m-, 3.^a Pess. - ne-, ñ-, ñ-, Plur. - 1.^a Pess. - (incl.) kXihe-, kXih-, kX-,</p>	<p>Por ex.: se-mak-eráki — eu tomo me-mak-eráki — tu tomas ne-mak-eráki — êle toma kXihe-mak-eráki — nós tomamos.</p>
--	--

Outros exemplos :

<p>Sing. - 1.^a Pess. - s-ikile - eu durmo. s-itále - eu ando. 2.^a Pess. - otiká m-itále - onde vais? otiká m-aeufle de onde vens? 3.^a Pess. - n-utú-pa êle não sabe. karū-ñ-tú-pa - não se sabe. sa-ñ-itfle - êles chegavam. ali-ñ-tfle - êle chegava. sa-ali-ñ-tfle-ise - êle chegará. sa-ñ-itil-ise - êles chegarão.</p>	<p>Plur. 1.^a Pess. - kXita (= kXih-ita) - nós vamos. inoro kXih-eníga - bebamos (deixai-nos beber). inoro kXih-hēta - procuremos (ou deixai-nos procurar). kXih-evēñi tāui - fumemos (ou deixai-nos fumar). tāui kX-an-evei - fumemos (ou deixai-nos fumar). kX-aeufle - nós chegamos. kX-an-eníga - bebamos (ou deixai-nos beber). kX-an-eni-pá - não queremos beber.</p>
--	--

Nessas partículas pronominais "se-, me-, ne-" somos forçados a reconhecer uma das mais importantes demonstrações de caráter gramatical da estreita afinidade existente entre as línguas bacairi e os idiomas caríbios.

Compare-se apenas o galibí

se-cálissa — eu estudo, me-cálissa — tu estudas
 ne-cálissa — êle estuda

Trata-se de uma identidade completa dos prefixos.

Com respeito ao cumanaghoto e ao chaima ajustam-se ainda a 2.^a e a 3.^a pessoa, enquanto a primeira possui um "w" :

w-are-i — eu carreguei, m-are-i — tu carregaste
 n-are-i — êle carregou

Não temos exemplos para as restantes tribus afins. Os caribas das Ilhas adotaram os prefixos aruáques.

As *relações temporais* são expressas por partículas determinadas, colocadas antes ou depois do verbo.

Para o tempo *passado* :

332 - <i>ali</i> ñtíle — êle vinha.	}	335 - <i>sa</i> ñitíle — vinham.
360 - <i>ali</i> ikihe <i>tomeXile</i> — eu dormí.		384, 385 - <i>makéle lomorãni</i> — tinham tomado ou tomaram.

Para o tempo *futuro* :

389 - <i>tõla máka íse</i> , — êle terá.	}	481 - <i>sa</i> ñítíl <i>íse</i> — havemos de chegar ou chegaremos.
323, 329 - <i>laíse kXausle, laíse itále</i> — hei de vir, havemos de ir.		333 - <i>sa</i> ali ñtíle <i>íse</i> — êle virá, ou há de vir.

Compare-se com essas partículas o seguinte

<i>Gal.</i> - alié, aliée — logo ; alieté — depressa ; “ali” significará, portanto, “no momento”, tanto para o <i>próximo futuro</i> como para o <i>passado</i> .	}	<i>Gal.</i> , <i>Ruc.</i> - icé, <i>Carij.</i> - ecé, <i>Apal.</i> - acé = querer, que correspondem ao <i>íse</i> .

- | | |
|------------------------------------|---------------------------------------|
| 27 - mamilo - nihíte. | 50 - filho - huiyé. |
| 28 - ventre - nits'its'ú. | 51 - irmão - teté. |
| 29 - umbigo - nutukχunáto. | 52 - irmã - notukaká. |
| 30 - penis - nupéi. | 53 - casa - pái. |
| 31 "scrotum" - nehúlu. | 54 - rede de dormir - amaká. |
| 32 vulva - etinapú. | 55 - panela - nukandái. |
| 33 - perna (coxa e canela) - nānf. | 56 - cestinho de dependurar - mayulú. |
| 34 - joelho - nikietú. | 57 - remo - etiné. |
| 35 pé - niθapá. | 58 - arco - tutí. |
| 36 - dedo do pé - nukietú. | 59 - flecha - tutí(?). |
| 37 - sol - kχámi. | 60 - corda de arco - itapí. |
| 38 - lua - kχatáua. | 61 - milho - maikí. |
| 39 - estrela - kχalutí(gl). | 62 - fumo - petú. |
| 40 - céu - enutáku. | 63 - mandioca (?) - tepiratí. |
| 41 - água - one. | 64 - beijú - uléipe. |
| 42 - pedra - tilupá. | 65 - massa - uléiki. |
| 43 - chão, terra - kχehú. | 66 - cesto de provisões - uléipiéte. |
| 44 - homem - enirá. | 67 - mingau - uθikuf. |
| 45 - mulher - kuñá. | 68 - jacú - aikeretí. |
| 46 - menino - enirá pipí. | 69 - mutum - imiumú. |
| 47 - menina - kuñá pipí. | 70 - um - panθa. |
| 48 - pai - papá. | 71 - dois - mepiáma. |
| 49 - mãe - mamá. | |

O indígena interrogado parecia conhecer o vocábulo "mukuím" do tupí, pois ôle mesmo formava "quatro", dizendo: mukuím - mukuím.

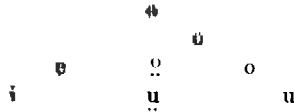
Uma forma meio duvidosa para "um" é — muyepeté.

Dois irmãos — mepiáma teté, assim me falou o referido custenatú fazendo-me uma declaração de amizade, acrescentando várias vèzes o seguinte: "teté te petéko", isto é, denomino-te meu irmão, ou coisa semelhante.

Quando se cumprimentavam, repetiam sem parar: "katú, hekatú". "bom, amigo", V. Tupí.

SUIÁ

a) Vogais



o, e, u, soam reduzidas, ã, õ nasaladas.

Ditongos — ai, au, ei, oa, oi, ua.

b) Consoantes:

h

k	g	χ	—	—	r	—	ñ
—	—	—	—	y	—	—	ñ
t	d	s	z	—	ʃ	l	n
p	—	φ	—	w	—	—	m

Não há kχ, ts', s', z'', l "mouillé", b, v.

Designo com ρ o r dental, com φ um som intermediário entre f bilabial e h. Maiores detalhes vide mais adiante, Modific. Fonct. IV.

Figuram como sons iniciais todas as consoantes exceto z, r, ñ. São notáveis as ligações consonantais iniciais ñg, nd, st, kr, dy.

Encontramos como sons mediais os seguintes : nk, nt, nd, dn, tk, ks, ts, ns e st.

O som final é quasi exclusivamente vocálico. A única exceção fórma um t, reduzido.

HABITUS

O caráter fonético da língua suiá é fundamentalmente diferente do do bacairí, de que já tratamos anteriormente. Foi observado que os caiapós, também pertencentes aos gês, falam com a "boca fechada e emitindo o som da laringe". Essa nota, um tanto estranha, também se aplica aos suiás, pois a maneira por que falam dá a impressão de movimentarem, relativamente pouco, o maxilar inferior e verifica-se que, na realidade, êle mantém uma distância média restrita do maxilar superior. Isso parece provir da tensão nos cantos da boca, produzida pelo botoque dos lábios um tanto grande. Os bacairís chalaceiam dos suiás, imitando-os de tal maneira que ao fazê-lo repuxam extraordinariamente o lábio inferior com ambas as mãos, obtendo assim

um efeito sonoro absolutamente idêntico, o qual tem qualquer coisa de enfadonho e maçante (conforme se costuma dizer do dialeto hamburguês).

O acento tônico recaí, na grande maioria das palavras, na última sílaba, o que acontece com os outros gês. Através dessa tendência, que parece existir, deve ter-se dado uma abreviatura da vogal final nas palavras em que a acentuação tônica cái na penúltima sílaba.

Assim também em algumas vogais iniciais deve ter-se dado o fenómeno de abreviação — v. “ñgo”, água, “nda”, chuva, “woa-ndó”, ôlho e as fórmulas completas “inkó, intá, intó”, de outros gês.

A comparação que se faz com tribus afins produz também aqui algumas fórmulas singularmente regressivas de *modificação fonética* :

I — Na ligação consonantal kr medial, tão característica dos gês, falha frequentemente o r, em se tratando da língua suiá. V. 9, 19, 52.

Acontece fenómeno análogo entre os chavantes e os chieriabás. V. Chav. g “comunika”, Chier. — “comekaná”, arco, em Cher. “comieran”. Constitue analogia a falta do r entre as vogais do vocábulo “woa-çáii” = parí. V. Vocab. Suiá, n.º 32.

Dessa maneira explica-se a raridade do r (não ρ) no suiá.

II — Costumam trocar s e h, v. 3, 20, 42. O fato de st poder figurar no lugar de um b ou v de outros gês, veja-se 42, 59.

III — Ao ρ medial dos suiás corresponde em casos comparáveis tt, t ou d nos gês restantes, V. 16, 36, 37.

Essa transição aparece isoladamente, também, na primeira linha das tribus gês, enquanto é completamente ignorada pelas da série Chavantes.

IV — Os suiás renunciaram ao antigo p, que só se encontra numa palavra estranha a êles, “paraná” do tupí. Na alegria de ouvirmos pronunciar um vocábulo conhecido para nós, deixamos de perceber o som de φ naquele vocábulo. No lugar de p encontramos o φ ou o h, dois sons que em suiá se parecem muito um com o outro. O que favorece essa modificação é, sem dúvida o botoque dos lábios, embora outras tribus que o usam tenham conservado o p. Convencemo-nos disto, após termos tentado experiências com os suiás de fazê-los articular vocábulos portugueses providos da letra p, c que demonstraram ser-lhes quasi impossível pronunciar tal som. Êles dizem comumente φ ou h, sem se darem conta da diferença. V. 32, 18, 44, 66.

V — Assim como o p, o b também se perdeu, sendo substituído por m. V. 36, 37, 16.

GRAMÁTICA

Infelizmente não encontramos relações gramaticais. Encontramos o pronome possessivo da 1.ª pessoa wa ou woa, o pronome da 2.ª pessoa i em “içaiiká(t)”, calcanhar, e “ikié”, coxa. Deve estar contido um pronome da 3.ª pessoa feminina nos vocábulos “endikó”, “vulva”.

“Ni” é um pronome demonstrativo. V. 109.

Compare-se com isso a partícula pronominal dos botocudos “ui”.

Constituem terminações verbais indubitáveis : anc. ong, eng.

O estudo comparativo no vocabulário que se segue relaciona-se (V. também Cap. 23 e a Tabela Tapúia) aos botocudos e aos seguintes :

<i>Apin.</i> — apinagês.		<i>Cai.</i> — caiapós.
<i>Apon.</i> — aponeguierans.		<i>Chav.</i> — chavantes.
<i>Acr.</i> — acroa. mirim.		<i>Cher.</i> — cherentes.
<i>Car.</i> — caraós		<i>Chier.</i> — chieriabás.

1 Cabeça — wakurá : *Apon.* — icra, *Apin.* — iscran, *Car.* — icran, *Cher.*, *Chav.* — dieran, *Cai.* — icrian, *Chier.* — daeran, *Acr.* — aieran, *Botocudos* — courou, krañe, kréné.

- 2 - cabeça — walahú.
- 3 - cabelo — wasú : *Acr.* — asaih, *Chicr.* — dajahi, *Chav.* — desahi, *Cher.* — layahi, *Apin.* — itki, *Apon.* — ickäng, *Car.* — ikei, *Cai.* — iquim, *Botocudos* — kreinké, kraine-kä.
- 4 - rosto — wayasú.
- 5 - olho — woandó : *Apon., Apin., Car., Cai.* — intó, *Acr.* — ainhó, *Chicr.* — datoman, *Chav., Cher.* — datoi, *Botocudos* — kéton.
- 6 - pestanas, cílios — woandó-só *Apin., Car.* — into-ou, *Botocudos* — kéton-kä.
- 7 - orelha — wañukaikáu *Apon.* — schabáka, *Apin., Car.* — jampaka.
- 8 - orifício da orelha — wañuaké.
- 9 - nariz — wañaké *Apon.* — igniakrä, *Car.* — iacray, *Acr.* — thahické, *Cai.* — chacaré, *Cher., Chav.* — danescri, *Chicr.* — dascr, *Botocudos* — kigin.
- 10 - lábio (lábio superior) — woakutkó *Apin.* — iscoue-co, *Car.* — alvaco, (*Cher.* — dagedoua, *Chav.* — dasadoa, *Chicr.* — d'atohá, *Acr.* — assötauá).
- 11 - boca (lábio inferior) — wañakóni : *Apin.* — jacoa, *Car.* — alcoua, *Apon.* — scharicoá, *Cher.* — dageau, *Botocudos* — ki-gaak.
- 12 - língua — wanuotó *Apin.* — gnoto, *Apon.* — ignoto, *Car.* — ioto, *Chav.* — dageuto, *Cher.* — danin-tou, *Acr.* — assoinhó, *Botocudos* — kgi-gioto-k, iojo-ke.
- 13 - dente — woatóa : *Apon.* — itzoa, *Car.* — itehoua, *Apin.* — djoua, *Cai.* — chua, *Botocudos* — jounne, k-idjiounn, *Cher., Chav.* — dagueoi, *Acr.* aiquá.
- 14 - barba — wañsó, wañuasó : *Apon.* — schamagho.
- 15 - queixo — wayakó *Botocudos* — djakié, *Apin.* — iama.
- 16 - pescoço — wamúpo : *Car.* — pampoutou, *Apin.* — in-poudou, *Apon.* — iburtho, *Cai.* — impudé, *Acr.* — aibuttúde, *Botocudos* — kgi-pu-ek, kiiji-pou-k, *Chicr.* — d'aputú, *Chav.* — daboudou, *Cher.* — dabe-dau.
- 17 - ombro — wañiké : *Chav., Cher.* — (humerus) danissai, danichai, *App.* — nisi-cray (humerus).
- 18 - braço — woahá : *Apin.* — istpá, *Apon.* — ippá, *Cai.* — ipá, *Chav.* — dapas, *Chicr.* — dapá, *Car.* — papá, *Cher.* — dapai-nau, *Acr.* — aipáckü, *Botocudos* — kgi-porock.
- 19 - mão — wañikó : *Apin., Car.* — gnouera, *Cher.* — daniera, *Cai.* — chieria, *Chav.* — dai-iperai, *Chicr.* — dajipera, *Acr.* — assubekrá.
- 20 - dedo — wañikasí : *Car.* — gnouera-i, *Apon.* — igniucrahy, *Chav.* (palma manus) danipkrahi, *Cher.* — danikiba.
- 21 - unha — wañikáu : *Apon.* — baigniocrahy.
- 22 - seio — wakó : *Apon.* — bacojaló.
- 23 - ventre — waitiú *Car., Cai.* — itú, *Apon.* — jittú, *Chav.* — dadau, *Cher.* — dadou-da-di, *Chicr.* — dadu, *Acr.* — aintubdü.
- 24 - umbigo — wañundá(t) *Apon.* — baiantotto.
- 25 - penis — woãñú.
- 26 - "scrotum" — woãñ-geki.
- 27 - vulva — endikó *Apon.* — ichhä.
- 28 - anus — wañogatú.
- 29 - coxa — wakié ; minha coxa — ikié ; tua coxa : *Apon.* — backschä, *Apin., Car.* — itkijé, *Cai.* — icria, *Cher.* — daja, *Chav.* — dasdajounté, *Acr.* — ainschadi.
- 30 - canela da perna — watesí : *Apin., Car.* — itai-i, *Apon.* — bathä, *Cher.* — daté, *Cai.* — ité, *Chicr.* — d'ateá.
- 31 - joelho — woakó : *Apon.* — vaccóno, *Botocudos* — ni-koukú.
- 32 - pé — woqaii (radical pari) : *Apin., Car.* — it-pari, *Apon.* — babari (radical — para), *Cher.* — dapra, *Chav.* — dapra-canou, *Chicr.* — dapra, *Cai.* — ipaá, *Botocudos* — pó.

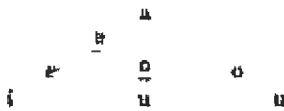
- 33 - dedo do pé — woahaká(t), unha do dedo do pé — woahakáu (idem?).
- 34 - sola do pé — woahakondó.
- 35 - calcanhar — iḡaiiká(t) (teu (?) calcanhar).
- 36 - sol — múḡu : *Apon.* — puttu, *Car.* — putt, *Cai.* — imputé, itputi, *Apin.* — buré, *Acr.* — put-döti, *Cher.* — beudeu (*Chav.* — sidacro, *Chicr.* — stacró).
- 37 - lua — muḡḡú : *Apon.* — putturhagh, *Car.* — putt-oure-rai, *Apin.* — burua, budouvreu, *Cai.* — puturua, putua. (*Cher.*, *Chav.*, *Chicr.* — oua, *Acr.* — uati).
- 38 - estrela — kantití.
- 39 - nuvem — kakoyaká.
- 40 - tempestade, chuva — nda : *Apin.*, *Cai.* — intá, *Apon.*, *Chav.* — ta, *Cher.* — tan, *Camé* — taá, *Car.* — tati, *Acr.* — thaite.
- 41 - água — nḡo : *Apin.*, *Cai.* — incó, *Apon.*, *Car.* — có, *Cher.* — cou, *Chav.* — keu, *Chicr.* — kũ, *Camé* — goio.
- 42 - fogo — kustó : *Cher.* — coujeu, *Apin.*, *Car.* — couveu, *Apon.* — cohhó, *Chav.*, *Chicr.* — kutsché, *Acr.* — kut-schiopdé.
- 43 - chão, pedra — kenḡú : *Apin.*, *Apon.* — kéné, *Cai.* — keni, *Cher.* — kanai, *Acr.* — quetáde.
- 44 - madeira — ḡi : *Apon.*, *Apin.*, *Car.* — pi.
- 45 - rio — misú, paraná (*tupí*, paraná).
- 46 - homem, homens — kuhé : *Car.* — coupai, *Apin.* — coopai, *Apon.* — cupã, *Cher.* — coaji, (*Chav.*, *Chicr.* — ora, *Acr.* — ura).
- 47 - mulher — kuñá = como em *tupí*.
- 48 - filho — tauḡá : em *tupí* — taira.
- 49 - irmão — niené (um individuo custenaú falou ḡuré, como sendo palavra suia para designar irmão).
- 50 - rede de dormir — kueté : (bacairí — auétá — os suiaú dormiam primitivamente em esteiras. *Apin.* — cou-pipi, "stragula dormitoria").
- 51 - cesto — kaḡḡú.
- 52 - abóbora — goká(t) : *Apin.* — gocratá.
- 53 - panela — góí.
- 54 - machado de pedra — kō(t).
- 55 - faca — kodú.
- 56 - banco — stogá.
- 57 - pilão — kanialé.
- 58 - pá de virar beijú — lustiakó.
- 59 - coifa de penas — stak-só (so, cabelo. *Cher.* — pena, ibaka).
- 60 - diadema de penas — woadn-gónḡ.
- 61 - colar de chapinhas de conchas — ganá.
- 62 - batoque dos lábios — niga-kóko *Botocudos* — higaak.
- 63 - rodela das orelhas — lansó.
- 64 - flauta — ḡororó (ḡo).
- 65 - castanqueta de cascas ou conchas — hinká.
- 66 - canoa de cortiça de árvore — hīká (=ḡi-iká, cortiça de árvore, *Apin.* iko, pele, *Apon.* — brur-ika, pelo de boi).
- 67 - remo — ḡapentó.
- 68 - flecha — kroá : *Apin.*, *Car.* — crouá, as restantes trífus "ti" e ligações. V. página 369.
- 69 - tuté : *Car.* — couhai, *Apin.* — coutai.
- 70 - lançador de flecha ou palheta — kagolintáḡ.
- 71 - clava, tacape — kauá : *Cher.* — couba.

- 72 - puva — ΧυροΧά.
 73 - beijú — Χύρε : *Apon.* — gwoara, mandioca.
 74 - mingau — tuké : *Apin., Car.* — ituch, farinha.
 75 - fumo — kalñe : *Apin.* — kariniaco.
 76 - cigarro ou charuto — kalinsó.
 77 - algodão — Χατό(ре) : *Apin.* — kateroni, *Car.* — kathodnié.
 78 - batatas — ya(t) : *Apin., Car.* — joto.
 79 - milho — woasi : *Apon.* — bohngü, *Cher., Chav.* — nosché, *Chicr.* — notsché, *Acr.* — nootschiö, *Cai.* — muschiu.
 80 - pimenta — noisú.
 81 - feijão — manikópe (Calimago — mancónti).
 82 - castanha do Pará — kasú.
 83 - amendofm — kasúnó(t).
 84 - “banana” brava — kaité.
 85 - jaguar — ρauití : *Apin.* — robotique, *Car.* — roblouti, *Apon.* — orópa.
 86 - jacaré — miutí *Car.* — miti, *Apin.* — mi.
 87 - veado — ? infelizmente não há vocábulo e nas outras tribus usam uma designação passageira : *Apon., Car., Cher., Chav., Chicr.* — po, *Apin.* — impo, *Botocudos* — po-cling, impo-kri.
 88 - papagaio — kaká : *Cher.* — ouacha, *Botocudos* — kouakoua.
 89 - arara — apápa : *Cher.* — chouara, *Chav.* — somerara.
 90 - pomba — tutí.
 91 - jacú — sokazó(t).
 92 - mutúm — kãnorotí.
 93 - cegonha (tujujú) — kaupití.
 94 - pena de cegonha — staksó.
 95 - cauda de cegonha — hamú.
 96 - bico de cegonha — akruksú.
 97 - asas de cegonha — ára.
 98 - perna de cegonha — kié ou tc.
 99 - patas de cegonha — φái.
 100 - piranha — amoantí.
 101 - jacundá — saundotí.
 102 - traíra — kutí.
 103 - grilo — ρaipái.
 104 - mosquito — kususó.
 105 - bom, amigo — tahahá.
 106 - mau, inimigo — atátahahá.
 107 - não, não — atá.
 108 - aí não há gente (ou homens) — atá kuhé.
 109 - este — ni, apápa ni, esta arara.
 110 - aquí, eu — ni-hai.
 111 - aquí, aí — ni-aumó.
 112 - o que é isto? — oteinatá.
 113 - eu não compreendo — waikéle.
 114 - está certo — atópa.
 115 - beber — ikóne.
 116 - água — ngo ikóne.

- 117 - comer — kuóŋe.
118 - beijú — Xúre kuóŋe.
119 - cegonha — kaupítí kuóŋe.
120 - traíra — kutí kuóŋe.
121 - intimação para ser acompanhado — aUNETÉŋe.
122 - vela acesa — motisigáŋe.
123 - (lançador de flecha ou palheta — kagolintáŋe, (verbo ?).
124 - “quando dormem” — sinakáŋe (anotado durante a narração).
125 - tomado ou conquistado com o tacape (kauá) — kaukatí.
126 - desenhar, pintar — sógo.
127 - tremer, ter medo — ututú.
128 - fazer — dyará.
129 - espera, amanhã — kalaumó.
130 - dormir — nanumóŋo.
131 - “concupitus actio” — tok-tok *Botocudos* — tshok-tshok.

MANITSAUÁ

a) Vogais



Nasais ā, ū, ī.

b) Consoantes:

—	k	g	χ	—	—	—	—	ŋ
ts'	—	—	s'	—	y	—	—	ñ
—	t	d	θs	z	—	ρ	ʔ	n
—	p	b	—	—	—	—	—	m

Com respeito às ligações consonantais mediais encontramos somente uma vez “tr” (n.º 58) e “bl” (n.º 48).

- | | |
|--|--|
| 1 - pele - humiá. | 16 - unha - humiá. |
| 2 - cabelo iyabiapá. | 17 - mamilo - nuamatá. |
| 3 - testa - hutáá : Iuruna - natumá. | 18 - umbigo - mabuá. |
| 4 - pestanas - tabaupá (Iuruna - ca-beça, tabá). | 19 - penis - huabiá. |
| 5 - ôlho - ouðá : Iuruna - oiyá. | 20 - “scrotum” - huibiá. |
| 6 - orelhas - naibuá. | 21 - vulva - huatí. |
| 7 - orifício da orelha - uainibuiá. | 22 - coxa - m(b)eistú. |
| 8 - nariz oa(mb)uá. | 23 - canela da perna - madus'á. |
| 9 - orifício do nariz oabú-uiá. | 24 - pé huyadapá. |
| 10 - lábio huíñuá. | 25 - dedo do pé - hum(y)íá. |
| 11 - língua - huá : Iuruna kuá. | 26 - sola do pé - huyapipadyá. |
| 12 - dente - huãñá : Iuruna - aiá. | 27 - calcanhar - huyapayayá. |
| 13 - barba - amusapá. | 28 - sol - hayadí : Iuruna - kχoadú. |
| 14 - pescoço - huibuatá. | 29 - lua - madigaú : Iuruna - mandigá. |
| 15 - dedo - hubuá : Iuruna uvá. | 30 - estrela ats'aná. |

- | | |
|--|---------------------------|
| 31 - nuvem - unó. | 48 canoa hublá. |
| 32 - água - hidapú. | 49 - flauta bihá. |
| 33 - madeira - upá : Iuruna ipá. | 50 - beijú - tadubá. |
| 34 - fogo - haðú : Iuruna as'í. | 51 - massa, puva - mãñáá. |
| 35 - areia, terra - tanyayá : Iuruna tanayá. | 52 - milho - maiðú. |
| | 53 - batatas - atabú. |
| 36 - mulher - kuñá. | 54 - fumo hutú. |
| | 55 - cigarro - hutuf. |
| 37 - banco - ipohá. | 56 - cachorro - hayugú. |
| 38 - ralo - kanuyarí. | 57 - peixe itapá. |
| 39 - panela - Xoaú. | 58 - mutum - trumuhugú. |
| 40 - cuia - s'ua. | |
| 41 - cesto - pagú. | 59 - preto - diadiá. |
| 42 - machado de pedra - kéle. | 60 - amarelo - boðaboðá. |
| 43 - cabo de madeira do machado - putopá. | 61 - vermelho - apoðirá. |
| 44 - arco ubutá. | 62 - verde - I-buá. |
| 45 - flecha - ipabuá. | 63 - branco - yabubuá. |
| 46 - tacape - igopau - anuá. | 64 - azul - muraú. |
| 47 - remo - uzáutapá. | 65 - beber - anayú. |

VII

IURUNA

a) Vogais :

	a	
	u	o
i	u	u

Nasais : I, õ.

b) Consoantes :

h

kχ	k	g	—	—	—	—	—	—
ts'	—	—	s'	z''	y	—	—	ñ
t	d	s	z	—	—	p	l	n
p	b	—	v	w	—	—	—	m

São raras as uniões consonantais mediais. Aparecem isoladamente : nd, mb e nt. Os vocábulos assinalados com a letra C foram extraídos de uma lista do Capitão Castro.

I — foi anotado entre os iurunas do alto-rio ; II — entre os do baixo-rio.

- | | |
|---|---|
| <p>1 - testa, fronte - I uatumá, II satumá.</p> <p>2 - cabeça - tabá.</p> <p>3 - cabelo - azapá.</p> <p>4 - olho - oiyá.</p> <p>5 - orelha - I yas'iyugá.</p> <p>6 - orifício da orelha - yas'ugakuá.</p> <p>7 - nariz - yamaguá.</p> <p>8 - orifício do nariz - yamaguakuá.</p> <p>9 - lábio - I uitá, II saitá.</p> <p>10 - língua - I kuá, II sekoá.</p> <p>11 - dente - aiá.</p> <p>12 - barba - yaputahá.</p> <p>13 - ombro - I odurozá, II sodurozá.</p> <p>14 - braço (braço e ante-braço) - I oabé, II saboé.</p> <p>15 - cotovelo - umatíá.</p> <p>16 - mão, dedo - uvá.</p> | <p>17 - peito - opadyá.</p> <p>18 - seio - inamá.</p> <p>19 - umbigo - ponó.</p> <p>20 - penis - I oá, II saá.</p> <p>21 - "scrotum" - udz'alikahá.</p> <p>22 - vulva - iza.</p> <p>23 - coxa - I sopá, II soopá.</p> <p>24 - canela da perna - kizá.</p> <p>25 - joelho - I umá, II sumáá.</p> <p>26 - pé - budahá.</p> <p>27 - dedo do pé - umaçes'á.</p> <p>28 - sola do pé - ubudavayá.</p> <p>29 - calcanhar - umarikahá.</p> <p>30 - dorso - I oasu, II sabu.</p> <p>31 - trazeiro - I sebiatá, II sas'ebrá.</p> <p>32 - sol - kχoadú.</p> <p>33 - lua - maudigá.</p> |
|---|---|

- 34 - estrela - nuni(m)buá.
 35 - via láctea - holabapa, C.
 36 - céu - kas'imiá.
 37 - dia - kahú.
 38 - nuvem - kamátua.
 39 - trovão - maná.
 40 - (tempestade) relâmpago - mas'ipá.
 41 - chuva - amaná.
 42 - vento - makasó.
 43 - água - iá.
 44 - corredeira - I ho, II a-6o.
 45 - mato - dyabubutá.
 46 - madeira - ipá.
 47 - roça - coá, C.
 48 - pedra - koapá.
 49 - areia - tanayá.
 50 - chão - tóa, C.
- 51 - gente - amá.
 52 - homem - cenapü, C.
 53 - mulher - kuñá.
 54 - pai - papá.
 55 - mãe - dyá.
 56 - filho - uyapugá.
 57 - filha - pugá.
 58 - irmão - upá.
 59 - cacique - tus'áua.
 60 - camarada (camará).
- 61 - casa - aká.
 62 - telhado - mazidehá.
 63 - porta - hacáranan, C.
 64 - palha (cobertura da canoa, idem do penis) - ahíapá.
 65 - rede de dormir - iam(b)atá.
 66 - cesto - páru, C.
 67 - cuia - toá.
 68 - tear - hoga, C. (? V. 69).
 69 - pano dos quadris - ehugá.
 70 - arco - tukáma.
 71 - flecha - ki-á.
 72 - cana da flecha - petiá.
 73 - canoa - ubá, poizá.
 74 - remo - kXotahá.
 75 - bebida forte de mandioca - kas'irí.
 76 - flauta ou clarim comprido - pané-tadada.
 77 - flauta pequena - (m)boalahé.
 78 - flauta constituída de vários canos - kunikulihéhé.
 79 - mandioca - maniacá.
 80 - farinha - asá.
- 81 - milho - makatí.
 82 - algodão - makuá.
 83 - fumo - poitíma.
 84 - banana - pakoá.
 85 - batata - táfia.
 86 - cará - á-uaá.
 87 - frutos de inajá - makanahá.
 88 - porco - hoá, C.
 89 - cão - apú.
 90 - jaguar - apumamá.
 91 - coatá (paniscus ateles) - a(c)niá.
 92 - galinha - takamá.
 93 - mutum - lahó, C.
 94 - peixe - ts'itá.
 95 - piranha - pakí.
 96 - pirarara - tãtalí.
 97 - golfinho - wavoéia.
 98 - mosquito - mampú.
- 99 - um pouco - s'ia.
 100 - grande (flecha) - anóua.
 101 - pequeno (flecha) - ts'its'i.
 102 - grande banana - pakoá máime.
 103 - pequena banana - pakoá ts'is'i.
 104 - grande (casa) - akoluvó.
 105 - pequena (casa) - ts'is'i.
 106 - grande peixe - ts'itá oluvó.
 107 - pequeno peixe - ts'itá mambuá.
 108 - bom - kivi (p. ex. poizá).
 109 - mau - póá (p. ex. poizá).
- 110 - um - duáyo.
 111 - dois - naná.
 112 - três - naná(m)ba.
 113 - quatro - duayózo.
 114 - cinco - uma vez uaü(?), outra vez ts'uvó(?).
- 115 - não compreendo - tuná.
 116 - eu quero - z''uz''á.
 117 - cantar - buiyána.
 118 - fumar - poitíma viána.
 119 - não há mais farinha - asabása.
 120 - beber - wolis'ána.
 121 - beber cachirí - wiahivalisá kas'irí.
 122 - beber água - iá wiéna.
 123 - aguardente - walidáde.
 124 - beber aguardente - walidáde sána.
 125 - ao oferecer-se o cachirí diz-se malits'a.
 126 - amanhã - kuhugadeitá.
 127 - rio abaixo - puyayá.
 128 - rio acima - tuayá.

VIII

ESQUEMA DAS POPULAÇÕES RECENSEADAS EM NOSSA VIAGEM

N.º		HOMENS	MULHERES	CRIANÇAS	MENINOS	MENINAS	TOTAL
1		16	19	20	?	?	55
2		6	8	3	2	1	17
3	BACAIRÍ	10	7	9	5	4	26
4		18	17	7	?	?	42
5		13	12	19	?	?	44
6		27	18	8	?	?	53
7		9	7	3	1	2	19
8		43	—	—	—	—	43
9		?	?	?	?	?	—
10		?	?	?	?	?	160
11	IURUNA	12	12	6	?	?	30
12		8	6	6	3	3	20
13		12	18	10	4	6	40
14		12	12	15	8	7	39
15		9	7	7	3	4	23
16		8	10	5	2	3	23
17		14	10	6	3	3	30
Estabelecido de maneira geral:		217	163	124	31	33	664

NOTA : 1) Incl. 1 mulher parecí, 2 mulheres cajibí.

2) Incl. 1 homem e 1 mulher custenaú.

3) Mulheres e crianças na maior parte no mato.

4) Incl. 2 homens bacairís.

5) Só foram vistos homens, exceto 1 mulher prisioneira dos suiás.

6) Simples avaliação. Manitsauás prisioneiros talvez 11 homens.

7) Faltam os habitantes de uma e outra casa nas vizinhanças.

Estas cifras foram anotadas com todo o cuidado, porém só representam o número dos indivíduos que realmente vimos e um certo número daqueles que, por exceção, aí figuram por engano. Para se saber si se pode resolver alguma coisa com êles, torna-se necessário separar os ns. 6, 8 e 9, conforme se verifica das notas acima. Teríamos, então, que subtrair o seguinte dos totais da tabela acima :

	HOM.	MULH.	CRIANÇ.	TOTAL	HOM.	MULH.	CRIANÇ.	TOTAL
N.º 6	27	18	8	53	217	163	124	664
N.º 8	43	—	—	43	—	—	—	—
N.º 9	—	—	—	160	—	—	—	—
					70	18	8	256
					147	145	116	408

Êste resultado é bastante desfavorável. Os homens orçam em 36 %, as mulheres em 35,5 %, portanto, em igual proporção. As crianças, entretanto, (até a idade de 15 anos), constituem uma porcentagem de 28,4 % da população geral. — A França tem 27 % e a Europa, em média, 33 %.

Si se excluir dessa contagem os bacairis mansos, que vivem talvez sob condições um tanto diversas dos outros indígenas, não se obterão resultados muito alterados em sua essência. Assim, verifica-se o seguinte a respeito das populações aborígenes xinguanças: Homens — 37,2 %, mulheres — 35,1 % e crianças — 27,6 %, da população total.

ADVERTÊNCIA AOS VIAJANTES

Em vez de se julgar o estudo da lexicologia comparada dos idiomas ameríndios como muito falho, seria talvez preferível, considerando as circunstâncias dadas, transformar as deficiências em uma virtude. Seria infinitamente proveitoso para a compreensão das relações de afinidade existentes entre os ameríndios, si se possuísse, da cada tribo que a tal se prestasse, pelo menos umas sessenta palavras metódicamente reconstituídas. Coleciona-se muita inutilidade, inutilidade no sentido de que se deixa de lado um número menor de vocábulos de maior importância.

Por esse motivo tomo a liberdade de recomendar aos futuros pesquisadores que se interessem especialmente pelos substantivos que dou mais abaixo e que, de acôrdo com a experiência, são dignos de atenção particular.

“Olho”, por exemplo, não tem nem de longe o valor de “língua” ou “dente”. — “pedra” e “madeira” se esquecem facilmente, mas são extraordinariamente importantes — “pai” e “mãe”, que sempre se investigam, oferecem frequentemente pouca luz, pois são vocábulos pertencentes ao linguajar infantil universalmente espalhado. E outros assim.

Damos, a seguir, as palavras que merecem um estudo mais cuidadoso, pela ordem de sua importância nesse sentido :

I — Língua, boca (lábio), dente, mão (ombro, antebraço, braço, dedo), pé (coxa, canela, dedo do pé), nariz, pele, olho, orelha, pescoço, peito, cabeça, cabelo, unha, seio, “membrum muliebre”.

II — Água (rio), madeira (árvore), pedra (areia, terra), fogo, lua, sol, céu, chuva, floresta ou mato, morro, estrela.

III — Tio (irmão de mãe), tio (irmão de pai), criança (lactante), irmão mais velho, irmão mais moço, irmã mais velha e irmã mais moça, pai, mãe, sogros, primo, sobrinha.

IV — Gente, homem, mulher, menino, menina, ancião, anciã, cacique, feiticeiro, estrangeiro ou estranho à tribo.

V — Casa, flecha, arco, acha, rede de dormir, pano, canoa, panela, cuia, cachimbo.

VI — Peixe, cobra, macaco, veado, jaguar, tamanduá.

VII — Milho, fumo, mandioca (processos de preparar), batata, banana, algodão.

Afim de não se obter apenas a primeira pessoa do *pronome possessivo*, faça-se o seguinte : O nome das partes do corpo, que se obtêm completamente, logo de início, fazendo ao índio a pergunta e apontando para êle com o dedo, fornecerão as outras “pessoas”; si se apontar para si mesmo e para outros, principalmente para mulheres. “Membrum muliebre” costuma levar o pronome da terceira pessoa do feminino. — Dos números, o dois é, talvez, o mais importante. O adjectivo e o verbo têm, para o estudo comparado geral, valor secundário. Com as palavras bom (amigo), máu (amigo), obtêm-se muitas vezes a negativa.

Quanto mais vocábulos se obtiverem, além dos expostos neste livro, isto é, quanto mais substantivos se colherem para as categorias referentes às partes do corpo e ao gráu de parentesco, mais convicto se deverá ficar de que uma única dessas palavras pesará muito mais na balança etnológica do que uma longa série de nomes de plantas e animais, por exemplo.

Tabela comparativa das

Nº	TRIBU	REGIÃO	AUTOR	LINGUAGEM DO MESMO	Nº	ÁGUA A	SOL B	LUA C	CASA D	LÍNGUA E	DENTE F	Nº	BÓCA G
1	Guanás	R. Paraguai.	Castelnau	Franc.	1	houna	kat-hai	kohaivai ⁹	maihaino - D 3.	nahainai.	onhai	1	—
2	Guanás	R. Paraguai.	Henning M.S.	Port.	2	—	cátche-C 43	co-tchéé	—	nahênê	onué	2	bahó
3	Moxos 1701	Bolívia	Marban	Espan.	3	une	saar-hê ¹	cohê-C 6.	nupeno	nunenê	nuoe	3	nubacá
4	Moxos 1782	Bolívia	Gilij	Itál.	4	une	sáce.	cóje-C 5	peti	numênê	nuòí	4	nujaca ¹¹
5	Baures	Bolívia	d'Orbigny	Espan.	5	inc	sese-Q10, B35	kejeres	pari.	ipeneuan	isera	5	inoki
6	Baures	Bolívia	Severiano	Port.	6	hina	seh-cá	kehére	pori.	pehne	ucério	6	onónke
7	Parecí, Parisis	Mato Grosso	Bossi	Espan.	7	—	—	—	—	numisu ¹³	naiculi	7	naiculitú-F
8	Custenaú	R. Xingú.	v. d. Steinen	Alem.	8	onc	kxami.	kxatáua-C 41	pái	nunê	nuté(v)	8	nunuma
9	Canamirum	R. Jurú.	Spix	Alem.	9	—	ghasiri ²	yatschy ⁵ -C 43	panitschy.	nunüny	naü	9	nunahma
10	Antis	Echaraté	Castelnau	Franc.	10	nia	kisiti	casiri	pankouchi	nonenay	na-i	10	not-seura
11	Piros	R. Ucaiale	Castelnau	Franc.	11	une	katchi	ceri	pansée	—	weii	11	—
12	Marauá	R. Jataí	Spix	Alem.	12	uny	kumetú	ualiauan.	kakoaka	niaya	natú	12	neomako
13	Araicú	R. Jataí	Spix	Alem.	13	uny	ghuma	kairy	pe-y	nelon	nuitzschy.	13	nurutko
14	Manau	R. Negro	Spix	Alem.	14	unúa	gamuy	ghairy	poéany (teu)	nunéta.	nay	14	nunuma
15	Cariá	R. Negro	Spix	Alem.	15	—	ghamuy	ghaizy	nuána	nunêne	naü	15	nunúma
16	Uainambeu	R. Iapurá	Wallace	Alem.	16	unc	camú	ghári-C 42	panisi	—	(nu)áei.	16	(eri) numa
17	Uainumá	R. Iapurá	Spix	Port.	17	auny	ghamú.	ghéry	nupana - P 16, 17	panênepé	paag	17	panóma
18	Uainumá	R. Iapurá	Martius	Alem.	18	oóhni	gamuhi.	gähri.	banissi	nu-mánaeppe	no-áhal.	18	ba-núhma
19	Mariaté	R. Içá	Spix	Alem.	19	uny	gamuy	gheery	panzy	nénepe	ai	19	nunúna
20	Passé	R. Içá	Spix	Alem.	20	oy	aiumaa	ghischy	pahna	tschinene	sée	20	—
21	Cauixana	R. Iapurá	Martius	Alem.	21	anuwi	mawoacká	assögäetzi	bagnó	no-náne	no-ugwá.	21	nonóma
22	Cauixana	R. Tocantins	Spix	Alem.	22	ouy	maahly.	ghezy	päinyoe	no-nené	no-é.	22	no-momu
23	Jumana	R. Iapurá	Martius	Alem.	23	nhü	sömanlü	uanü	pana	néhná	nihé	23	nó-umá
24	Jumana	R. Iapurá	Spix	Alem.	24	uy	zimalo	uanyu	—	nená	nüy	24	numa
25	Jucuna	R. Iapurá	Natterer	Alem.	25	ohui	camú	pueri.	—	nolenau	noim	25	nunuma
26	Jabaana	R. Marauá	Spruce	Alem.	26	úni	—	—	—	n'neni	n'áida	26	nu-súa
27	Uirina	R. Marari	Natterer	Alem.	27	uuee	camoé.	uequená	—	linene	ládi	27	luluma
28	Bare	R. Negro	Spix	Alem.	28	ony	ghamu	ky-C 6, C 29.	pany	nuneny	noy	28	nunuma
29	Barré	R. Negro	Wallace	Alem.	29	úni	camu	t(h)é, k(h)é	p(h)ani	(no)néna	(na)hei	29	(no)núma
30	Tariana	—	Wallace	Al. Cons. ingl.	30	yü	kéthi	kéthi-C 22	pánischi	(no)énana	(no)je	30	(no)numa
31	Baniva	R. Içana	Wallace	Alem.	31	úni	camuf	keri.	panthi	(nu)niñe	(no)yeihe	31	(no)numá
32	Baniva	Tomo, Maroa	Wallace	Alem.	32	wéni	namouri	narhíta	panísi	patáli	(ná)si	32	enomá
33	Baniva	Javita	Wallace	Alem.	33	wéni	—	énoo	panithi	(wa)táli	(wa)thi	33	(wa)nóma
34	Piapoco	R. Guaviare	Crevaux	Franc.	34	ouni	óri	kéri.	—	—	ieisi	34	—
35	Maipure 1782	Orinoco	Gilij	Itál.	35	ueni	ehiè ³	chejápi	panití	nuáre	nati	35	nunumacú
36	Pareni	Orinoco	Nach Balbi	Espan.	36	oueni	camosi	keri.	—	notate	nasi	36	nonoma
37	Guinau	Alto Orinoco	Schomburgk	Alem.	37	oni	kamuhu	kewart	—	—	—	37	noma
38	Mayacva	Alto Orinoco	Schomburgk	Alem.	38	wune	kamu	kirsu.	—	—	—	38	ngomiti
39	Atorai	Essequibo	Schomburgk	Alem.	39	tuna	kamoi	keirrhe	—	oninuh.	ohetahg	39	otaghu
40	Vapisiana	Rupununi	Schomburgk	Alem.	40	tuna	kamo	keirrhe	—	—	—	40	utaghu
41	Aravak	Guiana Hol.	Herruhuter	Alem.	41	wúin, wúini	háddali-P 41.	kátti-Q 35	bahü, banabuhuren	uejehi	ari	41	uellérukuh
42	Arrouague	Guiana Franc.	Sagot	Franc.	42	ounia	hadali	karaia ⁶ -C 16.	bahou	—	dari.	42	dalero
43	Aruac 1807	Surinam	Quandl	Alem.	43	wuniabbo	haddali.	katsi	bahü	—	—	43	üllerukuhu
44	Goajiro	Golf. de Venez.	Celedon	Espan.	44	güm, hui	kai, káli ⁴	káshi ⁷	pinché, pia	ye, schié	ari	44	ánoka, óna
45	Caribas das Ilhas de 1665.	Guadelupe	Breton	Franc.	45	tónê	huáyu-P 45	nonum	hanna*	inigne*	iépa, iéri	45	tibóutali & tiouma*
46	Caribas de	Honduras	Berendt	Alem.	46	—	Fr.: cáchi C44	Fr.: cáti-C 41	wello †	—	ari-F 41	46	iuma

B¹ nu-camicou : iluminar, nu-camezu : cozinhar.

B² Deus : ghamatschy.

B³ Ano : camotí, v B 36.

B⁴ Tempo kamái, que é, portanto, o kamu, que os aruaes não possuem, mas que se nota, pelo menos, entre os goajiros, seus próximos afins.

C⁵ Os tupis têm yaçú - lua.

C⁶ A forma kerí dos aruaes. Aparecem Caraios, v. nos goajiros o seguinte :

C⁷ yarayo - lavar, jarátase - luz, jarotoschi - claro.

H⁸ dedo cunauaou, v por ex. H 36.

C⁹ NB. O yoti - noite, que tão bem concorda nos moxos e nos maipures, entre os guanás¹ yoti, (baures yete).

R¹⁰ ni-mocú - dormir.

G¹¹ nusúmu - lábio.

K¹² sírike - orifícios do nariz.

E¹³ Moxos - órgãos da mastigação.

I¹⁴ nutananaká - dorso.

M¹⁵ dedo do pé.

tiva das Tribus "Nu-Aruacs"

Nº	BÓCA G	MÃO H	BRAÇO I	NARIZ K	OLHO L	Nº	PÉ M	COXA N	CANELA O	MAD. OU ÁRVORE P	FOGO Q	REDE R	Nº
1	—	no ⁸	dahaki.	agueiri.	onguei.	1	djahaiyai	gouhouno.	gooa.	hohoi, B: ticoti.	—	—	1
2	bahó	uon-húm	daké	guiiri	ungue, uké.	2	quiri-djévé ¹⁰ .	gonú	gótché	—	ineú	—	2
3	nuhacá	nuboupê-M 3	nupoboqui	nusiri	nuuqui-L 2	3	nibopê-H 3	nupae	nuhebe	yucuqui	yucu-Q 6.	tamoco: Rêde ¹⁰ .	3
4	nujaca ¹¹	nubou-M 4	nubourê	nusiri	nuchi	4	nibopé	nupae	—	juéchi	jucu	acciu.	4
5	inoki.	nihuejise	nipohoki	ipasiri	ikise.	5	nipoyi-H 4	chanese	nipocari.	yokise	yaki	—	5
6	onónke	nuake	búke	paáh-sèri ¹²	kiça	6	ni-boihé.	pakère	—	heoky	hioke-Q 41.	uteke.	6
7	naiculí-F 7	nucacu	nucano	nuqiti-K 15	nuduro	7	nucuisci-M 36	nujuso	—	nani	—	—	7
8	nunuma	nukapetiú ¹⁶	nuaná ¹⁴ -I 35.	nukirí	nutitai	8	nukie-tiu ¹⁵	nani	nani	—	—	amaká	8
9	nunahma	nughaichy ¹⁷	nugháno ¹⁸	nuchiry	nuchii	9	nuchity.	nutapaly	—	B: amúena	—	—	9
10	not-seura	na-ko	nonala-yapanta	noguirimasi	noeki-L 3	10	nokiiti	nobori	notasakii.	B: inchato.	chichi	—	10
11	—	wemeyonota	weicano.	weiré	weari	11	waiti.	wetwari	weixée	B: manca	—	—	11
12	neomako	nokabesuy	nesché	nisiri	nakosy-L 43.	12	nitaba	nobekú.	—	B: uguaschukuna	yrisy	—	12
13	nurutko	nikabu	nikpal	nichit-K 15.	noky-L 3	13	ghutschy	noké.	nawuy	a-ata.	yghé	—	13
14	nunuma	nukaitá	nutána	nukiria	nukirika	14	nukiy, nutaa	nuoky	nutality.	ata-P 41	ghügaty	—	14
15	nunúma	nughai	nutanu	nukúty.	nukuniky	15	—	nuy-ghúta.	nurapa	atamfna	—	—	15
16	(eri) numa.	(eri)kiápi.	(eri)bedo-l 19	(nú)etácu	(eri)doe	16	(eri)ipa	—	—	abána-D	ítchípa	hamáka.	16
17	panóma	nu-gháby	no-aéto.	pechtako	patuima	17	nu-ipa	nu-púchy	—	apahna-D	citschépa.	—	17
18	ba-núhma	no-gaápi.	no-aéheto.	no-itácko	no-tohi	18	no-ibami	no-póhi	no-cáhba	abahna	ihtschába	—	18
19	nunúna	ghapy	natschala, bedo	nu-ftaco	no-doi.	19	ypá	puy	—	B: rhintke	ytschepa	—	19
20	—	noghapy ¹⁹	nanapuc	tsítaco	tséti	20	se-pata	schipotá	sekuula	cgpa.	heghúe-Q 41	—	20
21	nonóma	na-gabi.	na-nápi	no-átága	no-nla.	21	na-o(u)lla	no-nlauá	na-zaara.	gázo	ickiö, hoctye	—	21
22	no-momu	no-kapy	na-nábu	no-tokó	nó-hló.	22	no-zára.	no-hloa.	—	aghózo.	mazazy	—	22
23	nó-umá	gabí	nu-nápi	intschiungé.	uhnló.	23	nöü	burú	—	auána	oejú	—	23
24	numa	ni-kapy	na-napuy	indschoko	zeptúna	24	neü	—	—	nu-pími	oeju	—	24
25	nunuma	noiaula	nanabeto-l 16	nutacé.	noeloo	25	nomá	—	notacho	ó anan	seió	amáca	25
26	nu-súa	nu-khapi	nu-canu	hida	náui	26	nu-iti	—	—	—	ikági	—	26
27	luluma.	lieaue	litanaábe.	liqué	nacauque ²⁰	27	locauque	—	lizaraque	adá	jixé	ammá	27
28	nunuma	nukáby	nutanaúba	noty	nauity	28	nosehy	nusuy	nukáty	áta	ghamény.	—	28
29	(no)núma	(nu)cábi	(no)dana	(nu)ti	(nu)iti.	29	nisi	—	—	B: áda	camfni	msh	29
30	(no)numa	(no)cápi	(no)cápi-H 30	(no)tákhu-K 16-25	(nó)ti	30	(no)hibama	—	—	B: hefcu	tsiaua	hamáka.	30
31	(no)numá	(nu)cápi	(no)zete.	(ni)tué.	(nu)ti.	31	(nu)pipa	—	—	heicú	tsiágu	makeitíba	31
32	enomá	(na)phi	(ná)nu	(nú)yapeu	(no)fürlí	32	(nu)itsipalu.	—	—	witsípha.	ársi	mítsa	32
33	(wa)nomá	(wa)cávi.	(wa)cano	(wa)siwi	(wa)hólisi	33	(wa)tsitsi	—	—	—	cáthi	hamáka.	33
34	—	nou-capi.	ouanañani.	noniácou	noutoui	34	ouabari	ouacoutsou	ouacaoua	kitehé.	kitehé.	hamaca	34
35	nunumacú	nucápi	nuaná	nuchírri	nupùrichi	35	nuchí	—	—	aá	catti	amáca	35
36	nonoma	nucavi	—	nosivi	nopurizi	36	nocizi	—	—	—	casi	—	36
37	noma	inkabo	—	intshe	nawisi	37	intshibe	—	—	—	tsheke	—	37
38	ngomiti	ngnkowa	—	ngndewa	ngnoso-L 43.	38	ungeopa	—	—	—	tshikasi-Q36.	—	38
39	otaghu.	unkúai	—	ohipé	wananumté	39	unkhétí	unawairé.	—	—	tegherre	tanéri	39
40	untaghu	ungwaipanna	—	ungwiitippa.	ungwawhen.	40	unketewi	—	—	—	tegherre	—	40
41	uelléruku.	úekabbu	adennaina	issfrihi	akússi.	41	ukútti	ueddána	úddanassfrihi	adda-B 41	hikkíhi	hamáka.	41
42	dalero	dakapo.	dadéna	—	dakouchi	42	dakoti	dadam	—	B: adda	ikii	hamaka	42
43	úlleruku.	tikkabuhu	adennahii.	da-siri.	da-kusi.	43	dacuty	da-bukisa	da-daanah	adda	hikkíhi	hammaka	43
44	ánóka, ónata.	japo	tóna	íchi	óu	44	huí, huóli	sá	sapáin	síki-Q 42	sikéu	—	44
45	tibóutali & tiouma*	noucabo*	aréunna*	íchiri*-K 41	énoulou, Fr.: acou-L 41	45	oupou & ougoutti*-M 41	ícali, íébeti	ichéri, íámeri	huéhue-B 45	ouátton	ácat, báti	45
46	iuma	ujabu	—	íchiri.	agu-L 41	46	ugudi-L 41	Fr.: nébouie	Fr.: nourna	uruna-O 45	gúégúe †	Fr.: ékéra	46

nocé - dormir.
númu - lábio.
íce - orifícios do nariz.
oxos - órgãos da mastigação, ou dentes e queixos - nuui-

manaká - dorso.
do do pé.

H¹⁴ dedo.
H¹⁷ articulação da mão, mão *numuyú*.
H¹⁸ *nutanachy* - ombro.
H¹⁹ "palmá" *manus*. Mão *nuha-pohle*.
L²⁰ notável pelo pronome *na*.
** Formas Nu-Aruacs da LINGUAGEM MASCULINA de Guadalupe.
Os vocábulos para as partes do corpo dos caribas de Honduras

são todos comuns ao grupo nu-aruac e são fundamentalmente diferente dos elementos de linguagem correspondentes do cariba continental, exceto de "ariyére" que é semelhante.

† São palavras do Pequeno Vocabulário de Galindo, 1833. Journal of Roy. Geogr. Soc., Vol. III

VISÃO GERAL

das

PRINCIPAIS TRIBUS

que entram em relação com os

Nus, Caribas e Tupis

e bem assim na coordenação em grupos dos

Tapuias

A) Distribuição de acordo com o parentesco e a linguagem:

B) Palavras importantes no reconhecimento do grau de parentesco cultural entre as tribus. Como se acham espalhadas.

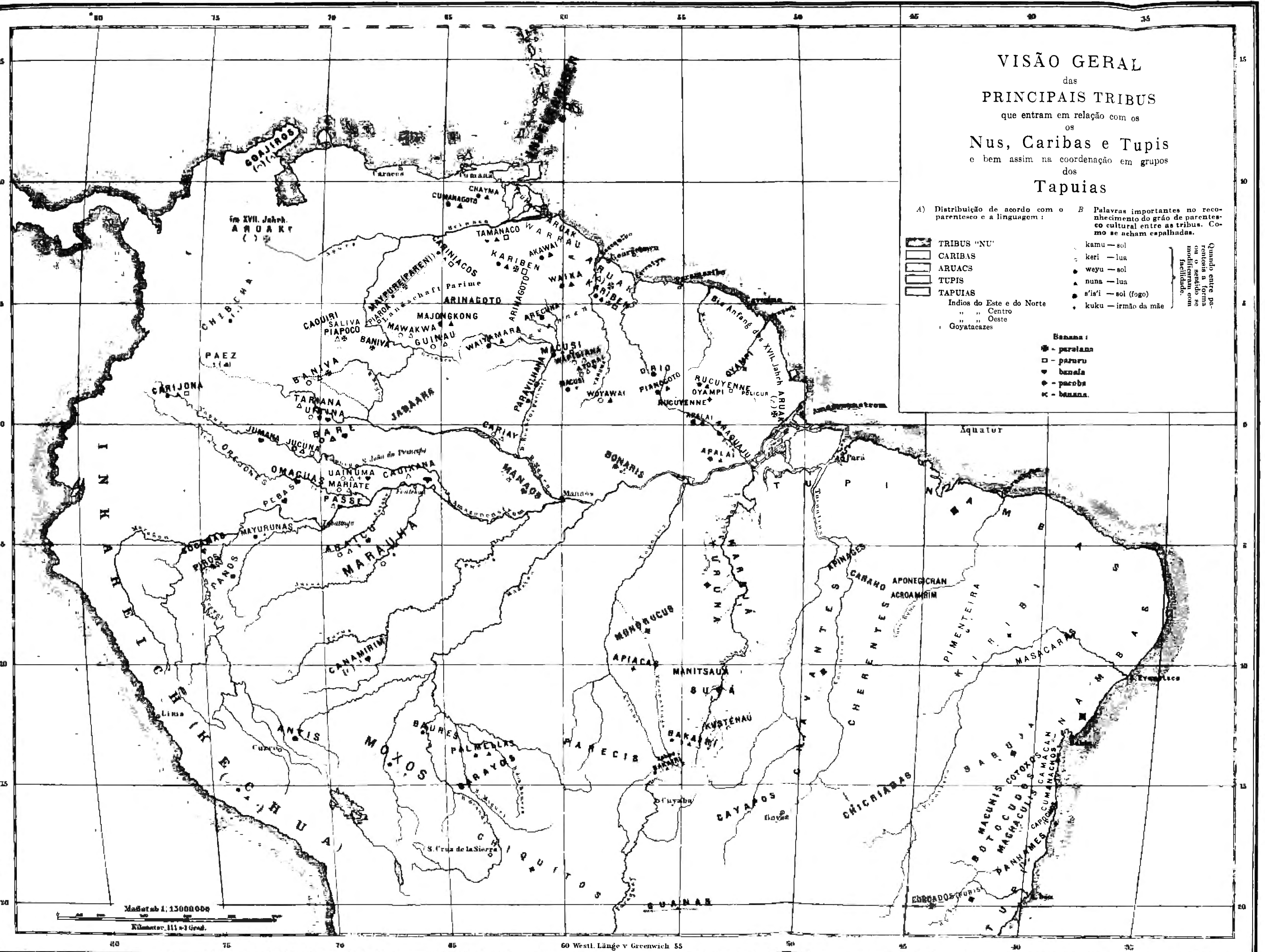
Quando entre parênteses a forma original e o sentido se modificaram com facilidade.

- TRIBUS "NU"
- CARIBAS
- ARUACS
- TUPIS
- TAPUIAS

Indios do Este e do Norte
 " " Centro
 " " Oeste
 Goytacazes

- kamu — sol
- keri — lua
- weyu — sol
- nuna — lua
- s'is'i — sol (fogo)
- kuku — irmão da mãe

- Banana:
- paralana
 - paruru
 - banana
 - pacoba
 - banana



Maßstab 1:15000000
 Kilometer 111 = 1 Grad.

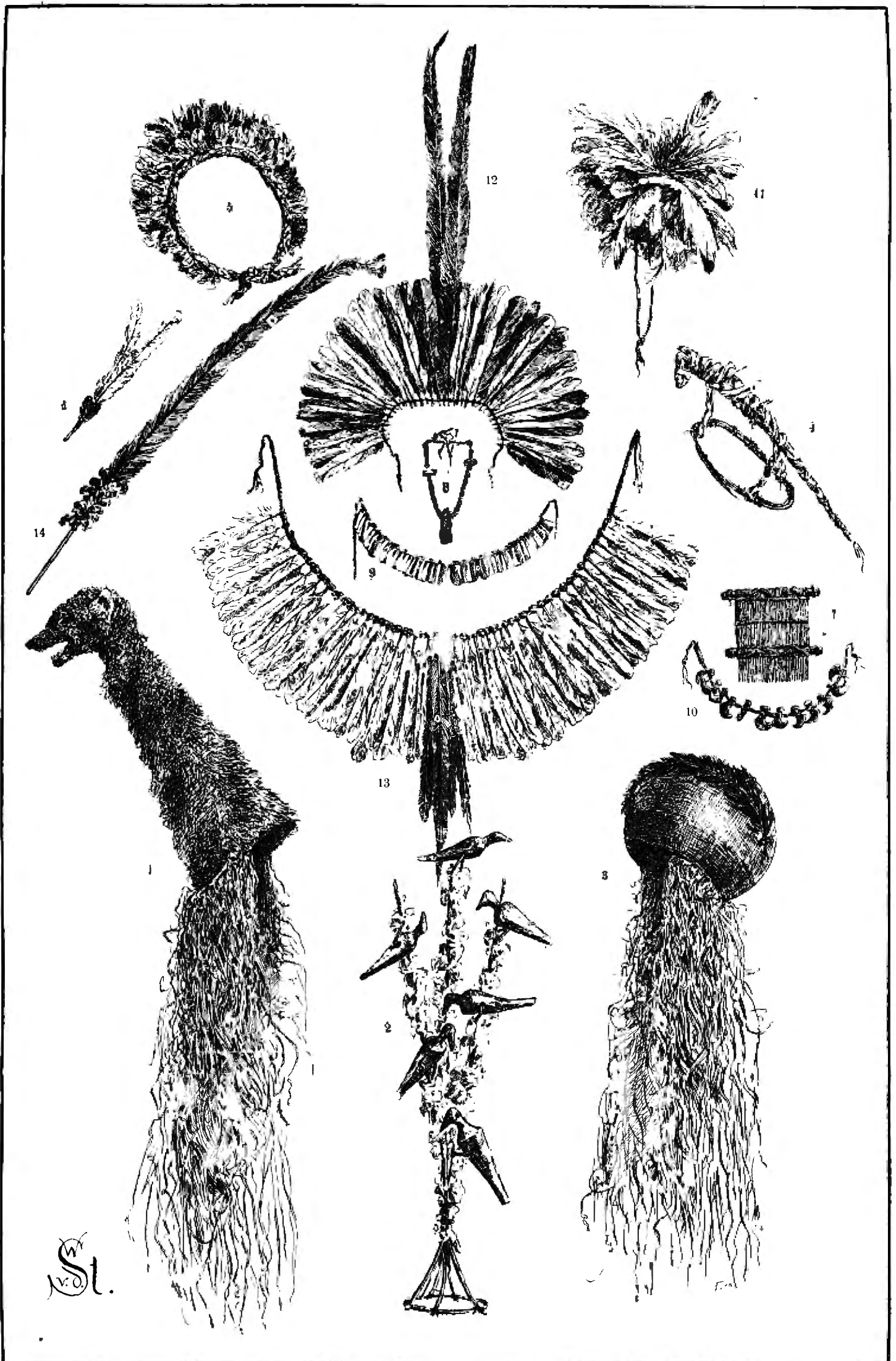
Tabela comparativa das

N.º		GÊS DO OESTE E DO NORTE						BOTOCUDOS	N.º	GÊS D	
		CARAJÁ A	SUIÁ B	APINAGÉS C	APONEGI- CRANS D	CAIAPÓS E	CARAÓS F	BOTOCUDOS G		ACROA-MIRIM H	CHE- TI I
1	Água	be-ai	úgo	inko . . . paicom	eó	incó	ko	magnán (<i>Coroados</i>)	1		am
2	Lua	aadou	muçepá	burua boudouvreu	putt-urbagh	putuá puturua	putt-oure-rai	torou-chompeck, taru-chompäck, taru-te-po	2	uati	oua
3	Sol	tiou	muçu	buré kathóa	púttu	itputi imputé	putt	tarú (=pará, porá) mougniak	3	putdöti	beu — j
4	Madeira, de árvore	bederaeu	çi	pi	pi			tion tehon	4	mi	B: ç — j
5	Fogo	eaotou	kustó	couveu coucouvou	cochhó	itschiú		tehon-peuk chompeck	5	kutschipdé	couj
6	Dente	wa-a djou	woatóa	djoua	itzoa	chua	itehoua	jounne kidjiounn	6	aiquá	dag
7	Pé	wa-a-wa <i>Canela wa-até</i> <i>V. Vocabul. Suiá N.º 30</i>	woaçáii	it-pari	(<i>ossos bahi</i>)	ipaá		po	7	—, <i>dedo do pé</i> <i>aipáráiki</i>	dap
8	Braço	wa-asio	woahá	it-pari	ippá	ipa	pa-pa	kgi-poróck	8	aipäckü	dapa
9	Mão	wa-debo, <i>Cifra 5</i> : <i>wadewajouclay</i>	wanikó	istpa	igniucrahy	chieria	<i>Dedo</i> : gnou-cra-i	pó ni-po	9	assubekrá, <i>dedo</i> <i>assiperái</i>	dan
10	Cabeça	wo-ara	wakurá	iscran	iera	ierian	icran	kraíne courou	10	aieran	dier
11	Língua	wa-da-rato	wanuotó	gnoto	ignoto	— —	ioto	igiotok	11	assointho	dani
12	Olho	wa-a-rouwai	woandó	into	inthó	intó		ketom	12	ainthó	date
13	Nariz	wa-day-asan	wánaké	ninthou	igniakrä	chacaré	iacray	ginne kijjink	13	aszüeklö	dan
14	Flecha	ou-eue	kroá	croua		cajone		djik	14	tikkíte	ti.
15	Arco	assouatai	tuté	coutay		itsché itsé	cou-hai	naime nem	15		con

Todas estas relações de vocábulos, excéto a dos Suiás, foram retiradas do glossário de Martius.

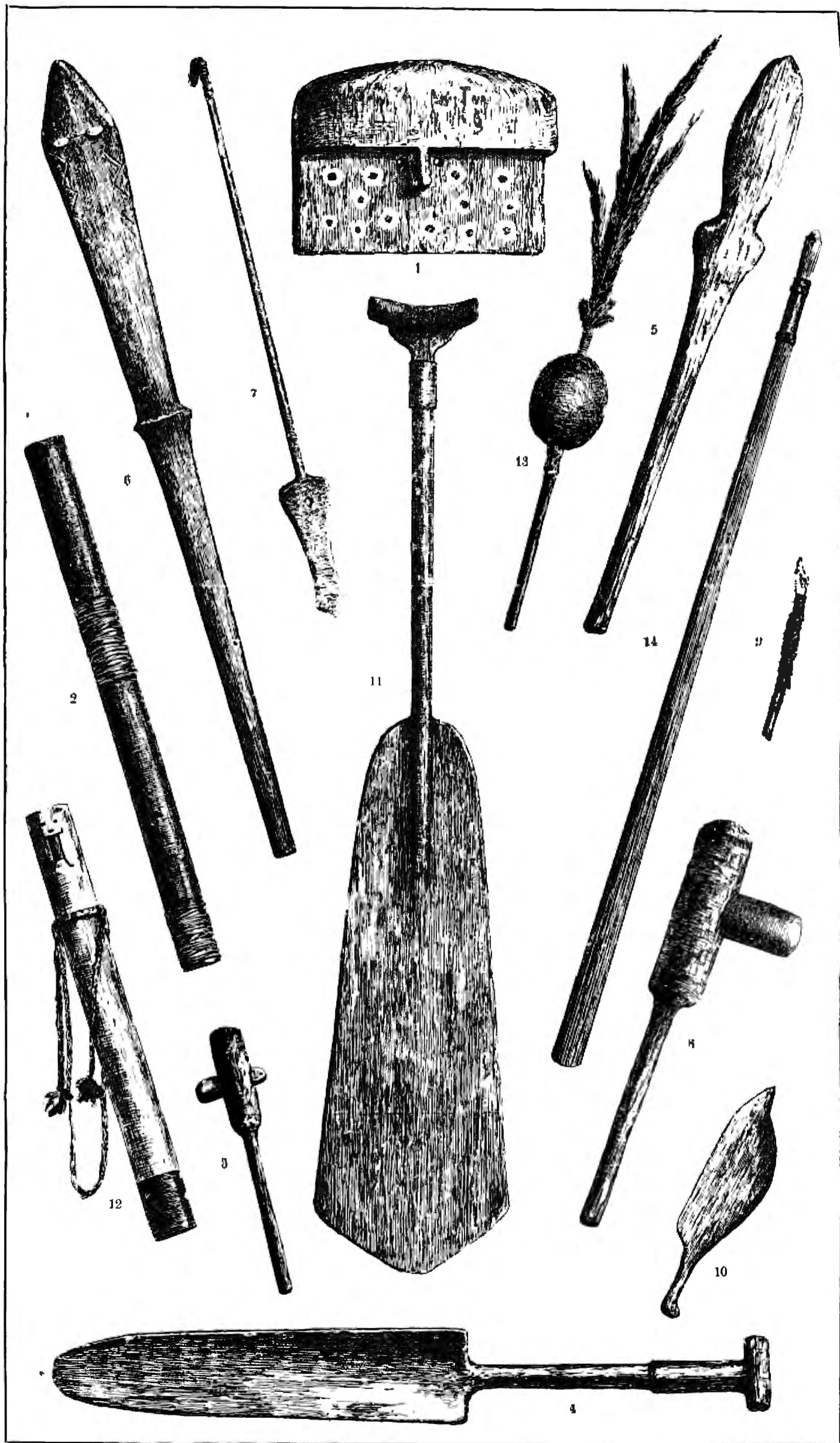
tiva das principais Tribus Tapúias

GÊS DO CENTRO					GOIATACÁS			GÊS DO LESTE			N.º
ACROA-MIRIM H	CHEREN- TES I	CHAVANTES K	CHICRIABÁS L	MACHACULÍS M	N.º	MACUNIS N	CAPOXÓS, CUMANA- CHÓS, PANÁMES O	COTOXÓS P	CAMACANS Q	MASACARÁS R	
	cou.	keu	kü, ku, kú	cunaan. . . . conahan	1	cunaang conahan	cunaan. . . . cona-an	sã	za(n).	— —	1
uati.	oua. . . .	ouá heva	ua, oa	puá	2	puayal puaan	pua	hädiä — K 4, hidié	häthie	gachang. . . .	2
putdöti	beudeu K4	sidacro. stukro	stacró estagró	apocai N 4, O 3.	3	abcaay — O 4 abuhaaih	apucøj	hiozé	jotze.	tzoi(e)nih	3
mi	B: couba — I 14	B: wédé H — —	B: odé, oté H — —	ke.	4	co(ú).	ké, itan cá-abucaj	huy — B 4 .	hui	— —	4
kutschiodpé	coujeu	kusché. . . .	kutsché	kó. keschmam..	5	kö, coen gill	ká. kescham	tiakihi diachké	tiäköh	gucháh hugha	5
aiquá	daguoi	daguoi	—	tsooi.	6	itsioi, aseoih etiöy — D 6	schuocj	dió	anköh-tchoh	thüoh.	6
—, dedo do pé; aipäräiki	dapra. . . .	dapra-canou	dapra	patá idpatá	7	ingatá	patá idpatá	hoate uadä	—, dedo do pé: guang-wati	huachtöh — P 7	7
aipäckü	dapai-nau	dapas	dapá.	nipnoi — G 9 nhimnoi	8	nhim. agnim	nipoi G 9 inmiröan	nichuá	guangähni-üma	kümghüang	8
assubckrá, dedo; assiperäi	daniera	dai-iperai	d'aschipigrá	nhimcotoi	9	aniihm, dedo nhimcotó	nipeoto, dedo: egnipetakam	ninkré nihitió	guangähni-kreschi-nighör dedo: guangähni-tschoh	kümbuoh	9
aicran.	dieran. . . .	dieran	daeran d'agrang	imtonhom — N 10	10	epotoi himpotoi, e(i)mtoi	patanjon	heró	hérroh	acharoh — Q 10.	10
assointho	danin-tou	dageuto	—	—	11	asabotah v. série Suyá	schapetan	diacherä.	an(e)köh-tschiale	cung(u)ring	11
ainthó	datoi	datoi.	datoman d'aipogri	ideay ingué	12	idecai cái	ideay jev	kedo — G 12 kitho	aenköh-toh	göchtch — G 12.	12
aszüeklö.	danescr. . . .	danescr. . . .	dascr. d'asigri	nitsicoc H N O P. Q. R. 13	13	ainsicoih inschicoi	nischicoj	nihicko — M 13 niika	aenköh-ninikoh	tchüchgoh. . . .	13
tikkíte	ti.	—	etiké.	pahan	14	paan.	cúan.	hoay, hoag, huun — M 14	— — —	— — —	14
— —	comicran	comuniká	comecané. . . .	tsayhä	15	paniam.	panirhame-tsayhä	cuan — O 14 goun	— — —	— — —	15



QUADRO ETNOLÓGICO I

Bacairis: — 1, 2, 3, 4 — Ornatos de cabeça encontrados na *cabana festiva*; 5 — corôa de penas; 6 — enfeite de pena dos lobulos das orelhas; 7 — pente; 8 — colar de chapas de pedra; 9 — colar de fragmentos de conchas (que tambem são muito apreciados pelos *suiás*); 10 — colar de garras de jaguar. *Trumais* — 11 — coifa de penas. *Suiás* — 12 e 13 diademas de penas. *Jurunas* — 14 — pena dos lóbulos das orelhas.



QUADRO ETNOLÓGICO II

Baicaris — 1 — Máscara de festa. 2 — Flauta (ou meni). 3 — Machado de pedra. 4 — Remo. *Trumais* — 5 — Tacape. *Suiás* — 6 — Clava. 7 — palheta ou lançador de flechas. 8 — Machado de pedra. 9 — Faca de osso. 10 — Pá de virar bejú. *Irunas* — 11 — Remo. 12 — Flauta. 13 — Maracá. *Carajás* — 14 — Clava.

III. BACAIRÍS DO RIO BATOVÍ

A. — Primeira Aldeia

HOMENS	Comp. total	Crânio				Cabeça meio	Arco da Cabeça	Circunfer.ª da Cabeça	Meta-de do rosto	Diâm. mínimo frontal	Diam. Órbita externa	Nova larg.	Larg.ª inferior da face	N a r i z		Bóca	Larg.ª do pescoço	Larg.ª do tronco	Planta do Umbigo	Planta do púbis	Circunfer.ª do perôneo
		Comp.	largura	- index	meio									Comp.	Larg.						
I - cerca 17 anos . . .	167	18,4	14,5	78,80	12,1	21,9	34,4	55,8	11,5	10,6	11,7	14,2	10,7	4,6	4,0	5,2	7,5	50,3	101,1	87,9	—
II - cerca 60 a. (chefe) .	156	19,0	14,7	77,37	12,1	21,8	34,3	54,3	12,7	10,1	11,2	14,5	11,2	5,2	4,0	5,1	7,3	44,5	94,0	82,6	32,6
III - cerca 28 anos . . .	166	18,9	14,2	75,13	11,2	22,2	34,2	56,3	11,8	10,3	11,5	13,8	10,7	4,8	4,1	5,6	8,0	51,1	99,0	86,6	31,0
IV - cerca 60 anos . . .	165	18,7	14,2	75,93	12,5	21,3	34,6	56,1	11,6	10,1	11,2	13,4	9,9	4,8	3,5	5,3	7,5	49,4	99,4	84,6	33,8
V - cerca 20 anos . . .	165	17,9	14,1	78,77	12,2	20,9	35,4	53,9	10,7	10,5	11,8	14,1	10,2	4,4	3,9	4,7	7,9	50,8	97,1	7,1	35,0
VI - cerca 10 anos . . .	139	17,9	14,0	78,21	11,5	18,7	33,5	53,1	9,7	9,6	10,6	12,2	9,0	4,4	3,2	3,9	7,4	43,0	78,8	67,0	26,1

B. — Segunda Aldeia

VII - 45 anos	164	18,5	14,0	75,68	12,1	20,4	34,0	55,1	12,1	9,5	10,7	13,0	10,0	5,3	4,0	5,4	7,6	49,5	96,7	84,6	31,5
VIII - 40 anos	162	18,2	13,2	72,52	11,4	21,3	32,6	52,9	12,1	9,9	10,8	12,9	10,1	5,0	3,8	5,1	6,9	51,6	91,8	79,5	35,9

MULHERES

Para A — da primeira aldeia

I - 30 anos	155	17,1	14,4	84,21	11,3	21,0	33,2	51,9	10,4	10,2	11,6	13,6	10,5	4,7	3,6	4,9	7,8	48,5	89,2	77,5	—
II - 70 anos	153	17,2	14,2	82,56	11,4	20,0	33,1	51,0	10,6	10,1	11,0	13,3	10,9	4,8	3,8	4,7	9,0	48,5	89,0	78,0	—
III - 25 anos	149	18,0	13,9	77,22	12,3	20,1	33,8	53,2	10,1	10,0	11,1	13,3	9,8	4,4	3,7	4,6	8,1	47,5	89,0	77,0	—

IV. CUSTENAÚS

I - hom. 60 anos	167	19,1	15,5	81,15	12,3	20,7	34,2	56,0	13,1	10,6	12,0	14,6	11,4	5,1	3,5	4,8	6,4	54,8	98,4	85,4	29,8
II - hom. 50 anos	150	18,8	15,4	81,91	12,4	21,7	34,2	56,4	12,6	10,8	11,9	14,4	10,9	5,3	3,3	6,0	7,6	48,2	89,4	82,5	34,0
III - mulh. 80 anos (Provavelmente é mãe de II)	143	17,6	14,3	81,25	10,9	20,5	33,9	52,4	11,6	10,2	11,2	13,7	10,2	5,1	3,6	5,0	7,7	45,0	81,0	72,1	27,0

V. IURUNAS

I - hom. 35 anos	157	18,1	15,7	86,74	10,7	21,1	34,7	54,5	11,7	10,8	12,1	15,0	10,7	4,6	3,5	5,5	6,1	54,0	91,0	78,1	33,0
II - hom. 30 anos	156	18,3	15,7	85,79	12,2	21,9	35,8	54,5	11,8	11,0	12,2	15,0	11,1	5,4	3,5	5,2	8,1	44,9	90,1	81,0	34,6
III - hom. 60 anos	164,5	19,3	15,8	81,86	10,9	21,2	35,9	58,9	12,5	10,7	12,0	14,7	10,3	5,6	4,1	5,9	5,9	48,5	97,1	84,5	28,5
IV - hom. 30 anos	154	18,3	15,3	83,60	12,5	22,0	36,7	55,5	12,0	10,7	12,5	14,6	10,1	5,5	3,6	5,8	5,8	43,8	89,5	78,6	32,0
V - mulh. 22 anos	146	18,6	15,2	81,71	12,0	21,0	35,1	55,3	10,7	10,1	12,0	14,5	10,9	4,9	3,5	5,0	5,0	43,1	84,3	74,7	31,1
VI - mulh. 30 anos	144	17,5	14,9	85,14	11,2	20,1	34,4	54,0	11,5	10,0	10,4	13,1	9,1	4,7	3,1	4,6	4,6	44,8	84,0	73,5	27,7

As medidas do pescoço, que foram tomadas nos indivíduos de pé e com o auxílio do compasso curvo, são pouco dignas de confiança. A largura do tronco, a planta do umbigo e do púbis foram determinadas, colocando-se agulhas num cabo de flecha, numa altura correspondente, medindo-se as distâncias nas mesmas.